REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO I | *Maranhão, 31 de Maio de 1892* | NUMER

REVISTA ELEGANTE

A arte de trajar

Na nossa grata e suprema missão de observarmos o que vae de attrahente e de elegante pelo «Monde—Chic,» temos o sabor vivo, a alegria ingenita de dizer que—a arte de trajar—é uma das irradiações mais opulentas e mais sublimes do sentir humano.

Nós a amamos, como os idolatras do bello, animados, embevecidos sempre na sua energia dominadora, na sua graça mobil que teem o rythmo harmonioso do poder mais intenso

Quanto nos é ella animadora e s pathica nas suas lições de todos os dia já nos ampliando o gosto na maneira do trajar e já nos fortalecendo o espirito para sermos util aos que nos julgam na altura da sua confiança.

Constante nos obriga a ter o requi tado goso intellectual, a sentir to as notas da sua orchestração sobe de uma cadencia harmoniosa.

Agita-nos o ser, emfim, em que toca ao gosto inacto do tudo o que descreve e pinta dade e poesia como um que nos faz ter a facil riquezas intimas e der plenamente e

A M

A voz extinguiu-se e os dois instrumentos começaram á modular uma aria melodiosissima.

N'esse instante os outros trovadores, ainda parados a minha porta, preludiavam a— «Minha Esperança.»—

Recife—1889. (J. L.)

Attenção

LEITOR.

Não ha como o trajar, sempre na moda,
Costume bem talhado, irreprehensivel,
Onde o traço da arte bem visivel
E' por todos gabado em toda roda.

Um fatinho bem feito..., accenta bem
E torna a um rapaz mais elegante,
Inda mais se da moda fôr amante,
Do capricho e rigor que a moda tem.

Que no mais... andar só a «janambûra»
Como um bôbo de opa—brincadeira,
Não está resolvida a creatura.

Vem commigo, te despe d'essa asneira,
E trata um «terno» lindo de lã pura
—Em casa do Gaspar Pinto Teixeira.

N. L.

SOBREMEZA LITTERARIA

Quadra

Já não tem mãos a medir
O Teixeira trabalhando,
Ao freguez quer bem servir,
[illegible] moda se esmerando.

Charada

VII

[illegible]ecido está parado—1—2.

Si eu tivesse o coração tão pobre como [illegible]spirito seria feliz.

PASCAL.

Triolet

[illegible]s nos dá frequente
[illegible]as modas notaveis,
[illegible] fino, esplendente
[illegible]dá frequente.
[illegible] amaveis,
[illegible]a gente,
[illegible]uente
[illegible]aveis.

[illegible]ra

[illegible]s armarios
[illegible]eita,
[illegible]aarios
Roupa Feita.

NO L[illegible]

A Fa[illegible]

Na noite de 19 fe[illegible]
co e mavioso ten[illegible]
magnifica opera «A[illegible]

Um conjuncto de [illegible]
tos é o seu «spartit[illegible]
inspiração musical [illegible]
italiano.

Um genio artis[illegible]
miração, ao frenes[illegible]
Petich como a prot[illegible]
expressão e sentime[illegible]
mio Fernando !»

Correcto, tocando ao [illegible]
Morini; uniforme nos reg[illegible]
suave que modulou-se fir[illegible]
manza «Spirto gentil» qu[illegible]
grandiosa da opera.

Estiverão bons os demais [illegible]

Causou-nos pena a festa a[illegible]
gelo Morini, não ser mais co[illegible]
digno de uma enchente comple[illegible]

Agradecemos-lhe a delicadeza [illegible]
ra, foi mais lhano, mais liberal co[illegible]
que a Associação Lyrica Maranhen[illegible]

HIGH-LIF[illegible]

Fazem annos no mez de junho [illegible]
nossos estimados amigos e freguez[illegible]

Em 5, o nosso distincto amigo [illegible]
rador Pacifico Bessa.

Em 10, o cidadão Filomeno [illegible]
que, distincto commerciante do v[illegible]
[illegible]

Em 28, o cidadão Alfredo Pinto Teixeira.

Acceitem os nossos parabens.

PEQUENA CORRESPONDENCIA.

Resposta

Do que fomos consultados pelos nossos estimados freguezes de differentes localidades do Estado:

UM ELEGANTE EXIGENTE—Caxias—As sedas nas vistas estão abandonadas e já não se usam nos paletots, fraques e redingotes claros.

Comtudo é de rigor nas CASACAS e nos SMOKINGS e tolerável nos SOBRETUDOS de fazenda clara.

F. V.—Parnahyba—Sim, temos sempre grande e variadissimo sortimento de gravatas de seda, ultima novidade.

UM CURIOSO—Therezina—V.ª S.ª encontrará informações completas consultando o nosso Catalogo illustrado, que para ahi [illegible]

[illegible]
E' extu[illegible]
[illegible]
E não advinharam, le[illegible]
[illegible]em é a nossa visitante?
—Que não, nos hão de [illegible]
[illegible]s «Rimas» do nosso bom [illegible]
[illegible] collaborador desta Revi[illegible]
[illegible]co Bessa; é o seu segund[illegible]
que acaba de publicar e [illegible]
saudar-nos offerecendo u[illegible]

A alma que sobe á re[illegible]
leitores, seus versos po[illegible]
mos, são frisados as ma[illegible]
côr rosea fina e delicad[illegible]
colheu para revestir to[illegible]
de sua obra.

Explicado assim, é n[illegible]
cer o mimo, e des[illegible]
Bessa continue com[illegible]
animo que o distin[illegible]
as nossas letras.

AGU[illegible]

Tivemos mais [illegible]
visitante, filha [illegible]
uma agradavel [illegible]
mostrou o util[illegible]
vo, o encanto[illegible]

E' de u[illegible]
uma grata [illegible]
las, ao no[illegible]
des M. A[illegible]

Vimol[illegible]
[illegible]il e [illegible]

Por entre as cortinas de ga[illegible] a sonhar
a vi suspirar.
Ceci! escutava o arfar do teu peito.
Brincavas com as fadas, no sonho te rias
não sei que dizias
quedei-me calado á m[illegible]m do leito.

Te riste mais forte, se[illegible]me em delirio,
que doc[illegible]ryno!
prendi entre as minh[illegible]s mãos de marfim.
Ergueste-te logo, o[illegible]e acabou-se
a scen[illegible]ou-se,
tu eras um anjo v[illegible]p'ra mim.

Tudo era silencio[illegible]ei-te á janella
a no[illegible]a bella.
Ballatas d'amor [illegible]te cantaste.
Fallei-te em ciu[illegible]eu ar foi sombrio
[illegible]era frio,
dissestes-me [illegible]o leito voltaste.

Deixei-te dormida. A noite era [illegible]
a brisa gemia.
Estavas entre nuvens a lua vagan[illegible]
Depois um instante..... estava ac[illegible]dado
no leito sentado,
então foi que vi que estava sonhando.

Maio—de 92. RENAU[illegible]

O beijo matutino

(PHANTASIA.)

[illegible]habitava na sala junto a a[illegible]
[illegible]a de pensão, á beira mar,
[illegible]e canto isolado, como
[illegible]isa minha melhor

Era-me a vida—o sonho em amor e o goso em frescura.

Sim, nessa alcova junto, sempre ao despertar no leito, ouvi um estalido como que o do vibrar de um beijo. Causava-me uma certa surpreza, uma vaga curiosidade e punha-me em estado de observação profunda.

Seguia-se o chora[illegible] suffocado de uma criancinha que accorda assustada, timida, mas que encontra o seio de uma mãe para arrefecer-lhe a dor.

.....

.....

Uma manhã de[illegible] [illegible]ancinha,
era loira e linda, [illegible]horava
timida, assustad[illegible]
jo,—o beijo matu[illegible]
«ma-mã,» uma [illegible]
e fria, que tiede[illegible]
ciar das auras [illegible]
nha o olhar com[illegible]no
azulado ceu de e[illegible]

[illegible]ESSA.

A João V[illegible] Mattos.

[illegible]E.

Dous pomb[illegible]nos se beijando
Valem poe[illegible]s d'amor.

[illegible]LOSA.

[illegible]ous botõesinh[illegible]de rosa
[illegible]lem os raios [illegible]sol,
[illegible]as corações [illegible]se estimão
[illegible]m a luz do[illegible]rebol,
[illegible]o matiz d[illegible]ora
[illegible]arora
[illegible]ntando,
[illegible]m, oh meu Deus,
[illegible]s Ceus
[illegible]beijando,

[illegible]virgem
[illegible]osa,
[illegible]nado
[illegible]osa.

[illegible]amorando,

dous pombinhos se beijando,
«valem poemas d'amor».

1887. HENALPE.

Phantasia

Um numeroso grupo de trovadores parou á minha porta e começou á entoar umas canções alegres e festivaes, acompanhadas pelo legendario violão (o inseparavel companheiro e confidente de «serenata»).

Os echos repetiam contentes as ruidosas expansões de tantas almas satisfeitas e eu ia me deixando dominar pelos accordes d'aquella musica embriagadora e provocante, quando ouço ao longe uns sons confusos de vozes e instrumentos sentimentalmente inspirados.

E quando estava mais perto, pude ouvir uma voz que se elevava pouco á pouco tocando, na sua rapida ascenção pelas escalas musicaes, todas as fibras do meu ser, a qual dizia:—«Rejubilem-se corações alegres, peitos palpitantes d'enthusiasmo que ainda não experimentaram a dôr aguda penetrante de uma paixão cujo futuro não pode prever!...»

Engolphem-se hilariantes no agitado oceano do prazer, aquelles que ainda não sentiram o travo mortifero de uma progressiva, esmagadora descrença!...

Festejem solemnemente a risonha noite do Natal os heróes cuja vida tem deslisado placida e serena!

Uma flauta desferio em surdina umas notas compassadas que imprimião-me n'alma dulcissimas sensações, emquanto um violino gemia surdamente respondendo aos queixumes do cantor.—

«Oh! [illegible]
to germinar ex[illegible]
entoai um hym[illegible]
porciona noites [illegible]
quaes, ao lado [illegible]
vossa vontade, [illegible]
caprichos do de[illegible]
—«Enchei do [illegible]
dade a taça da [illegible]
—«Emquanto [illegible]
naufragar nos [illegible]

.....

[illegible]mento, abate o
[illegible]dos n'uma in-
[illegible]inverno vem
[illegible]as de novo
[illegible] belleza
[illegible] turvo,
[illegible], com

espalhava-se em [illegible]ulações pela na[illegible]
Igreja.

Diga-se de passa[illegible]m que ahi n'essa [illegible]
fidão silenciosa de alguns devotos ha [illegible]
deixando as ultimas reticencias que [illegible]
de fazer, vá procurar as primeiras—o[illegible]
amavel—como inclinação natural, inh[illegible]
á cada sentir.

Mas nada tenho que ver com isso,—[illegible]
fazem bem.

O que além [illegible]do mais, muito me [illegible]
pressionou [illegible] «chic» das toi[illegible]
quer das senhor[illegible] quer dos cava[illegible]
[illegible]os.

Sim, quero dizer que já se pode na sociedade maranhense affirmar que o bom gosto no trajar vai tomando vulto, e que a cada passo, nos salões, nos theatros e nas igrejas, encontra-se a simplicidade de harmonia com a elegancia, a graça e a solicitude do nosso amigo Teixeira em servir seus freguezes.

E' bom sempre continuarem assim.

A REVISTA ELEGANTE estará firme no seu posto a apontar o que vai pelo «monde chic.»

E basta por hoje.

LINCOL LINO.

mos este feitio mais preferivel que o dos fraques abotoados, por causa do grande calor que estes fazem.

São de rigor, n'este costume os coilletes de phantasia e a calça, de listas, de côres um pouco claras.

O segundo personagem tem uma sobre casaca de côr cinzenta clara, de [illegible] abotoada e com grandes vistas, com calça de mesma fazenda e collete branco com pequenos desenhos azuis que combinam com a fazenda da sobrecasaca.

O terceiro personagem tem [illegible] pó-de-riz-farlaine d'estio que consiste de casaca de fazenda muito [illegible] pouco clara, que, para se usar [illegible] dia é menos monotono.

O quarto personagem tem um [illegible] COSTUME de praia, de flanella de [illegible]. Este costume é muito usado para [illegible] entretenimentos nas praias e [illegible] velocipedes.

—

[illegible] feminino tão gracioso e elegante possivel, ha de ter com certeza [illegible] extraordinario.

—

O quinto personagem tem um [illegible] de passeio, de que as côres de cada [illegible] compõe, contribuem a dar-lhe um [illegible] de alegria muito bem adequada. O fraque não abotoa [illegible] botão, e as vistas são graciosas, a [illegible] aberta para deixar ver o collete.

O sexto personagem tem o [illegible] fato para soirées de CASINO, com [illegible] do paletot no genero das de sobrecasaca.

[illegible] tem [illegible] mais [illegible], o que [illegible] tres bo[illegible] sedas. A [illegible] indifferen[illegible] outras pe[illegible]

[illegible] personagens [illegible] a descrip[illegible] não é uma [illegible] mas um qua[illegible] o que dá [illegible] talento dos [illegible]—collabo[illegible]

[illegible] os frequentes recebegrão n'estes [illegible] personagens: O Imperador da Russia—Duque [illegible] ceiro.

—

A CASACA de trespasse de tres bo[illegible] seco affastados uns dos outros, [illegible] á cintura e desenha bem a cor[illegible] eminencia dos quadris. As abas [illegible] seco compridas, bem modeladas e [illegible] a roda.

[illegible] joelhos, sem [illegible] na coxa, apesar de estar es[illegible] pelas abas da sobrecasaca. Ve-se [illegible] ha-de ser justa. Se não fosse assim, cai[illegible] no joelho seria muito mais larga.

—

O que é que podemos dizer da CASACA PRETA, d'este costume classico e tão difficil de fazer com elegancia? O aperfeiçoamento da casaca chegou a tal ponto que nada se pode reformar, sob pena de destruir o verdadeiro caracter e de pôr em contradicção com o decreto da moda.

(Exit.)

SALÃO LITTERARIO

Rimas.

A palavra que [illegible] alto d'estas linhas serve de titulo [illegible] um livro de versos, compostos pelo [illegible] conterraneo e meu prestimoso amigo, [illegible] Bessa. Contem esse livro 110 paginas, e acaba de ser impresso [illegible] typographia dos Sr[illegible]

[illegible] ao menos, [illegible] os transcen[illegible]

[illegible] as «Rimas», a [illegible] lido, quasi [illegible] publicados no «Diario [illegible] desse, porem, agora [illegible] justo que os [illegible] por isso que formam [illegible] como disse Castro Alves.

> ..... esse [illegible]
> que domina o [illegible]
> sem nunca ter [illegible]
> Eolo dos pensamentos
> abrindo a grota dos [illegible]
> donde a igualdade [illegible]

Não tenho auctoridade [illegible] o sermão que foi encomendado [illegible] pouco, a REVISTA ELEGANTE [illegible] paço para uma analyse [illegible] «Rimas».

Não obstante tudo isso [illegible] «Rimas», sente-se [illegible] deixasse de occupar [illegible] graciosos se nos apre[illegible]

O seu auctor é um [illegible] que affirmo por ter a [illegible] de perto; e, tratando [illegible] mais nos imporia, di[illegible] do maior elogio, de[illegible] ros a sua inquebran[illegible] a sua perseverança [illegible] tem travado, che[illegible]

Abundante [illegible] seus dissabores [illegible] certamente [illegible] der do cam[illegible] seguir, ca[illegible] sectario [illegible]

Posto [illegible] dis[illegible] glor[illegible]

de quer trocar [illegible] mais ao interesse pessoal, mas o que faz fundar-se apenas n'uma convenção [illegible] preconceitos, derivada do proprio egoismo.

Como quer que [illegible] ega, incoherentes ou não as suas leis, são [illegible] que devem ser respeitadas,—as unicas [illegible] arias. Pelo que, ao sympathico a[illegible] as «Rimas» cabe prestar-lhe attenç[illegible] a mim, que sou o primeiro a decl[illegible] não lhe faço recriminação alguma [illegible] pthy da sua alludida mania.

Tem elle ensaiado [illegible] vezes, por [illegible] quanto sem bandeira [illegible] ada, em todo o caso, os seus ve[illegible] o metallo, e estão em via de aperf[illegible] ado.

Não noto verdad[illegible] a poesia em suas concepções, [illegible] afrouxar-lhe o enthusi[illegible] póde, com o tempo, ainda muito [illegible] Para isso deve exercitar-se [illegible] aprimorar, ainda mais, o [illegible] carinho, [illegible] que [illegible] dos seus [illegible] por exemplo [illegible]

[illegible] Bethlem, á noite e [illegible] antes da al[illegible] vorada, [illegible] humilde berço—em uma estribaria, [illegible] ao mundo o Deus, o filho de Maria, [illegible] o Bem, para apontar o Nada.

[illegible]

[illegible] Bethlem,—caiu em gottas de [illegible]

[illegible] das o pranto em fulgida [illegible] se ouviu em limpida [illegible] ando o Deus, numa [illegible]

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO I | *Maranhão, 30 de Junho de 1892* | NUMERO 4

REVISTA ELEGANTE

O que somos.

A fina e modesta educação artistica que tivemos, por nunca ser desharmonica e contradictoria, obrigou-nos sempre a produzir uma especie de effeito bom sem que nos influisse a produzir um unico máo.

Nascidos com as tendencias inspiradoras para Artes, missão bella e sublime que ninguem ainda nos roubou, advogamos-lhe a causa como os verdadeiros adeptos do Bem e do Bello.

No grande meio da influencia civilisadora e moral, batemos, denodados e cheios de fé, a pessima interpretação que até hoje alguem tem dado á educação e aos deveres do homem artista.

Cremos que a ignorancia nunca salvou um só homem nos desequilibrios do cerebro, o qual nunca recebeu cultivo mental no desenvolvimento poderoso de uma educação artistica, uma educação larga e superior.

Não temos por isso a fraca pretenção de um triumpho ou gloria, queremos unicamente que a Arte seja a nossa amante iniciadora e respeitada e tenha a influencia que sempre se manifesta altiva no homem delicadamente educado.

Buscamos com algum espirito, com alguma observação e com algum entendimento fazer sentir aos que nos procuram e apreciam gentilmente, a graciosa e impeccavel manifestação da Arte, onde se illumina ardente tanto nativo engenho, tanta exaltação da alma e tanta vida.

Nesse intuito inspirador de sermos util e verdadeiros, vamos proseguindo cheios de animo e crença, vamos advogando-lhe captivos a causa para que ella tenha depois de nós muitos defensores, como antes de nós teve muitos apostolisas.

RECLAME

NOVO SORTIMENTO

de cazemiras de côres para fatos e calças, acaba de ser despachado.

SOBREMEZA LITTERARIA

Eu não sou dos que, em absoluto, rendem preitos aos cabellos brancos. Ha muitos merecedores de maior despreso que uma mocidade pervertida,—pelo facto muito simples de que nesta não se acha o animo mirrado e apodrecido, como succede com aquelles, que indicam um passado ignominioso, e são impossiveis de regeneração.

A. BURTO.

Quadra

Amei-te emquanto me amaste,
Quiz-te emquanto me quizeste,
Tu me deixaste eu deixei-te;
Fiz o que tu me fizeste.

Anedocta

Certo pregador, subindo ao pulpito para pregar reparou que a maior parte dos ouvintes eram calvos.

—Que é isto, meus irmãos? Onde estou eu—no templo do Senhor ou em algum campo de melões?

Charada

IX

Conheci um pae e filho—2—2.
Ambos irmãos e casados;
Esposa não tinha o pae
Para a filha ter gerado;
Nunca forão enseituosos,
Felizes, mas desgraçados.

Charada

X

No principio, no extremo e na mythologia.

Charada

XI

A fazenda—1, é maviosa—2 e guarda a luz.

A desconfiança poe-nos de sobreaviso contra toda a gente.

THEOPHRASTO.

Triolet

Elegantes espartilhos
—Novidades a chegar,
Livram a pança de empecilhos
Elegantes espartilhos.
Si o freguez for se casar
O privarão de ter filhos;
Elegantes espartilhos
—Novidades a chegar.

Charada

XII

O animal—2, na manhã—1. E' peixe

No chão da nossa Historia o passo teo verás.

CASTRO ALVES.

Quadra

Si o freguez quizer um fato
Pela moda de Pariz,
Nós lh'o daremos barato,
Mas não nos torça o nariz.

Triolet.

Uns fustões de lindas côres
Para colletes á moda,
De gallos, listas e côres
Uns fustões de lindas côres.
Que levam á fina roda
Da elegancia os amadores
Uns fustões de lindas côres
Para colletes á moda.

Charada

XIII

Era grande—3, quando estudava—2. Esta planta.

Quadra

Quem entra na nossa casa
Para negocios tratar,
Sente o peito que lhe abrasa
Uma elegancia sem par.

A mulher é um manjar digno dos Deuses, quando o diabo não o tem cosinhado.

CALDERON.

Decifrações

Foram os Senrs. abaixo que decifraram as charadas do n.º 3 do nosso jornal:

Dr. Arruda—charada VII—Brinquedo.
Dr. Pardal—charada VIII—Lampião.

RECLAME.

40$000!!

Um terno de cazemira diagonal preta, lan pura—Paletot, collete e calça, pelo ultimo figurino.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Julho futuro os nossos distinctos amigos e freguezes:

Em 15, o cidadão Raul Almeida;
Em 25, o cidadão Major Arthur Eduardo Pereira;
Em 28, o cidadão 1.º Tenente José Nunes Berford Guimarães.

Acceitem as nossas felicitações.

RECLAME.

40$000!!

Um terno de casemira de côr ---novidade--- dous padrões á escolha. Paletot, collete e calça.

SALA DE VISITA

A Politica na Roça.

Fomos honrados com a visita de mais uma producção do sympathico e talentoso amigo Candido Costa—a comedia intitulada—«A Politica na Roça».

E' genuinamente brasileiro Candido Costa no modo de sentir, de traduzir e de comprehender os nossos costumes e sabe com muito merito revelar-nos as impressões que lhe são suggeridas pelo espectaculo do mundo politico.

A sua bôa obra pelo estylo da nova escola, mostra-nos sem duvida um grande progresso do seu talento que se vae tornando mais flexivel, mais firme e mais brilhante.

A sua critica á luz da verdade tem um ponto de vista util, por ser justa e lucida e realça com muita naturalidade em toda a idéa inicial da obra.

Satisfeitos agradecemos-lhe a gentileza da visita.

PHOTOGRAPHIA EUROPÊA

Tivemos a visita de uma carta do habil photographo, senr. Eduardo Wenck, na qual nos communica a abertura do seu modesto «atelier» cujo titulo encima estas linhas.

Os trabalhos photographicos que o senr. Eduardo Wenck já tem exibido, revela-nos muito gosto e muita habilidade para a grande arte moderna.

Desejamos-lhe que seja bem acolhido pelo nosso illustrado publico, agradecendo-lhe nós a delicadeza da carta.

Recebemos mais as visitas dos jornaes, a «Patria,» do Recife, o «Nortista,» do Rio Grande do Sul.

Penhorados procuraremos em breve pagar a fineza.

RECLAME.

A chegar no proximo paquete da Europa: grande sortimento de fatos de cazemira de lan para meninos.

PEQUENA CORRESPONDENCIA.

UM CAIXEIRO ENDOMINGADO—Therezina---Os paletots usam-se de todas as formas; o traspasse varia de 3 a 4 botões.

O paletot fechado, pequenas vistas e o de 3 ou 4 botões, abertos e arredondados em baixo é o que está mais em moda; as gellas sempre um pouco largas.

Os fraques não tem uniformidade que assigule uma exigencia da moda; fazem-se com grandes medias e pequenas vistas.

UMA COSTUREIRA (Alfaiate)---Caxias---Sim, minha senhora, as machinas DOMESTIC são as melhores até hoje conhecidas para esses trabalhos.

Temo-nas em deposito ao preço de 8$ cada uma e tambem dellas nos servimos nas nossas officinas onde funccion em diariamente 8 destas excellentes machinas de costura.

GRANDE DEPOSITO DE ROUPAS FEITAS

Encontra-se n'esta alfaiataria.

Impresso por João B. A. Lomiú, na Typographia particular da Alfaiataria —TEIXEIRA—

RECLAME

Cintos Argentinos, ultima expressão da

MODA

Despachou-se grande sortimento para esta

ALFAIATARIA

RECLAME

Paletots de brim imitando seda crúa

Encontra-se um variado sortimento no deposito de roupas feitas d'esta

ALFAIATARIA

RECLAME

Camisas de linho, ultima expressão da

MODA

Despachou-se grande sortimento para esta

ALFAIATARIA

MACHINA DE COSTURA

"DOMESTIC"

Não é nenhuma novidade! Seu systema de construcção tem sido por longos tempos experimentado e universalmente reconhecido como

O melhor em existencia

E' a mais simples e facil de se manejar, a que faz maior variedade de trabalhos, mais duravel e elegante. E' emfim uma excellente

Novidade da Arte Moderna

A' VENDA NA ALFAIATARIA

GASPAR PINTO TEIXEIRA

RECLAME

PALETOTS DE SEDA

grande variedade em padrões. Encontrão-se já promptos no deposito de Roupas Feitas d'esta

ALFAIATARIA

RECLAME

ELASTICOTINAS

pretas para fatos. Despachadas hoje para esta

Alfaiataria

RECLAME

GRANDE SORTIMENTO

de fatos para meninos. A chegar no proximo paquete para esta

ALFAIATARIA

Imp. na Typ. particular da alfaiataria —TEIXEIRA.—

REVISTA ELEGANTE

SUPPLEMENTO DO N. 4

ALFAIATARIA-TEIXEIRA

MARANHÃO, 11 DE JULHO DE 1892

NOVIDADES DE PARIZ

Sem que nos seja um sacrificio, resolvemos dar aos nossos distinctos e amaveis Freguezes e Leitores este Supplemento da nossa REVISTA para que fiquem scientes das novidades que temos em nosso estabelecimento que são a ultima nota da moderna Arte no grande mundo pariziense.

Pariz essa capital sagrada como o coração do mundo, segundo a omnisciente voz de V. Hugo, que nos dicta e que nos ensina as leis do bom gosto, que nos indica o magestoso caminho do Bello, onde se perde a inexperiencia de «papalvo» e sente-se a manifestação mais completa do espirito humano, mandou-nos sob os clarões vermelhos da fina Moda:

Paletots de seda, lindos,
De côres sérias, vistosas,
Fazem ter gosos infindos
Paletots de seda, lindos!
São de formas mui formosas,
De modelos nunca vindos,
Paletots de seda, lindos,
De côres sérias, vistosas.

E como novidades do mesmo genero de «roupa-feita» temos:

Uns «paletots» esplendidos, de linho,
De imitação a seda e cousa bôa,
Que fará o freguez mudar de amores
E procurar de vida outro caminho,
Como um batel no mar erguendo a prôa
Pr'o paraiso das celestes flores.

Pariz essa capital superior, que tem o sympathico poder de nos facultar a propaganda das suas scientificas descobertas, deu-nos o sabor de uma conquista para facilitarmos as dignas Mães de Familia que nos honram com a sua freguezia:

Uns fatinhos p'ra meninos
Que bons livros buscam lêr,
Quer sejam gordos, franzinos
Uns fatinhos p'ra meninos!
Fazem estes aprender
Té a lingua dos latinos,
Uns fatinhos p'ra meninos
Que bons livros buscam lêr.

Pariz essa capital soberba, que sem exagero da sua colossal individualidade tem procurado por todos os meios influir até na pequenina individualidade da Republica Argentina a qual conscienciosamente inclina-se a ter atendencia, o mimoso vislumbre, a perfeita iniciativa para conduzir-se ao Mond-Chiè, importou-nos uma inovação da Arte que nos electrisou:

Uns cintos—cousa moderna,
Lindos cintos argentinos,
P'ra mocidade hodierna
Uns cintos—cousa moderna,
Que põem de «bojos» finos
Os moços finos de perna,
Uns cintos—cousa moderna,
Lindos cintos argentinos.

Pariz, finalmente, essa capital que fascina e que attrahe todos os espiritos orgulhosamente independentes, que nos civilisa como uma sabia trabalhadora e nos transmitte o gosto da elegancia até no alvo adorno com que cobrimos o peito do sentimento, o escrinio do coração, enviou-nos endiabrada:

As mais perfeitas camisas
Do Mond-Chic, o qu'é bom,
De frentes crespas, de frisas,
As mais perfeitas camisas.
Si o freguez não for do Tom
Tem tambem de frentes lisas
As mais perfeitas camisas
Do Mond-Chic, o qu'é bom.

E uma variedade de gravatas multicôres e de lenços de seda que nos alegram e nos animam a fazer sentir aos que nos procuram ajudar no colorido nativo de todas as novidades e de todas as bellezas da Arte.

EXPEDIENTE

28 DE JULHO

A convite do nosso illustrado collega do «Diario do Maranhão» fizemos parte das reuniões de projectos dos festejos para commemorar o maior dia maranhense—28 de Julho—que assignala na nossa historia o facto glorioso da nossa independencia.

Satisfeitos e cheios de esperanças desejamos que o brioso povo maranhense concorra a tão brilhante festival que, não só demonstrará a alegria nascida do nosso patriotismo como o sentimento mais nobre dos povos civilisados a—Caridade.

do o seu auctor o Dr. Augusto O. Viveiros de Castro, moço bastante talentoso, tambem nosso conterraneo.

E' obra pouco volumosa, pois contem apenas 80 paginas; em todo o caso é d'uma utilidade e merecimento incontestavel, mormente para os maranhenses.

O seu auctor, possuido dos melhores desejos e intuitos, demonstrou, n'esse seu trabalho, com dados seguros e positivos, quão falso é o juizo desfavoravel que, geralmente, se forma do Maranhão.

No livro do Dr. Viveiros de Castro está a exhibição cathegorica dos nossos recursos, sem duvida muitissimos avantajados aos que por ahi nos imprestam,—uns proposital, outros inadvertidamente. Para isto, não fez o auctor mais que, na primeira parte de sua obra, apresentar-nos, respeitando o melhor methodo, a situação, limites, superficie, topographia, rios, lagos, lagoas e ilhas pertencentes ao Maranhão, e bem assim os seus fortes, pharóes, cabos, bahias, portos, clima e salubridade, e, na segunda, a sua população, dita indigina, capacidade para a immigração e a propria immigração, reinos mineral, vegetal e animal, estradas, divisões judiciaria e ecclesiastica, capital e cidades principaes, instrucção publica, finanças, correio, telegrapho, lavoura, commercio e industria.

E', pois, intuitivo, o merecimento d'este trabalho, que constitue um valioso serviço prestado pelo auctor ao Maranhão.

—O ultimo dos tres livros de que me occupo hoje, é uma nova comedia, em um acto, original do meu amigo Candido Costa, intitulada—«A politica na roça—».

Ainda em manuscripto essa comedia, o seu sympathico auctor teve para commigo, a gentileza de mostrar-m'a: tendo, portanto, eu o prazer de lel-a desde logo, e a satisfação, mesmo, de, a respeito, dirigir uma ligeiras linhas áquelle amigo.

«Não sou artista—disse-lhe então, mais ou menos—mas, como amador, mesmo, sinto sincero jubilo quando sei que se lembram do theatro, mormente no meu paiz, onde tem elle sido tão descurado.»

O assumpto de que, mais ao vivo, occupou-se, foi da politica, consa de que não entendo mas, segundo os prós e os contras enunciados, parece-me se haver o auctor tornado, como lhe competia, completamente neutro na acção. Em todo o caso, a nova comedia de Candido Costa tem um valimento incontestavel, isto é, ser comedia de costumes. Disse-lhe eu isto, e o repito aqui. Embora o triumpho lhe appareça pouco ruidoso, ou mais indirectamente; o facto é que será elle mais efficaz e legitimo.

—

Deixo a palavra aos demais circumstantes d'este «Salão,» não somente apresentando cordiaes felicitações aos auctores das «Aguarellas, d'«O Estado do Maranhão,» e d'«A politica na roça», pelo acolhimento que tiveram taes trabalhos, por parte do publico, como agradecendo-lhes pela offerta que me fizeram d'um exemplar dos mesmos trabalhos.

A. Britto.

Sua vida

Choremos que foi triste a sua sorte!
Num pelago de dôr passou a vida,
Sua voz foi uma nota adormecida
na triste escala funebre da morte.

Passou entre soluços aquecida,
foi planta que viveu pouco e murrada.
Sem ser siquer um dia só beijada
do sol. Sempre chorosa e esquecida.

. . . . . .

Deixai passar que a noite vem surgindo
e vem para o seu feretro seguindo.
Deixai-a conduzil-o. A noite é escura!

Quem vive em cruas dores mergulhado
Só deve ser em pranto amortalhado
e ter trevas por fria sepultura.

Março—92.

Henalpe.

A ultima lagrima.

Fora o tempo de ouro para Magnolia, quando tinha junto de si o namorado Julio, o mimoso e esplendido artista, que lhe pintava os phenomenos da natureza em carmes de melodia pura e encantadora.

Nessa phase aprimorada e brilhante nunca soffrera humilhações e nunca conhecera amarguras, comprehendia que Julio era o seu amor eterno, a sua eterna ventura e o seu eterno prazer, que lhe fora vindo, sem crime, sem macula, das espheras da luz e da verdade.

Magnolia escrava, obediente, a beber o mel de todas as seducções do namorado Julio, gosava o paraiso do amor, sem ainda ter visto o fructo prohibido, sem ainda ter conhecido as penas do peccado, sem ainda ter experimentado as injustiças do homem—seductor e as agruras do caminho perdido, do caminho doloroso e longo, onde a mulher ingenua tem de tropeçar, cahir, para derramar a ultima lagrima do desengano.

Era Magnolia a innocente e bôa amiga de Julio.

—

Passou o tempo de ouro, teve o periodo destinado e foi uma primavera em flôr para Magnolia.

Como uma tempestade rapida, formou-se uma nova phase de grandes angustias mudas, de dilacerantes agonias sem echo, suffocando a voz do desalento que se inspirava no amor para voltar a primitiva vida.

Mas era já tarde, a côr rosada desse viver de ouro perdera o primoroso brilho. O fructo prohibido fora ferido no delicado ramo verdejante do paraiso do amor e a serpente tentadora, o namorado Julio, fugira, como o mais vulgar covarde, para não mais voltar.

Ah! Magnolia, a pobre flôr violada, em lugubre abandono, ante a miseria da sua nova missão social, expulsa da casa do paternal amor, morrêra a derramar a ultima lagrima do arrependimento e da desolação, numa manhã de maio, quando o sol começava dourar o primeiro painel da Natureza.

P. Bessa.

O teu olhar

Bem como a mariposa a luz fascina,
Minh'alma o teu olhar fascina, attrahe.
Tem elle o mesmo encanto, a mesma graça
Que tem a estrella quando a noite cahe.

Encerra tanto amor, tanta doçura
Que eu quizera te olhar constantemente,
Amar-te como a Deus adorão os anjos,
Com amor sem igual, fiel, ardente.

S. Luiz—1892.

R...

Os tumulos de Romeu e Julieta.

Romeu e Julieta não forão uma producção da phantasia de Shakespeare.

Viveram e amaram-se, e as suas sepulturas existem, achando-se a de Julieta em Verona e a de Romeu em Mantua.

A campa de Julieta foi ha pouco visitada pelo critico musical francez Victoricu Jouciére.

O distincto compositor e critico encontrou-a completamente abandonada e rodeada de ruinas no fundo de um jardim que serve de centro ao claustro de um antigo convento de franciscanos.

Sobre a campa e na parede ha um nicho de tijolos.

Os inglezes que vão á Verona não deixam de visitar o tumulo de Julieta e deixam-lhe quasi sempre um cartão de visita. O nicho serve de receptaculo dos bilhetes de visitas dos inglezes.

A' um dos lados do nicho ha o retracto de Frei Lourenço, o amigo dos desditosos amantes.

Do outro lado pende uma corôa em cujas fitas se lê: «A' memoria de Julieta, dedica esta recordação misters Talbot Shakespeare.»

Illusão final

Amei-a alguns instantes d'esta vida,
sem que minh'alma fosse conquistal-a,
como Tantalo em sêde de affagal-a,
quando a suppuz de mais enternecida.

Como uma aguia que a presa vê ferida,
sente o impeto e o gosto de esmagal-a,
teve-me immovel, sem ouvir-me a falla
com o riso infernal da fementida.

Ave! movendo as azas côr de lyrio
sem volver-me um olhar, sem um carinho,
foi-se fugida pelo céo a fora!

Ah! illusão final, não mais do empyrio
queres vir do prazer no casto ninho
dar-me o nectar das scismas como outr'ora.

P. Bessa.

RECLAME.

30$000.

Uma calça de cazemira de côr, fazenda especial, padrões fabricados expressamente para esta alfaiataria.

A MODA

Os dois figurinos d'este mez,

—EM EXPOSIÇÃO NO NOSSO ESTABELECIMENTO.—

Damos o PALETOT de tres botões e arredondado em baixo que se usará muito com fazendas lisas, quer de côr cinzenta clara, quer de qualquer outra que se assemelhe a esta.

O collete pó-de ser de qualquer outra côr, comtanto que seja lisa; convem o collete branco para este toilette. As costas são quasi direitas; mas protestamos contra a exigencia da moda que as queria fazer sem a costura do meio.

A gravura dos colletes representa as 5 formas mais em voga.

(Ext.)

RECLAME

70$000 á 80$000

Um terno de cazemira de côr, padrões inteiramente novos, paletot, collete e calça.

FOLHETIM

SUMMARIO—A theoria da elegancia.—A mulher e o amor.—O poeta.—O arrependimento.—O soneto.—Um conselho.—Au revoir.

Creiam-me pela primeira vez sinceramente, Leitores.

Eu sou um dos que adoram em extremo a theoria da elegancia applicada á pratica e principalmente nos diversos ramos indefinitamente subdivididos da sua complexa necessidade.

Ella para mim tem as suas verdades scientificas e mesmo philosophicas, abrange um todo extraordinario, formado da synthese ideal e da flor maravilhosa do sentimento que illumina e perfuma a vida humana.

Pode ter, não duvido, nem insisto justificar, estrategicamente, pela sua força especial de companheira eterna do homem e da mulher modernos um Mal, sem defeza ardente, sem defeza inspiradora do applaudido Bem.

Pode ter, sim; mas a sua acção doce e bella que me arrebata pela graça triumphante, pela harmonia plena que seduzem e captivam as condições do meu organismo com umas tendencias espiritualistas como outra ainda não m'as deu, ainda não m'as buscou incutir.

No fraco espirito da mulher ella fez-se uma fonte perenne e pura de todos os gosos do amor, onde o ideal fosse beber os seus deleites enervantes e ephemeros, e teve a energia criadora para não tornal-o um pantano envenenado do desespero.

Obrigou o organismo sensivel da mulher adaptar-se ás regras das suas exigencias na penetração intuitiva e sagaz do que é o Bello, para que fosse esta a alma iniciadora nos mysterios do amor.

E a grande e pobre mulher, inconsciente, ás vezes, teve o amor para conseguir estimal-a ante as suas tentadoras supplicas, sem a quebra de todas as suas sublimes dignidades.

Amou o homem já pela necessidade de querer a posse immediata de um goso eterno, como porque viu-o submisso, um verdadeiro crente d'arte do trajar com a elegancia do Monde Chic.

Vou, Leitores, confirmar o que vos expendi, dando-vos a conhecer um facto dado recentemente com um amigo poeta.

O poeta é um rouxinol quando canta: tem todas as tentações rendilhadas do genio, ama extremoso a uma mulher que o detesta pelo simples motivo de não vel-o com elegancia no trajar.

Abandonado o poeta viu-se por muito tempo; mas ha dias com a franqueza natural do primo da mulher amada, entrou na sua alcova perfumada para vel-a despertar ao romper do dia.

Ah! que decepção, foi repellido violentamente...

Ella ainda o detesta, o repelle, porque ainda o vê com uns trajes de bohemio verdadeiro e exquisito, que encara a elegancia no homem como uma cousa inutil e indifferente.

Arrependido volta ao seu exilio, chora o seu ideal mal vingado, a sua illusão perdida com o sentimento proprio do poeta apaixonado das caricias do romantico amor neste mimoso soneto:

ARREPENDIDO

Fui vel-a com a fronte adormecida
Sobre o rosado e molle travesseiro,
Naquelle leito da primeira vida,
Naquelle leito do sonhar primeiro.

Rindo acordára... E um grito sobranceiro
Ao ver-me déra logo curaivecida!
Gottas subtis do pranto derradeiro
Brilharam-me na face enrubecida.

Fôra louco voltar áquelle canto,
Onde o sonhar tivéra o mago encanto,
Onde a ventura me fôra um idéal.

Fôra somente um traço de fraqueza
D'uma alma que não sonha uma belleza
Pelo caminho inhospito do Mal.

***

Creia-me o meu bom poeta que o seu soneto é um grito de cobardia, é uma fraqueza da suas heroicas virtudes, revela o talento que tem, pinta, é certo, o seu desespero injusto em parte, mas justo, porque deixa transparecer o sentimento do homem bem educado.

Mas eu que sou seu amigo intimo, que conheço as alegrias da sua intelligencia e as tristezas do exilio onde o seu amor habita, deixe-me com a verdade superior, indiscutivel, dar-lhe um grato conselho:

Adorne-se com um «terno» pelo ultimo figurino, feito pelo nosso sympathico Gaspar Teixeira—, apresente-se á sua mulher amada em qualquer hora e lugar e verá si o não recebe de braços abertos com o riso da ternura e da esperança, não só o poeta como a sua bagagem de amor platonico.

Au revoir.

JULIO DURVAL.

SALÃO LITTERARIO

Bibliographia.

Em os tres numeros anteriores da enthusiastica REVISTA ELEGANTE, occupei-me de publicações, em livros, feitas ultimamente, duas n'esta cidade, e uma no Estado visinho, devida, esta, ás lucubrações d'um nosso coestadano.

Si tive esse procedimento, sem que, todavia, incumbencia alguma, a respeito, me fosse feita, não me parece regular que hoje me cale, quando temos nada menos de tres livros novos, todos publicados, para o nosso orgulho, na antiga Athenas brasileira—na nossa bella S. Luiz.

Resta-me o pesar de não poder consagrar artigo especial a cada um dos novos denodados combatentes. Não me é isto permittido em virtude do tempo que tem medeado entre um a outro numero da REVISTA, e o espaço que n'ella me é reservado; não devendo, demais, eu abusar da benevolencia do seu sympathico gerente.

Chamo á falla, n'este publico e civilisado «Salão,» os incredulos, os dardejadores contra a intellectualidade Maranhense, e que me respondam: Estes casos bibliographicos serão esporadicos, pouco significativos, ou a attestação positiva de que temos ainda vida e vigor?

Sendo esta a minha convicção, aqui estou resistindo aos meus antagonistas em idéas que não tendo, como não teem absolutamente, razão de ser, tornam-se manifestantes d'um sentimento pouco nobre por parte de quem, alimentando-os, amesquinham, impiedosos, o logar do seu berço, ou, mesmo, onde tem nutrido e visto realisarem-se muitas de suas esperanças.

.....

Não estabelecendo preferencias sinão a motivada pela ordem de suas apresentações em publico, fallarei em primeiro logar das—«Aguarellas—, de Euclydes Marinho Aranha, nosso coestadano—um moço estudioso e intelligente.

As «Aguarellas» são um conjuncto de um livro de 82 paginas, que o auctor devidiu em duas partes, dando á primeira o titulo de «Sombras» e á segunda o de «Matizes,» e apresentando no seu—primordio—razões plausiveis d'essa sua deliberação.

As «Sombras» foram formadas de tres estudos litterarios, aos quaes se entregou o auctor, sendo d'algum modo feliz em suas envestigações e assertos. Pelo menos, taes estudos teem já idoneidade para indicar competencia e gosto no auctor para outros mais aprofundados, de identica natureza.

As «Matizes» são constituidas de differentes contos e outros escriptos do auctor, todos preparados com correcção de phrase, viva imaginação e clareza de pensamento.

Eu acredito, pois, que á par das fézes que terá de sorver Euclydes Marinho, visto ser isto tributo inevitavel pago por todo aquelle que consagra amor ás letras, ha de elle, si não for detido por motivos imprevistos, colher louros virentes pelo caminho que, com passos firmes, começou a percorrer.

—O segundo livro dos que alludo, tem por titulo—«O Estado do Maranhão»—, seu-

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO I | *Maranhão, 31 de Julho de 1892* | NUMERO 5

REVISTA ELEGANTE

O novo cliché

Com a alma cheia das irradiações do Bello, lucidamente vivificada pela influencia incontestavel da assombrosa Arte, temos a alegria de apresentar aos nossos estimados Freguezes e Leitores —O NOVO CLICHÉ—que orna esta primeira pagina da nossa elegante «Revista.»

Quem o puzer em confronto com o primeiro observará mais simplicidade, mais correcção e mais espaço —claro para estender-se a composição typographica, o que é de mais utilidade e gosto e satisfaz as exigencias da Arte que já repelle a symetria.

E' um trabalho de muito merito artistico, não só revela o espirito educado para alguma cousa de poeticamente concebido e realisado, como a natural disposição, o rigoroso renascimento mental de Adolfo Rodrigues que é um desenhista portuguez muito notavel e apreciado.

Não é Adolfo Rodrigues um desconhecido no mundo das Bellas-Artes, porque ha pouco tempo apreciamos na «Revista Illustrada,» de Lisboa, um pequeno quadro typico—A' porta da taberna—producto simples do seu talento a explodir brilhante ás investigações quotidianas do phantasista que vive sob os dominios reaes e fortificantes da Pintura.

Esse bello quadro é tão cheio de caracter e é tão natural que mereceu a honra de ser comprado por boa somma monetaria pelo Rei de Portugal.

E, o nosso CLICHÉ typicamente demonstrado, é a magistral affirmativa do talento de Adolfo Rodrigues, que soube symbolicamente revelar o que somos e o que procuramos ser.

No irresistivel desejo de progredir, de sahirmos do profundo obscurantismo que em parte vivemos, resultado d'uma ignorancia peccavel, procuramos demonstrar dia a dia a força da nossa vontade, a nossa dedicação, para os que nos honram como Freguezes, já ampliando o gosto artistico em tudo o que superiormente nos indica o nosso meio de trabalho e já procurando o que a nossa REVISTA seja a nossa propria figura, a nossa propria voz que regeita as falsas noções e sentimentos de tudo o que instrue e de tudo o que civilisa.

Quarenta mil reis, um terno de Paletot, collete e calça de cazemira de côr, dous padrões á escolha, aprompta-se por medida na alfaiataria Teixeira.

A MODA

Eis-nos emfim com os fatos compridos. Pressentimos e animamo-nos por esta mudança, mas nunca pensamos que chegasse de repente ao exagero, que no começo produz máo effeito, tanto ao alfaiate como ao cliente.

As calças muito largas na coxa não se harmonisavam na fórma com os fatos relativamente curtos, e já temos dito, que para evitar as pregas insupportaveis e inevitaveis que appareciam em todas as calças largas, era preciso fazel-as mais estreitas em cima, ou então augmentar o comprimento dos fatos, para escondel-as. Estamos satisfeitos, podendo dizer aos nossos leitores que se realisaram os nossos desejos é por conseguinte não nos occuparemos mais com a largura insufficiente e exagerada das calças nas coxas.

Sem querer discutir os dizeres da

No amor tambem pode haver glutões. O homem que casa com a sua cunhada serve-se duas vezes do mesmo prato.

—

AVÉ MARIA.

Se elegante agora estou?
—Que alegria!...
Quem assim te transformou?
—Falla, falla, feiticeira,
Sabes tu?
—Foi, Juju,
O nosso Gaspar Teixeira.

Anedocta

Um pequeno entra em uma botica e diz:
De cá tres vintens d'aguardente para minha mãe alcanforada que torceu o pé nesta garrafa.

Triolet

O velho que tem mania
De querer moça bonita,
Busca logo a phantasia
O velho que tem mania.
Pela moda que o irrita
Quer um «terno» á fidalguia,
O velho que tem mania
De querer moça bonita.

Charadas

XIV

Na musica—1—Na musica—1—e na musica—1. Faz lembrar o mundo.

XV

Não vive e vê-se na pintura—2—1.

XVI

Não está lá—2—no centro do marasmo—1. Esta cidade.

XVII

Não é meu está na botica e na Allemanha—1—3.

XVIII

O pronome—1—na espingarda—2. E' passaro.

Anedocta

Um passageiro de bond chupa uma bala, e diz em seguida ao baleiro:
—Você deve comer muitas balas durante o dia!
—Eu, não senhor, respondeu o baleiro. As balas são do senhor.
—Ah!
—Não como as balas, não senhor; apenas lambo-as de vez em quando.

Quadra

Feliz será um janota
Si um costume aqui fizer,
Terá sogra seguindo a rota
Da verdadeira mulher.

Decifrações

Foram os Senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 4 do nosso jornal:
Alberto Sol, charada—IX—Adão e Eva.
Dr. Tom-Tim, charada—X—Apollo.
Lauro Gil, charada—XI—Lanterna.
Dr. Pardal, charada—XII—Paranão.
Barão do Turú, charada—XIII—Magnolia.

Oitenta mil reis um terno de fraque, collete e calça de cazemira diagonal, lan pura, faz-se por medida na alfaiataria Teixeira.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de agosto:

Em 5, o Marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da nossa Republica;

Em 5, o cidadão Manoel de Bettencourt, distincto jornalista e professor de Philosophia do Lyceo deste Estado.

Em 6, a Exma. Senra. D. Adelina Rosalina Pereira Guimarães, digna esposa do nosso estimado freguez Sebastião Pereira Guimarães, a Exma. Senra. D. Maria Amelia Leal Guimarães, e o Dr. José Rodrigues Fernandes, distincto Chefe do partido Federalista;

Em 11, o cidadão Augusto de Mattos Pereira;

Em 12, o cidadão Victor Castro;

Em 18, o cidadão Harold Broadbent;

Em 21, o cidadão Major João Paulo de Miranda Góes, activo e intelligente conferente da alfandega deste Estado.

Em 26, o cidadão Zeferino Archer da Silva, o American—House, intelligente despachante da casa commercial de Raimundo Archer da Silva & C., digno Inspector do Theatro S. Luiz e não menos digno Gerente da Associação Lyrica Maranhense.

Acceitem as nossas felicitações.

Noventa mil reis, um terno de croisé collete e calça de cazemira diagonal, lan pura, pelo ultimo figurino, aprompta-se na alfaiataria

TEIXEIRA

SALA DE VISITA

Antonio Rayol

Fomos honrados com a visita do nosso coestadano e sympathico amigo, o primeiro tenor brasileiro, Antonio Rayol.

De volta da sua viagem a Milão onde foi diplomado como cantor e compositor e onde muitos louros colheu, é hoje uma gloria brasileira—um artista bem educado e poderá apparecer ao mais illustrado e exigente publico que ha de analysal-o conscienciosamente para poder dar-lhe o verdadeiro valor ao seu talento brilhante.

As bellezas da perfeição, os segredos da forma que sua potente voz bem educada apresenta, constituem o maravilhoso e grande merito para tornal-o querido e applaudido de os que tiverem a ventura de ouvil-o.

Em breve teremos o prazer de aprecial-o em diversos trechos das operas Guarany, Condor, Aida e Baile de Mascara num concerto que pretende dar em seu beneficio no nosso Theatro.

Que chegue já essa noite de festa e gloria para a fazermos-lo como sabe interpretar aquelles voos sublimes das imaginações geniaes de Carlos Gomes e G. Verdi.

Tivemos mais as constantes visitas dos jornaes o Rebate, de Minas, o Patriota, da Parnahyba, a Gazeta Postal e o Maranhense, do Pará, o Serviço, a Idéa e a Era Nova, de Pernambuco, o Silva Jardim e o Athleta, do Ceará, o Nacional e a Cruzada, d'aqui da terra.

Agradecidos, em breve iremos pagar a visita.

Só a querida Pacotilha, é que não nos deu um ar de sua graça.

Bem vontade ella teve, mas o Bernardino privou-a.

E' um tutor, o Bernardino, excepcionalmente sovina e economico.

A terra lhe seja leve.

AVISO IMPORTANTE

Avisamos os nossos freguezes que todas as obras de *encommenda* manufacturadas nas nossas officinas são marcadas com o

NOME DA CASA

PEQUENA CORRESPONDENCIA.

UM PAI DE FAMILIA—Itapecurú-merim—Temos, sim senhor, a secção de roupas feitas sempre repleta de todas as peças para homens e meninos, quer em brins, quer em cazemiras.

Garantimos a perfeição, a boa qualidade da fazenda e a solidez do trabalho em todas estas roupas.

D. S.—Sobral—Sim: para este effeito collete de fustão e gravata de seda cor clara. O sortimento que temos deste artigo é espantoso, permittindo satisfazer a freguez mais exigente.

UM NEGOCIANTE—Barra do Corda—Sentimos dizer-lhe que V. S. foi illudido.

Todas as obras de ENCOMMENDA manufacturadas na nossa officina são marcadas com o nome da casa. Quando, pois, fazem-nos qualquer pedido por intermedio de seus correspondentes, queira ter a bondade de avisar-nos porque muitas dessas «encommendas» são, como agora foi esta sua, executadas por outras casas e isto por conveniencia dos mesmos correspondentes e em nosso prejuizo.

Alem das obras serem mal acabadas e os aviamentos de pessima qualidade, as encommendas são remettidas como executadas nas nossas officinas. E' pois do nosso dever chamar para semelhante abuso a attenção de V. S. para que não seja ainda uma vez illudido.

F. R.—Caxias—A remessa do mesmo catalogo illustrado é feita gratis, franco de porte a pedido do interessado cuja morada conhecermos. Sim, póde fazer a encommenda guiando-se pela folha de medidas annexa ao mesmo catalogo.

GRANDE DEPOSITO

DE

ROUPAS FEITAS

Encontra-se n'esta alfaiataria.

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria
—TEIXEIRA—

Pie ser vedada. Liberdade absoluta, illimitada, deverá haver, sim, mas para a Imprensa que for estabelecida, sob as condicções indispensaveis para attestar a sua legitimidade, e que, com justos titulos, gosará, então, da melhor estima e respeitoso acolhimento.

A. Britto.

Dormindo

O goso do ideal que a alma esperançosa
Atraz anda a correr nuns vosos de amorinha.

Dormindo e tão quietinha o sonho a tem tão bella,
Cerrou-lhe o doce olhar á luz que é uma estrella
Que a noite só persorre o céo tranquillamente;

Mas deu-lhe á languidez, si o sonho amo illude
O riso seductor, o riso da virtu e
Que beneficia o goso alvinitente.

P. Bessa.

Dormindo eu vejo Zilia em leito cor de rosa,
Tão languida, sem voz, a meiga criancinha,
De quando em quando sonha... a bocca perfumosa
Se agita como a flor—um riso argenteo anima.

Sonhando... que ventura! A vida é deliciosa,
Mais calça de amor no goso que não tinha.

Calção e meia de seda

Quanto nos seria bom se igual decreto baixasse o nosso governo:

«O imperador da Allemanha impoz o uso do calção e meia de seda a todas as pessoas que tem de apparecer na corte. Esta medida antiquada causou vivo desgosto na sociedade aristocratica de Berlim, sobre tudo entre os altos funccionarios do mundo official, que são convidados e que devem assistir ás recepções no novo palacio imperial, em Potsdam, bastante distante da cidade, e onde se tem de ir pela estrada de ferro.

O prefeito de policia do imperio consentio que se creasse ao lado da estação de caminho de ferro um hotel mobiliado, onde os personagens officiaes procedessem á «toilettes» imposta pelo soberano. Os fidalgos allemães estão muito satisfeitos, porque d'esta maneira escapam ás vaias do povinho, que chacoteava na rua com grande risota os individuos encasacados de calção e meias de seda.»

Que regalo!... e que pechincha!...

A Edgard' Carvalho

Como é triste, Senhor, á flôr dos annos
Passar o coração sem ter amor!
Como é triste o viver sem esperança
Exposto ao vendaval de acerba dôr!

Nem um raio purpureo de bonança,
Nem um sorrir de aurora alvinitente,
Vivifica minh'alma da descrença
Dá-lhe allivio, e conforto eternamente,

Mais ermo que o deserto do Sahara,
Mais tristonho que a noute do homicida,
Vive minh'alma, qual ao pôr do sol
Pende a flôr no vergel emmurchecida.

P'ra que serve o viver se neste mundo
Não encontro o prazer, nem a ventura?
A vida é como a planta em terra esteril
P'ra quem vive como eu na desventura.

Herdema.

O broche de brilhante

(PHANTASIA)

Não me condemnes nunca de peccador exigente e eterno. Antes que o faças, como uma censura jogada a mim de téllio, como uma esmaga lora injustiça, escuta-me:

Eu sei o quanto me és indifferente e o quanto cruelmente te fazes ignorante ao meu soffrer de escravo que aspira a hora triumphal da tua confiança plena e todos os segredos do teu insondavel amor.

Eu sei e comprehendo o quanto me seria infinitamente doce a minha submissão, o quanto me seria heroico o sacrificio do meu exilio longo, si eu te fosse a vida limpida e resplandente do teu extremoso amor.

Sabes tu, o amor deu-me em teu ser um ideal scintillante, uma aurora de sonhos, risos e dores; deu-me mais a inspiradora crença sob a lenta influencia dos mysterios da esperança e a vontade inabalavel de julgar-te, minha flor, a felicidade alvinitente do meu viver de lutas, atravez de agonias ephemeras, ligeiras, ora enfraquecidas pelas energias da intelligencia, ora consoladas pelas alegrias intimas.

Entretanto, quando na lucidez do teu levantado espirito tentares definir-me e julgar não me condemnes nunca de peccador exigente e eterno. Escuta-me emfim:

Sempre que te vejo constitues-me no organismo uma reacção magica, um prazer completo,—sinto-me numa situação absolutamente feliz e ineffavel: deslumbram os meus olhares os reflexos iriados dos brilhantes que circulam o ponto branco do teu broche de ouro fino que levas preso ao collo do teu vestido.

Eu fico apprehensivel, insoffridamente desejoso, crava-se-me para sempre a lembrança suprema e consolavel de aspirar que, no ponto branco do teu broche de ouro fino, circulado de preciosos brilhantes, seja o meu retrato fiel, com uns traços de alegria expansiva, collocado por tuas proprias mãos, signal que te serei a mais digna e leal das creaturas amadas.

Então me será por ti resolvido o eterno problema da felicidade sonhada, da felicidade que minha alma sollicita insaciavel. Ah! como me irá bella e seductora a vida! Ver-te extinguindo o sacrificio do meu exilio longo, as minhas agonias ephemeras, e com as indispensaveis suggestões do egoismo ter-es-me sob o teu dominio, apaixonada e crente, observando-me como uma falla em ancia perscrutadora, de chimera á chimera primaveril, de utopia á utopia dourada e de sonho á sonho côr de rosa.

P. Bessa.

Recordação

(A M. Bettencourt.)

Eu li na tua «prosa» almiscarada
Na doçura da phrase portugueza,
A cantar nos acordes da belleza
D'essa penna correcta, illuminada,

Um contesinho alegre, harmonioso,
Que a lembrança me veio revivear,
Dos tempos em que a bruma do soffrer
—Não nubla o céo da vida venturoso.

Quando tudo é prazer, riso, alegria,
Quer a noute proceloso ou seja dia
Sempre é grato o viver, sempre é lindo.

Mas hoje d'essa quadra resta, amigo,
Saudade a recordar triste e mimigo,
—A d'ra que não tem na vida irmã.

N. L.

Oitenta e cinco mil reis um terno de paletot, collete e calça de cazemira de côr, padrões inteiramente novos, grande escolha, faz-se por medida na alfaiataria-TEIXEIRA.

SOBREMEZA LITTERARIA

Triolet.

Estamos num ceu aberto,
Amamos firmes a Moda,
Já Pariz temos bem perto,
Estamos num ceu aberto!
Do mundo na grande roda
Vê-se o gosto em trilho certo,
Estamos num ceu aberto,
Amamos firmes a Moda.

—

Os actos da humanidade quanto mais inculcados de graves e de solemnes, maior fundo de rediculo encerram.

A. Britto.

Quadra

Sirvires de cazemira
Uma calça feita á moda,
O peito logo suspira
A cabeça anda á roda.

Bibliotheca Publica do Estado

Moda, pois que o nosso modesto papel não permitte mais do que ministral-os aos nossos leitores, comtudo, pertence-nos fazer algumas reflexões sobre as mudanças que se operam n'elles como um acontecimento inesperado e de dar a nossa opinião sobre o que podem ter de bom ou não no ponto de vista de elegancia.

Nos fatos justos, quer no «redingote» quer no fraque, quando o comprimento da saia é medio, assenta bem em todas as estaturas, grossuras e conformações, mas se a saia d'um comprimento exagerado assenta bem nas pessoas altas, o mesmo não succede com as de pequena estatura; não devendo por conseguinte para estes, o alfaiate ser rigoroso na moda; o comprimento medio é mais que sufficiente para não dar a estes clientes um aspecto ridiculo. O homem alto pode, sem inconveniente, usar uma sobrecasaca que lhe chegue até aos joelhos; a sobrecasaca e o fraque compridos e bem feitos, dão um ar serio e magistral, ao qual todos se habituam com facilidade.

O fraque muito comprido, com as abas estreitas e redondas em baixo, não é uma innovação muito feliz, e crêmos que cairá breve neste, a menos que o não façam de transpasse de forma especial.

«O macfarlane» é um excellente vestuario para passeios de tarde, noites frescas e saidas de carcino e substituirá com vantagem os sobretudos (pardessus).

Do ordinario as obras fazem-se sem fita, mas, de nenhuma maneira abandonare nos este adorno indispensavel sobre o ponto de vista de elegancia.

(Ext.)

Das verdadeiras machinas de costura

"DOMESTIC"

só se encontram na alfaiataria—Teixeira.

SALÃO LITTERARIO

A Imprensa

A Imprensa representa um papel tão importante na sociedade, falla por bocca tão auctorisada, que sou o primeiro a reconhecer minha incompetencia para, em sua referencia, balbuciar algumas palavras, embora despretenciosas.

De facto, falla ella em nome do instincto talvez mais valoroso do homem: o instincto social. E, por este motivo, o seu poderio é enorme, incalculavel.

O homem não póde deixar de viver em sociedade; a natureza determinou-lhe a necessidade da vida em commum. Assim, formando o vinculo de solidariedade, para que cure, cada um, do interesse individual, tem, antes, de observar os dictames das leis sociaes, sob cujo cerco se acha,—embora apparecça quem, aberra não dos seus principios, pretenda evital-os.

Derivada, portanto, d'um principio mui legitimo, surge, imperiosa e pujante a voz da—opinião publica.

E é ella, é essa voz atroa fóra—que nos chama aos seus dominios—que a Imprensa representa.

Comprehende-se, d'ahi, que de conquistas não são e não tem si lo as suas!

Mas, em face das idéas modernas, que applaudem a liberdade sã e o franco positivismo, poderemos reconhecer no jornalismo, geralmente, auctoridade legitima para a nobre missão de que se diz encarregado?

E' o ponto.

Comprehende-se que o procurador seja apresentado pelo seu constituinte; nunca porem, que aquelle se constitúa, por si, para pugnar por interesses de outrem. Essa espontaneidade de defeza não dará motivos para conjecturas de suspeição ou incompetencia de semelhantes procuradores?

A minha these não envolve totalidade absoluta. Certo, que em tudo deparamos com as excepções, e, perante as d'esta, sou o primeiro a curvar-me respeitoso.

E' delicado o assumpto, é ponto melindroso esse que entende com o interesse d'uma sociedade inteira. Estão em jogo milhares de interesses. A honra, a felicidade, a vida, que não são nossas devem ser cousas respeitabelissimas, inatacaveis.

O interesse social deve sobrepujar ao particular.

Mas, em virtude de taes procuradores, a importancia da imprensa, que é enorme na civilisação moderna, que sempre o foi, pelo logar que occupa, terá promovido maior somma de beneficios ou de males para a sociedade?

A instituição é sublime, a idéa magestosa. Tendo, porem tido, como teve, desde logo a maior acceitação, mesmo por taes motivos, sem o menor escrupulo, em questão de forma ficou e continúa a ser defeituosissima, dando, talvez, não somente um resultado negativo, como auctorisando elemento assás pernicioso.

E' isto cousa sobremodo lamentavel e digna de toda a consideração.

O meio é pouco honesto. Deixam de fallar em nome proprio, para o que lhes assiste todo o direito, para o fazerem em nome de todos; isto pela razão evidente de que, por aquelle modo, não seriam attendidos,—pelo menos, á medida de seus desejos. E, quem teme que não se lhe dê ouvidos, é porque não confia na justiça da causa que advoga. Por tanto, conscientemente, esses nossos pseudos procuradores commettem o crime revoltante de lesa-socialismo: devendo serem julgados responsaveis pelas consequencias dos mesmos delictos.

E', assim, necessario, indispensavel,—em bem da humanidade—, estabelecer bases seguras para a reorganisação da Imprensa,—da Imprensa legitima—essa que deve representar, plenamente auctorisada, a opinião publica.

Longe de ser conceb'da á Imprensa, tal como esta se nos apresenta, a liberdade porque reclama, da qual abusa,—deve esta

FOLHETIM

SUMMARIO—Um cavaco—A Associação Lyrica e a «Revista Elegante»—A Observação—O Theatro—As Zarzuellas—O Zeferino—A falta de elegancia—Au revoir.

Entro, Leitores, de chapéo na mão nesta sala para dar-te um pequeno *cavaco* do mal estar, do aborrecimento que tive, quando soube que a interessante «Revista» não mereceu as honras de ser contemplada pela Associação Lyrica Maranhense, como a filha elegante e intelligente do jornalismo da terra.

Julguei que era um galantheio, cheguei até suppor uma chimera, e mais uma falta de delicadeza ou de bonhomia da Associação, e puz-me em ponto de profunda observação.

Ora, si em todos os theatros do mundo, sem excepção de jornal algum, o jornalismo é a voz por excellencia que reclama altiva a bem do artista e do publico, pensava eu, porque motivo na minha Athenas era tolhida a «Revista» no seu gosto artistico, na quilo que podia sinceramente ser util a si e á propria Associação?

E como diz o adagio o «gato sempre pega o rato, embora custe muito,» encontrei felizmente a ponta da meada e rapido desembulhei-a, achando o desejado *nó* que tem impedido a querida «Revista» de fazer-se representar no nosso Theatro—a escola de todos os povos civilisados—como uma nota encantadora do nosso illustrado Jornalismo.

Andei com muita pericia, é verdade e si não observei mais porque encontrei o que desejava: a culpa não é da Associação, assim como não é da «Revista» nem da Companhia Zarzuellas que não se conheceram, nem entreteram relações amistosas como duas irmãs, uma a demonstrar os seus carinhos de delicadeza e de hospitalidade e a outra levando no seu coração de hospede o sentimento de gratidão,—duas perolas dos mares da Arte a se converterem em brilhantes do Sentimento.

Sim, a culpa partiu de um só homem todo poderoso, de um só homem todo Inspector e todo Gerente—o sympathico e amavel Zeferino.

Não devo eu o culpar no todo, eu o creio, mas em parte, si bem que o proloquio nos indique que todo *Zé é ferino*... e o gamenho é bello Archimedes o confirme com uns ares de areliquê secretario.

Creio perfeitamente e estou convicto que essa indisposição, esse máo humor do sympathico Zeferino com a jovial «Revista» parte, não do tempo das «acclamações», mas unicamente do seu modo de trajar sem gosto e sem as regras da Arte.

Vejo-o sempre mal ataviado, mal vibrando a nota dominante do *Mond Chic*; é esta a razão austera que o faz indifferente não só aos preceitos da Arte, como á sua unica e legitima representante nesta Athenas.

Mas ha ainda um meio muito facil de tornal-o mais elegante e mais amavel, caso reconheça que tem sido injusto com a elegante «Revista,» e é: mandar a cadeira quando houver espectaculo por um dever de cavalheirismo e desde já entregar-se de corpo e alma, mesmo de palma e capella, ao nosso distincto Gaspar Teixeira que

Outro homem ha de ficar
Querido de toda gente,
Mudará completamente
D'esse modo de trajar
Da cabeça até os pés,
Ficará todo catita
Pilhará moça bonita
E co'alguns contos de reis.

Então como um ver'adeiro pariziense gritará com certeza—*Que fedio!*

Au revoir.

JULIO DURVAL

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO I | *Maranhão, 31 de Agosto de 1892* | NUMERO 6

REVISTA ELEGANTE

A arte e os seus effeitos

A arte com o seu eterno disco luminoso, com a sua suprema coroa de chamas ardentes tende sempre a subjugar invencivel o espirito dos que pensam e a alma dos que sentem.

Venerada sob a ambiciosa phantazia, querida por uma felicidade sem sombras, por uma perfeição sem macula, exalta-se poderosa diante da facil intuição dos seus adeptos para leval-os em busca do nativo enthusiasmo que provoca os seus segredos.

Adoravel sempre, como uma mulher perfeita, cheia de bondade simples, exprime, sem contradição alguma, um «não sei que» audacioso que de dia a dia mais domina, mais captiva a alma do artista que trabalha para ter o direito a viver.

Nessa brilhante e eterna tendencia de impressionar simplesmente pela seducção dos seus aspectos interiores e exteriores, procura dar com uma certeza consoladora aos seus apostolisas quasi toda absoluta perfeição humana.

Em toda a parte do mundo civilisado sempre triumphante, sempre enriquecida, ella sente o grato goso irritante de não ser humilhada, nem esquecida e com mais egoismo faz penetrar na alma de seus filhos a salutar inveja do progredir.

Então, por uma lei divina, como um punhado de estrellas em pleno azul, surgem os seus engrandecimentos eternos, os seus effeitos sagrados, sem terem a vacillação enfraquecedora entre o grandioso Bem e o pequenino Mal.

Quatorze mil reis uma calça de cazemira de côr—padrões á escolha—, prepara-se por medida na alfaiataria TEIXEIRA.

A MODA

No primeiro dia das corridas em Paris.

Era com ancia a le que os elegantes de ambos os sexos esperavam o dia das corridas, para ostentarem um luxo de toilette verdadeiramente excepcional. A persistencia do calor que durante muitos mezes precedeu este dia de corridas, favoreceu e contribuiu para dar a esta festa parisiense um aspecto curioso e fóra do commum.

As elegantes toilettes femininas contavam-se por milhares e distinguiam-se pelo brilho e variedade de côres claras; o branco, o rosa, o azul celeste, o malva etc., e mesmo o amarello claro, misturavam-se em todos os sentidos e formavam, de longe, como que um immenso taboleiro de flores. Todas estas toilettes eram notaveis pela simplicidade das formas, ás quaes não estamos habituados.

As costureiras e as modistas mostravam o seu bom gosto e saber e as senhoras mostravam que a graça e o dom de se vestirem, que naturalmente possuem, fazem sobresahir o talento dos artistas que as servem.

Como toilette de dia, ainda não vimos um conjuncto tão variado, tão brilhante e d'uma simplicidade tão notavel.

Os elegantes de todas as idades que vimos n'esse dia, estavam vestidos de uma simplicidade esmerada, que se harmonisava com as toilettes das senhoras. O calor excessivo d'esta occasião,

Alegria vivaz, que sempre dura
é só na terra concedida aos paes!

Ser pae é ter sempre n'alma
um thesouro de ventura!
é vêr viçar uma palma
mesmo ao pé de sepultura;
e com ardente olhar fito
n'um astro d'ethereo brilho,
vêl-o em trance o mais afflicto
fulgir n'este arido trilho!
E conter n'alma o infinito
murmurando a sós—meu filho!

.....

.....

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

O rouxinol

(PHANTASIA.)

Na primeira hora do dia, quando as bellezas da natureza nos interessam e animam mais que tudo, sob o colorido, a graça, o brilhantismo dos seus aspectos multiplos e a correcção e a harmonia das suas formas, eu ouvia partir do ramo basto de um alvoredo o canto do rouxinol.

Naquella hora o rouxinol cantando ante o illuminado das sublimes paisagens a flor azul do sonho desabrochava-lhe as petalas ideaes!

Naquella hora o rouxinol cantando a sua alma pittoresca e amante sentia a preferencia pelos bellos quadros coloridos, radiantes, cheios de graça e de correcção da natureza.

Ah! o rouxinol cantava e o seu canto perdia-se nas regiões vaporosas num extasi subtilio e vago!

Era feliz o rouxinol que no ramo basto do arvoredo vilarava o canto apaixonado, como um perscrutador do invisivel, sedento do inaccessivel ideal!

Como o alegre rouxinol eu cantei, ó flor azul dos meus sonhos, ó perola polvilhada de scintellas de ouro, quando tu me despertaste a sensibilidade e a imaginação, como se fosses a primeira hora do dia, cheia do colorido e da graça inimitaveis dos aspectos e da correcção e harmonia da natureza a desabrochar-me as petalas ideaes.

P. BESSA.

Eden de amor

A OTHON CHATEAU.

Nesse teu rosto angelico, divino,
Minha alma se prendeu, qual trepadeira
Se prende para sempre na palmeira,
Cumprindo a lei fatal do seu destino.

Assim em teu olhar, em teu sorriso,
Nesse sorrir faceiro, oh sêr formoso!
Enlevado de amor e venturoso
Viverei como o Adão no paraiso.

E nesse Eden de amor em sonho ardente,
Viveremos sem que negra serpente
Nos venha despertar o gozo illudo;

E sempre junto a ti gozo fruindo,
Outros pois não quero, nem desejo,
Alem dos teus que a tanto tempo almejo.

S. Luiz—1892. HERMEMA.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de setembro vindouro:

Em 2, o cidadão José Antonio de Mello Fernandes, distincto Cirurgião dentista;

Em 3, a Exma. Senra. D. Anna de Bettencourt, virtuosa esposa do nosso amigo Manoel de Bettencourt.

Aceitem os nossos parabens.

Ceroulas de linho ou algodão, já promptas, encontram-se no deposito de roupas feitas da alfaiataria Teixeira.

SOBREMEZA LITTERARIA

Triolet.

Larga o «terno,» meu Luiz,
Que está velho, arruinado,
Tu assim não és feliz,
Larga o «terno,» meu Luiz,
Teu corpinho bem formado
Com tal cousa já não diz.
Larga o «terno,» meu Luiz,
Que está velho, arruinado.

Pensamento

O homem de gosto só lê o que é bom; mas o homem de estudo permitte o bom e o mau.

VOLTAIRE.

Quadra

O rapaz que perde a vasa
De elegante se mostrar,
E' correr a nossa casa
E um «costume» encommendar.

Charadas

XIX

Estudei—1—na musica—1—Esta flôr.

XX

Alegre—1—a borda—2—E' margem.

XXI

O seculo—2—affirma—1—Que é voz das bacchantes.

XXII

E' sombria a nodôa que enxuga—2—2.

XXIII

Duplamente o escondrijo se come—1—2.

XXIV

E' nome de estima—1—e dia de festa—1.

Decifrações

Foram os Senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 5 do nosso jornal:

Barão do Turú, charada—XIV—Remido.

Dr. Pinaud, charada—XV—Mortucor.

Paulo Feval, charada—XVI—Aquiras.

Dr. Pisa Manteiga, charada—XVII—Teutonico.

Dr. Tom-Tim, charada—XVIII—Tuxaua.

Machinas de costura "Domestic" só se encontram á venda na alfaiataria—*TEIXEIRA*.

NO LYRICO

Antonio Rayol

Na noite de 7, no nosso Theatro, assistimos á festa artistica do primeiro tenor brasileiro, o nosso coestadano Antonio Rayol.

Correu esplendido o concerto em todos os trechos da primeira e segunda parte e o povo que ali estava applaudia e victoriava A. Rayol quando ouvia-lhe a voz que, como a tempestade, como a agitação das ondas e como o gorgeio da ave, exprimia a paixão, a dor, o jubilo e, n'uma palavra, as diversas emoções da alma.

Ali, a Musica e o Canto não eram somente uma Arte de exprimir, eram a Arte de commover o espirito sem auxilio estranho.

Antonio Rayol é um tenor de merito, tem o vivo sentimento e a profunda sensação, sabe dar o—accento—á voz quando pronuncia a phrase, provocando sempre o effeito na expressão verdadeira.

Assim foi que, no grande «duetto» do Guarany—«Sento una forza indomita»—soube, n'esse encadeamento de syllabas que soam n'um «laço harmonico» sublime, attrahir e arrebatar o auditorio.

A signorina F. Rapisardi e os «virtuosos» que o coadjuvaram estiveram na altura dos seus merecimentos reaes.

Antonio Rayol andou sempre no ponto luminoso dos nossos desejos, conduziu-nos vivamente ao ideal que nos consola e nos eleva a alma aos azues segredos sideraes, onde nós vemos o Bello acenar-nos para uma vida mais pura e de sentir mais doce e suave.

SALA DE VISITA

Theatro de A. Britto

O nosso talentoso e estimado redactor Augusto Britto, deu-nos a honra de uma visita para offerecer um volume de suas producções que acaba de publicar sob os titulos:—Deshonra e Crime—drama em dous actos,—O Bigamo—comedia em um acto—e—Mudar de Sexo—comedia tambem em um acto.

Nessas apreciaveis perolas do seu talento sente-se a bella admiração despertada ante uma rapida serie de virtudes moraes e civicas como que irrompidas violentamente do sentir moralista de Augusto Britto.

Ha em cada scena que se desenrola natural e rapida o ridiculo a esconder-se timido para não manchar a flôr colorida do Bello; succedem-se com uma vivacidade triumphadora os personagens para, em acção, ter a verdadeira graça especial: o sentimento e o raciocinio explodem sob uma limpidez perfeita para a palpavel realidade.

Foi o que observamos e sentimos, quando, com as offerendas que sempre nos inspiram as boas obras, lemos essas notas as scintillações de Augusto Britto.

Ao terminarmos agradecidos, esperamos em breve dar em outros trabalhos que promette publicar.

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria
—TEIXEIRA—

que actuam no seu espirito, acha maior força no seu instincto social, emquanto que o segundo encontra valor superior no seu instincto de conservação.

Ve-se, d'ahi, que mesmo essa questão de elevação de sentimentos, não pode ser aferida debaixo d'este ponto de vista. Quando muito,—nada mais que o resultado d'uma convenção, formulada sem principios legitimados.

Não será, portanto, pequeno o embaraço do illustre Presidente da Republica Franceza, para decidir a causa de Gugel.

Decidindo como bom philosopho, o senr. Carnot e assim o Conselho de Estado do seu paiz, devem attender a Gugel: isto é,—não podem deixar de opinar pela revogação da commutação no sentido de ser sustentada e immediatamente cumprida a sentença de condemnação de morte; por isso que o senr. Carnot não podia ter em pensamento, com o seu acto de commutação, se não tornar-se benigno para com o criminoso, ou, mesmo, proferir uma sentença que lhe parecesse rasoavel, attentas as circumstancias de que tivesse conhecimento: sentença, em todo o caso, que estabeleceria uma pena menor, comparada á anteriormente formulada. Decidindo, porem, como representantes da sociologia, e muito directos, em vista do caracter official de que estão investidos, o senr. Carnot e os illustrados membros do Tribunal Francez, não devem, de modo algum, tomar semelhante deliberação.

Para o crime commettido foi lavrada, de accordo com as disposições d'um codigo que a sociedade approvara, a pena de 20 annos de prisão, com trabalhos,—pena esta menor que a de morte, segundo convenio social.

Por tanto, a sociedade, em conjuncto, que tem o dever restricto de defender os interesses de cada um dos seus membros, não concordará na substituição d'aquella pena por uma outra de grão elevado, considerada —a ultima—, simplesmente porque o criminoso deu preferencia a esta. Quem nos dirá que elle, que cogita de uma permuta que lhe é desvantajosa, esteja no goso completo de suas faculdades mentaes? Tresvariando, não tem o direito de ser attendido nas suas tolas pretenções; porque, a contrariedade que se lhe oppozer, não redundará em seu desproveito, mas na defensa da sua propria causa.

Eu creio que nem ha necessidade de formular exemplos de casos semelhantes, sobre a escolha de penas por parte dos criminosos, para que, mais robustecido se apresente este ponto de meus raciocinios.

O que, porem, é fóra de duvida é que o facto em França succedido, do qual me occupo, vem muito a geito para recordar quão deficiente, quão baldos de principios salutares não é o Codigo penal, pelo homem confeccionado, e, dizem que, determinante das penas a que a humanidade está sujeita.

E, eis pelo que, rigorista, como sou, em questão de principios, eu, si fosse magistrado, ora sentiria pungentes remorsos imaginando excesso de punição com as sentenças por mim proferidas, ora inculpar-me-hia pela benevolencia indevida, d'esses mesmos actos talvez emanada.

AUGUSTO BRITTO.

Chromo

Quando o sol tafal descia
Para o vermelho poente
E pelo espaço contente
O passarinho fugia,

Na casinha que se erguia
Perto do monte, ao nascente,
Tão juntos alegremente
Paulo, Zizi e Maria.

Zizi, pastora, adorava
Aquelle ermo escondida,
Os paes roceiros ali...

E emquanto a mãe cosinhava
A cobiçada comida
O pae beijava a Zizi.

P. BESSA.

Mais um livro

O illustre maranhense Augusto Britto, dando expansão ás locubrações de seu espirito infatigavel, acaba de publicar mais um livro interessante, contendo um drama e duas comedias, provando assim que tem amor ao trabalho e dedicação ao estudo.

Escriptor emerito, conhecido já de ha muito pelas producções que tem publicado com feliz exito, não precisa que o apresentemos ao publico, nem lhe sirvamos de paranympho; o seu nome está feito e as suas obras julgadas.

Occupemo-nos das suas novas producções e sobre ellas digamos o que sentimos e o que pensamos.

Nos tempos actuaes, em que os homens de talento só se atiram ás lutas das paixões politicas e nellas se absorvem e enervam, torna-se notavel e assume as proporções de um grande acontecimento a publicação de um livro, principalmente com relação á litteratura dramatica, que entre nós vai em completa decadencia, devido a causas complexas que não nos propomos a analysar, por já serem conhecidas e estudadas.

O seu drama—Deshonra e Crime—escripto com elegancia de phrases, é o attestado vivo das miserias sociaes, em que se punga a consciencia de um homem por um crime occulto, em que o amor é sopitado pelas leis do impossivel, o coração dilacerado pela mazoa de um grande soffrimento moral para o qual os remedios physicos são impotentes.

Ha nelle, porém, uma acção de reconhecimento que nobilita o algoz, victima de um crime a que o arrastou a desventura da sorte; mas a virtude o absolve da culpa e o eleva aos olhos da propria sociedade que não o condemna.

Entre Gabriel e Alfredo, dous personagens do drama, dão-se situações admiraveis, que só podem produzir o talento de quem estuda e conhece as paixões humanas, sabendo pintal-as ao vivo, com a verosimilhança que parece real aos olhos do observador.

O amor, essa paixão que produz no coração da mulher os mais nobres estimulos, está bem definido em Julia, que não póde sentir por Alfredo os affectos que em sua alma de donzella haviam-na feito amal-o...

Bem podemos applicar á infeliz Julia o inspirado pensamento de Saint Fox: «A mulher tem um sorriso para todas as alegrias, uma lagrima para todas as dores, um conforto para todas as miserias, uma desculpa para todas as faltas, uma esperança para todos os infortunios; o coração da mulher é um fóco de caridade e de abnegação.»

A contextura do drama está bem urdida; a acção corre ao natural, impressiona, commove e arrebata; ha nelle a expressão das scenas que agradam, o movimento dos personagens se faz sem esforço, dando assim feição caracteristica ao enredo da peça, que termina agradavelmente.

Póde ser, e não contestamos, que uma apreciação completa e conscienciosa sobre o contexto geral do drama, encontre defeitos que nos tenham escapado; mas o que não ha duvida é que o auctor deve ser saudado e applaudido por todos que desejam ver a arte dramatica entre nós elevada á maior altura.

Augusto Britto fez muito, e por isso merece os nossos prolfaças.

Passemos agora ás duas comedias.

Em primeiro lugar o «Bigamo,» original em um acto, ornada de canto.

E' uma comedia impagavel, chistosa, urdida com muita habilidade.

Ha «trucs» altamente comicos e «verve» admiravel, que provocam o riso do leitor por mais serio que seja.

Escripta ao sabor da época, com scenas vivas, movimentadas e celeres, será por certo applaudida por tempestades de gargalhadas e salvas de palmas.

Gaspar e Salomé são dous typos bem caracterisados, que hão de provocar o riso da platéa, si o desempenho da comedia correr á feição dos dous personagens.

«Mudar de sexo,» comedia em um acto, ornada tambem de canto.

E' interessante e espirituosa pelo humorismo da phrase, que provoca o riso, e pelo bem combinado do entrecho.

O publico maranhense já a conhece, applaudindo-a com enthusiasmo em 1881 no theatro S. Luiz, por occasião do beneficio da actriz D. Rosa da Silva.

Aluizio Azevedo já deu a sua auctorisada opinião sobre ella, em termos honrosos para o auctor, depois de vel-a representada com applausos geraes da platéa maranhense.

Eis a nossa apreciação imparcial sobre os trabalhos dados á luz pelo intelligente publicista, cujas producções litterarias de ha muito percorrem os alveos da publicidade.

CANDIDO COSTA.

O Amor Paternal

FRAGMENTO.

.....

Ai! o amor paternal! se ha sentimento,
que faça o homem acercar-se a Deus,
não é de certo a gloria, esse tormento
que encandeia ao rochedo, os Prometheos
e os consome em desejos impossiveis
do sacro fogo, que reluz nos céos!
Não é o amor que a sociedade apaga,
é um sopro de vaidade faz viver;
pérola d'agua que no seio a vaga
ao louco esconde, que a tentar colher!
Rubra flôr d'um vedado paraiso,
que no aroma destilla tal veneno,
que ao seio murcha a fé, a bocca o riso,
e nos turva da vida o rio sereno!

Ambos vós em torrentes de amargura
a mente e o coração nos inundaes!

tornava impossivel o uso dos sobretudos, mesmo os mais leves, e, á excepção de um ou outro paletot, todos traziam sobrecasaca ou fraque de fazenda diagonal; as côres que mais predominavam eram o preto e o azul ferrete, mas tambem se viam muitas sobrecasacas e fraques de côres cinzento claro, avelã e pardo carregado, com calça e collete da mesma fazenda; os collettes brancos eram numerosos, mas o mesmo não podemos dizer dos de phantasia, que, parece-nos caíram no esquecimento.

O feitio das sobrecasacas e dos fraques, não se assemelham nada com os do anno passado. As abas de um comprimento excessivo e muito justas, descem quasi até ao meio da barriga da perna, isto é, 12 cms, pouco mais ou menos abaixo do joelho.

As vistas são grandes e com raras excepções, vimos todas as sobrecasacas com seda até á margem da «boutonnière». Quasi todas as roupas não tinha ilhas; no entanto muitas sobrecasacas traziam fita muito estreita.

O collete de traspasse com 4 botões, está muito em uso.

Os fraques usam-se com abas d'um comprimento excessivo, mesmo exagerado, tão abertos e arredondados que quasi acabam em ponta. São abotoados com tres botões e as vistas são um pouco prolongadas, deixando ver bem a gravata. Este genero é um pouco em phantasia, não depreciando por isso, o fraque de 1 botão e com abas mais curtas.

Os alfaiates parecem ter emfim reconhecido a impossibilidade de fazer calças muito largas na coxa e tendo a commodidade indispensavel.

Cremos que desapparecerá o paletot sem costura nas costas; por conseguinte continuará a usar-se o feitio—meio justo.

Não vimos n'esse dia um unico «smoking». Não sabemos ainda, se a moda decretou um descanço para elle.

Os feitios que assignalamos para as sobrecasacas e fraques usar-se-hão com certeza por muito tempo.

(Ext.)

30$000

Uma calça de cazemira de côr, padrões novos, prepara-se por medida na alfaiataria Teixeira.

SALÃO LITTERARIO

Applicação d'uma pena.

Li, ha poucos dias, n'um jornal, a seguinte noticia:

«Um soldado francez, chamado Gugel, matou com um tiro um sargento, a quem odiava, e foi condemnado á morte.

«O senr. Carnot não costuma ser indulgente com os assassinos, mas d'esta vez entendeu dever commutar a pena de morte para a de 20 annos de trabalhos forçados, e assim o fez.

«Pensam certamente que Gugel agradeceu essa commutação ao Presidente da Republica? Nada disso. Protestou e appellou da sentença para o Conselho de Estado.

«—Prefiro ser fuzilado, disse. A execução pelas armas não deshonra, e os trabalhos publicos são uma condemnação infamante.

«Vacquerie, no «Rapel,» commenta: «Si eu fôra o Presidente da Republica, não só recusaria a recusa, como commutaria a commutação.»

Vacquerie acha que o negocio é de facil solução, e eu de difficilima.

Como conceder absolvição a um assassino somente pelo facto de preferir a morte aos trabalhos publicos?

E' elle um homem de sentimentos elevados, «ex vi» do seu modo de pensar?—Não é isto bastante. Quem nos dirá que Gugel não é um ente que pouco amor consagra á vida, como tem se verificado com muita gente, ao ponto de se suicidarem por motivos frivolos?

E' certo que ha uma lei soberana, que impõe-nos a conservação da nossa existencia, mas é certo, tambem, que os differentes sentimentos que nos dominam, sem uniformidade de forças, modificam grandemente o nosso temperamento, de modo a manifestar-se em cada ser humano pensamento muito diversificado.

Estes principios extendem-se a todos os seres; pelo que, por mais uniformidade que na nossa educação e na nossa instrucção se queira promover as nossas opiniões sobre qualquer assumpto, ou objecto, muito se apartam,—succedendo, não raras vezes, haver apenas accordo de idéas apparentemente e não verdadeiro, por bem da conveniencia social.

Conseguintemente, firmado n'esta doutrina, de inatacaveis verdades, ninguem poderá deduzir que um homem que prefere a morte aos trabalhos publicos possa exhibir maior nobreza de sentimentos, comparado áquelle que pensa de modo contrario. O primeiro, em virtude das circumstancias

FOLHETIM

SUMMARIO—O Leitor em novo assumpto—Paris—«Le Travail»—O Folhetim—O duello—O soneto—A «Revista»—Au revoir.

Quero tirar-te, Leitor, das diversas variantes do «spleen» que de ordinario nos invade neste viver pobresito de diversões, vou levar-te a um assumpto de novidade palpitante, alegre e de algumas peripecias interessantes.

Como sabes, Paris nos provoca sempre uma sensação de profundo allivio e algumas vezes mostra-nos a decepção não menos profunda.

Mas isto é na da, porque Paris é quem se diverte e faz-nos divertir, é quem resplandece e nos impõe a resplandecer, é quem sorri e obriga-nos a sorrir tambem; emfim, é quem seduz e embriaga-nos em tudo o que é bom e ruim.

Ha poucas semanas deu-se alli um facto que prima pela sua originalidade e foi muito commentado sob a penna e o pincel da critica.

«Le Travail» é um jornal bem escripto, que falla a bem das «greves» operarias e é muito lido e procurado.

O seu proprietario e gerente é um distincto operario e chefe de «greves» Francisco Clichy, amigo intimo e grato do redactor-chefe Octavio Fort, a quem deve a aceitação de quasi todo parisiense que o lê com assoreamimo.

Ha outras pennas admiraveis, vigorosas e tersas na destra batalha do incessante jornal; entre estas ha a de Laura Matoir que é uma poetisa—critica de nota e de sensação.

Na redacção do «Le Travail» suscitou-se uma questão de um folhetim, bastante caricata e interessante.

Adolfo Croquet, querendo provar as suas habilitações pedantescas de folhetinista amestrado e sendo inimigo acerrimo de Octavio Fort, procurou, por portas travessas, quebrar «a castanha na bocca deste,» pedindo a Francisco Clichy que ignorava a sua intenção e «mau humor,» a publicação de um folhetim de sua lavra, em que pugnava pelos interesses das «greves» em geral.

Octavio Fort, conhecendo o alcance do bote, oppoz-se e foi franco a Francisco Clichy que, por cavalheirismo, concordou e não mais ligou á similhante obra de roda pé de jornal.

E como Adolfo Croquet visse que o seu producto de imaginação não fora publicado e a sua intenção malevola não fora vingada; zás! desafia para um duello a florete a Francisco Clichy que não sabe esgrimir.

Temeu a Octavio Fort que é um duellista de morte e poz-se de longe...

São nomeados os padrinhos para um accordo: Estes deliberaram não haver offensa e sim «descuido» e declararam, si a houve, foi unicamente da parte de Adolfo Croquet.

Recolhe-se aos bastidores o homem litterario e o riso da critica sahio fresco do fabio parisiense depois de alguns artigos a respeito e do galante soneto abaixo, que foram dados á luz no jornal «Le Travail»:

SONETO

A A. Croquet.

A tua prosa frouxa, meu querido,
Quer seja em livro, mesmo na gazeta,
Faz a gente lembrar-se d'uma peta
Por um sujeito de êstro derretido....

Faz o juizo da gente consumido
Em procura das côres da palheta,
Faz a gente fazer certa careta...
E perder, ás vezes, o sentido.

E' um fatal producto da cachola
D'um mancebo com ares de escriptor
Que voltar deve a primitiva escola.

Uma espiga me tonha, meu amor,
P'ra quem a não conhece e que a lê,
Pois parece uma carta de A B C.

Paris—92. Laura Matoir

E' o caso do sujeito ir buscar lã e sahir tosquiado.

Por cá, estamos certos, seria o contrario: tudo corria ás mil maravilhas. A «Revista» publicaria o folhetim para acabar as inimisades e o nosso sympathico Teixeira pilharia mais um freguez para vestir a ultima expressão da Elegancia no Mond-Moderne.

Au revoir.

Julio Duval

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO I | *Maranhão, 30 de Setembro de 1892* | NUMERO 7

REVISTA ELEGANTE

Torneio de Elegancia

Pariz o centro luminoso do progresso, a illusão universal que ora se desfaz com extranha facilidade, ora se teve a ouro e a perolas, acaba de realisar um «torneio de elegancia» entre os rapazes mais apreciadores da Moda, conferindo o premio promettido a Edmundo Disert que mais se distinguio pela sua simplicidade e elegancia.

Edmundo Disert é um rapaz de 19 annos, alumno da academia de Bellas Artes e pertence a uma familia distincta parisiense.

O torneio durou quinze dias no boulevard Saint-Germain, quando celebrava-se uma festa patriotica ao immortal 14 de julho.

O «dilettantismo» ali teve a sua verdadeira elaboração mental, a Arte na sua nudez mais completa deu a sua dextra á opulencia mais aziatica.

Nós que somos levados sempre pelo espirito de bem servir a Arte que, com o seu esplendor, com o seu capricho ondeante, nos dirige e nos inspira o pensamento ao invejavel e á sinceridade, queremos tambem hoje que começa a festa dos Remedios, abrir um Torneio de Elegancia em que só poderão tomar parte os nossos estimados freguezes.

E' uma util diversão para os que conhecem modernamente a arte de trajar que é cercada de um gosto aprimorado, de uma delicadeza simples, sem que haja nella o prejuizo dos atavios luxosos e da opulencia phantastica das antigas vestes.

O nosso Torneio de Elegancia sollicita apenas de uma commissão secreta que estará todas as noites em seu posto de honra para apreciar o «dilettante» que mais se distinguir.

Finda a festa, em dia deliberado, por escrutinio secreto, serão apurados os votos da commissão, quando se verificará o mais votado, o qual receberá um premio dado pelos proprietarios desta Alfaiataria como uma prova de verdade do seu enthusiasmo pela Arte Moderna.

DESPACHOU-SE

Novos padrões de cazemiras para fatos expressamente fabricados para a alfaiataria

—TEIXEIRA—

A MODA

A Moda que neste momento se impõe a todo o elegante é a sobrecasaca ou o fraque d'um comprimento relativamente exagerado. Devemos observar que rompeu-se d'esta vez com a timidez habitual que, para passar do muito curto ao muito comprido ou do muito largo ao muito estreito, nos forçava a seguir uma ordem progressiva, tornando estas alterações de uma lentidão tal que só depois de muitas estações notava-se a differença da moda. D'esta maneira as roupas d'um anno para outro não pareciam ridiculas. Portanto, um voto de louvor aos nossos elegantes, pela mudança rapida que fizeram, saindo assim do commum.

O que dissemos na nossa chronica «Moda—no n. 6 da «Revista Elegante» a respeito da sobrecasaca e do fraque, reproduzimos hoje textualmente, porque não temos nenhuma alteração a fazer.

«O fraque dar sobrecasacas e dos fraques, não se assemelham nada com os do anno passado. As abas de um comprimento excessivo e muito justas descem

Triolet.

Vi-te chic, bem vestido,
Bem catita, meu Lulú,
Da elegancia possuido,
Vi-te chic, bem vestido!
Que prazer, não sabes tu,
Nesse instante, meu querido,
Vi-te chic, bem vestido,
Bem catita, meu Lulú.

Charadas

XXV

Tem na c'róa da França
E no jardim se achará—1.
Sendo assim eu vos garanto
Que não é cousa má—2.
Se fôres até lá.

XXVI

E' virtude—esta preposição—de prazer—na pharmacia.

XXVII

A primeira—1, e a maior—1. Pode fazer feliz ou desgraçado.

XXVIII

Isto já—é sem demora—1,
Isto cá—é mesmo aqui—1,
Em igual sabor e cheiro
Outra igual eu nunca vi.

XXIX

Este adverbio aperta um homem—1—2.

XXX

No espaço este instrumento toca-se--1 -1.

Quadra

Si um velho vires fallando
Junto a uma moça formosa,
Tenhas medo do tratante:
E' qual cobra venenosa.

Anedocta

Uma senhora manda chamar o seu medico e diz-lhe:

—Tenho tido hoje uma grande dôr na lingua, doutor... Peço-lhe que a examine e me diga o que devo fazer...

—Nada de medicamentos, respondeu o medico:

A lingua precisa apenas... descanço...

Quadra

A velha namoradeira
De cabello penteado,
Tem traços de choradeira
Num desgosto inesperado.

Triolet

Parabens ao bom freguez
Por termos lenços de seda
Que chegaram neste mez,
Parabens ao bom freguez
No negocio outra vereda
Seguiremos desta vez.
Parabens ao bom freguez
Por termos lenços de seda.

Decifrações

Foram os Senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 6 do nosso jornal:

Dr. Pinaud, charada—XIX—Lilá.
Elesman—charada—XX—Ribeira.
Miss Loty—charada—XXI—Evolé.
Dr. Pisa Manteiga, charada—XXII—Mata-Lorrão.
Dr. Tom-Tim, charada—XXIII—Bisconto.
Paulo Feval, charada—XXIV—Bengala

RAUNIER preto e azul acaba de receber a alfaiataria--- **TEIXEIRA.**

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de outubro futuro:

Em 2, a Exma. Senra. D. Joanna Ritta de Macedo Britto, irman do nosso distincto redactor Augusto Britto;

Em 3, a interessante Odette, filha do nosso amigo e freguez Alfredo Nicolau dos Santos;

Em 4, a Exma. Senra. D. Innocencia da Silva Teixeira, virtuosa esposa do estimado proprietario desta Alfaiataria;

Em 8, o estimado cidadão Victorino Rodrigues;

Em 12, o nosso amigo e freguez João Nogueira;

Em 15, o estimavel cidadão Raimundo Ferreira de Souza;

Em 19, a Exma. Senra. D. Maria da Silva Teixeira, dilecta filha do estimado proprietario desta Alfaiataria;

Em 22, a Exma. Senra. D. Maria Salomé d'Alcovia Lopes;

Em 30, o joven Antonio Augusto de Almeida Britto, distincto estudante do Lyceu deste Estado, filho do nosso estimavel redactor Augusto Britto.

Acceitem os nossos parabens.

HORAS THEATRAES

Empreza--Ficarra.

O distincto e sympathico actor Cesar Ficarra, á frente de uma companhia de operettas, que organisou, tem, durante o mez que hoje finda, proporcionado ao nosso publico noites de aprazivel entretenimento.

Conta a sua companhia alguns artistas conscienciosos, dignos de apreço, e, n'este numero, não vacillamos em indicar M.lle Beatriz Rosalia e C. Ficarra, artistas estes que já eram nossos conhecidos. Como quer que seja, Beatriz Rosalia, que já não faz aprendizagens, pois que é incontestavel que se acha vantajosamente adestrada na nobre arte do theatro, tem o dom precioso de angariar geraes sympathias, e C. Ficarra, si já não fôra nosso conhecido, bastariam os trabalhos que ora tem exhibido para que o reputassemos artista de merito real.

Não dispomos de espaço necessario para formular uma critica completa do desempenho das peças já exhibidas, mas não podemos nos deter em recordar o trabalho d'este ultimo artista, na parte de Gaspar (ferreiro) nos «Sinos de Corneville», da qual se incumbio. Para fazer o que fez Ficarra, em differentes situações da peça, é necessario ter estudado, ter aptidão—ser artista.

Conseguintemente, a «Revista», que consagra amor espontaneo ao estudo, ás aptidoes e ao artista, não pode deixar de apresentar-lhe felicitações sinceras por essas conquistas de applausos, muito justos e muito merecidos.

Até o momento em que traçamos estas ligeiras linhas, a modesta Empreza—Ficarra, tem feito exhibição das seguintes operettas: «Boccacio (duas vezes), Mascotte (idem), Poucos de Violeta, Canici Tronate (duas vezes), Estudantes em Carnaval (idem) Sinos de Corneville (idem) e Dr. Purgante».

Os esforços do illustre e sympathico emprezario, certo que são merecedores de apoio decidido por parte do intelligente publico maranhense; sendo, portanto, nossos votos que não lhe seja elle jamais regateado.

Prevalece-se a «Revista» do ensejo para manifestar seus agradecimentos cordiaes á mesma Empreza, pela gentileza da offerta que lhe foi feita da entrada para uma cadeira, onde temos tido agradaveis horas, assistindo aos variados e bons espectaculos que se estão realisando no «S. Luiz.»

SALA DE VISITA

Joaquim Pinto Machado

Fomos honrados com a visita do nosso estimado amigo pharmaceutico Joaquim Pinto Machado que ha poucas horas chegou da Bahia, e que na Faculdade de Medicina d'aquelle Estado, acaba brilhantemente de provar as suas habilitações technicas e chimicas para os laboratorios de Pharmacia.

Contractado para dirigir a acreditada pharmacia do nosso amigo Commendador Augusto Cesar Marques, vem cheio de vida e de esperanças tomar o seu elevado posto, esperando na sua ardua tarefa merecer a confiança e a estima dos que o procuram.

Joaquim Pinto Machado é um cavalheiro distincto e possue as bellas qualidades do homem intelligente e trabalhador.

As nossas felicitações e agradecimentos pela delicadeza da visita.

EXPEDIENTE

Pharmacia A. C. Marques.

Tivemos o prazer de visitar na noite de 4, a pharmacia do nosso distincto e estimado amigo Commendador Augusto Cesar Marques.

Em exposição, como se achava, para o publico que no largo defronte divertia-se na festa de Santa Filomena, tinha um attractivo sympathico com uns fócos de luzes cambiantes projectados de uns vasos de cores que estavam sobre as mesas—mostradores.

Era um gosto ver-se a maneira correcta e digna porque ella está montada e o aceio que reina em seos laboratorios technicos e chimicos.

São dignos de elogios aquelles amaveis rapazes que ali trabalham com zelo e actividade para nunca desmerecer a fama que goza a bem montada pharmacia do nosso amigo Commendador Augusto C. Marques.

CONVITE

Fomos convidados pela distincta Classe Estudantal para assistir os festejos que celebrou nos saloes do nosso Lyceu na noite de 7, commemorativos á nossa primeira Independencia.

Não podemos ali comparecer por ter ficado doente o nosso redactor-chefe P. Bessa, a quem tinhamos incumbido de nos representar.

Agradecidos pela delicadeza.

Impresso por João R. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria —TEIXEIRA—

Foi ao cahir de uma tarde que vi-a pela vez primeira.

Lembro-me bem; ella saltava, brincando sobre as pedrinhas do corrego sereno...

Vi-a, não pude resistir aos encantos de sua belleza plastica e ao iman de seus olhos scintillantes...

Pedi-lhe um beijo. . não me respondeu, occultando o rosto formoso nas mãos setinosas...

Extactico, indeciso, contemplei-a e baixei a fronte, dominado pelo pejo.

. . . . . .

A lua rompia no dorso da montanha, reflectindo sobre as aguas a sua figura encantadora e bella, espalhando a luz de seus raios mornos pelas campinas além..

A donzella desprendeu de revez um olhar de magia.

Não pude supportar a luz coruscante de seus olhos divinos, e prostrei-me a seus pés...

Tudo era encantos!—o socego e a frescura da noite.

As casuarinas ciciavam ao manso perpassar da brisa serena, e as flores entre-abertas deixavam escapar de suas corollas os perfumes inebriantes.

E o corrego corria, corria apressado...

Em um magico anceio fitou-me com graça, e interrogou-me com a indefinivel doçura de sua voz angelica.

—Devéras me amas?

—Oh! sim, amo-te e muito.

Pergunta á noite, á brisa que passa e ás flores, pois todas te dirão o que sinto por ti.

. . . . . .

Por muitos dias encontrei-me com essa mulher divina e mysteriosa, por quem sentia-me extremamente apaixonado.

Sua voz doce e bem modulada, o seu porte elegante e flexivel, slavanil e o garbo arrebatador dessas virgens criadas pela concepção adusta dos poetas e dos pintores antigos.

Trajava sempre de branco e confundia-se ás vezes com a côr da neblina, parecendo acompanhar o vôo das nuvens levadas pelo vento...

A minha imaginação perdia-se no abysmo de tão insondavel e incomprehensivel mysterio!...

Depois vi-a habitando um palacio encantado no fundo do mar, onde ella e as sereias, ao som de uma musica peregrina, cantavam docemente...

Eu inebriava-me electrisado com a melodia de sua voz indecifravel e meiga, parecendo-me ouvir antes o som de harpas eolias tangidas pelos anjos celestes.

Quiz caminhar para ella, não pude; chamei-a, não me respondeu...

D'ahi a pouco vi-a sumir-se nos raios de luz, que projectavam do sol quasi a occultar-se nos pincaros das serranias...

A' principio pareceu-me um delirio da imaginação a scena que observava; mas não, eu dormia e sonhava...

Quando despertei, nada vi; sentindo apenas a agradavel commoção de um bello sonho...

C. Costa.

A Zefa

Neste viver saudoso, despresado
Por ti mulher que tanto amei na vida,
Eu busco como a flôr emmurchecida
Deixar perder a fronte ao meu passado...
E sinto o peito oppresso amargurado
Lembrando o nosso amor—luz esvaida!
E como vive a rola entristecida
Por ti mulher eu vivo apaixonado.

Ah! vê mulher, algoz do meu destino
Que por vaidade só, por desatino
Symbolizaste o amor com falsidade!...

Teu amor foi qual nuvem passageira
Que deixou-me na célere carreira
O coração banhado de saudade.

Setembro—1892.

Herdema.

Sophia

Foi na sala branca, de leves listrões d'ouro, que eu a vi interpretar um dia ao piano Mendhelsson, Schumann, as fugas de Bach as symphonias de Beethowen.

Tinha um nome biblico, lembrando palmeiras e cisternas; chamava-se Sophia.

Era alta, de uma brancura de hostia, como certas aves esguias que os aviarios conservam e que ahi vivem n'um grande ardolente de nostalgias de sélvas, de mattas cerradas, de sombrios bosques.

Nervosa, de um desdem fidalgo de fria flôr dos gelos polares e triste, trahia a arte o seu ultimo aspecto a sua orgulhosa cabeça erecta em frente das partituras, que os seus olhos garços liam e que os seus dedos rosados e aristocraticos executavam com perfeição, com claro entendimento nas teclas.

E de todo o seu nobre ser delicado, de todo o seu perfil de imagem de jaspe, irradiava uma harmonia vaga, melancholica, uma auréola de pungitiva amargura, mais desolada que as symphonias de Beethowen, como si todas aquellas musicas excelsas tivessem sido inspiradas n'ella.

—

O' aromas, subtillissimas essencias dos finos frascos facetados do luxuoso boudoir d'essa musica Magnolia; aromas vaporosos, maravilhosos perfumes que incensaes á noite, de volupia, a sua alcova, como as purpurinas boccas das rosas, fallae a linguagem alada que as vozes humanas não pódem fallar e dizei os murmurios estranhos dos sentimentos imperceptiveis, immaculados, que alvoraçam a alma anciosa d'essa sonhadora Sophia.

Só os aromas, só as essencias terão os effluvios castos, os fluidos luares de expressão, o rhythmo ineffavel para contar que latentes palpitações traz ella no sangue, que chamma d'astro lhe inflamma o peito, quando volta triste dos concertos egrégios e vae enclausurar-se na alcova,—muda, muda, talvez sob a névoa das lagrimas, na emovente concentração dos que morrem amando.

Cruz e Souza.

Ao poeta das «Rimas», o Sr. P. Bessa

Poeta, tua lyra é mui suave,
Tão doce como um cantico de uma ave
Em horas matinaes!...
Ao teu brando gorgeio nacilento
Se desprende da ideia o pensamento
Em busca de ideiaes!
Sorrindo ao teu cantar melodiozo
Um futuro mui grato e grandioso
Apparece-te alem!...
Uma visão tão bella como a gloria
Cantando-te, poeta, uma victoria
Te apparece tambem!

A harmonia faz de tua lyra
O nosso pensamento, que delira,
Embeber-se de luz!...
Tudo falla, estremece, brilha e canta,
O teu doce cantar fulmina e encanta
E delirio produz!

Continua, poeta, em teus gorgeios,
De luz, de flores e de amores cheios
De doçura e sorrir!
Continua co'a lyra dulçurosa
Que uma prenda brilhante e luminosa
Offrece-te o porvir!

D"A Republica", Ceará—7—8—92.

Francisco Barreto de Menezes.

Córtes de fustão branco bordados, para colletes, ultima expressão da moda, recebeu a alfaiataria Teixeira.

SOBREMEZA LITTERARIA

Quadro azul

Entre uma deidade e um rapaz namorado:

—Qual é a novidade mais palpitante da festa dos Remedios? pergunta a moça.

O rapaz todo catita e cheio de enthusiasmo:—E' o «torneio de elegancia» da—Revista— do sympathico Teixeira!

Nuances

Si um gamenho e bom rapaz
Quizer ter bom casamento,
Venha á nós, si é capaz,
Dizer o seu pensamento;
Então logo, sem demora,
Elegante o vestiremos
E achará na mesma hora
A moça que promettemos.

Pensamento

A imprensa é a polvora intellectual que arremessa rapidamente o projectil da idéa para derrocar sem resistencia as velhas abusões e esclarecer com o seu relampago as trevas do genero humano.

Latino Coelho.

Interessante

Annos fazia a Ninita,
Criança bella, innocente,
Para não dar-lhe um presente,
(Que peça extranha, exquesita,
Cousa que nunca se viu,)
Ausentou-se de repente
O namorado... fugio!

Pensamento

Dizem que a Mentira é arma abjecta e vil, mas ai de nós si as Illusões—suas legitimas representantes—não estivessem sempre ao nosso lado!

A. Britto.

quasi até ao meio da barriga da perna, isto é, 12 cms. pouco mais ou menos abaixo do joelho.

As vistas são grandes e com raras excepções, vimos todas as sobrecasacas com sela até á margem da «boutonniere». Quasi todas as roupas não tinham fitas; no entanto muitas sobrecasacas traziam fita muito estreita.

O collete de traspasse com 4 botões, está muito em uso.

Os fraques usam-se com abas d'um comprimento excessivo, mesmo exagerado, tão abertos e arredondados que quasi acabam em ponta. São abotoados com tres botões e as vistas são um pouco prolongadas, deixando ver bem a gravata. Este genero é um pouco em phantasia, não depreciando por isso, o fraque de 4 botão e com abas mais curtas.

Os alfaiates parecem ter enfim reconhecido a impossibilidade de fazer calças muito largas na coxa e tendo a commodidade indispensavel.

Crer os que desapparecerá o paletot sem costura nas costas; por conseguinte continuará a usar-se o feitio—«justo.»

Grande variedade em cortes de cazemira de côr para calças, fazenda superior, recebeu a alfaiataria-TEIXEIRA.

SALÃO LITTERARIO

Devaneios

—Eu tinha tanta cousa que contar-te, oh! minha amada... tinha que fallar-te em referencia a mil assumptos—que não sei por onde comece,—dizia Alfredo, junto de Martha, sua noiva adorada.

—Pois, falla d'aquillo que mais nos toca, e deixa tudo o mais para occasião opportuna...

—Deixar—tudo o mais—... fallar do que mais nos toca... O mesmo embaraço!

—Sim, unicamente do que nos diz respeito: do nosso amor, somente...

—Do nosso amor,—somente! E achas, criança, que o nosso amor se circumscreve á pequeninas coisas?! Olha, é justamente por desejar fallar-te d'elle, que tenho de tratar de uma immensidade de coisas,—porque tenho de fallar de tudo... visto que a tudo elle se extende...

—Como assim?

—Vês? Quanta suavidade conduz-nos a viração que nos açoita? Que alegria não desperta o gorgeio dos passarinhos que nos espreitam! Que formosura nas nuvens doiradas, que perpassam pelo firmamento!

Tudo isto... e tudo o mais outra coisa não faz que confirmar a existencia do nosso amor. Si elle não existisse...

—Idéa horrorosa!

—Horrorosa, sim, por que tudo, então se tornaria em tristezas e monotonia... Não haveria nem suaves virações, nem alegria nos gorgeios dos passarinhos, nem nuvens doiradas pelo firmamento perpassariam formosas...

A realidade, porém, proclama bem alto o nosso amor, e é o quanto basta para que me considere o ser mais feliz do universo...

Elle, o nosso casto amor, tem grande influencia em todos os objectos que nos acercam, em todos os factos que se verificam: tanto assim, que vejo tudo por face muito differente, que outr'ora,—quando elle não existia...

E é por isso que eu te disse que o nosso amor a tudo se extende... e fallando-te d'elle, tinha que fallar-te d'uma immensidade de coisas...

A. Brutto.

Vamos

Vamos seguindo, flôr, e lento e lento
iremos descobrir nova paragem:
limpa a estrada é, murmura a doce aragem,
é bellissimo o azul do firmamento!

Não vês? Queres chorar!... não tens coragem
para calar no peito o teu lamento!
Recuas? Vamos!... basta um só momento
chegaremos ao termo da viagem.

Vamos, juntos á sombra dos palmares
ao amanhecer, que os teus gentis olhares
brilharem para mim em brilhos de ouro,

uma hora passará como um minuto!
Vamos, somente a ti eu amo e escuto,
fortuna minha, meu fiel thesouro!

P. Bessa.

Um sonho...

Ella era galante, mimosa e meiga, como são meigas as flores caprichosas da manhã.

Era, porém, desdenhosa na graça encantadora e na expressão do sorriso feiticeiro...

Nas faces purpurinas tinha a côr brillante das rosas, das rosas faceiras...

Os anjos divinos tinham-lhe emprestado todos os seus brilhos e encantos para offuscar as bellezas da terra.

. . . . . .

FOLHETIM

Na rua do Ouvidor

SUMMARIO—O romper do dia—A festa e o povo—A bandeira—A estatua e a musica—O Fontoura e a Igreja—A orchestra e o A. Rayol—O enveloppe e os versos—O Fontoura e o sceptismo—O Torneio de Elegancia—O Fontoura e o Teixeira—Au revoir.

São cinco horas da manhã, Leitor.

O dia vem abrindo a corolla de luz e tem a riqueza decorativa e a suavidade recolhida e casta a me expandir uma alegria nova.

Entro no largo dos Remedios pela moderna rua do Ouvidor para assistir o despertar da popular festa, para apreciar a multidão que está ali como que electrisada por uma novidade tocante, por um acontecimento cheio das descripções pomposas.

O povo agrupa-se perto á Ermida para ver o desfilar de um cortejo feminil e bello que em canticos sagrados leva uma bandeira em que está typicamente desenhada a Virgem protectora dos naufragos, bandeira que é erguida a um poste entre as saudações dos sinos, dos foguetes e das bandas de musica como signal de que começa a mais magnifica festa para o povo maravilhoso.

Ali, sinto uma predilecção muito pronunciada pela lyra de poeta e, na verdade olhando para uma estatua que se ostenta firme como que ouço o movimento rythmico das endeixas cinzeladas e mais perfeitas de Gonçalves Dias; escuto a musica que dos coretos se expande tenho um ceu aberto ante mim para attrahir-me mais o requintado goso intellectual.

Nesse enlevo d'alma chega-me o Fontoura que convida para irmos á Igreja, onde ouço a docilidade multipla e caprichosa de uma esplendida orchestra e a energia mascula dos pulmões do nosso melodioso A. Rayol.

Saio depois com o coração palpitante de um encanto indivisivel e vou em passeio com o Fontoura ver a luz do sol que começa a expargir as suas primeiras scentelhas vivificadoras.

Em cada vulto de mulher que encontro, observo o poder mais intenso, a vitalidade mais extrahida da graça e da seducção; e o Fontoura junto a mim só suspira uns linguoes submissos de escravo do amor.

Olho para o chão e vejo um ponto branco,—é um enveloppe, abro-o e leio num papel bordado e cor do amor estes versos magnificos:

HARPEJOS

A J. F.

Quando eu te vejo assim luxos ruivo
Com o sublime riso da alegria,
Nesse labio que tem a primasia
Da correcção da phrase resplendente;

Quando eu te vejo, enfim, alegremente,
Sob o dominio da Arte que irradia,
Lendo-te n'alma a viva phantasia
A consagrar-te o gosto inteiramente;

Pulsa-me o seio a febre d'um desejo,
Como se eu visse a luz do sol que eu vejo
Na limpidez extensa, sideral.

Cantam-me n'alma as emoções extranhas,
E o meu amor em proporções tamanhas
Sente beijal-o o gesso do Ideal.

Carlota Nestor.

Riu-me satisfeito ao sentir que dentro do seio de uma mulher—amada ha a sensibilidade pela elegancia que incansavelmente neste seculo vae modificando correta a indole primitiva do preconceito que não dava logar ao bello sexo revelar o seu gosto artistico ao sexo forte com a franqueza rubra, illuminada de todas as côres da imaginação poetica.

Mas o Fontoura que tem, ás vezes, todas as virtudes e energias do sceptismo, não concordou commigo e metteu-me no «bond» sem deixar-me, ao menos, tomar uma chícara de café no «restaurant» do Queiroz.

E' que o Fontoura quer fugir-se do Torneio de Elegancia, mas o nosso Teixeira está resoluto fazer-lhe tres «ternos» pelo ultimo figurino de Pariz.

Au revoir. Julio Duval.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO I | *Maranhão, 31 de Outubro de 1892* | NUMERO 8

REVISTA ELEGANTE

Torneio de Elegancia

Ante as brilhantes constellações da magestosa Arte que nos põe o entendimento e a rasão sob as magicas flexibilidades da forma mais correcta e da esthetica mais superiormente bella, vimos dar conta da tarefa que agradavelmente nos foi imposta, quando abrimos no n. 7 desta «Revista» o —Torneio de Elegancia— em que só poderiam tomar parte os nossos estimados Freguezes.

Fomos felizes no nosso tentamen, porque observamos nas noites claras e esplendidas de diversão, consagradas á festividade de Nossa Senhora dos Remedios, a Arte de trajar ter a sua primasia e prestigio inactos, ser interpretada com gosto e elegancia e a sua eloquencia possuir o dom de attrahir os que são verdadeiramente seus adeptos.

Reunidos ás 11 horas da manhã de 16, os dez membros da commissão secreta para a votação e apuração dos votos ao torneio de elegancia, verificou-se ser unanimimente escolhido o distincto e sympathico Cirurgião Dentista, José Antonio de Mello Fernandes.

Sem que tenhamos na nossa consciencia nem um trilo de paixão, nem uma volata de primasia pelo nosso illustre amigo e freguez que foi eleito como «dilettante» mais correcto e mais elegante do nosso torneio, cabe-nos a honra de comprimental-o por ter sabido comprehender os segredos e a eloquencia da soberana Arte.

A nossa imparcialidade foi sem limites neste certame, não tivemos uma só hora infantil de predilecção por alguem, nem nos deixamos ir atraz das seducções da amizade e da pompa serodia de algum preconceito.

Estamos, pois, alegres e convictos que cumprimos o nosso dever, já para com a sociedade maranhense, da qual temos a honra de pertencer e já para com a moderna Arte de quem somos sinceros filhos, que veem no fundo azul do seu cenario as belezas de suas formas e as maravilhas da sua esthetica.

Grande reducção nos preços de roupas feitas, do deposito da alfaiataria

—TEIXEIRA—

A MODA

Devido ás quarentenas impostas aos vapores vindos da Europa, não recebemos a chronica sobre «A MODA», do nosso correspondente de Paris, que devia sahir no presente numero, pelo que pedimos desculpa aos nossos bons freguezes e amigos.

O Gerente.

Variado sortimento de chapheus de feltro de côr para homens, a despachar-se brevemente para a alfaiataria

—TEIXEIRA—

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

A mulher é tanto mais fraca, physicamente, que o homem, quanto, moralmente, é mais forte que este.

A. BRITTO.

Triolet.

Andei com roupa mal feita,
De panno muito ordinario,
Como um tôlo, um usurario
Andei com roupa mal feita.
Hoje tenho outro fadario
Sigo á Moda em vestuario.
Andei com roupa mal feita
De panno muito ordinario.

Amor filial

Um mercador de Pekin havia sido condemnado á ter as mãos cortadas.

No momento da execução, sua filha appareceu, poz as mãos sobre o cepo, e disse ao algoz:

Eis aqui as mãos que pertencem á meu pae; corta-as; mas respeita as outras, porque meus irmãos precisam dellas.

Bellissimo!

Quadra

Quem andar pela cidade
Mal vestido, é por que gosta,
Si duvida esta verdade
Entraremos numa aposta.

Charadas

XXXI

Na musica—1—o ajuste—2. E' pintura.

XXXII

Alegre—1—na musica—1—o jogo.

XXXIII

Olhei—1—esta mulher—2—nesta cidade.

XXXIV

Aqui—1—agora—1 na musica—1—na mão.

XXXV

Mistura—2—o capitalista—2—neste enredo.

Triolet

No "torneio de elegancia"
Cahiu a sopa no mel,
O Mello deitou fragancia
No "torneio de elegancia",
Ganhou da Arte o broquel
Com verdadeira constancia.
No "torneio de elegancia"
Cahiu a sôpa no mel.

Interessante

O teu sorriso, Maria,
Arrastou-me aos labios teus!
Perdôa, Maria, escuta...
Desforra nos beijos meus...

F. L.

Decifrações

Foram os Senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 7 do nosso jornal:

Dr. K P.3, charada—XXV—Lisboa.
Mlles Loly—charada—XXVI—Fedegoso,
Dr. Tom-Tim, charada—XXVII—Amor.
Dr. Pisa Manteiga, charada—XXVIII—Jaca
Eleman, charada—XXIX—Jacintho.
Carlos VI, charada—XXX—Harpa.

45$000 Um terno de paletó collete e calça de casemira de côr ou diagonal preto, apromptase por medida na alfaiataria Teixeira.

HIGH-LIFE

Fazem annos em novembro futuro:

Em 1.º, a Exma. Senra. D. Rosa Augusta de Macedo Britto, irmã do nosso distincto redactor Augusto Britto, e o cidadão Alfredo Nicolau dos Santos, intelligente e activo Conferente da Alfandega do Estado;

Em 6, o nosso amigo e freguez José da Silva Rodrigues;

Em 8, a Exma. Senra. D. Brunehilda S. de Campos Costa, dilecta filha do nosso amigo o cidadão Agostinho Domingues de Campos Costa, despachante geral da alfandega do Estado;

Em 12, o nosso sympathico freguez Filomeno Lebre;

Em 13, a Exma. Senra. D. Sophia d'Almeida Pereira, virtuosa esposa do nosso amigo Major Arthur Pereira;

Em 14, a Exma. Senra. D. Silvia Miranda dilecta filha do nosso amigo Coronel Manoel da Silva Miranda;

Em 18, a Exma. Senra. D. Corina d'Alcovia Lopes Leite, digna esposa do nosso estimado freguez Alberto Leite, e o interessante menino Heider, filho do nosso amigo Francisco Pestana;

Em 20, a menina Haydea, dilecta filha do inditoso Bernardino F. Marques de Souza, e o cidadão Luiz Antonio d'Almeida;

Em 23, o estimavel cavalheiro Alberto Leite, proprietario da Fabrica S. João;

Em 29, o estudioso joven Roscio Britto, filho do nosso estimavel redactor Augusto Britto.

Acceitem os nossos parabens.

CALÇAS de casemira de côr ou preta, brim branco, pardo ou de côres, encontram-se já promptas no deposito de roupas feitas da alfaiataria TEIXEIRA.

EXPEDIENTE

NOVO LIVRO

Temos o praser de noticiar aos nossos freguezes que foi ultimamente approvado pelo Conselho Superior de Instrucção Publica e mandado admittir nas escolas primarias do Estado, o importante opusculo intitulado «Instructor Elementar» ou Primeiro Livro de Leitura, primeira producção do professor José Simão Gomes dos Santos, nosso amigo e representante na Villa da Tutoya.

GRANDE variedade em fatinhos para meninos, encontra-se no deposito de roupas feitas da alfaiataria Teixeira.

SALA DE VISITA

JORNAES

Recebemos além das visitas dos jornaes que já temos noticiado mais as do «A Palavra» revista litteraria de Penedo, Alagoas; o «Echo Juvenil» de Pernambuco; o «Maroinense» do Maroim, Sergipe; a «Republica» do Ceará; o «Carteiro» da Capital Federal, o «Federalista» e o «Alcantarense» cá da terra.

Agradecemos a honra e a delicadeza das visitas e em breve iremos alegremente cumprir o nosso dever de cavalheirismo.

HORAS THEATRAES

Empreza--Ficarra

Durante o mez que hoje finda, a Empreza Ficarra deu differentes espectaculos no S. Luiz, com mais ou menos concorrencia publica.

Pésa-nos que não tenha sido a mesma Empreza tão feliz, como talvez imaginara. Entretanto, não formulamos accusações, por tal motivo, nem contra ella, nem contra o nosso publico; pois entendemos que a nenhuma das partes cabe culpabilidade no acontecimento.

Si devemos convir que o Senr. commendador Ficarra tem se esforçado no sentido de satisfazer o publico, pelo melhor modo ao alcance da Empreza que está sob sua direcção, tambem não podemos deixar de concordar que o publico, pelo seu lado, tem procurado attendel-o, correspondendo aos seus bons desejos. Em caso de não ter havido, quer d'um, quer d'outro lado, satisfação completa, não deve tambem haver descontentamentos.

Reappareceu no palco a signorita Sophia Camps, na opperata «Marina.» N'essa noite o publico deu-lhe uma demonstração de apreço, congregando-se para recebel-a com applausos espontaneos.

Sophia é credora de sympathias e digna de taes demonstrações. Certamente que o estudo consciencioso ha de, melhor, realçar o seu merito artistico, que, aliás, já é reconhecido.

Até o momento em que escrevemos estas linhas, foram, em Outubro, exhibidas as seguintes peças, na ordem em que as ouvimos:—Parodia da opera «Un ballo in maschera,» dueto da opera «Forza del destino,» a revista madrilena «A gran-via» (2 vezes,) Marina (idem,) Musica classica (idem,) «Criados e patrões,» dueto dos «perús» (3 vezes,) «Café do Porto-Rico (idem,) o monologo da tragedia «Hamlet,» de Shakespeare —"Ser ou não ser"—, romanza "Alfim son giunta", e "O homem debil".

Teve, ainda Ficarra, com a recitação do monologo de Hamlet, occasião de manifestar o seu merito superior. Dificilimo, embora, como é o seu desempenho, houve-se n'elle o intelligente e sympathico actor de modo a colher repetidos applausos.

—Em virtude de enfermidade do Senr. Ficarra, a quem desejamos prompto e completo restabelecimento, tem, ultimamente, deixado de haver espectaculos. A' parte o pesar que experimentamos pelos incommodos de saude do illustre actor, temos, por aquelle motivo, sentido aborrecimentos crueis n'estas noites monotonas.

Concluimos, desejando sempre á Empreza—Ficarra a maior somma possivel de felicidades.

CEROULAS de linho ou de algodão encontram-se já promptas no deposito de roupas feitas da alfaiataria

TEIXEIRA

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria

—TEIXEIRA—

De volta

De volta, flôr, depois de longos dias
percorrer a distancia das estradas,
já cansado a sentir as orvalhadas
cahir'-me, á noite, sobre as faces frias,

atraz d'aquellas vivas alegrias,
da fé, do amor, das crenças enviadas
a mundo extranho, em horas repassadas
de amarguras, que em lutas tu vivias;

eis-me a teus pés. Agora que te as trago,
sem terem da descrença o riso amargo,
mas entre o iris puro da esperança,

deixa-me, flôr, é simples a memoria,
p'ra o viajor que vem trazer-te a gloria,
e dher o laço azul da tua trança.

P. Bessa.

De passagem...

∴

O dia, desdobrando-se dentre as franjas douradas da manhã, irrompe do seio da natureza repleto das harmonias suaves da propria creação.

Na fimbria do horisonte, o rosicler da manhã tinge as nuvens douradas que surgem do oriente, illuminando a vasta extensão do ceu azulado, onde já não brilham as estrellas que ha pouco luminosas marchetavam a cupola celeste.

A' essa hora, fendem os ares innumeros foguetes, annunciando a alvorada do dia consagrado á festividade da Virgem dos Remedios, tão adorada pelos crentes e devotos da pacata cidade de S. Luiz.

A concorrencia enorme de fieis e de gente de differentes cultos dava um aspecto animador e festivo á praça, onde se ostenta erecta e garbosa a estatua do cantor dos Tymbiras, casando-se assim a magestade e o talento do vate com o bulicio irrequieto dos madrugadores e noctivagos, que ali se achavam á espera da alvorada do dia.

Velhos e crianças, moças elegantes e matronas respeitaveis, formavam o conjuncto da onda movediça, que passava de um extremo a outro, em constante vai-vem, desfazendo-se por vezes aqui e ali, á passagem franca de um grupo gracioso de bellas «houris».

Os rapazes «fashionables», na elegancia correcta do traje bem acabado nas officinas do Teixeira, flanavam pela rua do Ouvidor, inebriando-se no perfume das flores que se abriam ao dardejar dos raios mornos da manhã.

A festa, que assim começava, prometia ser animada e alegre nos dias subsequentes.

. . . . . .

. . . . . .

A's 8 horas do dia, o paquete «Maranhão» do Lloyd brasileiro, fundeava em frente á «Ponta da Areia,» e uma hora depois tomava o quarto n. 3, no excellente Hotel do Commercio, um distincto cavalheiro, que se dirigia ao Pará, mas que pretendia ficar por alguns dias nesta cidade.

Aboletado commodamente no seu aposento, o hospede indagou do proprietario do hotel a causa do movimento e do aspecto festivo da cidade, que assim offerecia aos olhos do espectador tão agradavel emoção.

O estimavel Snr. Cassina não se demorou em explicar ao cavalheiro a razão do movimento que elle notava, e convidou-o para á noite irem juntos ao largo dos Remedios, afim de tomarem o magnifico sorvete do esplendido «Café de Porto Rico.»

A' hora aprazada, tomaram ambos o bond no largo do Carmo e seguiram a seu destino...

O moço trajava um costume de casimira clara, usava «pince-nez» e era louro, parecendo um verdadeiro typo saxonio. Além disso, era elegante na expressão do olhar, de rosto bem emoldurado, tendo sempre no contorno dos labios rubros um sorriso franco e jovial.

Na banca la do bond, que lhe ficava na frente, ia uma joven morena, de cabellos negros e ondulantes, que por vezes olhava para atraz, como que admirada da belleza e da elegancia do moço desconhecido.

Elle tambem, vendo-a, admirou-lhe as feições delicadas do rosto moreno e o olhar vivo de moça intelligente.

Saltaram todos do bond no fim da linha e tomaram direcções differentes, menos o hospede, que acompanhou «pari passu» a moça, que se dirigiu para a igreja, em companhia do pae, um velho de 60 annos, mas robusto e forte.

Na igreja ficaram ambos em posição de se verem de «vis-à-vis» e assim olhavam um para o outro como se de ha muito fossem conhecidos.

Bem disse o Mantuano: «omnia vincit amor et nos cedamus amori.»

Inebriado pela magia do olhar scintillante da donzella, o hospede parecia ter diante de si uma dessas phantasias das bellezas de Ossian, que o transportava ás regiões do ideal, elevando-o nas azas do amor a um mundo desconhecido.

As ladainas sagradas, a voz das virgens no côro, as luzes em profusão—nada disso o despertava do enlevo arrebatador em que se absorvia todo, contemplando em extasis quasi a imagem da moça, que parecia envolvida em um nimbo refulgente de graças ineffaveis, como a Venus de Milo.

Um rapaz esbelto, de olhos negros e vivos, collocado em uma das portas lateraes da ermida, observava a scena que se passava entre a moça elegante e o joven desconhecido.

D'ahi a pouco commentava-se no circulo das moças e dos rapazes maranhenses o escandalo do namoro de D. F. com o hospede do Cassina.

. . . . . .

Depois de terminada a novena, a moça, nos continuados passeios pela rua do Ouvidor, não desprendia o olhar famulento do moço, por quem tomava um interesse estranho.

O Mello Fernandes, no contubernio alegre de uma turma de rapazes do trinque, bem em frente á casa do Guimarães, vendo passar o moço viajante, levantou-se de um impeto e dirigiu-se para elle.

—Oh! Alvaro, por aqui! e abraçou-o com força bastante, significando assim a satisfação de vel-o no Maranhão, em um dia de festa e de prazer para todos.

—Oh! Mello, como vais, ha que tempo não te vejo! Que prazer em ver-te, depois de tanto tempo!

—Que satisfação experimento em encontrar-te aqui, depois de tantos annos, disse o Mello Fernandes, impertigando-se todo com o «aplomb» do costume.

Neste interim os rapazes approximam-se delle e o acercam, sendo o nosso hospede apresentado pelo sympathico Zeca á turma dos elegantes.

Dentro de meia hora o Alvaro era conhecido pelo escol da sociedade maranhense, sempre distincta pela lhaneza de trato e pela affabilidade com que sabe caracterizar-se.

∴

Estamos na noite de quarta-feira.

O luar, bello e esplendido, esbatendo sobre as aguas limpidas do "Anil," expande suavemente a luz de seus raios de prata pelo vasto campo celeste.

O largo dos Remedios, empavezado de flammulas e galhardetes, que se agitam ao perpassar da fresca brisa da noite, offerece á vista de todos um aspecto feerico e deslumbrante—pelo variado conjuncto de cousas diversas.

As moças, trajando delicadas «toilettes,» passam desprendendo perfumes inebriantes; e os rapazes não se fartam de vel-as, ostentando a graça no porte elegante e no olhar feiticeiro...

Parece que em todos os labios ha um sorriso ineffavel de prazer, e que os corações pulsam alegremente na observação rapida de tudo quanto se vê.

No meio daquella confusão chaotica, vi passar o Mello Fernandes com o Arthur Lebre, trajando ambos um costume completo de casimira cor de leite, e na lapella do frack um ramilho de begonias cultivadas com esmero pelo sympathico e popular Pedro Freire.

A multidão cada vez mais se avolumava, tornando assim animada a «noite das moças», que pareciam satisfeitas com o concurso enorme de gente de toda especie e condição.

Trajando um bello e bem acabado vestido cor de jambo á Maria Stuart, passou ao braço de Alvaro a D. F. com seus irriantes olhos negros, fazendo lembrar as sacerdotizas dos templos egypcios, na magestade de seu porte airoso.

Todas as vistas voltaram-se para ella, que assim passava deslumbrante de belleza a par do moço apaixonado.

Eram já noivos; em breve á face dos altares a união conjugal sagraria o amor de ambos, fazendo-os ditosos.

E assim felizes, no doce ambiente do lar perfumado, entre flores e sorrisos angelicos, a alma apaixonada de ambos subiria em breve ás regiões phantasticas do bello—para libarem o mel doce das ambrozias e o nectar delicioso do Olympo.

. . . . . .

No proximo mez de novembro, na casa n... á rua Grande, realisar-se-ha o consorcio dos noivos, testemunhando o «high-life» maranhense a ventura de ambos.

Alvaro já não segue para o Pará, e nesse sentido telegraphou para Valença, no Rio, communicando ao Barão de F., seu pae, a deliberação que tomara em face dos motivos que expunha.

. . . . . .

Abençoada festa e bemdito bond.

C. Costa.

PALETOTS de lustrim, alpacão, seda crua, seda de côres, cazemira preta ou de côr, brim branco, panto e hollanda parda, encontram-se, já promptos, no deposito de roupas feitas da alfaiataria

=TEIXEIRA=

SALÃO LITTERARIO

A greve

Uma coisa que não tem absolutamente rasão de ser é a greve promovida pelo trabalhador proletario.

O que pretendem taes grevistas? Que lhes deem melhor salario, não somente porque o seu trabalho é escassamente remunerado, como porque o que lhes dão, não póde já fazer face ás suas despesas?

São estes os motivos?

Uma revoltante injustiça!—Si assim não é, que procurem e me apresentem o culpado de taes acontecimentos.

Não manifesteis, senrs. grevistas, a vossa má vontade contra aquelles que vos congregaram, dando-vos recursos para vossas subsistencias e de vossas familias. Este procedimento vosso poderá ser traduzido como uma feia ingratidão. O facto de participarem elles, a seu turno, do fructo do vosso trabalho, não poderá ser citado em vosso favor; por que no mundo onde habitamos, ninguem ainda conheceu feito algum que por si houvesse subsistido—com a necessaria limpidez—como uma attestação do generoso desinteresse. E, entretanto, que de galardões milhares d'elles recebem, que muito distantes permanecem dos d'esses contra quem vos revoltaes!

Não! não são elles os responsaveis das torturas por que estais passando, mas—sabeis quem?—a Civilisação—que aportou ao paiz onde habitais.

Não applaudis tanto a Civilisação? N'este caso, sois demasiadamente incoherentes!

Nada exagero.

Notae bem, que é ella somente,—essa soberana, filha dos seculos e da experiencia, que obriga-vos a um trabalho excessivo, tão excessivo que vos deixa, muitas vezes, exhaustos de forças, sem que tenha de vós commiseração. Inexoravel, mesmo! despiedosa! inhumana!—por que regosija-se com o abatimento de vossos musculos, com o desfallecimento do vosso corpo, pelo cançaso em que permaneceis, e, quanto mais vos entregardes a esse trabalho, que a sociedade recommenda, mais ella—a Civilisação—exigirá de vós, e menor recompensa vos promettérá!

Nem assiste-vos o direito de fazer reclamação alguma. Pelo menos, não podereis ser attendidos, porque o numero de vossos companheiros é muito grande, e a consequente necessidade por que estão passando, os obriga a vos fazerem pertinaz concurrencia. De balde as vossas tentativas; todas serão frustradas; nada conseguireis mudar.

Horrivel dilemma é o vosso. Tendes medo de recuar, visto que, havendo a sociologia sido firmada sob as bases d'uma solidariedade falcissima, os vossos companheiros não vos attenderão, mas, ao contrario, pensamento condemnavel lhes assomará. Si pretenderdes proseguir, envidando esforço denodado, em prejuizo do vosso corpo, e da vossa vida,—peior para vós, por que, produzindo mais, menor preço terá o producto do vosso trabalho, motivado pela sua abundancia; sendo que o vosso salario se conservará no mesmo, quando muito.

Si, portanto, ha outro responsavel do depreciamento do vosso trabalho, sois vós mesmos, com o vosso esforço ingente e immoderado.

O que quereis, então, contra a vossa situação afflictiva, que sois os proprios a preparar? A sociedade não sabe raciocinar, e vós fazeis parte d'ella. Por que é que não observaes si ha ou não procura na producção da grande industria, com a qual tanto vos occupais?

Toleravel, pois, fóra a greve, não no sentido de pedir augmento de salario, mas diminuição de trabalho. Eis o alvitre prudente, e, por ventura, seguro para a realisação de vossos justos intuitos.

Mas, jamais o podereis tomar, em presença do sentimento tyrannico, que impera em vossas almas, com o nome de—ambição—, e que a civilisação fortifica. Laboraes, assim, n'um erro desastroso, esposando as doutrinas de semelhante economia.

Que importa que não tomeis a dianteira em tal cruzada, quando a applaudis, e compareceis, jubilosos, no theatro de suas calamidades?

Depois—em compensação—si o millionario inventa o superfluo como coisas necessarias, encarrega-se, por sua vez, de esbanjar grande parte do seu invento, e, por conseguinte, de proteger-vos.

Hão de dizer-me, ainda, que, comtudo, sois as victimas principaes. Não opporei formais embargos ao vosso asserto. Mas devo retorquir-vos, insistindo, que nunca tereis razão para, com a—greve,—manifestar o vosso infortunio.

Si, portanto, pretenderdes ser justos; si quizerdes ser sinceros; se tendes coragem; reagi, mas contra a civilisação que caminha, e caminha sempre, mais preoccupada com as reformas das coisas do que com o bem estar da humanidade.

AUGUSTO BRITTO.

FOLHETIM

SUMMARIO—Cumprimentos ao Leitor—Considerações e factos—A festa e a mulher—Observações multiplas—A missa e A. Ravol—O Fontoura, o torneio e o Archimedes—A gloria do Mello Fernandes—O soneto e o premio—O Teixeira e a Arte—Au revoir.

Bom dia e mil venturas, Leitores.

Devo ser extremamente delicado para com quem me atura todos os mezes neste descrever de sensações, resultado de observações dos factos que se vão desenrolando por este mundo de lagrimas mal e bem vertidas na Vida Universal.

Costumo ser, ás vezes, o primeiro e o ultimo e até «prophetas» segundo a penna de um ruidoso critico—philocopho, quando tenho de pintar o quadro vivo de uma diversão que nos leva a alma á evolução necessaria de uma alegria, á manifestação fecundante de um goso que nos mata rapidamente a nostalgia dos bellos ideaes.

Serei agora o ultimo que vem dar-vos a ultima nota alegre da festividade dos Remedios, n'esse arraial pittoresco e brilhante onde a mulher teve a sua acção original da esthetica na corrente historica dos acontecimentos, as mil influencias complexas da plastica e os mil attractivos da belleza e da elegancia, ora como a criança a desabrochar uns risos vagos e tibios da innocencia, ora como a flor criada, em pleno viço, a despedir o aroma ao desenvolvimento da germinação.

Naquellas noites de vida illuminada pela luz da opulenta Lua e do gaz do rispido Mingote, em pleno vigor do enthusiasmo por um acontecimento de ideaes tocantes, eu observei cousas tantas que não posso descrevel-as minuciosamente.

A fibra do meu sentir afinou-se tanto que eu perdi a força quer da Idéa, quer da Razão, estou como um ora lor aristocratimente reservado e medroso.

Lembro-me de alguns trechos bem compostos e bem executados, quer vocal quer instrumentalmente, da magistral Missa do nosso tenor brazileiro A. Ravol, composição que grandemente se manifesta á clareza das percepções do publico illustrado e desapaixonado, sim, composição de um effeito satisfactorio quando se prende attenção ao valor essencial do rythmo que dá um caracter religioso como a moderna Arte exprimiu e modificou.

E procurando voltar a imaginação ao mais da festa tenho agradavelmente o gamenho Fontoura, amigo velho, disputando o premio de elegante ao lado do celebre tenor Archimedes,—dois pombinhos sempre correctos na maneira de trajar.

Nesse combate tumultuoso e bello do torneio de elegancia lamento que fossem esses queridos jovens vencidos, tendo a gloria na grandeza da luta o sympathico Mello Fernandes que, como um meteoro, deslumbrou a fila de solicitantes que corresponderam a tão util quão apreciado certame.

Como todos os vencedores destinados ganhou a gloria immortal do pleito e por isso recebe a sanção feminil de uma poetisa que nos enviou estes bellos versos:

VIBRAÇÕES

(A José Antonio Mello Fernandes.)

Indifferente, altivo, á voz ferina,
A voz do mundo, sceptica,
Ao triumpho da Arte peregrina
Foste entoando uma canção affectica!

Vibraste a nota doce e crystallina
Da lucida Esthetica,
Como um raio caudal de luz divina
Sob a força energica e magnetica!

Inflammado como um sonho de ouro
Na chamma tricoloreca de um thesouro
Foste a fibra do Gosto despertando.

Fulminaste da Forma o transparente
Como o artista que vae descortinando
Os mysterios do Bello humanamente.

ZILA PARDAL.

D'esta bonita producção poetica se deve orgulhar o Mello que vae ter o premio, porque alem de ser bem feita é uma nota viva da escola dos Neo-Lusiadas actuaes.

Tudo, emfim, cheira-me a Arte, essa mulher bella e seductora que contra-balança a influencia directa e poderosa do gosto artistico do nosso estimavel Teixeira, e que o faz ter sempre a palavra frequente e d'uma força tamanha para os freguezes que lhe caem nas unhas com a probabilidade de vestir correctamente á Moda parisiense.

Au revoir.

JULIO DURVAL.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO I | *Maranhão, 30 de Novembro de 1892* | NUMERO 9

REVISTA ELEGANTE

Lyceo de Artes e Officios

Com a alegria natural de filhos do trabalho que não vivem sob a força mesquinha de uma comprehensão rude e de um sentimento antipathico, vimos manifestar socialmente a nossa adhesão e respeito á grande idéa da creação de um Lyceo de Artes e Officios.

Será o primeiro passo eloquente da nossa civilisação para o trabalho esse grande estabelecimento, synthetisará as bellas irradiações de todas as Artes.

Nessa casa de educação e de trabalho terá o nosso povo a primeira intuição solida e robusta do que é o Bem e se relacionará com superioridade á uma cathegoria social mais rica, mais educada e mais ambiciosa.

O pobre que muita vez por falta de ensino e de aproveitamento torna-se indisciplinavel e se subordina ás leis corruptoras de uma sociedade, irá ali ter a educação technica, receber a profissão intelligente, tendo a força da intuição artistica a desenvolver-se e a manifestar-se energica e latente.

A criança que actualmente abraça uma Arte, mas que ainda tem a concepção embryonaria e ainda não pode traduzir a sua idéa inicial, deixa de ser perfeito, quando termina a aprendizagem, porque falta-lhe a cultura scientifica para poder descobrir-lhe os segredos.

Entretanto no Lyceo de Artes e Officios a manifestação do trabalho é igualmente legitima perante a força do estudo e do aproveitamento, teremos o homem artisticamente educado, com a organisação robusta, com a intelligencia clara e lucida a poder comprehender e executar a idéa que se lhe dér para a realisação de uma obra util quer de interesse publico quer de interesse particular.

Nessa faina manual do dia será o homem um perfeito artista a conquistar hora á hora o porvir ideal de uma sociedade que se levanta cheia de vontade e de aspiração.

Como filhos do trabalho perante o qual só procuramos investigar a verdade e justificar o que é legitimamente sincero e util, felicitamos a todas as classes da nossa sociedade que vão ter uma casa de educação, onde o homem vá comprehender a primeira grandeza de um povo civilisado e vá beber a primeira gotta do orvalho do Bem.

CHAPEUS de feltro de côr =inglezes= despachados hoje para a alfaiataria =TEIXEIRA=

A MODA

O FIGURINO COLORIDO DE 3 CASACAS.

(Em exposição no nosso estabelecimento.)

Desde muito que se fazem numerosas tentativas, afim de propagar nas grandes «soirées», o uso da casaca de côr.

Já em Lyon, em duas grandes «soirées», dansantes, houve exemplo disso.

Ainda não podemos garantir o bom exito d'esta alteração na moda, no entanto pressentimos que terão um resultado vantajoso. Empregaremos todos os

a encantadora virtude da piedade enternecida.

Martyrio, reptil fatal, viver para os teus espinhos é sentir a fascinação do Nada, é a covardia e a traição da Vida!

Si te ris do que chora, é que tens perdido o sentimento do Bem e offuscaste com sinistra luz o ideal do Gozo na tua missão de vingador terrivel.

Martyrio, ó angustia infernal, cerca-me, enfim, com a tua cobardia, com a tua traição, inicia-me o teu longo tormento e deixa-me cahir sem lamento, sem lagrimas, prostrado sob a fatalidade da eterna Dor.

P. Bessa.

Musa do reclame

Meu Deus! que moço galante!
Que trajar aprimorado!
Será algum parisiense
Do «Monde Chic» a fora lo?

Será rico embaixador
Da velha Europa guerreira,
Que aqui vem visitar-te,
Bella Athenas Brazileira?

Não, não é; que aquelle frak,
Aquella calça, a gravata,
Fazem lembrar os adornos
Do mais nobre aristocrata!

--Ah! já sei! aquelle moço
E' nosso amigo Pereira,
Que ali vem todo vestido
A Gaspar Pinto Teixeira!

V. Tito.

MAQUINAS de costura "DOMESTIC", vendem-se na alfaiataria—Teixeira.

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

A condescendencia é valioso attestado de conducta que a sensatez apresenta.

A. Burro.

Triolet

Um dia eu disse á Ventura:
—Traze-me a luz dos teus sonhos!
Quero beijar-te a brancura!—
Um dia eu disse á Ventura:
—Bane-me os seres tristonhos
Que a alma tornam-me impura!--
Um dia eu disse á Ventura:
—Traze-me a luz de teus sonhos!

Anedocta

Em um hotel:

Um inglez entra senta-se e diz para o rapaz que ali se achava:

—Bife com «batates».

—Sim senhor, com muito praser.

—Oh! nó, nó, com muito prazer nó, com muites «batates».

Pensamento

O amor é a aspiração santa da parte mais etherea da nossa alma para o desconhecido.

George Sand.

Quadra

Sê feliz, ó bom freguez,
Que vães de nós te ausentar,
E que voltes outra vez
Nova roupa encommendar.

Charadas

XXXVI

1--1-- Respira-se com soffrimento este calor intenso.

XXXVII

1--3--Condemnada ser commum esta forma de governo.

XXXVIII

1--1--2--Oh Deus! Parai que é uma fêra este homem.

XXXIX

Na musica- 1---vestimenta cerimoniosa ---2---personagem biblica

Enigma (pittoresco)

D u u E I E «calça,» «collete,» «paletot.»

Anedocta

Entre um chefe de uma repartição e um trabalhador:

---Está prompto o burro para o trabalho?

---Não senr. Chefe, faltam-lhe as «correias.»

--Ah! eu logo vi que me faltava alguma cousa.

Decifrações

Foram os Senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 8 do nosso jornal:

S. Rego, charada—XXXI—Retrato.
Kelly—charada—XXXII--Rifa.
N. L.—charada---XXXIII---Vianna.
Dr. Zé Priatch, charada--XXXIV---Cajado.
A. M. L., charada—XXXV—Mexerico.

14$000 uma calça de casemira de côr ou preta.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Dezembro futuro:

Em 7, a Exma. Snra. D. Maria Amelia Duarte Socirro, dilecta filha do estimavel negociante José Duarte Socirro;

Em 13, o joven Manoel Ribeiro Lopes da Silva, applicado estudante do Lyceo Maranhense;

Em 31, a Exma. Sra. D. Jesuina Clara Pereira, extremosa filha do Capitão Rogero Augusto Pereira, e o estudo cidadão e habil guarda-livros Rodolpho T. Gomes de Castro.

Acceitem as nossas felicitações.

45$000 um terno de paletot, collete e calça de casemira de côr ou preta.

HORAS THEATRAES

Empreza-Ficarra

Com a exhibição das operettas «A Filha de Madame Angu» e «Sinos de Corneville,» retirou-se para o estado do Ceará a Empreza-Ficarra, promettendo o illustre empresario não esquecer-se d'uma volta ao Maranhão, aonde, si não foi afortunado a medida de seus desejos, não coube d'isto culpabilidade ao nosso publico.

E tanto isto é certo, tanto eram sinceras as sympathias que aqui grangeara, que no espectaculo de despedida da Empreza, que se realisou com o desempenho, pela 3.ª vez, da segunda das operettas citadas, o mesmo publico affluio a elle, não regateando applausos ao beneficiado, o sr. Ficarra.

—Alenta-nos agora a esperança de serem em breve abertas as portas do «S. Luiz,» por qualquer empreza theatral, regularmente organisada.

Robes-de-chambre de cretone encontram-se já promptos no deposito de roupas feitas.

SALA DE VISITA

Os loucos

Tivemos a honra da visita do distincto litterato, o sr. Julio Cesar Leal, para nos offerecer o primeiro fasciculo de um romance instructivo, de sua lavra, cujo nome encima estas linhas.

Do prefacio que lemos com sofreguidão e interesse, verifica-se ser uma obra de muito valor e merito e de utilidade social.

Procura admiravelmente, com conhecimentos e profundo estudo, num estylo engastado em ouro do mais fino quilate, desenvolver uma these modelada nas scientificas observações dos grandes sabios, como que querendo provar exhuberantemente os phenomenos resultantes das lesões do cerebro humano.

Esperamos com anciedade o acabamento das publicações dos outros fasciculos para poder formar o nosso juizo á sua nova producção litteraria, e julgar á luz da critica, do seo vigoroso renascimento mental, si é, como promette, um romancista da moderna escola, que tem a faculdade predominante de observar os aspectos exteriores dos factos com a nitidez, precisão e minudencia verdadeiramente geniaes.

Agradecemos-lhe a fineza da offerta.

CARLOS MARQUES

Fomos honrados com a visita de despedida do talentoso joven Carlos Marques, filho do nosso amigo Commendador Augusto Cesar Marques.

Partindo para a Capital Federal no intuito de formar-se em Engenharia Civil, deixou aqui exuberantes provas do seu talento e aproveitamento nos estudos do Curso de Humanidade.

Desejamos-lhe na nova phase de estudo e de trabalho que vae encetar ganhe os louros que almeja para que possa formar a sua independencia no futuro.

SUSPENSORIOS para calças grande variedade de padrões.

Impresso por João R. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria
—TEIXEIRA—

se desenrolaram as scenas do acto anterior, não apresentam-se tão vivas, mas são mais firmes, mais verdadeiras.

Sonha então menos, exercita-se mais com a imaginação. E'-lhe isto um dever restricto.

Tudo vem a seu tempo: só agora amadureceram-lhe não somente a experiencia como as forças physica e moral. E, somente, agora, portanto, é que, de veras, afronta e supporta os successos superiores,—de maior valimento.

Menos phantasticas são as suas affeições, bem como os seus amores, mormente quando taes sentimentos são continuação d'aquelles que já experimentava durante as scenas das quaes as d'este acto são subsequentes.

Comprehende melhor os encargos a que é submettido, a escabrosidade do caminho que percorre.

Ri menos e chora mais.

Em busca do goso, como desde o começo da acção—na primeira scena do acto 1.º, consegue maior somma de triumphos, mas considera conseguir menos, isto porque, embora vassallo das Illusões, já não lhe dedica preito tão respeitoso, como outr'ora.

Inculca-se de grave e de circumspecto, e, n'um dia, reconhece que o panno descera e novamente subira, exhibindo-o nas scenas do

Acto IV

(VELHICE.)

Tarde sombria. O sol encaminha-se para o occaso.

Apresenta-se o—Desengano—como que pretendendo tudo dominar.

As Illusões tocam em debandada. A imaginação enfraquece, chegando o momento da meditação.

Restropecto das scenas dos actos antecedentes, mais fiel quanto as situações agradaveis. A misade serena, e isolamento.

Seduzido ainda pela Esperança, é surprehendido pelo seguinte

Quadro final

onde (noite fechada) extinguem-se glorias, vaidades, riquezas, amores, sonhos—todo—, e que nada mais vem a ser que o —Tumulo.

AUGUSTO BRITTO.

Chromo

Da tosca e velha casinha
De pindoba bem coberta,
Longe de um monte, sosinha,
Como uma gruta deserta,

Na varanda que está aberta,
Junto á porta da cosinha,
Procopio abraça a Roberta,
—A sua amada «vellinha».

Nesse enleio—alento e goso,
Depois da faina do dia,
D'umas horas trabalhadas,

Chega o compadre Trancoso...
E os vendo nessa harmonia
Desata-se em gargalhadas.

P. BESSA.

Um poeta

A «Cruzada,» em sua edição de 8 do corrente, estereotypando o caracter e a vida de um poeta brazileiro, que se chamou Lobo da Costa, despertou-me a attenção para as paginas do almanak litterario do Rio Grande do Sul, ultimamente publicado, á vista dos conceitos e do juizo externado sobre as producções poeticas do infeliz cultor das musas, que, ainda na efflorescencia da vida, deixou-se arrebatar pelos ventavaes do infortunio.

O artigo de que trato, vazado em estylo terso e em linguagem sentimental, produziu-me no animo a magoa natural de quem se compadece das desgraças alheias, e fez-me ler os versos bem inspirados do poeta, precocemente roubado ao mundo dos vivos.

Os traços biographicos do morto nas primeiras paginas do interessante almanak, suggerem a quem as lê a compaixão e o dó, por ver-se uma existencia que se estiola ao bafejo letal do vicio que corróe, abatendo as forças vivas do cerebro e apagando a luz do genio que o inspira.

Sem pensar nas consequencias dos males physicos e moraes que produz o vicio da embriaguez, Lobo da Costa, como um desses trovadores de esquina de rua, passa a existencia nos desregramentos do alcoolismo que o enerva, deixando, porém, sempre escapar da lyra sonorosa as inspirações espontaneas do estro, que o sagram como poeta de fino quilate.

Era uma lastima vel-o cambaleando pelas ruas da cidade, mal vestido, desasseado, causando profundo pesar a quem o via, entregue quasi sempre ao hediondo vicio do alcool, que o fazia cahir por vezes ao chão, de onde levantava-se envolvido em pó e lama, na inconsciencia estupida da embriaguez fatal!

O amor por uma virgem casta e meiga a quem prestava culto o seu coração de poeta, bem poderia tel-o salvado; mas as conveniencias sociaes antepuzeram-se aos affectos de sua alma apaixonada, e elle perdeu-se de todo na escuridão da noite do vicio, em desaffronta á repulsa que soffrera.

Neste caso bem podemos applicar o dizer de Victor Hugo: «em materia de amor não ha meio termo possivel, porque o amor ou perde ou salva.»

O bohemio, depois de ter chorado por longo tempo todas as dores d'alma nos arroubos de sua inspiração ardente, cai miseravelmente n'um vallo da praça de Santa Cruz, em Pelotas, onde passou a noite sob o rigor do inverno, sendo encontrado morto no dia seguinte por um carroceiro, que levantou-o do chão, compadecido de tanta desventura!

Chatterton, o poeta inglez, sempre infeliz tambem, suicidou-se aos 18 annos, tendo de seu sómente o amor da pobre Kitty Bell!

Limitando-me ao estreito espaço desta «Revista,» apenas posso circumscrever-me ás linhas que ahi ficam como impressão da leitura que fiz das paginas do almanak com relação ao infeliz Lobo da Costa; e, para finalizar estas tiras, do escrinio litterario do poeta destaco, como gemma preciosa de fino lavor, as bem inspiradas oitavas que elle produzia já nos ultimos tempos do declinar da vida.

Leiam-nas e vejam como a naturalidade do estro surge com as cores proprias do sentimento que elle experimentou, ao conhecer no coração já morto a chamma do amor que fel-o infeliz.

NA CELLA

Talvez tu leias meus versos
ao longe, onde quer que estejas,
e nelles, de manso, vejas
uns traços de quem chorou,
como do funebre arbusto
no triste medroso galho
treme uma gotta de orvalho,
depois que a noite passou!

Talvez tu leias e saibas,
do meu infortunio a magoa,
e os olhos bem rasos d'agua
te fiquem, por compaixão,
e procures no silencio
da tua tristonha herdade
abafar uma saudade
que nasce do coração.

Mas, se souberes que a parca
roçou-me a fronte já fria,
uma lagrima sombria
deixa dos olhos rolar...
Mas não fales.. não blasphemes
contra os rigores da sorte,
pois, bem sabes, só a morte
nos podia separar.

—

Combalido por dores acerbas que torturaram-lhe o espirito e a materia, o poeta caracterisou nessas oitavas todo o pungir de sua alma na via dolorosa por que deixou-se arrastar sobre a terra.

E assim finou-se um poeta eximio, sagrado pelo genio da inspiração, mas sempre sob o pezo fatal de todas as desventuras.

CANDIDO COSTA.

Chromo

Prateia o azul do céo a branca lúa,
Marchetado d'estrellas, luminosa;
Qual Desdemona pallida, formosa,
Deixa no mar si ver a face núa...

E o marinheiro audaz rema a falúa,
Uma canção soltando harmoniosa
E em vez de olhar no céo á langorosa
Diva, mira no mar a imagem sua.

Rema e canta o saudoso marinheiro
E o barco vae sulcando mansamente
A' onda que enfurece de repente!...

O remo solta, ao leme o timoneiro...
Dá de quilhas o barco. Vagarosa
S'occulta a lúa em nuvem côr de rosa.

1892 HERDEMA.

O Martyrio

Vejo-o com o seo olhar marmoreo, sangrento e terrivel. Cercou-me ha tanto este reptil fatal com seos estonteados e absolutos espinhos, e completamente tem uma commoção sagaz, indefinivel que me impõe a participar da timidez, do enternecimento e da esperança.

Dá-me as horas negras do sentimento peccaminoso no covil insidioso da tentação, e faz a alma inconsciente fugir-me para a descrença dos sonhos que não mais possue

esforços no sentido de animar este movimento que consideramos como um progresso util á nossa industria e á reputação universal do gosto e elegancia das modas francezas.

Dizem que no «grand-monde,» as senhoras por um egoismo de pura coqueterie, acham que a casaca de cor, não deixa sobresahir o brilho de suas «toilettes» o que não se dá com a casaca preta que torna vistosa a mais modesta matiz das «toilettes» femininas.

Se tal fôsse a verdadeira causa do mau exito, a lucta seria desigual, porque a delicadesa proverbial de nossos elegantes, forçal-os-ia a submetterem-se a uma das mais deploraveis exigencias, cujas consequencias seriam prejudiciaes aos interesses commerciaes da França.

Si se generalisasse a casaca de côr, os negociantes criariam novos tecidos que o estrangeiro havia de procurar, augmentando assim os negocios de exportação. Outros mais auctorisados do que nós, que deffendam esta causa e ganhem este processo entre a «coquetterie» feminina e os nossos elegantes.

A casaca preta será incontestavelmente por muito tempo a «toilette» obrigatoria das grandes cerimonias, das recepções officiaes e actos funebres.

Chamamos portanto a attenção dos nossos amaveis leitores e freguezes para o feitio e côr da fazenda, das tres casacas do nosso figurino «à trois personnages.

(Extr.)

CORTES de cazemira de cores para fatos e calças, padrões novos despachados para a alfaiataria Teixeira.

SALÃO LITTERARIO

Do berço ao tumulo

(Drama em 4 actos e 1 quadro)

Acto I

(INFANCIA)

Risonha surge a aurora.

Paizagens mysteriosas, ora melonhas, ora encantadoras.

Tanta coisa ha para provocar-lhe prazeres e alegrias,—tudo caracterisado por infinitas novidades. Taes delicias são produzidas por successos que em tempos vindoiros serão tidos por nonnadas, mas que agora representam toda a sua aspiração.

Merece compaixão e lastima, por não comprehender a desgraça onde se acha.

Está indefeso, mas, justamente por isto, dispoe de arma valorosa, mui respeitavel. Não acceito os abortos. Esses são encontrados durante todo o desenvolvimento d'este drama; mas não os tomo em linha de conta.

E' indifferente aos males da humanidade. Não tenho, porem, crença firme de que isto constitua um dos seus infortunios; pois, de essencia malevola como é aquella, vacillo si o protogonista, assim procedendo, merece compaixão ou applausos.

Já cheio de apprehensões, apercebe o começo do

Acto II

(MOCIDADE)

Manhã viçosa e louçã.

Sente-se feliz. Gosa e tem aptidão para o goso.

Mais expressivas distingue as paizagens que lhe infundiam terrores.

As flores, cheias de aromas, embalsamam-lhe a alma; as auras trazem-lhe canticos embriagadores; agita-se-lhe a mente, e... ama! E que poema soberbo não constitue por si só o Amor!

Embora sejam agora mais lacerantes, e talvez continuas, as dores que experimenta, não tem saudades legitimas das scenas do acto antecedente.

Apresenta-se-lhe em viço a natureza, e, em viço, conseguintemente, são as suas paixões. Cheio de esperanças, procura não dar pêso aos horrores da realidade, e, em pacto affectuoso com as Illusoes, fabrica as veredas extensas, interminaveis, por onde destacam-se-lhe, distantes, as cores fulgurantes da Felicidade.

Alimenta crenças, porque tem sido pouco enganado; é generoso; e tem coragem, porque não conhece ainda os obstaculos. Vê, em sonhos, a Liberdade, e disperta procurando-a.

Reconhece, a final, que a Felicidade logrou-o sempre, mas como não succedeu o mesmo com a Esperança, entra com esta nas scenas do

Acto III

(VIRILIDADE.)

Vai alto o dia.

As cores das paizagens, ante as quaes

FOLHETIM

SUMMARIO—As felicitações aos Leitores—Assumpto musical e poetico—Considerações á musica franceza—A escola wagneriana—Os wagneristas francezes—A falta de originalidade—O concerto Franco Coppola—A poesia e o P. Bessa—O Chico Teixeira com o reclame—Au revoir.

Eis-me aqui activo e prompto como um fuso. As minhas felicitações, Leitores.

Este meu comprimento é no «diapasão» moderno de «si-natural,» visto que eu vou levar-vos a um assumpto musical e poetico para animar a vossa alma e o vosso sentimento d'Arte, neste viver que nos atrophia e nos obriga a ser lambedores do sal-atico do mundo parisiense.

Eu não sou um musicista ou um poeta que viva da Arte e para a Arte viva, affeiçoado ás suas exigencias multiplas e caprichosissimas e tendo por unico objectivo a Gloria. Não sou não.

Sou apenas um amador do Bello, que vê sempre á luz do Ideal no objecto que contemplou e que ama a musica e a poesia sob um rythmo harmonioso, melodico, sob um poder intenso, de uma vitalidade natural.

E' por isso que eu não gosto da musica franceza que actualmente se compõe pelo simples facto de ser filiada á escola «wagneriana, não tendo em si nada de original e morre ante o bello e o genio de Wagner no seu «Parsifal».

Ora, si o «Parsifal» é modelo de Arte para os «wagneristas francezes, o genio e o bello dos novos compositores wagneristas não são originalmente francezes e sim allemães; são, emfim, os taes senhores uns musicistas sem merito real que fazem atrapalhados musica mais alleman do que os proprios allemães, mas sem a idéa natural, o pensamento inacto do allemão.

Sacrificam uma opera inteira á «trama orchestral», com o fim de tornal-a á umas simples symphonias, e com similhante gosto artistico caem no grave erro de cobrir as vozes dos cantores para que não seja ouvida a phrase dos solistas e dos coristas.

E' a meu ver a tal escola «wagnerista» uma michordia franco-germanica, sem jamais entender-se e que nunca predominará.

Ah! que eu com estas ligeiras considerações á musica franceza ia esquecendo o concerto do Franco Coppola que foi uma festival artistica bem agradavel.

Franco Coppola é um musicista de genio, sabe manejar o sopro habilmente na sua querida flauta, apaixona-se pela musica em meio dos maiores obstaculos.

E' um gosto ouvil-o, tem a faculdade de conservar o estro, o calor, o delirio musical, quando executa um trecho, tal como o—Lilio—de Hugues.

Rayol e Domini coadjuvaram-no de maneira sympathica e irreprehensivel, cantaram com talento e arte as romanzas—Non é vero e Don Carlo—.

Foi uma noite cheia de encanto e poesia.

E' verdade, por fallar em poesia quero ser-vos sympathico e correcto universalmente fallando, vou transcrever abaixo uma nova producção do delicado author das—Rimas—que incansavelmente ainda faz vibrar a lyra:

SCINTILLAÇÕES.

Olhar de luz caudal, encandecente,
De uma opulenta e limpida utopia,
Tres vezes mil o Bello se irradia
Ante a tua viveza transcendente!

Olhar subtil, astral, resplandecente,
Da trisublime luz da phantasia,
Levas minh'alma á languida atonia
Por um sereno lago transparente!

Levas-me o ser a sonorosos mares
Onde navegam sideraes sonhares
Sobre o crespo da vaga tricolor;

Levas-me a vida ao fim d'uma ventura,
Onde o ephemero amor se transfigura
No mais eterno e sublimado amor!

P. BESSA.

Feliz do ente amado á quem o nosso poeta canta com tanto calor e mimo, provavelmente não é um ser vivente cá na terra, é um astro que vive, sem peccados, pelo espaço azul.

E' uma boa producção e como tal deu-m'a o nosso amavel Chico Teixeira que filou-a do bolso do poeta para pregar-lhe esta peça que é um crime de lesa—confiança.

O poeta que o desculpe, pois que o nosso gerente está no seu elemento de reclamista, procurando com a sua elegante «Revista» agradar e manter firmes nos seus postos os freguezes que o procuram com o fim de trajar correctamente. Au revoir.

JULIO DURVAL.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO I | *Maranhão, 31 de Dezembro de 1892* | NUMERO 10

REVISTA ELEGANTE

O Novo Anno.

Eis-nos no ultimo dia do anno de 1892, com a felicidade de possuirmos a mesma magnifica florescencia do Amor, a mesma vitalidade intensa do Instincto, o mesmo jogo admiravel das energias Physicas e a mesma vehemencia e viveza da Mentalidade pela magestosa Arte.

Temos a nota da sinceridade no que somos e a aspiração da justiça no que tencionamos ser.

Irresistivelmente o nosso espirito está contemplativo ante as duas phases da vida que se nos apparecem —o Passado e o Futuro.

A' primeira já nos subordinamos á sua lei suprema com o equilibrio e a harmonia de nossas forças, já vencemos a onda de todos os seus sentimentos mais intimos, procurando trazer o nosso batel, como o sabio navegador, sempre livre do mar tempestuoso e ingrato, onde o espirito humano vê-se alanceado por tantas contrariedades, por tantas duvidas e por tantas desventuras.

A' segunda, como os batalhadores temerarios e impetuosos, vamos tentar bater com a nossa alavanca na sua fortaleza mysteriosa para ver si poderemos descobrir os seus segredos, si poderemos vencer o impeto requintado de seus sentimentos e si absolutamente ganharemos, á compensação de nosso esforço, a ventura de sermos uteis a nós mesmo e aos que nos cercam sempre com o riso expansivo da Amizade.

O nosso espirito se exalta e se encanta ao primeiro adejo do Novo Anno [illegible] azulado e quieto tremular das azas do Acaso, e, como um crente avido [illegible] consagrata na orla carmisim do horisonte á aurora da vida, a ver se consegueremos desenvolver o nosso gosto artistico na luta do Trabalho.

O dia de hoje, emfim, que já é o Passado e o dia de amanhã que é o Futuro, trazem-nos uma saudosa recordação e uma attenta curiosidade do que fomos e do quaseremos como artistas perante o amor do Bello e as sublimes irradiações da Arte.

A MODA

O grande figurino colorido "á 8 personages"

Em exposição no nosso estabelecimento

A' excepção dos dois paletots, todas as outras roupas se distinguem por um comprimento, ao qual não estamos acostumados. O alfaiate póde não ficar satisfeito com este augmento; mas na la podemos fazer; a moda tem exigencias, ás quaes é preciso submetter-se. Alem de que, ha n'estas grandes alterações, uma compensação vantajosa para elle, que é pela critica, ridicularisando o *costume* antigo, obrigar o freguez elegante a renovar uma parte de seu guarda-roupa.

Habituamo-nos portanto a todos os exageros da moda e fazemos todo o possivel para dar aos feitios mais extravagantes este *cachet* de bom gosto que faz a reputação do verdadeiro alfaiate.

E sem mais alteração ao que temos dito nas chronicas passadas, terminamos a presente, pedindo ao amavel freguez e leitor, toda a sua attenção para o nosso grande figurino da presente estação.

(Extr.)

NOVAS cazemiras para fatos e calças, pretas e de cores, despachadas n'esta semana.

Pensamento

Um homem de espirito tem o direito de dizer tolices; um imbecil tem o dever.

Num tumulo

Morrer-se na flor dos annos,
Meo Deos, que fatalidade!
.....
Oh morte—occaso da vida,
—Aurora da eternidade.

J. C. MONTEIRO.

Anedocta

Sabes que partiram cinco barbadinhos para catechisar dous mil indios antropophagos?

—Coitados! tenho pena delles, disse um comilão.

—De quem? dos barbadinhos?

—Não! dos indios... Só cinco frades para duas mil boccas!

Quadra

Vem, criança, feliz gozar comigo,
Neste throno de relva que a natura
Dotára de verdor e de frescura,
—Dos carinhos d'amor d'um peito amigo.

N. L.

Pensamento

O maior sacrilegio de um padre é insultar o auditorio que o escuta.

VOLTAIRE.

Triolet

Que venha sempre contente
O freguez nos procurar,
Embora seja exigente
Que venha sempre contente
O bom gosto ha de encontrar
Pela Moda mais recente,
Que venha sempre contente
O freguez nos procurar.

Charadas

L

Suspenda de vagar o peso—1—2.

LI

Aqui na America a mulher é uma flor—1—1—2.

LII

O tempo deslisa-se quotidianamente—2—2.

LIII

A sorte do dengoso é rescendente—2—2.

LIV

A musica é projectil do artista—2—2.

LV

Em Belem representa a mulher—2—2.

LVI

No palacio para uma posse reverenciada em Roma—2—2.

Quadra

Com mil venturas os Annos
Rafejem sempre o freguez,
Que gose a vida entre enganos
Como uma prenda de Reis.

Anedocta

Entre dos estudantes:

—E' para admirar como o telegrapho transmitta com tanta rapidez qualquer recado ou pedido!

—Pois olha, eu não acho.

—Ora essa, porque?

Porque ha mais de um mez mandei um telegramma a meo tio pedindo-lhe 20$ e até agora não recebi real.

Interessante

Carta de um estudante em Pariz a uma visinha:

«Formosa visinha. —Não tenho na minha casa nem chaminé, nem brazeiro. Se a visinha não quer que eu morra gelado, appareça um bocadinho á janella. Está um frio diabolico e não recebo em casa outro calor que não seja o do seo olhar.»

A resposta não se fez esperar muito:

«Illm. sr.—Lá sua carta a meo marido, e este, compadecido da sua situação, irá brevemente á sua casa para lhe aquecer as costellas.»

Decifrações

Foram os srs. abaixo que decifraram as charadas e o enigma do n.º 9 do nosso jornal:

K. Peta—charada—XXXVI—Ardor.

Dr. Tom Tim—charada—XXXVII—Republica.

Paschoal—charada—XXXVIII—Pantalião.

Herdema—charada—XXXIX—Rebeca.

K. Peta—enigma—Deus é grande e eterno.

CHAPEUS de feltro pretos a chegar no proximo paquete da Europa.

HYGH-LIFE

Fazem annos em Janeiro vindouro:

Em 1.º, o nosso prestimoso e distincto amigo sr. Commendador Augusto Cesar Marques;

Em 2, a exma. sra. d. Mathilde Ribeiro, digna irmã dos estimaveis cavalheiros João e José Pedro Ribeiro; afagando no mesmo dia as doces auras de uma primeira primavera a linda e interessante menina Eloah, filha de nosso amigo Augusto Britto;

Em 3, a exma. sra. d. Leontina Gabriela da Cunha;

Em 15, o estudioso joven Carlos Augusto Marques, filho do nosso amigo sr. Commendador Augusto Marques;

Em 17, a exma. sra. d. Adelaide Bessa, digna irmã do nosso infatigavel redactor e amigo Pacifico Bessa;

Em 19, a exma. sra. d. Luiza Adelia de Oliveira e Souza, e o interessante menino Domingos, filho do estimavel cidadão Alfredo Gonçalves dos Santos Silva;

Em 26, o nosso estimado proprietario desta Alfaiataria Gaspar Pinto Teixeira;

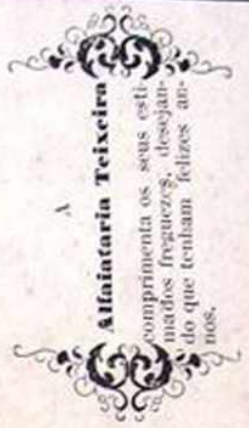
Em 27, a exma. sra. d. Maria Leopoldina Cavalcante;

Em 28, a exma. sra. d. Rosa Evarinta Pereira, presada irmã do sr. Capitão Rogero A. Pereira;

Em 29, a exma. sra. d. Maria Luiza Cavalcante d'Almeida, digna e presada sogra dos nossos amigos Augusto Britto e major Arthur Pereira.

Acceitem as nossas felicitações.

FATOS de cazemira de cores e pretas, brim perolo e de cores, para meninos.



EXPEDIENTE

Exposição

Como resolvemos fazer algumas reformas de utilidade em todas as secções de trabalho da nossa Alfaiataria, convidamos os nossos estimados freguezes a virem visital-a no dia 2 de janeiro proximo futuro.

Em exposição como se ha de achar o nosso estabelecimento, dará lugar aos que nos derem a honra de uma visita, conhecer o nosso adiantamento, o nosso não pequeno interesse em procurarmos ter uma casa de trabalho digna dos creditos de que gosa a sociedade maranhense.

Esperamos que o nosso esforço e o convite que alegremente fazemos sejam aceitos e coroados do melhor exito por todos os que nos honram com a sua amisade e nos dispensam illimitada confiança.

CATALOGO

Será hoje distribuido com a nossa Revista Elegante o Catalogo de preços de todas as obras da nossa acreditada Alfaiataria, que servirá para o anno de 1866.

Tem o nosso Catalogo um fim muito util —é servir de guia para o nosso freguez que não quizer dar-se ao trabalho de vir a nossa casa, verificar tudo o que ha de melhor nos nossos depositos de fazendas e roupas feitas e por elle pedir o que desejar e lhe convier.

E' um trabalho que reputamos perfeito, já pela facilidade de dar a conhecer ao freguez o que possuimos e já pela vontade de ampliarmos o nosso esforço de bem servir aos que nos ajudam na espinhosa tarefa da vida.

RESPOSTA

Ao sr. Julio C. Amavel Rodrigues.

—Não podemos servil-o no que nos pede em sua carta, simplesmente por não ter vindo esta datada, dando-nos a conhecer o lugar onde s. s. reside.

Faça-nos sciente da sua moradia que será promptamente servido em tudo o que nos pedir, *menos dinheiro*.

GRANDE reducção de preços em todas as obras feitas de saltos de cazemira pretas ou de cores.

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria TEIXEIRA

A Caridade

Eu vi-a deslumbrante um dia de esplendor,
Um dia que chorava
A murmurosa vaga inconstante do mar
Que alcançar de um seo carinho afeito em tanta dor,
Afeito se lançava
A's plantas do rochedo—o sceptico seu lar.

Eu vi-a num vergel tão bôa, divinisante,
Como a doce carícia em labios innocente,
Sorrindo pueril ao triste passarinho
Que a sombra d'um arbusto
As azas tremulava abrigar um ninho,
Vivia de amor, fugindo do orgulho,
Como se fosse um réo que crime de honestidade
Que quer da vida a luz e fura a luz da vida.

Eu vi-a mais de perto,
Alegre como o Amor
Que anda a dor captivo nos braços d'harmonia,
Como uma estrella erguida ao silencio deserto,
Brilhar ao como rosa e bella de uma flôr,
A coma que guardava as lagrimas do dia.

Eu vi-a á noite, só, na trova da choupana
D'um rude velho, amigo, um rude jardineiro,
Nascida para a dor da sorte desmanaza,
A sorte que roubara o seu amor primeiro,
Tão santa de vantade e grande de doçura,
Chegada ao leito, ao velho e junto ao travesseiro
Lembrando a vida, o sonho e o fel d'uma amargura,
O fel bocado em sangue,
Que pôe qu'alma ardente, allucinada, evangue,
E nos aperta,estas, eterna sepultura.

. .

Ah! com a entrora eu vejo-a ao rir das alvoradas
Dos anjos de carinho que formam legiões,
Prendidas sobre o ar em magnetoso laço,
Nas iris reclinadas,
E quando o sol cansa o seu primeiro passo,
Lembrando para o mundo a langida pupilla,
Que mais e mais retilla,
Sob a curva alcal das novas illusões!

E' que, do céo a filha, a filha mais dilecta,
Pra quem a luz divina inteira se projecta,
A impercavel janela azul da immensidade,
Toda de gloria cheia altiva, deslumbrante,
De Deus a maravilha—a sombra fascinante,
E's tu, sagrado Bem—bendicta Caridade.

1892 P. Bessa.

O lenço

Não é uma historia tenebrosa e tragica a que vou contar-te, mas uma historia de lagrimas que observo todos os dias desde o despontar da aurora ao cahir da noite.

Lembra-te daquelle lenço que cahiu-te da alvissima e pequenina mão no mosaico da Capella, n'aquella noite em que vinhas de beijar a santa de teu nome? Eu o tenho, eu o possuo, e cheio de alegria rendo-lhe submisso um culto sublime, como uma reliquia pura do teu profundo amor.

E' branco, tão branco como as espumas dos insondaveis mares, tem umas listas azues em forma de quadros para contemplar-te o rosto lindo que n'elle apparece ao centro com o brilhar de teus olhares divinos—estrellas que me allumiam sempre nos meus sonhos de esperanças, nas minhas scismas de amor sob uma opulencia deslumbradora!

E' branco, tão branco como os cysnes que passam pelos azulados espaços em noite de luar. Eu o tenho, eu o possuo, cheio de legitimas aspirações para dar mais realce ao grande poema do meu timido amor.

E' uma loucura talvez, em possuil-o. Mas, perdoa-me, porque é elle o balsamo de uma historia de lagrimas, uma historia intima que indica-te o sagrado incendio de uma paixão no meu peito de incansavel sonhador!

E' branco, tão branco como o arminho das vestes soberanas, tem o perfume aristocratico da camelia para dar-me a ostentação em tel-o sempre junto aos meus labios que constante balbuciam o teu nome que está bordado n'uma das pontas suas.

E' o terminar da alegria para o começar da dor o teu lenço, o branco lenço que possuo e tenho como uma reliquia pura do teu profundo amor!

E' branco, tão branco como o symbolo da Paz que transparece no teu ethereo e fascinante vulto, por quem suspiro e soffro, por quem delirio e choro, na vibratilidade de impressões sublimes, quando no meu silencio de sonhador procuro um refugio caro para livrar-me da influencia desalenhosa de uma paixão insaciavel.

Ah! si suspiro e soffro por ti, que és o meu encanto, a minha vida sob aspectos differentissimos, ellé o branco lenço teu, dá-me o antidoto para aliviar as dores do veneno dos teus olhares. Mas ah! si delirio e choro de saudade por ti, minha fortuna, minha reliquia pura, então o lenço, o branco lenço teu é pequenino para enxugar as lagrimas que verto desde o despontar da aurora ao cahir da noite.

P. BESSA.

29 de Setembro

Minha mãi, minha mãi, perdi-te inda creança
Na aurora do viver, na manhã de illusões;
Brilhava no meu céo estrella de esperança,
Pulsavam no meu peito as santas affeições.

Perdi-te. Um dia veio, um dia negro, escuro,
E vi-te morta, morta, inerte, regelada;
Sombria escureceu-me a senda do futuro,
Sem guia, só fiquei, ó mai idolatrada!

E agora que da vida acerbo soffrimento
A mente me tortura em agro pensamento
E sinto que me morre a sede do viver:

Quizera junto a ti dormir o somno eterno,
Andorinha a fugir dos gelos d'este inverno,
Minha alma em desespero almeja só morrer.

. .

Conto

As ondas enrolam-se no branco lençol de areia que limita o mar, a espuma fluctua ligeiramente por sobre o azul das aguas.

E' tarde; a claridade da lua vem mansamente coando-se por entre as nuvens amontoadas.

E alem, muito alem, se diviza um fragil lenho de enfunadas velas sulcando docemente as ondas que vêm desmaiar na praia.

Sopra o vento, o mar agita-se, a lua occulta-se, a tempestade então desaba envolvendo o oceano em um negro manto de raios e trovões.

O espectaculo é tenebroso...O batel naufraga!...E' horrivel.

Pois bem, Alzira, não vês! Eu sou esse mar encapellado que ti devora, e tu és esse batel de enfunadas velas que naufraga.

R. Tremblave.

Festas

a uma menina de nove annos

Néné, criança innocente,
Mimoso lyrio em botão,
Tembalam suavemente
Os beijos da viração.

Estás na quadra infantil
—Aurora d'adolescencia;
Oh flôr, conserva no hastil
O teu perfume—a innocencia.

. . . . . .

Qu'eu sou—cypreste que chora,
Junto a ti—lyrio a sorrir:
Crepusculo—cantando a Aurora,
Passado—olhando o Porvir.

Julio Cicero Monteiro.

Arrufos

(Imitação)

—E's ainda criança,—está bem visto!
—Uma pequena flôr—muito crestada!...
—Já me tens captivo—só, mais nada?
—Do amor por ti, sinha!—Estou por isto.

—Não queres então crêr?—Eu que me importa!
—Não digas isso, flôr!—Inda mais esta!...
—D'esse angelico riso—temos festa...
—Apenas é que eu vivo.—Em linha torta.

—Meu unico destino—continúa?...
—E' ser teu escravo,—eternamente!...
—Te ter por minha esposa-é quarto a lua?!

—Bem juntinho de ti ser,—imprudente...
—Como os anjos—feliz!...—Asneira sua...
—Adeus, sinhá!—Boa noite; felizmente!...

N. L.

CHAPEUS de feltro, de côres, especiaes para homens e meninos.

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

A vaidade é, pelo fundo e pela forma, uma paixão envolta no ridiculo e frivolidades, mas não deixa tambem de ser um elemento poderoso da actividade e do desenvolvimento sociaes.

A. Britto.

Triolet

Que o freguez gose ventura
No anno novo a surgir,
Numa vida rosea e pura
Que o freguez gose ventura,
E possa o goso expandir
P'ra as bellezas da Natura,
Que o freguez gose ventura
No anno novo a surgir.

SALÃO LITTERARIO

Falsas premissas

«Em circumstancias extraordinarias de dedicação, suicidou-se em Lisboa uma senhora nova, rica e formosa, que tendo seu marido gravemente doente, e sabendo que ia perdel-o, se não podia conformar com tal sorte, precipitando-se, allucinada, d'uma janella á rua. Teve morte quasi instantanea.»

A noticia supra, que ha dias li n'um dos jornaes diarios d'esta cidade, deteve-me nas seguintes considerações:

A moral theologica, que vê sempre n'um suicida um criminoso irremissivel, que teria decidido a respeito?

Si essa senhora, precipitou-se—allucinada—(como diz a noticia a que me refiro) d'uma janella abaixo, como consideral-a criminosa, indigna de ser acolhida no seio da Bemaventurança (?)?

A dor que experimentara, perturbou-lhe a razão, não tendo ella consciencia do que fez: não sendo, portanto, responsavel pelo acto que praticou. Não póde tal moral, quem ou o quer que seja, consideral-a responsavel, quando o seu estado era todo de irresponsabilidade.

A grande lei de conservação individual não teve forças bastantes para moderar a sua dor, para impedir que a sua razão se perturbasse. Eis tudo. Mas onde o seu crime?

Por outro lado, o acto que praticara será uma prova inconcussa de sua—extraordinaria dedicação—ao seu marido?

Talvez que o fosse, mas tambem pode não ter sido tanto assim.

Si convirmos que ella se achava em estado de allucinação, quando praticou o acto que a todos consternou e penalisou, não poderemos, d'ahi, fazer deducção para a segurança de sua—dedicação extraordinaria—, visto ser crivel que no seu estado normal—firme em suas idéas, em seus raciocinios—não houvera por tal modo procedido.

Não ha fundamento logico em conceber-se uma dor intensa, dilacerante, enorme, que ella experimentara, tanto quanto bastante—assim—para demonstrar a—sua extraordinaria dedicação. Não nego a hypothese; mas, tambem, não a tenho como elemento valioso para tal deducção; pois que devemos admittir o caso de fraqueza do seu espirito,—que este não fosse ou mesmo não estivesse preparado para suportar a dôr que lhe assomara. Poderia ter isto dependido de mais ou menos coragem de sua parte, como vemos a cada passo, no modo tão diversificado, porque, a humanidade encara os perigos que lhe cercam.

Consequintemente, poderia bem ter sido ella simplesmente uma victima, não ha duvida que de sua dedicação,—dedicação, porem, que terá sido igual a muitas outras, que não tenham trazido desfecho tão desastroso,—mas tambem victima da debilidade do seu espirito.

Em todo o caso, não foi ella uma criminosa.

Dando remate á sua existencia, não foi a isto impellida por movel algum abjecto, nem prestou obediencia, pelo menos ás escancaras, á suprema lei do interesse. Era rica, moça e formosa. Tres predicados possuia, de subido valimento, para lhe trazerem a Esperança, e com a Esperança mitigar ella a dor acerba, da separação d'um ente que tanto amava.

Nem fugio á vergonha, ao opprobrio, á execração publica,—á difficuldades de existencia. Não lhe poderão accusar de tal cobardia.

Teria amado com excesso?

E, sendo assim, constituirá crime o amor demasiado?

Mas eu não conheço traçado de limites ás effusões de estima.

A sublimidade do amor está em toda a sua extensão—nos actos extraordinarios que praticar.

Para um amor assim—puro e immaculado—com melhor fundamento deveria haver premios, que punição.

Mas, nada d'isto attendem.

Ou fallam os Srs. legisladores civis ou theologos, imaginam sempre um estado perfeito de integridade e de sanidade em todas as numerosas partes do cerebro e dos orgãos de innervação, exigindo, assim, no homem, um procedimento uniforme, correcto, invariavel.

Não admittem objecções.

Exigem o que convencionaram, como lei fundamental, irrevogavel, inalteravel. Procedem exactamente como o facultativo que mandasse applicar açoites n'um pobre ser humano, pelo facto de estar ou ter estado enfermo! Quem te mandou adoecer, ente indigno? Isto te servirá de emenda, ou de exemplo aos teus irmãos.

Pobre humanidade! Os teus intuitos benignos não resarcem as injustiças que os teus erros te fazem commetter. Apenas, muito imperfeitamente, apercebes as cores produzidas pelo Sabio Pintor, e queres já firmar regras, jactanciosa, para a grande esthetica, na creação, disposição e colorido de quadros maravilhosos!

AUGUSTO BRITTO.

FOLHETIM

SUMMARIO—Felicidades ao Leitor.—A vida e o meu sentir.—A doutrina "Illudica"—Sir John Lubbock e a felicidade de viver.—O sabio mestre.—Os "nirvanistas" e o Fontoura.—A natureza particularmente cantada.—O Cláco Teixeira e o "Idolismo"—Ao revoir.

Amavel Leitor, antes que eu veja o ultimo raio do sol deste anno e os primeiros lampejos da aurora do anno a surgir, venho desejar-vos mil felicidades na espera e cubica da tarefa da Vida.

A vida para mim é um ideal sublime, nunca aborreço-a porque sou muito forte e muito insaciavel no meu modo de sentir.

Ha por ahi espiritos fracos, annique'ados por um pessimismo contrario submettidos a lei illusoria do allucinamento *Idolico* que acel am na vida, não o *goso de viver*, mas, unicamente, o desinteresse de tudo o que é sensivel á tranquillidade beatifica do *não ser*.

Eu considero-me mais feliz que esses *nirvanistas* artificiaes que temem a Morte; sou e serei um apaixonado eterno dos phenomenos da Vida que embriagam-me de illusão a alma, mesmo na encruzilhada dos caminhos do Nada.

Confessando-me um crente admirador dos dominios da Natureza, sou um dos adeptos mais consolaveis da doutrina de Sir John Lubbock, o eminente sabio inglez, que acaba de publicar—Pleasures Of Life—obra em dois volumes.

A felicidade de viver—que é naturalmente o assumpto de mim a predilecção, fez-me perceber a habilidade assombrosa de Sir John Lubbock como um grande escriptor inglez que nos anima a contemplar as bellezas da Natureza e procurar o *goso do viver* entre as mysteriosas conjecturas do nosso Destino.

Ensina-nos a amar a Vida, a perscrutar alegremente os segredos de Deus para termos a nossa alma cheia de compensações, embora tenhamos nessa tarefa alguns momentos do sopro deleterio das tempestades do Infortunio.

E' um espirito de aspecto physico e moral extraordinariamente elevado, roleia-o num mundo maravilhosamente bello, cheio de ambição, de amor, de saúde e de arte; erguido a uma altura superior vê o Universo requissimo de felicidades.

E como eu, encontro no meu velho amigo Fontoura, um dos mais ferrenhos admiradores de Sir John Lubbock.

Fontoura é um eterno *dilettante* da Vida, não tem o espirito fraco dos *nirvanistas* contemporaneos.

Tem do Nada até no contemplar as tarjas negras de uma carta de convite de enterro de qualquer mortal.

E' um espirito forte que sempre trabalha na sublime obra da vida.

Eu o tenho em conta como um dos sectarios valentes dessa caravana e é o motivo porque pedi ao nosso delicado autor das Rimas para offerecer-lhe este bom soneto:

Renovo

A JOÃO FONTOURA

Um Cisne de luz o sol ardente troca
do anno a surgir pontal no bello firmamento,
o mar cantando vem a praia terno enlaça,
em sonoro folgar, morrendo o seu lamento.

Da prodiga floresta a cabelleira espera
renova-se o primor num leve movimento,
o sopro da manhã suave que perpassa
traz um leve sonhar, um novo sentimento.

A Natureza assim nos dá outra existencia,
onde iremos o amor buscar em toda ardencia,
em troca do pezar funesto do passado;

nos dá novo sentir num iris de chimera,
onde corre-nos a alma em sonho matisado
entre perfumes mil de rosea primavera.

P. ROSA.

Estes versos a meu ver, exprimem todo sentir aprazivel e consolador de uma alma que vive para a Vida, que reconforta-se ante as sublimes paizagens e as grandes maravilhas da natureza, tem a consciencia sem remorsos, sem a tendencia funesta para o Tedio.

E' uma alma contemplativa e forte que busca embora com trabalho o *goso de viver*.

Só o nosso Cláco Teixeira que é um *nirvanista* de marca *tenz*, porque não acredita que a existencia seja uma sublime herança, mas acredita no *idolismo* do reclame para attrahir o freguez ao *goso de trejar*.

Mas eu hei de transformal-o em crente, embora seja-me preciso leval-o ás paragens e á Vida Oriental.

Ao revoir

JULIO DUBVAL.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO II | *Maranhão, 31 de Janeiro de 1893* | NUMERO 11

REVISTA ELEGANTE

A nossa tarefa

Incontestavelmente somos nós uns lutadores fanaticos do progresso nas altas regiões da moderna Arte.

Eis a nossa missão inspiradora, a nossa tarefa heroica nas diversas formas da vida que abraçamos.

Sempre que nos accorda o coração cantando o hymno do trabalho, nos submettemos ás mil influencias da vontade como homens capazes de acção e de um só amor, surdos ás vozes dos que nos querem contradizer, dos que nos procuram censurar com o fim de obedecerem o capricho da sua sensibilidade.

Tomados de coragem vamos agravelmente seguindo uma por uma as exigencias requintadas da civilisação na Arte com a satisfação da vida moral.

O nosso pensamento prende-se á corrente impetuosa e imparcial da verdade, porque almejamos e queremos ser sincero no trabalhoso desejo de bem servir aos que nos animam com a sua confiança e aos que nos ajudam a progredir ante a moderna Arte.

Na evolução do adorado progresso o nosso espirito arcando com alguns obstaculos procura ampliar a vontade desinteressada para o que é enormemente bom e para o que é naturalmente util.

Seguindo assim passo a passo o abençoado vulto da Arte pelos caminhos limpidos do progresso, contemplamos a cada instante que se nos offerece e que se nos é dado, o colorido da vontade, a variedade do gosto, o brilhantismo da concepção e a graça, a correcção e a harmonia do sentir.

Robustecidos por uma força superior que nos faz exercer amplamente todas as faculdades do bom artista, só desejamos que nos abrigue a sinceridade da amisade e da confiança dos que nos acharem capazes de cumprir o nosso dever.

Eis, finalmente, a nossa ardua tarefa que nos obriga a lutar dia a dia para vencer todas as dificuldades da vida.

NOVA REMESSA—de chapeos de feltro—pretos e de cores para homens—despachou-se para a alfaiataria —**Teixeira.**—

A MODA

Devido a grandes afazeres que temos tido ultimamente, não podemos traduzir o artigo com relação a "Moda" para este numero. Pedimos, portanto, aos nossos freguezes e amigos, desculpa pela falta.

A gerencia.

MAQUINAS DE COSTURA "DOMESTIC"—para serem movidas á mão e pés e só para mao ou pés—verdadeiras—só se encontram no grande deposito da alfaiataria Teixeira.

SALÃO LITTERARIO

A moda

Obedece a **Moda** a um principio legitimo, natural e reconhecidamente necessario.

Leque celebre

A Patti tem um leque, em que, quasi todos os soberanos da Europa tem escripto. São as seguintes as inscripções:

«Não ha nada tão calmante como o seu canto»—Cezar da Russia.

«Ao rouxinol de todos os tempos»—Imperador da Allemanha.

«A uma hespanhola, de uma rainha que se orgulha de a contar entre as suas subditas» —Rainha Christina de Hespanha.

«Se o rei Lear teve razão em dizer que uma voz suave é um dom precioso n'uma mulher, a minha querida Adelina é, de todas as mulheres, a mais rica.»—Rainha Victoria da Inglaterra.

No meio do leque estão as seguintes palavras:

«Rainha do canto, offereço-lhe as minhas saudações.»—A. Thiers, presidente da Republica Franceza.

Quadra

D'este zephiro brando que bafeja
O perfume suave d'essa trança,
Do doce suspirar d'uma esperança
D'um peito onde o amor, cresce e viceja!

N. L.

Anedocta

A' mesa:

Um convidado desastrado quebra um copo.

—Que infelicidade, mamã, exclama Bébé, filho da dona da casa, foi o copo que a mamã pedio emprestado á visinha.

Triolet

Si soubesses, Ramos, quanto
Mal te fica esse *costume*
Te mergulhavas no pranto,
Si soubesses, Ramos, quanto.
E livravas com ciume
O teu corpo do *quebranto*,
Si soubesses, Ramos, quanto
Mal te fica esse *costume*.

Sentenças de Salomão

—A igualdade para muitos consiste em considerar-se iguaes aos que estão acima delles e superiores aos que lhes estão em baixo.

—A coragem vale tanto como o chloro em tempo de epidemia.

Quadra

Nas corridas lá do Prado
Uma moça me beijou
Fez me o labio tão corado
Que meu corpo se quebrou.

P.

A princeza Sybilla.

Roberto, duque da Normandia, filho de Guilherme o conquistador, foi ferido por uma flecha envenenada.—Os medicos declararam-lhe que elle não podia curar-se sem fazer chupar a ferida.—«Morrerei exclamou elle, pois não serei tão cruel e injusto, que exponha alguem á morrer por mim.»

A princeza Sybilla, sua mulher, aproveitando-se da occasião em que elle dormia, chupou a ferida e perdeu a vida salvando a do seu marido.

Que amor!!?

J. L.

Charadas

I

Na musica—1—e na familia—2—está na mesa.

II

Para descanço corre este nome—2—2.

III

Este Estado—2—fia—2—na rosca.

IV

Sem companheiro—1—não guarda silencio—2—na Africa.

V

Este animal—1—este instrumento—1—nas cidades.

LIV (*)

A missiva é projectil do artista—2—2.

LV

Em Belem representa a mulher—1—2.

Tableau

Tu choras, minha Pulú
Quem te fez tamanho mal?
Por quem, emfim, choras tu?
—Não se importe, seu Lulú,
Saber de tudo o real!—
Mas teu pranto me commove,
Minha vida, minha flor,
Quando dos olhos te chove!
—Quer saber? pois é amor,
E' saudade do Amaral!—

Decifrações

Foram os srs. abaixo que decifraram as charadas e o enigma do n. 10 do nosso jornal:

Dr. Moraes—charada—L—Talento.
K. Peta—charada—LI—Camelia.
Dr. Tom Tim—charada—LII—Diario.
D. João Gomes—charada—LIII—Sinamomo.

(*) Repetem-se estas duas charadas por terem sahido erradas, o que não deu lugar a que fossem decifradas.

Quanto a charada LVI é *Palatua*, visto que não achou quem a decifrasse por ser realmente muito dificil.

CATALOGO DE PREÇOS—distribue-se gratuitamente na alfaiataria Teixeira.

HYGH-LIFE

Fazem annos em fevereiro proximo:

Em 8, o nosso prestimoso amigo cidadão coronel Alexandre Collares Moreira Junior.

Em 11, o cidadão Augusto Rodrigues, habil Guarda-Livros da Companhia Fluvial Maranhense;

Em 21, o cidadão Guilherme Alexandre d'Almeida;

Em 22, a interessante menina Rozanyra, dilecta filha do estimado negociante Joaquim Alves Junior;

Em [illegible] a Exma. Senra. D. Anna Othilia de Almeida Jansen Ferreira, virtuosa esposa do Dr. Manoel J. Ferreira, e o menino Antonio Paes de Almeida, digno filho do Senr. Luiz Antonio d'Almeida;

Em 26, a Exma. Senra. D. Esmeralda Marques, presada filha do nosso prestimoso amigo Augusto Cesar Marques;

Em 28, o cidadão José Romeu, nossa activo empregado de escriptorio.

Acceitem as nossas felicitações.

GRAVATAS DE SEDA OU DE FUSTÃO—Grande sortimento na alfaiataria Teixeira.

EXPEDIENTE

Prado Maranhense

Os estimaveis cavalheiros que se poseram á frente d'esta associação, venceram todas as difficuldades oppostas aos seus designios. Está o *Prado Maranhense* já funccionando, havendo realisado a sua estréa, com satisfação geral, no dia 8 do mez que hoje finda.

E', certamente, o *Prado* um agradavel entretenimento do nosso publico, e para onde todos se dirigem, sem plano algum de maledicencia ou outro qualquer condemnavel, mas de justa tentativa ao aniquilamento do tedio e da fadiga.

E, apesar da difficuldade que ha, actualmente, nos meios de conducção, tem o povo affluido ás corridas, qualificadas poremquanto—de experiencia—as assistindo satisfeito. Brevemente, teremos até lá, a linha ferrea, cujos assentamentos já se vão adiantando, e, então, não havera duvida que a concurrencia muito se ha de augmentar, com regosijo dos associados, e de todos.

Declarando que são estes os nossos votos cordiaes, agradecemos, penhorados, a gentileza do offerecimento, que nos tem sido feito, d'um cartão de ingresso.

Com o "Operario"

Por um artigo editorial do periodico «O Operario,» da edição de 22 do corrente mez, allusivo á minha humilde individualidade, comprehendi que estou sendo victima d'uma grande injustiça, formulada pela redacção do mesmo periodico. Ja, em uma de suas edições anteriores, um de seus escriptores me chegou a mas, vítima de minhas proposições, do artigo epigrapado—A greve—que dei á publicidade n'esta revista, empregada em sentido muito contrario d'aquelle que a empreguei.

Convenci-me agora da causa que determinou contra mim a sgerisa d'«O Operario».—E' que (sem pelo haver outro motivo) interpectara eu, no meu alludido artigo, publicado, notesse, n'um jornal d'uma casa de artistas, que sou hostil a classe dos operarios,—isto é, uma cousa exactamente contraria as minhas idéas, visto que, tanto quanto o seu mais sincero defensor, reconheço quanto essa classe laboriosa, distincta e honestissima, é victima das doutrinas afagadas pela situação economica actual.

Esta injustiça revoltante doeu-me n'alma—e bem que estranheza alguma me cause toda e qualquer sorte de injustiça commettida pela humanidade—doeu-me, dizia, e doeu-me profundamente, mais do que a pouca urbanidade que me tem dispensado o «Operario» por isso que eu bem sei que faltam-me merecimentos para ser por outro modo tratado.

No entretanto, afim que se não propague, com maior impulso, tão clamorosa injustiça, declaro que nunca me veio á mente—em occasião alguma—proferir ou escrever uma leve proposição, siquer, contra a classe dos operarios. No meu citado artigo, que e, aliás, amparado por idéas extremadas pelo illustrado pensador hodierno, Max Nordau, não condemnei os operarios por pedirem, concedidamente, segundo a offerta e a procura dos artigos em que empregam sua louvavel actividade, que lhes augmentem os salarios, não apenas,—a greve promovida pelo trabalhador proletario—, em these geral, e por varios termos empregados de ironia, pretendendo mostrar a desvantagem d'ella e a sua inutilidade, antes—a civilisação, que caminha sempre, mais preoccupada com as reformas das cousas do que com o bem estar da humanidade—; palavras estas com que o concluí, e onde deixei revelar um dos pontos objectivos que levaram-me a teçal-o.

E, d'este meu intuito, facilmente comprehende-se que, ao contrario de dar motivo á imputação que se me fez, embora que fraca, attenta a minha debilidade intelectual, foi segura a minha defesa a classe proletaria, e, geralmente, aos operarios.

E' possivel que si de perto conhecesse-me o «Operario,» estaria convencido de que, em questões de principios, sou em extremo rigoroso, pelo que si muito dificilmente serei apanhado em delicto de incoherencia.

—Acreditando que será deita a prevenção contra mim alimentada pelo "Operario", ouso esperar a gentileza de acceder estas linhas passadas para as suas columnas.

AUGUSTO BRITTO.

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria TEIXEIRA

sos uma batalha entre brancos e colorados. O desperdicio do sangue humano será tido por ella como inutil. A sua admiração por um grande numero de homens mortos será insignificantissima. Ao ouvir fallar de guerra encolherá os hombros como nós os encolhemos ao ouvir fallar de inquisição. Olhará para o campo da batalha de Forbach, como nós olhariamos para o Quemadero de Sevilha. Achará estupida a oscilação da victoria, terminando variavelmente em funebres restabelecimentos de equilibrio, e Austerlitz saudada sempre por Watterloo. Pela autoridade terá ella, pouco mais ou menos o respeito que nós temos pela ortodoxia: um processo de liberdade de imprensa parecer-lhes-ha o que nos poderia parecer um processo de heresia; admittirá a vendicta contra os escriptores, tanto como nós admittimos contra os astronomos, e, sem de outro modo approximar Beranger de Galileu, não perceberá com clareza o que seja Beranger n'uma cellula, ou Galileu n'um carcere *E o pur si se muove*, longe de amenitrontal-a, será a sua alegria. Terá a suprema justiça da bondade. Será pudica e toda indignação perante as barbarias. Em tal diminuirá a penalidade, e fundir-se-ha nas instrucções continuamente crescentes, como o gelo se funde ao despertar do sol. A circulação será preferida á estagnação. Não haverá quem corte a passagem a seu semelhante. Aos rios fronteiros succederão os rios arterias. Será tão impossivel cortar uma ponte como decepar-se uma cabeça.

(Continúa)

Tableau

Ao romper de um bello dia
Esvoaçava uma abelha
E pousando n'uma telha
De leve as azas batia.

E nesses breves instantes
Uma casinha formou
E das flores odorantes
Lá dentro o mel fabricou!...

Correndo pelo terreiro
O Julio *petit enfant*
A vio em bella manhã
E'a casinha prasenteiro
Derriba ao chão, o cruel
Para sorver todo o mel.

1833 HERDEMA.

Devaneio

I

Vês aquella mendiga que se arrasta miseravelmente, como um cão lazarento que não tem dono?

—E' um exemplo.

II

Foi criança. Era o encanto dos paes. Deixava os beijos de um, para ir receber os do outro. Era o enlevo d'elles—a sua felicidade. Fora o seu crepusculo dos gosos do matrimonio.

III

Depois tornou-se moça.

Foi mulher.

Os namorados porflavam por agradar-lhe. Um sorriso dos seus labios, lhes valia tanto como o riso da aurora para a natureza; como uma gotta de nectar para as divindades do Olympio.

IV

Perdeu-se mais tarde.

A seducção é fatal!

A donzella candida e meiga transformara-se na messalina impudica e dissoluta. A pomba convertera-se em abutre.

Ao seu coche de prazeres trazia atrelados os millionarios. A' um aceno dos seus olhos curvavam-se muitas cabeças poderosas.

Foi a rainha das modas, a deusa da sensualidade e o anjo das discordias conjugaes.

.....

V

E hoje?

A misera que se espoja pelas ruas, espesinhada pela multidão. A misera esfarrapada á esmolar de porta em porta, aos apupos da canalha...

G. B.

Sêde

Mata-me a sêde intensa, inextinguivel,
Como uma chamma a elaborar constante,
Que me domina o ser, febricitante,
Sob uma força indomita, invensivel.

Mata-me, flor, a sêde inexprimivel
Que traz-me o peito ardente e palpitante,
Para qu'eu possa, emfim, num só instante,
Vencer a longa estrada do impossivel.

E's tu somente a tentadora chamma
A provocar-me a sêde inconsolavel,
Sêde que abrasa, augmenta e mais inflamma.

E's tu a sombra d'este amor, exacta,
A conduzir-me o ser ao qu'é peccavel
Na intensa sêde que consome e mata.

P. BESSA.

ROUPAS FEITAS—grande sortimento e por preços sem competidor—no deposito da alfaiataria

—Teixeira.—

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

A Esperança constitue o verdadeiro gôso.

A. BRITTO.

Triolet

Todo rapaz bem fallante
Que procura namorar
Quer da Moda ser amante,
Todo rapaz bem fallante
Busca o Teixeira agradar
Para tornar-se elegante,
Todo rapaz bem fallante
Que procura namorar.

HYMNO.

Em Belem, á noite em meio,
Dorme o Povo ali em paz,
Dorme a Terra sem receio
Em silencio tudo jaz.

De repente o céo escuro
Se transforma em linda côr,
Surge um Anjo bello e puro
Qu'annuncia outro Senhor.

Desperta o Povo cantando,
Desperta a Terra e o Mar,
Hosanas vão entoando
Ao novo Deus adorar.

«Accordai!—sorrindo diz:
«Vinde ter outra alegria,
«Outra vida mais feliz,
«Outro amor que irradia!

«Vêde a lúa e a casta estrella
«Que vagueiam com fulgor,
«Vêde a noite como é bella,
«Como inspira novo amor!

Desperta o Povo cantando,
Desperta a Terra e o Mar,
Hosanas vão entoando
Ao novo Deus adorar.

«Na palhoça, ali no val,
«Onde móra a solidão,
«Veio ao mundo sem igual
«O Senhor da Redempção.

«De Maria é filho amado,
«E' divino e nos seduz,
«E' remido do peccado,
«Elle chama-se—Jesus.

Desperta o Povo cantando,
Desperta a Terra e o Mar,
Hosanas vão entoando,
Ao novo Deus adorar.

«E' despido de riquezas,
«Ama a todos por igual,
«Quer carinhos sem grandezas
«Mas condemna a quem faz mal.

«Do Oriente até os Magos
«Hão de vir beijar seus pés
«Entre risos, festa e affagos
«Como os Pobres mais fieis.

Desperta o Povo cantando,
Desperta a Terra e o Mar,
Hosanas vão entoando
Ao novo Deus adorar.

P. BESSA.

Desculpe-me o que se magoar comigo por esta rectificação que vai envolvida no veludo da delicadeza.

O povo para mim é sempre um idolo fortemente constituido, sem elle não temos o equilibrio dos sentimentos e das nossas faculdades, não podemos desenvolver o que sentimos e o que pensamos.

Eu tenho uma admiração profunda por todo o povo que sabe cultivar o espirito quer na faina do trabalho, quer na hora de um facto que se manifesta por uma alegria natural.

Só lastimo é que o Chico Teixeira passasse indifferente a essa primeira phase do anno, atrapalhado com as novas encommendas de fazendas do Mond-Chic para trazer sempre os seus *freguezes* correctamente vestidos.

Au revoir.

JULIO DURVAL.

Funda-se ella d'um instincto genuino, inoculado na vida de todos os seres que habitam o universo inteiro. Nasceu do instincto valoroso e salutar de imitação, o qual conduz á humanidade uma colheita de interminaveis beneficios.

Assim, fallando d'este instincto, certo que tudo, precisamente, terei fallado em referencia á **Moda**, com a qual pretendo especialmente occupar-me.

Sim, o instincto de imitação, que, na vida humana, é levado a alto grão, constitue para esta, um seguro elemento de moralidade e de progresso.

Todos são consummados imitadores, ou seja por palavras, ou por obras. Não obedecem, tão somente, ao convenio social, mas á propria lei natural. E' facto que não póde admittir contestação, pois que verificamos a semelhança, exacta, na confecção dos ninhos dos passaros, nos seus gorgeios e nas vozes dos mais humildes insectos. Guia-nos a grande e portentosa lei, contra cujos dictames jamais houve um ser que deixasse de respeitar.

E que chaos não haveria pela terra, si isto assim não fora! Que de difficuldades não haveriam para a vida do homem! Nenhum valor teriam as invenções, porque, votadas sempre a absoluto despreso, ficariam, unicamente, com os seus auctores, que, pois, não teriam d'ellas proveito, em todo e qualquer sentido.

Não lhes provocariam o estimulo, nem lhes aguçariam a cubiça.

Cada qual, fabricando para si, sem methodo, sem ordem, sem arte, sem preceitos, —é facil de imaginar o resultado.—Onde o preço ou garantia de nossos trabalhos? Onde deparar recursos para nossa subsistencia? Onde, em uma palavra, encontrar commodidades, e, muito menos, elementos para o progresso que a nossos olhos, com esplendor, se desenvolve?

Existiriam as sciencias ou, mesmo, teriam estas desenvolvimento algum? Haveriam as linguas? Como poderiamos nos entender?

O instincto de imitação é o corollario do instincto social. Nem este, sem aquelle, poderia existir.

E o homem mais que nenhum outro ser, tem do primeiro indeclinavel necessidade; porquanto, é elle somente que, pela intelligencia accessivel, com que fora doado, lucta, em prol da causa maravilhosa do progresso, sempre robustecido, sempre de louros coroados.

—O mundo marcha—disse um profundo pensador, o que não poderia avançar si não confiasse no instincto de imitação, com que fôra o homem dotado.

Uma grande verdade encerra esse aphorismo. Ha de o mundo marchar, em que pese a vontade humana, que, acima d'esta está aquelle seu instincto, de cuja influencia jamais poderá furtar-se.

São bastantemente solidas, portanto, as suas bases, como são solidos tudo o que houver de si dimanado.

E é do instincto de imitação que veio e que se sustenta a **Moda.**

Foi esta ditada e é melhor afagada pela mocidade, para o que ha um motivo poderoso. A' mocidade é que está confiado a destino do mundo. Já os velhos de si declinaram semelhante responsabilidade. Assim, compenetrada aquella dos seus deveres, pelo melhor dos direitos, acceita, muito voluntariamente, tudo o que, como a **Moda,** vem do grande instincto, que, de modo poderoso, contribue para a vida dos seres sensiveis, e para o desenvolvimento do futuro.

Com taes fundamentos, cahirá, pois, no ridiculo e provocará merecida censura, quem tentar oppor-lhe resistencia.

Pensando por esta maneira, dedico á **Moda** estas linhas singelas, com as quaes rendo-lhe as homenagens, a que tem direito incontestavel.

AUGUSTO BRITTO.

Supplica

Oh! tu que emprestas ao sol
Esses raios purpurinos
Com que doura o arrebol
De listões adamantinos;

Que dás á humilde relva
Aroma, vida e frescor,
A' erma e ridente relva
A magestade e o esplendor;

Que dás ao vasto mar fundo
Immensidade e riqueza,
E fazes de todo o mundo
Um conjuncto de belleza;

Que dás ternos murmurinhos
A's fontes e aos regatos,
E aos ledos passarinhos
Esses gorgeios tão gratos;

Que com sabias leis severas
Dás o gyro e rotação
A esses milhões de espheras,
Sem a menor confusão;

Ouve minhas tristes queixas,
Mitiga minha afflição,
Acolhe as tristes endechas
Que solta meu coração!

Amenisa a minha vida,
Suavisa os males meus,
Dá-me a eterna guarida,
Ampara-me, oh! grande Deus!

V. TITO

O futuro do Brazil

(Por Victor Hugo)

Haverá no vigesimo seculo uma nação extraordinaria.

Esta nação será grandiosa, o que não obstará a que seja livre. Será illustre, rica, pensante, pacifica e cordial para com o resto da humanidade. Terá a gravidade de uma irmã velha, posto que seja a mais nova. Para esta nação será objecto de pasmo a gloria dos projectis conicos, e não conseguirá sem difficuldade distinguir um general de um sacerdote; a purpura de um não lhe parecerá claramente distincta do preto que lhe distingue o outro.

Uma batalha entre italianos e allemães, entre inglezes e russos, entre prussianos e francezes, será a seus olhos o que é aos nos-

---

FOLHETIM

SUMMARIO—As festas populares—O Natal—Os pastores primicias de uma religião—A igualdade no homem—A noite de Reis e o povo—Uma leve censura—O hymno—O povo como idolo—O Chico Teixeira e o Kond-Chic—Au revoir.

Não calculas, Leitor, o meu enthusiasmo, a minha alegria pelas festas populares, onde a vida e a physionomia de um povo expande-se naturalmente e desenha-se de um modo muito distincto.

Francamente eu sou um dos viventes mais crentulos das couzas divinas e da alegria popular quando esta manifesta-se espontanea ante o acontecimento de um festival.

Como affirmativa das minhas convicções tenho as nossas festas do Natal que marcam a data mais gloriosa para a humanidade redimida, dando ao espirito um certo vigor, um certo renascimento que me obrigam a voltar a infancia para ingenuamente ter as delicias da imaginação poetica.

E' inexplicavel uma phase que ainda tem a brilhante vocação de seduzir, que ainda tem a natural influencia de attrahir aos que vivem sob a felicidade dos sonhos e sob o dominio das bellas cousas decorativas e tradicionaes.

Encontra-se nella um encanto puro e sublime, uma harmonia nova sempre que se aprecia a descripção perfeita da gloria de uma nova vida no nascimento do grande Jesus,—facto que é contado minuciosamente e poeticamente por grupos de pastores que se formam em diversas casas da nossa familia maranhense.

Em cada presepe erguido com tanto amor e mimo a satisfazer o gosto pittoresco primitivo, vê-se o desabrochar do sonho azul de uma crença infinita que nos leva enternecidos á redempção do eterno peccado.

Ha em cada grupo desses pastores uns vultos da futura mulher perfeita, da mulher —mãe que mais tarde virá mostrar ao filho a puresa de sentimentos nas crenças que lhe hão de surgir, recordando-lhe a infancia como lhe fora cheia de innocentes brinquedos que lhe davam um goso ineffavel e lhe incutiam no espirito a santa fé de uma religião bemdita.

Nesse colorido brilhante do festivo Natal destaca-se uma nota final que nos faz ver philosophicamente a sublime omnisciencia da igualdade no Homem—Deus.

Temos a noite de Reis, noite de um prazer immenso, a expandir o povo todo o seu sentir, noite que representa a chegada dos tres soberbos Magos na humilde choupana do Nazareno.

O povo em turmas ondeantes percorre de casa á casa a cantar um hymno ao som de uma orchestra festiva e harmoniosa.

E' um acontecimento que tem o requinte do bello e do agradavel e traz a primitiva alegria dos nossos antepassados.

Mas antes que termine esta minha alegre descripção uma leve censura vou atirar a um grupo de cantores populares que andava a cantar um hymno dos Reis Magos da lyra do meu amigo P. Bessa.

Julgaram render o mais fervoroso cumprimento de bons christãos, mas commettião um grave erro, porque mutilavam os versos que foram feitos com arte e gosto.

Por favor não cantem nunca o que não estiver exacto e correcto para que o author não seja julgado mal e a sua obra atirada ao esquecimento.

E para que não se tornem eternamente acconchegados a similhante erro vou transcrevel-o:

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO II | *Maranhão, 28 de Fevereiro de 1893* | NUMERO 12

REVISTA ELEGANTE

O trabalho

Temol-o como uma unica consolação, como uma unica luz de amor que o ceu nos concedeu para os nossos dias de lutas.

Vemol-o sempre inspirador, sempre constante, já como uma sombra do passado, já como um athleta do presente e já como o symbolo do futuro, nessa batalha voluntaria para vencermos os terriveis obstaculos da vida.

Sem a dolorosa penitencia de um immerso poder abraçamol-o alegres, cheios de fé, cheios de animo para nos affastar das tentações da miseria que se alegra e que se exalta ante a indolencia humana.

Sentimol-o com as emoções grandiosas e perfeitas da vontade sempre possuidor da actividade austera, sempre captivante para nos redimir das culpas no grande centro da vida, onde o homem é o obreiro impressionavel e é um trabalhador sem fome.

Erguendo-se sempre como um gigante sob uma influencia sentimental nos procura conduzir á exploração recrudescente do que é extremamente util e do que é profundamente salutar.

No grande centro de gravitação, onde cada braço quer vencer em seu favor e quer romper de prompto com todos os obstaculos, elle, o Trabalho, dá nos o vigo nativo e empresta-nos a adoravel vitalidade e nunca nos deixa desanimar e cahir no fundo abysmo das terriveis provações da indolencia.

E assim que nós o amamos, procurando cheio de enthusiasmo estabelecer o equilibrio entre os diversos ramos da arte que abraçamos, é assim que sentimos a sua força em acção directa ás nossas faculdades e á nossa experiencia de artistas lutadores.

Erguemol-o a altura de um idolo, de um poderoso creador para que a sua influencia predominante nos esquive do contacto das realidades da indolencia e nos retráia ás duras contemplações das miserias da vida.

45$000 um terno de paletot, collete e calça de cazemira diagonal preta, por medida na alfaiataria

—**Teixeira**—

A MODA

O figurino d'este mez.

Em exposição no nosso estabelecimento

Compõe-se este figurino de 3 personagens com sobrecasaca, sobretudo e *mac-farlane*.

A sobrecasaca de traspasse com grandes vistas do 3.º personagem é propria para *soirées* intimas; nao se deve abotoar para deixar ver o collete, que se usa branco. O patrao nas calças deve ser d'um desenho—simples.

Apesar de nao ser novidade, continúa usando-se em passeios, estes pequenos sobretudos de cores escuras e sem fita de que os elegantes tanto gostam.

O *mac-farlane*, cada vez mais em moda, pode fazer-se de fazenda preta ou de outra cor escura, obrigado a seda nas vistas, se é destinado para soirées, e de fazenda de phantasia com gola alta e mais compridos, se é para passeios ou viagens.

(Extr.)

15$000 um chapeu de feltro fino, preto ou de côr, na alfaiataria —TEIXEIRA.

SENSUAL

Abre-se o riso o labio feminino,
Labio macio e quente e pequenino,
N'um só sorriso magnetico e pollido,
Ao gozo de um minuto.

Sinto que a vaga, no peito resupino,
Do sensual amor que só escuto,
Cresce e se agita com furor e tino,
Si no gozo luto.

O coração em febre, enlouquecido,
A' languidez estupida do gozo
Sente invadir-lhe todo o frigidado;

E o labio quente, ao beijo electrizado,
Intumecido, rubro e sofrenor,
Nos tem a sensual vitalidade.

P. Fessa.

95$000 um terno de croisé, collete e calça de casemira diagonal preta, lan pura, por medida na Alfaiataria--Teixeira.

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

Ha incoherencia no facto de condemnar o homem a mentira, ao tempo que tributa vassalagem á esperança.

A. Britto.

Charadas

IV

Esta parte do corpo—1—na cidade—2—esta ave.

VII

Na mathematica—1—aqui—1—na floresta—1—esta ave.

VIII

No compasso—1—com a primeira—1—na musica—1—

IX

Agora—1—o pinto—2—pisa—2—no campo.

X

Venha esta mulher—2—neste instante—1—comer esta fructa.

Triolet

Luiz, estás elegante,
E's um rapaz bem feliz!
Com tal facto és fascinante,
Luiz, estás elegante!
O Teixeira, meu Luiz,
Fez-te bello e bem fallante,
Luiz, estás elegante,
E's um rapaz bem feliz.

P.

Anedocta

Um bilontra apparece com um casaco muito janota.

Pergunta-lhe um collega:

--Quem te fez isso?

---A casa Góes, Costa, Oliveira, Roque, Pinto & C.

-- Parece impossivel! Porque cabo foste tu arranjar tantos credores para um casaco só?

Decifrações

Foram os srs. abaixo que decifraram as charadas do n. 11 do nosso jornal:

Dr. Ambrosio--Charada--I--Fatia.
A. Raphael---Charada--II--Mercurio.
D. Gaboreau--Charada--III--Parafuso.
S. Lima--Charada--IV--Sofala.
Dr. Arruda--Charada--V--Rampa.
A. B.---Charada---LIV---Cartabucha.
Berenena--Charada---LV--Beatriz.

RAUNIER preto e azul para fatos, despachado hoje para a Alfaiataria Teixeira.

HYGH-LIFE

Fazem annos no mez de março futuro:

Em 1.º, o interessante José, filho do nosso amigo Benjamin de Sá Valle;

Em 2, o cidadão Arthur d'Oliveira Almeida, 1.º official da repartição dos correios;

Em 3, o nosso sympathico e estimado gerente Francisco Pinto Teixeira;

Em 7, a Exm.ª Sra. D. Joanna Rego, irmã do nosso amigo e freguez Archimedes Rego;

Em 18, o estimado cidadão Luiz Perdigão;

Em 20, a Exm.ª Sra. D. Maria Augusta Ferreira Lomba, presa da filha do Sr. Alberto P. Lomba;

Em 21, o illustre e estimado Dr. Justo Jansen Ferreira;

Em 23, a Exm.ª Sra. D. Delmyra Amalia d'Almeida;

Em 24, as Exm.ªs Sras. D.D. Cotinha Almeida, e Dona Deidamia d'Almeida Britto, extremecidas filhas, aquella do Sr. Guilherme A. d'Almeida e esta do nosso amigo Augusto Britto;

Em 25 a Exm.ª Sra D. Ludgera Romeu, tia do nosso companheiro de trabalho José Romeu.

Em 29, a Exm.ª Sra. D. Virginia Medeiros, dilecta filha do Sr. Coronel Joaquim Manoel de Medeiros.

Aceitem as nossas felicitações.

CREPE preto e azul para fatos despachado hoje para a Alfaiataria Teixeira.

PEQUENA CORRESPONDENCIA

Pela electricidade

O telephone n. 53 põe em communicação com esta capital que gosa das vantagens telephonicas, a casa—modelo no seu genero, conhecida do nosso publico, pela sympathica denominação—Alfaiataria Teixeira.

Pois bem, é tal o zelo e a solicitude que o nosso Chico Teixeira tem dispensado ao seu importante estabelecimento que, modernamente fallando, tudo tudo é alli feito com a maior solidez, presteza e durabilidade e elegancia; mas sobretudo a elegancia!

Obedecendo ao movimento de rotação assim é que encontra-se alli trabalhos quasi todos executados por maquina—o que importa dizer que é uma officina de alfaiate trabalhando diariamente a treze milhas... por hora.

Vamos a uma simples demonstração:

—Maquina para cobrir botões. (La Parfaite)

Maquina para pregar os mesmos...botões.

Maquinas de casear, isto é fazer casas na fazenda para os mesmos...botões.

Maquinas para abrir casas para os ditos botões.

Maquinas de costura «Domestics» á venda no estabelecimento e trabalhando com maxima actividade acham-se 8 destas excellentes maquinas, ao serviço da casa graças a cujo poderoso auxilio pode a alfaiataria Teixeira dar vencimento ás continuas encommendas que tem entre mãos e graças tambem, (ia-me esquecendo) a actividade do Chico Teixeira que bem pode ser classificado de Alfaiate electrico, como já classificaram ao Sr. Sezerdello Correia de Ministro—relampago.

Mas dirá o leitor então é só nisso que se cifra as modernas disposições de trabalho da Alfaiataria Teixeira?

Não! Espere meu caro Sr. que interrompi a minha nomenclatura mecanico-industrial—do mesmo modo que um congressista interrompe o discurso encetado...por causas dos apartes e o aparte que acaba de me dar o leitor é uma razão de mais para que eu me interrompesse.

Reato o fio da minha exposição de trabalhos...

Alem das excellentes maquinas «*Domestics*» dispõe esta importante casa de apparelhos para aquecer ferros... por todo espaço de um dia...e assim é que cada artista tem ao alcance da mão ferros aquecidos com a mesma facilidade que tem uma torneira d'agua canalisada.

Por um engenhoso processo de carriteis suspensivos a Alfaiataria Teixeira pode fazer molhar e seccar no mais curto espaço de tempo grande porção de fazenda que se destina ao talhe da roupa.

Dispõe mais a casa de uma bem montada officina de marceneiro para o preparo das caixas para entrega das roupas feitas...aos seus estimaveis freguezes—a cujo numero tem a honra de pertencer...este...que escreve estas linhas.—e bem assim para preparar os caixões para embalagem da roupa que se destina á exportação.

E dispõe ainda de uma pequena porem bem montada officina typographica onde se imprime todas publicações da casa inclusive...esta *Revista Elegante*.

Quanto á electricidade domestica tem a casa uma campainha electrica e cinco botões:

Para chamar qualquer artista nas officinas 2 toques.

O Gabinete de provas tem 3 toques.

O Escriptorio tem 2 toques.

A Typographia 1 toque.

Nas *vitrines* da loja, já se sabe, o leitor encontrará sempre um variado sortimento de camisas brancas, camisas com peito de chita, de cintos argentinos, um selecto e variadissimo sortimento de fatinhos de brim para meninos e em geral uma grande selecção de brins de cores para fatos completos, de lenços de sedas, gravatas brancas e de cores e de suspensorios de cores fixas.

Mas voltando ás excellentes e vantajosas disposições do trabalho da Alfaiataria Teixeira, desde já scientifico particularmente aos seus amaveis freguezes e ao publico em geral que o nosso incansavel Chico Teixeira—por cumulo da commodidade dos ditos freguezes e por cumulo da presteza, projecta em dotar o seu estabelecimento com um melhoramento—*hors ligne*—: um apparelho electrico que lhe permittirá tomar medida sem dar-se ao incommodo de ir a casa do freguez e *en revanche* tão pouco a este o incommodo de ir a Alfaiataria do Largo do Carmo.

Deixo ao leitor o cuidado de bem pensar nas vantagens que lhe trará um tal melhoramento reservando muito de proposito para o proximo numero da Revista a discripção completa do alludido apparelho.

Fantasio.

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria TEIXEIRA

PELO AZUL...

Quando ella fechou os olhos, mavioso e terno, louro e traquinas, ia-lhe sahindo da bocca o primeiro *couplet* de uma cantiga alegre,—d'essas que os treze annos fazem emigrar, ungidas de uma divina malicia, da garganta da menina formosa que se vai transformando em mulher tentadora.

Triste escôava-se a tarde, e o genio das brancas melancholias espalhava sobre as almas contemplativas a sombra interminha de um crepusculo que pungia.

Perto, suspiravam as casuarinas, e como um *adeo* que mata pelas saudades que elle nos dá a prelibar da ausencia dolorosa que se approxima, e com o tom commovido da ultima palavra que se diz a quem não veremos mais, sahiam musicas funebres dos ninhos, vagos ruidos mysteriosos das mattas, e vinham nas azas de uma brisa fria, confundindo-se com o balido das ovelhas, o marulhar das ondas, quebrando-se na patraria das rochas...

E, coberta dos malmequeres e rosas, dos bogarys e violetas, que ella plantara e que, todas noites, de uma jarra de porcellana verde-clara, fazia-lhe despontar no camarim uma alvorada de perfumes, emquanto ella adornecia a litar a Virgem que de uma pennha de ebano parecia ungil-a com a misericordia de um olhar de mãe desvellada; e, deitada n'aquelle caixaosito, cabeça sobre um travesseiro de setim, mãos em cruz, olhos semi-abertos, labios a conservar ainda o molde do ultimo sorriso, lá estava a querida morta, illuminada pelos cyrios e pelo olhar magnanimo das companheiras, prompta para ir ao encontro da vovó, d'aquella velhita que ensinava-a a rezar e dava-lhe *bijous*, e a quem ella esperava, em morrendo, ir encontrar no ceu.

Sobre os aparadores empociravam-se os laços de fita e as cartas amorosas, as luvas e as gravuras dos romances sentimentaes.

O sorriso branco, immaterial, que lhe pairava sobre as fitas desmaiadas da bocca, dizia-a a mais innocente d'entre as mulheres e a mais bonita d'entre todas ellas, o que todos sabiam, porque—ai de mim! que a chorarei eternamente—quando ella fechou os olhos ia-lhe sahindo da bocca, mavioso e terno, louro e traquinas, o primeiro *couplet* de uma cantiga alegre,—d'essas que os treze annos fazem emigrar, ungidas de uma divina malicia, da garganta da menina formosa que se vai transformando em mulher tentadora!

Lusbel.

Intimas

A' M.elle ...

MINHA SENHORA—Eu vou falar-lhe, escute:
Por mais que sonhe, que trabalhe e lute
Todo a nada posso do que sou...
—Folha arrancada que o tufão arrasta
Marcha a vagar na immensidade tan vasta,
Para onde é que vou?

E sabe alguem acaso o seu destino,
E sabe por ventura o libertino
Que lidar no bordel ira beijar?!
Ai a o sabe o passaro ferido,
Ao a o sabe o viver perdido
Aonde iria parar?!

O meu destino! d'elle nada sei...
Mas o que importa si afinal irei
Onde aproverar a sorte!
Que vale ao naufrago s'debater, lutar
Si luta só na vastidão do mar,
Si luta braço a braço com a morte?!

Tudo nos leva a recordar na vida
A cada passo uma illusão sumida,
Mais uma linda esperança morta,
Mais um castello que se abala e cae,
Mais uma crença que do peito sae,
«Um sonho mais que abortar».

Porém, Senhora, attenda-me—Poeta,
Deus me quiz dar tambem a luz secreta,
A chamma que consome o coração;
Deu-me esse fogo que devora a gente,
Que queima ancioso em peito já descrente
A luz da inspiração!

E n'essa febre insana que embalava,
No delirio que a mente tresloucava,
Nesse febre sem fim que me atormenta,
No meu sonhar immenso de poesia
Cada, serena, luminosa um dia
Uma visão passou...

Tinha na fronte a aureola da esperança,
Tinha no labio um riso de criança,
Era de formas ideaes, divinas...
O seu olhar a pena não exprime,
Tinha no rosto a pallidez sublime
Das vestas Florentinas...

Por toda parte sempre, sempre ella,
Sempre a seguir-me a pallida Pucella,
A angelica beldade
Até que veio, sem que o saiba, um dia
Enfim que esse sonhar da phantasia
De uma illusão tornou-se realidade!

Oh, sim! minha Senhora,
Ella, que até então apenas fôra
Um sacrar vehemente de utopia;
Ella, essa apparição que eu entrevira,
Ella deixou de ser uma mentira
Um delirioso sonho idealista.

E essa mulher, eu lhe confesso, amei-a
Como si uma os raios da aureola
De noite o marinheiro no alto mar!...
Amei-a no silencio do meu peito,
Amei-a satisfeito,
Ao menos de poder-a assim amar!...

Amei-a tanto como o mar á lua,
Amei-a muito, sim, e a imagem sua
Guardei n'estatua como um talisman;
Amei-a muito mais
Ainda do que o cafir do filho
Ama tremente o cavallo da manhã...

Já hoje disso tudo nada resta!
D'essas paixões tão boas e tão puras
Fica só todo o de e ga ga ga!...
E es a mulher quem foi?
—Coitadinha e paciencia
Não estremeça não, Vou a Lucilene á
Pois foi ella, Senhora!

Th. Ribeiro Junior.

O amor e a morte.

(BOUVIER).

«O creador fez duas coisas extremas na vida—o amor e a morte.

O amor—a luz; a morte—a sombra.

Por maior que o homem seja ha de passar pelas duas coisas. Diante dellas a luta é inutil. O homem cae vencido! Quem ama é forte e a sua força o torna fraco; quem morre é grande, e a sua grandeza o faz nada.

No amor tudo é ventura, mesmo o soffrimento. O amor carnal apaga tudo. As relações de duas creaturas fazem tudo esquecer; trabalhos, dores, afflições, tormentos...

Mal incuravel—a morte destróe tudo—o remorso, a dôr, o soffrimento...

Por mais mesquinho que seja o pobre, o amor e a morte o obrigam a obedecel-os!...»

G. R.

Ao despedir-se da minha pessoa convidou-me ao folguedo e deu-me os seguintes

Trioleis.

Domingo gordo surgindo
Nos braços traz Carnaval,
Vem o Entrudo sorrindo
Domingo gordo surgindo!
Neste pagode infernal
Vem o Deos Rachio cahindo!
Domingo gordo surgindo
Nos braços traz Carnaval!

Quebre-se o falso marasmo
Que suffoca o Maranhão,
Rompa o grande enthusiasmo!
Quebre-se o falso marasmo!
E do prazer surja o pasmo
Que abysme a população!
Quebre-se o falso marasmo
Que suffoca o Maranhão!

As leis da Philosophia
Sejam sagradas por nós!
Nas loucuras d'este dia!
As leis da Philosophia
Que nosso bellos avós
Deram-nos por utopia!
As leis da Philosophia
Sejam sagradas por nós!

Viva a Bohemia brilhante
Que os atabales partiu
Na loucura fascinante!
Viva a Bohemia brilhante!
Que o Deus Momo retumbante
Logo sorrindo surgiu!
Viva a Bohemia brilhante
Que os atabales partiu!

Vamos saudar o Delirio
Que o Delirio é nosso irmão!
Iremos até ao Empyreo,
Vamos saudar o Delirio!
Assim no templo Pagão
Darmos luz no grande cirio
Vamos saudar o Delirio
Que o Delirio é nosso irmão!

Co'a irman gemea a Loucura
Vamos casar Carnaval,
Do gozo venha a ouvertura!
Co'a irman gemea a Loucura
Sagre-se a pudica Vestal
Que prophetisa a ventura!
Co'a irman gemea a Loucura
Vamos casar carnaval.

PAF.

Tive realmente um certo desejo de tomar parte no folguedo ao ler estes versos, mas a minha longa idade, o cansaço dos longos dias de vida appareceu-me e eu só fiz olhar para o passado e lembrar-me saudoso dos dias da minha infancia de ouro.

Nessa idade o Carnaval tinha para mim um brilho prismatico encantador, sacudia-me á alma o pó de ouro de suas illusões e deixava-me embriagar no mel dos seus prazeres e no vinho de suas loucuras.

Eu era a criança que voava loucamente atraz de uma ephemera alegria sem ter ainda sentido a dor da realidade na vida.

Mas não chorei, Leitor, porque comigo estava o nosso Chico Teixeira que depois procurou o baile do Theatro para apreciar as bem feitas casacas que preparou a ultima expressão da Grand-Mode para os seus freguezes irem á phantasia embeberem-se nas delicias de uma valsa de Metra.

Ai meu...

JULIO DURVAL.

SALÃO LITTERARIO

O futuro do Brazil.

(Por Victor-Hugo)

Vide o n. II.

A polvora usada pela artilharia, não servirá se não para fender as rochas; o salitre que tem por utilidade actual destruir peitos humanos terá como principal occupação perfurar montanhas. As vantagens da bala cylindra sobre a balla espherica, de selix sobre o morrão, da capsula sobre o selix do contra peso sobre a capsula, serão desconhecidas. Mostrar-se-hão todos frios indifferentes para as maravilhosas columbrinas de trese pés de comprido, de ferro, e podendo expellir, a vontade de seus possuidores, a balla ôca, ou a balla massiça. Será grande a ingratidão para com Chassepot, apesar de exceder Dreyse, e para com Comin, apezar de exceder Chassepot.

O facto de ter o continente, no seculo decimo nono pela vantagem de destruir um logarejo denominado Sebastopol, sacrificado seis centros a oitenta e cinco mil homens, que é a população de uma capital, parecerá gloriosa, mas singular.

A nação a que nos referimos estimará muito mais um tunel sobre os Alpes que o cartuxo de Armstrong. Será por tal modo ignorante, que não saberá ter-se fabricado em 1865 um canhão com o peso de vinte e tres toneladas e denominado Bigiwil.

Ha no tempo presente outras bellezas e magnificencias que não terão no vigesimo seculo o minimo valor. Esta nação terá por legislação um facsimile, o mais similhante possivel do direito natural.

Sob o influxo desta nação matriz serão offerecidas ás emigrações civilisadoras os seus incommensuraveis baldios e os da Azia, da Africa e da Australia, os oitocentos mil bois mortos annualmente no sul, só para lhes tirarem as pelles, serão comidos: o Brazil terá o raciocinio de que se ha bois de um lado do Atlantico, ha do outro boccas esfaimadas.

O extenso rastilho de miseros invadirá magnificamente, por seu impulso, as uberrimas e ricas solidões desconhecidas: virão para o Brazil, não pelo ouro, irrizorio e grosseiro engodo no nosso tempo, mas pela terra: os famintos, os despalmilhados, os irmãos doloridos e venerareis dos esplendores myopes, e das propriedades egoistas, terão, sem embargo de Malthos, a sua meza servida debaixo do mesmo sol; a humanidade formará enchamas fora da cidade mãe, já pequena e acanhada, e cobrirá o novo mundo com seus cortiços, a solução provavel dos problemas que ora amadurecem, a locomoção aerea ponderada e dirigida, o enxo povoado de navios do ar, ajudarão aquellas dispersões fecundas, derramarão a vida sobre o vasto formigar dos labutadores, o globo será a casa do homem e nada haverá que não seja aproveitado: o Amazonas por exemplo, natural e gigante apparelho hydraulico rede piscoza de ribeiros e rios, prodigiosa, canalisação, perfeita e completa que não serve hoje senão para os bizões atravessarem a nado e para arrastar na sua corrente arvores seccas, conduzirá e nutrirá cem cidades; terá quem quizer, solo virgem, um tecto e um campo, commodidade e riqueza com a unica condição de espalhar por toda a terra a idéa patria, e de se consideral cidadão e lavrador do mundo de sorte que a propriedade, maximo direito humano, suprema liberdade dominio do espirito sobre a materia, soberania do homem, defeza do irracional, longe de ser opprimida, será democratisada e tornar-se-ha universal. Não haverá então a minima especie de estorvos nem peragens nas pontes, nem impostos de consumos nas cidades, nem alfandegas nos estados, nem isthmos nos oceanos, nem preconceitos nas almas. As diversissimas iniciativas todas despeitas e em busca, produzirão o mesmo ruido de azas que produzem as abelhas. A nação central donde irradiará este momento será para as demais sociedades o que a granja modelo é para as quintas vulgares. Será mais que nação será civilisação, será familia. Unidade de lingua, unidade de codigo a circulação fiduciaria levada ao mais alto grão: o papel moeda ou coupons fazendo um jurista de quem quer que tenha dez mil reis na algibeira, incalculavel augmento de valor, resultante da abolição do parisitismo; completa extinção da ociosidade da espingarda no braço; suppressão absoluta da aziganta despeza de guaritas; os milhões que custam os exercitos permanentes deixados nos bolsos dos cidadãos, os mancebos que a farda annula honrosamente, restituidos ao commercio, á lavoura e á industria; o ferro com forma de gladio desapparecendo de toda a parte para ser novamente forjado com a forma de charrua; a paz, symbolo da abundancia exaurivel, magistosamente sentida no meio dos homens; nenhuma exploração nem dos pequenos pelos grandes, nem dos grandes pelos pequenos, e por toda a parte a dignidade do prestimo individual reconhecidas por todos; a idéa de domesticidade expurgada da idéa de servidão, a igualdade sahindo inteiramente construida da instrucção gratuita e obrigatoria; o esgoto substituido pela drainagem; o castigo substituido pelo ensino; a prisão transferida em escola; a ignorancia que é a suprema indigencia, por uma vez abolida; o homem analphabeto tão raro como o cego de nascença; lado ficticio eliminando-se por lei, o incontestavel por um unico senado, a Academia das sciencias.

(Continúa)

Confidencia

A'...

Outr'ora, nessa quadra venturosa
Em que a vida se escoa vaporosa
Em mares de bonança,
Cheias de viço—alegre e em doce enleio—
Senti desabrochar dentro em meu seio
As rosas da esperança,

Mas hoje... as illusões são dissipadas,
E as rosas da ventura desfolhadas
Em amarga soledade...
E, consoladora, meiga e calma,
Só uma flor desabrocha na minh'alma:
O lyrio da saudade.

Itapecurú-mirim.

Marianna Luz.

FOLHETIM

SUMMARIO—Recordações ao Leitor—O Carnaval—A sua tradição—A minha falta de alegria—Os bailes do Theatro—O Zeferino e a sua mau humor comigo—O Archimedes e a critica—O Fontoura atravez dos Trisdelo—Lembranças da infancia—O Chico Teixeira e a—Grand-Bale—Ao leitor.

Eu venho hoje, Leitor, conduzir-te á doce recordação de um festival que sempre motiva tamanha loucura mesmo no espirito mais cultivado.

Eu quero fallar-te do nosso Carnaval que passou sem quasi alteração, sem quasi excesso de vida cerebral, sempre a dominar a monotonia no espirito da critica.

Quasi todos os povos civilisados consagram tres dias no anno para a loração do Deus Momo— um dos filhos dilectos da Mythologia.

E' no meio dessa diversão maravilhosamente preparada pela educação do espirito sarcastico, que se observa o riso expontaneo de uma alegria nova e a gargalhada ardida da moda dominante.

Nesse curto espaço de prazer cada alma que procura divertir-se fica innundada de um enthusiasmo que toca ao delirio e atira-se desordenadamente a expansão de um goso que nada tem de realismo sincero.

E' um facto simplesmente que é o transumpto da civilisação antiga e que nos mostra ainda o gosto da critica aos seus costumes sociaes e a sua physionomia moral.

E como eu sou um dos filhos duma civilisação toda cosmopolita a qual é o resumo de milhares de annos de trabalho e pensamento humano, gosto de ver a alma moderna expandindo-se em meio da alegria e do goso de um facto todo tradicional.

A minha alegria no meu modo de sentir não foi este anno completa porque não tive a felicidade de apreciar os bailes de mascaras que se deram no nosso Theatro.

Esquecido, sempre esquecido, de quem sempre me lembro, e por quem tenho uma sympathia toda natural, fiquei na casca rado o immortal Zeferino se lembrasse de mandar-me um bilhete—convite.

Paciencia, o meu bom humor me fará supportar tudo, embora o Zeferino, seja-me *ferino* ao meu modo de apreciar o que é bom e agradavel.

Estou crente que neste modo de pensar do bello Zeferino não fez parte o querido Archimedes, já porque o tempo lhe era pouco para tratar de assumptos mais graves e mais serios e já porque se achava estudando e atrapalhado com o papel que representou e que realmente esteve na altura da sua illustração e talento.

Voltando ao Carnaval não vi cousa que valesse um premio de ouro, alguns mascaras de ligeiro espirito mais sem reminiscencia de factos.

Andei as voltas com um que pareceu-me o Fontoura com a sua linguagem melliflua e agradavel, fallou-me do amor e da belleza das maranhenses, contou-me a sua paixão abrasadora e disse-me, finalmente, que talvez muito breve estivesse nos braços do Hymeneo ou no fundo de uma campa fria.

E' o caso da gente respeitar as paixões alheias, cada um supportando conforme o seu temperamento—a paixão é a embriaguez da alma.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO II | *Maranhão, 31 de Março de 1893* | NUMERO 13

REVISTA ELEGANTE

O artista

Seja-nos hoje permittido expandir o que pensamos e o que sentimos a respeito d'esse athleta do trabalho.

Será uma fraqueza talvez fallarmos de nós mesmo, mas contenta-nos o animo a verdade infinita que vamos expor e que gravita no intimo do nosso pequeno orgulho.

Na vida moderna, vida toda agitada de complicações, é o unico homem liberto das difficuldades imprevistas e extraordinarias que dão muitas horas de desalento e de cançasso.

Sacrifica-se ás vezes para combater muitos males visiveis que outros suppoem regalias ignoradas, mas que elle conhece a sua acção como uma completa obrigação do eterno trabalho.

Tranquillo e satisfeito, doutrinado por uma escola nova, de reputação consagrada, é o luta dor animoso da evolução natural de um povo que tem o trabalho como o unico incentivo da felicidade, da libertação e da victoria.

Sem elle não teriamos o austero orgulho das ambições do viver, o amor para as lutas quotidianas, seriamos mortalmente tristes, sem coração para o presente e sem alma para o futuro.

O artista estranha e sinceramente caracterisa a vida e o adiantamento intellectual de um povo, é um pensador no seu ponto de vista racional e pratico.

Não empallidece nunca, não recúa um passo deante das difficuldades que pouco e pouco se lhe vão sobresaltando no meio do trabalho que adoptou e que ama com toda a força do seu ser.

E' magnificamente um ente altivo e util quando se torna um valente lutador para vencer os segredos e os mysterios da sua arte, tendo a energia fortificante, a saude mental para poder desvendal-a e fazel-a progredir.

Como um triumphador maximo do progresso que caminha e da civilisação que se requinta, elle attinge o grau social do homem por excellencia necessario; é a fazenda humanidade, dessa humanidade que, em parte, cega de orgulho, ainda nega-lhe a conquista do trabalho na apotheose final.

Mas que importa a injustiça e o orgulho de um preconceito ephemero?

Na batalha da vida ha de vencer o luta dor valente, o luta dor escravo espontaneo do trabalho, e quando o carro do triumpho desfilar pelo caminho da gloria, o artista, como o planeta sol, irá illuminando as grutas obscuras da indolencia, onde as organisações doentias vivem, sem viver, mortalmente impressionadas.

PUNHOS e COLLARINHOS

de linho puro despachados hoje para a alfaiataria

—Teixeira—

A MODA

Todos parecem satisfeitos com a actual moda que acreditamos será mantida até o dia do *Grand Prix* em que Paríz, continuando assim em 1893 a moda que em 1892 tanto fascinou os elegantes.

Entretanto, algumas modificações forão effectuadas, e é assim que nós podemos noticiar que o comprimento dos *frisks* e sobrecasacas, que propendiam tornar-se exaggerados, foi modificado pela maioria dos elegantes, alguns dos quaes exaggeraram tanto que tornaram-se *grotescos*. Ora o *grotesco* nunca

Decifrações

Foram os srs. abaixo que decifraram as charadas do n. 12 do nosso jornal:

Dr. Arruda—Charada—VI—Perna.
Herdena—Charada—VII—Picapau
Dr. Celonla—charada—VIII—Quadrumano.
Victor Pan—charada—IX—Japiassoca.
Dr. Tom Tim—charada—X—Anajá.

CHAPEUS DE FELTRO—pretos e de côres despachados para a alfaiataria
—**Teixeira.**—

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de abril futuro:

Em 1.º, a Exma. Sra. D. Guilhermina Almeida de Macedo Britto, virtuosa esposa do nosso distincto redactor Augusto Britto, e a Exma. Sra. D. Maria Josephina Bordeaux Muller, digna esposa do Sr. Manoel Joaquim Muller;

Em 2, o cidadão João Alves dos Santos;

Em 3, a Exma. Sra. D. Amanda Maia e o cidadão João Nepomuceno de Moraes Rego;

Em 5, a Exma. Sra. D. Euridice Romeu, pressada filha do Sr. Ladislau Romeu e a interessante menina Fagundes Serra Gomba, extremecida filha do Sr. Uno de Castro Cambe;

Em 7, o Sr. José Luiz Ferreira Salgado;

Em 8, a interessante Alice, dilecta filha de José da Silva Rodrigues;

Em 9, o Sr. Capitão Rogerio Augusto Pereira;

Em 13, o Sr. Dr. Alexandre Collaço Moreira Netto, e a Exma. Sra. D. Anna Custodia de Oliveira, digna esposa do Sr. Antonio Ribeiro de Oliveira;

Em 19, a Exma. Sra. D. Pilita Vianna Rodrigues, virtuosa esposa do Sr. José da Silva Rodrigues;

Em 20, D. Alice, dilecta filha do Dr. Lourenço Valente de Figueiredo;

Em 24, o Sr. Dr. Carlos Fernando Vianna Ribeiro.

Em 30, a Exma. Sra. D. Sara Capoleiro, a Exma. Sra. D. Rachel Barbosa Carneiro, o Sr. Capitão Tenente Manoel Ignacio Bedart Vieira, o nosso estimado e distincto collaborador Eduardo José de Albuquerque Acillo e o General Floriano Peixoto, Presidente da nossa Republica.

Aos quaes apresentamos os nossos felicitações.

SORTIMENTO COMPLETO de gravatas de seda e de fustão, á venda na *alfaiataria*
—**TEIXEIRA**—

SALA DE VISITA

Os Loucos

O distincto litterato Julio Cesar Leal acaba de nos dar a honra de uma visita para nos offerecer um volume do seu romance —Os Loucos.

E' uma boa producção como estudo de factos da nossa vida contemporanea; sempre a demonstrar os defeitos organicos de uma sociedade que ora excita o homem no vaevem de milhares de pensamentos extravagantes e ora fal-o baquear até o ultimo arranco da fraqueza de seu espirito.

Em outra secção damos lugar ao nosso collega A. Britto para num bem elaborado artigo dar a sua opinião a respeito dessa magnifica obra que o distincto litterato Julio Cesar Leal acaba de dar á luz.

Penhorados agradecemos a delicadeza da offerta.

Antonio Rayol

Tivemos o praser de abraçar o nosso distincto amigo, o tenor brazileiro Antonio Rayol que ha dias chegou do Pará, onde foi mais uma vez victoriado no concerto que realisou coadjuvado pelos mais notaveis *virtuoses* e artistas do Estado visinho.

Sempre acolhido em toda parte que se apresenta com admiração e amisade espontaneas, é tido como uma gloria brasileira e abençoado pelas pennas adestradas como a de Antonio Lemos, redactor chefe da «Provincia do Pará» que num bem elaborado artigo fel-o mais conhecido dos seus concidadãos, dando a nota verdadeira da sua origem e da sua carreira artistica.

Os nossos parabens.

Mila

Candido Costa, o nosso amigo e distincto collaborador, fez-nos uma visita para nos offerecer o seu interessante romance *Mila*, que acaba de publicar.

Mila é um bello producto da escola romantica, tem um enredo simples e de incontestavel originalidade, povoado de situações dominadoras e naturaes.

Genuinamente é um diamante bem lapidado, brilhando a luz do amor e do talento natural.

A nosso ver é o melhor trabalho de Candido Costa,—é a sua mais bella gloria litteraria, que fel-o possuir a força do verdadeiro escriptor para poder desenvolver a sagacidade penetrante, a sensibilidade profundamente sympathica e a elevação de sentimento no conjuncto de sua these.

Agradecidos, abraçamol-o satisfeitos e cheios de orgulho.

"DOMESTIC" E "SINGER"—machinas de costura—grande deposito na alfaiataria—Teixeira.

HORAS THEATRAES

Empreza—Pismel & Guimarães

Correram magnificos os espectaculos dados durante o mez que hoje finda no nosso theatro pelos dois rivaes americanos Pismel & Guimarães.

São dignos de todos os elogios os trabalhos de advinhação, illusão, magnetismo e hypnotismo que brilhantemente executaram os dois distinctos artistas.

Vimos Entreb, o grande filho das sciencias occultas, admiramol-o enthusiastas; mas agora como rivaes valentes apresentaram-se dois brasileiros artistas de merito que nada deixam a desejar, e dão a verdadeira perfeição e o verdadeiro cunho no effeito maravilhoso das sortes que executam.

São moços, estrearam ha pouco na grande Arte do assombroso com o amor proprio dos luctadores temerarios, que andão em busca de gloria e dos applausos, portanto são dignos de acolhimento e protecção.

As nossas felicitações e o nosso agradecimento pela delicadesa da cadeira que gentilmente nos offereceram.

SUSPENSORIOS—grande sortimento na alfaiataria Teixeira.

PRADO MARANHENSE

Estiveram animadas e concorridas a 4.ª, 5.ª e 6.ª corridas que se realisaram no mez que hoje finda.

Em quasi todos os pareos foram vencedores os jockeys que montavam nos cavallos Nhonho, Adamastor, Tabaturte, Americano e Manzanares.

O delirio dominou os enthusiastas de tão agradavel diversão, dando-lhes a coragem para fazerem ter uma procura enorme a *pools* dos premios a jogar.

A *bolsa* abriu-se e o dinheiro rolou em jorros a procura da gruta da fortuna.

E nós contemplavamos abysmados o enthusiasmo dos bellos jockeys e a coragem dos temerarios jogadores.

EXPEDIENTE

Album

Com este titulo começou, em janeiro ultimo, a ser publicado no Rio de Janeiro um importante periodico litterario, sob a direcção do nosso talentoso conterraneo Arthur Azevedo. Sae dos prelos dos conceituados Irmãos H. Lombaert & C., e é de publicação semanal, contendo oito paginas, em bom papel.

Declara que publicará chronicas theatraes e do *sport*, romances, contos, phantasias, versos etc., alem de ligeiros artigos commentando os factos mais salientes do dia, com exclusão dos politicos, a que será completamente alheio.

Entre os seus collaboradores figuram os principaes nomes da nossa litteratura. Declara mais que cada numero trará, fóra do texto, um retrato de pessoa notavel, constituindo, assim, o *Album*, no fim de algum tempo, uma interessante galeria, na qual figurarão, em curiosa promiscuidade, todas as classes sociaes.

Certamente que, como bem disse a redacção do *Album*, «na epocha de renovação que atravessamos, n'este surgir constante de novas physionomias, n'esta volutisação social de velhas figuras do secula do imperio, uma folha d'este genero terá mais tarde o seu valor documentario»—seu lo, accrescentamos, desde já, pelo publico acolhida com applausos.

—Os quatros primeiros numeros, dos quaes possuimos um exemplar, perdicaram o retrato e o esboço biographico de Carlos Gomes, Machado de Assis, Ismenia dos Santos e João Lopes.

Victor Lobato

A *Revista Elegante* não pode deixar de traçar hoje uma nota lugubre.

Toma esse doloroso encargo um amigo do estimavel cidadão que nasceu nesta cidade e n'ella viveu até o dia 11 do mez que hoje finda, com o nome de—Victor Lobato.

A imprensa diaria rendeu já as homenagens a que tinha jus o illustre morto,—homenagens a que a *Revista* se associa.

O que então foi dito a seu respeito não pode soffrer contestação alguma. E, reconhecendo tudo como segura verdade, a *Revista* curva-se ante seu tumulo, com veneração e pesarosa, acompanhada do amigo desde sua meninice

A. Britto.

Club Mephistopheles

Amanhã nos salões do nosso theatro este Club realisa o primeiro baile extraordinario a phantasia, conforme o seu estatuto organisado.

Ha de ser uma funcção explendida e deslumbrante, não só pelos esforços que a illustre directoria tem incansavelmente empregado, como pela acceitação que do nosso publico tem tido os bilhetes que dão entrada aos salões do mesmo Club.

Lá estaremos, se formos distinguidos com um convite.

Impresso por João B. A. Lobato, na Typographia particular da alfaiataria TEIXEIRA

um e para outro, segundo a especie do ser, e a qualidade das respectivas materias,—a humanidade inteira não teria as mesmas idéas, os mesmos sentimentos, os mesmos affectos, os mesmos odios? E, assim sendo, como poderiamos nos entender, sob o imperio de leis tão monotonas?

Todos seriam bons ou máos. Isto mesmo é um modo de fallar, porque, em realidade, nenhum d'estes casos, ainda, se daria. Seriam iguaes em tudo e por tudo: logo, não poderia haver nem bons, nem máos. Não haveria vicios, nem virtudes, e, conseguintemente, nem punições nem premios. Não haveriam feitos generosos, nem condemnaveis, porque ninguem os commettiria.

Os defeitos moraes, portanto, que notamos em cada um dos nossos semelhantes, e que, como imagina o illustre sr. Cesar Leal, os tornam uns verdadeiros—loucos—, podem ser necessarios para esta grande harmonia que reina, a nossos olhos, entre lagrimas e risos—entre dissabores e gosos—e que constitue a vida humana.

Inquire, ainda, o philosopho, deante de tudo isto, pela procedencia das penalidades estatuidas nos codigos sociaes—civis ou religiosos—para a punição de delictos, dizem que sempre praticados por causas exactamente uniformes.

Os judiciosos conceitos, deduzidos pelo illustrado auctor d'*Os Loucos*, chamaram-me a estes ligeiros raciocinios, com os quaes, de modo algum, proponho-me a lembrar sinões n'esse interessante romance, cuja leitura agradou-me summamente.

Não tenho auctoridade para felicitar o auctor por mais um triumpho que colheu nas lettras com o seu novo romance. Si a tivesse, certo que o faria de muito bom grado, como ora manifesto-lhe as effusões das minhas cordiaes sympathias.

AUGUSTO BRITTO

A...

A ausencia! Oh que importa! estás presente
Em toda a parte onde dirijo os passos.

F. Varella.

Longe de ti, saudoso, e pensativo
Meu coração palpita, flor querida;
E em cada pulsação sinto que a vida
Longe de ti se esbate e que eu não vivo...

Outr'ora nossa quadra primaveral,
Na luz de teu olhar cismorando,
Meu coração febril, apaixonado
Sentia a vida doce e venturosa!...

Era tudo prazer, tudo bonança,
Tu eras meu ideal, minh'esperança,
Nossa quadra feliz da mocidade.

Mas hoje... no viver amargurado
Eu vivo das lembranças do passado
Longe de ti, triste soluçando!...

S. Luiz—1899.

HERDEMA.

Santinha!

Chamavam Santinha uma bella morena, de olhos negros, cheios de um fogo extranho; chamavam-n'a Santinha, talvez porque sob o véo radiante da luz dos olhos d'ella, viviam, na doirada chrisalida do seu coração, as borboletas azues dos seus sonhos, puros e virgens, sonhos de creança.

Conta, porem, a lenda, que um dia, um aventureiro audaz, quiz da haste arrancar a flor luminosa do seu amor e ver dos seus olhos correrem as primeiras lagrimas de alegria e os primeiros pallidos sorrisos de tristeza e de ciume nascerem nos seus labios.

Santinha, a meiga, a doce menina de olhos negros, a principio deixou-se levar, embalada pelas harmonias desconhecidas daquella affeição, na qual acreditou o seu coração inexperiente; porém, um dia, sabendo quanto de mentira havia no amor do aventureiro audaz, despedio-o altiva, energica, soberbamente.

E o moço D. Juan levantou a tenda de peregrino e lá se foi em busca de outros amores. Bem hajas tu, celestissima creança, de olhos negros como a noite e como a noite cheios de estrellas, tu, que tens a alma feita da mesma luz de que se faz a poesia, e cuja imagem se reflecte nos meus sonhos, doce, vaporosa, espalhando em torno de mim o aroma quente e radiante de uma esperança!

ARITTA.

Recordação

Eu não te esquecerei, não! não posso esquecer
si dentro do meu peito espelha-se o teu rosto.
Eu sinto até minh'alma em vago estremecer
as vezes ao ver-te tão cheio de desgosto
os versos que te fiz na doce saudade,
no puro enthusiasmo do primeiro amor,
e a minha lyra sangra em canto de saudade
um canto gemebundo de agonia e dor!...

Pois como um meteoro morre de passagem,
mas d'elle fica um rastro lá pelo ampliddo
assim tambem morreste, mas a tua imagem
está em coração ainda aqui—no coração!...

TH. RIBEIRO JUNIOR.

O futuro do Brazil.

(Por Victor-Hugo)

Vide o n. 12.

O governo limitado á vigilancia consideravel da viação, que representa duas necessidades: circulação e segurança, não intervindo nunca o estado senão para offerecer gratuitamente o padrão e o risco. Concurrencia absoluta de aproximações na presença do typo, marcando o desenvolvimento do progresso. Em parte nenhuma o obstaculo, em toda parte a norma: collegio normal, officina normal, armazem normal, loja normal, quinta normal, theatro normal, publicidade normal e no fundo de tudo a liberdade. Vasto avançar da turba ideal conduzida pelo espirito Legião. A circulação desembaraçada dando em resultado centuplicar-se a producção e o consumo; o milagre da multiplicação dos pães tornado realidade; os cursos d'agua detidos por diques, que obstarão as innundações e povoados de peixes que produzirão a barateza do viver; a industria gerando a industria, os braços chamando os braços, a obra feita ramificando-se em innumeras obras para fazer; o perpetuo acabamento, e em qualquer logar, a toda hora, sob o machado fecundante do progresso, o admiravel renascimento da cabeça da hydra santa do trabalho. Por guerra a evolução. Revolta, a das intelligencias aspirando para a aurora. A impaciencia do bem repudiando a morosidade e a timidez. Qualquer outra esfera, absolutamente illuminada. Um povo sondando as entranhas da noite e operando, em beneficio do genero humano, immensa extracção de luz. Eis qual será a nação de que fallamos. Esta nação terá por capital o Rio de Janeiro, e não se chamará Brazil, chamar-se-ha America do Sul.

(Continúa)

LENÇOS DE SEDA—brancos, cremes, cercadura larga encontram-se na alfaiataria Teixeira.

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

A terra não deixa de assemelhar-se a um presidio; Quem sabe se o homem será o sentenciado da justiça divina?

V. Hugo

Triolet

Si um beijo dêr-te no labio
A furto, lá no quintal,
Não julgues que faço mal,
Si um beijo dêr-te no labio.
E' que não quero o resalsio
D'outro veneno fatal...
Si um beijo dêr-te no labio
A furto, lá no quintal.

B.

Anedocta

—Mestre, eu tinha um callo aqui no pé direito; mas desappareceu com as botinas que lhe comprei!

—Pudera! se o senhor não passou para as alpiceiras!...

Quadra

N'um dos bonds de Cattin
Ao lado de uma menina
Do quando em vez lhe pisava
O calcanhar da botina

Pensamento

Nos momentos de terrivel angustia, se os olhos não podem chorar, é porque o coração verte sangue.

N'um anniversario natalicio

Mais uma petala de rosa,
Se entreabrio perfumosa
Do vosso amor na essencia.
Que esta data brilhante
Seja repleta luza incessante
Na flor de vossa existencia.

Julio C. Monteiro.

Anedocta

A um homem que ia casar com uma viuva, disse outro já desenganado:

—Es um doido vais embarcar no navio em que o teu predecessor naufragou.

Charadas

XI

2—2—Estima os territorios do Brazil.

XII

1—1—Olha alem uma embarcação.

XIII

1—1—Na amisade está o maior sentimento.

XIV

1—2—O osculo na bocca é um occulo grosseiro.

XV

2—1—Nos lagos do Tamisa pesca-se.

Triolet

Quem quizer um fato feito
Da Moda ao maior rigor,
No elegantismo perfeito
Quem quizer um fato feito,
Perca dos colares o amor
Venha a nós bem satisfeito,
Quem quizer um fato feito
Da Moda ao maior rigor.

fez parte da elegancia e d'ahi a abolição do grande comprimento do frak, principalmente pelas pessoas de pequena estatura, que não poderiam com elles harmonisar-se, não subsistio.

Felizmente a moda hoje é irreprehensivel e não vale a estatura para que ella seja o que convem ser a expressão do bom gosto.

Alem da importante modificação acima já apontada, uma outra, já prevista por nós, se effectuou—as abas dos *fraks* usam-se menos redondas.

Os costumes do grande figurino colorido

(Em exposição no nosso estabelecimento)

A 1.ª personagem veste pardessus—direito, sem curvas, seda nas vistas;

A 2.ª veste frak com 3 botões;

A 3.ª veste paletot de traspasse, com grandes vistas, não abotoando;

A 4.ª veste paletot abotoando 3 ou 4 botões;

A 5.ª veste paletot de traspasse fechado por 3 botões;

A 6.ª finalmente veste o paletot francez de ceremonia, vistas de seda.

O figurino de 5 personagens

A 1.ª personagem mostra as vistas de um pardessus de costura no meio;

A 2.ª apresenta a sobrecasaca desabotoada, com 2 botões, sobrecasaca que em muitas occasiões substitue a casaca;

A 3.ª o frak com grandes vistas, muito usado no estio;

A 4.ª o frak fechado por um botão;

A 5.ª figura a classica sobrecasaca a 3 botões.

(Extr.)

NOVOS CORTES de CASEMIRA de cores para fatos e calças despachados hoje—**Alfaiataria Teixeira.**

SALÃO LITTERARIO

Os Loucos

O illustre escriptor Julio Cesar Leal acaba de fazer publicar n'esta cidade, onde actualmente reside, um romance com este titulo, contendo 191 paginas de impressão.

Denominou-o o seu auctor, muito apropriadamente, de—romance instructivo—, como o poderia ter denominado de—scientifico—visto que, incontestavelmente, o é.

Difficilima, embora, como é, a these que o auctor teve em mente sustentar, da qual se teem occupado vultos eminentes, no mundo scientifico, é fóra de duvida que elle a enfrentou sem desvios, que a discutio com vigor, demonstrando proficuos estudos que tem feito da chimica e da biologia.

A sua idéa predominante é que, entre a humanidade, a loucura lavra em grande escala, sendo a parte que cabe aos sizados ou sensatos muito menor que a dos que se acham affectados d'aquella enfermidade.

Perante a sciencia, penso que o distincto escriptor andou perfeitamente bem, apresentando os phenomenos que se manifestam por differentes modos nos sentimentos e actos do homem, como dirivados da portentosa lei natural, que é a mesma que dá vida e acção a todos os demais seres que teem existencia pelo universo inteiro. E' pensamento todo racional, todo acceitavel, e que assenta em bases bastantemente solidas. Foi magistral, e muitas vezes feliz em suas considerações.

Alem d'isso, desenvolveu o auctor os phenomenos do hysterismo, catalepsia, hypnotismo e somnabulismo,—esses novos phenomenos que teem dispertado a attenção dos sabios Europeos. Demonstrou, com clareza, o processo de suas manifestações e observações.

O que não foi ou não quiz ser foi philosopho consummado, falta de que não o condemno, mesmo porque talvez não constitua isto uma falta. E', assim, que o illustrado escriptor falla-nos das substancias de que, a seu ver, somos formados, da maior ou menor capacidade dos differentes corpos de que se compõe a massa encephalica etc, deixando de aventurar si esses defeitos que indica haver por parte da natureza, na falta de uniformidade, que dá motivos á grandes desorganisações, attentados ou crimes—divulgados a nossos olhos—serão ou não necessarios, em bem da propria humanidade. O philosopho profundo e investigador, inquire, diante dos acontecimentos que o distincto romancista apresenta á nossa observação, si, sendo como parece ser, dirivados da grande lei natural, que tudo cria, que a tudo se estende, que tudo cerca e agasalha,—esses proprios defeitos ou deformidades moraes, não serão, ao contrario, elementos necessarios, convenientes, indispensaveis para a boa e a melhor ordem de todo este conjuncto de maravilhas, que o homem não pode perscrutar, mas apenas admirar e obedecer?

Com effeito, no caso de produzirem as leis da sabia natureza, para cada ser, a mesma dosagem das materias de que se compoem, isto é em quantidade exactamente igual para

FOLHETIM

SUMMARIO—O Leitor e o meu sentir—O dia venerado—A morte de Jesus—A sua maxima—A Cruz historica—A minha crença—Consummatum est—O poeta á meu ver—A vida na eternidade—Ao revoir.

Amavel Leitor, pouco a pouco eu vou te descobrindo ou te revellando todos os segredos do meu sentir.

Acredito que sejas bom, que saibas comprehender a expressão sincera e definitiva do que sinto e é por esse motivo que eu agora peço-te sem medo algum, sem a mais leve desconfiança que me escutes religiosamente.

Como vês hoje nos resa o calendario da religião christã um acontecimento extraordinariamente cheio de veneração e de amor—a morte do unico homem perfeito e superior.

Eu, como um servo humilde da doutrina desse grande homem, trago a alma captiva a um sentimento todo sagrado e fraternal, a alma captiva á luz divina e tragica desta historia que mais e mais se reflete na minha crença esplendidamente.

Eu hoje trago, sim, o coração a pulsar-me ardente, a explodir vigoroso uns jactos de pesar, umas lagrimas crystallinas, ao sentir a verdade d'aquella ultima phrase de Jesus,—«Perdoae aos que nos querem mal».

Ao incredulo, ao cruel, esta sublime maxima não tem o grão agudo da bondade no phrenesi perigoso da sua vingança, mas para a minha obscura individualidade de um crente, extremamente crente das cousas divinas, tem ella a magica acção de um poder incontestavel e omnisciente.

Captiva como hoje me está a alma aos lances medonhos e terriveis do eterno drama do Calvario, sinto por este dia uma veneração sincera e augusta que transforma-me todo o ser no mais humilde dos seres humanos.

Contemplo extasiado e submisso o quadro da grande Cruz historica do Nazareno e tenho a justa comprehensão de um facto hostil ao desdenhoso coração humano, um facto que se manifesta decisivo para suffocar eternamente o desvario de milhões de almas incredulas—a remissão da humanidade.

Essa grande Cruz tem para a minha humilde pessoa a faculdade de pintar-me o sagrado e immortal amor de um ser superior, um ser que na febre intensa e inexgotavel da sua paixão, tinha o suspiro como a synthese sublime da doçura, e a agonia como a eterna flor da bondade para o amigo traidor.

Assim doutrinado possuo eu um profundo e palpitante sentir por essa tragedia real dos velhos e temerarios Judeos, e tenho o coração com a linguagem suave e doce dos crentes, a revellar-se ante a sua sublimidade.

Como eu, que comprehendo a immortalidade de um ser superior, que se exalta, cheio de fé, para as cousas orvalhadas da omnisciencia de um homem grandemente bom e divino, a se exprimir no requinte da mesma crença, da mesma veneração, tenho o amigo P. Bessa que possue a concepção espontanea e natural da morte desse bello Nazareno neste mimoso soneto:

Consummatum est

Eslota-se a montanha e murcha a flor vermelha,
a flor que ali nascera aos raios da alvorada,
a nuvem pelo azul perpassa descorada
sacode á terra o sol a languida scintilha.

O mar triste soluça ao longe da montanha
e nesse soluçar o seu amor resume,
e o vento ao se agitar afira o seu queixume
como que presentindo uma verdade estranha.

Depois tudo esmorece. Ah! vê-se um vulto erguido,
os braços presos tem nos braços d'uma cruz,
do peito a derramar o sangue redimido!

Eis o Homem, ali, da humanidade a Luz,
a synthese do bem nas mágoas do opprimido,
o symbolo do amor,—o immortal Jesus.

P. Bessa.

Si me fosse dado o direito do critico sincero que tem a franqueza deliciosa de pensar e de dizer o que sente, eu daria um abraço no author das *rimas* e chamava-lhe poeta e sonhador sublime, porque neste soneto elle foi verdadeiramente um observador maravilhoso de um facto, pelo qual eu sinto uma adoração eterna.

A vida para mim é um sonho azul, do qual eu terei de accordar na eternidade, lá nesse mundo ignorado, onde cada alma pura é uma flor a rescender o perfume da sua bondade, onde cada alma pura é um passaro a cantar o hymno do amor, mas do amor sublime e verdadeiro que foi concebido no coração angelico daquella criança que se chamou Jesus desde o presepe de Belem até o alto da Cruz da Redempção.

Ao revoir.

JULIO DUVAL.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO II | *Maranhão, 30 de Abril de 1893* | NUMERO 14

REVISTA ELEGANTE

O Socialismo

E' esta a questão social mais importante dos tempos modernos, questão que é considerada no conceito do trabalho como uma fonte de valor.

Sustentada na theoria da liberdade e da igualdade que a escola do direito natural fez valer no campo politico e economico, ella vae ramificando-se todo dia nos cerebros dos reformadores da sociedade moderna.

O elemento mais proeminente, mais definido com que ella conta a seu favor, é o das classes laboriosas, que tenta, mediante a reforma do direito successorio, não manter a livre concurrencia, porque esta não é mais do que o anniquilamento das forças economicas mais debeis.

A concurrencia livre dá lugar aos capitaes mais fortes permanecerem no campo do trabalho sempre com a mesma prepotencia, a demonstrar a impossibilidade de acção e de intervenção do Estado a bem da communidade social.

A verdade desta theoria dos socialistas modernos brilha como o sol em meio das lutas da economia social: ella abre o caminho por onde tem de passar o direito natural, guiado pela lei do progresso que quer o Estado, já que é o maior capitalista, como a unica força habilitada para intervir a seu favor.

O socialismo tem um principio economico absolutamente novo, principio que protege as classes soffredoras—é a abolição da transmissão hereditaria fundada sobre vinculos de sangue.

Similhante principio do novo direito socialista não admitte que succeda como herdeiro por morte do proprietario industrial, a familia e sim o Estado que é o unico e verdadeiro representante da communidade social.

O Estado que é o poder politico e economico, que é o unico capitalista, formará a democracia social por meios pacificos, regulando o trabalho entre as classes que nada possuem e conquistando a favor da actividade de forças das mesmas classes a realisação de tal *desideratum* para a prosperidade do paiz.

Evidentemente poderá vingar esta questão social que agita actualmente o mundo inteiro, quer por meios racionaes quer por meios violentos, já porque é uma fonte de valor para o operario que trabalha dia e noite sem poder satisfazer as suas necessidades e os seus prazeres e já porque é uma questão que reforma inteiramente a sociedade para que tenha esta a perfeita organisação do trabalho.

50:000 um terno de casemira de côr ou preta, paletot, collete e calça, aprompta-se por medida na alfaiataria--Teixeira.

A MODA

O estio precedente legou-nos para a estação de 1893 o mesmo gosto de fazenda que então vigorava.

O collete branco continúa em vigor e crêmos que por muito tempo.

A seda nas vistas está reservada á casaca e aos *smokings* e *paradesos*.

Tambem continúa em voga o classico botão de seda.

O grande figurino de 8 personagens.

Em exposição no nosso estabelecimento!

Quasi que se tornava desnecessario a explicação dos figurinos que agora expomos.

nosso lado, tão activo a nos ajudar na faina grata do trabalho, deixamo-lhe á sua memoria este espaço em que cada lettra é uma lagrima crystallina da nossa magua e da nossa amisade.

12:000 uma calça de cazemira de côr ou preta, aprompta-se por medida na alfaiataria Teixeira.

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

A virtude é como o sandalo: communica o seo perfume a tudo que se lhe approxima.

Julio Cezar Monteiro.

Quadra

Vejo a Moda como um gato
A me saltar na algibeira,
Desta forma sempre um fato
Me pega o Gaspar Teixeira.

Til Pelintra.

O amor e as mulheres

---A mulher é o ser do mundo mais indefinivel.

Mme. de Lambert.

---O amor e a mulher são uma meza bem servida, para qual se olha de differente modo antes e depois da comida.

Helvetius.

---O amor é uma phantasia seductora e eterna.

Julio Dareal.

A "Revista Elegante"

A F. Teixeira.

A «Revista Elegante» está chistosa
E no *aplomb* da phrase, harmoniosa,
N'um idyllio de graça e singeleza:
---Estrella a scintillar no firmamento
---Um sorriso infantil á Natureza!...

N. L.

Charadas

XVI

1-2--Na China quasi todo cachorro é indolente.

XVII

2-1--Levanta o alimento e pega o passaro.

XVIII

2-2--Alimenta porções de terra este colôsso.

XIV

2-2--Dá bagos e tem bagos o riacho.

Decifrações

Foram os senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 13 do nosso jornal:

K-Pêta--Charada XI--Amazonas.
Passatempo--Charada XII--Vela.
Victor Pan--Charada XIII--Amor.
Gil Velhaco--Charada XIV--Beijoca.
Til Pelintra---Charada XV--Lagosta.

Chapeus de feltro, lenços, gravatas, colleirinhos, punhos e maquinas, encontra-se variado sortimento na Alfaiataria Teixeira.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de maio futuro:

Em 1.º, o estudioso menino Heitor Britto, filho do nosso distincto redactor Augusto Britto;

Em 3, a Exma. Senra. D. Othilia Pires Pestana, virtuosa esposa do Senr. Francisco Pestana;

Em 6, o Senr. Abel Valente de Figueiredo;

Em 7, a Exma. Senra. D. Anna Pinto da Cruz.

Em 10, o estimado lavrador Marcellino Gonçalves Machado;

Em 11, a Exma. Senra. D. Maria Lima Sabino Broadbent, digna esposa do Senr. William Broadbent.

Em 15, a Exma. Senra. D. Maria Pinheiro, dilecta filha do distincto jornalista Alberto Pinheiro;

Em 20, a Exma. Senra. D. Lavina Teixeira, virtuosa esposa do nosso activo e sympathico gerente Francisco Pinto Teixeira;

Em 25, a Exma. Senra. D. Ada Jessil Sabino Broadbent, presada filha do Senr. William Broadbent e o nosso distincto amigo e talentoso redactor Augusto Cesar de Macedo Britto;

Em 31, a Exma. Senra. D. Anna Reis Cruz Almeida, digna esposa do nosso amigo Arthur de Oliveira Almeida, o cidadão Fabricio Caldas de Oliveira, gerente do Engenho Central--São Pedro e sua digna esposa.

Aceitem os nossos parabens.

Ceroulas de algodão, encontram-se promptas no deposito de roupas feitas da Alfaiataria Teixeira.

PEQUENA CORRESPONDENCIA

As maravilhas da sciencia

O fio electrico.

No ultimo numero desta *Revista* annunciei, muito em especial aos seus amaveis freguezes e ao publico em geral, que a Alfaiataria Teixeira—por cumulo da commodidade do seu digno Gerente e tambem dos ditos freguezes—fez optima acquisição de um apparelho electrico destinado a tomar medida de toda e qualquer roupa de freguezes cujas casas participem das inestimaveis vantagens da réde telephonica que se estende pelas ruas da nossa capital; medida esta tomada a qualquer hora e com maxima prestesa e tambem com toda a commodidade para o artista e para o cliente.

Prometti dar no presente numero a discripção de referido apparelho.

Cumpro hoje a minha promessa.

Sempre adaptado ao telephone, sem o auxilio do qual não pode funccionar, este apparelho que bem podemos chamar—Metrophono—compõe-se no seu todo muito simplesmente de duas laminas de cobre de 0,m20 de comprimento sob 0,m008 de largura, tendo uma das extremidades preza ao telephone e a outra ligada a uma medida do mesmo metal sobre a qual se acha um anel quadrado da mesma conformação da medida, o qual munido de um ponteiro indicador, e movel em toda a extensão da mesma medida.

Tanto o transmissor como o receptor são munidos de um apparelho destes para o completo funccionato e desejado effeito.

Deste modo toda oscillação operada na medida pelo ponteiro indicador do apparelho transmissor é perfeitamente reproduzida pelo ponteiro—indicator do apparelho receptor.

Vejamos, pois, como o Metrophono executa o seu admiravel trabalho.

Suppunhamos, por um momento que o Sr. Alfredo F. Silva morador no extremo do Largo dos Remedios, ou por estar o tempo muito chuvoso e elle não querer sahir em consequencia do maldito rheumatismo que nunca o larga, maxime na estação invernosa (o freguez que eu imagino é rheumatico) ou por não querer vir mesmo n'um bond até a casa do Gaspar, ao Largo do Carmo, para tomar medida de um fato completo, o Sr. Alfredo munido do apparelho adapta-o ao telephone da sua casa e em seguida dando volta á manivella manda ligar com o n. 56.

Ligado que seja, vem logo com toda a presteza ao apparelho o nosso incansavel e infatigavel Chico Teixeira e o dialogo atravez do fio segue assim:

—Prompto! Quem falla?

—E' Alfredo F. Silva.

—Estou ás suas ordens, queira dizer o que quer.

—Quero tomar medida de um fato completo casemira diagonal boa fazenda, mas não posso lá ir, é possivel servir-nos agora do seu celebre Metrophono?

—Sim senhor.

—Então applique o seu apparelho que o meu já cá está applicado.

Depois de um intervallo de dois minutos, o Chico responde:

—Prompto. V. S. pode fallar, aqui está o João Mendes que é todo ouvidos:

—Bem. Va notando:

Fraque.

A--Grossura do corpo, debaixo dos braços, tomada sobre o collete	40
B—Grossura do corpo na cintura, tomada sobre o collete.....	35
C a D—Comprimento de cintura, desde a costura que une a golla ao corpo, até onde deve ser a cintura da roupa.....	48
E—Comprimento total, em seguida á medida C a D.....	90
F a G—Largura da espalda, desde a costura do meio das costas até á costura da manga.....	17
H—Comprimento da manga, em seguida á medida F a G.....	76

Collete

A—Grossura do corpo, debaixo dos braços, tomada sobre o collete	40
B—Grossura do corpo na cintura, tomada sobre o collete.....	35
I a J—Comprimento do collete, desde a costura do meio da golla até o comprimento que se desejar	

Calça

K a L—Comprimento da ilharga, desde a costura do coz, até á sola da botina.....	104
M a N--Comprimento de entrepernas.	79
O—Grossura do corpo tomada sobre a parte mais saliente das nalgas.....	43

E assim sucessivamente se praticará com todos os freguezes que precisarem de medidas nestas condições bem entendido, com todas as commodidades de ambas as partes contractantes.

Para dar começo a tão importante melhoramento industrial a Alfaiataria Teixeira já tem a venda os ditos apparelhos em caixas de madeira polida e elegantemente preparadas ao preço relativamente barato de 5$000 o cada apparelho.

Si mais vale... não é caro.

Fantasio.

Impresso por João R. A. Lombo, na Typographia particular da alfaiataria TEIXEIRA

que, sem incorrer na mais leve censura, mas com procedimento louvavel, o dr. Oscar diz a seu pae, querendo motivar o facto de não passar a amar outra mulher: «Sou escravo de minha palavra.» Si elle houvesse dito simplesmente: «Eu já amo e sou amado, meu pae,» menor valor teriam as suas palavras.

O dr. Paulo representa o interesse brutal; mas, mesmo assim, não mereceria elle absolvição, quando fôra impellido por circumstancias originadas do seu disgosto pungente, dos seus bons sentimentos, talvez? E' este outro quadro, singela e verdadeiramente formado com as tintas que não são de contrabando.

Por força das grandes torturas de sua alma, resolveu o dr. Paulo dar termo á sua existencia. Isto é—matou-se, extinguio todos os seus affectos, todos os seus sentimentos, tudo, em fim, que havia no seu—eu—, e, coisa extraordinaria! extinguindo—tudo o que lhe dizia respeito—salvou ainda, assim, sua —honra—e sua—diguidade—, no significado retumbante d'estas palavras... Esta logica tem accesso facil entre o convenio social, pelo que, o meu amigo Costa utilisou-se d'ella com franca acceitação dos leitores de *Mila*.

Finalisa este mimoso romancete com o rigosijo do amor, e, ao mesmo tempo, com um martyrio imposto por este agente superior, sendo victima a pobre Leonor.

Si a imposição a esse martyrio foi legitima ou derivada d'um simples capricho, é o que não se propoz o auctor nem eu me proponho a levantar questão.

O que é fora de duvida é que *Mila* encerra differentes quadros verdadeiros, embora ligeiramente traçados.

Candido Costa certamente encontrará incentivos ás suas locubrações no bom acolhimento do modesto trabalho que acaba de dar publicidade.

AUGUSTO BRUTTO

A'...

Na loura que ocultar-se aos olhos teus
Não derrames tuas lagrimas sentidas.
Uma prece, ou flores murchecidas,
Tem valor muito mais aos pés de Deus.

Quando a noite descer, escura e fria,
E cobrir meu sepulchro com seu manto
Pensa em mim, n'esse amor tão puro e santo,
Que feliz, bem feliz, prendi-te ao dia...

Quando a brisa, mordendo o pétalo em flor,
Murmurar um sussurrar delirado
E' teu nome, esse nome tão querido,
Qu'eu a brisa confiei, meu meu amor.

Se ousares tocar na face tua
Um lafejo subtil, sereno e frio,
Sae meus beijos, os beijos que te cuido,
Ao marmoreo claro da branca tez.

Rapes uru-tairim.

Marianna Luz.

O futuro do Brazil.

(Por Victor-Hugo)

Vide o n. 13.

Chamar-se-ha America do Sul no vigesimo seculo, e, nos seguintes, mais transfigurada ainda chamar-se-ha—Humanidade. A Humanidade, nação definitiva, é já entrevista pelos pensadores pelos que contemplam as penumbras; mas isto a que assiste o seculo decimo nono; é formação da America. Visão magestosa! Ha na embryogenia dos povos, como a dos entes um momento sublime de transferencia, no qual o mysterio consente que o fitem. No momento em que estamos, diviza-se nas entranhas da civilisação uma gestação augusta. E' a germinação da America do Sul, uma e unica. Estamos a ponto de ver desabrochar um povo que será o Brazil sublimado. O ovario profundo do progresso, fecundado, contem sob esta forma, já distincta, o futuro. A nação, que ha de ser, palpita na America actual como o ente alado na larva reptil. No proximo seculo abrirá as duas azas, compostas, uma de liberdade, outra de firmeza de vontade. O futuro será o continente fraternal. Guide, pois, cada um de adoptar a sua resolução, porque esta felicidade immensa é inevitavel. Do povo que não surgio ainda, existe já a capital. Parece isto um prodigio, mas é uma lei. O futuro das nações forma-se como o fectus do homem; e a mysteriosa construcção do embryão simultaneamente vegetação e vida, principia sempre invariavelmente pela ideá.

«Paiz» de 23 de Dezembro de 1880.
(N. 292.)

Notas de flauta

I

Notas alegres de ouvir, senhora,
Harmoniosas, puras, crystallinas,
Notas eu ai bemol,
Do meu eterno e verdadeiro amor,
Vibradas na ventura de uma hora,
Ventura que me adeja seductora
Ao romper do sol,
Como um bando de garças pequeninas
N'um ceu de rosea côr.

Notas boas afinadas no crystal
Do sonho e da chimera,
Na branca espuma de uma primavera,
Que gemem tanto, que soluçam quentes,
Com a expressão feliz d'uma verdade,
Sem o receio do pequenino mal,
Na gaze esfrangalhada d'alma inebriada,
Quando eu divulgo os vossos alvos dentes
Numa estridente e doce gargalhada.

Notas subtis de bella symphonia
Das musicas do Oriente,
Leves como a scisma ao sopro da alegria,
Leves como o sonho,
Quando contemplo-as dormindo,
O' formosa senhora,
E o vosso labio um doce riso abrindo
Como a vermelha aurora!
Sae ellas, sem a mancha e sem o crime
D'um grande coração,
Que não tem fibras rotas,
Que só amor immaculado exprime!
Notas de vaga a soluçar paixão
—As minhas leves cantatas!

—Da flauta do mais rijo pau das matas,
Do pau mais raro e forte,
Que o nome me esqueci!...
Flauta que toco n'estas serenatas,
Sob o poder da sorte,
Desde o primeiro dia em que vos vi.

Flauta nacia ao sopro de um bom peito
Todo d'amor está por vós sujeito,
Uma flauta admiravel
De força inesgotavel,
Por pertencer a seres dos mais fracos,
Tem sob o beijo a chave e dois barracos.

Gil Velhaco.

O Baile no Theatro

Carissimas leitoras, permitti a minha saudação pelo esplendido passa-tempo que tivesteis na noite de 1.º do corrente, com o baile dado nos salões do theatro pelo Club Mephistopheles.

—Como sou um apologista do bello, lá me achava com todos os ff e rr que a sociedade pedia; isto é, com um fato *comme il faut* ultima novidade da alfaiataria Teixeira.

. . .

A's nove e meia horas começava o baile com animação, de todos os camarotes surgiam rostos sympathicos e *toilettes* esplendidos que muito mais realce dariam se tivessem compartilhado na grande lei Terpsichicore.

—No meio da animada sociedade não sabia mesmo a quem mais prestar reverencias, porque, carissimas leitoras, um ceu como eu vi, um ceu cravejado de estrellas, não pode dizer-se Mephistopheles, que de momento a momento apresentava novas estrellas rutilantes que me inclinavam a crer umas divindades.

E demais, o Senr. Joaquim Zeferino, com aquella maestria já bastante conhecida fazia em uma walsa combinações tão sublimes que embevecia ao mais avesso á arte de Ressine.

. . .

Na admiração em que minha alma se extasiava contemplando os accórdes da musica, o torneio das damas, das flores que ornavam o vasto salão, das luzes e dos risos, fui despertado pelo Juca trajando—elegantemente, correcto e augmentado—pela alfaiataria Teixeira, que me perguntou se não sabia lhe dizer que moça era uma que trajava *toilette* de gosto apurado, de porte esbelto e trato delicado?

—Respondi que não.

E retirando-se com ar de tristeza, como apossado d'uma impressão momentanea, foi ter ao salão superior, e ao aproximar-se d'uma ordem de cadeiras onde conversavam gentis senhoras, uma d'entre ellas perguntou á outra:—Estás vendo, Cotinha, como este moço traja-se bem com um fato que parece um figurino?

—Pudera! disse á interrogada, pois, não sabes que foi feito na alfaiataria Teixeira?

E, o Juca ficou estupefacto quando ouvio a voz candida da companheira de Cotinha, que o admirava, pois era aquella o seu ideal, que lhe transformou da tristeza o riso em riso d'alegria!

Belarmino.

Fatinhos de cazemira, brim de côr ou pardo, encontram-se no deposito de roupas da alfaiataria Teixeira.

SALA MORTUARIA

José Romeo

E'-nos doloroso este momento em que abrimos um espaço no nosso jornal para tratar do prematuro passamento do nosso activo e intelligente companheiro de trabalho José Romeo.

A commettido da terrivel molestia beriberi, succumbiu na madrugada de 26 do corrente, ao chegar á Villa do Rosario, para onde tinha ido em busca de melhores climas para o seu completo restabelecimento.

Era um bello rapaz, trabalhador e honesto, e que sabia captivar com sinceridade a sympathia de todos com que tratava e privava na sua modesta amisade.

Moço e forte, para quem ainda a esperança de um sonho dourado da juventude, abria-lhe a corôla de um roseo—azulado do futuro, estremeceu tão frio e lasqueou tão fraco para o tumulo ao beijo eterno da fatalidade.

Nós saudosos, que viamol-o tão alegre ao

O desenho e o colorido, dando vida ao quadro, apresenta-nos uma clara ideia do pensamento do figurino.

Entretanto, e segundo o nosso costume, detalharemos as vestes de cada um dos personagens.

—

O jaquetão abotoado por 3 botões, do 1.º personagem, é o classico *toilett* que hoje se prepara com toda a felicidade.

A sobrecasaca de passeio do 2.º personagem, em fazenda de phantasia, substitue o *pardessus* no tamanho.

O froque do 3.º personagem tem um caracter de elegancia bem apropriado á estação, sobretudo com o collete claro que lhe dá muito effeito.

O costume completo de passeio, tem um certo aspecto de ligeiresa que é, aliás necessario, para distinguir do *toilett* do outomno. Fecha por 1 unico botão.

O froque fechado com 3 botões, é feito de fazenda de phantasia de todas as cores.

A casaca preta de cerimonia continúa sem alteração.

O 7.º personagem, veste o *smoking* de *soirée* preto ou azul escuro.

O 8.º personagem, veste *pardessus* com costuras nas costas, vistas largas e 2 ordens de botões na frente.

(Extr.)

Unico deposito das verdadeiras maquinas para costura «*Domestics* e «*Singer*,» só na alfaiataria

—**Teixeira.**—

FOLHETIM

SUMMARIO—Alleluia—O cantico dos crentes—O contraste—O Theatro e o Club Mephistopheles—O baile e as mulheres—A minha Alegria e a idade de ouro—Um beijo—A minha temeridade—O Teixeira a meu lado—Ao revoir.

Alleluia!... seja esta a primeira palavra que te venho aqui pronunciar, Leitor, já que foi com ella toda divina, toda mysteriosa, que este bello mez de abril saudou a aurora do seu primeiro dia.

Alleluia!... o cantico festivo dos crentes, o cantico da virtude e da fé é sempre maravilhado de uma alegria santa e de um esplendor sagrado.

Alleluia!... o cantico todo sagrado e tradicional que exprime a alegria na beatitude das almas puras, é que inspira o coração de um povo a implorar a Deus a sua graça e a sua bondade para gosar da magnitude do seu divino amor.

Assim tenho uma alegria sã sempre que te fallo e sempre que estou deante da pupilla scintillante dos teus grandes olhos que vê e que analysa á luz da moral social o que eu te conto e sinto como um facto natural, mas sempre surprehendente e delicioso.

Alleluia!... como quasi todas as obras de valor sagrado teve o seu contraste no mundo profano.

O nosso velho e bonito Theatro, como um lhano cavalheiro que gosta de ser serviçal aos que delle dependem, abrio os seus vastos salões para dar entrada ao distincto Club Mephistopheles com o seu cortejo de deusas,—flores que o perfume e o encanto impressionam e seduzem o coração do homem á saudade de uma hora de amor na sua expressão suprema.

Fôra o seu primeiro baile extraordinario á phantasia, mas um baile esplendido, cheio da magnificencia do bello.

Aquelles vultos esbeltos e sympaticos de mulheres da nossa melhor sociedade que em meio do esplendor das luzes e dos adornos dos vastos salões, assemelhavam as visões do longinquo ceu, onde não se experimenta o abandono covarde e o desespero inconsolavel de um viver sem vida.

O coração pulsava-me de contente e eu sentia um enthusiasmo indeffinivel.

Cada vulto de mulher, aii, tinha a sua adoração natural no coração do homem, ora como a flor a expargir o seu odor sympathicamente na phrase rosea da cortesia, ora como uma fada a despender na luz communicativa dos olhares as cores attrahentes da bondade.

Eu tinha-me de pé com a curiosidade, com o profundo e palpitante interesse de uma alma que agita-se ante um acontecimento festival, a contemplar os que gosavam e os que se divertiam naquelle grande e genuino recinto da Vida.

As danças davam-me uma expressão espontanea e nativa da alegria e correspondiam a um grau determinado de civilisação, fazendo lembrar a minha idade de ouro.

A idade em que rendi cultos a um coração de mulher bella que tinha o nome identico ao da melhor valsista dessa noite festiva.

Uma mulher que me fazia estar em mundo estranho quando cingia-lhe para voar no delirio de uma valsa e que afinava-me depois as cordas da lyra para lhe pedir

Um beijo

Não custa nada, não custa
O pedido que te faço;
Que te dou, sendo pouco
Não retomo um passo.

Vê lá si podes, Luzia,
Vê si é do teu gosto, flor,
Dar-me um beijo todo o dia,
Um beijo do teu amor.

Já quando a aurora apparece
No horisonte resplendente
Ou quando o sol adormece
No leito do azul poente.

Não custa nada, confesso,
Si fôr possivel eu jure,
Que se prende o que te peço
No nosso bello futuro:

Que te obrigues todo dia
Quer chova quer faça sol,
Dar-me por gosto, Luzia,
Um beijo de convivol.

Um beijo que faça o labio
Todo tremulo corabecer,
Que o vencimo do resabio
Mate-me unido ao teu ser.

Nessa idade eu gosava a liberdade de poéta e não tinha receio de cousa alguma, seguia o caminho do amor sempre alegre e triumphante, nunca tive medo do velho pae desse anjo, que era um homem rispido, educado na velha escola de principios e costumes severos.

Dominado pelo amor—o Mephistopheles do coração humano, não temia a ira indomita desse velho que, em vez de *um beijo* pedido, me podia dar uma *soca de cacete*.

Assim como não tinha a meu lado o sympathico Teixeira para tornar-me mais attrahente aos olhos da minha Casta Diva, vestindo-me um fato a ultima expressão da Moda, não obstante eu ter então a meu favor a frescura do rosto, a negrura dos cabellos e a voz mais afinada e mais vibrante.

Ao revoir.

JULIO DURVAL.

SALÃO LITTERARIO

Contos côr de rosa

E

MILA

Dois trabalhos litterarios foram publicados n'esta cidade, no mez de Março ultimo, de cada um dos quaes os seus estimaveis auctores tiveram a gentileza de offerecer-me um exemplar.

Ainda no mesmo mez occupei-me com um outro trabalho, tambem aqui recentemente publicado, não tendo, na occasião, fallado dos dois a que alludo para não fatigar a attenção dos benevolos leitores e, principalmente, das amaveis leitoras d'esta *Revista*, com artigos prosaicos de vara e meia de extensão.

Respeitando a ordem chronologica da publicação e do recebimento, cabe-me, em primeiro logar, tratar dos

Contos côr de rosa, dos quaes é auctor o nosso sympathico e talentoso coestadano Dr. Augusto O. Viveiros de Castro.

Eu os li, saboreando o portuguez correcto e singelo de que faz uso o auctor, no seu estylo severo e brando.

Apartando-se da vulgar intriga, com a qual a humanidade se retalia, em communs dissabores, o auctor concilia perfeitamente bem os seus devaneios *côr de rosa*, com differentes pontos, pela sociologia appellidados de—historicos—por que rememoram acontecimentos que tiveram logar entre os habitantes que dominám os demais seres pela Terra accumulados.

E, para que esta conciliação houvesse sido perfeita, ao nosso entender, que somos os actores d'este grande theatro, o que se reconhece nos *Contos*, certo que o seu auctor deve dispor de segura habilidade e o seu trabalho de merito incontestavel. Conseguintemente, depois que os li, firmei a convicção de que o publico, a quem terão elles de conduzir deleites ha de, como a mim aconteceu, acolhel-o com applausos muito cordiaes.

Mila—E' o segundo dos trabalhos a que me refiro: um ligeiro romance, escripto por Candido Costa, nome que, nas lettras, não é desconhecido.

Do grande instincto, pelos poetas denominado—amor—, que promove e dirige os acontecimentos da vida humana, quasi em sua totalidade, tirou o auctor motivos para o seu novo trabalho. Não quer isto dizer que não demandou este de imaginação propria. Não penso assim. E' necessario maior somma de habilidade para que nos occupemos com as coisas reaes,—descrevendo-as taes como são, visto nos sujeitarmos aos quinãos dos mil entendedores, si a nossa descripção não for fiel, e, mais do que isto, (porque é o homem demasiadamente exigente) si não for cheia de attractivos,—do que para as nossas imaginações, os nossos simples devaneios.

Mila (ou Emilia) e o dr. Oscar caracterisam o grande sentimento, traçado pelo modo que a sociedade o considera. E' assim

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO II | *Maranhão, 31 de Maio de 1893* | NUMERO 15

REVISTA ELEGANTE

A doutrina socialista

Já demonstramos com alguma observação, em outro artigo precedente, o que é o moderno socialismo que assignalou perpetuamente no caminho do progresso o amor do trabalho industrial como uma fonte de valor para as classes soffredoras.

Vamos hoje ligeiramente expender a sua doutrina que se aprende e que se funde no mais rico trabalho intellectual do grande socialista Henrique de Saint-Simon, intitulado--*Catheciamo Industrial*.

Essa grande obra de construcção philosophica e positiva, que tem a nitidez da logica do humanista e do raciocinio consummado, vive a produzir na organisação da sociedade moderna uma completa reacção em favor da prosperidade industrial e das classes laboriosas.

Henrique Saint-Simon, fazendo da industria a mais sublime riqueza das nações civilisadas, quiz dar-lhe uma posição correspondente á sua importancia capital e sustentou-a admiravelmente como a primeira dentre as forças sociaes para que ella occupasse sempre a principal posição no paiz.

Demonstrou plenamente que o trabalho industrial é a fonte inesgotavel onde o pobre operario bebe a sua capacidade e valor pessoal e onde procura, cheio de amor, proporcionar e tornar accessiveis aos homens os meios de satisfazerem as suas necessidades e os seus prazeres.

Como discipulo fiel e mais adiantado da sua magistral doutrina se apresenta Saint-Armand Bazard que conseguio ramifical-a por toda parte e adquirir grande numero de adeptos para que ella tivessse dia á dia o maior valor e maior força de [illegible].

Bate energicamente a concurrencia que é ainda hoje o direito que administra a industria, direito que se transforma em guerra de todos contra todos, na qual se observa constantemente o facto de succumbir o mais fraco.

Admitte que o Estado seja e deva ser o unico concorrente, visto que elle tambem é o unico protector das classes sociaes e o maior de todos os capitalistas.

Vae alem em suas deducções doutrinarias, quer a completa educação intellectual do operario para que este tenha plena consciencia do que vale e do que lhe assiste em direito como o unico braço forte na organisação social.

Assim, terminando, tambem procura abolir o principio da hereditariedade na propriedade privada, para que possa a communidade social receber a herança que houver com a morte do proprietario industrial, por meio de seu unico representante que é o Estado.

Camisas, collarinhos e punhos—de linho—despachados hoje para a alfaiataria

—Teixeira—

A MODA

Por não nos ter chegado em tempo os jornaes de Paris, d'onde deviamos extrahir a chronica da moda na presente estação, deixamos de transcrevel-a no presente numero do nosso jornal e para o que pedimos desculpa.

O Gerente.

Maquinas para costura—"Domestic e Singer"—verdadeiras—só na alfaiataria—Teixeira.

Leva comtigo o teu filhinho longe,
Pois elle chora lagrimas de sangue
Se pesa sobre a tua sepultura.

Th. Ribeiro Junior.

Meias de tecido de lan, de cor, para homens---na alfaiataria **Teixeira.**

SALA MORTUARIA

Sizinio Frias

Na noite de 25 fallecen de *beri-beri* o nosso collega e proprietario do «Diario do Maranhão» Sizinio Frias.

Foi-nos uma dolorida surpresa a sua morte.

Nós que tinhamos a alegria de vel-o quotidianamente como o verdadeiro artista na fama do trabalho, sempre capaz de conceber a idéa do bem, de se esforçar pelo progresso da Arte que a ora ára, tivemos o desprazer de assistir tão cedo a sua partida para o mundo mysterioso da eternidade.

Homem e artista doutrinado, espirito sinceramente sympathico e superior, visava um futuro prospero, onde podesse prestar, mais de que nunca, serviços aos seos e áquelles para quem a sua gratidão fosse eterna.

Na sua vida de artista perfeito deu provas da sua capacidade intellectual, legando á Arte Typographica neste Estado, muitos trabalhos de sua concepção que se tornaram conhecidos e admirados até no Sul da nossa America.

Como artista que ama com independencia e trabalho o progresso das artes foi elle aqui sempre um esforçado lutador, condemnando a influencia deleteria de um governo sem horisonte, de uma politica sem elevação e de uma sociedade sem quasi ideas.

Sobre o seo tumulo onde se projectam os clarões vermelhos da posteridade, depomos estas linhas indeleveis como o—Adeos—da nossa amisade e da nossa admiração.

65$000 um terno de paletot, collete e calça de casemira de côr, apromptа-se na Alfaiataria Teixeira.

SOBREMEZA LITTERARIA

Triolet

Si o Teixeira fôr assim
Sempre prompto em nos servir,
Ganhará um bom pudim,
Si o Teixeira fôr assim,
É ridente o seo porvir,
Na riqueza terá fim,
Si o Teixeira fôr assim
Sempre prompto em nos servir.

Til Pelintra

Anedocta

Perguntavam a um avarento a sua opinião acerca de um visinho pobre:

—É um homem honrado, respondeu: ha 40 annos que ali mora e ainda não me pediu nada.

Epitaphio

Iace aqui um mal matrimonio
Dos cuñados, suegra i yerno
No falta sino el demonio
Para que esté junto el inferno.

A mulher e o amor

—A mulher é semelhante as casas hespanholas, que tem lo muitas portas e poucas janellas, facilmente ahi se entra, mas nunca se ve claro.

Richter.

—A mulher entre os selvagens é a martyr do trabalho, no Oriente um movel como outro qualquer, na Europa uma criancinha cheia de mimos.

Jean Paul.

—O amor é a acção principal na vida da mulher e um simples episodio na vida do homem.

V. Hugo.

Triolet

Um velho chora o passado
Nas horas do seo penar,
Dormindo mesmo a sonhar
Um velho chora o passado:
—Que vida!—diz abysmado,
—Viuvo, sem filho e lar!—
Um velho chora o passado
Nas horas do seo penar.

Charadas

XV

2—2—Queima na igreja o réo.

XVI

1—2—A favor é pedir para dar mais tempo.

XVII

1—2—Cala-te aleijado dos pés.

XVIII

1—1—Aqui alimento, cacarecа

Enigma

(Aos Charadistas Maranhenses)

O homem tem e a mulher,
Tem tambem o firmamento;
Tem tambem o namorado
E o moleque que portento!

A miseria e a magestade
Tambem tem, e a monarchia;
Tem a ama lá por casa,
Tem *sen Mané, siá Maria*

E assim por esse andar
Tem p'ara ahi quaesquer *mumbicas*,
Petit-maitres, mariolas,
Masansas mesmo, ou Maricas.

E esta consa encantada
O proprio enigma contém
«O casamento e a mortalha»
A amisade e o «querer bem».

K-Peta (cearense).

Decifrações

Forão os srs. abaixo que decifraram as charadas do n. 14 do nosso jornal:

K-Peta---charada VXI---Chincorro.
E. Souza---charada---XVII---Alcapão.
Dr. Tom-tim---charada---XVIII---Amazonas.
Til Pelintra---charada---XIX---Cachoeira.

CHAPEUS DE FELTRO—pretos e de cores, inglezes, na alfaiataria Teixeira.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de junho futuro:

Em 5---o nosso amigo e redactor Pacifico Bessa;

Em 6---a interessante menina Mariotinhas, dilecta filha do nosso amigo e distincto redactor Augusto Britto;

Em 10---o cidadão Filomeno Albuquerque, commandante do vapor *Ipiranga*,

Em 10---o travesso e interessante menino Quiqui Brandão, irmão e afilhado do sr. Arthur Lima Brandão;

~~Em 18---o sr. Antonio Armando, presidente da Mesa da Assembléa Legislativa.~~

Em 19---a exma. sra. d. Dejanyra Ewerton Pinto, presada filha do sr. capitão de fragata José Francisco Pinto;

Em 23---o interessante e sympathico menino Carlos Teixeira, dilecto filho do nosso amigo gerente Francisco Teixeira;

Em 24---o estimavel cidadão tenente-coronel João Baptista de Moraes Rego;

Em 25---a exma. sra. d. Amelia Augusta d'Almeida, estremecida filha do nosso amigo Guilherme Alexandre de Almeida;

Em 28---o distincto amigo Alfredo Pinto Teixeira estimado irmão do nosso infatigavel gerente.

Aceitem os nossos parabens.

18:000 uma calça de cazemira de côr apromptа-se por medida na alfaiataria Teixeira.

NO LYRICO

LUCIA DE LAMERMOUR

Com esta magnifica opera de G. Donizetti estreou o grupo de artistas lyricos do maestro Joaquim Franco.

Correu com geral agrado o desempenho que deram os artistas aos principaes papeis desse *spartito* que tem as lantejoulas do estylo sublime num vigor e numa precisão maravilhosa.

A signora Bosi esteve feliz na aria—*Il dolce suono mi colpì di sua voce!*

O signor Prati que é um *tenor ligeiro* bem regular e de talento artistico, brilhou na aria—*Tu che a Dio spiè gasti l'ali.*

Os signores Sante Athos e Dominici como sempre procuram dar o brilho e expressão, o primeiro—a cavatina *Cruda funesta smania*, e segundo—a aria—*Cessi... ah quel contento.*

TRAVIATA

Esta magistral opera de Verdi que tem produzido uma admiração e eterna sympathia no mundo inteiro, é para nós a que melhor interpreta a signora Bosi.

Convictos affirmamos a distincta artista que a sua voz afinada nas expansões do bello *spartito* soube modular-se na cavatina —*Oh! forse è lui, che l'anima.*

Sympathicamente andou Prati quando cantou com sentimento e feliz a aria—*De' miei bollenti spiriti.*

Deu-nos um typo perfeito de pae Sante Athos na scena e aria *Di Provenza il mar, il suol.*

Agradecidos pela delicadeza da cadeira que gentilmente nos offereceram.

Novas collecções de Cazemiras de cores e pretas despachadas para a Alfaiataria Teixeira.

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria TEIXEIRA

ainda as azas humidas pelo rocio da noite, a velha Margarida lançando a benção ao filho mais velho, que se chamava Pedro, ouvia delle estas palavras:

—Minha mãe as noticias da guerra contristam aos brasileiros; não posso ser indifferente aos gritos de meus irmãos; sou obrigado a defender a Patria, e por isso obrigado a... até um dia!... Se morrer reze adeus... até um dia!... Se morrer reze por minha alma, e não se esqueça nunca de orar por mim á Virgem Immaculada para que as balas do inimigo andem sempre distantes de mim...

E a mãe já velha, tremula, tendo ao seio offegante o filho querido, disse-lhe entre lagrimas:

—E assim, filho, abandonas tu tua velha mãe, teus irmãosinhos, que ahi ficam sem protecção e sem amparo?!

Resoluto o filho redarguiu:

—E' preciso partir, minha mãe, é preciso partir; o inimigo mostra-se poderoso e altivo, precisamos rechassal-o...

—Então, vai, meu filho, vai, em nome de Deus e em nome da Virgem... Não devo oppor-me um instante sequer á tua resolução, porque tambem sou brasileira... Ainda uma vez recebe a benção de tua mãe, dá um abraço e um beijo em teus irmãosinhos... e vai... vai... filho de minh'alma!...

—Sim, minha mãe, vou; tenha confiança na Providencia Divina e fé na Virgem, que não desampara nunca aos que pedem-lhe protecção

E assim o filho patriota despediu-se da mãe carinhosa, que o viu partir até desapparecer de todo no fim da estrada...

A alegria da casa transformou-se logo em um véo de sombria tristeza, emmublando-se o semblante das crianças traquinas e da velha Margarida.

—

Pela noticia desse acto de verdadeiro patriotismo, muita gente da aldeia alistou-se nas fileiras dos voluntarios da Patria, que deviam seguir para o campo da guerra no dia 20 de Maio.

Luiz de Mello, que era amigo de Pedro, e seu visinho proximo, teve tambem igual procedimento, deixando sua velha mãe e o resto da familia em precarias condições.

Não havia mais festas na aldeia, depois que elles partiram, nem se dançava mais aos sabbados, á noite, as rodas mineiras aos repeniques de bem afinada viola e ao estribilho alegre dos cantores do sertão...

Apenas aos domingos pela manhã a igreja do Rosario enchia-se de gente para ouvir a missa conventual e as homilias do vigario, em extremo cuidadoso para explicar aos fieis o evangelho do dia.

Nem um passeio mais, á tarde, ás margens da lagoa do campo, onde as ingazeiras em flor desprendiam aromas suaves e os gaturamos cantavam alegres na fronde dos arvoredos...

—

Passaram-se assim dois annos e as infelizes mães de Pedro e Luiz não recebiam noticias dos filhos ausentes...

Não restava mais duvida—deviam ser mortos ou prisioneiros talvez...

O lenitivo unico para suas maguas acerbas era chorarem ambas á hora em que os filhos tinham partido e resarem juntas no oratorio por alma delles ou por sua liberdade, caso estivessem em mãos do inimigo...

—

Tendo sido ambos feitos prisioneiros em uma batalha renhida, foram lançados em horrivel carcere, onde não penetravam sequer os raios do sol, sendo a cada momento victimas dos motejos da sentinella.

Num bello dia, porém, o astro rei poude lançar uma restea de luz sobre a fronte dos infelizes, um presentimento de liberdade surgiu no amargurado coração de todos que ali sentiam os rigores do infortunio.

Ao meio dia ouviu-se o ribombo da artilharia, que atroava bem perto, vendo-se nas praças e ruas o povo amotinado, que procurava fugir deante da invasão das forças brasileiras.

A prisão ficara completamente abandonada e os presos exultaram de alegria com o triumpho dos brasileiros!

Uma hora depois estavam todos na posse da liberdade por ordem do general vencedor.

—

Ao cahir da tarde sobrevem á cidade o inimigo rechassado, travando-se entre as duas forças belligerantes renhido combate.

A victoria para os brasileiros tornou-se por vezes indecisa, praticando os dous prisioneiros actos de verdadeiro heroismo.

Os nossos soldados erão dizimados a cada instante pelas balas inimigas, rareando-se assim as nossas fileiras com a morte dos bravos.

Houve um momento de luta horrivel e titanica em que as nossas forças extenuadas pelo cansaço da peleja são quasi desbaratadas, mas a Providencia que sempre velou sobre nós, salvou-nos da derrota, sendo o inimigo finalmente vencido pela cavallaria rio-grandense que sobreveio a tempo.

Mais uma vez nesse dia os brasileiros entoaram os epinicios da victoria em honra dos vencedores.

A acção de heroismo praticada pelos dous prisioneiros foi tomada em consideração pelo invicto general Osorio, e no dia seguinte eram ambos elevados ao posto de alferes do exercito por actos de bravura.

Dahi em diante em outros combates sorriu-lhes a fortuna, alcançando finalmente Pedro o posto de capitão e Luiz o de major; e assim voltaram á Patria, que os recebeu ufana pelos triumphos que alcançaram.

O major Luiz já não era o mesmo amigo de outr'ora para o seu companheiro de campanha; o orgulho tinha-o feito esquecer a antiga amizade e os tempos passados...

Quando chegaram ambos á provincia natal foram recebidos com festas e flores no meio do maior enthusiasmo e alegria popular.

O capitão Pedro não se demorou em seguir para a aldeia em busca da pobre choupana de sua velha mãe, mas o major Luiz nem pensou nisso...

Foi um dia de festa na aldeia, quando chegou o filho abençoado.

A choupana tornou-se festiva e as crianças de novo brincavam no meio do terreiro.

A pobre mãe do major Luiz era a unica que, triste, a um canto da sala, lamentava a ingratidão do filho que a desprezava...

Passa-se algum tempo e a noticia chega-lhe de que o filho andava cahido pelas ruas da cidade, embriagado sempre, mal vestido e sujo como se fosse um mendigo.

A voz do povo dizia pesar sobre elle a maldição da mãe!...

E a pobre mãe chorou a infelicidade do filho ingrato e veio abraçal-o no mesmo dia em que elle morria no hospital na maior miseria possivel!...

Eis aqui uma boa lição de moral digna de meditação e de exemplo.

CANDIDO COSTA.

Notas de flauta

II

Condessa, eu vou contar-vos tudo ao certo,
O que desejo ardentemente agora
E busco realisar,
Já que vos tego em fronte a mim, bem perto,
Si felicmente mais alguma hora
De ventura teve,
E dá-me a vida tão real prazer,
Aspirando a vossa excellencia amor.

Eu não me fiz talvez comprehender
Quando, com doce carícia,
Sem a mais leve noticia,
Ao julgar-me do mundo o mais feliz,
Atirei-vos aquella affirmativa
Que hontem a sós vos fiz,
Fitando os vossos olhos tão adestes,
Acreditar-me, sim, ganais quinestes.

Não condemneis-me—é simples tentativa
Do meu amor que sinta o mar de à rolhas,
D'este amor d'um franco e cordeiro,
Que quer ser verdadeiro,
E esta loucura a luz de vossos olhos!

Não vos lembrais da mim à ligeira,
Cercando-me junto a vós,
Para apanhar o meu chapeu do chão,
Quando de pé estava lá no Prado
Vossa excellencia, amor?
Pois vêde, com franqueza,
Na vossa roda uns traços de arcebos
Da esperança me prenderam,
Como d'amor p'ra sempre o coração
Ficou-me inclinado,
Ereis do Prado a mais linda flor!

—

Feliz occasião,
Aproveitei deveras o momento,
Que bello pensamento,
Refinada delicadeza!
Na saia de vestido de sobreso,
Vestido que cobria o vosso vallo,
Entre as bellas rendas, muito occulto,
Pregnei com alfinete,
Neste desejo estranho que excita,
Um papel branco em forma de bilhete
—Indicando uma visita...

Gil Velhaco.

Condessa

O teo negro olhar, triste e profundo, como as horas scismadoras da tarde, falou tão suave, tão meigamente falou á minh'alma, que eu fui feliz sentindo a dura infelicidade causada pelo teo negro olhar, triste e profundo, como as horas scismadoras da tarde. Bem viste o tremor da minha voz, bem percebeste que não se finge, o que me fizeste sentir. E é por isso que eu soffro dolorosamente... e goso, no mais rude dos desenganos, desse magico encanto, dessa mystica vibração de luz, formada pelo teo negro olhar, triste e profundo, como as horas scismadoras da tarde.

C.

No tumulo de minha mãe

(Ao meu irmão—Diocleciо Ribeiro.)

O' minha mãe, porque fatalidade,
Mas porque sorte, que destino triste
Te muito cedo ainda te sumiste
No mysterio sem fim da Eternidade.

Nós não sabemos! Mas si for verdade
Que afóra desta uma outra vida existe
E que essa vida incognita consiste
Numa mansão de angelica bondade,

Si for verdade, ó mãe idolatrada,
Que essa segunda e mystica morada
Não paga cá da terra a desventura,

SALÃO LITTERARIO

O Artista

O instincto innato, poderosissimo, dado á humanidade e que elle o denomina—*instincto de relação*—, motiva, pode-se dizer, esses acontecimentos—grandes e pequenos—que registram-se para constituição da sua historia. A par das dores que ella, a humanidade, supporta, quer se trate dos seus soffrimentos physicos, quer dos que distingue por—moraes—indubitavelmente as mais atrozes e abundantes, participa de gosos immediatos, que, por força d'esse instincto—lei soberana—cada um dos seus membros encarrega-se de destribuir entre os seus semelhantes. Dimanam, assim, d'elle a caridade, a philantropia, a benevolencia, a amisade, o amor, e demais sentimentos que adornam a nossa alma de riquezas primorosas e inestimaveis.

Mas, com taes sentimentos que acatamos no intimo d'alma, a nossa expontanea, porem, simples intelligencia, muito pouco ou nada poderia fazer si não encontrasse o adestrado e grande auxiliar—o artista.

Si não houvesse o artista, limitado seria o quinhão de goso que, em virtude do instincto de relação, o homem ao homem fornece, e, conseguintemente, embora resumidos consideravelmente, mais extensas, e cruciantes tornar-se-hião as torturas que na sua vida se accumulam.

Negado, que fôra, lenitivos ás nossas dores, imagine-se da enormidade de espinheiros que se destacariam a nossos olhos! Diga—se destacariam—porque, effectivamente, elles ahi estão, sempre cerrados e agudos, embora não tanto na nossa imaginação, ou tão ao descoberto.

Seria, por outro lado, atrophiar demasiadamente a nossa intelligencia, estacionar os nossos feitos, nullificar o progresso, tornar-se, enfim, a nossa vida indigna da de um ser racional.

O artista, pois, é que dá acção a tudo o que o homem para o homem tem preparado, attestando eloquentemente a sua superiori dade junto dos demais seres que lhe rodeam. Vê-se essas cidades sumptuosas, onde ha edificios imponentes, com applicações variadas; navios com as seguranças convinhaveis, adaptados á navegação; estradas ferreas; apparelhos locomotores, e telegraphias,—applicadas, umas d'estas coisas, ao nosso transporte e ao das mercadorias, outras, ás noticias rapidas, d'uma para outra localidade, d'um para outro estado, d'um para outro paiz; prestando, assim, aos habitantes dos mil differentes povoados auxilios reciprocos, concernentes ás nossas melhores commodos. E, por este modo, o instincto de relação sacia os seus salutares desejos, regosijando-se e vangloriando-se o homem de seus commettimentos. Em uma palavra, cerca-se a humanidade de elementos para a sua facil participação do—goso—sua unica aspiração sincera, sua unica aspiração legitima.

Sem o artista, o homem se arrastaria n'uma condição extremamente humilde e extremamente obscura; que, auxiliar poderoso do instincto de relação, não deixa, afinal, de o ser, embora menos directamente, dos demais instinctos que a este são innatos.

Conseguintemente, grandiosa e imponente é a sua missão, no desempenho da qual de modo muito heroico elle sabe se elevar, e se impor.

E, é por isto que em todos os ramos do engenho humano, torna-se indispensavel o artista, ou, para melhor dizer, si elle não appareceesse, nenhum ramo de sciencia seria inventado nem conhecido. E' na creação do artista que o artista exercita-se.

E o que é estranho si não cruel, é que, irrompendo-se de base tão segura e bella, esse athleta vigoroso do progresso e do bem, ou porque fora demasiadamente inconsiderado na organisação do codigo fundamental sociologico, ou por incoherencia oriunda da civilisação, pelo modo mais eloquente que se empenhe, os seus generosos intuitos e esforços jámais serão reconhecidos, e muito menos acatados, como seria de direito, de justiça e de dever.

AUGUSTO BRITTO

A Garça

Bem como o bravo leão ao leal da despedida
Do filho que se ausenta e a mãe deixa chorando,
Vendo nos olhos a garça ferozida
Pela amplidão cerulea as azas agitando . . .

Deixava o patrio lar, a praia tão querida,
O ninho em que nasceu; agora solitarida
Em busca d'um alivio á alma dolorida,
Voava tristemente após tanto delirando.

Cahia a tarde lenta, a garça entristecida
Pensando já cansada a feira d'um regalo
Pensava alli passar os dias de sua vida!

Mas oh fatalidade! Apenas lá chegava
A vista o caçador por entre o verde matto
E o tiro desfechando a garça se acolhia! . . .

Sam Luiz—1893.

Herdesma.

Um conto verdadeiro

Quando declarou-se a guerra entre o Brazil e o Paraguay, a alma nacional sentiu o enthusiasmo vivo e ardente dos patriotas, e muitos bravos seguiram á peleja em desaffronta á tyrannia do despota, que procurava abater os brios nacionaes.

O pobre deixava a companha, o rico o conforto do lar, os filhos abraçavam as mães entre lagrimas pungentes, o marido a esposa estremecida; e assim todos corriam á porfia em defeza da Patria, que reclamava o auxilio dos filhos dilectos.

Um dia pela manhã, bella manhã de primavera, quando os passaros espannejavam

FOLHETIM

SUMMARIO—O ultimo dia de maio—O hymno dos passarinhos e a endeixa do mar—A minha sensação despertada—A crença no coração da mulher—A mulher e o amor—O homem apoiadamente poeta—A vocação natural—O paralleio—Au revoir.

Leitor. Fulgem os primeiros raios da aurora deste ultimo dia de maio, entre o hymno de admiração enternecida dos passarinhos multicores que se escondem nas franças dos frondosos arvoredos.

O mar na vaga suspira uma endeixa da alegria e do amor, a endeixa inspirativa á idealisação de alguma cousa de poeticamente adoravel e sentida.

Eu que tinha a sensação ideal adormecida, num sonho vago e suggestivo da vida real, deixo a pupilla fitar os páramos da immensidade, a vaga do insondavel mar, os arvoredos frondosos e altos e escuto esse hymno mysterioso e masculo com que o passarinho e o mar saúdam a divina aurora no seu esplendor de luz!

O' ultimo dia de maio!

Dá-me o teu rythmo harmonioso e doce para a minha penna correr aqui veloz, enternecida, sempre a pintar com poesia a meiguice das cousas internas e as grandezas das cousas exteriores.

Mas que delicia, ó dia!

Na phantasia da tua aurora colorida e illuminada, ainda se prende a flor da crença do coração da mulher mãe e da mulher filha; ainda eu contemplo nos templos sagrados a bocca deste ser humano entreaberta a vibrar uma prece cheia de fé e de enternecimento á Maria Santa, a companheira de Jesus até o Calvario do Golgotha.

Sinto-me tão bem neste momento e tenho o beijo fecundador da Natureza a alancear-me o espirito no contentamento de uma obra divina, que tem em si toda a caricia luminosa de uma grande fé e todo o affecto sensivel de um infinito amor.

Mulher e amor! Eis a perfeição mais bella do mundo no seu conjuncto de seres comprehendidos physiologicamente e illuminados de affectos intimos.

A mulher atravez, embora, da ironia hondosa e sympathica do seu sorriso, é vivamente original e inconsciente para o verdadeiro amor; assim como o amor verdadeiro tem a persuasão de que o coração da mulher é uma fonte inesgotavel, onde ha de beber todas as lagrimas das alegrias e todas as lagrimas das mais fortes dores.

E' sob a influencia magnetica desses dois seres tão unidos que observa-se no homem imaginações exaltadas e apaixonadamente lyricas como a do meu amigo author das *Rimas* que ainda falla á mulher amada desta modo:

Desejo

Ouve-me e vê o meu contentamento,
Meu natural e unico sentir:
Eu quero contigo reportar
As horas de desejo e de tormento.

Eu quero no meu isolamento
Uma nota de amor nos repetir
E ouvir-te na bocca deferir
Uma phrase ameigando o meu lamento.

Inebriado em tanto amor e vida,
Esqueceria as magoas do passado
Na vertigem infinita d'este goso!

Feliz e bem feliz, não mais, querida,
Teria-me do goso descuidado
A te beijar o labio perfumoso.

P. BESSA

Não o maldigo por esta mania, louvo-o muito e muito.

São questões de temperamento e de vocação natural.

Cada um para o que nasceu; si o sympathico P. Bessa tem a veia sentida para tudo o que é ideal, o nosso querido gerente Chico Teixeira tem a *queda* de não querer delle ficar muito distante, procura a todo transe vestir os seus freguezes com o melhor e mais bem feito *costume* á moderna Moda.

Au revoir.

JULIO DURVAL.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO II | *Maranhão, 30 de Junho de 1893* | NUMERO 16

REVISTA ELEGANTE

Contra-mestres da Officina

Impõe-nos o dever de consideração e de amisade, tratar neste primeiro espaço do nosso jornal da alteração havida na nossa officina com relação aos nossos dedicados e activos Contra-mestres.

Retira-se hoje da nossa officina, por motivos imperiosos de saude, o nosso amigo e antigo empregado o senr. João José Mendes, que trabalhou a nosso lado por espaço de 19 annos.

E' com pesar que deixamos se apartar de nós este companheiro de trabalho, artista que sempre recommendou-se pela sua nunca desmentida actividade, pelo seu extraordinario zelo e pela sua apreciada dedicação.

Incontestavelmente devemos-lhe muito á acceitação dos nossos trabalhos e á confiança dos nossos estimados freguezes, porque o senr. João José Mendes fora sempre um artista trabalhador que procurava a todo transe nos ajudar para que podessemos a tempo e á hora satisfazer os nossos innumeros compromissos contrahidos.

Mas, como uma necessidade urgente ao nosso ramo de serviço, acha-se já á testa da direcção de nossa officina, como seu substituto o senr. Candido Augusto da Silva, artista de merecimento que ha de procurar merecer de nós a mesma consideração e amisade e a mesma sympathia e confiança dos nossos estimados freguezes.

Artista educado em Lisboa, onde fora nascido e onde o progresso da Arte que abraçamos, faz a sua evolução constante, é de esperar que elle tenha a plena intuição do mundo parisiense e que sejamos felizes tanto quanto temos sido até a presente data.

Amigos como somos do valor real do artista que se eleva pela sua intelligencia e pelo muito trabalho, temos a notar aos nossos innumeros freguezes que o senr. Candido Augusto da Silva, fôra diplomado na Exposição Agricola de Lisboa, em 31 de maio de 1885, em que apresentou no ultimo grupo um fato para homem, cujo Jury conferiu-lhe a medalha de merito em bronze.

Nova remessa de chapeus de

feltro — inglezes — pretos e de côres, despachados hoje para a

Alfaiataria — TEIXEIRA —.

A MODA

Os figurinos no nosso estabelecimento.

Nesta epoca e nesta estação, em que o calor em Paris afloga, só poderemos dar aos nossos leitores a descripção de roupas usadas no verão.

O paletot do primeiro personagem, que se exhibe no figurino, é fechado por um unico botão, podendo e sendo até usual andar com elle desabotoado.

O cinzento é hoje a côr da moda, assim como dos paletots o botão de seda.

O *pardessus* do quinto personagem, é hoje, a nota dominante.

O *smoking* do quarto personagem, abotoado por um unico botão, é hoje

«flor» que começa a germinar, e cujos fructos vem mais tarde encantar e suavisar as agruras e tristezas do lar.

Ahi ella é ainda o «anjo de bon la le,» a incansavel acariciadora e amavel companheira da familia.

Por todos estes nobres e santos attributos, o homem deve consagrar-lhe amor, respeito e gratidão.

Julio C. Monteiro.

Aviso...

AO FREGUEZ

Toda vez que você queira
Um fato de casemira
Bonito,—que á Moda inspira,
Vá a loja do Teixeira.
Toda vez que você queira
Um fato de casimira.

A querer d'outra fazenda,
Mesmo sendo uma asneira,
Lh'o aprompta á o Teixeira;
Faça o amigo encommenda,
A querer d'outra fazenda,
Mesmo sendo uma asneira.

Com tanto,—não haja engano,
Que leve o cobre á algibeira,
Que toda a roupa,—o Teixeira
Lhe fará de qualquer panno;
Com tanto,—não haja engano,
Que leve o cobre á algibeira.

J. N. A.

Apontamentos d'um guarda-livros

O soffrimento *Diario* de que foi acommettida minha sogra, deram-me *Razão* para uma consulta medica, resultando do *Conhecimento* d'esta haver uma complicação de molestias proveniente d'uma debilidade na *Caixa* toraxica. Fiquei absorto e sem *Acção* quando vi a *Copia* dos seus soffrimentos. Julguei-a sem mais *Recursos* para atravessar a *Crise* finalmental. Recorri a outro medico e este com a mesma minuciosidade do seu antecessor, fez a *Recapitulação* das molestias, concluindo ser hydrophobia. Indignado com semelhante embroglio *Paguei* as *Despezas*, levando a *Receita* a uma pharmacia onde ficou registrada no *Deve* do *Borrador*.

Logo que lhe foi applicada a *tisana* ella fez o *lançamento* com regularidade.

Infelizmente, no dia seguinte aggravaram-se os seus males e já sem *Razão* nem *Conhecimento* devido a *Acção* da *tisana*, ficou ella sem *Recursos*. E, sem mais *Fraudulencia* fizeram *Consignação* de minha sogra para as caldeiras de Pedro Botelho, entregue as *caricias* de Belzebut.

Belarmino.

Maquinas para costura «Domestic,» «Singer» e «New-Home»
—Verdadeiras—
no deposito da alfaiataria—**Teixeira**—

SOBREMEZA LITTERARIA

Triolet

Chapeus de feltro bem fino,
Que foram já despachados,
Para homem e p'ra menino
Chapeus de feltro bem fino,
Só para nós preparados
Por um artista londrino,
Chapeus de feltro bem fino,
Que foram já despachados.

Anedocta

No registro civil:
—Como se chama o pae da criança?
—José Panfuncio dos Anjos & C.

Quadra

Falla a tua bocca, flor,
Dos caricias do passado,
Vejo que trazes lembrado
O goso do nosso amor.

Charadas

XVIII

O futuro deste verbo—3—no theatro—2—é homem.

XIX

O planeta—2—aperta—1—o que o gato faz—2—na sciencia.

XX

O adverbio—1—na musica—1—está aqui—1—na cabeça.

XXI

O indio—2—desfructa—2—por ser arriscada.

XXII

Na musica—1—o animal-2—é divertimento.

Decifrações

Foram os senrs. abaixo que decifraram as charadas e o enigma do n. 15 do nosso jornal:

Dr. Mathias—charada—XV—Assassino.
F. da Roça—charada—XVI—Prorogar.
Dr. Pisa Manteigas—charada—XV—Tamanco.
O Home Rule—charada—XVII—Capão.
D. Pançudo—Enigma—A lettra—M—.

Grande variedade em casemira de fantasia para fatos e calças, na alfaiataria Teixeira.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de julho proximo futuro:

Em 1, o sr. alferes Theodorico Julio Monteiro;

Em 5, o estimavel cidadão Domingos Affonso Machado;

Em 6, a exma. sra. d. Raimunda Rosa da Silva Miranda, digna esposa do coronel Manoel da Silva Miranda;

Em 8, o joven José Guilherme de Almeida, filho do sr. Guilherme Alexandre de Almeida;

Em 12, o sr. Manoel Luiz Soares;

Em 13, as exmas. sras. dd. Eugenia de Carvalho Serra e Maria do Carmo Hesketh;

Em 14, a exma. sra. d. Josephina Amalia Hesketh;

Em 15, a exma. sra. d. Joaquina de Alcovia Barbosa Almeida, digna consorte do sr. Guilherme Alexandre de Almeida, e o sr. Raul de Oliveira Almeida;

Em 17, a exma. sra. d. Maria Luiza Vieira Lobo, virtuosa consorte do dr. Joaquim Lobo, e a exma. sra. d. Ercilia Hesketh Gomes, digna esposa do sr. Pedro Ignacio Gomes;

Em 18, o nosso intelligente e distincto collaborador Heraclyto Mattos;

Em 21, o sr. Abimael Valente de Figueiredo;

Em 22, a exma. sra. d. Maria Thereza Lobo Soares, virtuosa consorte do sr. Manoel Lurine Soares;

Em 24, a exma. sra. d. Josepha Costa, irman do dr. João G. Torreão da Costa, o dr. Almir Nina, e o sr. Acrisio Tavares;

Em 25, a exma. sr. d. Maria Magdalena Freitas Machado, digna esposa do sr. Domingos Affonso Machado, a exma. sra. d. Emely Amy Sabino Broadbent, filha do sr. William Henry Broadbent, e os nossos estimados amigos alferes Arthur Eduardo Pereira e Jeronymo F. Bacellar;

Em 26, a exma. sra. d. Maria José Costa Fernandes, filha do nosso amigo Francisco Fernandes Junior, e os nossos amigos e freguezes dr. Luiz Serra de Moraes Rego, Walter William Sabino Broadbent, e Abdias Valente de Figueiredo;

Em 27, o coronel Feliciano Moreira de Souza e dr. Fabio Nunes Leal;

Em 28, o sr. José Ribeiro de Oliveira;

Em 29, a exma. sra. d. Anna Bastos Varella, digna consorte do sr. Eusebio Varella;

Em 30, o dr. Joaquim Lobo;

Em 31, a exma. sra. d. Maria Henriqueta Valente de Figueiredo, digna esposa do dr. Lourenço Valente de Figueiredo, e o sr. Francisco de Paula Rodrigues de Mello.

Aceitem os nossos parabens.

Camisas—peito linho—superiores—preço sem competidor na
Alfaiataria—TEIXEIRA—

SALA DE VISITA

Gil Velhaco

Tivemos a agradavel visita deste sympathico e espirituoso escriptor que nos veio offerecer um prospecto da sua futura obra —*Notas de flauta*.

Ouvimol-o algumas horas em conversação de *veere* fina e saltitante em que o *velhaco* Gil deu-nos o plano de sua obra que está prestes a entrar para o prélo.

Notas de flauta são uma collecção de quarenta contos naturalistas e humoristicos, onde se observa factos em familia com precisão nitida da franqueza e da realidade.

E' uma obra de simples merecimento litterario, porem, cheia das bellas cores do naturalismo, que ha de realçar e agradar muito pelo effeito humoristico com que sempre fecha os seus harmoniosos contos.

Anciosos já estamos para apreciar o todo dessa agradavel producção litteraria da penna do querido Gil Velhaco.

Como verão os nossos leitores hoje damos na sessão competente as suas terceiras *Notas de flauta* que *flautea* com gosto e espirito o genero humano.

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria TEIXEIRA.

De que serve viver, tendo por dote
Uma esposa tão leviana e cínica assim
Teria pelo por não gozar opprimido
Arrastando mais uma lamentavel?

De que serve viver, vendo os filhinhos,
Tão pequenos, os pobres innocentes,
Sem ja ter as medidas carinhos,
Necessarios a todos os viventes?

A viver d'este modo, descontente,
A soffrer tantos males, tantas dores,
E melhor que a morte, certamente,
Pois teremos a tamanhos dissabores.

Ea 6—?— 3.

A. M.

Borboletas

A inconstancia das mulheres é facto tão evidente, como a volubilidade das borboletas. Ha entre o mimoso insecto e a companheira do homem mais de um ponto de velhemente afinidade; os dous interessantes seres tem a mesma epiderme avelludada e macia, a mesma sensibilidade de antennas, o mesmo brilhantismo no caprichoso e deslumbrante vestuario de cores vivas e palheta de ouro, a mesma predilecção amorosa e ardente pelo espaço azul das phantasias e pelo perfumoso calice das flores em que pousam por instantes, inebriadas de aromas e sequiosas de mel.

Mulher e borboleta!... Confundem-se de tal modo que muitas vezes penso ver sobre os hombros nús da primeira o par de azas de Psyché—um dos bellos symbolos do amor mythologico—e no a lejar da segunda os risos expansivos e os movimentos graciosos, rapidos, nervosos do adoravel sexo fraxil!

Mulher e borboleta são dotadas da mesma inquietação febril, resultado da identidade dos temperamentos: nenhuma firmeza em seus projectos, nenhuma estabilidade em sua vida, nenhuma constancia em seus amores.

Ar, luz, perfumes, novos aspectos de paiza gem, variados e elegantes jardins floridos, embates de sensações fortes, sussuros de bosques, murmurios de fontes, musicas extranhas—de insectos e de passaros—a azulada amplidão illumina ta pelo sol do estio; em uma palavra: a plena liberdade em plena natureza—eis o ideal da borboleta e o ideal da mulher.

Encerrar esta delicada e caprichosa criatura dentro da exacta observancia dos nossos desejos de homem egoista e zeloso, obrigando-a a convergir todas as suas finas attenções sobre a nossa individualidade, com abstenção completa de todos os demais entes—equivalerá prender, com revoltante despotismo, uma borboleta e obrigal-a a acceitar como alimento flores, por mais bellas e raras que escolhessemos para sua nutrição.

O fragil e melindroso insecto preferirá morrer á fome a receber aquillo que com tanto afago lhe offerecermos; condemnar-se-ha ao suicidio para não sujeitar-se á humilhação affrontosa de viver encerrado e preso como um criminoso.

Entretanto, por mais que reconheça a inconstancia e a volubilidade das mulheres, o homem—a incorrigivel criança—não deixa de seguil-as sempre, como as douradas borboletas, muito embora sangre os pés nas ursses dos caminhos, despedace o vestuario nas sarças em que se embrenha e desfolhe, uma a uma, as mais formosas e as mais castas illusões da vida.

Damaceno Vieira.

Notas de flauta

III

Bella Condessa, bom dia!...
Acabo de saber á vossa casa
Pela vez feliz, primeira,
A franca mandada vossa,
Tem-me captivo a ratilla alegre à
Na poder d'este amor que mais me abrasa
A' ventura altiva e feiticeira,
Qu'occultar-vos já nao posso.

Olhai-me bem o labio quando fallo
Do meu amor, Condessa,
Como desmaia e treme, em doce abalo
Do coração, que feiza vos parece
Não ser uma verdade!
Olhai-me bem. A minha anciedade
Era grande tão grande como o mundo
Da chimera e de sonho!
Em finda o peito já a dor tão funda,
Era de mais tristonho!

Ah! mas hoje que só assim desejo
Estar a vossos pés feliz, curvado,
Como me vejo a pena
Como um cachorro à migo e cubiçado,
Sempre fiel ao capuz bocejo
Do labio da senhora;
Tenho a pedir-vos tanto quanto quero
D'um coração sincero,
Profundo amor nascido d'uma aurora!

Dai-m'o, Condessa, quero o vosso amor,
Em leal compensa-vos,
P'ra ser o vosso eterno «Trouxa lor,»
Aos caprichos de vosso olhar, submisso.

Então serei feliz, serei amada,
Ah! como nunca fiz;
Viverei sempre a vosso grato lado,
Gozando a phrase fina e seductora!

Terei a franca entrada
Na vossa casa—o nado dos meus dias,
Os dias do futuro,
Ah! como agora, a alma inebriada
Nas doces alegrias,
Farei o pôto amar o que é mais puro
Na mais doce firmeza!
Do dois irmãos teremos não a fama,
Os mesmos actos gozaremos frampiezas,
Haveremos de comer na mesma mesa
E dormir na mesma cama...

Gil Velhaco.

Meia duzia de casadas

I

—LUIZA—

E são estas as venturas que me prometiam minha mãe e o que é hoje meu marido!... Teria este enganado a pobre que sempre foi muito sensivel á lisonja e á falação? Que differença, Deus meu!... E' este aquelle galantea lor submisso, que passava a meu lado horas inteiras, dizendo-me coisas ternas, apaixona lo, solicito, admirando o bordado em que eu me entretinha, procurando apertar-me o dedo minimo, quando minha mamã fingia que não olhava para nós?... Não, não é o mesmo. Aquelle era um grandissimo embusteiro e este já não mente, já não tem precisão de mentir e se mostra tal qual é.

Pobre de ti, Luizita!

Criada com tão extremos cuidados por teus paes, nunca ouviste linguagem parecida com a deste homem!...

Que surpresa a minha naquella manhã, oito dias depois das nossas bodas, quando lhe ouvi pronunciar uma phrase soez, uma blasphemia horrenda, porque queimou os labios com o chocolate!...

Não se pôde conter... Já tinha fingido demasiado tempo.

Esta desillusão foi terrivel... Meu marido não tem delicadeza alguma; é refractario a todo o sentimento nobre e generoso. E' um egoista, e sua grosseira natureza não deixa de revelar-se em todas as suas acções!... Que desgraçada que sou!... E é isto o matrimonio!... Eu havia sonhado outra coisa!

Antes, o que é hoje meu marido me parecia superior a todos os homens!

Hoje, hoje me parece inferior a todos!... Oh, meu Deus, não me desampareis!

Carlos Frontaura.

Amemos!

Amemos! disse Deus no paraiso

C. d'Abreu.

O lyrio, como as plantas, mesmo o espinho
podem orvalho para não morrer;
Como tudo que vive o passarinho
necessita da luz para viver.

E o lyrio entreabre o calice tremente
da aurora a pranto, as perolas geladas,
e o passarinho as azas mansamente
desdobra rindo a luz das alvoradas...

O coração é um calice d'arminho
como do lyrio o calice aveludo;
a alma é uma ave, um passarinho,
um passarinho magico encantado.

Mas si a elles só ha, doce falario!
unico orvalho uma só luz—Amor!
Amemos! que se torna necessario,
amemos! pois-o manda o Creador!

TH. RIBEIRO JUNIOR.

A mulher na Familia

A infancia da mulher é a mais santa e a mais pura phase de sua existencia:—é quando ella é virgem.

Nessa quadra risonha de sua juventude, eu comparo-a á uma tenra flôr de cujo calice esparge-se suavemente o casto e purissimo perfume do pudôr.

Mais tarde a menina—rosa ainda em botão, desabrocha, entreabrindo as suas petalas ao benefico e vivificante calôr do «amor paternal», unico que ella conhece nessa idade de innocencia e despreoccupação.

Depois vêm-lhe as illusões da adolescencia,—os poeticos e encantadores sonhos da mocidade, quando ella sente as primeiras manifestações do «amôr», esse sentimento angelical que até então desconhecera, e que lhe invade subtilmente o coração, conduzindo-o á regiões desconhecidas,—aos mysteriosos páramos do ideal.

A ingenua menina de hontem scisma agora, silenciosa, nas horas em que está recolhida na doce contemplação de suas illusões.

Então ella acha poesia e encanto em tudo que o cerca, e ás vezes o seu coração possuido de um vago sentimento de tristeza, enche-se de uma suave e doce melancholia que a alma traduz instinctivamente pelo poetico nome de—saudade.

Já não é unicamente o amôr paternal que ella sente, mas um outro que até então desconhecera: o amôr da juventude.

Finalmente ella é mulher, isto é, deixa de ser a virgem para chamar-se «esposa e mãe,» duplo qualificativo que lhe confere o mais elevado grão no importante ministerio, que lhe destinou na terra o Criador.

Nesse papel sublime a mulher é agora a

o vestuario da moda nas *soirées*, theatros e onde uma toilett ceremoniosa não for exigida. Deve ser feito n'uma fazenda um pouco clara.

Os costumes do segundo e terceiro personagem, estão bem indicados pelos desenhos, São costumes de phantasia.

(Extr.)

GRAVATAS

Novo sortimento de gravatas, de fustão e seda, despachado para a Alfaiataria—Teixeira.—

SALÃO LITTERARIO

Traços á sorte

Sem ter imaginado assumpto absolutamente algum, reuno varias tiras de papel junto a mim, tentando escrever sobre ellas algumas palavras.

Machinalmente, pego a penna, e, fatigado, enfermo do corpo e da alma... passo a escrever... Mas, escrever o que?... Não sei; o que espero é que alguma coisa ha de sahir do bico da minha penna.

Não terá nexo, dirão.

E' isto coisa natural; mas eu tambem tenho o direito de replicar—que isto de nexo, a sua presença está á nossa vontade.—

Cada cabeça profere uma sentença, cada bocca tem o seu palafar etc. Não seria provavel, sinão fatal, que, si tentasse occupar-me com alguns dos casos que me teem cahido no gotto, o meu esforço seria baldado, porque, alheia cabeça, tendo pensamento diverso, acharia coisa sem tom nem som a minha humilde narração?

Si for occupar-me de algum facto passado entre fulano e sicrano ou fulanos e sicranos, bem pensado isso, não será bisbilhoticos de minha parte,—pois é lá da minha conta o que se diz, ou si disse, se faz ou se fez, uma vez que não sou eu o responsavel? Nem pretendendo vibrar censuras, serei palmatoria do mundo, ou, tecendo louvores, encommendaram-me o sermão.

Si me disserem: Sim, bem sabemos que não houve encommenda, mas não faz mal que nos conte o que souber de importancia, de bello ou de sublime, porque, ao menos, tirará, d'algum modo, o nosso enfado, provocado pelas agruras da vida,—poderei retorquir: De accordo, mas, si faço bem ou si faço mal em contar-vos o que sei, é coisa duvidosa, porque no que agradar a um terei de desagradar a outro, isto d'um lado, e, do outro,—não tenho o encargo de tirar desfastios, mesmo por ser trabalho em pura perda, attendendo-se a que a humanidade nunca se considera satisfeita, mas é sempre exigente, do que, aliás, tem carradas de rasão, visto que a vida de que lhe fizeram presente não é mais que uma barbara penalidade. N'estas affirmativas, com o habito, vou formulando umas sentenças, como se tivesse para isto competencia. Não é preciso que me chamem á ordem, para ser coherente. De mais, penso que mereço ser desculpado, quando todo o mundo constitue-se poder soberano para proferir sentenças sobre coisas de que pouco, nada ou mesmo nada absolutamente entende.

Primeiro que tudo, haja justiça—que é o que por toda a parte reclama-se—embora justamente uma coisa que nenhures ainda foi encontrada.

Que as minhas considerações não valem um caracol, não é preciso que me digam, mas no que se deve convir é que, si não teem valor algum, isto de—valimento—não podemos saber o que o attesta, em absoluto. Aquillo que justamente parece, n'uma hora, impõe-se por valor superior, n'outra hora, mudando de face, ageito das circumstancias, amesquinha-se e nullifica-se completamente.

Creio que para apoio d'esta asserção não ha necessidade de provas, visto ser ella de simples intuição. Dando-se ainda o caso de esforçar-me no sentido de exhibil-as, conseguiria o meu intento perante aquelle que fizesse o proposito de repellil-as?

Questão de sympathias e de temperamentos, nada mais.

Conseguintemente, quero dizer—em vista das ponderações feitas (é caso de ser collocado aqui, n'um parenteses, um ponto de interrogação) ficam remattados estes traços, formulados simplesmente com o auxilio dos dedos, penna e tinta. Formaram-se elles, pode-se, pois, dizer, a esmo, sendo atirados ao papel, d'este ao prélo, d'este á luz da publicidade, e d'esta á sorte...

A. Barro.

De que serve viver?

De que serve viver, andar sombrio,
Recordando as venturas do passado
Na doçura do lar, hoje vazio,
Onde outr'ora existia um ente amado?

De que serve viver, então cercado,
De fundos dissabores, de torturas
Ter o pobre coração amargurado,
Atrozmente soffrendo desventuras?

De que serve viver, triste, sonhado,
Qual rochedo do mar n'uma amplidão,
Abrigando no seio, como ninho
Os pesares que traz a solidão?

FOLHETIM

SUMMARIO—Bom dia—O meu dever—A noite de S. Pedro—Horas de prazer—O grupo no folguedo—O traque em poesia—O Gil Velhaco e o Fontoura em paz eterna. A sentença elegante—Au revoir.

Bom dia, Leitor.

Batem cinco horas no relogio do visinho que dorme a valer, pobre de mim que venho de saltar fogueiras e envisto a penna para cumprir o meu dever de pescador das aguas turvas, a cochilar á beira do barco sem ter tino no caniço.

Francamente digo-te, Leitor, que estou ainda todo quente, todo em fogo ardendo a alma e o coração, porque estive em uma casa á noite inteira, festejando o tradicional São Pedro.

Uma noite como a que passei tão cheia do infinito prazer da bondade, da doce luz da franqueza, engrandecida pela abençoada companhia de um grupo de moças e rapazes que tem a preciosissima acquisição de idéas novas e o poder da phrase embebida no mel da caricia, uma noite assim talvez não tenha mais e viva para mim com uma modulação deliciosa do passado.

Horas suaves e de enternecimento correram-me na vida, quando me via ao lado do Gil Velhaco e do Fontoura que brincavam prendas e sortes, a tocarem nos intervallos os cambiantes fogos de salão.

As moças como um ramilhete de flores perfumosas tinham a alegria communicativa no riso encantador e nos olhares lasentes e vivos d'um viver de festa.

Eu ria-me com a alma e com o coração na commoção do folguedo e parecia estar num lago de rosas no meu batel de phantasia.

Não pensava na vulgaridade, nem no ridiculo de alguma scena que ali se podesse dar, o meu temperamento, o feitio especial da minha imaginação, repelliam o extraordinario dissabor e queriam só o colorido e o illuminado do viver.

Mas, nisto ouço o estampido de um *traque japonez* e um *ai!*... da bocca do Fontoura, corri a acudil-o e realmente estava o meu amigo com um dedo da dextra queimado.

Vi-me em apuros para tratar de animal-o, porque o Gil Velhaco sempre com o seu *sangue frio* levava o caso ao riso e achava a queimadura do dedo natural, assim como natural a lagrima de pesar que tinha derramado os olhos idéaes de uma deidade que se achava ao lado do paciente.

Não gostei do Gil nesse momento, vi o caso se tornar mais serio e mais serio se tornar quando á mesa da *boia* elle leo estes versos:

O Traque

De traque o fogo atacá a mão trouxote
Do bello namorado,
A dor lhe corre o corpo de repente
Um dedo vê queimado.

Gemendo dar o peito fundamente
Do moço apaixonado,
Que vê do fogo a chamma rebrilante
Tornai-o magoado.

Como o fogo do traque no brinquedo
Desta noite iris, de diversão,
Tão cheia de segredo,

Queima-lhe ha muito o meu coração
O fogo intenso, eterno, abrasador,
Do mais profundo amor.

Gil Velhaco.

O Fontoura fitou-o com olhares máus e trouxe-o na garganta até o fim da festa, quando os vi numa prosa animada e consoladora com a moça da lagrima que é bem conhecida do nosso amigo Gerente.

Digo conhecida, porque a tal questão da *queimadura do dedo*, com o inesperado *traque*, (não sei si foi a proposito,) a bella deidade procurou fazel-a desapparecer com um elogio aos fatos dos dois contendores feitos na officina do nosso Chico Teixeira.

Dizia a moça: «Para matar a tolice de um em ficar zangado e erro do outro em fazer os versos, condemno-os á pena de galé perpetua na cadeia do elegantissimo da Alfaiataria—Teixeira».

Au revoir. JULIO DURVAL.

TELEPHONE N. 56

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO II | *Maranhão, 31 de Julho de 1893* | NUMERO 17

REVISTA ELEGANTE

HIPPOLYTO TAINE

Ha poucos mezes a França perdeu um de seus filhos mais notaveis pelo seu espirito encyclopedista e pelo seu talento incontestavel, a flor do genio da philosophia moderna, cujo nome encima este artigo.

Doutorado pela Universidade de Oxford e membro da Academia Franceza, conquistou o premio raro de mestre da mocidade contemporanea que o ouvia e lia sob um enthusiasmo vibrante a sentir na alma a vivificadora luz de uma lição intelligente e instructiva.

Homem de imaginação bella e colorida e de acção dominadora, a produzir a grande evolução naturalista agora triumphante, tendo sobre todos os contendores a gloria de descobrir para a critica da grande obra da arte a exacta observação do meio.

Philosopho profundo, a derribar os velhos idolos, a erguer cheios de idéas novas uma vermelha bandeira revoltosa em meio da serena paz, consummando eternamente a nitidez da sua logica de rethorico e de humanista.

Artista sem rival, nascido no estudo consciencioso das condições mesologicas, tinha a alma agitada e sacudida por tantas idéas que se combatia entre si, mas que brilhantemente as expunha e as criticava sob a influencia objectiva das suas doutrinas.

Obreiro maravilhoso da arte e da critica moderna visivelmente e eminentemente, soube ter os sonhos radiosos e grandes que a humanidade concebeu e com sciencia realisou a sublime e util missão de explicar os phenomenos proprios dos caracteres artisticos de cada povo.

Como o artista do sentimento que tem cerrado o seu pavilhão, Chora encanecido o espirito de quem o observa e o admira, Hippolyto Taine, fez-nos beber a bella inspiração das suas idéas nessa obra—Idéal na Arte—producto de um grande genio feito com uma somma consideravel de conhecimentos scientificos.

Choramos com o espirito dorido a perda desse grande mestre, eminentemente moderno, que é para nós o cyclo de luz onde gira a nossa vida intellectual.

A MODA

La gravure de modes

—Juin 1893—

En ce moment de l'année, nous n'avons guère qu'à présenter à nos lecteurs quelques formes de vêtements bien appropriées à la saison et nous pouvons même exagérer certains genres de revers qui, convenables pour le commencement de printemps peuvent, pour l'été, être modifiés et avoir une élégance de bon goût. Nous présentons la jaquette genre habillé, avec un revers très

Chegadinhos de Lisboa,
Verdadeira novidade.

Til Pelintra.

Pensamento

O operario que trabalha é mais nobre do que o fidalgo ocioso.

Anedocta

Na caderneta de um diplomata:

«Nunca se deve pedir a ninguem a sua palavra de honra.

«Si tratardes com gente honrada, ella é superflua.

«Si tratardes com patifes, ella é *inutil*.

Flauteando

A Micas lá do «Vermelho»
Piscou-me um *olho* a sorrir...
Eu fiz-me logo um *fedelho*
Esperto, galante e vivo,
E puz-me tambem a rir,
Dando-lhe um *beijo expressivo*...

Gil Velhaco.

O amor e a mulher

A mulher--é o primeiro domicilio do homem.

Diderot.

A mulher--é uma variedade rara no genero humano.

Balzac.

A mulher--é um termo medio entre o homem e a criança.

Beaumanoir.

O amor--é uma nota divina da grande orchestra de Deus.

Lamartine

O amor--é como o rir da criança que seduz, mas não offende.

Gil Velhaco.

Triolet

Preludio d'um crime o riso,
Quando m'o queres negar,
Acaso em teu paraiso
Preludio d'um crime o riso.
Diz'-me si posso te amar
Jamais eu fique indeciso,
Preludio d'um crime o riso
Quando m'o queres negar.

Til Pelintra

Anedocta

B... está para casar.

C... a quem mostram o presente destinado à noiva, pondera:

—O *presente* vale mais do que o *futuro*.

Charadas

XXIII

Estudei—1—correndo—2—é flor.

XXIV

O pronome—1—e o titulo—2—é peixe.

XXV

No paraiso—2—a parte do corpo—1—detem—1—esta mulher.

XXVI

A fructa—1—na musica—1—está na mão.

XXVII

Na floresta—1—o homem—2—é homem.

Quadra

Elle logo ao acordar,
Alem da madrugada,
Vê que por distração
Dormia... co'a criada.

Ruy Vaz.

Traços reaes

Mulher casada--carta que chegou a seu destino.

Rapariga solteira--correspondencia a remetter.

Noivo pobre--registrado sem valor.

Velha solteira--carta esquecida na posta restante.

Mulher infiel--correspondencia violada na agencia.

Viuva com filhos--carta com porte duplo.

Decifrações

Foram os senrs. abaixo que decifraram as charadas e o enigma do n. 46 do nosso jornal:

Dr. espavento--charada--XVIII--Viriato.
Herdema- charada--XIX--Astronomia.
Quebra Kilos--charada--XX--Careca.
Manguda--charada--XXI--Perigosa.
Dr. Mathias--charada--XXI--Regata.

Os melhores chapeus de feltro, pretos e de côres encontram-se na alfaiataria TEIXEIRA

Telephone n. 56.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de agosto proximo:

Em 1.—a Exma. Senra. D. Juventina Ferreira de Souza;

Em 2—o Senr. Armando d'Oliveira Almeida;

Em 4—a Exma. Senra. D. Abigail Ferreira de Souza;

Em 5—o senr. Manoel de Bettencourt, distincto jornalista e professor do Lyceu deste Estado e a Exma. Senra. D. Zulmira Beckett;

Em 6—a Exma. Senra. D. Adelina Rosalina Pereira Guimarães, digna esposa do nosso estimado freguez Sebastião Pereira Guimarães, a Exma. Senra. D. Maria Amelia Leal Guimarães e o Dr. José Rodrigues Fernandes, distincto Chefe do partido Federalista;

Em 8—a Exma. Senra. D Zulmira d'Alouvia Barbosa Marques, digna esposa do nosso prestimoso amigo o Senr. Commendador Augusto Cesar Marques, a Exma. Senra. D. Hermineda da Costa Miranda e a Exma. Senra. D. Maria Augusta de Castro;

Em 9—a interessante menina Neyde, estremecida filha do Senr. Dr. Manoel Joaquim Ferreira;

Em 10—a Exma. Senra. D Almerinda Magalhães de Salles e o Senr. Dr. Lourença Valente de Figueredo;

Em 11—o Senr. Augusto de Mattos Pereira;

Em 12—a Exma. Senra. D. Lucia Fernandes Rosa e o Senr. Victor Castro;

Em 13—a Exma. Senra. D. Maria Augusta Castro, o Tenente-coronel Alfredo Ferreira da Silva e a Exma. Senra. D. Rosa Nina Parga Castro;

Em 14—a Exma. Senra. D. Victoria Rodrigues de Mello;

Em 15—a Exma. Senra. D. Maria Augusta da Silva Moreira, digna esposa do Senr. Antonio Dominguez Moreira;

Em 17—o interessante Raul, filho do Senr. José da Silva Rodrigues;

Em 18—a Exma. Senra. D. Amelia da Cunha Barros e Vasconcellos, e o Senr. Haroldo Harris Sobino Broadhurst;

Em 19—a Exma. Senra. D. Leontina Rodrigues de Mello e o Senr. Dr. Augusto de Mello Rocha;

Em 20—a Exma. Senra. D. Filomena Adalgisa Rodrigues de Mello;

Em 21—o Senr. Candido José Ribeiro;

Em 22—o Senr. Raimundo Tolentino Lisboa Coqueiro e o Senr. Goetz de Carvalho;

Em 24—o Senr. Roberto dos Neves Silva, habil guarda-livros do acreditado estabelecimento «Alhambra»;

Em 25—o Senr. Benicio Augusto Rodrigues;

Em 26—o Senr. Zeferino Archer da Silva;

Em 28—a Exma. Senra. D. Julieta Vicentina de Moraes Rego, o 1.º Tenente de Engenharia Augusto Tasso Fragoso, residente na Capital Federal e o interessante Raimundo, filho do Dr. Joaquim Lobo;

Em 29—a Exma. Senra. D. Raimunda Leopoldina da Silva Ribeiro.

Acceitem os nossos parabens.

Para serem movidas a pés e mão--só a pés ou à mão, de todos os auctores

VERDADEIRAS

só na alfaiataria—**TEIXEIRA**—

Telephone n. 56.

EXPEDIENTE

Theatro de A. Britto

Com satisfação levamos ao conhecimento dos nossos distinctos leitores, que brevemente irão ler e apreciar o segundo volume das obras theatraes do nosso talentoso e estimado redactor Augusto Britto.

O volume prestes a ser publicado contem tres producções de merecido valor litterario e são: A Perola Preta--drama em 2 actos, --Amor Burlesco, comedia em 1 acto e Criticos Momentos--comedia tambem em 1 acto.

Augusto Britto não reclama de nós elogios ao seu reconhecido talento e competencia como comediographo, o que aqui dizemos alegremente a seu respeito é o que observamos e sentimos sempre que elle se nos apresenta com um novo producto de sua imaginação activa e radiosa.

As pessoas que quizerem tomar assignaturas para a dita obra, acha-se em nosso escriptorio de redacção um prospecto para facilitar a entrega dos volumes que forem assignados.

Lenços de seda crêa, novidade na alfaiataria Teixeira.

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria TEIXEIRA.

attributos inestimaveis,—dignos de subido acatamento.

AUGUSTO BRITTO

Novidade em casimiras—só na alfaiataria Terceira.

Notas de flauta

IV

—Bão noite, senhores!...
Eu-me de volta e trago a triste nova
Que me compunge o peito em vos dizer,
Compunge finalmente,
E que n'alm'alma de pesar se chora,
Porque o cuidado em mim mais se renova,
Cuidado grande que só deve ter
Por vós, sinceramente.—

A sós, vos disse logo ao amolecer,
Quando estaveis sentado no terraço
Do solo da varanda,
Numa cadeira grande e pergaiçoa,
Que vi o vosso corpo estremecer
Como a pet'la a rosa,
Fosse de ainda um beijo de enlaçaço;
Noite da 1ª se a casa do Miranda,
Sita a rua formosa.

Lembra-vos isto, amor,
O que vos fez sentir o caro tio
E o que eu disse de vossa prima Helena
Que se bolie nos mais ás:
—Uma cavapeca a linha em muita dor,
Sentia um mal estar, um calefrio
O corpo enlanguir. Cai-ar-lhe pena
Não mais poder fazer-vos companhia,

Ficando constrangida
Com a triste notícia,
Como se visseis toda a vossa vi'a
Sem brilho d'ouro que a transforma bella,
Coberta por espesso e negro véo!

Bocados sem malicia,
Pegando-me o chapeo:
—«Ah... já sei... sim, a culpa não é d'ella,
Sou eu, poeta, sim,
(Fitando o chaos em...)
Sao caprichos dos quartos... si esta lua!...»

Gil Velhaco.

Cortes para calças, novidade na alfaiataria Terceira.

ah! se me quer! Agora está louco com a ideia de que dentro de cinco mezes teremos um filho... Ah! que prazer! ter um filho!.. O peior é que precisamos de viver com mais economia!... Valha-me Deus!

Como é cruel ter se pouco dinheiro! Não se poder satisfazer nenhum capricho? Como é duro usar roupa, já fora da moda!

Só por ter gasto 25 pesetas com dois ninhos que me fez este mez, não sabemos como havemos de passar o mez vindouro.

E não tenho a quem me queixar, porque, outro dia, quando fallei a minha mãe dos meus apuros, ella me respondeu: «Não dizias que não te importavas de casar com um pobre?...» E fiquei com muita raiva, quando me fallou de minha amiga Trindade que se casou com um banqueiro e possue umas carruagens que são a admiração de todo o mundo no Retiro e se veste na melhor modista e o marido vae ter um titulo!... Não posso mais!... Si não chorar e soffrer!... Pobre de mim!

Carlos Frontaura.

Blessier azul e preto, legitimo, para fatos só na alfaiataria Terceira.

Avant de mon depart

Eu vou partir em breve, a alma partindo
Por te deixar deixando a minha vida;
E da saudade a dor cruel sentindo
Qual lacerante espinho, alma querida!

De minha sorte o fado eu vou cumprindo
Em m'ausentar; mas antes da partida,
Triste talvez, talvez sorrindo,
Quero dizer-te o adeus da despedida!...

E n'esse adeus quero sabe minha amada,
Te veja pela face macerada
D'amor colar a lagrima sentida?

Quero a teus pés depor alma adorada
Minhas esperanças outrora malfadada
Meu amor, a minh'alma, a minha vida!...

Lamentos

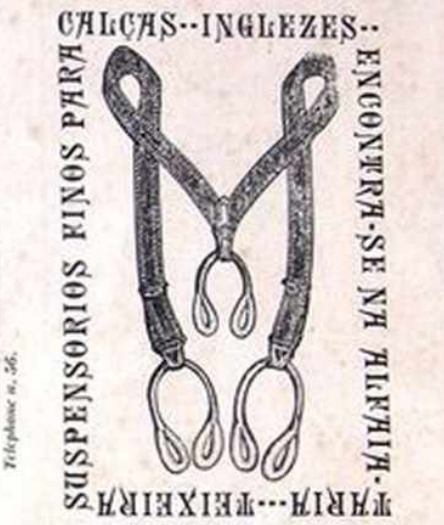
Já não ouves, querida, os meus lamentos
Já não podes ouvir fundos gemidos
Que do peito, opprimido de tormentos
Se misturam a prantos mal sentidos.

Vivo triste, n'um viver angustioso,
Em cruel soffrimento mergulhado,
Recordando ao o bom tempo venturoso
Que, *feliz*, eu já ouvi junto a teu lado.

Entr'ora n'este dia reunidos
O teu anniversario festejamos,
Porem hoje, querida, comprangidos,
Tua cruel passamento não choramos.

Só te pode enviar lagrimas puras,
Em saudosa lembrança d'afeições
Quem no mundo só sente desventuras,
Pela tua fatal separação.

Em 1—1—93 *A. M.*



Meia duzia de casadas

II

—CONSUELO—

Jesus! Que ideia tão penosa esta que em vão pretendo afugentar!... Que quero menos a Joaquim, menos do que quando eramos noivos!... Que disparate!... Quero-lhe muito!... Por isso me casei com elle, porque lhe queria muito e apesar da opposição de meus paes que o estimavam por suas boas qualidades; porem, não consentiam no casamento por ter elle apenas, como fortuna, o seu destino... 12:000 reales! Tres mil pesetas! que, com o desconto, ficariam reduzidos a 2:700!

A verdade é que é muito pouco... não tem duvida...

E quando me lembro da fartura que havia em casa de meus paes e vejo a escassez presente, não posso deixar de affligir-me... E isso durará muito... Porque diz Joaquim que não ha que pensar em accessos e que já é uma felicidade poder conservar as 3,000 pesetas, quero dizer, os 2,700... Jesus, tenho até vontade de chorar... E ainda por cima, é evidente, Joaquim na secretaria não pode fazer cousa alguma que nos proporcione alguns arranjos... porque é muito indolente... E me quer tanto!...

S. Luiz, 1890. *H. Mettos.*

Fatos de cazimira e de brim para meninos—no deposito de roupa feita da alfaiataria Teixeira.

O medo e o orgulho

(Bouvier)

«O homem é arrastado por duas forças durante a sua vida,—o medo que o impede de affrontar com calma os mysterios do tumulo e o orgulho que lhe diz:—Rei da creação, tu és a obra por excellencia da divindade e a tua alma immortal é destinada á sobreviver alem dos seculos, ao aniquilamento de todos os mundos, que se movem nas regiões infinitas do espaço.»

Entre estes dois sentimentos o homem primitivo deve naturalmente adoptar com enthusiasmo as doutrinas que neutralisavam o seu terror e lisongeiavam a sua vaidade.

Eis porque o primeiro aventureiro que appareceu dotado de muita audacia e um pouco de perseverança, acha tão facilmente discipulas, quando lhe entra na cabeça a idéa de fundar uma religião.»

G. R.

Camisas, punhos e collarinhos de puro linho, na alfaiataria Teixeira.

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

A alma não tem segredos que a conducta não revele.

As duas virgens

I

Quem és, ó timida menina,
Pareces filha do Amor?
Não córes virgem, não fujas:
Como te chamas?--Pudor.

II

E tu ingenua criança,
Prenuncio da adolescencia;
Assim tão meiga e risonha,
Dá-me o teu nome?--Innocencia.

Julio C. Monteiro.

Anedocta

Arthur, tu fallas a dormir e ouvi-te dizer ternuras a uma tal Umbelina.

—Quem é essa Umbelina?

—E'... é... minha irman.

—Mentira! A tua irman chama-se Lina.

Bem sei, mas lá em casa chamam-na Umbelina por abreviação.

Quadra

Uns lenços de seda boa,
De primeira qualidade,

long et large, dont le style n'est qu'une imitation du grand revers de redingote. Ce revers donne au vetement un genre cérémonieux, qui peut plaire aussi bien au jeune homme qu'au client d'un certain âge. Le coiseur habile peut prouver son talent, en donnant aux lignes de ces revers cette pureté et cette harmonie exceptionnelles de vetement de bonne maison, qu'un revers de petite dimension ne saurait jamais posséder. Le coupeur, malgré tout le soin qu'il met à créer le genre, n'obtient pas le resultat espéré, s'il n'est pas secondé par le couseur.

La redingote d'été étant généralement portée déboutonnée, nous donnons la préférence à la redingote de promenade à 2 boutons, qui découvre plus la poitrine et qui a un aspect de légèreté plus conforme à la saison.

Le 7e personnage porte le smoking modernisé qui, pour soirées de casino, peut etre fait d'étoffe claire au lieu du noir; mais la soie du revers doit etre bien assortie à la couleur de l'étoffe.

Nous donnons enfin quatre costumes de petits garçons, que nous croyons superflu de détailler. (Le Tailleur Moderne.)

NOVIDADES EM CORTES DE FUSTÕES
brancos bordados; fustões de cores e brancos—para collete, na alfaiataria—TEIXEIRA.

Telephone n. 56.

SALÃO LITTERARIO

A mulher

Sob a epigraphe—*Borboletas*—teve publicidade, com a edição ultima d'esta *Revista*, um artigo bonito na forma, mas cruelissimo pelo fundo.

Eu não venho levantar polemicas, nem rebater conceitos, certamente mais auctorisados que os meus humildes devaneios. Mas, dedicando affectos cordiaes ao modesto periodico onde teve o referido artigo publicidade, afigura-se-me que, si não houver quem promptamente se declare em desacordo ás idéas n'elle suggeridas, a redacção da *Revista* ficará seriamente *intrigada* com o bello sexo, em peso.

Uma especie de protesto, ou, pelo menos, de varremento de testada terão estas ligeiras linhas por significado.

Pois, não será extranhavel, salvo motivo de despeito, ouvir a affirmação de que—«mulher e borboletas são dotadas da mesma inquietação febril, resultado da identidade dos temperamentos»; que—«nenhuma firmeza teem em seus projectos, nem constancia em seus amores»?—.

Certo, que é isto uma injustiça tremenda, que não póde ter sancção, mesmo por parte dos inimigos das mulheres (?).

Sem recorrer a exemplos que repellem tal affirmativa, a logica mais rutilante, rebentada dos fundamentos sociologicos, a condemna de modo positivo e cathegorico.

Pois, não é doutrina verdadeira, francamente acceita pela sociologia—que as instituições formuladas, e subsistentes entre a humanidade, tiveram ou teem acção na maioria, onde imperam sempre os principios do direito e da razão? De outro lado, taes instituições não estabelecem um regimen dentro do qual a mulher, comparada ao homem, partecipa de muito menor somma de liberdade, de aspirações, de gosos e, conseguintemente, de amores?

Si isto foi estabelecido, e acceito sem constrangimento, mas, ao contrario, com applauso geral, é por que não ha desejos sopitados, nem aspirações suffocadas.

Ao contrario, como conter a reacção que legitimamente rebentaria? Contra, ainda, a idéa de que ha possibilidade na retenção permanente de sentimentos ou idéas reaes, avento o caso de uma troca de costumes ou praticas, entre o homem e a mulher, e pergunto—si por parte d'aquelle se daria a submissão, então necessaria, como se verifica actualmente por parte d'esta?

Indubitavelmente, o homem é mais exigente ou menos saciavel que a mulher.

O ideal d'esta é, pois, ao contrario, mais restricto, e mais nobre, talvez. A sua missão, serena e doce, regeita, em fim, multiplices pensamentos, e, conseguintemente, a volubilidade.

Si quer-se ageitar um parallelo com as borboletas, com maior propriedade, eu compararei o homem a este insecto e a mulher á flor. Esta, perfumosa e admiravelmente bella, não se afasta do delicado hastil, onde entre-abrio-se, emquanto que aquelle insecto, de flor em flor, demonstra, á evidencia, a sua inconstancia.

E tanto é falsa a comparação feita no artigo a que alludo, que nelle se diz que—si alguem, com revoltante despotismo, prendesse uma borboleta, e obrigasse-a a acceitar como alimento só flores, as mais bellas e raras, o fragil e melindroso insecto preferiria morrer á fome, suicidando-se de facto, para não sujeitar-se á humilhação affrontosa de viver encerrado e preso como um criminoso,—ao passo que a mulher sujeita-se á prisão figurada, e... não suicida-se por isso.

Não: é injustiça revoltante a que fôra arremessada sobre a mulher. Esta, ao contrario, desempenha missão importantissima no seio da humanidade, e, inquestionavelmente, comparada ao homem, é feitura mais delicada e primorosa, possuindo

FOLHETIM

SUMMARIO—Duas phases felizes—Como são observadas—O homem sob as suas influencias—O Gil Velhaco subjugado a primeira—Ultima verdade—O Chico Teixeira preso a segunda—A Cathedral da Moda—Au revoir.

Eu conheço, Leitor, duas phases mais felizes da vida do homem: uma, é quando elle é atacado pela epedemia do galhofeiro Amor que o obriga a fazer uma figura um tanto ridicula na sociedade que o observa com alguma attenção, e a outra, é quando por um escarneo da sorte a senhora Felicidade aguenta-o de unhas e dentes e fal-o millionario ou *arranjado*.

Ambas as phases são perigosas, deploraveis, ás vezes, e cheias de symptomas d'uma imbecilidade que já vem de muito longe.

A primeira tem alguma coisa de ideal e relaciona-se com o nosso sentimento do coração inexperiente, regulada pela luz e riso de uma mulher que nos enlaça e nos fascina tria e systematicamente.

A segunda prende-se a um todo material pelo laço do poder do ouro que nos mostra o goso frivolo e a independencia ephemera da nossa nunca chegada velhice.

São ellas a *toilette* da nossa vida de humanos que nos obrigam as satisfações mais puras da vida moral.

Alguns de nós vemol-as por um brilho prismatico encantador, praticamente agradavel e espiritualmente feliz.

Ha homens que teem o Amor como a unica flor do coração, a pulsar vibrante, assim como ha homens que teem o dinheiro como o unico ser agradavel, absoluto e fundamental, ás exigencias requintadas da civilisação.

Posto em pratica a influencia adiantada destas duas phases, tenho aqui perto de mim dois seres humanos subjugados pelos seus poderes e espartilhados viciadamente nas suas theorias e formas.

O primeiro que se subjuga a primeira dellas, é o meu amavel e espirituoso Gil Velhaco, espirito que se agita e que se impõe naturalmente aos embates de um amor de mulher que se aperalta de superior as outras mulheres.

Sempre intelligente, num accordo sympathico elle se apanha aos caprichos da sua bella enamorada, e no conjuncto das suas exigencias sobresae elle sempre conquistador, mas obediente aos desejos da sua vontade e do seu amor.

Vejamol-o nesta

ULTIMA VERDADE.

O' minha amada, escuta-me um momento,
Pois quero te fallar,
Para dizer-te a ultima verdade,
Embora seja um grande atrevimento
Do meu estranho modo de pensar
Que tem por sorte extranha liberdade.

Não vaes correcta com taes arrepios,
Não ganhas mais o ceu
Que te pintei um dia te beijando,
Porque me fazes ter uns calefrios,
A' moda de Rouco,
E me pões a cabeça balançando.

E's de mais ciumenta, Inez!... que praga,
Ando eu em rocã viva,
Que tem-me o corpo numa tal molesa,
Queixa-te a mim da Saturnina Braga,
A quem eu trago pelo beiço preso,
Numa [illegible] captiva.

Olha, os teus zelos podem ser fataes;
Si continuas, vou *plantar batata*,
Adeus, não volto mais,
E vou viver com gente mais sensata,
Que não me afflige á queixas de rivaes...
Talvez seja feliz
Gosando amor em plena liberdade;
Então possa *mulher* com mais vontade
Em tudo o meu *sarri*.

Gil Velhaco.

O segundo que educa-se sob uma força oppressora da segunda dellas, é o meu sympathico Chico Teixeira, alma que sonha a mansão dos Justos na requintada Cathedral da Moda, onde vê cada vulto de crente da elegancia erguer-se sorridente para lhe supplicar um fato na ultima expressão da Arte.

Desabrocha-lhe o desejo de ser um rico artista de imaginação e no *rac-cem* da sua vocação incontestavel de bem servir, encontra-se então frente á frente com a Felicidade que o faz ser um *arranjado* que se prepara para a vida feliz e futura dos seculos. Amen.

Au revoir. JULIO DURVAL.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO II | *Maranhão, 31 de Agosto de 1893* | NUMERO 18

REVISTA ELEGANTE

A NOSSA ALFAIATARIA

Não vamos mostrar com exaggeração a utilidade do nosso conhecido e importante estabelecimento de trabalho, mas tornal-a real, sinceramente, ao sentimento dos que nos procuram com assiduidade.

Incontestavelmente elle é auxiliado pelo desenvolvimento de todas as suas forças e de todas as suas faculdades, tornando-se o primeiro e o preferido d'aquelles que sabem racionalmente ter a exacta sympathia á Arte quando esta se manifesta verdadeira e é perfeitamente representada.

Seria uma immodestia da nossa parte procurar occultar, demasiadamente, a reacção que a nossa Alfaiataria fez contra o mesquinho desenvolvimento da Arte, que ella com declarada sympathia representa entre nós.

Foi ella quem primeiro quebrou o desequilibrio da civilisação do gosto, reagindo de um modo attrahente e com independencia para que a mesma Arte se podesse reabilitar e não tivesse mais as morbidas exaggerações.

A luta que ella então desenvolveu teve a sua complexidade maravilhosa e a força de heroico trabalho foi pouco a pouco conquistando a sympathia e a confiança dos espiritos grandes e lucidos que pugnavam pelo elegantismo na mais correcta maneira de vestir.

Tomou ella um programma imaginado pelos mestres da Arte contemporanea que teve a acceitação geral, programma em que o trabalho fosse sempre modelado na larga e profunda observação do bom gosto.

Salvo as excepções odiosas, começou ella logo conquistar uma certa attenção para as suas obras que perfeitamente acabadas davão e dão a idéa real do que é a Arte em seu pleno desenvolvimento.

A nossa alfaiataria teve o seu principio no acto e humilde principio que desenvolveu-se claro da vontade persistente e tenaz para o engrandecimento do trabalho, já procurando ter a certeza de possuir a confiança publica e já rasgando as amplas portas das suas officinas para entrar a luz divina e magica do progresso da Arte.

CAMIZAS BRANCAS,

peitos de linho, sem punhos e sem collarinhos, superior qualidade, na alfaiataria

—TEIXEIRA—

Telephone n. 56.

A MODA

La gravure des costumes de chasse.

—Juillet 1893—

Chaque année, à pareille époque, nous abandonnons la mode pour offrir à nos abonnés une collection variée de costumes de chasse.

Dans ces divers vêtements, la mode n'a aucune exigence et aucune forme n'est obligatoi e Chaque client, selon son gout, adopte le genre qui lui plait et même le choix de l'étoffe est facultatif.

Foi então quando puz me em viagem prolongada e lá muito ao longe em uma praia deserta, vi ainda distante no mar limpido uma embarcação que navegava serenamente e o viajor aproximou-se tanto da praia que uma mulher bem junto ao portaló sacudio o lenço, era Zuleida que ainda uma vez dizia-me o ultimo adeus.

Bellarmino.

Lenços de seda branca, com iniciaes, na alfaiataria Teixeira.

Notas de flauta

V

Condessa, sei perfeitamente tudo
Da vossa chiara conversa
Sophistica e espirituosa,
Com o estimado e velho Conselheiro
De vosso pae amigo.

Fiquei suspenso e mudo,
Compreendendo a forma tão diversa
Da vossa phrase fina e primorosa
E o vosso olhar subtil e feiticeiro,
Que vão p'ra mim o termo d'um perigo.

Perdoai-me a franqueza
Nesta minha ingenua indiscripção,
Si acaso o crime houver,
Condessa, dai-me o perdão.
Traz-me captivo a vossa singeleza,
Si vos escrevo sempre attentamente,
Porque divulgo em vós, sinceramente,
Um vulto de mulher.

Vou ser-vos verdadeiro:
Ah! fora as *lanco-fanco*. Estava escura
A varanda do vosso palacete,
Sem luz no candieiro,
Bateu Ave-Maria!...
Pedistes com brandura
Um phosphoro a dar a luz
Ao Conselheiro que feito agria,
E que logo do bolso do collete,
Nossa alegria afiez
Uma caixa tirou
E promptamente a vosso mais longe,
A vossa mão qu'o prende e qu'o solta!

Não vireis vós a luz rapidamente
O phosphoro riscando bruscamente.

Ah! fiestes zangada... Ao Conselheiro
Que tinha a vista ao goso., electrisada,
Déstes à caixa, a caixa malfadada,
Num todo astucioso e sabuncciro;
Ao lh'a entregar, Condessa,
Dissestes:—«Obrigada...
Guarde-a, senhor, não presta para nada
Seu phosphoro é sem cabeça.»

Gil Velhaco.

Meias pretas e azul marinho—superior qualidade na alfaiataria Teixeira.

Meia duzia de casadas

III

—TRINDADE—

Valha-me Deus! Que dia tão atarefado para mim o de hoje! E' verdade que todos são assim. A's dez reune-se a junta de senhoras dos orphãosinhos de cocheiros de praça, de que sou secretaria. Ao meio-dia tenho um almoço em casa de meus sogros que vão para a sua propriedade de Val de Campos.

A's duas, corridas de cavallos, e antes tenho que voltar à casa para mudar de roupa e vestuario.

A's cinco *garden-party* na quinta dos duques de Magnolia.

A's oito banquete na embaixada.

E antes mudar de roupa e de carro outra vez.

Estrearei o vestido que recebi hontem e que é uma maravilha. Em seguida, ainda que só chegue no ultimo acto, hei de apresentar-me forçosamente no meu camarote do Real. E depois ainda que seja até ás duas, tenho de ir á recepção da Marqueza de *los Pinos*... Ah! já não sei como tenho o corpo...

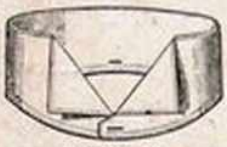
Quem me havia de dizer, quando eu estava no collegio que me casaria com um homem tão rico e tão insupportavel, que levaria esta vida tão azitada e seria a inveja de toda a Madrid?...

Quantas vezes, no collegio, fallavamos do futuro, minha amiga Consuelo e eu!... Pobre Consuelo!...

Casou-se com um empregado de pequenos vencimentos!.. Mas como é guapo!... Vi-os outro dia, em Ricoletos e tive inveja.

Elles sahiam a pé e eu no carro, com o estafermo de meu marido... Fiquei até envergonhada de estar com um homem tão antipathico!... E, entretanto, talvez elles me inveja-m.

Carlos Frontaura.



Collarinhos de linho puro,

diversos feitios, superior qualidade, na alfaiataria do —TEIXEIRA—

Telephone 56.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Setembro:

Em 1—O Sr. Filomeno Cesar Barralho;

Em 2—A Exma. Sra D. Anna Isabel dos Santos Ribeiro, virtuosa esposa do Sr. José Pedro Ribeiro, a Exma. Sra. D. Maria Isabel Coutinho Moreira, e o distincto cirurgião-dentista o Sr. José Antonio de Mello Fernandes;

Em 3—A Exma. Sra. D. Anna de Bettencourt, virtuosa esposa do Sr. Manoel de Bettencourt, e a Exma. Sra. D. Guiomar Thereziha de Góes, estimada cunhada do Sr. Alfredo Nicolau dos Santos;

Em 6—O Sr. Libanio Valle e o Sr. Manoel José Alves da Costa;

Em 7—A Exma. Sra. D. Edwiges Ferreira Lima Pereira e o Sr. Dr. Affonso Saulnier de Pierrefeuve;

Em 8—A Exma. Sra. D. Anacleta Ferreira de Souza, digna consorte do Sr. Raymundo Ferreira de Souza, a Exma. Sra. D. Joaquina M. da S. Fernandes e o Sr. Antonio Rodrigues de Souza;

Em 9—As Exmas. Snas. DD. Jesuina Amalia Faria de Mattos, Joja Maia e Fina Martins.

Em 11—A Exma. Sra. D. Hortencia Quadros Tavares Alvares Ferreira, esposa do Sr. Dr. Manoel Barbosa Alvares Ferreira;

Em 14—A Exma. Sra. D. Rosa Almeida da Silva, digna esposa do Sr. Alfredo Ferreira da Silva, e a Exma. Sra. D. Maria José Coutinho Moreira;

Em 15—Os Srs. Carlos Marques e Raymundo Machado Guimarães.

E a 16—Os Srs. Agostinho de Campos Costa e Crispim Alves dos Santos;

Em 17—A Exma. Sra. D. Raymunda Gronewell, digna esposa do Sr. Capitão José Augusto Gronewell;

Em 20—A Exma. Sra. D. Rosina Lopes de Mello Fernandes e o Sr. Joaquim Marques Rodrigues Netto;

Em 21—A Exma. Sra. D. Antonia Gomes dos Santos, virtuosa esposa do Sr. Alfredo Nicolau dos Santos, e a Exma. Sra. D. Anna Joaquina de Rosas Braga;

Em 22—A Exma. Sra. D. Luiza Passos, extremosa esposa do Sr. Julio Passos;

Em 23—A Exma. Sra. D. Innocencia Oliveira Rodrigues, dilecta filha do Sr. Manoel da Silva Rodrigues;

Em 26—A Exma. Sra. D. Undine da Silva Almeida, dilecta esposa do Sr. Raul d'Oliveira Almeida, a Exma. Sra. D. Theodolina dos Prazeres Bello, pae a filha do Sr. Tenente Antonio Raymundo Bello, e o Sr. Eduardo Rodrigues de Mello.

Em 27—A Exma. Sra. D. Almerinda Souza Lima Pereira;

Em 28—O interessante menino Dulcidio, extremecido filho do Sr. Alferes Arthur Eduardo Pereira;

Em 29—A Exma. Sra. D. Adelaide da Cunha Vasconcellos, virtuosa consorte do Sr. Carlos Leopoldo de Barros e Vasconcellos, e a Exma. Sra. D. Christina da Silva Tavares, virtuosa esposa do Sr. Antonio José Tavares, e o meu amigo e distincto collaborador o Sr. Carlito Costa.

Abraços os meus parabens.

Chapeus de palha,

americanos, superior qualidade na alfaiataria

—Teixeira—

Telephone n. 56.

SALA MORTUARIA

Roscio Britto

Um pobre jovem fôra condemnado pela fatalidade a não mais sentir os mysticos desejos da vida, Roscio Britto, alma que voou chorando para o ermo espaço desconhecido!

Um pobre jovem, esperançoso, que já se agitava na grande luta da intelligencia, na grande e triumphante luta do saber, vira aos treze annos um tumulo escuro, orlado da neveu fria do Nada e a immensidade muda para os sonhos do seu futuro!

Um filho amado, extremecido, que sonhava saudar o ultimo banquete da vida de seus pares entre os risos de festa e de contentamento, quando homem feito e cheio de utilidade, afundara-se no abysmo cruel e fundo dos desenganos para ter o beijo eterno da Morte!

E' triste! E dolorosamente, vimos aqui manifestar o nosso sentimento ao pae que o perdeu, ao amigo e collega de redacção Augusto Britto, coração que pulsa agora de saudade e chora a lagrima eterna do pesar.

D. Maria Angelica da Costa

O nome que encima estas linhas é o de uma virtuosa senhora, que já não existe, digna de todas as attenções pelas suas nobres qualidades, mãe extremosa do nosso amigo e collaborador o sr. Candido Costa.

Fôra mais um momento triste para nós ao recebermos a noticia do seu passamento e vendo mais um amigo e collega mergulhado no mar do pezar e da saudade.

SALA DE VISITA

Visitantes

Fomos neste mez honrados com as visitas dos distinctos hospedes:

O illustre Dr. Ovidio de Abrantes, ajudante do Exm. Marechal Floriano Peixoto, que vai em commissão á Boa-Vista;

O distincto Sr. Pedro José da Fonseca, nosso amigo e freguez e estimado negociante na União;

O distincto Sr. Manoel Alves de Barros, nosso prestimoso Agente na Parnahyba;

O distincto Sr. Manoel José de Macedo, nosso incansavel Agente em Picos.

E o talentoso Sr. Augusto Cesar de Macedo Britto, nosso amigo e collega de redacção, que nos veiu offerecer o seguinte volume de suas obras theatraes, em que se acham reunidos o drama em 2 actos—A Perola Preta e as comedias em 1 acto—Amor Burlesco e—Criticos Momentos.

Agradecemos-lhes a honrosa finesa.

Impressos por João B. A. Lopes, na Typographia particular da alfaiataria TEIXEIRA.

Ignota Déa

Ignota tenebat lumina.

Virgilio.

E' uma rosa purpurina e bella
Qual linda estrella a derramar fulgores;
E' uma nympha de pensares tantos
Nos doces cantos suspirando amores.

E' uma andorinha da gentil manhã,
Bella e louçã a vagueiar no ferro;
E' uma aurora que ao raiar campeia
Linda sereia que no mar s'encerra!

E' uma lyra d'harmonia e encantos
Puros e santos delirando amores,
E' uma garça de nitentes plumas
Quaes sumaúmas nos vergeis das flores!

E' uma imagem seductora, bella,
Meiga pucella de soberbo porte,
E' uma perla de gentil grinalda
Verde esmeralda que cocua a morte!

Feliz d'aquelle que teu amor, ditoso
Tão venturoso, dominar poder!
Feliz d'aquelle que em teus olhos bellos
Doces anhelos vã gozar... mulher!..

S. Luiz—1890.

Berdema.

Fatos de cazemira e de brim para meninos—no deposito de roupa feita da alfaiataria Teixeira.

Os dous passarinhos

Adelia, Adelia ouve este conto ligeiro, pelo qual verás que quando de ti distante siquer um momento de ti me é impossivel esquecer.

Já a aurora, no horisonte, abrira, rosada as portas ao dia, um dia bello e risonho como um louro *bebé*... um dia de Maio. O sol, o astro-rei, levantando-se do seu esplendido leito, deixava apoz si, seus immensos lençoes nublados—uns alvos e diaphanos como a neve—outros levemente coloridos e dourados pelo effeito admiravel de seu brilho. Dir-se-hia então um grande escudo d'ouro que a mão sublime do Autor da natureza, havia adreede suspenso na abbobada como para dar á todo o universo a ideia precisa da insigne magnificencia de sua divina arte.

Os rouxinoes, desferindo os seus festivos threnos, parecião dar os «bons dias» ao sol nascente; as andorinhas, voando pressurosas na amplidão, erão assiduas cantoras no concerto matinal, e, assim já se tinha a natureza despertado do habitual lethargo.

Da saccada, da janella do meu modesto aposento, engrinaldada pelas tulipas e trepadeiras esmaltadas de florezinhas multicores; eu contemplava com aprasivel encanto—qual verdejante campina repleta de uma infinidade de flores,—o jardim que se estendia caprichosamente deante de meus olhos.

De um lado, perto de um bello caramanchão, um jasmineiro em flor espalhava no espaço d'aquelle primoroso eden, o perfume agradavel, o perfume seleto por excellencia da morena andaluza; de outro uma roseira gigantesca elevava com soberbo magestade os melindrosos hastis, no cimo dos quaes se ostentavam lindas rosas amarellas que pela altiva posição em que estavam, pareciam, coroando o jardim, dominar todas as outras arvoresinhas que a cercavam.

Uma cacerta artificial, de marmore branco, bello primor da esculptura moderna, representando uma bonita aldeã, cuja mão esquerda a meio, h saia suspendendo, deixava ver uns p sinhos *mignons* que o buril do artista soube cabar com muita graça n'uma de ces *pantoufles*; em quanto que com a direita empunhava um chapeo de sol, que servia para protegel-a de uma continua chuvasinha que cahia do proprio chapeu, cujas gottas crystalinas expostas em cahindo aos raios do sol pareciam rutilos diamantes; completava n'este pequeno conjuncto o gosto e o capricho do amador!

De subito vieram pousar no galho de uma roseira, mui proxima da janella em que eu estava, dois lindos passarinhos, ambos amarellinhos, mas de um amarello mais vivo e mais forte do que o dos volatis habitantes das Canarias.

O maior tinha em redor do pescoço uma plumagemsinha preta, á imitação de uma gravata, como se a natureza, previdente quizesse distinguir n'aquella especie, o feio do bello sexo.

Vi, com surpresa que longe de se inquietarem, voando de galho em galho ficavam ao contrario tranquillos e contentes, saccudiam de quando em quando, por entre festivos trinados suas bastas azas, e a minha surpreza augmentava ainda ao ver que os graciosos visitantes do meu jardim não se incommodavam de modo algum com a minha presença, antes, me pareciam mais satisfeitos, e ter-se-hia dito talvez que conversavam aprasivelmente commigo ainda que eu nada entendesse de sua linguagem.

Pouco a pouco conchegando-se mais um do outro, ficaram... assim n'uma especie de extasi... a contemplar esta natureza bella, rica de uma vegetação robusta!

Assim, gosava, feliz, aquelle mimoso par o terno idyllio e a doce ventura do seu amor.

Ora... *elle* marido extremoso, preparava com admiravel o desalinho da *coiffure d'elle*; ora... *ella* esposa dedicada concertava com o delicado bico a *toilette* do marido, e depois... com uma invejavel sem-ceremonia então começaram a beijar-se.

Beijaram-se muito... cantando alegremente, como se mellicos gorgeios que desferiam fossem doces sorrisos do amor que juntinhos alli gosavam.

. . . . . .

Nunca senti em meu coração, a presença de um sentimento ambicioso pelas maiores grandezas e splendores do mundo. Nunca invejei a maior e mais deslumbrante riqueza... no entanto, minha Adelia, confesso-te que, n'aquella manhã, eu tive inveja da felicidade no amor que alli gosavam... os dois passarinhos.

Fausto Junior.

Novidade em cazemires—só na alfaiataria Teixeira.

Lendo

—(A P. BESSA)—

Eu gosto quando vejo mudeado
No rythmo sonoro de poeta,
Um quadro cujo cadhenna loca a meta
A' um joven coração apaixonado!

E lendo, muito bem delineado
Por mão de artista, o esboço d'uma pena
Mordida de cabor igual a rosa
Que as pétalas desfolha ante o cuidado;

Nos passos me contor de estudeira...
O pulso sino cabe no meu peito:
—Estranhaca em concertos d'alvorada!

Por isso que d'aqui me atreso a tanto:
A offerecer-te, poeta, um cada canto
—D'esta lyra de notas dissonadas!..

N. L.

Reunior azul e preto, legitimo, para fatos, só na alfaiataria Teixeira.

O adeus.

A' Luiz M. Pinheiro

Em saudosa manhã seguia um prestito como funereo acompanhamento para a ribanceira.

Era Zuleide que deixava seu berço natal, ia partir para muito longe.

Veleiro brigue magestosamente se volvia aos cantos dos marinheiros que já levavam a ancora ácima, e sobre um rastro de espuma cahia o ultimo *adeus* de Zuleide que acenava do tombadilho.

Em pouco sumia-se na vastidão do mar o vulto do viajor incerto que sulcando as aguas do caudaloso rio, deixava saudosa lembrança.

.·.

Era noite:

Tive sonho funesto de cruel naufragio. Vi um dragão marinho que soltava espesso fumo formando nuvens sinistras; cahia bruscamente no precipicio, ora sumindo-se nos profundas cavas das ondas, ora mostrando-se todo descoberto, indo sem governo arremessado de quilha e pôpa em gigantescos cachopos, abrindo-se todo em medonho cataclysma.

No fatal momento do pesadello, ouvia o clamor das victimas a implorar soccorro, e meigas creancinhas estorcerem-se nas ondas soltando gritos compungentes nas vascas da morte.

Vi n'esse intere uma mulher que passava arrojada pela correnteza!... atirei-me em seu soccorro, e depois d'uma luta profunda na immensidade do mar, consegui então alcançar uma praia distante, trazendo em meus braços uma asphyxiada, era Zuleide...

—As garças faziam bando pelas praias arenosas e de quando em quando levantavam o vôo para bem longe, cortando d'um para outro lado da bahia a procura do lar, depois via-se um manto branco d'outras que estendiam-se nas beiradas melrosas a olharem attentas para o mar onde viam uma criancita morta, que de labios entre-abertos parecia sorrir-se com aquellas que rodeiavam seu berço.

—Zuleide parecia dormir o somno eterno. Colloquei-a em um monte d'areia e nem um signal de vida trazia; as comas em desalinho e um broche no seio em o qual tinha gravado o seu nome em lettras de oiro.

—O sol já ia despedindo os raios do dia e a noite com o seu manto vinha se estendendo quando abandonei os corpos frigidos e inanimados.

Mais adiante em um campo solitario vi tres corvos que beneficiavam um cadaver humano; presidia o banquete um gerela que em tudo infundia o respeito e os famintos devoravam o esqueleto.

—A noite cerrou-se e appareceram os pyrilampos a formar corôas luminosas. Ouvi então gemidos lugubres que pareciam arrancados de peito humano, gritos plangentes; assovios medonhos, tudo produzido pelos estridulos canticos das aves agoreiras, tão tristes e saudosos que partiam as fibras do coração magoado d'uma luta p la vida.

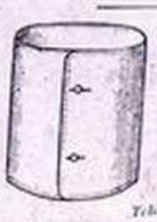
.·.

—Ia assim a noite com as suas metamorphoses de horrores, quando despertando abri uma das janellas e olhei, vi as estrellas irem se apartando e por entre os flocos de mil flores vinha se levantando a aurora, quando os passarinhos em festivaes cantos entoando os afinados gorgeios.

Nous n' insisterons pas, pour recommander ni forme ni étoffe. Nous donnons le meilleur choix de ce que l'usage a consacré pour les vêtements de chasse et nos dessins bien exécutés indiquent suffisamment le moindre détail pour nous éviter toute description ennuyeuse.

Nos abonnés savent que nous n'aimons pas à encombrer nos colonnes de choses insignifiantes. Notre journal professionnel ayant pour but d'instruire, nous aimons mieux profiter de l'espace restreint de notre format aux questions techniques et instructives et nous abstenir de dire qu'un veston est à plis, ce que le lecteur voit bien, sans qu'il soit utile de le lui signaler. Nous ne nous adressons pas à des aveugles.

(Extr.)



PUNHOS
de
—LINHO PURO—
DE SUPERIOR QUALIDADE,
na alfaiataria
Teixeira

Telephone n. 26.

SALÃO LITTERARIO

Depois do baile

O salão enfeitado de flores e galas, adornado de espelhos reluzentes, adereçado de vistosos artefactos, que pendiam dos candelabros rutilantes, dava entrada aos cavalheiros e damas, convidados para a *soirée* em honra dos annos de Pepita.

Deslumbrante e bella, ostentando a frescura da puberdade no conjuncto das disposições estheticas, era a diva do salão, deixando escapar dos labios de nacar os risos angelicos, attrahindo sobre si os olhares lamulentos dos convivas, absortos em contemplal-a, no auge da magestade que a circumdava.

Todos procuravam requestal-a, mas ella, esquiva aos galanteios da sala, passava indifferente e nobre aos olhares dos que buscavam fital-a.

Por vezes lançava rapidamente a vista inquieta ás pessoas que entravam, dando a perceber que esperava alguem por quem anciava.

Conhecia-se perfeitamente a inquietude de sua alma, deixando transluzir dos olhos gazeos e das faces rutilas as afflicções do espirito, que se debatia nas ancias da soffreguidão.

Como a borboleta que adeja de ramo em ramo, como o colibri que voluteia de flor em flor, ella girava pelas vastas salas, em busca de quem pudesse encher-lhe a alma de affectos na ebriez de um desejo ardente.

A orchestra tocava uma esplendida valsa de Strauss, e os pares passavam por ella delirantes, descrevendo giros phantasticos.

Pepita experimentava as commoções da dança vertiginosa, porém mostrava-se indifferente a tudo, sentindo apenas a ancia de le do coração, que procurava expandir-se livremente.

Surgiu no salão o moço predilecto.

A valsa continuava, e ambos se emmaranharam no turbilhão dos pares, doudos de amor, enlaçados um ao outro como dous anjos celestes em aureola de luz.

A cabecinha loura e capitosa, os braços nús e eburneos, o decote a parisiense, descobrindo na floração de seus quinze annos os pomos saltitantes, davam-lhe uns tons de morbidez languida, despertando emoções voluptuosas e lubricas.

E dançavam, dançavam sempre, esquecidos do mundo talvez em mar de illusões...

A musica enchia os salões de ondulações prismaticas, sentindo-se a effusão do prazer na loucura da festa.

* *

No *boudoir* os perfumes esquisitos, as essencias subtis; na sala do *buffet* os acepipes delicados, o *champagne*, o *sauterne* e o cervejame em profusão.

No céo opalino a lua pallida e serena e as estrellas despontando o espaço azul.

No jardim a folhagem viridente e o caramanchel enroscado de rubras ipomeas.

Bem perto, na praia alvinitente, ouve-se o clapotar das ondas marulhosas, que entoam as melopéas da creação.

Nas casarinhas do jardim farfalha o vento subtil e a fragrancia das flores embalsama o ether.

Terminou o borborinho da festa; já não se ouve mais o som dos violinos trementes e das flautas maviosas.

Um vulto branco e esguio vai além... a passos largos e celeres.

Caminham dous...

A lua então espraia uma longa faixa luminosa, que aclara toda a extensão da estrada, e elles caminham com passos cyclopicos, buscando apressal-os ainda mais.

Bem perto o gallo rufiou as azas, e o dia parecia já querer despertar a noite, que dormia no silencio das trevas.

Quando o sol flammejante esbateu de chapa na estrada deserta, já não se via mais o vulto branco e mysterioso que seguia além...

* *

Pela manhã logo cedo falava-se na cidade de um grande escandalo.

A Pepita tinha fugido com um estudante mineiro e ninguem sabia o destino de ambos.

Quinze dias depois os jornaes de *Juiz de Fóra* davam noticia do consorcio de Pepita com o Julio Guedes de Souza, filho de abastado fazendeiro de Paracatú, lá nos confins de Minas-Geraes.

O pae de Pepita, portuguez de rija tempera, ao ter noticia do connubio, bufou de raiva, vendo desfeito o consorcio da filha com o apatacado Commendador Braz de Lemos, negociante de seccos e molhados á rua do Rosario.

Pobre velho... CANDIDO COSTA.

Novidade em casimiras—só na alfaiataria Teixeira.

FOLHETIM

SUMMARIO—Um capricho da fortuna—Um poeta e a entrevista—A observação sympathicamente impressionavel—O livro e a pagina sentida—A alma artistica de Adherbal de Carvalho—Au revoir.

Tive-me sujeito a um capricho da fortuna, Leitor, hontem á tardinha.

Vi-me ao lado de um poeta de imaginação dourada e bella, a fazer-me mebriar no perfume quente e suave do immaculado sentimento.

Senti na melodiosa phrase do filho de Apollo a resignação do passaro que, encerrado na gaiola da florida phantasia, tem os melliflos gorgeios dos longos dias de irremediavel captiveiro.

Comprehendi-lhe no sorriso a revelação de alguma cousa de superior, magicamente embriagada, sonhadora e vaga na doçura extrema de um novo ideal.

Traduzi-lhe as melancolias ephemeras, submissas ao destino dos affectos, ora descontentes, trituradas nas sombras dos desenganos, ora doidas por tudo quanto é bello, elegante, fino e distincto como elementos anulladores dos rapidos téllos da vida.

Nessa serie de observações, sympathicamente impressionaveis, julguei-me feliz, devéras, á caprichosa subtilesa da sua inspiração de artista adoravel e moderno.

Creio que o meu espirito acostumado a girar numa athmosphera hostil ao perfume das rosas que desabrocham nos vergeis da imaginação, soffreu uma reacção doce e completa e viu-se pairando no azul sentido aos brandos beijos da Arte.

Ah! que pureza de mystificação!

Electricamente attirei-me na exactidão minuciosa da sua physionomia litteraria e moral como um Tantalo da tranquilla felicidade!

Pouco a pouco foi se me abrindo um novo mundo de seducções, de sonhos, de paz serena e doce, ao ler-lhe num pequeno livro todas as estrophes do enorme e eterno poema do seu amor.

Nesse pequeno livro escripto com o sangue de um coração amante e amado, de um coração de perfeito artista, todo illuminado dos affectos intimos, deparei com uma pagina tocante, vivamente sentida, vivamente original, pagina de ouro que eu te vou aqui dar, Leitor, o momento de lel-a:

ENTRE SCYLLA E CHARYBDES

Tanto calôr aqui junto ao teu seio,
E no entanto lá fóra a chuva triste
Tomal a molhando a rua em que me viste
E em que tambem te vi, não sem receio!...

Tanto calôr aqui e vós—não riais
Que o teu amor, (oi amor aqui existe),
Traduza o meu, bem como traduziste,
O que ha dias discutimos em passeio!

Tanto calôr aqui, frio lá fóra!
Frio que faz tremer, frio de morte...
Frio que enfeitiça a poesia sonora!

Vistes, Leitor, que nestes versos que deliciosamente transcrevo, reflecte-se uma alma profundamente artistica e cheia de vontade, uma destas almas raras, affeitas ao soffrer, mas sequiosas do intimo consollo que enche-lhes d'amor o coração.

Eu sinto-me satisfeito quando encontro nas horas da vida, uma figura esbelta e sympathica como a de Adherbal de Carvalho, para ter a magica e infinita comprehensão do magestoso ideal; parece-me então que navego num batel de rosas por sobre um mar brando, como um lago, onde as leves ondas são os sonhos da esperança e os ventos suaves que as agitam trazem as alegrias do amor.

Já vês, Leitor, que não me foi esteril a visita á casa desse filho do sentimento, porque o meu organismo cançado das primitivas dores, das primitivas duvidas nas longas horas sinistras do meu passado, extranha e singularmente, reaninou-se de forças para dar-me o prazer intimo de escrever estas palavras sinceras depois de ter lido as paginas adoraveis do livro inedito de Adherbal de Carvalho.

Au revoir.

JULIO DURVAL.

Fatiotas para collegios, na alfaiataria—Teixeira.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO II | *Maranhão, 30 de Setembro de 1893* | NUMERO 19

REVISTA ELEGANTE

O ENSINO INDUSTRIAL

A vida intellectual das nossas industrias e artes, tem nos levado a um ponto de observação profunda que nos obriga a virmos demonstrar o atraso em que se acham os nossos operarios por falta do ensino industrial.

Humildes como somos ante o desenvolvimento e riqueza das industrias européas, cabe-nos o dever de iniciar ao nosso Governo a idéa de uma escola nocturna de desenho linear para as classes artisticas e industriaes, desprotegidas de recursos para fundarem um tão util estabelecimento.

E' para notar que nos faltam presentemente o ideal poetico da sensibilidade artistica e a feição pessoal singularmente caracteristica de um povo que trabalha para o engrandecimento das suas producções industriaes.

A França de 1789, a mestra das nossas industrias e das nossas artes, a mestra que nos tem obrigado a desenvolvermos o nosso gosto para elegancias e para, a muito custo, enobrecer a nossa vida intellectual, procura sempre firmar o seu desenvolvimento e riqueza nas industrias, abrindo escolas nocturnas ás officinas de Pariz, onde o operario busque beber, primeiro que tudo, as luzes do ensino do desenho linear.

Desde essa era que ella artisticamente preparou-se para a educação adquirida e tornou-se a filha directa d'uma civilisação cosmopolita que é o resumo e o transumpto de dois milhares de seculos.

Desde essa era que ella teve os seus melhores artistas e industriaes que deram ao Universo a clareza e a nitidez das suas concepções e a energia vital do seu ser, ardentemente inspirados pelo ensino de uma civilisação extrema e original.

A nós assiste o dever de seguil-a em todos os ramos uteis de suas artes e industrias, ligados a um amor de ensino e estudão, e para que o facamos é necessario, é urgente, que o nosso Governo cooadjuve as classes industriaes laboriosas, abrindo escolas nocturnas de desenho linear que reputamos como fontes de valor, onde o operario nacional vá cogitar um meio de dar uma prova publica de sua distincção e para que os seus trabalhos tenham a proeminencia artistica ante a primeira nação industrial do mundo.

Telephone n. 56.

Chapeus *de palha,* americanos -verdadeiros- na alfaiataria **Teixeira**

A MODA

Causerie sur la coupe et la couture

Août-Septembre.

Pour conserver au vêtement actuel son élégance de convention et cette forme d'aspect si simple, qui convient à nos mœurs et à notre caractère, il faudrait presque s'abstenir de parler de mode.

Les cinq ou six formes de vêtements que composent la garde-robe d'homme ont, en effet, acquis un caractère officiel qui rend les variations bien difficiles.

En raison de caractère officiel et classique et la crainte de paraître ridicule, l'élégant redoute toute innovation trop excentrique, que révolutionnerait la forme actuelle et, en fait de mode, il lui suffit d'un rien pour le satisfaire.

PUNHOS

de

—LINHO PURO—

DE SUPERIOR QUALIDADE,

na alfaiataria

TEIXEIRA

Telephone n. 56.

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

Uma casa sem familia é como uma sala sem mobilia.

Julio C. Monteiro.

Triolet

Menina, um dia minh'alma
Irá comtigo viver,
Das tardes gosando a calma,
Menina, um dia minh'alma!
E no mais doce prazer
Dos gosos terei a palma,
Menina, um dia minh'alma
Irá comtigo viver!

Til Pelintra.

Anedocta

Dois gatunos conversavam no canto de uma rua deserta, emquanto esperam algum transeunte:

—Os jornaes tem toda a razão de dizer que não ha mais segurança nas ruas.

—Porque?

—Ainda hontem, por um triz, não fui filado por *dois policias*.

Quadra

Si tu me désses tua bocca
Para os teus dentes mirar,
De certo, que a todo instante
Eu só buscava-a beijar.

Til Pelintra.

Pensamento

O fim da religião—a alma das virtudes,—e o resumo da lei,—é a caridade.

Bossuet.

Triolet

Nos teus olhos tentadores
Reflecte a luz da esperança,
Sorismo nos castos amores
Nos teus olhos tentadores!
Tu'alma brinca, criança,
Da vida nos esplendores
Nos teus olhos tentadores
Reflecte a luz da esperança!

Til Pelintra.

Anedocta

Um sujeito vae ver uma casa que, segundo o senhorio lhe dissera, tinha uma vista lindissima!

—Então o senhor diz que a casa tem uma vista muito bonita e afinal de contas não vejo senão outra casa defronte?!

—Pois sim, mas é que nessa outra casa mora uma rapariga muitissimo bonita e que está sempre á janella.

Maximas das Mulheres

Mulher velha desdentada
Dá sempre muita risada.
Mulher de mantilha preta
Nunca tem boa careta.
Mulher que não perde festa
E' tola, para pouco presta.
Mulher que só le novella
Muito cuidado com ella.
Mulher de muita gordura
Traz perfume com fartura.
Mulher muito tagarella
Não se dá nada por ella,
Mulher que tem pé pequeno
Tem sempre genio sereno.
Mulher de nariz torcido
Bate logo no marido.

Charadas

XXVIII

O pronome—1—e a mulher—2—é mulher.

XXIX

O jogo—1—e a parenta—2—está no nariz.

XXX

A droga—1—e a base—1—do artigo—1—está na cabeça.

XXXI

Olhava—2—na musica—1—o animal.

XXXII

O adverbio—2—e o signal—2—é advinhação.

Triolet

Chapeos de palha bem secca,
Preparados em Pariz,
Leves, *levados da breca*,
Chapeos de palha bem secca.
Fazem do velho um feliz
Que lhe encobrem a *careca*,
Chapeos de palha bem secca,
Preparados em Pariz.

Til Pelintra.

Anedocta

Duas senhoras fallam de um compositor profundo e nebuloso.

—A mim, elle faz sonhar! diz uma.

—Pois a mim, retorque a outra, elle faz simplesmente dormir.

Quadra

Casimiras do bom tom,
Dos mais bonitos padroes,
Um corte de calça feita
Custa tresentos tostoes.

Til Pelintra.

Epitaphio de um preguiçoso

—Um que evitou toda lida,
Em quanto esteve lá fóra,
Aqui jaz e aqui mora,
Que o que fez em toda a vida,
Isto mesmo faz agora.

Decifrações

Foram os srs. abaixo que decifraram as charadas do n. 47 do nosso jornal.

Dr. Pisa Manteiga—charada XXIII—Lirio.
Herdema—charada XXIV—Tubarão.
Gil Velhaco—charada XXV—Evarinta.
Dr. Tom-Tim—charada XXVI—Cajado.
Archiduque—charada XXVII—Paulino.

Camisas peito de linho

Para homem,

grande sortimento

na alfaiataria

Teixeira

Telephone n. 56.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de outubro futuro:

Em 1— o snr. Major Raimundo Nunes Lisboa;
Em 2— a Exma. Senra. D. Joanna Ritta de Macedo Britto,
Em 3— o snr. Candido Maximiano Fernandes, o snr. Trajano Argemiro de Queiroz e a interessante menina Odette, filha do snr. Alfredo N. dos Santos;
Em 4— as Exmas. snrs. D. D. Innocencia da Silva Teixeira e Raimunda Viveiros Coqueiro de Carvalho, e o snr. dr. Benedicto Pereira Leite;
Em 5— a Exma. Senra. D. Rosa Pereira dos Santos;
Em 7— a Exma. Senra. D. Iguez Bessa Fernandes;
Em 8— as Exmas. Senras. D. D. Adalgisa Serra e Guilhermina Franco de Sá e o snr. Victorino Rodrigues e o snr. Custodio Gonçalves Belchior;
Em 10—a Exma. Senra. D. Altina Lopes;
Em 11—a Exma. Senra. D. Rachel Ferreira de Azevedo e o snr. dr. Raymundo J. Everton Maya;
Em 12— a Exma. Senra. D Joanna de Andrade Carneiro e o snr. Joao Nogueira;
Em 13— o snr. Abel Pereira Martins;
Em 15— o snr. Raimundo Ferreira de Souza;
Em 16— a Exma. Senra. D. Maria D. Ferreira e o snr. Bento Lopes Vieira;
Em 17— a Exma. Senra. D. Ambrosina Gaspariano e o snr. dr. Manoel Ribeiro d'Almeida Braga;
Em 18— a Exma. Senra. D. Maria Lucas Machado;
Em 19— a Exma. Senra. D. Maria da Silva Teixeira;
Em 20— o snr. João da Silva Sardinha e o snr. Manoel Alves de Barros;
Em 21— a Exma. Senra. D. Amanda Valente de Figueiredo e o snr. Arthur Coelho de Aguiar;
Em 22— o interessante menino Flavio, filho do sr. Alfredo N. dos Santos, o snr. Joaquim de Azevedo Ramos, o snr. Carlos Sá e o snr. Henrique Nogueira;
Em 23— a Exma. Senra. D. Filomena Coelho Silva;
Em 25—a Exma. Senra. D. Maria F. Queiroz de Mello.
Em 26— a Exma. Senra. D. Estephania Souza.
Em 30— o snr. Antonio Augusto d'Almeida Britto e o snr. Cyrino Ribeiro;
Em 31—as Exmas. Senras. D. D. Zenobia Costa de Moreira e Emilia da Rocha Pereira e a interessante Bertha, filha do snr. Manoel Lurine Soares.
Em 26— a Exma. Senra. D. Maria Salomé d'Alcevia Lopes.

Acceitem os nossos parabens.

Gravatas de seda e fustão

Grande sortimento

NA ALFAIATARIA

Teixeira.

Telephone n. 56

SALA DE VISITA

Fomos honrados com as visitas dos distinctos cidadãos:

O distincto sr. Alipio Alcides de Carvalho, nosso prestimoso Agente na Carolina;

O illustre dr. Alfredo Graça, digno Engenheiro dos telegraphos desta capital;

O talentoso jornalista Adhertal de Carvalho;

O distincto sr. Ignacio Augusto de Linhares, Official de Fazenda da Canhoneira Guanany;

E o nosso humoristico Gil Velhaco que nos veio offerecer um volume das suas impagaveis *Notas de flauta*, obra que achamos ter um fim util, porque condemna a má construcção da phrase vicios da nossa lingua que muitas vezes dão interpretação licenciosa e ardil.

Agradecemos-lhes a honrosa fineza.

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria—Teixeira

que se debate ante as dores moraes dos que soffrem em tal conjunctura, tornando-se portanto synthetica nos limites de sua grandeza.

.....

O lar tornou-se depois deserto; só as recordações intimas ferem a cada passo a imaginação dos que ficaram no silencio profundo da saudade, sentindo em cada objecto a repercussão de um affecto e a doçura de um amor, que se extinguiu.

Que a alma pura e santa de minha carinhosa Mãi, participe sempre das graças celestes e resplandeça eternamente na gloria do Senhor!

Maranhão 30—8—93.

Candido Costa.

—

Cortes de fustões bordados, para colletes, novidade, na Alfaiataria Teixeira.

Ante o busto de Shakespear

Poeta que todas as paixões humanas
Pintaste com a maior fidelidade,
Quer no amor, no delirio ou na saudade,
Quer na virtude ou nas paixões insanas;

Tu, cujo genial estro adivinhara
A hysteria no Hamleto silencioso,
Que creaste um Iago rancoroso
E uma Miranda de alma pura e clara;

E' que és o meu mestre. E Macbeth e Ophelia,
Imogenia e Volumnia, e essa Cordelia
Sancta, filha gentil do louco Lear,

Ellas, e o teu estylo assaz brilhante
Cantam-me n'alma um evoke vibrante.
Tal teu poder oh! grande Shakespear!

Adherbal de Carvalho.

—

Paletot e calça—phantasia—para pequenos, já prompto na Alfaiataria Teixeira.

Novas producções.

E' incansavel o espirito humano. Cada um, na esphera de acção que lhe é propria, contribue para a formação dos diversos elementos, que constituem a obra humana no seu incessante labor; a actividade é portanto o meio que desenvolve as forças physicas e moraes do homem, que, por sua natureza especial, está sempre sujeito ás leis do progresso e á evolução dos povos.

Todos nós contribuimos, nos limites dos conhecimentos de que dispomos, para o aperfeiçoamento das leis geraes da humanidade; e o trabalho, em vez de um castigo biblico imposto ao homem, é um bem reconhecido para o fim de suas conquistas e uma necessidade imposta á propria obra da creação.

O trabalho constitue, portanto, a lei geral que estabelece a harmonia e a ordem no mechanismo social, imprimindo a força necessaria para o movimento do grande todo.

E' por isso que o homem não póde estar um instante sequer inactivo; a cada passo elle procura o trabalho para satisfazer o desejo de suas aspirações, cumprindo assim a grande lei a todos imposta.

.·.

Passo a occupar-me de uma individualidade já conhecida.

Refiro-me a Augusto Britto, natural desta cidade, terra de tradições honrosas, patria de homens illustres, cognominada a Athenas brazileira, quando no auge de seu explendor, hoje um pouco eclipsado.

Na litteratura dramatica tem o distincto maranhense procurado dar expansão á sua mentalidade, escrevendo dramas e comedias, que são o resultado do estudo sociologico a que se dedica com devotado interesse.

Bem haja a sua dedicação ao trabalho, em que encontra por certo o melhor lenitivo ás luctas de seu espirito, conturbado pelos constantes contratempos que o abatem, ferindo-lhe a alma de irmão e o coração de pae amoravel.

Espirito forte, superior ás vicissitudes da vida humana, elle sabe blindar-se de coragem e resignação estoica para não succumbir ás torturas que o affligem; e resignado sempre ante as desgraças moraes que o ferem—vemol-o heroico e resoluto, como se não sentisse os abalos profundos de tantos desgostos.

O seu drama—Perola Preta—extrahido do romance de Victorien Sardou, sob igual titulo, vasado em estylo fluente e attico, póde não ser o producto exacto da concepção do romancista francez; mas é o transumpto approximado da idéa e dos factos que o consubstanciam.

Concordamos que o contexto da peça não esteja bem desenvolvido de maneira a produzir sensações no animo do espectador, por falta de acção animada e de scenas vivas; mas em todo o caso o trabalho não foi pouco, e o auctor do livro talvez se desvanecesse de ver sua obra transposta para outro genero de litteratura, em que são postos á prova pela vitalidade os typos e os caracteres de sua producção.

A comedia—Amor burlesco—está escripta com graça; e o seu enredo de episodios comicos faz rir a valer.

Criticos momentos—comedia em um acto e já conhecida do publico, é a melhor peça do auctor no genero publicada.

Deixamos de emittir juizo a seu respeito por já termos dado opinião sobre ella.

Não temos competencia para apreciar proficientemente os trabalhos a que nos referimos; apenas externamos a impressão do nosso sentir com relação á leitura que fizemos.

Ahi ficam as nossas palavras.

Candido Costa.

—

Roupas feitas grande deposito na Alfaiataria Teixeira.

Notas de flauta

VI

Coubesse, o cinto encerras!
Vou lembrar-vos a recente *pifa*,
O mais tremendo dos *pifes* tyranos
Que tendo já tomado,
E que me fez o corpo maltratado
Nessa noite feliz dos vossos annos,
Noite esplendida e bella
Que vinte um gosto recordar-me della!

Outro lembrar-vos bem
Do fizeu que fiz,
E da figura vil de mais alguem
Que escapou da morte por um triz.

Ficamos só os tres,
Vossa excellencia, o que e eu o Gil,
Depois que os vossos dellas se partiram,
(Não sei si ellas de mim se despediram.)
A's quatro horas talvez....
A madrugada regeia-se subtil
E frescos estava, sim.

Com ar tão senhoril
Olhavei-a ardentemente para mim,
Com uma natural de me fitar,
De me sondar cuba,
A procura da causa a esperar,
Ao ver o meu estado e a tarde hora

Para ir seu companheiro,
Viste se ter mancado o Conselheiro.

O vosso velho pae esperto foi-se
Gosar o gran somno, o somno doce
Da sua rude idade.

Mal me poderia ter ali de pé,
Naquella bella e estranha solidade;
Tinha uns traços de manha
O roseo céo surgindo.

Vossa excellencia quasi que dormindo,
Com o porte gentil d'uma de *Madde*,
Deitou-se sobre o vosso azul divan.

Eu, que remedio, não perdi a fé,
Embora com a moiser das cabelleiras,
Agarrei-me e dormi, á que bondade!
Nas vossas largas cadeiras...

Gil Velhaco.

—

Novidades em linhas de seda e linho na Alfaiataria Teixeira

Meia duzia de casadas

THEREZA.

IV

Tres horas!...Deus se compadeça de mim!...Tres da madrugada e meu marido fóra de casa!...Só tres mezes de casados!...Isso é horrivel!...Mamã dizia:

«O que vai ser teo marido foi um estroina segundo dizem; mas vale ser assim, porque o que não foi antes é depois de casado.»

Pobre mamã! E' muito innocente. Meu marido foi estroina, antes e depois do casamento. A' noite fiquei espantada, ao vel-o. Vinha desordenado, livido, brancos e seccos os labios, com o olhar como que allucinado.

Fiz-lhe uma pergunta e respondeu-me com desprezo; insisti, chorei e vi que se comnovia, abraçou-me, beijou-me, protestando contra a minha suspeita de que outra mulher me roubava seus carinhos.

«Não, isso não», me disse. Não, não é uma mulher que o prende longe de mim, fóra de horas, nessas horas tão longas de solidão e tristeza...E' o vicio do jogo!...

Isso é horrivel e comtudo, quando esta manhã me disse a pobre mamã que meu marido é jogador, senti como um allivio... porque apesar dos seus protestos, me atormentava a idéa de que tivesse elle uma amante...

Diz mamã que os que são dominados pelo vicio do jogo arruinam suas desventuradas esposas, reduzem-nas á miseria, porem...não as atraiçoam. Isso é uma compensação para o meo infortunio.

Para a probresa terei resignação; mas não o teria, se soubesse que meu marido amava outra mulher. Ficaria louca...matal-o-hia. Não...matal-o não; morreria eu de dor. Deus meu!

Deus meu! dae-me forças para soffrer. Jogador meu marido!

Que grande desgraça!

Carlos Frontanes.

—

Veias pretas e azul variado—superior qualidade na Alfaiataria Teixeira.

Parodia

(A Gaspar Teixeira & Irmão).

Quem pas os, pela vida sem vinhos
E, ao pranto da mula sem seio,
Quem da fé por os fieis sem vestio,
Teve respeito de homens, mas foi homem
Vão passar pela vida e sem frio...

S. Luiz 21—8—93.

Dr. P. Lutos.

Biblioteca do Estado do Maranhão

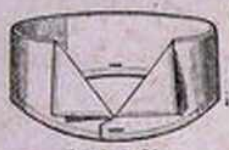
Le tailleur, de son côté, trouvant que les formes actuelles lui donnent suffisamment de traças pour satisfaire la clientèle difficile, ne demande pas mieux que la mode soit à peu près stationnaire; il préfère se perfectionner dans son travail habituel que de falloir se creuser la tête pour créer des nouveaux modèles de formes plus compliquées.

Comme nous l'avons dit, bien des fois: cette manière de voir nous semble critiquable et préjudiciable aux intérêts du métier.

Ne jamais rien changer à ses habitudes, à sa manière de travailler, rend l'esprit paresseux et réfractaire à toute idée de progrès; c'est ainsi que l'on devient routinier.

Au point de vue commercial, ne pas être partisan des changements de la forme, c'est faire le jeu de la confection.

Nous ferons donc la description de la mode d'automne, en donnant les moindres détails qui peuvent intéresser nos abonnés.



Collarinhos de linho puro,

diversos feitios, superior qualidade, na alfaiataria —TEIXEIRA—

Telephone 56.

SALÃO LITTERARIO

Pagina intima.

Parece que a vejo, que diviso em seus labios descorados, a expressão do sorriso meigo; que ainda descubro em seu ar de santa e de anjo, a mesma bondade de outr'ora...

Sinto-a dentro d'alma, vejo-a boa e compassiva como sempre, experimentando por mim os affectos dulcissimos de Mãi.

Bem distante embora, não cesso de adoral-a no silencio da dor, nas amarguras do peito, que anceia por ella a cada instante.

Triste e pallida pela doença, desfeita e debil, parece ir se estiolando pouco a pouco ao effeito cruel da enfermidade que a consomme.

O mal augmenta admiravelmente, zombando da sciencia, dos desvelos da familia; rindo-se de todos os esforços e tentativas salvadoras.

Ha soluços e lamentos por toda a casa; um véo de tristeza paira sobre todos.

A dor opprime os corações magoados; o desespero penetra no fundo d'alma; elevam-se a Deus preces fervorosas á Virgem intercede-se pela salvação da doente.

E' tarde!

A moribunda já não fala, apenas com a vista embaciada pelos symptomas da morte, lança sobre todos olhares furtivos e incertos, como que querendo dizer alguma cousa, que não pode exprimir... A dor augmenta nos corações afflictos; correm lagrimas abundantes; a consternação e o dô divisa-se em todas as faces.

E' cruento o estertor da agonia; os labios emmecidos despem lem sorrisos a esmo, parecendo que a alma envolve-se em nimbus de luz.

Torna-se branda e suave a respiração; o seio já não aria; o corpo distende-se convulso e a luz da vida apaga-se de um hausto.

—Morta! exclamam todos.

Reina o desespero na familia; a alma estoira de dor; á porfia lançam-se todos sobre o corpo inanimado, beijam-n'o soffregamente, abraçam-n'o, chamam-n'o, como se a materia pudesse sentir as vibrações da palavra!

A mudez da morte responde ás exclamações dos vivos, tornando assim o quadro pungente e a desolação profunda.

Os cirios estão accesos; a imagem do Christo illuminada pelos reflexos tibios da luz mortuaria, envolve o aposento n'uma penumbra de tristeza é lucto.

.....

A' noite vela-se junto ao cadaver, résumbrando de todos os semblantes a compunção da scena, que se desdobra no meio do silencio e dos soluços pungentes.

—Que de recordações não vão n'alma dos que pensam na auzencia de quem tambem ali devia estar, como testemunha de tantas afflicções e de tantas lagrimas!...

No emtanto, á essa hora talvez, chora tambem o filho ausente, orando contricto, a sós, pela alma pura e candida de sua Mãi, que, n'um lampejo de luz, voou ao seio de Deus.

.·.

E a hora do enterro.

O cadaver recebendo uma réstea de luz do sol, que esbate-lhe na fronte, resplandece com celeste alegria, parecendo sorrir para os que não se consolam deante da triste realidade que observam.

Tudo jaz ali desfeito; apenas como luz radiante a illuminar o quadro negro da morte,—a alma angelica e pura da fallecida, que transparece como uma visão do céo nas dobras do pensamento.

Chega o ministro de Christo e entoa a oração de finados.

Todos estão de pé, tem attitude respeitosa.

A solemnidade do acto todo christão, o apparato funebre da sala, as luzes e as flores, assignalando a tristeza e a magua dos que sentem a intensidade da dor, eleva os corações ao auge da amargura.

A phrase humana é fraca para poder exprimir com realidade as luctas do espirito,

FOLHETIM

SUMMARIO—O mez que finda—O theatro adoravelmente observado—A sua utilidade—A Companhia Infantil—Applausos merecidos—O Gil Velhaco e a sua verve—Um contracto—Considerações ligeiras—*Ao revoir.*

Adoravel e de viva recordação, Leitor, o mez que nos vae hoje deixar, atirando-me ao labio o mel ainda quente do prazer de uma saudosa diversão theatral

Tive por muitos dias a alma a evolar-se no azul de uma phantasia innocente, fugida da indifferença banal e imbecil da vida pratica.

Quando se me abrem as portas do nosso theatro e que eu entro com um ar de menino de escola, cheio de uma alegria intima, vejo o tragico despertar da adolescente idade dos meus sonhos a dar-me a nota magnetica do sentimentalismo.

O theatro para mim é a escola do ideal na arte e do realir humano, no seu conjuncto tem os interpretes sympathicos e intemeratos do sentimento moderno. O seu grito tem a dogara da lyra de mavalma que se agita ora na dor da reacção de uma sociedade inteira, ora na eloquencia escravisadora da divina arte.

Os dias que se foram ou as noites que assisti uma serie de representações da Companhia Infantil, baniram de mim o espirito esteril, o pensamento cego e o coração vasio e conservam-me do sympathico prazer de um phenomeno de sensibilidade e vocação artistica.

Realmente aquella *meninada* intelligente e cheia de graça já tem a verdadeira comprehensão da responsabilidade artistica e a nobresa ungida pelo mais grave dever.

Humildemente essa sucia de pequenos Talmas captiva o espirito publico como o grande actor que tem a innacta expressão do amor divino e do ideal humano.

Actores em miniatura, de hereditariedades mentaes, irmãos gemeos de um grande palco, hão de progredir na marcha eterna dos applausos.

Observava-os com a curiosidade de um espirito que tem a graciosa phantasia do aperfeiçoamento e como sou um dos que crêem na grande obra da realidade artistica, applaudi-os freneticamente sem odiar a nenhum.

Ao meu lado tinha de quando em vez a gargalhada sã do Gil Velhaco que se deleitava com as phrases e trocadilhos picantes do Chateau Margaux e de outras comedias da vida moderna.

A verve do meo amavel companheiro tinha acidado nessas peças theatraes a ponta fina do espirito da sociedade que se diverte e da sociedade que gosa a vida sob um ponto de vista extremamente natural.

Via-se o meo amavel Gil em luta de mel do seu modo de pensar, elevado sempre por suas idéas naturalistas lembrou em um dos ultimos espectaculos os versos que vou transcrever:

UM CONTRACTO

Escutem, Leitor
Não é cousa que vá bem cozido,
Seja o que for, pasmar.

Um contracto já fiz com minha amada,
Que se muito a zangada,
Procurando acalmar com meo amor
Arbitrado um disparate
Quando sinte que eu dei para alfaiate
As calças concertado
Que no fundilho estavam se apartando.

Um contracto de teor,
Pudera! Pois assim é que só sirva
Um martyr que carrega sempre a cruz
D'uma mulher intrata
Que se finge de amante arrependida
E chia de mansida
Ao capoeira e crio a lhe impor
A hora do seu amor.

Pudera! um bom contracto
Que só o amado inspira,
Um contracto que [illegible] pouco gosto,
Teres sempre a trabalhar de Tacto,
E nunca de ancoira,
Quando as calças com escova [illegible]

—Minha amada a cochera alisbarando
Pelo cabo de fóra
E eu por dentro as pregas repregando
Com gosto e com demora...

Gil Velhaco.

Na verdade é um bom achado, é uma dessas felicidades que bem poucos encontram.

Podesse o nosso querido Chico Teixeira achar milhares de costureiras para as suas obras com a vocação e o temperamento da ama da velhaco Gil, que teria milhões de fregueses para encommendarem todos os dias costumes pelos figurinos mais adequados a epoca e ao gosto das notaveis artistas.

Ao revoir.

Julio Pinerol.

Mapinha para [illegible], Bonette, Sapato [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO II | *Maranhão, 31 de Outubro de 1893* | NUMERO 20

REVISTA ELEGANTE

LOTERIA DO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

Sempre que se nos apresentam uma idéa de promoção pelo bem publico, vimos contente manifestar o nosso acolhimento e sympathia.

A nosso ver as loterias que se vão promover em beneficio do Lyceu de Artes e Officios, inspiram a sympathia da coadjuvação e da concurrencia por serem ellas a base monetaria para a fundação de um tão util estabelecimento de trabalho industrial.

São ellas, sob um ponto de vista observadas, um jogo que tem uma certa affirmação repulsiva, em virtude de um premio á sorte, mas que produzem uma certa sensação de concurrencia, quebrando assim em parte o desdem supremo de um povo para a construcção de uma obra que traz em si o bem geral.

Comprehendemos que o nosso Governo não poderia assumir a tarefa de organisar similhante casa de cultivo industrial, porque lhe faltam rendidos no erario publico, e para fazel-o era preciso augmentar impostos e sobrecarregar mais o povo com uma contribuição obrigatoria.

Similhante acto financeiro seria vexatorio e repulsivo para os que não amam os grandes exemplos de um facto immaculado e que tem sempre o espirito desapiedado para as grandes obras que honram a especie humana.

Por isso louvamos a iniciativa particular da fundação desse util estabelecimento de trabalho por este meio rasoavel que solicita uma legitima affeição dos que concorrem sempre para o bem e para o engrandecimento do seu torrão natal.

Mas não podemos negar tambem que, si no correr das loterias apparecer uma certa indifferença estabisadora do nosso povo, é porque esta nasce sempre da decadencia dos nossos Governos que se interessam mais pela politicazem de partidos fermentados no castigo do erro, do que pelas artes e industrias que são a base do nosso engrandecimento intellectual.

Será o Lyceu de Artes e Officios um estabelecimento de trabalho manual sem luxo e ostentação e sem a inutilidade apparatosa e vã; ha de tornar-se uma necessidade real, quando estiver funccionando, porque mais elevará o cultivo das artes e constituirá profissoes dignas e admiraveis dos centros adiantados.

O que desejamos é que as alludidas loterias encontrem sempre a aceitação do nosso publico e satisfaçam a idéa dos que contribuiram para a elevação do nosso meio artistico e industrial, tendo nós a gloria de possuirmos uma casa de ensino e de trabalho completo e aperfeiçoado.

CHAPEUS DE feltro, pretos e de cores, molles e duros, nova remessa para a alfaiataria

—TEIXEIRA—

Telephone 56

A MODA

Causerie sur la coupe et la couture

Automne-Hiver—1893.

Pour conserver au vêtement actuel son élégance de convention et cette forme d'aspect si simple, qui convient à nos mœurs et à notre caractère, il faudrait presque s'abstenir de parler de mode.

Ao lobo! Ao lobo! Soccorro!
Pelo alto o triste gritava,
em quanto a fera faminta
o menino estrangulava.

Esta fabula nos prova
que muita vez d'um engano
e o proprio enganador
o que soffre maior damno.

G. B.

—

Novidades em lenços de seda e linho na Alfaiataria Teixeira.

Ballada

IV

Morta aos vinte annos em flor!

Viveu embalada na plumea rede do sonho e na curva de azul clarissimo do ceu, na aza da gaivota, na branca nuvem viajante passava-lhe a esperança, como um lyrio que lhe perfumasse a vida.

Viveu na onda purissima das castas alegrias, debaixo das copas perfumosas dos laranjaes em flor.

Na manhã em que devia morrer, levantou-se pallida do leito e abriu a portinhola da gaiola, onde viviam cantando os seus unicos amigos—os passarinhos.

Soltou-os. E elles partiram. Ella deitou-se e morreu. Fugiu-lhe a alma nas azas dos passarinhos.

Hoje está empallidecida, muda, immovel, vestida de branco, dentro do tumulo frio, coroada das flores de laranjeira.

Os seus passarinhos passam o dia cantando sobre os arbustos que lhe rodeiam a cova. Trazem no bico as sementes das flores que hão de brotar do chão para perfumar-lhe a sepultura.

E á noite, quando todos se recolhem para seus ninhos, só o rouxinol querido, vela junto do tumulo branco, no cemiterio mudo.

E conta o coveiro que, nas noutes de luar, elle canta tão saudoso e tão triste que ella ero a lua chora aquella que morreu aos vinte annos em flor.

A lousa e as flores e os arbustos amanhecem humidos, orvalhados de pranto.

Cora Dural.

Camisas finas, peito de linho, qualidade superior—na alfaiataria Teixeira.
Telephone 56.

SOBREMEZA LITTERARIA

Quadra

No ceu dos castos amores
Eu fiz protestos d'amor,
Ao ver os lindos fulgores
Do teu olhar tentador.

Til Pelintra.

Anedocta

O Juiz—Com esta é a oitava vez que o tribunal o condemna pelo mesmo crime?

O réo—Bessa maneira não sei qual de nós é o reincidente!

Pensamento

Uma divida paga com honra, rehabilita o homem que a pagou.

M. A. Vaz de Carvalho.

Triolet

Si teu olhar tem segredo
Quando me fitas, meu bem,
Te juro que tenho medo
Si teu olhar tem segredo!
Que julgo ver mais alguem
Metter-me em lubrico enredo,
Si teu olhar tem segredo
Quando me fitas, meu bem.

Til Pelintra.

Anedocta

Simplicio, que não perde a mania de ser curioso:

O Senr. Lucas tem algum irmão?

—Um só, senhor.

—Só um?!

—Só um.

—E' exquesito. Ha pouco fiz a mesma pergunta a sua mana e ella disse me que tinha dois!

Charadas

I

2—2—1—Na mão o politico principia castigando.

II

2—3—Brilha, arde e mata.

III

1—2—O estofo no vacuo serve para limpar.

IV

2—2—Dos peixes e nos peixes teem os peixes.

Quadra

Quem vestir um fato azul
Talhado pelo Teixeira,
Ficará todo tafui,
Com alma namoradeira.

Til Pelintra.

Pensamento

Não sei porque parece-me nodoado um collo de virgem onde reluz uma perola.

Victorino Palhares.

Anedocta

Bébé incorregivel. Ao deitar-se a cama:

—...o pão nosso de cada dia nos dai hoje com manteiga...

—Oh filho! olha que o Padre Nosso não é assim!

—Mamãe bem sabe que eu não gosto de pão secco.

Decifrações

Foram os Senrs abaixo que decifraram as charadas do n. 19 do nosso jornal:

Dr. Circumscsflautico—charada—XXVIII—Eulina.
Herdema—charada—XXIX—Luneta.
Dr. Petreca—charada—XXX—Chapeu.
Til Pelintra—charada—XXXI—Viado.
Abelalado—charada—XXXII—Logogripho.

Collarinhos e pun'os de puro linho na alfaiataria Teixeira.
Telephone 56.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de novembro futuro:

Em 1—a Exma. Senra. D. Rosa Augusta de Macedo Britto e Senr. Alfredo Nicolau dos Santos;

Em 3—o interessante Othon, filho do Senr. Othon de Carvalho Ballias;

Em 4—o Senr. José da Silva Sardinha;

Em 6—a Exma. Senra. D. Joaquina da Silva Miranda e o Senr. José da Silva Rodrigues;

Em 7—a menina Amicotinha, filha do Senr. Affonso Pinho;

Em 8—as Exmas. Senras. DD. Brunehilda S. de Campos Costa e Francelina da Serra e Silva;

Em 9—o joven Eduardo Alcino Lopes;

Em 10—o Senr. Antonio Leite de Moraes Rego;

Em 11—os Senrs. Antonio Pires da Fonseca e Benjamin Rodrigues de Mello;

Em 12—a menina Waldemarina, filha do Dr. Joaquim Lobo e Senr. Filomeno Lobo e o Senr. Joaquim Mariano d'Azevedo Perdigão;

Em 13—a Exma. Senra. D. Sophia d'Almeida Pereira;

Em 14—as Exmas. Senras. DD. Silvia da Silva Miranda, Belinda Fernandes e Luca Gayoso;

Em 15—a Exma. Senra. D. Sara Ribeiro e o Senr. Joaquim S. Nunes Lisboa;

Em 17—as Exmas. Senras. DD. Esther Ribeiro da Costa e Maria Amelia Coelho;

Em 18—a Exma. Senra. D. Corina d'Alcovia Lopes Leite e o menino Heider, filho do Senr. Francisco Pestana;

Em 20—as Exmas. Senras. DD. Herminia Lopes, Antonia Couto Fernandes, a menina Haydea, filha do industioso Senr. Bernardino F. Marques de Souza e o Senr. Luiz Antonio d'Almeida;

Em 22—a Exma. Senra. D. Belarmina Zaila S. Ribeiro e o Senr. Dr. Jose da Silva Sardinha;

Em 23—a Exma. Senra. D. Elisa Story e os Senrs. João Fernandes Marques e Alberto Leite;

Em 28—os Senrs. José Barbosa de Andrade e José Gonçalves Machado;

Em 30—o Senr. Carlos Gonçalves.

Aceitem os nossos parabens.

SALA DE VISITA

Fomos honrados com as visitas dos distinctos cidadaos:

O illustre Senr. Commendador Alfredo Garcia, activo gerente da «New York Life Insurrance C.» no Ceará;

O distincto Senr. Francisco Gomes Parentes, estimado sub-gerente da mesma Companhia;

O illustre Dr. João Henriques Gayoso Almendra, Juiz de Direito na comarca das Barras, no Piauhy;

O distincto Senr. Evandro Castello Branco, conceituado negociante na União;

O distincto Senr. Americo Menezes, representante da importante casa commercial em Manchester de J. L. Fell & C.;

E o talentoso poeta Adherbal de Carvalho que nos veio offerecer um prospecto de seu livro de poesias—Ephemeras—que está prestes a ser publicado.

Agradecemos-lhes a honrosa fineza.

EXPEDIENTE

O nosso agente e amigo Capitão José Joaquim dos Santos, na Gamelleira, completa a 4 de novembro proximo, o vigesimo segundo anno de suas nupcias.

Nesse faustoso dia, terá de se realisar o consorcio da sua primeira filha a Exma. Senra. D. Leonor Maria Barbara dos Santos com o Illm. Senr. Tenente Octaviano Pereira da Costa, pelo que, d'aqui, enviamos ao ditoso par o bouquet das nossas sinceras felicitações e um cordialissimo abraço ao nosso digno agente.

Impresso por João R. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria—Teixeira

todos, tanto de inoffensivo, como que manifestam purezas de intuitos.

Para que o publico d'isto se convença, bastará ouvir taes sons, fazendo acquisição, por modico preço, do novo livro do Pacifico, o qual foi impresso a capricho profissional.

A. Britto.

—

Paletots de fantasia, para passeio, novidade na alfaiataria Teixeira.

A musica e o poeta

—A PACIFICO BESSA—

Ai não chores mulher! que triste fado
Persegue o teu viver? Não tens um leito?
Oh, vem encosta a fronte ao meu peito
Com elle o teu soffrer é consolado...

E porque choras, dize o teu passado
Foste infeliz mulher, ou teve eleito
Incondidente amor, amor desfeito
Ceifando o teu viver amargurado?

Oh dize quem tu és, sê piedosa
Bem vês que soffro por te ver soffrendo
E que no peito sinto o amor ardendo!...

Sou a—Musica—diz e harmoniosa
Seu canto faz ouvir tocando a meta,
Elle solça e diz:—eu sou o poeta!...

S. Luiz—1893 *Herdema.*

—

Paletots de seda de cor, fazenda especial, no deposito de roupas feitas da alfaiataria Teixeira.

Em um baile

O palacete estava repleto de convivas, desde a sala até á varanda, havendo uma profusão de comprimentos que se trocavam de momento a momento á medida que ião chegando os convidados.

Eis que surge em meio da sala o commendador Silveira, o chefe da festa e diz: —Meus senhores, tirem par que o baile vae começar.

Houve logo uma grande agitação dos cavalheiros que se dirigiam para todos os lados em moto-continuo a perguntar:—Senhora D. Cotinha, V. Exm. já tem par?—Minha Senhora D Annicota, digna-se á conceder-me esta quadrilha?—Se V. Exm. Senhora D. Alice, me quizer dar o prazer de dançarmos esta franceza muito me penhorará?

E assim, dentre em pouco estavam todos os cavalheiros com os seus pares promptos ao primeiro brado *do marqué.*

A maviosa orchestra deu como introducção—As ruas em contradanças,—composição brasileira escripta em *dialsolre.*

A animação fez-se logo ao primeiro boijo da orchestra que estava em uma afinação divina e em proficiencia d'arte do velho mestre Rossine.

Os corações vehementes pareciam rir-se em delicias de amor, em quanto que, o Alfredo, rapaz assaz traquejado na alta sociedade, estava atirado em um canto sobre uma cadeira completamente isolado. Já tinha corrido á sala sem achar uma *innocente filha de Deus* que o quizesse acellar para uma contradança.

O dissabor era horrivel, aquelle em que se achava o pobre Alfredo. Triste, aborrecido, convicto mesmo que naquella festa a sua presença se tornava por demais fastidiosa, sem saber o movel da sua desventura.

Retira-se do baile deixando a sua amada em verdadeiro colloquio de amor, com um rapaz que trajava elegantemente na ultima expressão parisiense, chegada expressamente para a alfaiataria Teixeira.

Dentre em pouco Alfredo já não estava naquella sala onde o desespero o envolvia ao despotismo do despreso. Já caminhava longe donde só ouvia o som melancolico da orchestra que ia ferir-lhe a alma.

Chegado em casa relatou a sua irmã tudo quanto se tinha acabado de dar com elle no baile do commendador.

Vanderlisa, moça do *high-life* ao fitar Alfredo, vio-o mettido em uma japona—*da cor de burro quando foge*—e pedio-lhe então, que fosse a alfaiataria Teixeira e mandasse fazer com urgencia um fato conforme o figurino escolhido, para o dia em que estava annunciado uma partida no Reform.

E assim foi na partida do Reform apresentaram-se Alfredo e Vanderlisa como dois entes divinos: ella a attrahir attenção daquelles cujo gosto na belleza é incontestavel—e elle... a cartear numa *ponta* admiravel.

As moças não sabiam como chamal-o! umas de seu Alfredinho, outras de seu Alfredoca, em summa, uma porção de nomes.

Quem o vio no baile do commendador Silveira e depois o visse no Reform, haveria dizer não ser o mesmo Alfredo!

Aquella...que o tinha despresado no baile do commendador, queria novamente conquistal-o, porem, elle estava tão entregue a outros afagos que lhe passou desapercebido esta conquista.

No dia seguinte, as moças só fallavam em seu Alfredoca, diziam umas que para *polk* era o primeiro, outras, que para *valsa* não tinha segundo e assim mais outras opiniões.

.·.

Na verdade, Alfredo estava esplendido, o fato com que se apresentou no Reform parecia um figurino, não tinha rival.

Bellarmino.

—

Novidades em razoaveis, pelo rapaz "Marmelrose" entrado em 13 do corrente, na alfaiataria Teixeira.

Eliza

«Tem cor de mimos. E' tão
Feiticeira e grã dôna,
Que faz lembrar um bolão
Prestes a tornar-se rosa.»

Cor o orvalho no campo
Que a verde cerca matiz;
E cor orvalho diaphano
Me lembra a alvura d'Eliza.

Ciria o zephiro brando
Nas azas fresca da brisa;
E as doces aures fagueiras
Murmuram o nome d'Eliza.

Scintillam estrellas brilhantes,
E a lua no ceu desliza;
Astros, estrellas, planetas,
Semelham os olhos d'Eliza.

A agua de manso lago
Ao sopro d'auras se friso;
E esses sorrisos d'agua
Imitam os risos d'Eliza.

Julio C. Monteiro.

—

Fatos de tecido de lã e seda, para durar, a despachar-se para a alfaiataria Teixeira.

Meia duzia de casadas

ENCARNAÇÃO

V

Que mal; que mal fiz em cazar-me!...

Mamã tinha tanto empenho que afinal fui obrigada a ceder; porem que mal fiz em ceder! Por diversas vezes disse á mamã que estava enamoradissima de meu primo Jorge, que é o capitão de artilharia mais guapo de todas as artilharias de todos os exercitos e a pobre empenhada em persuadir-me de que eu não sabia o que dizer, nem o que pensava, nem o que sentia e de que, apenas désse minha mão a D. José, esqueceria aquelle capricho de menina mimosa!... D. José... Casei-me com D. José. E é muito boa pessoa D. José; o que é não se pode negar; e tem 50,000 reales de soldo, que Deus sabe quando os terá Jorge, e duas casas em Saragoça e uma propriedade em Castilla la Vieja... Porem D. José é D. José, e Jorge... como Jorge não ha outro homem, nem outro no mundo. E que mais é!

Julguei que ficasse offendido e que nunca mais quizesse ver-me!

Pois não! Vem todos os dias e tão contente. Isso, sim, offende-me um pouco, porque, vamos e venhamos, elle não devia estar tão satisfeito por ter eu preferido a D. José. E o mais bonito é que meu marido o quer. Todos os dias o mesmo empenho para que Jorge venha comer, e quando não está elle ás horas das refeições, só faz é perguntar:

«Teu primo não virá? Onde estarà teu primo?...»

E fica inquieto, até que o vê chegar... Que elogios que faz do talento delle! de sua elegancia, de seu garbo, quando monta, de sua bizarria!

Ah! que vontade tenho de dizer a meu marido:

«Homem, não sejas tolo... Não vês, meu bobo, que isso vae ter mau fim?» Mas qual? Não é culpa minha, a culpa é de mamãe que me obrigou a casar com D. José... e de D. José, sobretudo de D. José.

Carlos Frontaura.

—

Cintos de couro, para homens—, novidade, em despacho—recebeu a alfaiataria Teixeira.

O pastor e o seu rebanho

(FELIX SAMANIEGO)

Ao lobo! Ao lobo! Soccorro!
Gritava um cuidadoso
pastor que na montanha
apacentava o seu gado.

Uns camponezes que ouviram
cada um com sua arma
precipitaram-se logo
para o lugar do alarme.

—Onde o lobo? Qu'é do lobo?
De lobo nem sombra havia
e o pastor as gargalhadas
do estratagema se ria.

Segunda vez por pilheria
repetiu a mesma graça
que teve ainda o successo
da precedente chacota.

Mas um dia, de repente
se viu o pobre pastor
atacado por um lobo
que o vinham de temer.

Les cinq ou six formes de vêtements qui composent la garde-robe d'homme ont, en effet, acquis un caractère officiel qui rend les variations bien difficiles.

En raison de ce caractère officiel et classique et la crainte de paraître ridicule, l'élégant redoute toute innovation trop excentrique, qui révolutionnerait la forme actuelle et, en fait de mode, il lui suffit d'un rien pour le satisfaire.

Le tailleur, de son côté, trouvant que les formes actuelles lui donnent suffisamment de tracas pour satisfaire la clientèle difficile, ne demande pas mieux que la mode soit à peu près stationnaire; il préfère se perfectionner dans sons travail habituel que de falloir se creuser la tête pour créer des nouveaux modèles de formes plus compliquées.

Comme nous l'avons dit, bien des fois: cette manière de voir nous semble critiquable et préjudiciable aux intérêts du métier.

Ne jamais rien changer à ses habitudes, à sa manière de travailler, rend l'esprit paresseux et réfractaire à toute idée de progrès; c'est ainsi que l'on devient routinier.

Au point de vue commercial, ne pas être partisan des changements de la forme, c'est faire le jeu de la confection.

Nous ferons donc la description de la mode d'automne, en donnant les moindres détails qui peuvent intéresser nos abonnés.

(Extr.)

FOLHETIM

SUMMARIO—O recado—A verdade de um pezar—O livro de Gil Velhaco—O estylo original—A falta de sentimento de bairrismo—A critica sem orientação—Vae e vem—O desejo de uma resolução—*Au revoir.*

Não vaes gostar do meu recado de hoje, Leitor, recado que leva algumas verdades duras, nascidas na explosão de um sentimento extremo e santo de amisade.

Sinto a penna tremer-me a correr o papel, não porque eu acerque-me de um susto ou medo do que desejo te observar, mas, simplesmente, por envolver-me o espirito um pezar fundo, um pesar que maldigo e que aborreço.

Acabo de ver um facto que longe de ser uma alegria innacta para os corações de maranhenses, fôra em parte atacado á maneira profundamente selvatica e desdenhosa.

A minha observação prende-se ao facto da publicação do livro de Gil Velhaco, um livro que tem a originalidade, o pittoresco, o natural dos costumes da vida moderna e não tem o estrangerismo dos contos de poesia mysteriosa e indefinivel.

Um estylo leve, penetrante, que a moderna civilisação nivela, um estylo que não corrompe a sensibilidade do nosso espirito pratico na lei superior do naturalismo, deliciosamente nesse livro se ve modelado com extranho rigor.

Si os livros consolam a quem os faz e a quem os lê, como diz Maria A. Vaz de Carvalho, fôra em parte observado o contrario com o do Gil Velhaco, pelo simples facto de ser maranhense, erro imperdoavel do alto sacrificio do seu nascimento.

Evidentemente está provado a falta do affecto de bairrismo que submergiu-se no abyssmatico triumpho das glorias estrangeiras, glorias que projectam fama nos elogios de *coterie* bem paga.

Meias pretas e azues—qualidades superiores—na alfaiataria TEIXEIRA.

Telephone 56.

SALÃO LITTERARIO

Notas de flauta

O meu amigo P. Bessa offereceu-me um exemplar do livro em verso que acaba de dar á luz da publicidade, com o titulo de —*Notas de flauta*.

Quer o Bessa fazer crer que o auctor das *Notas* é um tal *Gil Velhaco*; mas eu, que tenho a certeza de não passar isto de uma *velhacada* sua, sem fundamento legitimo, não me presto para reforço da capa,—goste ou não goste elle.

O livro a que alludo résiste a uma difficil critica, e eu, que nem critico sou, não me atrevo a critical-o. Digo—resiste a uma difficil critica—porque se pretenderem *soral-o* em nome da—moral publica,—hão de apresentar-se as lettras, das quaes o Pacifico é amigo affectuoso, e teremos bloqueio reahido, sea lo que, si enfraquecerem as baterias d'estas, contaremos, ainda, como suas alliadas seguras, com a bondade—e a franqueza—que recebem do Gil constantes e dedicados preitos. Com taes recursos, portanto, de que dispõe, não póde passar pela minha mente a menor duvida da victoria que, em caso de travada a lucta, teria de alcançar o auctor das *Flautas*.

De que é elle nimiamente bondoso tem-se de prompto a prova com a offerta que me acaba de fazer, por cuja gentileza agradeço-lhe, penhorado, e de que é sincero e franco, chega-se á evidencia com a leitura das suas humoristicas *velhacadas;* pois que, nada mais fez do que relatar factos veridicos, de que teve conhecimento, ou, pelo menos, que são em todo o ponto verosimis,—isto é que, si não se deram, poderiam muito bem ter se dado, em que pése os castos ouvidos e os pudicos olhares, por isso que são prescripções fataes, emanadas d'um instincto, que é, quando menos, immediato ao primeiro dos que foram inoculados na existencia dos seres terrenos.

Si incorreu em criminalidade por não se haver curvado, submisso, tão inteiramente ás disposições da lei citada, é que ouvira dizer que a—franqueza—e a sinceridade—são bellas virtudes, e quiz ser—virtuoso. Não tem culpa das incoherencias de que está recheiado o codigo fundamental sociologico; tanto mais tendo tido, como teve, escrupulo de fallar sem refolhos.

Como quer que seja, é um bello rapaz o auctor das *Notas*, muito trabalhador e possuidor de bons sentimentos, pelo que os sons que elle vibra com a sua *Flauta*, teem,

Como toda a obra do genero humano tem elle deffeitos leves, vivamente impressionados pelo aspecto das cousas, mas, verdadeiramente, produz uma nova phantasia de quadros da vida realista, quadros que esquecem ou fazem esquecer as amarguras das decepções humanas.

Si muita gente por ahi celebrasse o seu noivado de glorias litterarias e de feitos da sua vida pratica, com tanta innocencia, com tanta cautela e com tanto instincto, como o Gil nas suas *notas de flautas*, de certo que não produziria fructos illegitimos, nascidos no mar alto da pirataria e da sensualidade.

Respiraria mais francamente das suas ingratas tristezas, seria mais amante do pensamento livre onde refrescam-se os bons costumes e onde a influencia do mal não chega a produzir comichões de consciencia pervertida.

Sim, muita gente e gente de raça que lamenta capciosamente a lôa moral e ulula como á noite uma tristeza de morte, saberia ver com cuidado e consciencia o verdadeiro caminho do que é bom e util, por certo que acharia tambem nesse livro alguma bondade illuminada de um luar de utilidade.

Eu lamento que a pennugem loura da critica que ensombra esse livro, nos factos da nossa vida em familia tão bem desenrolados e descriptos, provocasse o riso felino nos labios de muita gente que professa a escola do sensualismo ás escuras.

Eu rio-me alegre da falsidade do sentimento dos hypoceritas da moral, quando leo uma producção como esta:

Vae e Vem

O' caro Julio Duval,
Escuta e vê o meu Lenzinho grande
Na certa vida lubrica, infernal,
Deste futar espirito que se espande
Depois que fiz o publico meu leitor
De todo o que produzo com amor.

Vou em maré de ventos tenebrosos,
O' ceus que desgraceiras!
Com as *notas de flauta* publicadas,
Uns contos bolicosos,
De um bom estylo picaresco e ou;
Onde insultos mudonhos, verdadeiras
Lenguas—lenguas de linguas endiabradas
Ou pragas de urubú.

Ficaram presos d'um pudor de fada,
Enleios como o rubim,
(Ai! que gripiei—rubim, a delicada
Polra dos meus sonhares de poeta!)
Ficaram presos, sim,
Do pejo, como o verdadeiro asceta
Do bello e edificante platonismo,
Té collegas do nosso jornalismo,
Almas pudicabundas
Condemnaram-me ás dores bem profundas!

Tenho as orelhas sem calor de brasa
Si acaso estou deitado
Na minha rede, dentro em minha casa,
Vivendo dos alguns desdado;
Uma *troupe* de boca ai, feriaz,
Que tudo o que aprecia encara o mal
E torna uma modina
Com um espirito trefego e boçal.

Neste vae e vem da sorte avara e mole,
Que mette me prendes,
Embora com trabalhos,
Como o ferrêiro o pingo enbarreira
Vou tocar o fole
Para com arte relatal-o a malha.

Estou cousa melhor,
Cousa de muito e muito mais valor,
Agora estou disposto,
Ou ser um funileiro bem perfeito,
Funileiro de truz que tenha gosto
Para expor tudo a gente...

Gil Velhaco.

Ah! si fosse esta resolução do Gil uma verdade, que abrisse a sua officina de funileiro e seus freguezes fossem os taes hypoceritas, com toda a certeza que iria ser o seu aprendiz mais a fiantado e activo na maneira de agradar.

Au revoir.

JULIO DURVAL.

Affectos fons para gracetas, sociedade na alfaiataria Teixeira.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO II | *Maranhão, 30 de Novembro de 1893* | NUMERO 21

REVISTA ELEGANTE

A NOSSA PROSPERIDADE

Cabe-nos o dever de manifestarmos aqui o nosso contentamento e a nossa gratidão á maneira porque temos sido acolhidos por todos os que nos procuram e nos dispensam a sua confiança.

O que temos procurado fazer para merecermos essa sympathica attenção, não é mais do que um esforço heroico, uma força de vontade, nascidos de um agradavel sentir pela prosperidade do nosso meio social.

Ha muito que se nos prendia a ideia de alargarmos as nossas transacções e tornarmos mais amplo o nosso ramo de industria, facilitando á grande freguezia que nos rodeia, uma serie de artigos de moda e tornando assim o nosso estabelecimento uma verdadeira utilidade na arte de trajar.

E-nos grandemente agradavel a evolução necessaria das sociedades em geral, evolução que tende sempre a melhorar a ambição de um alto destino.

E como somos amantes legitimos dessa evolução, porque achamol-a necessaria e util, procuramos sempre facilitar aos nossos freguezes em tudo o que lhes for desejado para vestirem-se e enfeitarem-se na ultima expressão da Moda.

O nosso estabelecimento acha-se precisamente preparado para satisfazer ao mais exigente freguez que nos queira dar a honra de trajar com a elegancia de um homem da sociedade culta.

Os finos e perfeitos artigos que ultimamente temos recebido das melhores fabricas da Europa, dão a mais pomposa ideia de que procuramos captivar a concurrencia e a sympathia dos nossos innumeros freguezes.

E certo que em começo lutamos com a vontade da nossa freguezia que se furtava por uma delicada circumstancia, que não cuidamos nunca indagar, a colher o nosso ideal cheio de verdade.

Mas agora que temos a soberania da causa a nosso lado, que vemos todos os que nos procuram acolher o nosso modo de servir e de trabalho, sentimos um contentamento de prosperidade que se une a verdadeira comprehensão dos nossos esforços.

Nova remessa de

chapeus de feltro, molles, pretos e de cores, despachados para a alfaiataria—TEIXEIRA—

Telephone 56

A MODA

Nos grandes gravures artistiques

De cette saison.

Depuis que nous publions cette riche édition, nous pouvons affirmer, que nous n'avions jamais obtenu une parcelle d'impression aussi complete, et un tel résultat nous permet de dire, que le numéro de cette saison automne-hiver 1893 dépasse, par ses qualités artistiques et professionnelles, tout ce qui se fait en ce genre; aussi nos abonnés émerveillés ne nous ménagent pas les éloges. Nous avons, avec le concours de

As aves que abalam seu canto sentido,
As rolas do engenho não fazem ruido,
Que dorme a Sinhá.

Gonçalves Crespo.

—

Suspensórios, última novidade, na alfaiataria Teixeira.

Lyricas

V

Dorme, meu coração! Dorme tranquillo envolto no sudario do esquecimento. Arrancaram-te tudo o que amavas... crenças, illusões, esperanças, tudo, tudo jaz hoje morto, frio como a lage marmórea que te ha de cobrir quando fores repousar na silenciosa quietude do sepulchro.

Dorme, meu coração! Descança agora, pobre martyr, no silencio do olvido a que te condemnaram. Deixa que o mundo lá fóra se embriague nos vinhos do prazer, ou se estorça nas convulsões da dor. Na la interrompa o teu somno dormindo á sombra de tudo o que perdeste.

Na noite do teu viver, noite escura, sem o brilho de uma estrella, ha de passar por vezes um clarão rapido e fugitivo, um salto de luz que percorrerá com a rapidez do pensamento o teu ceu e irá apagar-se depois. Mas não sigas o seu curso, não acompanhes extasiado o seu brilho, pobre desgraçado. Será o ultimo lampejo da vida que se apaga para ti, o fogo fatuo a adejar sobre o tumulo de uma illusão perdida.

Dorme, meu coração! Espera tranquillo que sóe para ti a hora derradeira. Talvez então que ella, a ingrata, roubadora de tua felicidade, venha humedecer a tua inscripção tumular com a brilhante das suas lagrimas, depositar sobre a lousa do teu sepulchro uma flor singela orvalhada pelas perolas crystallinas do seu pranto. E assim estremecerás de jubilo ainda uma vez. Na noite do teu sepulchro brilhará pela derradeira vez uma estrella luminosa!

Dorme, meu coração! Dorme tranquillo envolto no sudario do esquecimento!

Ernesto d'Alba.

—

Fatos de brim pardo e de cor, para meninos de 6 a 12 annos, no deposito de roupas feitas da alfaiataria Teixeira.

O Ceará redimido (1)

O Ceará, terra livre,
—O berço da liberdade,
Tem por divisa sagrada
A santa lei da Igualdade.

Ele, o leão do norte
Da terra de Santa-Cruz,
Levanta a juba dourada
N'uma cascata de luz.

E o vinte e cinco de março
—Dia d'immensa victoria,
Tornou fulgente d'estrellas
Para o regaço da Historia.

Fatos—gigante, ultuario,
Perdem-se na immensidade
Por entre risos e flores,
O hymno da liberdade!

E o seu cantico divino
Se afoga de terra aos ecos,
Pois em contraste sublime
O ceará vive com Bezerra.

Julio C. Monteiro.

(1) Em commemoração do 9 anniversario da liberdade total dos escravos no Ceará.

Collarinhos e gravatas

a despachar-se para a alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

SOBREMEZA LITTERARIA

Quadra

Como no ceu nasce a aurora
E no jardim nasce a flor,
Nasce no mar a esmeralda,
No coração nasce o amor.

Pensamento

A alma não se define, porque participa da natureza de Deus, e Deus não se explica, porque a razão humana, limitada como é, não póde transpor o infinito, que é Elle proprio.

Camilo Costa.

Triolet

Quem quizer andar na roda
E ser das moças querido,
E' viver sempre na moda,
No modernismo vestido.

Anedocta

Uma dama toda cheia de rhetorica manda buscar gelo, fazendo ao creado esta necessaria recommendação:

—Olha, dize ao caixeiro, que dê do mais frio que lá tiver.

Charadas

V

2—2—Querido esta mulher, por ser mulher.

VI

1—1—Estudei a malvada fructa.

VII

2—1—Quer bem e foi generoso este rapaz.

VIII

1—2—Tem pena da riqueza e impera.

IX

1—1—1—Escondido e na pista do verbo, dominou ceu e terra.

X

1—2—Nestas tenuissimas particulas, vi uma ave em verso.

XI

1—1—Excede esta variação, por ser a mais implacavel de todas as deusas.

Pensamento

O amor é tributo que tarde ou cedo todos nós pagamos.

Escrich.

Anedocta

O conquistador:

—Minha senhora, um beijo por esmola...

—Deus o favoreça, já tenho os meus pobres diarios.

A molestia e a cura

Aqui jaz um homem rico
Nesta rica sepultura;
Escapava da molestia,
Se não morresse da cura.

Bocage.

Advinhaçẽo

A primeira é a maior, pode tornar feliz ou desgraçado.

A medicina

A morte perdendo a fouce
Creu sua força desfeita;
Disse-lhe um medico insigne:
«Aqui tens esta receita.»

Bocage.

Quadra

Quem do Rayol os pastores
Quizer na ponta assistir,
Vá na casa do Teixeira
Um fato novo vestir.

Camisas, sem punhos

e sem collarinhos—peitos de linho, qualidade superior, na alfaiataria Teixeira.

Telephone n. 56.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de dezembro futuro:

Em 1—os Snrs. Drs. Arthur Quadro Collares Moreira e Sebastião Lobo;

Em 3—o Snr. Francisco Carneiro Joaquim;

Em 5—a Exma. Senra. D. Mariota Serra;

Em 7—a Exma. Senra. D. Maria Amelia Duarte Soares e Snr. Manoel José Soares;

Em 8—a Exma. Senra. D. Catinha Gomes e o Snr. Antonio Valente de Figueiredo;

Em 12—o interessante menino Leiro, filho do Snr. Elpidio Gonçalves Nina;

Em 10—o Snr. Raimundo Archer da Silva;

Em 13—a Exma. Senra. D. Luiza de Azevedo Soares e o Snr. Manoel Ribeiro Lopes da Silva;

Em 15—as Exmas. Senras. DD. Alzira D. de Souza Bello e Rosa Margarida Pereira Borges;

Em 17—a Exma. Senra. D. Joanna de Almeida Barbosa;

Em 19—o Snr. Leoncio Janson de Medeiros;

Em 21—as Exmas. Senras. DD. Francisca Bello de Medeiros e Abigail Edmée de Araujo Britto.

Em 22—a Exma. Senra. D. Carolina Castundre de Oliveira e o Revmd. Conego Dr. Leopoldo Damasceno Ferreira;

Em 23—a Exma. Senra. D. Maria Zenobia Sá Ribeiro e o Snr. Antonio Rayol.

Em 25—o Snr. Olympio Ericeira;

Em 30—o Snr. Joaquim Thomaz da Costa Rodrigues;

Em 31—a interessante Dora, filha de José da Silva Rodrigues, e as Exmas. Senras. DD. Eugenia Rodrigues Machado, Josefina Clara Pereira e Hermelina Lima, e os Snrs. Rodolpho T. Gomes de Castro e Francisco Raimundo Faria de Vasconcellos.

Aceitem os nossos parabens.

Ceroulas, de linho ou

de algodão, já promptas, no deposito de roupas feitas da alfaiataria Teixeira.

EXPEDIENTE

Possuida de vivo contentamento, recebeu a *Revista* a noticia de haver sido nomeado para exercer o cargo, que vagou, de administrador das capatazias da alfandega do Estado o nosso prestimoso amigo e infatigavel redactor, senr. Pacifico Bessa.

Alem de haver a justiça presidido a esse acto do Governo Federal, por aproveitar um empregado de fazenda, cujo cargo fôra extincto, achando-se, por isso, addido á mesma repartição, muito acertada foi a nomeação a que alludimos, por ter ella recahido n'um empregado activo, intelligente e honesto,—o sustentaculo de sua virtuosa familia.

A *Revista*, que regosija-se sempre com as felicidades dos seus bons amigos e, geralmente, com o triumpho das causas justas, não pode deixar de vir em publico dar sinceros parabens ao novo e digno administrador das capatazias da alfandega.

Impresso por João B. A. Lucas, na Typographia particular da alfaiataria Teixeira

verdadeira caridade,—ninguem mais: ella que, ás occultas, vem em nosso auxlio,—que promove, segundo as suas forças, o nosso bem-estar, obediente, apenas, aos generosos principios, em sua alma embuidos.

A amizade não conhece condições de fortunas, de gosos, nem de outras quaesquer vantagens; rebenta-nas expontanea, e não á nossa vontade,—facto este bastante para demonstrar a pureza dos seus intuitos.

São, pois, estes os fundamentos que me fizeram erguer um templo no coração, aonde tributo á deusa da—Amizade—profundo acatamento e devotado culto.

AUGUSTO BRITTO

Fustões para calças na alfaiataria Teixeira.

Capricho

Cré, nunca o dissabor me fez prostado
como que fendo a alma enlorpecido,
triste a gemer, carpindo algum pecado
por este sexuno que se chama vida.

E nunca encontro o mundo mal vingado:
cada um na existencia appetecida
e a outros dando o leito de um calçado
entre espinhos da sorte emergecida.

Nunca, no centro d'ergre vou e rindo
ter de sempre ancioso na janela,
porque es o meu ideal, o meu thesouro;

sempre anciando por capricho infindo,
ter da cadeia na medalha, ó bella,
dous fios só do teu cabello loiro.

P. Bessa.

Alfinetes para gravata na alfaiataria Teixeira.

O bébé

A criancinha loura e bella dormia socegada no berço forrado de setim azul, envolvida em faixas de cambraia fina, entremeiada de rendas e fitas.

A mãi, carinhosa e meiga, de instante a instante, vinha pé ante pé, vêl-a da porta da alcova, lançando para o berço olhares perscrutadores; indo depois, com bondade extrema e ternura sem igual, depositar na face rosea do filhinho que dormia, um beijo morno e suavissimo de graça.

Ao tocar os labios na face do anjinho que repousava, sentiu fóra do natural o calor de sua epiderme ainda tenra, e muito assustada e triste chamou pela criada, e disse-lhe:

—Maria, vê tu se achas ou não o meu filhinho com febre, pois sinto-o quente por demais...

A criada, tocando-lhe no pulso e na testa, fel-o despertar com um sorriso de anjo, e a mãi, vendo-o assim, alegrezinho e calmo, sentiu no intimo d'alma o desafogo da dôr, parecendo reviver de novo ao fitar o lindo rosto com sua costumada alacridade.

Mas ella enganava-se, e a criada um pouco assustada e tremula, disse-lhe muito pesarosa:

—O ménó, sinhá, tem febre, pois está muito quentinho...

A mãi olhou-a com espanto, tomando em seus braços o filhinho louro, a ver se com effeito havia razão na suspeita da amiga.

Ao comedegar ao seio maternal o filhinho estremecido, observou com pasmo, o calor estranho que abrasava-lhe as carnes, empannando-lhe os olhos e descorando-lhe os labios.

E desatou a chorar convulsivamente, dizendo entre lagrimas e soluços de desespero:

—Meu pobre filhinho com febre!

E a criancinha esperta e buliçosa poz-se a sorrir para o ceu, parecendo brincar com os anjos no collo da mãi lacrimosa.

Uma grande dôr invadiu-lhe a alma, e afflicta e louca dirigiu-se ao apparelho telephonico no gabinete proximo, e de lá falou ao marido ausente, communicando-lhe o que se passava em casa, torturando-lhe a alma.

No decurso de poucos instantes, acompanhado de um medico, entrava em casa apressurado e afflicto o pobre pae, que assim vinha ao chamado da esposa, que se lhe atirou nos braços ao avistal-o de perto.

—O que ha minha senhora, o que ha? interrogou o medico, que era conduzido para junto do berço pela mãi angustiada.

—Veja meu filhinho, dr., e diga-me o que elle soffre...

O pae nervoso e pallido beijou o pequenito na testa, e sentiu tambem o calor indicativo da febre, que parecia-lhe abrasadora.

O dr. examinou-o com cuidado, passou-lhe os dedos pelas gengivas entumecidas, e disse tranquillamente:

—Não se assustem; isso não é nada, apenas uma febricula occasionada pela dentição...

As palavras do dr. causaram a melhor impressão no animo dos paes, que fitaram-se mutuamente com signaes de alegria.

—Então, dr., o meu filhinho não deve inspirar cuidados, não é assim?

O dr. com bondade:

—Não, minha senhora, a febre é passageira: a physionomia da criança é boa, e as disposições excellentes. Não se assustem, não se assustem...

E o medico, depois de receitar, despediu-se da familia, deixando o socego e a calma no coração dos extremosos paes.

A' noite, a febre diminuiu com a applicação dos remedios, e no dia seguinte, o pecurrucho saltitante no berço balbuciava por mamã seguidas vezes, buscando com avidez os seios abundantes de leite e fartando-se nelles.

A mãi, cheia de amor e de carinhos extremos, beijava-o com sofreguidão, demonstrando no sorriso dos labios os effluvios da alegria.

O pae absorto revia-se nos encantos da gentil criança, e passeiando pela sala, trauteava um trecho de musica alegre e sã.

.....

Hoje a criancinha loura é o encanto do lar, enchendo de graças e de conforto a existencia venturosa de um casal feliz.

Candido Costa.

Gravatas, grande sortimento na alfaiataria Teixeira.

Confidencia

A Altino Rego.

Minha senhora altenda-me um momento,
Um só momento, eu quero vos falar...
Porem não é só que ainda? o pensamento
Parece muito longe de chegar...

Eu trabalo dentro d'almas desolada
E o coração febril sempre a pulsar!

Quando vos veja sinto um doce abrolho
E quero vos dizer—não sei falar!...

Afflicto, sem coragem, revolvo
Eu tento vos olhar, empallidece,
Eu quero vos falar, fico sereno!

Como Eurico o presbytero—padece
E d'Hermengarda o olhar explorando
Meu Deus, meu Deus quem sabe eu não mereço?...

S. Luiz—1883. *Herdema.*

Meias perlas e azues, na alfaiataria Teixeira.

Meia duzia de casadas

MARUJA

VI

Parece impossivel que eu, que era tão desgraçada, ha tres mezes, seja agora tão feliz. Já creio que sou feliz. Deus pague o favor que me fizeram a senra. condessa que mora defronte e o senr. cura da parochia. Ella me deu, Deus a favoreça, o dote, dois mil *reatlogos* nada menos, e o senr. cura tomou André á sua conta e o convenceu de que devia casar-se comigo... Já que tinhamos tido a desgraça de dar o escandalo de viver juntos... Ah! bem envergonhada vivia eu! Quanto chorei, contemplando um filhinho de minha alma que não tinha nome!... Dor d'alma. Que vergonha para nós e para elle. Agora já temos a nossa consciencia tranquilla; meu marido trabalha mais; já se esqueceu das *oito horas* e só lamenta ser tão curto o dia.

Já não vivo, como d'antes, tão aturdida e medrosa, julgando que todo o mundo adivinhava-me na cara a minha deshonra... E meu pae, o pobre velho; que parecia maluco, desde que pratiquei aquella telice, está contente, e recobrou sua tranquillidade e sua alegria...

Virgem Santissima! que felicidade tão grande! Que bem estar se experimenta, quando se vive digna e honradamente! Benditos sejam os ricos que, como a senra. condessa, amparam o pobre com recursos materiaes e os que, como o senr. cura, o favorecem com seus conselhos e sua piedade christã...

Ah! filhinho de minh'alma, já não são desconhecidos teus paes!... Já nos libertamos dessa magua, que é, alem da maior das maguas a maior das vergonhas.

Carlos Frontaura.

Fundos de linho para, na alfaiataria Teixeira.

As Séstas

Na rede, que um negro moroso balança
Qual berço de esposas,
Formosa creoula repousa e dormita,
Emquanto a mandos nos seios agita
Um leque de plumas.

Na rede perpassam as tremulas sombras
Dos altos bambus;
Dorme a creoula de manso cuidada,
Pendidos os braços da rede sendo
Mimosos, e nus.

.....

Tres que parece tranquillo, de leve,
Na folha do cuge.

Bibliotheca Publica do Estado do Ceará

nos artistes, obtenu un résultat si remarquable, que nous pouvons aujourd'hui être complètement satisfait et être bien convaincu que nos grandes gravures artistiques méritent bien leur nom, qu'elles sont les plus merveilleuses qui aient jamais été publiées pour notre métier et qu'elles méritent bien plus que jamais la réputation universelle acquise depuis leur fondation.

Ces gravures, encadrées avec le luxe qu'elles méritent, sont dignes d'occuper une belle place dans les maisons qui ont une installation coquette et luxueuse et de passer, à chaque fin de saison, aux archives de l'établissement comme document de valeur incontestable.

(Extr.)

Maquinas para custum, de todos os autores, vendem-se na alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

SALÃO LITTERARIO

Amizade

D'um principio que transporta-nos para fóra de nós irrompe ella, radiosa, vindo, suave e docemente, encerrar-se no recondito de nossa alma. Alliada do instincto social, presta á sociologia serviços do mais assignalado valimento. Constitue-se, mesmo, uma virtude merecedora de sinceras e imponentes homenagens.

Apartada do principio que nos prende a nós mesmo—que impõe-nos a grande lei do Interesse—, embora accumule-nos, ella, de inefaveis prazeres, os seus intuitos teem toda a limpidez, toda a singeleza, toda a sublimidade.

Não ha erro n'esta affirmativa: Na amizade legitima o egoismo não póde ter guarida. Conseguintemente, logo que for este surprehendido, duvidae da existencia d'aquella. Bem sei que ha doutrina d'isto em contrario, sobre a qual eu proprio já fiz enunciados, acceitando-a; mas reconheço que ha rigor demasiado si não for aberta uma excepção, a que tem direito a deusa magestosa, de que ora me occupo.

Nasce a amizade d'uma effusão sympathica, jorrada, simultaneamente, d'um para outro lado, constituindo, afinal de contas, uma cadeia tão solida que muito difficilmente poderá ser quebrada, si não pelas terriveis armas da calumnia e da intriga, que a tudo subjugam, a não ser a consciencia.

Dá-se, tambem, é certo, no homem, varios estremecimentos, oriundos da fraqueza do seu espirito, e, porque, affeita a humanidade a enganar, sempre desconfia, e teme; porque, affeita a enfrentar corrupções, apercebe-as por toda a parte. Pelo que, ha casos em que a sua luz radiante chega a amortecer, e, ás vezes, mesmo, a apagar-se completamente.

Em todo o caso, quando no seu imperio, que ha de mais desejavel?

A amizade verdadeira conduz-nos prazeres inefaveis, delicias inestimaveis; mas não ha n'ella o calculo ignobil do interesse. Nenhuma outra recompensa, bem o sei, melhor fôra, porque nada de melhor appetecemos que aquillo que nos apraz; mas não a pedimos, não a pretendemos, não a cubiçamos; ella, fallo da amizade, é que se nos offerece, sem conceder-nos alento para repellil-a; é que se nos apresenta, como uma emanação immaculada, imprimindo em nossa alma os germens da gratidão e do reconhecimento.

Aquelle, por outro lado, que não encontra uma pessoa a quem dedique amizade, jamais poderá exhibir provas contra a sua nullidade no convivio social. O principio que determina o nosso transporte para fóra de nós, assenta em base muito legitima da nossa ligação para ser extranho, e no instincto social, que em nós foi inoculado.

Si ha alguem que renegue taes principios, é por que não passa d'um ente aberrado da natureza, indigno dos gosos que por força de sua vida participa,—prejudicial, talvez, aos seres seus semelhantes. Não se transportando para fóra de si, mas em si concentrando-se,—só quer, só procura gosos; não conhece, portanto, males que não sejam os que lhe rebatem o egoismo, a proposito do que não trepida á perpetração de crimes, até os mais abjectos. Eis pelo que, esse ente humano, que si diz pensante, não tem e não póde ter amizade.

E, embora que as leis ora convencionadas pela sociologia houvessem, por algum modo, embaraçado os effeitos beneficos e salutares da amizade, isto é, não deixando, como outr'ora entregue a esta tão somente a defeza dos nossos direitos, mas auxiliando-a efficazmente, em commum,—mesmo assim, derrama ella um balsamo generoso e vivificador por sobre as agruras que contaminam a nossa existencia. Oh! quão tenebrosa, constante, nos fora esta existencia que arrastamos, si, durante ella, não ouvissemos uma voz amiga ao nosso lado!

O homem precisa de quem tenha de si commiseração, e ninguem poderá haver para isto com maior competencia do que uma pessoa amiga. Ella é quem nos falla em nome da verdadeira philantropia e da

FOLHETIM

SUMMARIO—O Seculo—A leitura util—Um poeta em embryão—A sua inspiração de genio—A sua morte—O meu pezar—Poemas do coração—A verdadeira forma—Ao recreio.

Leitor, acabo de ler um jornal de formato pequeno com o titulo *O Seculo*, que entre nós se publicou em 1889, collaborado por diversos moços maranhenses amantes das lettras.

Uma saudade do passado ataca-me a sensibilidade, tocada, ás vezes, por um largo sopro da alegria, vendo que nesse jornal collaborava um talento ainda em embryão, um poeta de pennacha tempera, um artista nervoso e vibratil que se impunha sob a figura de uma criança.

A primavera da vida, na mais perfumada efflorescencia, começava-lhe a sorrir e a dar-lhe o amor das melancolias intimas.

Havia nessa criança a ruidosa e turbulenta alegria dos sonhos a transparecer nas reduções irresistiveis de cellibar constante a lyra de poeta.

O coração que lhe pulsava em fogo, tinha uma excitação penetrante que o envolvia num banho de sensações novas e delicadas.

Subia já sentir a vida quando a alma transbordante de seiva e de amor percorria todas as grutas das alegrias e todos os abysmos da dor.

Era o poeta inclemavel da alma humana que principiava a cantar o hymno immaculado e eterno de todos os affectos intimos e de todos os aspectos exteriores.

Criança a sorrir ingenua para a seducção irresistivel das pequenas vaidades, tinha já o caracteristico e o mysterioso do que já se havia gravado no seu coração de homem.

A's vezes, a sua lyra cantava festiva ante a festiva passarada da primavera, era a alegria encantadora de um viver mysterioso que lhe acenava os dias, era o sonho da manhã dourada que lhe começava a despertar o encanto, a maga bondade do seu sentir de artista.

Cantava então com a excitação penetrante do seu temperamento e tinha o cunho inteiramente novo da arte na poesia.

Chora-me a alma de vel-o morto na flor da idade ao cançasso fatal de uma permanente luta.

E, quando leio uma irradiação de seu cranco de poeta que tinha o languido rythmo e a vaga suavidade do que é sublime, sinto unir-se á lagrima da saudade a lagrima de alegria de tel-o como irmão no berço maranhense.

O seu nome vae firmar esta poesia magistral que lhe deu o nome de poeta do sentimento e que vou, leitor, transcrever:

Poemas do coração

Espera a dor lenta'a. A lampada da vida,
Como o primeiro sol o Chaos illuminado,
De luz inunda a gruta em que vive gravida
Pelas trevas de Nada!... a gruta, o mistrado
Pelas d'alma... o coração. Palpita...
E o palpita primeiro ind ergendo a Deus:
Chora... E o vagido languido que se prime
Pela primeira vez indemnisando os Ceus!
Palpita e chora... E a saudade e sublime
De um poema ideal que o labio da criança,
Lido as estrophes cuidadas declama,
E venturoso clama
Poema da Esperança.

Vão-se os dias passando e as noites como os dias
Tambem se vão passando. E o coração na estrada
Asperrima da vida descuidada,
Ora proscripto vai como o Asduveres errante,
Tendo do Habilão as duvidas sombrias
E de Tantalo a sede devorante;
Ora sem luto e magua, em delirante festa,
Cercado de illusões, repleto de ventura,
Na azas do ideal vae pelo azul a fóra,
Vae p'lo cerulo azur e vae pela floresta,
Sorrindo a estrella, ouvindo a partitura
Do mar, das aves, ao romper da aurora...
Vae... Segue... Escuta a noite, escuta o luar albente
Os labios da mulher, o fructo, a leira, a flor,
E tudo lhe descanta infinito, puro, ardente,
O poema do Amor

Tudo acabando vae com o perpassar dos eras!
E o coração fitando o mundo inteiro
Onde entre cinzas e pó descança o seu passado,
—Riso feliz tecido de chimeras,
—Sonho feliz bordado de utopias,
Tropego, sem vigor, na angusta solidade,
Da caminho da vida, em fundas agonias,
Subito para, e entre de lagrimas coberto,
A revendar a verde mocidade,
Murmura tristemente a o ventar do deserto
O poema da Saudade.

Aluizio Porto.

E' pena que o destino lhe fosse tão hostil, porque essa criança tinha a plena alegria o trabalho no largo folego do genio poetico.

A poesia que transcrevi não é mais do que uma pedra preciosa, facetada brilhantemente, sob a verdadeira forma peregrina da inspiração e do sentimento.

Ao recreio.

JULIO DURVAL.

Lançou de lecção de seja em todos, na officinas Teixeira.

GASPAR TEIXEIRA & IRMÃO
LARGO DO CARMO
MARANHÃO

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO III | *Maranhão, 31 de Janeiro de 1894* | NUMERO 22

REVISTA ELEGANTE

A nossa ausencia

Cabe-nos o dever de vir n'este pequeno espaço do nosso sympathico jornal, dar a razão da nossa ausencia a todos os que nos procuram com o interesse das almas amigas e com a sinceridade da confiança que nos dispensam.

Sentimos não poder em 31 de dezembro findo, publicar o n. 22 da nossa «Revista,» que tão elegantemente tem conquistado as interrogações anciosas dos que deixaram de lel-a, por uma simples e poderosa razão—a falta de tempo, visto estarmos occupadissimos com a impressão do nosso Catalogo para o corrente anno.

E' uma obra de muita utilidade e depende de grande esmero e cuidado na difficil composição e toma da nossa officina typographica todo o pessoal technico.

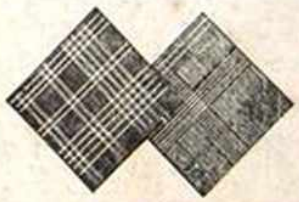
A nossa vontade de cumprirmos com fervor essa nossa tarefa imposta por uma obrigação que tomamos com a publicação da nossa elegante «Revista,» foi, infelizmente, inferior ao grande trabalho da composição do nosso Catalogo.

Alem dessa tarefa que tivemos com tanto prazer intimo, accresceu a circumstancia de termos que fazer uma reforma nas officinas do nosso estabelecimento, reforma que fez-nos perder grande tempo e occupar o pessoal typographico na impressão dos seus extraordinarios melhoramentos.

Estamos convictos que a nossa vontade de agradar aos bons freguezes e sinceros amigos em tudo o que depender do nosso obscuro esforço sempre se tem manifestado e ha de sempre transparecer no valor do nosso trabalho.

Eis ahi a nossa falta justificada que foi verdadeiramente imposta por um outro dever de maior urgencia e igualmente legitimo na sua valiosa utilidade.

Benevolos, estamos crentes, serão todos os que procuram ler a nossa «Revista,» necessariamente como um bom divertimento da arte e da litteratura, para justificar a nossa pequena e natural ausencia.



LENÇOS de tecido de seda ou linho, toalhas alertas, grande variedade n'este artigo na alfaiataria—TEIXEIRA—.

Telephone 56

A MODA

Devido á grande demora que presentemente ha na navegação das embarcações da Europa, não recebemos ainda os jornaes dos quaes costumamos extrahir o artigo sobre a Moda.

Só no seguinte numero é que podemos satisfazer esta falta.

A gerencia.

e alegres, utensilio da alma, quando está presa a um acontecimento modelado no genero da novidade.

Eramos a criança a sorrir contente e avida de um divertimento ante as figuras sympathicas do festivo «Mephistopheles.»

Correctos, na magestade simples e attractiva da folia do deus Momo, aquelles distinctos cavalheiros da esplendida caravana desse grandioso «Club» procuravam fazer-nos sentir o vestigio, o traço recto da alma na evolução de um prazer intimo.

E sentiamos com elles a influencia dessa alegria natural, como o auctor das «Rimas» nos contara:

LXI

Pisca-me os olhos Momo de brejeiro,
Um delirio a sonhar,
E com phrases de finno cavalheiro
Convida-me a folgar.

Lança-me o braço Momo, o galhofeiro,
O gozo a me apontar,
Um enthusiasmo ardente e verdadeiro
Começa a me inspirar.

Pois bem. Eu não me nego a festa sua,
Hei de afogar a taça que trouxa
No labio carmesim;

E feliz na expressão d'essa loucura,
Hei de esquecer-me em gozos de ventura
A's Deusas do festim!

P. Bessa.

Nessa ondulação delicada do enthusiasmo que nos prendera, á magnifica festa carnavalesca do esplendido «Mephistopheles,» andamos com a alma a voar tambem em ceu azul, como a alma dos que compuzeram o festival que fora digno de todos os elogios e de todas as sympathias.

COMPLETO sortimento de roupas feitas para homens e meninos, no deposito da alfaiataria

=TEIXEIRA=

Telephone 56.

HIGH-LIFE

Foram annos em fevereiro proximo:
Em 2— a Exma. Senra. D. Maria Nova Rodrigues;
Em 3—o Senr. Alexandre Pires Senhra;
Em 6—o Senr. Julio Cesar Leal, o Senr. Dr. Manoel Bernardino da Costa Rodrigues e o Senr. Alberto da Castro Leão;
Em 8—o Senr. Coronel Alexandre Collares Moreira Junior;
Em 11— o Senr. Augusto Rodrigues e o Senr. Dr. Hugo B. Barradas;
Em 16— o Senr. Joaquim Augusto Sant'Iago;
Em 19—a menina Bessa, directa filha do Senr. Dr. Joaquim da Cunha Leão;
Em 19—o menino José, estimado filho do Senr. José da Silva Rodrigues;
Em 21—o Senr. Francisco Baptista e o Senr. Guilherme Alexandre d'Almeida;
Em 22—a menina Rosaura, directa filha do Senr. Joaquim Alves Junior;
Em 24—a Exma. Senra. D. Anna Odilia de Almeida Janson Ferreira e o menino Antonio Paes de Almeida, estimado filho do Senr. Luiz Antonio d'Almeida;
Em 26—a Exma. Senra. D. Esmeralda Marques, prenda filha do Senr. commendador Augusto Marques.
Acceiam as nossas felicitações.

CAMISAS, punhos e collarinhos de tecido de linho, na alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

SOBREMEZA LITTERARIA

Triolet

Teus olhos fazem lembrar
As estrellas deslumbrantes,
São dois puros diamantes,
Teus olhos fazem lembrar.
Dão-me prazeres constantes
Quando eu os posso fitar
As estrellas deslumbrantes
Teus olhos fazem lembrar.

Til Pelintra.

Anedocta

Um pinta-monos, vendo que a pintura nada lhe rendia, mandou vir um diploma da Europa, e fez-se doutor

—Mas porque? lhe perguntou um amigo.

—Porque, respondeu elle, na pintura ficam todos os erros patentes, e na medicina escondem-se perpetuamente com um pouco de terra em cima.

Pensamento

Os homens de grande engenho e intelligencia avistam verdades taes e tão sublimes que parecem sophismas e disparates aos necios e pessoas de vulgar comprehensão.

Anedocta

Ao almoço. Uma pequenina para a avó:

—O' avosinha, esses oculos são de augmentar?

—São sim, minha filha, diz a avó sorrindo.

—Se a avosinha os tirasse quando corta o queijo para o almoço...

Quadra

Freguez se queres a roupa
Bem feita e de panno bom
O teu dinheiro não poupa
Qu'andarás sempre no tom.

Anedocta

Entre marido e mulher:

—Então, Corina, que te disse o doutor?

—Quiz-me ver a lingua.

—E então?

—Affirma que minha doença é do excesso de trabalho.

—Depois de te ver a lingua?

Sim senhor, isto é medico!

Ainda bem que vamos ter um tempo de descanço.

Triolet

Queria dar-te um abraço
Que me puzesse docente
E provocasse um cançaço
Queria dar-te um abraço
Que morresse derepente
Do amor preso no laço
Queria dar-te um abraço
Que me pozesse docente.

Til Pelintra.

Pensamento

A natureza é o vehiculo ou conductor de todas as inspirações de Deus para com os homens; os productos engenhosos da sua industria e os pensamentos luminosos do seu intellecto tem aquella origem e dirivação.

Anedocta

Um pastor, tendo perdido uma vaquinha, prometteu a Nossa Senhora da sua aldêa todo o dinheiro que trazia comsigo, se a encontrasse.

Achou-a logo em uma moita de verduras.

Atou-a com uns cipós e vinha-a puxando, e ao mesmo tempo pensava em não cumprir a promessa, pois que facilmente a achara.

N'isto a vaquinha dá com a cabeça, rebenta o cipó e foge.

—Oh! que santa desconfiada, diz elle correndo atraz do animal, eu estava brincando.

Pensamento

As questões difficeis não são resolvidas pelos homens mas sim pelos acontecimentos.

Charadas

XII

2—2—No altar corre esta gomma.

XIII

O rio não corre cá, mas vem aqui esta embarcação—1—1—1.

XIV

Se não é boa está curada esta fructa—1—1.

XV

O instrumento n'este logar é animal—1—1.

XVI

Existe este instrumento no navio—1—3.

Quadra

Cantei glorias pelo mundo
Por entre louvores tantos
Hoje medito profundo
Nesses teus olhos d'encantos.

Anedocta

O pequenito não nasceu agora francez, não é?

—Para fallar a verdade, não sei dizer. A mãe é franceza, mas o pai é hespanhol.

—Bom! temos que esperar que a criança falle para sabermos de que nação é.

Verás

Verás, Maroca, n'este meu peito
O tão profundo amor.
Verás que estou já por ti sujeito
A' tão constante dor!
Mas compreliende, é mui sério, sim;
Não rias por favor,
Que meu amor é feliz amor
E nunca terá fim;
Promettendo não voltar atraz
N'este amor eterno que verás.

Pafuncio Silva.

Decifrações

Foram os Senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 21 do nosso jornal:

Herdema—charada—V—Carolina.
Til Pelintra—charada—VI—Lisa.
A. Britto—charada—VII—Amadeu.
Barão d'Avila—charada—VIII—Domina.
Dr. Provença—charada—IX—Jupiter.
Telles Prazal—charada—X—Poesia.
Gil Braz—charada—XI—Morte.

MAQUINA para costura, de todos os auctores conhecidos, grande deposito na alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

Impresso por João B. A. Lemos, na Typographia particular da alfaiataria—Teixeira.

Uma prasenteira brisa soprava vagarosamente e nenhum tropel, nenhuma voz sequer, despertava-a d'essa fatigada madorna.

E atravéz d'aquelle silencio profundo, uma canção de *Boccacio* suavisou aquella tristeza pezada. Modulava-a um amante, um peito dolorido de saudades que, no febril delirio de suas paixões, por aquellas longas deshoras, procurava nos fogos de illimitada expansão, dar livre curso aos queixumes de sua alma.

A solidão retratava-a e respondia ao longe, muito ao longe, no repercutir dos echos que por ella reboavam.

E aquella tremida voz que exprimia o verdadeiro sentir, feriu d'um golpe dolorido os ares e partiu o inquebrantavel silencio.

Era uma serenata, a serenata de Chrispim á janella de sua amante, alta noite, quando todos dormem, dôce, amativa e talvez mais sublime que a do Conde Asthur á formosa Angela.

.....

Depois... aquella voz calou-se e o abrir d'uma janella, sob os sons ainda moribundos da musica succedeu aos já longinquos echos.

Um vulto resplendente d'um brilho divinal em angelica figura, compassivamente assomou-a e d'aquella face tão pallida, como a propria pallidez da lua, corria uma lagrima de dor.

Era Daccila a formosa amada de Chrispim que, com a sua delicada serenidade de moça, entremostrava graciosamente pelas rendadas cortinas a formosura de suas faces, a chamma de seu invencivel olhar.

Tinha a cabecita coberta e os seus negros cabellos espalhados sobre o collo, sem luxo, mas d'um realce extremo: é que fora repentinamente despertada, pela canção, da somnolencia em que jazia nos braços de Morpheu.

E o apaixonado amante aproximava-se lentamente quando ella receiosa ia a esquivar-se; mas... deteve-se.

E n'um curto dialogo, como que fazendo um DUETTO, ao harmonioso som da musica, alta noite, quando todos dormem, os dous amantes, em delirio, confundiram n'um beijo escaldante de volupia as suas sagradas e apaixonadas almas.

Subito, fechou-se a janella e o ADIO final do *Trovador*, modulado por aquella sublime voz, soou grave e accentuadamente no espaço.

Belem,—17—7—91.

Chrispim Junior.

—

Punhos de linho para, na alfaiataria Teixeira.

A familia

Era sublime o quadro! na lareira
a velha avó contava aos pequeninos
historias de bruxedos, e os meninos
abertos rodeavam a cadeira.

Era lá no sertão, e elles contristos,
haviam já ouvido a cabocleta,
da mãe que chorava enfeiticada, a c'ros inteira
sobre pedaços dos afflictos.

De pois, como os pequenos tinham tido
supplices as mãos e a voz ingenua e,
mercês-lhe'ella o conto provocado.

E em quanto que abnegação vacillante
o bando, infantil grupo, commovido
o pio contemplava a scena edificante.

Henriqueta Elisa.

—

Capotes de borracha a depor-se para a alfaiataria Teixeira.

A toilette

Estamos no sabbado á noite, e passada já meia-noite. Desde pela manhã a mãe do diabo trabalhou como uma negra, porque é n'esse dia que ella tem a sua maior labutação de dona de casa. Acabou de passar a ferro e de dobrar a sua roupa branca, e arrumou-a com folhas de trevo nos grandes armarios. Areiou os seus espetos com areia, as suas caçarolas de latão e cobre com tripoli, o serviço de ferro batido com cré, e em seguida com a decoada da barrella esfregou o sobrado das casas, os quaes enxugou todos a panno. Agora trata de seu filho, o diabo, que embora já seja bastante velho, lhe faz sempre o effeito de uma criança.

Fel-o sentar n'um banco baixo, e está lhe penteando os cabellos ruivos com um pente de córal. Habitualmente, o diabo soffre essa operação com a mais intima volupia; mas d'esta vez pelo contrario, sente-se agitado por sobresaltos, e longos soluços saem do seu peito convulsionado. A velha dama sabe perfeitamente porque; é que seu filho se apaixonou já tarde por uma gentil diabinha verde, que lhe faz todas as arrelias possiveis.

—Então! diz ella, meu pobre filhinho, essa cruel Tara continua a dar-te mortificações?

—Ah! mamã! suspira o diabo, e escutando esta doce palavra que acaricia o seu velho coração, a velhinha sente no canto dos seus olhos o que quer que seja como uma lagrima que vai derramar. Não a derrama porque essa gente não chora nunca; mas, emfim durante a millesima parte de um segundo ella teve a esperança e a deliciosa illusão... d'uma lagrima.

Theodoro de Banville.

—

Meias pretas e azues, na alfaiataria Teixeira.

Resolução

A Heraclito Mattos.

Uso cogula sagrada,
Como qual'quer beatas,
Rescando ser *santarrão*
A' força de marteladas.

Mas as velhas, da calçada,
Vão dizendo—que sonsa sou!
—Que se pobre eu for, então
—Viverei vida *enfada*...

Pois não vou ser, que me disse
Mesmo inda lá pouco uma moça
Que já foi de crucifixo,

Vae de encontro á idade nossa,
Sou pouco de sandice
De algum pispalhão da roça.

S. Luiz—1893.

Firmino Sarreira.

—

Alfinetes para gravata na alfaiataria Teixeira.

O harem

Alguns detalhes curiosos sobre o harem do sultão turco.

O harem não é mais do que uma casa bem fechada, em que, exceptuados os eunuchos e o sultão, não entra mais homem algum.

Os costumes, entretanto, nada ganham com esse mysterio.

Para conseguir reunir essa multidão de mulheres que compõem a sua corte, o sultão recruta escravas circassianas, georgianas, gregas, que são compradas ainda crianças para poderem ser educadas segundo as idéas e os habitos do serralho.

Esta educação tem suas tradicções que se transmittem de geração em geração. Porque as mulheres que, havendo envelhecido no harem, só podem aspirar ao respeito, compram e educam as moças, que entram em actividade.

Estas, por sua vez, hão de comprar e educar as que lhes succederem.

Nesta côrte, tão singularmente organisada, em que ha promoções!... e sobretudo favores, pode-se estabelecer uma especie de hierarchia:

1.º—A sultana Validé, mãe do sultão.

2.º—*As kadinas* ou esposas legitimas. Podem ser até quatro.

3.º—*As ikbaes* ou favoritas. Tantas quantas o sultão quizer.

4.º—*As guiouzdès* (as que aspiram ou suspiram por ser favoritas).

Emfim, uma categoria imperfeitamente definida e que se denomina as *meninas de olho*.

As meninas de olho são escravas distinguidas pelo senhor, mas que ainda não tiveram a honra de receber o lenço.

—

Novidade em cortes de cassimiras para fatos e calças na alfaiataria Teixeira.

Não morri

Que estava morto, te affirmaram, flor,
dentro o meu corpo de um caixão fitaram,
tinham ao rosto as lagrimas da dor
aquelles que na vida me estimaram!

Que amigos meu caduco acompanharam
sob os raios de um sol abrasador,
tristes discursos, mesmo recitaram
junto a campa do vate, o saudador!

Calumnia! meu amor, cruel mentira!
Prestou-me uma mocetia e a rude fera
adormecera um mez; mas não morri!

Tem-me a cantar de novo aos teus olhores,
Depois da curta que fez de pesares,
que entre a saudade e o pranto só vivi.

P. Bessa.

—

VARIADO sortimento de chapeus de feltro, pretos e de cores na alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

SALÃO AZUL

Club Mephistopheles

O desfilar sumptuoso dos distinctos cavalheiros que compunham a passeata deste «Club», deante do nosso deslumbrado olhar, fez-nos experimentar um delicioso extase de todas as scenas, de todos os quadros, de todas as visões e de todas as idéas.

Tinhamos em nós o patetico, enternecidos

CATALOGO DE PREÇOS

DA

Alfaiataria Teixeira

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.

Telephone 56.

SALÃO LITTERARIO

Noiva morta

Ao João de Deus do Rego.

I

Qual serpente arrastando-se na matta de tojos dorificantes e zimbros,—corta o caminho a encosta do monte para conduzir os bons pastores e os crentes montezinos á ermida que lhe touca o alcantilado cume.

Sol de verão, rutilante sol d'ouro cravado com astrifero céo azulino, sem o vello de uma nuvem para lhe macular a pureza, banha a terra no baptismo sacrosanto de sua luz vivificadora, e em fogueiras aromaticas queima as alfasemas e os rosmaninhos e as cheirosas murtas que medram por entre as urzes e os zambalhos, para insensar a atmosphera, para glorificar o meu amor primeiro!

E tu lavrador centenario, tão robusto como a filha amada do teu casto amor, lavrador feliz de foice fulcite, ceifa lor augusto. Ceifa, ceifa o odorifero linho com a lamina afiada da tua foice de cabo do mais rescendente carvalho do val.

Ceifa!

«Deus ordena a lua p'ra dar leite aos lirios». E tu ceifas o linhal extenso para dar o linho para o meu noivado.

Que Deus te abençoe!

II

Languida e morna natureza, quem vos transmudou o halito escaldante de verão, cheio d'amor, cheio de vida, em brando, em entorpecedor halito de morte?

Jaldes folhas e sazonados pomos que alimentaes o garrido passaredo e auri-geraes as areias alvas dos caminhos, matai a fome aos pobresinhos, desprendei-vos é, em revoada de vento galerno, vagai, vagai errantes...

Plange, plange o bemdicto e saudoso carmem do Angelus magoado, ó doce e melodioso sino de minha aldeia. E que a cada nota desprendida possa a minh'alma de sonhador libar a crença morta!

Montezina! Virgem mais formosa que a Virgem Santa d'olhos trevosos, rosto esculpturar, encaixilhado em basta cabelleira loura, alma meiga e santa e irmã da tua, que a inconsciencia das primeiras idades levou-me a adorar, porque eu ainda não te amava!

Noiva amada, fia, fia, o alvo linho, da alvura candida das lagrimas de minha mãe. Fia!

E tecerás, ao depois, o alvo véo que velará o rosto e o pequeno corpo teu, para que as fagueiras auras não roubem-te beijos, que eu soffrego collarei dos labios teus nacarados, em a noite do nosso feliz noivado!

Fia!

Que a Santa Mãe de Deus te ajude!

III

Céo de inverno, céo d'arminho, tristonho amigo, não te marchetam as lantejoulas das lucidas estrellas, baça é a luz do sol que te allumia!

Triste montes, em tristeza ascetica de monges, envoltos em laurel de neve algente e de braços d'arbustos, seccos e nús, supplicantemente erguidos ao Altissimo, rogando o amparo para os desgraçados, calor para os ninhos tacitos e abandonados,—onde dorme a neve frigida.

Pobres e desolados montes, que não tendes o requiem doloroso do passaredo emigrado que soluce a nobre dôr que vos acabrunha!

Bôa velhinha, carinhosa mãe de minha noiva, tece com as tuas bemdictas palavras a magoa da prece ao Senhor Deus.

Tece, tece, carinhosa creatura.

Roga-lhe a minha ambiciona da morte como eu sempre lhe imploro a tua vida, para que guardes os nossos corpos, unidos no mesmo leito nupcial, junto da egrejinha do monte.

Reza por mim!

Não rezes pela minha noiva, pela tua filha, porque os anjos vão para o céo.

Reza pela minha morte, eu te supplico, santa mãe dos desgraçados!

Que Deus te ouça!

Agostinho Vianna.

Gravatas, grande sortimento na alfaiataria Teixeira.

FOLHETIM

SUMMARIO—Felicitação ao Leitor—A minha ausencia—A enfermidade—A vida no leito—Saudades e tristezas—A eternidade vista com resignação—O que canta—A alegria de uma verdadeira amiga—Ao revoir.

Bom dia e muitas venturas no anno que começou a correr meu caro Leitor.

Antes tarde do que nunca, diz o rifão, já que te faço este comprimento que a delicadeza e o cavalheirismo impõem-me com tanta doçura e amor.

Realmente a minha ausencia não foi motivada por trabalhos extraordinarios das officinas do nosso sympathico Teixeira, mas por uma enfermidade um tanto séria e perigosa que deteve-me no leito, entre a *cruz e a cabeleirinha*.

Pensei na morte e vi-a bem perto da cabeceira, onde eu tinha o cranio a ferver de idéas tristes e lugubres, dando á luz a tantos sonhos de uma alma resignada no fervor religioso da Eterni la le.

Humilde, como o mais firme crente da grande redempção, colhi no jardim do meu passado, á luz de um sol feliz e ardente, todas as petalas secas das rosas dos meus idealos e com a alma pura vi cairem no abysmo do Nada todos os meus risos, todos os meus affectos e todos os meus sonhos do futuro.

Triste e absorvido na dor dos soffrimentos, parecia-me que morriam uma por uma as ineffaveis riquezas da vida e não tinha eu a audacia e o valor da saúde, para expellir de mim essa impressão fatal.

O meu espirito abatido sob a impressão melancolica de uma dor, ora como o scptico, ora como o cheio de fé, egoista, ás vezes, recordava o retrocesso rapido no longo caminho da vida que necessariamente temos de seguir.

Tudo que habita á terra era como illusões mais ou menos ratiosas, ephemeras e frageis á evolução sublime de uma força superior.

Então lembrei-me de uma intelligente poetisa que diante do quadro da vida da Humanidade perguntava:

O que somos?

Somos primeiro a flor que desabrocha
Num roseiral florescido,
Que ao relvado campo, ou dura rocha,
Toda entrega e cuidada.

Somos depois a flor aberta aos beijos
Da brisa desdenhosa,
Exposta a seus caprichos e desejos
Encantada e ennoiva.

Somos enfim, meu Deus! a flor que pende
Seu viço e seu frescura;
Folha secca que os anos a não fende,
E cae na sepultura.

Hermengilda Lacerda.

Vi nessas horas de soffrer tamanho que se levantava para mim n'uma attitude de orgulho infinito, o magestoso tumulo da minha carne e osso onde eu havia de dormir tranquillo eternamente.

Mas por um capricho da sorte e felicidade minha e d'aquelles que me cercam com carinhos da pura amisade, acho-me voltado aos quatro ventos da saude e da vida, tendo na estreita esphera das minhas aspirações a virtude de ser grato ao supremo Ser que me levantou do leito.

Nesta alegria que me domina o peito e a alma quero que sejas tu, Leitor, um irmão amigo, a dar-me tambem a felicitação de ter eu resuscitado.

Venha de lá um abraço com todas as forças dos pulmões que eu já estou de pé e lepido como um pimpollo.

Au revoir.

JULIO DURVAL.

Fatiotas para senhoras na alfaiataria Teixeira.

Amar.

Amar—é sua frágil a cada instante;
Um dizer sim e não de hora em hora;
E' contar de serena, que sumora,
Attrahe, e pende o infeliz viajante.

Amar—é para o misero aspirante
Ter por dentro uma cousa, outra por fóra;
E' no balcão, onde a perfidia mora,
Poder falso impingir por diamante.

Amar—é de Cupido no mercado
A ver qual é melhor, ter mais de um socio,
E dar o que não presta por quebrado.

Amar—é um synonymo de odio;
E' para o casamento um laço armado;
Um ramo, como os outros, de negocio.

Muniz Barreto.

Suspensorios, ultima novidade, na alfaiataria Teixeira.

Uma serenata.

Foi n'uma d'essas ameenas noites, em que Belem dorme immersa em profundo silencio, sob a vigilia do Guajará e a lua com altivez inunda de pallidos raios esta formosa cidade.

Largo do Carmo 5 Maranhão
Bibliotheca Publica do Estado do Maranhão
Arquivo Official do Maranhão

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO III | *Maranhão, 28 de Fevereiro de 1894* | NUMERO 23

REVISTA ELEGANTE

O nosso reapparecimento.

Alegres como um passarinho ao romper do dia, fizemos o nosso jornal renascer no seu mister com data de 31 de janeiro passado, depois de uma pequena interrupção, motivada como demonstramos por um outro trabalho de maior urgencia.

Confessamos, sob influencia de uma alegria arrebadora, que nunca possuimos uma felicidade e um equilibrio de força de vontade como tivemos nessa emergencia quando a nossa consciencia nos obrigava a cumprir um dever.

O nosso esforço seguia uma linha recta a conquistar as rudezas do trabalho, abandonando-nos, ás vezes, a vontade fastigada pelos revezes, mas sem que nunca enfraquecessemos na execução do nosso intento.

No começo dessa faina a phantazia do nosso dever dava-nos as cores consoladoras da conquista que haviamos de ter com a publicação de duas obras ao mesmo tempo—o nosso Catalogo e a nossa «Revista Elegante,» mas a insufficiencia da nossa officina typographica furtou-nos em meio da luta esse agradavel contentamento.

Como acontece com tudo que é capaz de rehabilitação e digno das maiores sympathias, o nosso desapparecimento concorreu para mais acreditar a vontade que temos de ser uteis aos que nos multiplicam de dia a dia a sua confiança, unico lenitivo aos obstaculos que sempre encontramos no cumprimento da nossa tarefa.

Vimos então a existencia de um contentamento natural expandir-se na physionomia dos que nos são amigos, contentamento que nos redobrou de animo e de energia e fez-nos ter todo o sangue da acção a refluir nas nossas arterias.

Conhecido plenamente que o reapparecimento da nossa «Revista» foi um facto todo iriado do azul do nosso desejo e todo retocado das rosas da acceitação dos nossos leitores, facto muito elevado e de muito valor para os nossos creditos de artistas, deixamos aqui estas palavras traçadas com a tinta do nosso contentamento e da nossa gratidão.

Calcados do fabricante Bostock, para homens, na alfaiataria

TEIXEIRA.

Telephone 56

A MODA

Notre gravure

Janvier 1894.

Depuis longtemps nous faisons, avec persévérance, la propagande en faveur de l'adoption de l'habit de cuisine. Nous avons, sur nos splendides GRAVURES ARTISTIQUES, parmi nos modèles commencement des deux volumes, présenté l'habit de formes diverses et avec des couleurs différentes du uniforme gent. Il nous semble avoir de mode est suivi notre exemple et malgré toute la propagande faite, malgré l'exposition dans de grandes vitrines, de quelques groupes de jeunes élégants, vêtus d'habits de cuisine diverses, l'habit noir reste le préféré et l'habit de cuisine reste exclusivement le vêtement de travail.

Pour quoi le monde élégant préfère-t-il à ne pas suivre l'exemple, ne se rend-il que pour les grandes soirées dansantes? L'aspect d'une salle de bal revêtu d'habits de cuisine, parce qu'il y aurait peut-être de nombreux voyeurs, qui n'hésiteraient bien vite à voir la tenue des danseurs? La femme en voulant se défendre par la vertu par le faste de ses robes et elle adore les toilettes originales et voyantes. Les mêmes élégantes se sont considérées et, dans un bal, elles se reconnaîtraient que des robes de couleur noire. L'aspect très élégant d'un habit aussi compose les rendrait et le rendrait de nouveau la couleur monotone.

Pourtant, par un excès de coquetterie ignorée, les dames exigeront que l'habit de cuisine se change et se de leur toilette et préféreront l'habit noir, parce qu'il est

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

Uma cousa que vem ao nosso encontro, sem precisar procurarmol-a: é a infelicidade.

Julio C. Monteiro.

Quadra

Si eu fugi quando beijei
A tua bocca rosada
Foi porque nella encontrei
Uma phrase mal formada.

Til Pelintra.

Anedocta

—Atiraste-me á cara com um medicamento.

Nunca esta garrafa póde suppor que teria semelhante applicação.

Ella, lendo rapidamente o letreiro da garrafa:

—Ora essa! Cá está: Para uso externo.

Triolet

Todos fallam do remedio
Que te dei para tomar,
Votam-me assim tanto tedio
Todos fallam do remedio
Mas eu que sei receitar
Fiz beber o terno medio.
Todos fallam do remedio
Que te dei para tomar.

Pensamento

Os calumniados são como os fructos: se estão mordidos é porque estão bons.

Joseph Roux.

Charadas

XVII

Não se vê no casaco é redonda—1—2.

XVIII

E' no fogo o numero do homem esta seda—2—2.

XIX

No voltarete não se affoga que é pancada—2—2.

XX

A divindade lastima as coroas de flores—1—2.

Quadra

Um fato de casemira
Preparado no Gaspar
E' obra que se admira
E faz á todos pasmar.

Til Pelintra.

Pensamento

A alegria do homem está na rasão inversa do dinheiro que possue.

Anedocta

Um cantor, momentaneamente constipado, pergunta ao seu medico se é verdade que os ovos frescos tornam a voz mais clara e favorecem a emissão dos sons.

—De certo, responde o esculapio com toda a seriedade; Veja por exemplo, as gallinhas: apenas acabam de por os ovos começam a cantar.

Decifrações

Foram os Senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 22 do nosso jornal:

Herdema—charada—XII—Arabica.
Dr. Pelintra—charada—XIII—Polaca.
O Vinte e Nove—charada—XIV—Maçan.
Palancio—charada—XV—Paca.
Julio Durval—charada—XVI—Serviola.

Fatos para dormir a despachar-se para a alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

HIGH-LIFE

Fazem anno no mez de marco futuro:

Em 1—as Exmas. Senras. DD. Maria da Gloria Parga Nina e Francisca Janeiro Cunha;
Em 2—o Senr. Arthur de Oliveira Almeida;
Em 3—a Exma. Senra. D. Emelina Luzias de Britto Neva e o nosso estimado gerente Francisco Pinto Teixeira;
Em 6—o Senr. Arthur Monteiro da Silva;
Em 7—a Exma. Senra. D. Joanna de Moraes Rego;
Em 8—o interessante José, filho do Senr. Benjamin Valle;
Em 9—a Exma. Senra. D. Filomena Zeli Frazão de Mattos;
Em 10—os Senrs. Tenente Coronel Antonio Ribeiro de Oliveira e Mariano Francisco da Cunha;
Em 11—o Senr. Manoel Raimundo Correia de Faria;
Em 12—a Exma. Senra. D. Genoveva Hesketh;
Em 15—o interessante Alugusto, filho do Senr. Alfredo Gonçalves dos Santos Silva;
Em 18—a Exma. Senra. D. Josepha Adelaide Sabino Rego, e o Senr. Luiz Perdigão;
Em 20—a Exma. Senra. D. Maria Augusta Pereira Lemos;
Em 21—a Exma. Senra. D. Ephigenia Robilt, e o Senr. Dr. Justo Janeiro Pereira, o Senr. José Pedro Ribeiro e o Capitão Horacio Bento Bello;
Em 23—as Exmas. Senras. D. Palmyra Amalia de Almeida e Zayda Zarrino Godinho;
Em 24—as Exmas. Senras. DD. Cotinha Almeida, e Dia Dei dunca de Almeida Britto;
Em 24—a Exma. Senra. D. Maria Henriqueta Valente de Figueiredo;
Em 26—as Exmas. Senras. DD. Adelina Rosa Nunes e Ludgera Romeu;
Em 27—a Exma. Senra. D. Roberta Gomes, o Coronel Joaquim Manoel de Medeiros e o Senr. Dr. Raimundo Alexandre Vinhaes;
Em 29—a Exma. Senra. D. Virginia Celestina de Medeiros e o Senr. Antonio José Gonçalves de Medeiros;
Em 31—a Exma. Senra. D. Joanna Pereira Guimarães;
Aceitem os nossos parabens.

Capotes de borracha, a despachar-se para a alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

EXPEDIENTE

Bibliographia

Um livro que ha de ser bastante festejado pelas lettras patrias é o que acabam de editar, n'esta cidade, os srs. Julio Ramos & C., com o titulo *O naturalismo no Brazil*, do qual é auctor o esmerado escriptor Adherbal de Carvalho.

Como declara o seu auctor, não é *O naturalismo* um estudo detido e completo, mas, em todo o caso, diremos nós, é um trabalho consciencioso, e que constitue, pelo menos, um subsidio valioso para aquelle que se julgar com as necessarias forças para emprehender esta lo mais desenvolvido, ao mesmo trabalho concernente, e, em geral, para o escriptor novel.

Não temos espaço, faltando-nos, mesmo, competencia para fazer outras considerações sobre o precioso livro a que nos referimos.

—*Por causa de uma eleição* é o titulo de uma comedia, em um acto, que acaba tambem de sahir dos prelos dos mesmos srs. Julio Ramos & C., e é escripta pelo nosso intelligente conceda Americo Azevedo, quem, não sabemos do motivo, na publicação feita, tentou occultar o seu sympathico nome.

E' uma comedia muito chistosa e de seguro effeito em scena, pois tem dialogos bem travados, e acção sempre viva, correndo sobre o verossimil.

Quem escreve estas linhas não só já havia lido a nova e boasinha comedia do Americo, como, posteriormente, assistio á sua primeira representação no *Phenix*. Tendo agora com prazer, de occupar-se d'ella, resta-lhe apenas, repetindo ao auctor o seu parecer franco e humilde, felicital-o por essa sua producção, e incital-o a outros commettimentos.

A. B.

Meias finas de tecido de lan finissimas, para homem, diversos padrões, na alfaiataria Teixeira.

Phonographo

A convite do senr. Manoel Pereira dos Santos, proprietario do phonographo que está trabalhando nesta capital, assistimos á sessão de installação deste magnifico apparelho electrico.

E' maravilhoso o seu trabalho, que é dirigido com habilidade, attrahindo com uma finura subtil e delicada o ouvinte por alguns momentos.

Ouvindo-o acredita-se nas grandes cousas sobre-naturaes da concepção genial do seu inventor—o laureado americano Edison.

Tem elle em si a propriedade de reproduzir a voz humana e as notas perfeitas de todos os instrumentos, com uma lucidez, com uma flexibilidade e uma transparencia crystallina, que faz ter-se a sensação mais impalpavel do pensamento.

Agradecidos pela delicadesa do convite que veio-nos dar o pleno conhecimento de tão maravilhoso invento, senão o primeiro deste seculo.

Guarda-chuvas, inglezes, superior qualidade na alfaiataria Teixeira.

Gervasio de Castro

E' a primeira vez que temos a alegria de tratar deste distincto cavalleiro que é nosso hospede ha quasi dois mezes.

Um *virtuose* de primeira plana, de genio admiravel, é Gervasio de Castro, que levanta-se sempre em meio dessa caravana opulentissima de musicistas brasileiros, numa attitude de orgulho infinito, a modular na sua vibrante e doce flauta trechos sublimes da divina arte da Euterpe.

Não é elle um musicista que passa entre nós desapercebido, mas um artista intelligente, de creação irresistivel, limitado a esphera de sua acção e da sua vontade.

Modesto como todo artista que tem todos os caracteres de senhor humano, espera do nosso publico a coadjuvação ao concerto que pretende dar, festival em que ha de manifestar plenamente o seu talento.

Nós aqui estamos para applaudil-o e abraçal-o com irresistivel simpatia.

Completo sortimento de roupas feitas para homens e meninos, no deposito da alfaiataria Teixeira.

Impresso por João R. A. Louzada, na Typographia particular da alfaiataria—Teixeira.

só poderá ter esse nome quando no seu imperio verdadeiro, na sua acção magnetosa.

Não ha contestação que essa—affinidade—pode adoptar-se entre diversos corações, e não somente entre dois,—mas, ao menor choque, denunciada por paixão agitadissima, a esta se restringe e se reduz, durante a sua existencia.

E' esta acção semelhante ao nosso pensamento: só tem força, só subsiste quando for exclusivo. Assim como não poderemos ter muitos pensamentos, jámais poderemos ter muitos amores—ao mesmo tempo. Quem, de uma só vez pensar em differentes assumptos, nenhum terá em mente; quem pretender, ou lhe parecer amar differentes pessoas, a um só tempo, a nenhuma amará.

E é fundado não somente no preceito dictado pela opinião publica, como nestes principios, que rebenta o ciume no coração amoroso: a existencia de um ou de uma rival, faz-nos comprehender que não somos amados.

Ha, enfim, uma regra segura applicada ao amor. Quando amarmos, em nós inteiramente concentrados, buscando o lucro directo, exclusivo,—teremos apenas um amor falsificado, capaz de reproducção em varios ao mesmo tempo; quando, porem, amando, sentirmo-nos transportado para fóra de nós, velando pelo interesse da pessoa por quem pulsar o nosso coração,—teremos então o amor que se fará subsistir, o unico, e genuino, que não póde soffrer divisões.

AUGUSTO BRUTTO

Novidade em cazemiras para fatos e calças, na alfaiataria Teixeira

L'amour

A Luiz Marques Pinheiro.

Amor, o pomo doirado,
Celeste, bello, encantado
Qual não define a razão,
Tem encanto e tem doçura,
Rico cheio de ventura
Que deleita o coração!

Amor, o aroma subtil,
Ancoa, breve e gazil
Das florinhas do verão,
Tem uma setta ferina
Que corta, sangra e domina
O mais forte coração!

Amor, o cantor mimoso
Da passaridade cadoso
Que trina na solidão,
Sem azas vôa ligeiro
E tem um ninho fagueiro
Nos dobras do coração!

Amor, florinha mimosa
Que s'esgalhe procurosa
Do sol ao bello clarão,
Só tem na vida um projecto
De s'occultar prelibecto
No ínto do coração!

Amor, o mimo encantado
Da natureza falado
Que só desvenda illusão,
Tem como a planta raizes
Que a pezar dos infelizes
Se prendem no coração!

Amor, a estrella radiante,
Pharol de luz tão brilhante
Que se perde na amplidão,
Tem uma aureola coroado
Onde s'occulta contente
—No globo do coração!

Amor, mesmo travesso
O mais subtil que conheço
Por gosto e por bondade,
Entra n'alma sem urdir-se
E lá dentro põe a rir-se
Nas magoas do coração!

Amor, enfim... que pegado!?
Jamais definir se pode
Tão incostante varão!
Todos sabem que elle existe
Porque só n'elle consiste
A vida do coração!...

S. Luiz—1894. *Herdema.*

Maquinas para costura "Domestic," "Singer" e "New-Home"—verdadeiras—na alfaiataria Teixeira.

Astro frio

Por entre ellas mysticas, silenciosas, lá te foste emmudecer para sempre, ó harmonioso e celebre passaro do canto, nos pesados claustros.

Côr de rosa e de ouro, na illuminada sala dos theatros, trinavas para o alto ineffavelmente e agora, não sei porque tormentosa paixão que te desolou um dia, ficaste infinitamente reclusa, sob os fuscos tectos de um convento, como uma rara rosa opulenta n'uma estufa triste, fugindo ao sol dos prados.

Fria e muda, estarás talvez a estas horas ajoelhada na capella de um Christo glacial, de marfim sagrado—branca, mais glacial e de mais branco marfim do que esse Christo, com as niveas mãos de cêra e a face tambem de cêra macerada pelos jejuns e pelos cilicios, dentro de sombrias vestes talares.

E assim muda e assim fria perpassarás como a sombra de um vivo affecto ou de um profundo sentimento artistico, ao frouxo clarão de ambar das lampadas lavoradas.

O teu lado perfil, as tuas linhas suaves serão, no religioso crepusculo da capella, como que a recordação do aroma, da luz, do som que tu para a arte foste.

Nos olhos, apenas um scentelha, uma leve faisca evidenciará o passado esplendor, o encanto que elles tiveram, quando amaram, cá fóra no mundo, com as violencias do desejo, com os impetos freneticos, vertiginosos da carne.

E os corações que te adoram, que te ouviram outr'ora os incomparaveis gorgeios da garganta, que te sentiram a carnação formosa palpitando sob a victoria dos applausos ficarão saudosos e perplexos ao ver-te agora assim para sempre enclausurada, para sempre gelada aos fulgores e sensações do mundo, mergulhada, enfim, na necropole de um convento, como um astro atravez de frigidas e espessas camadas de neve.

Cruz e Souza.

Affactes para gravata na alfaiataria Teixeira.

Tres cousas

I

O teu chapéo de palhinha
Semelha a concha do mar;
—A concha contem a perola:
Tu és a perola a brilhar.

II

Muito pequeno, e travesso
Teu lindo chapeo de sol,
Tem a forma scintillante
De uma flor de girassol.

III

Mesmo uma pena, um brinquedo,
E' o requesinho teu,
Formado d'alva plumagem
D'um passarinho do céu.

Julio C. Monteiro.

8 de outubro 1893.

Variado sortimento de chapeus de feltro, pretos e de cores na alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

SALÃO AZUL

Club dos 500

A mocidade a expandir de enthusiasmo, sempre inquieta, sempre palpitante com a alma estranha e doce, fez-nos acompanhar de perto, como um verdadeiro observador, todos os seus delirios e todos os seus folguedos, quando se apresentava formando grupo distincto sob o nome de «Club dos 500».

Tinham os rapazes o grito de alarme lançado sob a nossa indifferença de burgueza vaidade, e fomos com elles assistir as vibrações da harpa eolia do Momo nessas dias festivos e ardentes da folia.

Fôra bello, de variações infinitas, de colorações prysmaticas, o baile que deram em honra do mythologico Deus, a illuminar por dentro a alma dos que eram os grandes e sincero amigos e admiradores.

Nesse festim de familia viamos os «500» (que eram apenas desseseis,) fazerem cousas fartas á alegria dos seus convivas.

A nossa presença nessa noite não se fez muito esperar, porque, alem do compromisso que tinhamos, a nossa sofreguidão era grande, embora nos tornasse intolerante ás bellas deidades com o nosso enthusiasmo, como o poeta das «Rimas» em noite igual:

LXLI

No baile, á noite, flor, eu quero ver-te
A forma esculptural,
E o que possa na noite enlouquecer-te
Aos goses do ideal.

Um segredo de amor eu vou dizer-te
Em voz bem natural.
Para que eu possa, flor, comprehender-te
Porque me queres mal.

Ah! tu serás das minhas illusões,
D'essas minhas de I dias nos salões,
A formosa Violai;

Embora não me falles um instante,
Porque eu sejá de mais inocente
Vestido a Carnaval.

P. Bessa.

Sempre correcto os «500» na sua admiravel festa que esteve nas gradações infinitas do solerio prazer sem ter ali siquer um desgosto a se espelhar na physionomia de um só conviva.

Um bravo aos sympathicos rapazes que formaram o «Club dos 500».

Suspensorios de algodão cores finas, na alfaiataria Teixeira.

de repousser ou de fond sombre pour augmenter l'éclat des couleurs ternes et vagues de certaines robes, qui, à la lumière, sont sans effet.

On peut être galant vis-à-vis du beau sexe, cela est même obligatoire, mais il y a des limites à tout. Dans toutes les cours étrangères, les cours de grandes réceptions ou aux bals officiels, tout le public masculin soit fonctionnaires, militaires ou civils, tout ce public, n'est-il pas chamarré d'or et d'argent; les larges rubans de couleurs plus éclatantes les uns que les autres, qui ornent la poitrine et le dos des grands dignitaires; toutes ces multiples decorations: or, argent et émail, ornées de diamants qui encombrent la poitrine. Enfin le drap écarlate, bleu, jaune, vert et blanc des uniformes, toute cette gamme de couleurs, de broderies et de pierreries, est-elle donc enfin si monotone et mal-vue au lieu déployé dans ces circonstances par les dames de l'aristocratie? Il nous est permis d'en douter et, confiants malgré tout au bon effet que produirait; dans ces grandes soirées, l'habit de couleur, nous croyons à son succès futur et nous devons persister à le propager dans l'intérêt du tailleur, dans l'intérêt general du grand commerce et enfin pour augmenter, s'il est possible, la bonne reputation des modes françaises, dont le bon goût et la grande élégance ne se discutent pas.

En France, il est vrai, il n'y a aujourd'hui qu'une seule classe de citoyens et non plus grands dignitaires n'ont pour tout uniforme de gala, à l'exemple du chef de l'Etat, que l'habit noir. Donc, si l'habit noir est uniforme symbolique de l'égalité civile, il est nécessaire de le reserver pour toutes les occasions d'un caractère officiel; mais ayons un habit qui, à son tour, soit le symbole de l'élegance et de la fortune.

Si le décourtipse, dans les bonnes maisons, porte l'habit noir semblable à celui du maître et à celui des invités, avec lequel il puisse être confondu, ou peut, sans le supprimer, en modifier la forme par des basques plus courtes et plus larges, par des revers pascetriques, et remplacer le bouton noir par le bouton de livrée. Que la cravate, le gilet et les bas soient, par leur couleur voyante le signe de son emploi (voir la gravure) et l'habit noir officiel conservera ainsi son prestige.

La culotte sera obligatoire avec l'habit de couleur, pour les jeunes sortant. Les élégants, qui pourraient craindre de la porter, parce qu'ils redoutent de montrer une nature trop chétive, il leur sera facile d'avoir des caleçons artistiques, qui, par des moyens artificiels dissimuleront les vices de conformation des jambes.

La saison des bals parés et costumés va durer quelque temps et nous aimons croire que cette circonstance pour établir, à tous les regards, notre belle gravure et encourager les jeunes gens à adopter ces costumes si ravissants, qui sont bien plus convenables que ceux de pierrot, d'arlequin et de polichinelle.

(Extr.)

Camisas peito de linho, lisas e bordadas, sem punhos e sem collarinhos, na alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

FOLHETIM

SUMMARIO—A nota dominante—O Carnaval—O meu enthusiasmo—Os Clubs Carnavalescos—Os bailes—As Rainhas P. Rosa—O paraeiro—*Au revoir.*

A nota dominante do começo do mez que linda, Leitor, fôra uma festa popular que desequilibra de algum modo as faculdades dos seus enthusiastas e adeptos.

Como todos os acontecimentos tradicionaes accentuam uma epocha de adiantamento ou de retrocesso de um povo, o Carnaval que ha pouco vimos, fora a demonstração plena de que ainda temos a feição natural e a sympathia fortemente constituida pelo praser da loucura dos antigos Dauses.

A epocha que atravessamos eivada da mais estelisadora decadencia de sentimentos, não dava-me lugar a acreditar que a empavesada burguezia da nossa sociedade, deixasse o seu leito de vaidades e fosse lá na rua fazer uma acção boa, dando um grito de alarme em favor do engrandecimento da brilhante folia do deus Momo.

Na verdade pasmei ante um tão magnifico feito, eu que vivo em meio da nossa preguiça e da nossa indolencia, inteiramente consagrado á acompanhal-as, conforme a maré que toma para as suas viagens de descrever a vida alheia.

E como a criança que folga e ri, quando

SALÃO LITTERARIO

Questão de amor

O jornal parisiense *Le Figaro*, propoz ultimamente aos seus leitores a seguinte questão, que havia já provocado muitas respostas:

«E' possivel experimentar muitos amores simultaneamente, estar *amoroso* (um homem) de muitas mulheres, (uma mulher) de muitos homens ao mesmo tempo?»

Discutida, embora, como está sendo, em França a questão alludida, não me parece fóra inteiramente de proposito que o seja no Brazil ou em outro qualquer paiz; por isso que trata-se n'ella de sentimentos humanos, os quaes, certo, que tiveram, teem e terão sempre acção em toda e qualquer parte que existio, existe ou existirá o homem.

Si, pois, ha em França interesse na solução da questão aventada, é fóra de duvida que tambem aqui haverá o mesmo interesse; e, embora longe de mim esteja o desvanecimento na pretenção de resolvel-a, attenta a minha debilidade intellectual, não será por este motivo que eu a evite de modo pusillanime.

Direi, portanto, o seguinte a proposito da questão exposta:

O Amor, que é uma paixão demasiamente intensa, e impetuosa, gerada por instincto innato, com intuito generoso, tendo por simples auxiliar a Imaginação, não se submette a poder algum; enfrenta todos os embaraços, e assim faz porque reune em si differentes forças, robusticendo-se. Fortalecido, por este modo, prosegue impavido e resoluto. Por este motivo, o homem, quando apaixonado por uma mulher, ou vice-versa, não póde accumular paixão differente, completa.

E, si assim é, em relação á quaesquer outras paixões, como admittir que se accumulem duas ou mais paixões amorosas no mesmo ser?

O amor—fallo do amor verdadeiro, do amor immaculado—só tem um intuito, um ideal, e será um absurdo comprehender que tenha elle differentes intuitos, differentes ideaes. E, si tal hypothese for, por ventura, imaginada, terá isto por causa a degeneração do amor, ou, melhor, o amor corrupto, que lavra em grande escala no seio da sociedade, promovendo para esta males incalculaveis.

Tratando d'esse amor bastardo, impudico e egoistico—não ha duvida alguma—um homem poderá ao mesmo tempo amar duas ou mais mulheres, ou vice-versa; pois que haverá ahi o simples intuito do goso, haurido da fraude e do crime; mas, alludindo-se ao amor legitimo, purificado e altruista, o caso será exactamente contrario—só a uma pessoa poderemos amar, a um tempo.

Si apresentarem-nos casos em que são destacadas duas ou mais inclinações amorosas ao mesmo tempo, em nenhuma d'ellas teremos o amor, mas, quando muito, haverá nessas inclinações o effeito de meras sympathias,—de amores negativos.

Seguindo esta doutrina, direi mais, que ha sempre um indicio de falta de amor, ou de incapacidade para amar n'aquelle que encontra a cada passo—sympathias—em pessoas de sexo differente ao seu.

Taes sympathias lhe são compromettedoras; pois, quem ama não faz partilha de taes affectos: tudo para e pelo objecto do seu amor.

O bello sentimento que os poetas denominam—amor—e que um profundo pensador, muito apropriadamente, appellidou de—afinidade effectiva—e provóca-o por causa soberana, que preside á existencia da vida e da especie. Consequentemente,

se lhe dá o ensejo, preparei o meu animo e enthusiasmo e acompanhei a festiva caravana que se divertia, tendo a lingua sempre molhada da idyllica e harmoniosa saliva da critica lisongeira.

Gostei de tudo que vi, como, um observador que sente o praser intimo e adormece embalado do sonho que aspira, desde o gaiato Zé Pereira que pelas ruas andava em triumpho de um festival, até á noite, nos saloes de dois Castellos onde o «Club dos 500» e os Mephistopheles deram-me azas para voar ao infinito ideal das cousas bellas e juvenis.

Então a exercer um capricho de goso e um desvario de enthusiasmo, pintei cousas do *arco da velha* e fiz-me um critico intelligente e namorador da forma divina da mulher a quem mais inclino o coração.

Nessa corrente de diversões em familia da nossa melhor sociedade, eu necessariamente compareci para cumprir a palavra de namorado e ver a minha amada anciosa por conhecer o par que lhe fallava a parodiar o meu amigo auctor das «Rimas.»

EXTASE

Tu me vens, á noite, ainda cheia
Na loucura a gracejar,
Entre a turba de belas, delicada,
Num doce gargalhar.

Como de amor, da loura menina
Em vesper'he casar,
Eu vou em pensa solitaria, alucinada,
Somente a ti contar.

E, quando a sós estiver, o baile der entrada,
Comigo hei de dançar, ainda cheia
Que tu es mais a só!

Mas não negues-me a valsa da ingrata,
Porque vê em mim bater a mascarada,
Trajando a Dominó.

P. Rosa.

Foi com essa maneira de sentir que accudi ao chamado influente do nosso bello e saudoso Carnaval, diversão que deu-me amplo espaço para eu ter o coração illuminado e puro das cousas formosas da vida.

E, emquanto eu procurava soltar o olhar ao folguedo e o coração ao goso dessa festival de graça incomparavel e de soberbo vigor, o Chico Teixeira andava ás voltas com as *toilettes* dos sympathicos filhos de Mephistopheles.

Muito bem! Eu era a criança a perder-me no extravio das forças physicas entre as ondas do mar gracioso de uma diversão e ella era o homem superior que pensa no futuro melhor para salvaguardar os seus interesses das complicações funestas da vida.

Triste de nós si nos caminhos invios do mundo, seguissemos os mesmos vestigios e as mesmas sombras do acaso.

Au revoir.

JULIO DUVAL.

Pseudonymo de paradinha, discreto, formoso, ou alguém Teixeira.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO III | *Maranhão, 7 de Maio de 1894* | NUMERO 24

REVISTA ELEGANTE

O nosso progresso

No conflicto enorme do progresso das artes que pode ser encarado por diversos modos, temos nós com alguma modestia, desenvolvido todo o nosso esforço com o fim de servir e agradar aos que nos julgam capazes de alguma couza.

Nessa lucta diaria do espirito operador, tomando a vida como uma utilidade urgente para o trabalho e não como uma illusão tecida de ouro e perolas, vamos procurando agradar o mais genuino *dilettante* da moderna arte.

Na verdade não queremos ser o espirito de systema que tende a desapparecer da elaboração do trabalho;ao contrario aspirmmos, como um dever ou como uma alegria de sentimento intimo, o desenvolvimento do ramo de serviço a que nos dedicamos com profundo calor e com sincera inclinação.

A nossa vontade é mil vezes inferior aos caprichos do acaso que muitas vezes nos obriga a recuar ante as difficuldades que se nos apresentam, mas a nossa pronunciada tendencia e o nosso forte temperamento de artistas que nunca temem as luctas, fazem-nos tomar um certo interesse para satisfazermos todas as tarefas e todas as obrigações que nos atiram sobre os nossos hombros.

Somos uns obscuros progressistas da moderna arte como já nos chamaram, porem, possuimos a satisfação intima de ter uma certa vocação natural para o bello ante as grandesas da mesma arte, satisfação, incontestavelmente, abençoada pelo grande colorismo do soberbo emprehendimento.

Como filhos do trabalho, iremos corrigindo os nossos erros com a harmonia dos multiplos aspectos da progressiva arte e o nosso contentamento será grande e tão grande quando podermos abranger no pequeno circulo da nossa vida todas as forças para distruir todas as difficuldades que se nos apresentam e que se nos desenham no encantador mundo da arte e do progresso.

TELEPHONE 56

Pijamas, fatos para dormir, novidade, despachados para a alfaiataria Teixeira.
Telephone 56.

A MODA

Février-Mars 1894.

La moindre variation dans la forme de tout vêtement ou un changement quelconque dans la couleur et le dessin des étoffes résume la mode.

Ces variations, pour ce qui concerne la toilette de l'homme, ne sont guère sensibles que par périodes de trois ou quatre ans et nos lecteurs ne doivent pas être étonnés si nous disons: rien de changé, rien de neuf pour cette saison.

Il y a, en effet, une certaine stabilité dans la forme du vêtement et, pareillement dans les étoffes, ce qui ne doit pas nous dispenser de faire la description des formes préférées.

La mode actuelle ne diffère en rien de ce qui a été fait l'an passé; mais il faut remarquer cependant, qu'il y a moins d'hesitation pour adopter les vêtements longs.

La redingote, par la longueur de ses jupes, a pris un aspect un peu sevère, qui convient à ce vêtement chère de tout le monde.

En raison de sa longueur, la forme des revers a pris de plus grandes proportions, qui s'harmonisent bien avec la jupe, et il serait impendent de chercher à corriger l'ensemble de ces belles lignes. L'élegance de ce vêtement ne laisse donc rien à desirer et le tailleur n'a qu'à porter tous ses soins à lui donner l'équilibre le plus parfait l'aisance, et exiger de l'ouvrier cette pureté de travail qui complete si bien les qualités d'une coupe irréprochable.

Malgré cet ensemble, qui laisse peu de place à la critique, on cherche cependant à transformer ce vêtement, en s'inspirant du style de 1830, comme nous avons reproduit la forme (modernisée il est vrai) dans notre numero de novembre dernier et qui se résume en quelques mots: taille sans pences genant, jupe tayantante, manche bouffante, très étroite au poignet et pièd de col de 6 c. de hauteur; enfin col en velours avec cran de l'époque et revers modernes. Nous avons vu cette redingote quelques fois dans divers endroits fréquentés par les élegants et, depuis peu de temps, cette redingote fait son apparition sous la veritable forme de 1830, avec col revers à cassure roulante et boutons de col formant bouffin.

Si tu acreditasses em sonho, eu te diria que sonhei com a ventura a embriagar-me, fazendo-me esquecer as pobres desillusões e ferindo com os seus raios de ouro, como um sol de primavera, a monotonia plumbea do meu viver de moço...

Rufiro Tavares.

Fustões para colletes na alfaiataria Teixeira.

Crêr e descrêr

—Ao Mordema.—

Quando o homem se apodera
De uma chimera divina
E que encerra no seu peito
Uma esperança que o anima,
E' doce, é doce essa vida,
Tudo é riso, tudo e flores,
Tudo passa, é doce a lida,
E' doce o lidar de amores!...

Mas, quando sosinho e calmo,
Elle vive retirado,
Seu coração não resiste
O recordar do passado...
E então nesse momento
Tudo é fel, tudo é horror,
—Morre a alma, o pensamento;
Tudo morre, morre o amor!

Rir num dia, chorar n'outro
E' essa a regra do mundo!
O coração que hoje é morto,
Hontem vivos, foi jocundo!...
Gosou seus dias felizes,
Risonha quadra passou;
Amando creou reizes,
Raizes no amor creou!...

Jacintho.

Punhos de puro linho, diversos formatos, na alfaiataria Teixeira.

A vida e a morte

No limite onde começa o sentimento inicia-se a dor que é companheira eterna da vida; avisa-nos de nossas faltas e auxilia-nos em nossos grandes trabalhos, porque não podemos alcançar a verdade sem esforço, nem chegar ao bem sem combate, nem desejar a perfeição sem essa sede insaciavel, signal da origem celeste e infinita de sua alma.

Triste de nós no dia em que se acabasse o desassocego do nosso ser; sem ser isso se acabaria o mais sublime da vida.

E o que digo da dor digo da morte.

O homem seria um eterno lobo se não soubesse que ao menos, ha de haver um acto solemne, tragico, sublime em sua existencia: a morte.

A morte, porém, não mata: a morte aniquilla; é um renascimento á outra vida, parece uma decomposição, porque nunca brota a haste sem se decompor a semente, nem o fructo sem seccar a flor, nem uma nova forma se a se apagar em as formas antigas, no crescimento e progresso de todos os seres.

Se não houvesse a morte, não havia a renovação, a natureza seria um lago immovel e miasmatico, a humanidade uma velha impotente e preoccupada.

O sepulchro é um berço.

Choram sentemtanto um morto, como a personalidade trabalhosamente conquistada que se não pode perder, se n'este morto vestem outros seres um renascimento, porque a vida é infinita.

E emquanto houver dôr e morte haverá religião; o raciocinio ficará immovel ás portas do sepulchro e ahi abrirá suas azas luminosas a fé.

Se tirassemos a morte, talvez, talvez podessemos suprimir a fé. Ao tirar a morte, porém, converteriamos o mundo em vicioso harem.

Uma vida em que não cae uma lagrima, é como um d'esses desertos em que não cae uma gotta d'agua; só engendra serpentes.

Se tirassemos do rosto do obreiro o suor; das grandes causas o martyrio; á obra artistica a pena; do amor a tristeza; da vida essa corôa de cyprestes, que se chama morte, não haveria fé e muito menos virtude, esperança, poesia, belleza, moral, no mundo; porque tudo o que é grande nasce da dôr e cresce no succo das lagrimas.

Emilio Castellar.

Completo sortimento de roupas feitas para homens e meninos, no deposito da alfaiataria Teixeira.
Telephone 56.

SOBREMEZA LITTERARIA

Triolet

Vae, meo poeta, vae,
Urubú quer te fallar,
Não és filho, serás pae,
Vae, meo poeta, vae.
Milagres tu vaes cantar
Como Moysés no Sinai,
Vae, meo poeta, vae,
Urubú quer te fallar.

Til Pelintra.

Anedocta

Um cego queixou-se a um amigo das infidelidades que commettia sua mulher.

E' como te digo, poe-se horas e horas a conversar á janella com o sapateiro...

—E tu o que fazes?

O cego:

—Eu faço que não vejo...

Pensamento

Um bello rosto é o mais estimavel de todos os espectaculos e a mais suave harmonia é o som da voz d'aquella que se ama.

La Bruyère.

Quadra

Quem vestir um fato feito,
Com gosto, pelo Teixeira,
Será correcto, perfeito,
Não fará na vida asneira.

Til Pelintra.

Anedocta

Um millionario que recentemente fallio:

—Que dirás tu aos teus credores, quando os encontrardes? perguntou-lhe um amigo.

—Como eu ando de carro e elles a pé, nunca os encontro.

Pensamento

Pariz é o logar em que batem os corações dos povos.

Victor Hugo.

Charadas

XXI

Na mão o politico principia castigando
—2-2-1.

XXII

Brilha, arde e mata—2-3.

XXIII

O estofo no vacuo serve para limpar—1-2.

XXIV

Dos peixes e nos peixes teem os peixes—2-2.

XXV

O socego clarêa o philosopho—1-1.

XXVI

A primeira é quadrupede e planta—2-2.

Anedocta

Um empregado da estrada de ferro em S. Paulo, diz o seguinte em seo relatorio:

LISTA DE FERIMENTOS N'UM DESASTRE

«F..., feridas graves na cabeça, julga-se porem que será necessaria a amputação.

«F..., guarda freio, querendo entrar por um wagon, em estado de embriaguez, cahiu para a linha, teve as pernas esmagadas e morreu. Não era a primeira vez que isto lhe succedia.

Quadra

Si queres que eu conte serio
Como o caso aconteceu
Não venhas com teo diterio,
Nem me digas que sou teu.

Til Pelintra.

Decifrações

Foram os Senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 23 do nosso jornal:

Dr. Joca Moreno—charada—XVII—Argola.
Ponto final—charada—XVIII—Chamalote.
Dr. Tom Tim—charada—XIX—Bastonada.
Dr. Circumscisflautico—XX—Pancarpia.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Maio corrente:

Em 1—o estudioso menino Heitor Carlos d'Almeida Britto, filho do nosso distincto redactor Augusto Britto, e o Senr. Francisco Gonçalves Godinho.

Em 3—a Exma. Senra. D. Othilia Pires Pestana, virtuosa esposa do Senr. Francisco Pestana;

Em 4—o Capitão Manoel Gonçalves da Silva;

Em 6—o Senr. Abel Valente de Figueiredo e o Snr. Alferes Antonio José Eiroza Junior;

Em 7—a Exma. Senra. D. Anna Pinto da Cruz;

Em 9—o Senr. Desembargador Manoel Barbosa Alvares Ferreira, o Snr. Antonio Pacifico da Cunha, e as Exmas. Senras. DD. Francisca dos Santos Machado e Luiza Cleta de Moraes Rego;

Em 10—o Coronel Manoel Ignacio Dias Vieira, e o lavrador Marcellino Gonçalves Machado;

Em 11—a Exma. Senra. D. Maria Luiza Sabino Broadbent, digna esposa do Senr. William Broadbent;

Em 13—o Senr. Pedro Alberto Carlisso de Sampaio;

E a 15—a Exma. Senra. D. Maria Pinheiro, dilecta filha do distincto jornalista Alberto Pinheiro e o Senr. Paulo Fernandes de Medeiros;

Em 17—a Exma. Senra. D. Rosa Laura Parga Nina, virtuosa mãe do Snr. Dr. Alnir Nina e o Senr. Tancredo Serra Martins, filho do Senr. Joaquim Maria Serra Martins;

Em 20—as Exmas. Senras. DD. Rosa Vieira da Silva e Lavinia Teixeira, virtuosa esposa do nosso sympathico gerente, Francisco Pinto Teixeira;

Em 22—a Exma. Senra. D. Joanna Ritta Moreira e o Senr. Lino Marques Valente;

Em 23—o Senr. Carlos Augusto Pereira;

Em 24—a Exma. Senra. D. Delfina Paes de Vasconcellos Barbosa;

Em 25—a Exma. Senra. D. Ada Jessil Sabino Broadbent, presada filha do Senr. William Broadbent e o nosso distincto amigo e talentoso redactor Augusto Cesar de Macedo Britto;

Em 26—o Senr. Henry Airlie, distincto Consul britannico entre nós;

Em 28—o Senr. José da Costa Linares e sua filha D. Laudina Eiroza Linares;

Em 30—o Senr. Julio da Silva Ramos;

Em 31—a Exma. Senra. D. Anna Reis da Cruz Almeida, digna esposa do nosso amigo Arthur de Oliveira Almeida, a Exma. Senra. D. Isabel Dubeux Cellares Moreira digna esposa do Dr. Arthur Moreira, o Sr. Manoel Lopes da Silva, 1º Tenente da armada, o cidadão Fabricio Caldas de Oliveira, gerente do Engenho Central «S. Pedro» e sua digna esposa.

Acceitem as nossas felicitações.

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria—Teixeira.

baixamento á nossa individualidade?—maior ataque ao nosso amor proprio?—Si não nos foi dado o reconhecimento de competencia para o desempenho cabal da nossa missão sobre a terra—sinão da unica—, é que ao nosso ser fallecem attributos a elle necessarios, e, conseguintemente, n'esse caso, não, seremos um ente reputado egoistico, inutil, talvez despresivel?

Ninguem tem o direito de vir ao mundo locupletar de seus bens, e seus affagos, sem, regularmente, retribuir taes favores. Esta só lembrança, que nos deve acodir quando não amamos ou não soubemos amar, será motivo para nossa tortura.

Ainda mais.—

Na asseveração dos livros santos, de que dissera Deos, fallando á primeira mulher, quando a apresentava ao seu esposo:---Por este deixarás teu pae e tua mãe---e, apartada, mesmo, esta licção theologica,---na simples pratica sociologica, que gostosamente seguimos, está a demonstração inconcussa de que os laços matrimoniaes, são, quando legitimos, amparados por lei soberana, a qual consiste no amor. A amisade, serena e doce, nos reune aos nossos paes e aos nossos amigos,---o amor, mais doce e vivificador, somente nos fará reunir á nossa esposa, ou *vice-versa*.

Assim (quanto ao homem ou quanto á mulher) embora sem o justo premio—amor, paga de amor—exprimentamos prazer sublime, pelo menos mais intenso—será maior a nossa felicidade—quando amamos e só nos retribuem com—profunda estima—, do que quando somos amados, e—injustiça tremenda—não correspondemos a esse amor ---senão com uma profunda estima.

AUGUSTO BRITTO

—

Capotes de borracha a despachar-se para a alfaiataria Teixeira.

Impressão d'amor

A Firmino Saraiva

Madá, sentada num fauteuil tece
De bellas flores lindo ramalhete...
Nisto, do amante trazem-lhe um bilhete
Cheio de phrases doces como prece...

Lê a missiva num vivaz desejo
E o coração lhe pulsa febrilmente
Quando no post-scriptum vê contente
—«Acceita do teu Lauro um terno beijo»—...

Lhe vem á face leve pallidez
E o Vigilanço, o bello cão inglez
Que deitado a seus pés a cauda alleja,

Vendo Madá corar, as mãos lhe affaga!...
Da moça o pensamento que divaga
Julga ser Lauro e o Vigilanço beija!...

São Luiz—1894. *Berenna.*

—

Meias finas de lã tecida de lã finissima, para homem, diversos padrões, na alfaiataria Teixeira.

O primeiro dente

Anda pela casa uma alegria extraordinaria.

Algum notavel e extranho successo põe em todos em tudo esses tons, vivamente coloridos, de jubilo e de festa.

---O que foi?

---Tim-tim já tem um dente! já tem um pequenino dente, côr da neve!

Ha pouco, quando traquinava no collo materno, destroçando, vandalo divino! uma larga folha de jornal, abrira a bocca em um sorriso e a joven mãi descobriu então, na gengiva do maxilar inferior, uma pontinha de diamante, rompendo como um sol, as rosas da carne e enchendo de luz o ceu... da bocca.

—Um dente! Deliciosa surpreza!

---Mariquinha! Paula! Babú! O' gentes! venham cá, venham depressa ver uma cousa!

A esses gritos correram as primas, precipitou-se a tia, voaram as irmãs: arrufadas as saias, cabello no ar, ligeiras, garrulas, alegres, como um enxame de pombas descendo ao comedouro.

---O que foi?

---O que é, Dadá?

---O que foi? o que foi?

Dadá, está sentada em um banquinho ao rez do chão: tem de pé, sobre os joelhos, o filhinho.

Envolve-o amorosamente na luz humida e carinhosa de seus grandes olhos castanhos; as tranças desfazem-se cahidas pelos hombros, emmoldurando, com o seu ébano lusidio, a um pequeno rosto moreno, bello, mas de uma belleza terrena, feita de serenidade, de angelitude, de amor, de muito amor.

Sua larga bocca, energicamente talhada em nácar, arquea-se em um adoravel sorriso de pleno contentamento.

Arfa-lhe o collo, meio advinhado atravez do santo desalinho da maternidade.

Tim-tim bate-lhe o rosto com as mãosinhas papudas e roseas, vestido apenas com uma camisita de cambraia. Mal se aguenta nas perninhas curtas, muito gordas, cavadas em roscas nas coxas e nos joelhos...

Sorri-se candidamente, inconscientemente, para todos aquelles rostos amigos, extasiados deante delle em uma idolatria sagrada.

E o seu dentinho lá está...

Mal se percebe, e, no emtanto, que festas! que jubilo! que estupefacções! todos o querem ver, todos o querem apalpar...

---Cá está elle: picou-me o dedo! Que engraçadinho!

Mas, de subito veiu uma idéa triste eclipsar por um momento a festa:

---Agora elle vae ficar doentinho! murmura a mãe.

Mas a sombra fugiu célere, á entrada radiante de um velhinho, todo encanecido, muito risonho, muito asseiado.

E' o avô.

Toma ao collo o netinho, que lhe empolga travessamente um punhado dos cabellos...

Apalpa-lhe com dedo tremulo a gengiva, e exclama alegremente, cacquinando uma velha risada infantil:

---Eh! Eh! Já tem um dente, o maroto! E' como o *xóró* que tambem só tem um!

Valentim Magalhães.

—

Novidade em cazemiras para fatos e calças na alfaiataria Teixeira.

A magua

A magua vive e mora bem pungente
dentro do seio e ainda tu mo-te,
onde a gotta do pranto derramado,
do pranto que brilhou fugitivamente.

O seio — a rosa flor que desmaiado
na avenida do amor sublime e crente,
guarda e ao a magua a gotta que o ampara
para vingar o amor que abandonado.

E mora e vive a magua que se inflamma,
ora mais forte quando d'ella ri-te,
ora mais branda quando o seio em chamma

basta extinguir a gotta que persiste
fraca, sem brilho, que jamais derrama
a luz da crença... emquanto a magua existe.

P. Bessa.

—

Guarda-chuvas, inglezes, superior qualidade na alfaiataria Teixeira.

Desillusão

Antes quizera encontrar-se morta,
que saber da nova que me deram:
dizem que p'ra dentro dessa porta
alegrias não são quaes d'antes eram.

Já não teus as cores que se geram
da cambra. Tua alma só importa
affagos com que o vicio exhorta,
os vicios que sobre ti imperam.

Chafurdaste tuas azas brancas
nos lodaçaes. Perdeste as francas
expansões das almas christallinas.

Só te restam as pallidas ruinas
de tuas illusões, que ai! arrancas
e atiras ao charco das sentinas!

C. R.

—

Alfinetes para gravata na alfaiataria Teixeira.

Pesadelo

Si tu acreditasses em sonhos eu te diria que sonhei com a ventura a embriagar-me, fazendo-me esquecer as pobres desillusões, ferindo com os seus raios de ouro, como um sol de primavera, a monotonia plumbea do meu viver de moço.

E essa ventura quem m'a dava era o teu riso, era a tua bocca vermelha como a purpura de um cactus, era o teu cabello formosamente louro como um trigal maduro, eram os teus olhos mansos e doces, como as ultimas vibrações de um crepusculo que esmaece...

Si tu acreditasses em sonhos, eu te faria comprehender porque é que vivo dentro d'esse *albornoz* de tristeza, a desejar o bem que é a ventura, e como ella me foge, a abraçar-me com o terrivel espectro do *Nirvana* bachico, que é a noite sombria da crença, o eterno despenhadeiro da esperança, a cortina que desvenda um mundo de felicidade que não existe na terra!

Mas não acreditas em sonhos....

E é por isso que eu não te posso dizer tudo quanto sinto, e como o teu amor orvalharia de crenças o meu coração,---pedaço de rochedo onde batem com uma furia de hyena as ondas colericas e raivosas.

E, no entretanto, levas uma vida feliz, no meio das companheiras que te idolatram, e entre as flores que tambem adoras e cujo perfume é similhante ao que se evola dos teus cabellos flavos.

E eu?---sentirei a doçura de um pesadelo que, por instantes, desanuviou a minha existencia: e assim, por tardes lindas e por noites estrelladas, pensarei ouvir a tua voz cheia de harmonias dulias...

Antes nunca te houvera em sonho visto como o phantasma do amor, muito formosa, os cabellos esparsos sobre os hombros e com os labios a pedirem beijos...

E o teu perfume delicado, nevrosisando-se o cerebro, antes nunca o houvesse sentido, esse perfume que lembra o sandalo querido do Oriente...

Cette copie très exacte sera-t-elle préférée ? nous l'ignorons, et, malgré que nous doutions de son succès, nous la reproduisons sur notre gravure du *Tailleur moderne* de février-mars; nous avons cru devoir nous abstenir de la placer sur les *Grandes Gravures Artistiques*.

Nous croyons devoir conseiller à nos lecteurs qui auraient l'occasion de faire cette redingote 1830, de mettre, dans le col, une toile forte et, de plus, une petite flanelle, pour donner de la consistance est de la souplesse au tombant.

La cassure d'un tel col doit être plutôt bombée que creuse et le bord du tombant, sur tout le parcours, doit être soutenu par un passement, ce qui donne la forme dite bouffie au tombant. La toile des revers doit être forte ou épaisse, comme pour le col.

Le col doit être posé très long à la partie creuse de l'encolure. L'enlèv des manches ne doit pas avoir moins de 15 c. cuvirou autour du dessus et il faut éviter de le rentrer au fer; il faut augmenter le rond de la manche ordinaire de 4 c. au moins.

(Extr.)

Chapeus de palha americana e ingleza, encontram-se na alfaiataria **TEIXEIRA.**

Telephone 56.

SALÃO LITTERARIO

Duas situações moraes

A excellente revista parisiense *Les Annales Politiques et Litteraires*, apresentou no seu primeiro numero do corrente anno, a seguinte questão, ás suas gentis e estimaveis leitoras:

«Qual das duas seguintes situações moraes deve uma mulher reputar mais feliz: Adorar seu marido, não lhe inspirando senão uma profunda estima; ou: Ser adorada pelo marido e não corresponder a essa adoração senão com uma profunda estima?»

Encerra a questão acima dois casos, infelizmente para a humanidade, que lhe são de successos vulgares, originados ora por preconceitos que lhe contaminam, ora pela lei do interesse, cujas doutrinas afagam-lhe o instincto, ora, finalmente, por circumstancias imprevistas e inevitaveis.

—Qual das duas situações alludidas é—a mais feliz?—pergunta-se.

Tento responder:

—Feliz—nenhuma d'ellas;—menos infeliz—tenho que será a primeira, embora contra o pensar de Gonçalves Crespo, que disse uma vez:

«Amar e ser amado—que ventura !
«Não amar e ser amado, é um triste horror;
«Mas ha no mundo sorte mais escura
«Que é—amar alguem que não nos tenha amor.»

Não! Mormente nos casos figurados—quem ama e é retribuido embora somente por—uma profunda estima—jamais será tão infeliz como aquelle que—é amado, não amando ou não sabendo amar, e que corresponde a esse transporte do coração apenas—com profunda estima.

Amor !—delicioso effluvio, de suavidades, que embriaga a alma; emanação purificada de doçuras inefaveis;—preceito supremo imposto á perfectibilidade dos seres.

Na acquisição do goso está a aspiração da vida, e o amor é na vida o goso supremo,—o marco da felicidade. Quem, por aberração dos principios naturaes, não teve a ventura da sua posse, jamais será acolhido no seio da felicidade completa ou verdadeira. Servem muito de conforto ás nossas agruras, não ha duvida alguma, os sentimentos de estima que nos dispensam. E' um balsamo poderoso, que acatamos e bemdizemos.

Mas, só vai até ahi a sua acção, que, na colheita de venturas, não póde o seu triumpho ter parallelo ao promovido pelo amor.

Illusão! mentira! o que quer que seja,—na sua simples promessa, fallaz, si o quizerem, está um mundo de regosijos e de contentamentos. Que importa que nos tributem todos os sentimentos affectuosos, mesmo o do amor, quando não conhecemos os transportes deste? Amam-nos ?—Sabemos lá o que vem a ser isto,—quero dizer—quando o nosso coração está frio e inerte?

Não damos a menor importancia ao amor que nos consagram, quando não o correspondemos; e, muitas vezes, até, é motivo para aborrecermos a pessoa que nos acolhe ao coração. A estima que consagramos alguem, fraco motor de felicidade nos offerece;o que não se dá com o amor,embora a felecidade que elle nos conduz reclame embalde por cubiçada retribuição.

Amamos !—eis tudo, para attestação do goso que nos inébria a alma.

Disseram, fallando mesmo de um sentimento inapreciavel:—A amisade é insipida quando conhecemos o amor.—Este conceito, muito verdadeiro, demonstra a valentia e a sublimidade do amor. Com este sentimento, a nossa alma transporta-se, agradavelmente, a outra alma. Si, por falta de—affinidade electiva—por parte de quem amamos, não é elle correspondido, não deixa, ainda assim, de emanar de nós o delicioso effluvio, de essencia maravilhosa.

Mas... não amar !—Que valem as nossas demais affeições, quando lhes fallece a do seu complemento ? A' debil planta que carece de seiva, que valem simples orvalho de ridente aurora ?

E' possivel haver maior supplicio ou re-

FOLHETIM

SUMMARIO—A minha mania—A conversa litteraria—Americo Azevedo—Por causa de um chapeo—Julio Brandão—O livro de Aglais—Au revoir.

A minha mania, Leitor, é profundamente escrava das lettras e das artes, que são justamente duas preciosidades do bom gosto da alma humana.

Tenho-a como uma criança a me pular constante no cerebro, incitando-me a alma, á superioridade do colorista, do pintor, do philosopho e do critico.

Abençoado que fui em tel-a como uma brilhante vocação, abro aqui uma conversa cheia de petalas ideiaes, sobre duas obras que acabo de ler.

A' primeira que é uma comedia de Americo Azevedo —*por causa de um chapeo*, dou a minha astucia de pequeno philosopho e obscuro critico para que a faculdade predominante do seo autor seja aprecia la sob um ponto verdadeiramente natural e recreativo.

Por causa de um chapeo, trabalho original, de graça e de effeito, que mostra um forte temperamento de artista que tem a sua preferencia pelas bellas coisas decorativas e espectaculosas.

O seu autor satisfaz o gosto do pittoresco em muitos quadros da nossa vida real, como um apaixonado perscrutador que tem a luz intensa da intelligencia a illuminar-lhe a organisação de artista.

Scenas de effeito, de movimentos simples que imperam na sensibilidade e na imaginação do espectador, a sua comedia reune, a produzir um interesse delicioso em toda a sua execução.

Americo Azevedo, é um producto distincto das lettras patrias—um cerebro que percorre as largas estradas da intelligencia, ora como poeta que tem a alma iriada da luz do sol das paixões,ora como o comediographo que enxerga no palco uma escola, onde se vae reproduzir todos os caracteres de uma sociedade e de uma epocha.

A' segunda que é um livro de poesia, composto por Julio Brandão—*o livro de Aglais*—dedico a meo enternecido gosto para apreciar-a sob a efusão lirica, nota caracteristica do talento do seu autor, que é um colorista ondeante e um pintor da idéa natural.

Nesse livro de joias delicadas do sentimento, encontram-se as paisagens mansas e dormentes de uma vida de amor; elegias idilicas e saudosas da insaciavel penetração humana.

O coração ouvindo-o é saccudido por um choque de sensações estranhas que dão as satisfações mais puras á alma que vive absolutamente presa, das bellas cousas ideaes.

Calcula-se no seo todo—um ninho de rosas que cada petala é uma idéa, é uma nota suave e fresca do coração humano.

Abril-o e lel-o é um goso que não tem fim, um gosto elastico de dilettantismo que faz a gente experimentar tambem a elaboração mental, a concepção artistica do seo autor, poeta que conhece a perfeição moderna da palavra e do sentimento.

Entre as flores rosadas do livro de Aglais, destaca-se o perfume de algumas como o mais firme e fino, para inocular a alma dos que sóffrem e padecem de amor.

Ha um extasi definido em soletrar-se um verso de cada pagina, que é como um sopro creador do artista de genio.

Vamos ouvil-o e sentir a reacção de um sentimento penetrante:

Anjo da Graça

Este poemeto, que nasceu no lume
Dos teus olhos, e encerra de outra edade
As impressões mais simples,—claridade,
Anjo da Graça, elysial perfume !

E' teo somente, e como tu, teo-nome
A fragancia subtil da Virgindade...
Como flor quero, meu Amor ! poemeto,
Se é um trecho da nossa mocidade !

A'ro-o—resplendes tal e qual te ceso:
Sonhos, idyllios, almas, primaveras,
Passam um tanto limpido e cantante...

.. tu deslisas etheral, modesta,
Como açucenas na corôa honesta,
Espiritual como a visão de Dante !

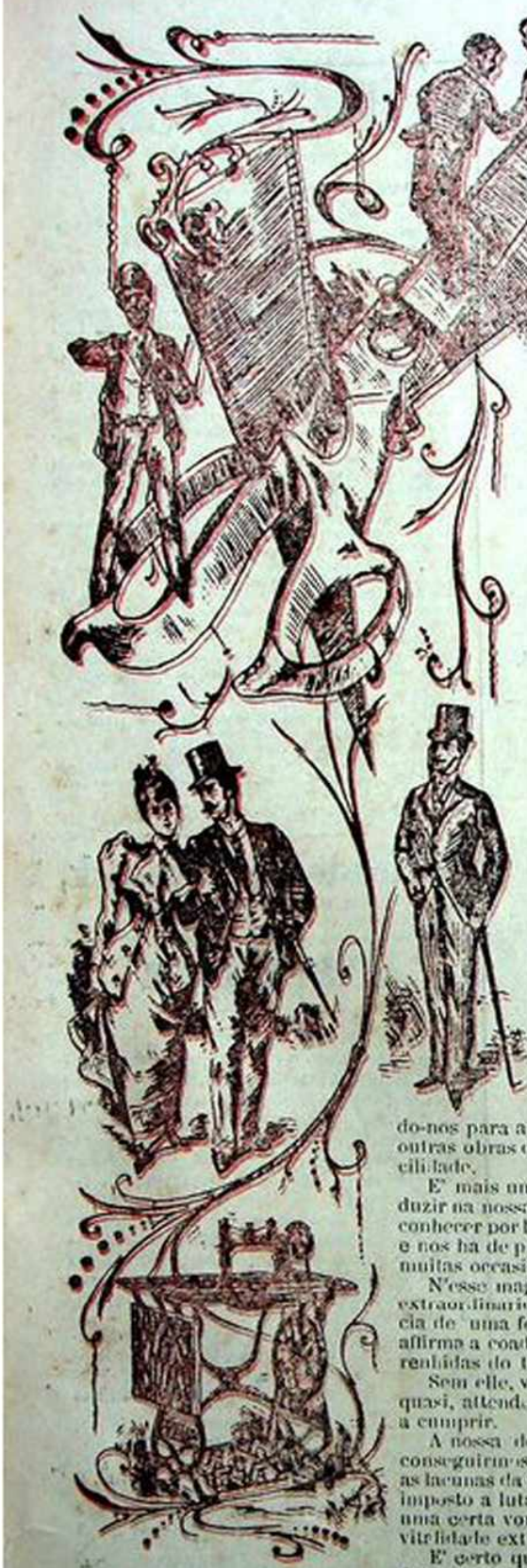
Julio Brandão.

Como um poeta de olhar continuamente fino na treva soluçante dos desejos e das paixões, ve-se Julio Brandão, talento alvorescente e de nativa candura de sentir, creador fecundo das sagradas bellezas do estylo.

Eis ahi, Leitor, uma pequena amostra do *bric-à-brac* da nossa moderna litteratura, que a par de imagens já tantas vezes reproduzidas existem algumas novas e bellas de quem sabe nutrir e architetar.

Au revoir.

JULIO DURVAL.



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO III | *Maranhão, 31 de Maio de 1894* | NUMERO 25

REVISTA ELEGANTE

O novo motor

Vamos levar ao conhecimento dos nossos simpathicos freguezes e amaveis leitores, com uma extraordinaria e verdadeira alegria, que resolvemos, depois de muito obstaculo, mandar vir para o nosso prelo um novo motor que ja se acha trabalhando á luz do gaz, offerecendo-nos para a impressão desta nossa «Revista» e de outras obras da arte typographica a mais admiravel facilidade.

E' mais um melhoramento que procuramos introduzir na nossa obscura casa de trabalho, que nos fará conhecer por longo tempo a sua incontestavel ostilidade e nos ha de proporcionar os melhores resultados nas muitas occasiões de difficuldades.

N'esse magnifico motor que é uma obra de arte de extraordinario effeito, observamos a rigorosa existencia de uma força superior que nos propoe e que nos affirma a coadjuvação de um grande braço para as lutas renhidas do trabalho.

Sem elle, vemos agora, que se tornava impossivel quasi, attender a todos os affazeres que nos obrigamos a cumprir.

A nossa deliciosa tarefa de progredir sempre para conseguirmos preencher com alguma satisfação todas as lacunas da vida de trabalho que abraçamos, tem nos imposto a lutar e lutar muito com um certo vigor, com uma certa vontade de amor proprio e com uma certa vitalidade extraordinaria.

E' certo que poderiamos enfraquecer na applicação das nossas forças contra a eterna desforra do Mal, se não encontrassemos a adoravel coadjuvação dos nossos amigos sinceros, almas voltadas com perseverança para o progresso do magestoso trabalho.

TELEPHONE 56

S'm, teriamos inevitavelmente de baquear, como uma lição fecunda ao mesmo tempo mesquinha, porque sem auxilio da concurrencia e da confiança dos nossos amigos e freguezes, haviamos de isolados soffrer os reveses da sorte e haviamos de não experimentar a satisfação que nos consola actualmente.

Reconhecidos, porque somos filhos intemeratos do trabalho e da gratidão, havemos de procurar sempre para as nossas officinas os melhores apparelhos mechanicos, como os muitos que já possuimos para a facilidade e belleza do nosso trabalho e satisfação dos nossos numerosos freguezes.

Chapeus de feltro, pretos e de cores, inglezes, nova remessa, recebeu a alfaiataria--Teixeira.

Telephone 56.

A MODA

Avril 1894

LES GRAVURES DE CE MOIS

La gravure à 6 personnages

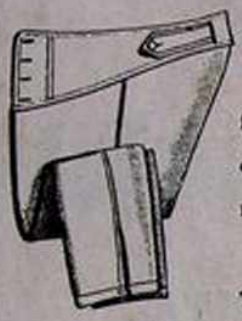
renferme les vêtements de première communion les plus en vogue et dont la forme varie peu d'une année à l'autre.

Nous avons reçu de nombreuses réclamations de dernière heure, pour nous engager à publier cette gravure le 1er Avril. Il nous est difficile de satisfaire de notre service de détail de saison pour donner les vêtements de première communion parce que nos abonnés de France n'en sont pas encore au mois d'avril. D'ailleurs ces gravures peuvent, sans inconvénient, servir pour deux ans, puisqu'il n'y a guère de variation dans l'ensemble de ces vêtements et que l'abonné n'a qu'à détourer le chiffre de l'année pour la prévoir comme c'est porte à l'époque voulue; et n'est pas commettre une tempête bien grave que de prévoir une gravure de l'année prochaine.

Mais doce é ver-te formosa,
Bella açucena mimosa,
No auge desse esplendor,

Rescender a essencia fina,
Da mais celeste boninas,
De mais firme e santo amor!

18—5—94. *Jacintho.*



Ceroulas

já promptas e feitas por medida, na alfaiataria

TEIXEIRA.

Telephone 56.

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

Os que acreditam serem felizes os maus, não estão longe tambem de os imitar.

J. Rousseau.

Quadra

Si fitas me—és tão formosa,
Si fallas-me—és feiticeira,
Tenho a vida cor de rosa,
A vida de goso, inteira!

Til Pelintra.

Anedocta

A' mesa: Um convidado desastrado quebra um copo.

—Que infelicidade, mamã, exclama Bebé, filho da dona da casa, foi o copo que a mamã pedio emprestado á visinha.

Triolet

No corpo do teu vestido
Prendi dos sonhos a flor
Num momento appetecido,
No corpo do teu vestido
Vi dos desejos a cor
Me transformar o sentido;
No corpo do teu vestido
Prendi dos sonhos a flor!

Juca Rosa.

Anedocta

—O' papá, comer maçãs não é peccado?

—Não, minha filha.

—Então, porque é que Adão e Eva foram expulsos do Paraiso por terem comido uma maçã?

Quadra

Si o freguez tiver dinheiro
E nú não quizer andar,
Venha ao Gaspar, bem ligeiro,
Um *costume* encommendar.

Til Pelintra.

Pensamento

Esperamos com impaciencia pretendidos bens, que chegando dão occasião a gravissimos males.

J. Drummond.

Anedocta

A condessa, offerecendo cognac a um dos seus convidados:

«Saiba o senr. que este cognac é do anno do meu nascimento.

«Jesus! responde o *delicado* deve ser muito velho!

Triolet

Falla, meo amor, e chora
A nossa vida infeliz,
Desde o surgir da aurora
Falla, meo amor, e chora!
Condemna a quem te bem quiz
Nessa phase enganadora,
Falla, meo amor, e chora
A nossa vida infeliz.

Til Pelintra.

Pensamento

A morte da imprensa é a morte da liberdade.

Laboul

Charadas

XXVII

Esta nota procura com pesar acautela do 1—2—1.

XXVIII

O verbo é brinquedo do homem—2—2.

XXIX

A verruma que ladra produz estragos—2—1.

XXX

Corre esta argola neste logar—3—1

XXXI

Conceda alimento ao prazer—1—2.

XXXII

A bebida olha da fechadura—1—1.

XXXIII

Na planta corre o passaro—2—2.

Pensamento

O mundo conserva-se naturalmente em perfeito equilibrio, apesar da teimosia do homem tentando desequilibral-o.

AUGUSTO BRITTO

Acrostico

E' muito mais facil experimentar o amor, que defenil-o.

∴

Amor é chama que queima lenta,
Mar de tormenta que só tem escolhos,
Occaso triste do fanal da vida
Rosa nascida entre fataes abrolhos.

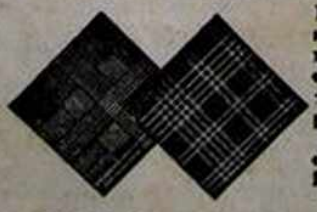
Julio C. Monteiro.

Triolet

Crocodilo é bicho máo,
E' bicho que fere a gente.
A's vezes, leva de pau,
Crocodilo é bicho!
Tem a raça de valente,
Mas nunca trepa no pau,
Crocodilo é bicho máo,
E' bicho que fere a gente.

Pensamento

A fraqueza é muitas vezes cohonestada com o nome de prudencia.



Lençoes de seda e linho grande variedade em preços e qualidades, na Alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Junho futuro:

Em 5—o nosso amigo e redactor Pacifico Bosa;

Em 6—a interessante menina Maricotinha, dilecta filha do nosso amigo e distincto redactor Augusto Britto;

Em 7—o Senr. Joao Fontoura;

Em 9—a Exma. Senra. D. Francisca Rosa Ribeiro, e os Senrs. Raimundo A. de Moraes Rego e Antonio José de Souza Junior;

Em 10—o travesso e interessante menino Quiqui Brandão, irmão e afilhado do Senr. Arthur Lima Brandão e o Senr. Filomeno Albuquerque, commandante do vapor Ypiranga;

Em 13—os Senrs. Dr. Antonio J. de Mattos Pereira, Antonio Nobrega Passarinho e Francisco Solano da Fonseca;

Em 15—a Exma. Senra. D. Thereza Alves de Barros, irmã do Senr. Manoel Alves de Barros;

Em 18—a menina Palmerinda, filha do Senr. Candido Costa e o menino Armando, filho do Senr. José da Silva Rodrigues;

Em 19—a Exma. Senra. D. Dejanyra Everton Pinto, prezada filha do Senr. capitão de fragata José Francisco Pinto e o Senr. Martinus B. Hoyer;

Em 21—o Senr. Dr. José Vianna Vaz;

Em 23—os Senrs. João Raimundo de Souza, Manoel Barros Telles e o interessante e sympathico menino Carlos Teixeira, dilecto filho do nosso amigo gerente Francisco Teixeira;

Em 24—os Senrs. tenente-coronel João Baptista de Moraes Rego e Alfredo Gonçalves dos Santos Silva;

Em 25—a Exma. Senra. D. Amalia Augusta d'Almeida, estremecida filha do nosso amigo Guilherme Alexandre de Almeida, Senr. Jeronymo Fartado Bacellar e Osvaldo, filho do Dr. Oscar Galvão;

Em 26—a Exma. Senra. D. Maria Izabel Carneiro Moreira e o nosso collega do *Diario do Maranhão*, Alberto Marques Pinheiro;

Em 27—o sr. Ladislau Benevenuto de Castro Romeu;

Em 28—o Senr. Dr. José Mariano da Costa e a gentil menina Adilia, filha do Senr. Alfredo Rodrigues de Mello;

Em 29—o Senr. Manoel Pires Moreira;

Em 30—a Exma. Senra. D. Rosalia Romeu, virtuosa esposa do Senr. Ladislau Benevenuto de Castro Romeu e o Senr. Antonio B. de Moraes Rego.

Aceitem os nossos parabens.

Calçados de Bostock,

para homens, na alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

EXPEDIENTE

Ypiranga

Com este titulo foi aberta, em Paraguassú, na Bahia, uma importante fabrica de charutos, de propriedade dos conceituados Srs. Guimarães, Solidade & C.ª

E' mais uma casa de trabalho que se apresenta naquelle grande Estado, a conquistar a soberania do braço industrial que é a riquesa das nações civilisadas.

Como uma amostra dos seus apreciaveis productos, fomos obsequiados com uma pequena caixinha dos mimosos e esplendidos charutos «Regalias de Referencia» que nos fizeram sentir o saboroso goso de uma perfumada fumaça.

Que nos mandem em breve outra caixinha da mesma ou de outra marca dos seos magnificos charutos, para termos a satisfação como fumantes apreciadores de outras santas horas deliciosas.

Agradecidos pela fineza do mimo.

Bilhete Postal

Recebemos o bilhete postal que nos enviou o sympathico Dr. K P 3 e agradecendo a delicadesa, dizemos:

A decifração da charada irá na secção competente e quanto a que nos remetteu não podemos publical-a por não ter se dignado escrever a sua decifração, como é de costume e é de lei, estabelecida no Codigo da nossa soberana «Revista».

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria Teixeira.

E na arvoredo a brisa farfalhava
M'embevecendo em doces pensamentos...

A noitecia. A brisa inda oscillava,
A luz erguia os mantos azevestos;
Ouvi os cantos tristes agourentos
Que o urutey da matta gargalhava...

Após um choro teuro de criança
Eriçou-me os cabellos! na lembrança
Me passou uma idéa desgraçada!...

Envolta em branco panno maculado
A recem-nata ergui! Feliz achado!
E p'ra casa levei... Pobre engeitada...

S. Luiz—1894. *Herdema.*

—

Maquinas para costura "Domestic," "Singer" e "New-Home"—verdadeiras—na alfaiataria Teixeira.

A princeza dos cabellos de ouro

Havia na India uma princeza de cabellos de ouro.

Sua madrasta detestava-a tanto que convenceu o rei de que devia abandonal-a no deserto.

Levaram, pois, para o deserto a princeza dos cabellos de ouro e lá a deixaram.

No quinto dia, a princeza voltou para o palacio de seu pae, montada em um leão.

A madrasta aconselhou então ao rei que largasse a enteada n'umas montanhas desertas onde só havia abutres.

No quarto dia os abutres trouxeram-na para o palacio do pae.

A madrasta exilou desta vez a princeza em uma ilha deserta.

Uns pescadores que a encontraram trouxeram-na ao pae.

Vendo isso, a madrasta mandou que cavassem no pateo um poço muito fundo, metteu nelle a princeza dos cabellos de ouro e fez tapar o poço.

Seis dias depois, no lugar em que a moça fôra enterrada viva appareceu uma luz.

O rei mandou então abrir o poço e encontrou ahi a princeza dos cabellos de ouro.

Afinal a madrasta mandou cavar o tronco de uma amoreira e encerrou ahi a princeza; em seguida mandou cortar a arvore e atiral-a ao mar.

Ao nono dia o mar atirou a arvore nas costas do Japão; os japonezes tiraram de dentro do tronco a princeza viva, mas assim que ella vio a luz do dia, morreu e transformou-se em bicho de seda.

O bicho de seda agarrou-se á amoreira e começou a roer-lhe as folhas.

Um dia deixou de comer e ficou quieto; mas cinco dias depois—o tempo que a princeza levou no deserto—o verme reanimou-se; começou de novo e durante alguns dias a roer as folhas da arvore e em seguida adormeceu.

Depois, ao fim de um tempo igual ao que os abutres gastaram em levar a princeza á casa do pae, o verme reanimou-se ainda para adormecer em seguida.

Afinal, pela quinta vez, o bicho da seda morreu e transformou-se em um casulo sedoso e dourado; deste casulo sahiu uma borboleta que começou a pôr ovos.

Finda a postura sahiram bichos de seda que se espalharam no Japão.

O Japão cultiva uma grande quantidade delles e fabrica seda.

O bicho adormece cinco vezes e cinco reanima-se.

Os japonezes chamam-lhe o primeiro somno: «somno do leão», o segundo: «somno de abutre», o terceiro: «somno do batel», o quarto: «somno do poço» e o quinto: «somno do tronco».

Conde L. Tolstoi.

—

Meias finas de tecido de las finissimas, para homem, diversos padrões, na alfaiataria Teixeira.

Lubrico

Beija-me sempre assim, e deixa eternamente
Meu labio unido ao teu, não cores, doce amor!
Que o pejo é illusão, não creio no pudor
Quando o desejo morde a carne doudamente.

Abre agora a mantilha e deixa que na alvura
Do teu seio de neve esta alma incendida
Vá beber a volupia ardente, allucinada,
Na febre do desejo—espasmo da loucura.

Como teu corpo é lindo, oh! pallida Phryneia!
Como teu seio é moreno, oh! deslumbrante Xebra!
Olha: despe o vestido, eu morro de desejos...

Assim!... Canta-me agora nas a cavalina
Das gosos sensuaes, ardente Fornarina,
Por entre um turbilhão estonicador de beijos.

Antonio Lobo.

—

Alfinetes para gravata na alfaiataria Teixeira.

Matinas

(A' NENEM)

Corre franco o riso argentino, garganteado pelo mulherio alegre, de roupa a cabeça, que vem vindo á fonte pela desrida abaixo, em grupo, á lavagem de todos os dias, com trouxas pequenas sobraçadas, a fechar os olhos batidos pela claridade do sol que se ergue em frente, n'um céo sem nuvens, muito azul e muito illuminado e alegre. Ali era uma especie de campina, olhada assim de onde vinham as lavadeiras do cimo da eminencia, salpicada, aqui e ali, de mangueiras em flôr, de laranjeiras carregadas de fructos da cor do ouro. Pelo outro lado corria uma fila d'um arvoredo baixo, uma especie de planta que, pela mánhã, como a sensitiva, estende as folhas com calor do sol, e pela tarde enlanguece e fecha a rama, e murcha com o halito fino da noite que se avisinha e desce.

Pelo tapete verde que estendia-se pelo terreno plano, piam as gaivotas e chilream passarinhos de mil côres e mil differentes trinados, num desconcerto tocante que fazia pensar na algazarra dum bando de crianças em festa.

O sol atacava-se mais e ia, estupendo prodigio da natureza creadora! dando vida aqui, ao arbustosinho enregelado pelo frio da noite, e lá, por através do pedregulho, enviando um raio protector ao verme que morria á falta de calor vivificador. Bandos de pombas brancas voam em debandada, acossadas pelo galo que pasta, tintinlintando campainhas alegres, a mugir, emquanto mais além abalam abelhas e cordeirinhos cobertos de uma lã fina e alva como arminhos. Já então o mulherio toma posições, á borda das fontes, acocoradas, a esfregar a roupa, umas, e a bater e' a *quarar*, outras, acompanhando sempre ca la movimento com uma modinha de toada triste ou alegre, conforme o sentimento de cada uma.

N'um trinado argentino, entre mil chalaças ditas ao ouvido duma e doutra, o riso corre franco nos labios adelgaçados das lavadeiras da côr morena de um charuto claro da Bahia. Ali se falla duma affeição que nascia ou dum arrufo primeiro, entre o José e a Maria, que se gostavam desde o verão passado, quando ella ia para o largo dos Remedios e elle lhe pagara uns *doces*, fitando-a demoradamente bem nas pupillas negras incendidas por um vago desejo de attrahir o José. E continuavam depois a lavar, recomeçando a toada triste de então, com os olhos a vagar na transparencia azul do espaço.

Foram scenas estas que nunca me esqueci mais, scenas que eu vi quando criança do fundo da casinha onde morava, na terra que nos vio nascer, a mim e a ti, Nênem.

Ship.

—

Chapeus de sol, inglezes, superior qualidade na alfaiataria Teixeira.

Nas tuas faces, criança,
Reside o calido estio,
E encontrou o inverno frio
No teu peito habitação.
Um dia haverá mudança;
Meu anjo formoso e terno:
Terás na face o inverno
E o estio no coração.

Arthur Azevedo.

—

Punhos de puro linho, diversos formatos, na alfaiataria Teixeira.

Illah, a orphã

(Á JOSÉ CAMILLO SANT'IAGO.)

Era n'uma tarde esplendorosa de julho.

Pelas ruas de uma cidade passeiavam diversas jovens, d'entre as quaes destacava-se o vulto sympathico de uma creança de 14 annos, bella, meiga, risonha, de porte altivo, que, deixando balouçar sobre os seus hombros uma encantadora onda de cabellos, pretos como o ebano, recreiava-se, com suas formosas companheiras, admirando as ruas e predios d'esta pequena, mas alegre cidade.

Trajava elegante *toillet* alvadia, que contrastava com os seus cabellos formosamente soltos, formando um conjuncto de graça e de amor.

Esta creança era Illah, a orphã.

—

Bella, meiga e risonha, Illah era a imagem seductora, a estrella brilhante de um pobre, triste e desventurado mancebo, que, vendo-a entre seductoras nymphas, mais formosa do que nunca, ousou pensar em estreital-a de encontro ao peito, e imprimir-lhe na face rosada um beijo, um osculo sonoro que confundisse em uma só estas duas immaculadas almas.

18 de julho de 1892.

Armand Sinval.

—

Suspensorios, ultima novidade, na alfaiataria Teixeira.

A' Ella

Si é doce verde criança,
Meiga, risonha e gentil,
Promette terna esperança
De prazeres, gosos mil...

Si é doce, gentil florinha,
Tem lindo roseo filar,
Promette, meiga avezinha,
Um raio de teu olhar...

La gravure à 3 personnages

Le pardessus à taille qui, pendant un moment, a été trop délaissé, paraît vouloir reprendre sa vogue justement méritée. Ce vêtement de promenade de printemps, lorsqu'il est bien fait et bien porté, a le caractère de l'élégance complète, et le pardessus large, quoique plus commode et moins cérémonieux, ne possède pas les mêmes qualités. Il est vrai que le pardessus à taille ne peut convenir qu'à un homme jeune classe, bien proportionné et ayant une mise irréprochable dans ses moindres détails. Il ne conviendrait pas à un homme trapu, ni à la tenue voûtée, car il serait impossible d'obtenir cette perfection de lignes est de forme qui caractérise ce vêtement privilégié.

Comme l'indique notre dessin, ce vêtement se fait en étoffe de fantaisie diagonale ou tout autre genre de tissu simple. Pour la couleur, le brun plus ou moins foncé, le vert, le gris, le beige, toutes ces couleurs sont portées et le choix dépend du client.

Le col et le revers se font larges et les bords pipés à cordon.

Nous ne saurions trop recommander la forme du complet jaquette ouverte, pour lequel le genre d'étoffe est facultatif, aussi bien en nuance claire que foncée.

Le vêtement du 3e personnage sera le costume de prédilection des belles journées.

(Extr.)

Calçados de Bostock,

para homens, na alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

SALÃO LITTERARIO

Evolução historica

Em que pese aos calumniadores ou retrogrados, a humanidade prosegue, a passos acceleratos, na senda da nobreza e do seu desenvolvimento.

O unico embaraço com que tem arcado, que tantas calamidades lhe tem confundido, constante, no seio do seu espirito, outro agente não tem sido senão o terrivel—egoismo—contaminado, não se sabe como, por cada um de seus membros, e que tão pouco educado tem sido, visto haver servido de base para a organisação da grande associação que, em absoluto, nos governa.

Retroceder, fôra impossivel, e si não o fôra, nada mais seria que uma rematada tolice. O passado representa a menenice, e o presente a mocidade. Esta não carece de licções d'aquella. Do futuro, sim, porque o futuro será a viriliade, isto é, a epocha do vigor, da reflexão e do emprehendimento.

E' evidente, portanto, que a humanidade não ficará, e nem convém que o fique, no periodo da mocidade, que é o tempo da versatilidade de nossos pensamentos, de nossos desejos e de nossos affectos.

Mas, para chegarmos ao periodo da virilidade, não carecemos do emprego de artemanhas, com o intuito de abrevial-a. Como para esta bastar-nos-hão simples e moderados exercios, do corpo e da memoria, para o futuro—simples observação e experiencia, sem produzir fadiga ou mutilação de seus membros.

E' este, apenas, o erro da derrota em que vai a humanidade.

Accuso o egoismo como responsavel d'este mal, e, dominado, ou, pelo menos, sofreado o quanto possivel, será o bastante—tudo estará feito. Para ver isto realisado, pouco cabe a humanidade fazer: apenas pedir fraternidade entre os seus membros, e aguardar o resultado que a evolução do tempo ha de, fatalmente, produzir.

Contra esta medida prudente e proveitosa, surgem os espiritos irrequietos e inexperientes—movidos por grande somma de egoismo. E, coisa curiosa, taes espiritos acreditam possuir ideas adiantadas, sendo, no entretanto, as que lhes fermentam no cerebro, essencialmente retrogradas—motivo porque jamais se harmonisam com o presente, estado que, a *rationi*, avantaja-se do passado. Elles fallam em nome do futuro, ao passo que trabalham em prol do passado, e da proclamação da victoria do egoismo. Os que se consideram quietistas, são, ao contrario, os progressistas,—os preparadores do futuro: acreditam-se estacionarios, mas illudem-se, a si proprios; pois que si estão satisfeitos com o presente, o qual, como disse, caminha e caminha sempre—é porque apraz-lhe o futuro.

Afigura-se-nos lento o progresso que, constante, se desenrola a nossos olhos, mas é elle tão velóz quanto o despenhar dos astros pela immensidade dos espaços.

No entretanto, os pseudos idealistas, que são levados pelo impulso d'aquelle movimento, imaginam não só que estão parados, como que teem o poderio e a habilidade de determinar a marcha da evolução historica.

Simplesmente—irrisorio!

Como quer que seja, o que é certo é que, de modificações em modificações, ficará, afinal de contas, completamente reformado o temeroso codigo sociologico, de modo a ser repartido, com a igualdade possivel, por todos os membros da grande familia chamada humanidade, elevadissima somma de paz e de contentamento, naturalmente, ainda assim, não quanto bastante para chegar ella ao repouso absoluto, isto é, á verdadeira felicidade, que foi, é e jamais passará de um mytho.

Antes, porem, de chegar tal idade, que poderá ser chamada—do dominio da solidariedade humana—, um sem numero de comedias se irão representando no ridiculo theatro em que pisamos.

AUGUSTO BRITTO

Meias pretas e brancas, na alfaiataria Teixeira.

Engeitada

E morreia a tarde. A passos lentos
Pela estrada solitaria caminhava;

FOLHETIM

SUMMARIO—Uma festa—O mez de Maria—A igreja—A mulher fructo da religião—O meu sentir—*Au revoir.*

Acabo, Leitor amigo, de assistir uma festa religiosa de muita importancia para mim que possuo um coração e uma alma inclinados desde a infancia á fé e á adoração do infinito poder de um Ser superior.

Venho da igreja da Conceição, templo que inspira-me uma sympathia natural e uma veneração sublime, porque foi ali que tornei-me christão e levei pela cabeça, a chorar nos braços de um padrinho todo gamenho e apelintrado, tres cuias d'agua enchidas na santa pia baptismal.

Sim, venho dessa igreja parochial, onde estão fazendo a tradicional festa do mez de Maria, a virtuosa mãe do loiro menino do presepe de Belem e do grande homem do calvario do Golgotha.

Ali entre as luzes dos altares e dos canticos festivos de um grupo de meninas, observa-se em verdadeira reverencia uma multidão de fieis que fitão aos santos na sua magnetude divina e de fieis que contemplam os rostos angelicos das peccadoras filhas de Eva da nossa melhor mocidade.

Francamente, Leitor, digo-te e confesso a *minha culpa* que pertenço ao numero destes ultimos, pelo simples motivo de gostar de Deus em primeiro logar e não menos das representantes de sua santa Mãe, que vão neste *vale de lagrimas*, ora sendo a consolação dos nossos devaios, ora procurando augmentar as nossas dores quando somos exigentes de mais.

Mas, seja como fôr, é lei fatal que me domina e me obriga a gostar sempre do pequeno e primeiro fructo do paraiso que, como descreve a velha escriptura, é a luz que nos indica o caminho do mal e do bem.

Seja ou não seja, eu desde o primeiro dia que conheci a mulher sob a forma de Mãe e sob a forma do visão dos sonhos da juventude, tive por ella uma completa e extraordinaria sympathia á vida.

A vida sem a mulher que é a synthese dos sonhos, é um chaos tremendo, onde nunca nós deveremos nos achar.

Ha na nossa existencia momentos obscuros de verdadeira decadencia de sentir que nos fazem nada aspirar e que nos impelle a regeitar tudo e por tudo.

Mas ao mesmo tempo a nossa intuição na lucidez de outros inclina-nos a visar uma esperança e uma fé de renovação de vida, que nos faz crer na bellesa e na graça da mulher que é o todo do que sentimos e do que profundamente aspiramos.

Por esse motivo eu tenho uma pura convicção de que a religião é um bem e de que a mulher é um fructo sublime dessa religião que teve o principio na santa bondade do Creador.

Adoro a mulher sob um brilho prismatico de poesias e de realidade e sou um dos mais verdadeiros crentes da sua magnifica missão na vida dos povos.

Dou-me a poeta, ás vezes, quando a divulgo e encontro:

No templo

Quando no templo estás ajoelhada,
Nesta fervida oração,
E's a bondade santa, aperfeiçoada,
Inveja provocando.

Quando a Jesus te curvas humildada
A tanta belleza,
E's a virtude em forma bastida
Ali se demonstrando.

E obrigas-me a pensar si és tu da terra
Nesse viver que tudo beija encerra
De estylo puro e terno.

E' que tu tens o encanto, amigo e raro
Da perfeição, o amor sublime e caro,
Herdada desde o berço.

E' assim que eu represento o meu obscuro papel, já como um bom filho do supremo Deus e já como um bom homem que tem toda a vitalidade do sentir, neste grande theatro da vida.

E como tal venho dessa festa deste mez de Maria que é o mez da poesia e das flores e vou sem mais receio para a minha rede de que me está esperando para a grande e magna tarefa de dormir.

Au revoir.

JULIO DURVAL.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO III | *Maranhão, 30 de Junho de 1894* | NUMERO 26

REVISTA ELEGANTE

A nossa attitude

Vamos em ligeiros traços, sem pretenção de offender a susceptibilidade de quem quer que seja, mostrar a nossa humilde attitude na evolução da magestosa Arte.

O nosso ponto ideal, que nunca foi e nunca será destituido do correctismo pela indifferença perversa e esterilisante do pessimismo, tem o cheiro da virtude que attrahe profundamente a graciosidade a convivencia e faz-nos mais activa a nossa sensibilidade de artistas.

Temol-o como uma feição sympathica para elegancir-nos a vida do trabalho que escolhemos, vida que nos obriga imperceptivelmente ir desfolhando petala á petala das flores de que se compoe a coroa sublime da sublime Arte.

Não somos egoistas no nosso ideal, nem nunca vimos a desolação na officina da Arte, onde cada braço e cada cabeça deve conquistar a força e o prestigio para vencer todas as difficuldades e receber os applausos de todos os seus sacrificios e de todas as suas lagrimas.

Custa-nos ainda no nosso ponto ideal é somente conhecer a cor perfeita dos tons para ungirmos ao mais alto sentimento da responsabilidade a mais grave comprehensão da belleza da Arte, lucta heroica que nos embriaga constante e que nos ha de nobremente engrandecer perante a consciencia para dos que nos depositam a sua confiança.

Sim, teremos então a inteira responsabilidade do nosso sentimento para comprehendermos a Arte na sua sublimidade e nunca havemos de ver uma linha por menor que seja, estar prehenchi[illegible] maravilhosa da consciencia p[illegible]

E' esta a nossa attitude humilde, é certo, perante a mar[illegible]essiva [illegible]gestosa Arte, mas que nos ha de emancipar do banal effeito dos t[illegible]gos e [illegible] vaidos[illegible] elegancia dos velhos mestres, dando-nos a correcção exacta do[illegible] ao [illegible] trabalho que abraçamos como um grau determinado de civilização.

TELEPHONE 56

New-Home é a rainha das machinas de costura, é silenciosa, suave e ligeira, é a unica que cose a cambraia fina e o mais rijo couro, é muito barata, é propria para modistas, é propria para alfaiates, é propria para sapatseiros, é a melhor do mundo.

Grande deposito destas machinas na alfaiataria—Teixeira—Maranhão.

Telephone 56.

A MODA

A gravura da moda

Maio de 1894

Tudo o que pudia interessar ao leitor, concernente ás differentes alterações no modo dos vestuarios, foi cuidadosamente, ao começar a estação, no numero de fevereiro passado, e os elegantes [illegible] determinado sua escolha sobre os costumes de nossas primeiras gravuras.

Nada de inesperado nos [illegible] ao [illegible] sendo necessario pedir-se até ao dia da [illegible] Oceano de Paris, afim de reunir as preferencias do [illegible] e elegante e formar nossas previsões para as [illegible]

A gravura deste mez [illegible] apenas [illegible] de passeio campestre e de casa de campo, [illegible] assignado de particular.

Apesar das nossas precedentes previsões, as saias continuam a ser largas, os fragatos [illegible] sendo cinco apenas [illegible]

O jaqueta, si bem que mais pequeno que o paletot fechado, [illegible] o vestuario [illegible] O paletot fechado [illegible] e o preferido por as [illegible]

Os colletes fecham mais alto, [illegible] feitios.

(Trad.)

Biblioteca Publica do Estado
Arquivo Público do Estado

Triolet

Venha o fato, seo Teixeira,
Que eu na aposta ganhei,
Não faça eu dizer asneira,
Venha o fato, seo Teixeira,
Si não dér, eu maldirei
Tal aposta de brejeira,
Venha o fato, seo Teixeira,
Que eu na aposta ganhei.

Til Pelintra.

Anedocta

Um banqueiro, para o seo socio:
—Minha mulher acaba de fugir!
—E' golpe cruel; mas que fazer?
—E sabe com quem? com o nosso caixa.
—Ah! o caso muda de figura. Corramos á Policia!

Quadra

Um rapaz namorador
Que andar na bôa roda,
Deve vestir no rigor
Da mais elegante moda.

Til Pelintra.

Pensamento

O improviso tem a sua origem na memoria e a inspiração no coração.

Sauvage.

Triolet

Morrer por ti—que ventura!
Então se morre de amor,
Tem-se do céo a doçura,
Morrer por ti—que ventura!
Só se sente uma só dor
De te deixar na tristura.
Morrer por ti—que ventura!
Então se morre de amor!

Juca Rosa.

No lyrico

A aria—é a expressão sentida e verdadeira do coração amado.

O duetto—é a synthese do coração amado profundamente e do que profundamente ama.

Julio Dorval.

Anedocta

No tribunal:

Juiz—Parece incrivel que o senhor, tendo o seo emprego e o seo viver honesto, assim menoscabe a sua reputação, roubando de uma gaveta dez mil reis.

Réo—Então, que quer o senhor?

Juiz—Não havia lá mais?

Charadas

I

1-2—Esta flor não é má esta cidade.

II

1-2—Na musica o planeta é embarcação.

III

1-1—Este animal, não é branco, esta aversão.

IV

2-1—Na familia não é lá este depurativo.

V

2-1—Este estado não é para mim esta bebida.

Anedocta

A um homem que ia casar com uma viuva, disse outro já desenganado:

—E's um doudo: vais embarcar no navio em que o teo predecessor naufragou.

Quadra

Beija-me a bocca, Rittinha,
Com tua cheirosa bocca,
Que eu quero ver-te assim minha,
Nessa loucura mais louca!

Juca Rosa.

Anedocta

Na sala:

O namorado—Ah! se eu podesse!...

A namorada—Eu te daria, meo amor!...

O namorado—Está nas tuas mãos, minha flor!

O pae (entrando)—Nas mãos della nunca, meo amigo, na sua vontade: venha o padre, o juiz, tem conseguido o que deseja.

Decifrações

Foram os senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 25 do nosso jornal:

Herdema—charada XXVII—Recatado.
Juca Rosa—charada XXVIII—Serapião.
Zeca Robis—charada XXIX—Furacão.
Tim-Tim—charada XXX—Riachuelo.
Doutor Poema—charada XXXI—Deleite.
Zé Arruda—charada XXXII—Chave.
A. Britto—charada XXXIII—Canario.

Meias azues e pretas, qualidades superiores, grande sortimento na alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Julho:

Em 1—os Senrs. alferes Theodorico Julio Monteiro e Julio Verne Mattos Pereira;

Em 2—a Exma. Senra. D. Anna Marcellina Serra de Souza;

Em 3—os Senrs. Luiz Antonio da Cunha, Sebastião A. de Moraes Rego, Augusto Ribeiro de Castro, e Godofredo da Silva Miranda;

Em 4—os Senrs. João Baptista Alves Lomba e José Carlos Bello, filho do capitão Antonio Raimundo Bello;

Em 5—a Exma. Senra. D. Izabel Rosa de Freitas e o estimavel cidadão Domingos Affonso Machado;

Em 6—as Exmas. Senras. DD. Raimunda Rosa da Silva Miranda, digna esposa do coronel Manoel da Silva Miranda e Nisith Ribas;

Em 7—o Senr. Senião José da Costa;

Em 8—o joven José Guilherme de Almeida, filho do Senr. Guilherme Alexandre de Almeida;

Em 10—o Senr. José Raimundo de Souza;

Em 12—os Senrs. Manoel Luiz Soares, Alexandre Gustambede Collares Moreira e Nabor de Castro;

Em 13—as Exmas. Senras. DD. Eugenia de Carvalho Serra e Maria de Carmo Hesketh;

...m 14—a Exma Senra. D. Josephina Amalia Hesketh e a interessante Odete, filha do Senr. Ignacio Serrao;

Em 15—a Exma. Senra. D. Joaquina d'Alcevia Barbosa de Almeida, digna consorte do Senr. Guilherme Alexandre de Almeida, Senr. Raul de Oliveira Almeida e Sebastião Joaquim Barbosa;

Em 17—as Exmas. Senras. DD. Maria Luiza Vieira Lobo, virtuosa consorte do Dr. Joaquim Lobo e Ercilia Hesketh Gomes, digna esposa do Senr. Ovidio Ignacio Gomes;

Em 18—a interessante menina Eurice, filha do Tenente Coronel Alfredo Ferreira da Silva e o nosso intelligente e distincto collaborador Ben Hur Silva Lobo;

Em 19—a interessante menina Zelinda, diletta filha do Major Augusto Alves dos Santos e ...r Antonio Carvalho da Silva Ramos;

Em 20—o Capitão Bernenegildo Janson Ferreira;

Em 21—os Senrs. Alfredo José Tavares e Abimael Valente de Figueiredo;

Em 22—a Exma. Senra. D. Maria Thereza Lobo Soares, virtuosa esposa do Senr. Manoel Lourino Soares e o Senr. José Alvares Pereira;

Em 23—o Senr. Acilsio José Tavares;

Em 24—as Exmas. Senras. DD. Josepha Costa, irmã do Dr. João G. Torreão da Costa, Christina Maria Moreira Gonçalves, Raimunda Rosa Fernandes, Ambrozina Christina Coelho, Zezé Costa e o Senr. Dr. Almir Nina;

Em 25—as Exmas. Senras. DD. Maria Magdalena Freitas Machado, digna esposa do Senr. Domingos Affonso Machado, Emely Amy Sabino Broadbent, filha do Senr. William Henry Broadbent, e os nossos estimados amigos Tenente Arthur Eduardo Pereira, Jeronymo Furtado Bacellar, Thiago Tavares e Claudio Dubeux Moreira, filho do Dr. Arthur Moreira;

Em 26—a Exma. Senra. D. Maria José Couto Fernandes, dilecta filha do nosso amigo Francisco Fernandes Junior e os nossos amigos e freguezes Dr. Luiz Serra de Moraes Rego, Walter William Sabino Broadbent e Abdias Valente de Figueiredo;

Em 27—os Senrs. Coronel Felicissimo Moreira de Souza, Dr. Fabio Nunes Leal e Amadeu Pinho;

Em 28—a Exma. Senra. D. Maria Laura Ferreira da Silva presada irmã do nosso amigo Tenente Coronel Alfredo Ferreira da Silva e os nossos amigos Alfredo Pinto Teixeira, José Ribeiro de Oliveira, Alipio Marinho e a Exma. Senra. D. Zelith Nina, irmã do Senr. Raimundo Nina;

Em 29—a Exma. Senra. D. Anna Bastos Varella, digna consorte do Senr. Eusebio Varella e os Senrs. Capitães Joaquim Sant'Anna Reis e Joaquim Ignacio de Miranda;

Em 30—o Senr. Dr. Joaquim Lobo;

Em 31—as Exmas. Senras. DD. Joanna dos Passos Moreira, Eliza Frazão e Maria Henriqueta Valente de Figueiredo, digna esposa do Senr. Dr. Lourenço Valente de Figueiredo e os Senrs. Francisco de Paula Rodrigues de Mello, Sebastião de Aragão Neves e Ignacio Tolentino Cordeiro Frazão;

Aceitem os nossos parabens.

Chapeus de PALHA
Grande variedade em formatos
—NA—
Telephone 56, **Alfaiataria Teixeira.**

EXPEDIENTE

A legalidade

Com este titulo acaba de escrever o nosso amigo e collega de redacção Augusto Britto, uma magnifica comedia de assumptos locaes e de actualidade, polvilhada de bellissimos conceitos philosophicos.

Offereceu-a o seu sympathico auctor á sociedade do theatro *Vaudeville* que a fez representar com esplendido exito e lhe vae dar publicidade.

E' mais um producto do talento fecundo de Augusto Britto, moço que tem um perfeito desdem á indolencia na grande luta do saber, onde cada cabeça deve apresentar um trabalho de raciocinio, estudado á luz dos factos moraes da vida.

No *Salão Litterario* de nossa «Revista» encontrará o leitor um fragmento dessa magnifica comedia que o nosso collega dignou-se a publicar, proporcionando, por este modo, ao nosso modesto periodico a satisfação de fazer de ante-mão conhecidos dos seus leitores alguns trechos da sua bella e recente producção.

Parabens a Augusto Britto por mais um triumpho na espinhosa carreira da litteratura patria.

Calçados de Bostock,
para homens, na alfaiataria Teixeira.
Telephone 56

Impresso por João B. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria—Teixeira.

A' Musa

Abre-me os olhos, dor, falla-me ingrata,
Mostra-me o roseo labio em que já li
O riso enganador... Viver sem ti
Não póde esta paixão que atroz me mata!

Enganos e traições tudo soffri,
Tudo o meo peito no terror dilata;
Prende-me a alma que em prendos se desata,
Olha-me, Musa, e para mim sorri!

E's do cantor a companheira errante,
Beija-me o coração febrecitante
Antes que á Morte as dores o conduza'!

Arranca-me a alma dos terriveis mares,
Dos profundos abysmos dos pesares,
Para matal-a pouco folta, Musa!

P. Bessa.

—

Novidades em cazemiras para fatos e calças na alfaiataria Teixeira.

Maria

Todo o mundo conhece o typo de Maria, de baixa estatura e corpo magro, de pretos cabellos finos e já muito desfalcados, tendo um tronco franzino, mas bem feito, umas pernas proporcionadas ao tronco e regularmente delineadas sob suas poucas vestes asseiadas e simples.

A sua côr é morena pallida, côr amarella puramente brazileira, sem pertencer á mulata; o rosto de Maria é bem traçado para o seu todo vulgar, que não chama attenção, mas que sympathisa a quem o conhece.

Quem, depois de eu lhes dizer que seus olhos são claros e ingenuos, francos e amorosos, não dirá mesmo que seu nome é Maria, que este é perfil mais conhecido na mulher do Rio de Janeiro, ou na estalagem, ou no salão *chic* perfumada, ou sem vaidade como a que eu lhes contei? Sim, que parece haver na ordem social esta relação estreita dos nomes para os corpos e para as individualidades que querem significar.

Pois esta é das mulheres que estão muitas vezes em nossa casa como empregadas, que mostram na conversa o vacuo de seu cerebro de mulher sem educação e sem a delambida pretenção das outras Marias de salão *high-life*.

Entretanto, tem a irascibilidade passageira das mulheres nervosas, e no seu corpo não se poderá ler a exuberancia do organismo sensual e quente, mas ler-se-ha o emperramento de um organismo amordaçado pelo atrophiamento da educação physica estultamente admittida em todas as sociedades brazileiras.

Coitada! Tem seu romance tambem. Ou é filha-orphan, que jamais conheceu paes, e que passando da casa de alguma parenta que a creou de pequenina, ás casas de familia onde tem-se empregado, deixou, desapercebidamente o botão de seu corpinho; ou é mulher que vive desde creança tambem no mundo baixo da estalagem e que agora tem a companhia do homem a quem estima menos como gata libidinosa do que como companheira sincera, n'uma amisade mais para do que animal: por isso briga enciumada, mas não se despreza ao homem que lhe pareça superior em robustez e sanguinalidade.

N'este derradeiro caso, o fim de sua vida é sempre o martyrio regular das brigas quotidianas, em que sempre apanha do vagabundo, que não lhe retribue a estima.

Pobre Maria! Tenho-a observado muito, e elle, ignorante e ingenuo, é o mais commum e mais genuino typo brazileiro.

—Indole docil, intelligencia obcecada, animo fraco, coração vivo, corpo pouco ardente, eis a sua compleição sana e pura mais approximada quanto possivel em sua constituição physiologica d'este fim de seculo, do sublime modelo da mulher de Léon de Tolstoi.

Antonio Minimus.

—

Maquinas para costura "Domestic," "Singer" e "New-Home"—verdadeiras—na alfaiataria Teixeira.

Minha casaca

(SEDAINE)

A' Francisco Pinto Teixeira.

A' ti, minha casaca,
alegro-te contigo,
á ti hontem devi
o meu maior successo.
Agora, tu inverno
te basta a outra roupa,
que tens que esta noite
deixa-te na ponta.
Pisa-me-se desmedido
de que tamanhas bravatas,
com que me vi cercado
—de mago talismas
ou d'um sabatão—
amigo, ao pescoço,
porque meu affinito
nos teus dobras onde,
com muito engenho e arte,
metteu-se de permeio,
N'aquella sala mole
onde pontuavam
contigo apercebi-me,
que esplendido triumpho
eu lhe tripudiarente?
A' mim se dispensavam
tantos attenções
que já me incommodavam
tes grandes distinções.
Em uma grande e molle
poltrona recostado,
de dona ao lado
sentado junto ao lado,
de todo ill fallava;
e as palavras mimhas,
confortos, produzidas
não sei que certo efficito
com tudo que me ouvisem,
que eu ao mesmo admirava.
Não sei, minha casaca,
porque tua presença
em mim produzia logo
tamanha differença?
Si d'antes sacrificia
eu te a algum festa,
cuidando n'em salas,
sahia o tal rasto,
olhava p'o meu lado,
de medo em pescoço
hermide me inclinava
fazendo uma mesura,
Mas hontem tu bem viste
eu fiz outra figura.
Ja vês, minha casaca,
se hontem vali tanto,
somente ao teu encanto,
Ja pouco me julgar
fôsse por haldar
bem longe da Hollanda,
—onde por melhor,
a conta que se anda—
não te me prestam valor.
Apti, esta se vende,
o caso é differente,
e pela roupa que
se dá valor a gente.
A's vezes não dão
apreço, indifferente,
os bellos fractos, nos
a casca unicamente.

M. Sabino—1894.

G. dos Santos.

Suspensorios, ultima novidade, na alfaiataria Teixeira.

Primeira noite de nupcias

(N'UM ALBUM)

Acabava de sahir o ultimo convidado, e ella, a linda Esther, pensativa, contemplava o semblante alegre do escolhido de seu coração, d'aquelle á quem vinha de acorrentar para sempre, a sua vontade, a sua felicidade, os seus soffrimentos, a sua vida enfim.

Tristemente, recordava com saudade, os seus passados dias de doces illusões, de infantis brinquedos, e como que procurava preparar o espirito para as mil e uma condições da vida real.

Elle, radiante de prazer, enviava a sua amada n'um brando olhar de santa adoração, e deixava assomar aos labios um ligeiro sorriso: reflexo vivo dos desejos que lhe iam na alma apaixonada.

A' frouxa claridade da alcova, desenhava-se ao fundo, velado por diaphano cortinado, o leito nupcial—sagrado thalamo d'onde se desprendia delicado perfume—transformado desde aquelle momento em mudo confidente dos amores de dois jovens corações que se idolatravam.

Cauteloso, elle approxima-se mansamente da casta noiva, e, depois de lhe ter imprimido nas faces aveludadas um amoroso osculo, começa, com solicitude apaixonada, a desapertar o corpilho de seda branca, que lhe vedava á vista dois bellos seios de virgem...

Cobrindo o rosto com as mãos, ella deixa finalmente cahir á seus pés, como flôcos de neve, a camisinha de finissima cambraia, e, languidamente, entrega-se nos braços nervosos do apaixonado noivo, que conduz, cheio de orgulho, tão precioso fardo, cerrando após si o diaphano cortinado que velava o leito nupcial, transformado desde aquelle momento em mudo confidente de dois corações que se idolatravam.

.....

M. B.

No lyrico

Com a nossa alma a espelhar-se no lago azul da phantasia e do ideal, vamos transmittir aos nossos leitores a agradavel nova que nos deu o nosso sympathico amigo Archimedes Rego de uma estação lyrica no nosso Theatro.

Das noticias dos jornaes do Pará vê-se que o conjuncto da companhia lyrica que esperamos no primeiro vapor, vem-nos proporcionar noites de enthusiasmo e deliciosos instantes, não só dando-nos a bella musica dos melhores auctores como a voz educada e correcta de artistas de primeira nota.

Aqui estamos a espera e anciosos por assistir a sua estréa que se realisará com o «Guarany» do immortal Carlos Gomes, opera lyrica sempre muito festeja la do publico maranhense.

O velhaco Archimedes e sympathico Franco que não se esqueçam de nós.

Gravatas "Lavalières"

em tecido de seda e de algodão, grande variedade de padrões, na alfaiataria Teixeira---Maranhão.

Telephone 56.

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

Um homem de espirito tem o direito de dizer toliceis, um imbecil tem o dever.

J. Palma.

CAMISAS
francezas,
peitos de linho, sem punhos e sem collarinhos, na alfaiataria
Teixeira.

SALÃO LITTERARIO

Lei suprema

(Fragmento da comedia "A Legalidade"—inedita.)

SCENA IX

Dorothea, Maricota e Cazuza.

DOROTHEA

.....(*Voltando-se para Maricota*) E vôcê tenha juizo! Preparando-se p'ra regressarmos p'ra Loreto...

MARICOTA

Minha mãe: eu não os quero contrariar...

DOROTHEA

E querendo!

MARICOTA

Não sou eu...

DOROTHEA

Ora, bôa essa! E quem é que te faz—querer?

MARICOTA

(*Em tom solemne*)—O amor!

DOROTHEA

Vejam lá, como ella está adiantada! Não é ella que se quer casar... é (*como disse Maricota*)—o amor! E quem te ensinou a amar, não me dirás?...

MARICOTA

Quem foi?—A mamã!

DOROTHEA

Sua confiada! Eu lá te ensinei bandalhice alguma!

MARICOTA

Olé, si ensinou-me! Do seu cofresinho, que tem no bahú grande, cujo cadeado é facil de ser aberto, tenho lido, e relido, um maço de cartas, trocadas entre a minha mamã e o meu papá, em bons tempos que já se foram...

DOROTHEA

Sua pouca—vergonhada!

MARICOTA

(*Continuando, no mesmo tom:*) E essas cartas, que foram escriptas por pessoas a quem muito acato, já se vê, e de quem sigo os exemplos,—dizendo, commigo, que o que ellas fizeram é o que devo tambem fazer: essas cartas insinaram-me que se ama e é amada... e que depois...

DOROTHEA

Não prossigas, Maricota!

MARICOTA

(*Voltando-se para Cazuza*) Por ventura, serei criminosa em observar as licções de meus paes?

CAZUZA

Certamente que não. E' isso até muito louvavel...

DOROTHEA

Louvavel, por que lhes faz conta! Mas, ella que vá atraz d'isso!

MARICOTA

E tanto mais...

DOROTHEA

E tanto mais?

MARICOTA

(*Declamando*). . que uma lei suprema, cujos dictames obedecem até os seres irracionaes, diz-me que os passarinhos cantam, alegre e docemente... que a brisa perpassa de modo brando, e terno, por entre um vergel de perfumes embriagadores... que a vida se completa e se irradia... E, deante dessa lei, os nossos desejos se congregam n'um sonho doirado—que tudo nos promette...

DOROTHEA

Maricota!

MARICOTA

(*Continuando.*) Vãs todas as tentativas de desobediencia a essa lei sacrosanta, si não crime maior que todos esses que a humanidade imagina, os quaes não passam de mera convenção; emquanto que...

DOROTHEA

(*Embevecida.*) Emquanto que?...

MARICOTA

...a acção da Natureza é que determina aquella, com intuito generoso e sublimado... Tolice, absurdo e crime será, pois, pretenderem que a roseira vecejante não dê flor, e os pombos que já fendem o ar, não arrulhem, nem fabriquem ninhos... E por conseguinte...

DOROTHEA

E por conseguinte...

MARICOTA

(*Noutro tom.*) Escusado é vir alguem metter o bedelho n'aquillo para que não tem competencia!

SCENA X

Os mesmos e Irineu.

IRINEU

(*Trazendo alguns boletins.*) Perfeitamente exacto... fugiram cobardemente... Cá estão os boletins, e teremos passeata á noite...

DOROTHEA

O' Irineu... foi bom teres chegado. Está aqui a Maricota com umas idéas de philosophia um pouco intrincadas...

.....

AUGUSTO BRITTO.

Suspensorios, ultimas novidade, na alfaiataria Teixeira.

FOLHETIM

SUMMARIO:—A gente que se diverte—Capricho da sorte—Noites de S. João e de S. Pedro—Jogar cartas—Ser ou não ser amado—*Au revoir.*

Ouve, Leitor, e aprecia comigo como é que muita gente que sabe viver alegre e vae atravessando ponto por ponto na difficil romaria da vida.

Sim, muita gente que sabe viver e encara o mundo como um paraiso ephemero e cheio das cousas ideaes, que nunca maldiz da moral alheia, nem se mette a fallar do que não deve, embora alguem lhe morda a pelle na ausencia.

E' dessa gente que te observo e convido-te para apreciares comigo as suas bellas figuras de graça e de amor.

Por um capricho da minha sorte, não sei o que me attrahe e o que me impõe, sempre estou em companhia de semelhante gente que para mim é o riso da franqueza e do cavalheirismo e é o sopro impregnado da amisade.

Para essa gente o dia é uma aurora eterna e a noite tem sempre o brilho de prata do esplendido luar, porque é raro, muito raro, quando eu não me divirto entre ella e quando não tenho um instante de sociedade educada e honesta, com toda a expansão da alegria.

Ha poucos dias vivi todo captivo de um prazer profundamente são, a gosar horas inteiras e cartas de um brinquedo innocente e tradicional nas noites de S. João e de S. Pedro.

Em familia, com essa boa gente, joguei a sorte dos ovos num copinho cheio d'agua e li versos catitas de expressões velhacas num livrosinho bem trabalhado.

Gostei immenso do magnifico brinquedo que deu-me vasa para julgar que o mundo é uma criação profundamente nobre e que vivamente nos torna impressionaveis.

Considerei então que a vida não é uma cousa somente util para o trabalho do interesse, que tambem é uma parte poderosamente sentida para o espirito que procura se divertir sem prejuiso proprio.

A considerar assim o mundo e a vida, molho a penna na tinta de uma saudade dessas noites, cheias do mel do gosto e do prazer e lembro-me dos dois *triolets* que me foram lidos quando quiz saber se era ou não amado:

I

Si o olhar que te namora,
O teu amor não seduz,
A' saudade sua te implora,
Si o olhar que te namora,
Has de viver sem a luz
Desse amor, da esta aurora,
Si o olhar que te namora
O teu amor não seduz.

II

Si o amor, sublime amor,
Não prender-te á vida inteira,
Mais sublime não te fôr,
Si o amor, sublime amor,
Pede a sorte, galhofeira,
Que te abysme em funda dor,
Si o amor, sublime amor,
Não prender-te á vida inteira!

Ahi vês uma nota verdadeira do acaso que abrindo-me a folha do livro da minha sentença, dictou-me uma verdade que pode ter uma consequencia bem legitima.

Ser ou não ser amado—é o dilemma terrivel de um coração sentido e inclinado a grande affeição do amor, dilemma que me atira á cumplicidade das acções praticadas para observal-o sob uma sympathia cordeal e justa.

Como homem isolado no terreno vasto do amor, eu confesso a minha fraqueza que se junta, ás vezes, ás locubrações romanticas e as solicitações impropriasdo espirito terso que possuo; mas o que fazer?

Ridicularisar com desdem a mim proprio, seria uma imbecilidade philosophica do ante-natural e havia de romper comigo mesmo as hostilidades temiveis de um genio de luta para que eu me tornasse, não um homem investigador dos sentimentos do coração humano, mas um simples vivente piegas e réles.

Au revoir.

JULIO DUBVAL.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO III | *Maranhão, 31 de Julho de 1894* | NUMERO 27

REVISTA ELEGANTE

Sadi Carnot

Uma conspiração de anarchistas, sem um objectivo claro e bem definido ao movimento a favor das classes laboriosas, acaba de praticar um acto infame e vil assassinando com o punhal do temivel sicario um homem notavel por todos os titulos, o primeiro estadista e democrata politico da França contemporanea cujo nome escrevemos acima destas sentidas linhas.

A sua morte tão inesperadamente tragica foi uma consequencia do deffeito das classes que nada possuem no modo de agir contra o poder politico para levarem a effeito a organisação do trabalho, conquistada sob as bases de uma reforma social.

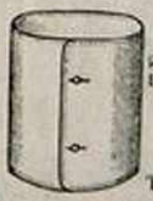
O terrivel anarchismo que é o damno infinitamente maior das nações civilisadas ha de mover-se sempre sob a força brutal do tumulto e do assasinato para fazer vingar a sua ambição sem acção de trabalho industrial e sem o direito do seu valor pessoal.

A França actual acha-se a perigar nas chammas do vulcão desse anarchismo corrupto e sem conveniencia politica e pratica, sem ordem benefica das theorias socialistas e do direito successorio, que lhe possam trazer no futuro uma economia dominante e boa.

Sadi Carnot, a victima da tyrannia dessa seita sem um principio de amor ao trabalho e sem o interesse innato á communidade social, como se ostenta a do puro socialismo; elle sem hesitação e sem covardia procurou desde o primeiro dia ao ultimo de seu governo mostrar aos seus concidadãos que era sympathico á causa da organisação do trabalho industrial como a fonte de valor das classes soffredoras e laboriosas.

Tinha elle no cerebro fecundo a idéa nobre do puro socialismo que exige unicamente as convenções estabelecidas nas leis magnanimas do codigo industrial e assim cogitava a todo instante por em pratica o heroismo dos seus preceitos como um principio do bem geral e como um grande beneficio a sua estremecida patria.

Sim, Sadi Carnot, não queria nunca ser indigno de tudo que é sincero e humano, nem procurou nunca anniquilar o systema economico social a dar força á prepotencia dos capitalistas contra a communidade industrial, ao contrario era elle o democrata ousado sempre a tomar a resolução definitiva de romper em favor da riqueza nacional e do braço laborioso na grande luta do trabalho.



Punhos de puro linho, grande variedade em feitios, recebeu a alfaiataria

Teixeira.

Telephone 56.

A MODA

A gravura de libré

Junho de 1894.

Falar de moda no momento em que personalisar morta a estação, seria um pouco tardio, parecendo-nos, entretanto, que o seria mas não o favorecer para aproveitar uma gravura ou coisa de ser conservada nos archivos da moda, e que pode ser de utilidade em certas occasiões.

Na epocha actual, a grande libré agalonada, adornada de armas, bordada com o mais fino trabalho e desapparecer, e, por força das mesmas circumstancias, não vemos a ir-se a nos, nem nos mais em Europa, onde de que uma simples lembrança.

Nos paizes monarchicos, os lacaios adornados com

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
—IMPERIAL—
Caixa no correio--40

Em 12—as Exmas. Senras. D. Lucia Fernandes Rosa e Anna, filha do nosso amigo Antonio Rodrigues de Souza;

Em 13—as Exmas. Senras. DD. Rosa Nina Parga Castro, Maria Augusta Castro, Tenente-Coronel Alfredo Ferreira da Silva, e o Senr. Antonio d'Almeida Bessa;

Em 14—a Exma. Senra. D. Victoria Rodrigues de Mello e o Senr. Antonio Pires Ferreira;

Em 15—a Exma Senra. D. Maria Augusta da Silva Moreira e o menino Bernardo, filho do Dr. Carlos Peixoto;

Em 17—o menino Raul, filho do Senr. José da Silva Rodrigues e o Senr. João Gonçalves da Rocha Junior;

Em 18—a Exma. Senra. D. Amelia da Cunha Barros e Vasconcellos e o Senr. Harold Harris Sabino Broadbent;

Em 19—a Exma. Senra. D. Leontina Rodrigues de Mello, o Dr. Augusto de Mello Rocha e o nosso amigo Archimedes Rego;

Em 20—as Exmas. Senrs. DD. Filomena Adalgiza Rodrigues de Mello e Angelina de Souza Rego;

Em 21—o Senr. Candido José Ribeiro, o Major João Paulo de Miranda Góes, o joven Carlos Torreão Franco de Sá e a menina Maria Luiza, interessante filhinha do Senr. José A. Silva Galvão;

Em 22—o Senr. Raimundo Tolentino Lisboa Coqueiro, o Dr. Goetz de Carvalho e a menina Alice, filha do Senr. Antonio da Silva Santos;

Em 24—o Senr. Roberto das Neves e Silva e o menino Antonio Barreiros Coelho, filho do Senr. Carlos Coelho;

Em 25—os Senrs. Luiz de Medeiros, Benicio Augusto Rodrigues e Oswaldo O. Mendes;

Em 26—a Exma. Senra. D. Maria Zeferina Moreira, a menina Conceição Barreiros Coelho, filha do Senr. Carlos Coelho e o Senr. Zeferino Archer da Silva;

Em 28—a Exma. Senra. D. Julieta Vicentina Moraes Rego, o Capitão de Engenharia Augusto Tasso Fragoso, o menino Raimundo, filho do Dr. Joaquim Lobo e o joven Egydio Gonçalves da Silva Rodrigues;

Em 29—a Exma. Senra. D. Raimunda Leopoldina da Silva Ribeiro e Candida, filha do Senr. Antonio Rodrigues de Souza;

Em 30—o Senr. Antonio da Silva Monteiro;

Em 31—a Exma. Senra. D. Amancia Alexandrina Pires da Fonseca;

Aceitem os nossos parabens.

Maquinas para costura, de todos os auctores, vendem-se na alfaiataria Teixeira.

Telephone 56

SOBREMEZA LITTERARIA

Triolet

O mimo não recebeste
Que offreci-te aquelle dia,
O meu amor offendeste,
O mimo não recebeste,
E' que és má, não sabia,
Má acção tu commetteste!
O mimo não recebeste
Que offreci-te aquelle dia!

Julio Durval.

Pensamento

No vasto labyrintho d'este mundo tudo é ordem para os sabios e desordem para os necios.

Zama Costa.

Quadra

Um fato feito com gosto
Pela casa do Teixeira
Faz um sujeito disposto
A sahir da *quebradeira.*

Til Pelintra.

No Prado

Minha Ceci, acusas-me de jogador, que insulto! e não tens remorso...

—Digo-te a verdade, Juca, é a tua cachaça que te fará mattar o nosso amor!

—Perdoa-me, mas *minha cachaça* verdadeira—é o fogo de teu olhar que queima-me o coração e o mel de tua bocca que embriaga-me o ser quando te beijo feliz.

Charadas

VI

Esta parte do corpo personagem da fabula exigencia—1—2

VII

Na musica, na musica, na musica—1—1.

VIII

O animal no signal orthographico e instrumento de carpinteiro—1—1.

IX

Na musica e nas cartas não são boas e é prejudicial á saude—1—1—1.

X

Come-se o passaro palrador—2—2.

Anedocta

Um sujeito um pouco distrahido:—Muito estimo vel-o! Como está sua mulher?

O outro com espanto:—Eu não sou casado!

O distrahido:—Ah! sim? Então sua mulher ainda está solteira?

Decifrações

Foram os Senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 26 do nosso jornal:

Dr. Copen—charada—I—Lisboa.
Paulo Andren—charada—II—Falua.
Juca Rosa—charada—III—Rancor.
Luiz Dumas—charada—IV—Manacá.
Dr. Tom-Tim—charada—V—Paraty.

EXPEDIENTE

No Lyrico

Umas noites de magnifico sentir, deu-nos o maestro Joaquim Franco com a sua Companhia Lyrica bem regular, que retornou o nosso theatro n'um salão de novidades artisticas e frequentado pelo avido publico maranhense.

O Joaquim Franco merece sempre de nós elogios, si bem que em alguns pontos dos contractos que faz com o nosso publico descuide-se de merecel-os, mas o que é certo, o que é inegavel, é ser elle amigo deste torrão e com esforço de vontade tem procurado dar-nos a ver alguma coisa do grande mundo artistico.

A sua Companhia Lyrica cantou com muita arte e amor duas opera de precioso valor—o Guarany—de Carlos Gomes e—a Aida—de Verdi.

Quatro artistas de nota trazia ella, a deliciar-nos sempre correctos, sempre sympathicos e sempre attrahentes, a Sra. Gabbi e os Srs. Bulterini, Vinci e Nicoletti.

Como artistas tinham elles o verdadeiro grau de sensibilidade de seus orgãos, da sua intelligencia e do seu saber para conhecer o valor consideravel do segredo de uma boa execução.

Parabens ao Franco pelo exito obtido e que nos traga breve outra Companhia de ordem mais elevada.

A Legalidade

Offereceu-nos o nosso amigo e distincto redactor Augusto Britto um exemplar de uma comedia de costumes e de factos da actualidade, cheia de muito espirito e graça.

E' mais um producto brilhante da sua penna de comediographo de talento, e a respeito da mesma obra damos a palavra ao illustre Senr. Adherbal de Carvalho:

Meu caro Sr. Augusto Britto.

Acabo de ler a sua comedia em um acto *A Legalidade* e, muito envez do que me tem acontecido, dou por bem empregado o tempo que despendi na sua leitura.

A Legalidade, sobre ser um trabalho genuinamente brasileiro quanto aos costumes e á *allure* artistica, pertence ao numero dess s trabalhos theatraes que se impõe pelo *tic* philosophico, pelo humorismo germanico e pelo ar de novidade, o que raramente se dá com os trabalhos congeneres, que todos os annos pullulam nos nossos theatros.

Desde que travei relações intellectuaes com suas producções theatraes que disse de mim para mim: Aqui está um comediographo que ha de salvar o theatro nacional do marasmo a que está condemnado pela inercia dos nossos homens de lettras.

E não me enganei certamente, porquanto esta sua nova producção se não é melhor do que as anteriores, indica comtudo uma applicação mais apurada, um espiraculo aberto ao novo caminho por onde parece querer se encaminhar a moderna escola do theatro: a philosophia.

Dou-lhe sinceros parabens por mais este triumpho obtido nas lettras patrias, e aproveito a occasião para agradecer-lhe o exemplar que teve a gentilleza de offerecer-me, acompanhado de umas tantas amabilidades, que somente á sua sympathia e amisade posso attribuir.

Do amigo e admirador,

A. de Carvalho.

Um invento maranhense

No dia 7 do corrente mez o nosso illustre coestadano, sr. Ladislau Aranha, fez, n'esta cidade, experiencia publica do apparelho de sua invenção denominado, *Raspador e pintor dos navios*—, destinado á raspagem e á pintura de navios fluctuando no mar. N'essa experiencia a que, fazendo parte de sua concorrencia, assistiram o sr. Vice-Governador do Estado, differentes membros de varias associações e da imprensa, onde a nossa *Revista* estava representada, em virtude da delicadeza de convite previo, que agradecemos, foi verificado o bom exito do referido apparelho, que, a tornar-se uma realidade, como é de esperar, constituirá uma incontestavel vantagem para o fim a que tem de ser empregado; resultando d'isto um triumpho para o seu laborioso auctor e mais uma gloria para o Maranhão.

No Prado

Duas corridas assistimos sob o frenesi do enthusiasmo na grande area do Prado Maranhense, uma em 15 e a outra em 29 do mez que hoje expira.

A animação popular que via-se em ambos os dias, dava-nos a crer a magnitude da distracção que fez-nos alar o espirito aos paramos azulados de uma phase de vida, de vida nova e boa, sem o martyrio de um desgosto.

Ali havia o bello sexo, a alma e a vida do coração do homem, entretido a observar na sua desfilada temivel o vencedor em cada corrida executada.

Havia tambem do sexo forte a jogatina desbragada na bolsa das *pules* de cada *pareo*, mas uma jogatina que influia ao mais usurario no globo terrestre.

Um bravo a novel e distincta Directoria por tão soberbo divertimento.

Ephemeras

Os acreditados Srs. Ramos de Almeida & C., proprietarios da *Livraria Universal*, esperão a todo o momento da Europa as Ephemeras, livro de versos do distincto poeta Sr Adherbal de Carvalho de que são editores.

A edicção é de muito luxo, quer quanto os autographos, quer quanto a encadernação.

No salão litterario desta nossa *Revista* damos entrada a uma das poesias das Ephemeras, para que os nossos leitores possam fazer uma idea das poesias de tão precioso livro.

Impresso por João R. A. Lomba, na Typographia particular da alfaiataria—Teixeira.

O resultado—que é d'um supplicio eterno para si, redunda n'uma fatalidade para a sociedade.

Não lhe permittem amar, mas apenas ser amada; não consentem que ellas se casem, mas que sejam casadas, o que importa, não ha duvida que n'um tormento moral para si, mas, tambem, n'um cumulo de males para a humanidade. A atrophia dos seus affectos, ha de, forçosamente, produzir o atrophiamento dos nossos successores vitaes. Um crime hediondo, talvez, de lesa-natureza, contra cuja reincidencia nem o irrefragavel exemplo, que nos fornecem todos os demais seres terrenos, tem sido considerado bastante!

E, devido a taes determinações, que encontram sancção, até na generalidade das nações que se dizem—cultas, por entre as differentes camadas sociaes, a mulher, resignada, ou inconsciente, deixa de parte serias occupações,—de collaborar, de accordo com sua força e com sua intelligencia, no grande concerto do trabalho humano, para entregar-se a futeis encargos, tornando-se simplesmente vaidosas ou presumidas de sua belleza.

Não merecem accusações por motivos de taes factos, os quaes são auctorisados com as leis severas que restringem a sua liberdade.

E, assim, á mais formosa creatura veda-se o direito de acção,— deixa-se que ella se enerve e se enlanguesça sob o peso das maiores iniquidades e tyrannias!

E, no entretanto, não medem o alcance e as consequencias de tamanho erro! Fallam em progresso, fallam em evolução social, em engrandecimentos e culturas das nações—e não veem que taes coisas não pódem ter execução, quando uma parte, a maior, da humanidade, tem os sentimentos suffocados, os movimentos tolhidos—em uma palavra—está ainda escravisada!

—Estas considerações acodiram-me com a leitura, que acabei de fazer, de uma noticia, inserta n'um jornal europeu, referente á primorosa escriptora Lady Cook, Viscondessa de Monserrate, que, esforçada e vigorosamente, se está occupando, na Inglaterra, com a reivindicação dos direitos da mulher.

AUGUSTO BRITTO.

Chapeus de filtro e palha permanente sortimento na alfaiataria Teixeira.

Bucólica

Minha querida, todas estas flores
Que embalsamam o ar que respiramos,
Ellas, e mais o sol com os seus ardores,
Não têm jamais os teus consoladores
Que nos teus olhos sempre contemplamos!

Nem a vivida luz das alvoradas
Ou mesmo o pipilar terno das aves,
Tem o subtil frescor das madrugadas
Destas madeixas louras, encantadas,
Destes teus olhos morbidos, suaves!

Que lembrança infeliz neste momento
Acudiu-me a razão alucinada
Desde o dia do meu encanamento!
Impede-me um fatal presentimento
De vir contar ó minha doce amada!

Vamos, porem, deixar tudo o que é triste
E tudo que não fôr pura alegria.
Visto que o meu amor jamais resiste
Ao phrasear infantil que me assiste
Nesta quadra de gozo e sympathia.

Porque havemos de aqui chorar, querida,
Onde o sol é tão bello e as aves cantam
Se a chorar vão levam a sua vida?
O mundo e a floresta escurecida
Em que o Dante pintou dôres que espantam!

Ha por todo isso uma alegria infinda
Que de um bello prazer me tantalisa!
Vejo a cor de teus olhos nesta linda
Cúpula azul do ceu, e mais ainda
Nesse volatil que pelo ar desliza!

Adherbal de Carvalho.

Novidades em cazemiras para fatos e calças na alfaiataria Teixeira.

Bacchante

Entonteces-me com o perfume quente de tuas negras tranças; prendes o meu coração com esse olhar perverso de cortezan, que fere com um punhal traiçoeiro, subjugas o meu espirito com o teu soberbo perfil de bacchante e o sorriso feiticeiro e assassino...

Quem és tú que zombas da dor e zombas dos martyrios, para quem a noite, com a sua escuridão mephistophelica é, um asylo sereno de poesia e conforto, para quem o mundo e a eterna symphonia do goso, com as suas notas de uma transparencia limpida como a dos crystaes preciosos?

Quem és tú?

O demonio em forma de mulher que seduziu o primeiro homem, a serpente que se enrosca na arvore e espera com o olhar rubido e acceso a victima para inocular-lhe a essencia venenosa?

Seja como fôr, entonteces-me quando passas exhalando um perfurme que não encontro nas outras mulheres, um perfume capitoso, que produz o effeito dos vinhos espumantes:—embebida de delicias e a gente vê cousas que nunca viu e sonha com um mundo phantastico de perennes venturas...

Eu creio que vieste de algum paiz ignoto, lá onde a belleza classica do paganismo inspirou a architectura grega.

E' por isso que seduzes os homens com os teus maneios languidos e a calentura nervosa do teu olhar de uma sensualidade esquesita e provocante...

Os teus vestidos são como a tenue armadura de uma estatua, velando o pudor, mas descobrindo atravez da cambraia, a rosea palpitação das carnes sadias e o alvoroço do sangue que corre em tuas veias das filhas das Hespanhas.

Dizem que és boa, que matas a fome das criancinhas nuas, sem tecto e sem abrigo, expostas ao sol e á chuva; dizem que no teu coração brotam ainda sentimentos alvos como os brancos frócolos de neve que se extendem por sobre as montanhas.

Si és demonio ou mulher ignoro; o que sei é que entonteces-me com o perfume quente de tuas tranças e subjugas o meu espirito com o teu perfil soberbo de bacchante e sorriso feiticeiro e assassino...

Rufiro Tavares.

Meias finas de tecido de la e fio-d'escocia, para homem, de cerzeira padrão, na alfaiataria Teixeira.

Ideal

Eis o paiz ideal, que em sonhos d'ouro,
Aqui o artista das mãos inspirado,
E em flores, ramos e folhas desata
A mais e a virginal thesoura;

Aqui perpetuo dia ardente e louro
Longuro, e, na incessante e na carreira,
A agua alandra toda a sua prata,
E os laranjaes e o sol todo o seu ouro...

Aqui, de rosas e de luz tecida,
Leve mortalha envolta entre d'edroços
Do esbelto corpo, q'inda me prende ao mundo;

E a terra, a mãe, aqui, no fim da vida,
Para a nudez me cobrir dos ossos,
Esgaze alguns palmos do seu verde manto.

Raimundo Corrêa.

Suspensorios, ultima novidade, na alfaiataria Teixeira.

No Boudoir

.....

—Não faça isso! olhe que se prejudica, disse-lhe eu, entrando no seu *Boudoir*, justamente na occasião em que ella partia uma bellissima jarra do Japão com o fino feque de madreperola, agitado por mão nervosa.

—Ora! fez-me em resposta, mordendo a polpa do labio rubro.

—Zangou-se, não é? Com certeza o esperava, e elle...

—Fez o que todos os homem fazem: não veio, faltou á sua palavra.

—Sim? Malvado!

—Mas elle me paga, eu o juro!

—Ah!

—Nunca o trahi, mas d'esta vez...

—Sim?...

—... elle ha de ver para quanto presta o tratante!

E, dizendo estas palavras, que lhe sahiam nos labios, sibilando recostou-se ao divan de velludo *bleu-ciel*, bordado a ouro, emquanto o roupão semi-aberto, deixava apparecer uma pontinha do seio ligeiramente roseo, n'uma provocação de beijos.

Não pude vencer-me. Approximei-me d'ella, cahi de joelhos sobre o tapete, e, quando me preparava para oscular-lhe a dextra perfumada, ergueu-se o reposteiro, e o meu amigo, o dono do bello ninho, murmurou sorrindo-se:

—Bonito quadro, digno de um Tintureto! Sem ceremonias, continuem.

Somel.

Chapeus de PALHA
Grande variedade em formatos
—NA—
Telephone 56. **Alfaiataria Teixeira.**

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de agosto proximo:

Em 1—a Exma. Senra. D. Juventina Ferreira de Souza e o Commendador Candido Cesar da Silva Rosa;

Em 2—os Senrs. Armando de Oliveira Almeida, Francisco Estalio Castello Branco e a Exma. Senra. D. Rosa Emilia Ribeiro;

Em 3—os Senrs. Manoel Ribeiro da Cruz e José Augusto Correia;

Em 4—a Exma. Senra. D. Abigail Ferreira de Souza e o major Odilon Thomsen Roso;

Em 5—a Exma. Senra. D. Zulmira Beckett e o Senr. Manoel de Bittencourt;

Em 6—as Exmas. Senras. DD. Adelina Rosalina Ferreira Guimarães, digna esposa do Senr. Sebastião Pereira Guimarães, Maria Amelia Leal Guimarães, os Senrs. Antonio José Ferreira e o Dr. José Rodrigues Fernandes, distincto medico d'esta capital;

Em 7—o Coronel Frederico Gonçalves Machado, congressista do Estado;

Em 8—as Exmas. Senras. DD. Zulmira d'Almeida Barbosa Marques, digna consorte do nosso prestimoso amigo e Senr. Commendador Augusto Cesar Marques, Rosa Leal de Castro Miranda e Maria Augusta de Castro;

Em 9—a Exma. Sra. D. Mariana Joaquina Teixeira Janseen Ferreira, a menina Neyde, filha do Dr. Manoel Janseen Ferreira e o travesso menino Amadeu Armas;

Em 10—a Exma. Senra. D. Amelinda Magalhães de Salles e o Dr. Lourenço Valente de Figueiredo;

Em 11—os Senrs. Augusto de Mattos Pereira, a menina Rosa, filha do Senr. Antonio Bayo e o José Vieira Cadre.

renunciando por muito tempo talvez a esse luxo, porque—*noblesse oblige*—; porem, entre nós, tanto a nobreza, como a burguezia e os plebeus, contentam-se com a pequena libré.

Alfaiate de grande e pequena libré tem sido uma especialidade propria da intelligencia, de gosto e dos conhecimentos, não podendo taes requisitos ser adquiridos só não por uma longa pratica. Seria necessario um pessoal habituado a executar este genero de trabalho tão delicado, quão difficil, e nas nossas grandes exposições todos se hão convertido dos maravilhosos n'este genero, pelas vitrinas de nossos grandes especialistas parisienses.

A pequena libré burgueza actual não exige um saber profissional, e tudo alfaiate de aldeia pode fazer esse genero de vestuario, pois que o corte e a costura nada offerecem de particular. Uma gravura bem desenhada é bastante para o conhecimento do alfaiate, e a que damos offerece, pela precisão dos menores detalhes, a garantia do bom exito.

A côr, sendo uma questão de pura phantasia, é indicada pelo proprio freguez. O que não se admitte são misturas. O azul mais ou menos vivo, o verde carregado, o pardo, o avelã e o preto são as côres habituaes que se vê pelas grandes ceremonias ou ao passeio.

O 2.° personagem traz a libré de sahida da casa do presidente da Republica: vestido azul, abotoado por 4 botões de libré, com laticines em arnaes da casa. Um transparente listado de azul e branco, que faz cordadura abaixo da parte anterior e á quebra do avesso e da golla, compõe o unico ornamento deste vestuario; o estofo que guarnece este transparente e, segundo as casas, listrada, de amarello e branco, amarello e preto, sendo tambem empregados o vermelho e branco ou vermelho e preto. Os calções são feitos em pelluccia azul, mais viva que o azul do pannos. As meias são brancas, sem, para maior simplicidade, poder-se adoptar meias pretas ou azul carregado; sendo de rigor a gravata branca. As contas do 1.° personagem dá a forma exacta das alas.

O 3.° personagem representa a mesma libré pelo interior. A casaca mais curta, e o avesso termina no 3.° abotoadura. As calças meio-largas substituem os calções. O passo e o mesmo que o da casaca de sahir. O chapeu com laço tricolor e fita preta; mas as casas aristocraticas conservam as sobrecasacas e chapeu com galão de ouro ou prata. O laço preto e o galão da mesma côr servem para as sahidas não officiaes; e emfim, o chapeu mais largo, adoptado de preferencia por todos.

O pequeno groom, fazendo o serviço dos corredores, e sua costume adopta-se nos grandes hoteis, nas grandes lojas etc. A côr fica a escolha de quem o encommenda. Botões metallicos formam *dessin-grelot*, sem de côr viva, amarello, principalmente, e o seu avesso muito simples do vestuario que, sem regimento, termina em ponta pouco accentuada.

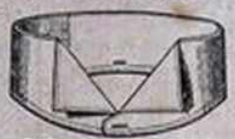
O 4.° personagem representa o moço de banco ou de grande estabelecimento. O pano é marrão azul ou pardo, e botões de metal com algarismo da casa; e suas fitas, ou relaxado, tal e o seu cassão, cuja forma é invariavel.

O cachecol, visto pela frente e pelas costas, é bastante para toda a explicação. A côr de azul é a que trazem mais; no entanto, muitas casas adoptam o azul e o castanho como simplicidade. O grande botão de metal é de rigor.

O 3.° e 5.° personagens representam o cocheiro e o lacaio para os passeios da estação temperada.

(Trad).

Collarinhos de puro linho, nova remessa, recebeu a alfaiataria---Teixeira.



Telephone 56.

SALÃO LITTERARIO

A liberdade da mulher

A par da grande injustiça estabelecida no seio da sociedade, desde as vetustas eras, que importa na oppressão, e na negação demasiada da liberdade da mulher, males enormissimos, para a humanidade, geralmente, derivam-se de taes leis, praticas e costumes.

Espesinhada a mulher no tempo da barbaria, pelo simples motivo da sua debilidade physica, comparada ao homem, visto como, por esse tempo, a rasão e o direito eram reconhecidos pela força material, —ainda hoje, que são volvidos numerosos centenarios, durante os quaes, lenta e cruelmente tem se lhe feito limitadas concessões,—ainda hoje, dizia eu, no seculo que é proclamado das luzes—quando nos consideramos civilisados e cultos—a mulher, não mais em virtude da doutrina acceita pela lei da força, mas por simples preconceitos, que se esvaem perante os assertos da rasão e da logica,—clama, embalde, por sua liberdade.

Ultimamente, é certo, e quando muito, alguns pretensos reformadores, cogitaram, para ella, no restricto direito do voto, do suffragio, e do aproveitamento de suas aptidões em differentes ramos de trabalho.

Mas isto mesmo, ou isto tudo, aliás ainda com apparencia de utopias,—em caso de triumpho, e de facto, seria bastante? A mulher estaria livre? Ter-se-ia por entre ella repartido os direitos concedidos ao homem?—Não, certamente. A injustiça tremenda, e fatal, ainda se daria, si nisso ficasse. Seria meia concessão sobre alguns direitos materiaes, que, afinal de contas, na lei se estenderia aos de sua liberdade.

Que martyrio maior fôra imaginado que o da negação da liberdade—entre a humanidade ou entre os demais seres subsistentes? Tolhida a liberdade, affectivamente se terá estabelecido a escravidão no opprimido; e é isto, na lei mais, na lei menos, imposto á mulher.

Pede ella liberdade nos seus passeios, nas suas licções, nos seus exercicios, nos seus vestuarios, nos seus movimentos, e, o que é mais, nos seus amores—e não lh'a concedem!

FOLHETIM

SUMMARIO—O theatro—A opera o Guarany—Carlos Gomes—A musica imitativa dos sentimentos—Resposta da nova escola—Um bravo—Um amigo em decepção d'amor—Considerações philosophicas—Ao revoir.

Caro leitor, acostumei-me a fallar-te de cousas boas e apreciaveis, de cousas que educam e alegram o nosso espirito, por tanto, sem mais preambulos, vou fazer-te sentir o que sinto com relação ao nosso theatro que deu entrada nos seus bastidores e procenio á uma companhia lyrica bem regular.

Como me deves ter comprehendido sou um dos mais assanhados apreciadores do theatro lyrico, porque vejo-me todo preso aos elementos da Arte musical pelo dominio da minha sensibilidade.

Cantou-se ali o Guarany pela primeira vez, opera magistral, da concepção genial do nosso patricio Carlos Gomes, talento de primeira nota na ordem das celebridades européas.

Nunca senti-me tão bem como nessa noite, a ouvir uma musica bem feita, bem trabalhada nas suas formas de instrumentação e de modulação vocal, a estabelecer uma verdadeira especie de poetica de circumstancias que se applica segundo os casos e os individuos do seu conjuncto.

Nunca senti-me tão bem, porque essa bella musica não me fez remover do coração e do espirito tudo quanto possa paralysar a acção do entendimento e proporcionar-me o sabio conhecimento dos sensaes apuradas pela educação de uma nova escola.

O Guarany como opera de primeira grandeza é um producto primoroso do novo romantismo da arte musical que actualmente se acha sujeita a frequentes mudanças, e é tambem a base fundamental da grande reacção da musica *imitativa* antiga que não tinha a acção verdadeira de exprimir as diversas emoções da alma e da natureza.

Eu padeço ainda por não ouvil-a mais vezes para observal-a como devia desde a primeira nota da sua symphonia a ultima phrase do seu protogonista.

Somente um bravo commovido no orgulho do meu enthusiasmo eu tenho a vibrar a Carlos Gomes, a alma artistica no vivo sentimento e na profunda sensação, a demonstrar que a musica é uma arte de exprimir todos os aspectos do mundo interior e exterior.

—

Essa estação feliz do theatro lyrico, caro Leitor, trouxe tudo de utilidade para mim e para um amigo que aprecio como um irmão.

Infeliz, como elle chama o seu coração, teve uma phase de distracção bem viva e attrahente, que o fez renascer num outro mundo de chimeras mais suggestivas ao praser.

Ha pouco perdera, o meu bom amigo, o seu ente adorado, o seu ideal d'amores, perola que lhe deu o desgosto de um rival temivel a conquistar-lhe o direito de posse.

Esbaforido e triste vivia esse amigo a fazer versos e a guardal-os no seu album, escripto do seus intimos sentimentos; mas eu que sou abelhudo e leviano, ás vezes, quando encargo uma cousa boa, vou sem mais nem menos, dar a ler ao caro Leitor, o seguinte soneto:

Decepção

Julguei-te um dia boa e franca e crente
para aquelle que canta a desventura,
um sopro só de vida na frescura
de teus labios me dêsses meiguamente.

E assim fallei-te e quiz-te, ó creatura;
mas tu que bóste a lenda da serpente;
no olhar a dor me déste friamente,
no riso a garra adunca da tortura.

Ah! decepção atroz! Profundamente
agarrou-me de dor o peito preso
pelos ciros de um sonho matinal.

Como um martyr de amor, inconsciente,
eu fui beber o fel do teu desprezo
no triumphante riso de um rival.

* *

Guardo-lhe o nome para que o rival que talvez me leia não se julgue mais triumphante na causa da sua victoria e não pedantei um pouco a sua estremecida ignorancia do que é o amor.

O meu amigo perdeu uma mulher que elle suppunha amavel, foi por isso infeliz talvez, mas o que fazer?

Perder-se uma mulher que se ama não é cousa que nos quebre a cabeça nas bordas de um abysmo, é um facto muito natural, visto que está provado o sentimento do amor ser um effeito hypnotico e na lei mais.

Julgar-se infeliz, porque uma mulher não lhe aspira com egoismo para o seu dominio, é uma fraqueza de imbecilidade que não me é dado a comprehender.

Está o caso porque eu amo mais a musica que é uma cousa inoffensiva do que a mulher, porque não quero ser victima da minha imbecilidade na geringonça do amor.

Ao revoir.

JULIO DURVAL.

Meias para homem na alfaiataria Teixeira.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO III | *Maranhão, 31 de Agosto de 1894* | NUMERO 28

REVISTA ELEGANTE

Jean Casimir Perier

O nome que acima escrevemos é de um homem illustre por todos os seos dotes, um homem que tem sabido conquistar do povo francez a estima e a admiração despertadas expontaneamente pelo muito que tem feito á patria que lhe é o berço.

De indole conservadora como foi Sadi Carnot, adestro pelo profundo estudo de um estadista sabio, que não se submette a paixões partidarias e que só visa o interesse social e o bem estar do paiz que periga sob o attentado odioso do maldito anarchismo, Casimir Perier acaba de ser glorificado como presidente da Republica Franceza.

O seo programma de governo mostra a sensatez dos grandes homens de talento e é um bonito conjuncto de idéas novas e nobres, refractarias a todos os movimentos que importem n'uma modificação radical das formulas governativas do seu antecessor.

Rico de fortuna e de talento ha de sempre exigir do povo que sabiamente vae governar a ordem natural das cousas e o progresso social sem a campanha perturbadora e cheia de perigos, para que a França nunca descaia da sua prosperidade e prestigio e tenha sempre a admiração das cultas nações.

O tino governativo e a seriedade das suas theorias, hão de lhe dar o verdadeiro valor na grande luta que vae abrir para sempre manter as leis no ponto elevado do respeito e da dignidade social.

Conhecido patrioticamente como um vulto de eminente estadista procurará bater o movimento anarchista que convulsiona a França inteira e desorganisa todo o seo meio social sob o terror das ambições apaixonadas e sem um intuito benefico e util.

Admiramol-o, quando amigo de Gambetta, atirando por terra a medonha tramoia de Mac-Mahon e admiramol-o agora, vencido em frente de um governo novo para fazer vingar o direito de um povo e reprimir o abuso de uma seita que se eleva pelo tumulto e pelo assassinato.

Chapeus de feltro--qualidade superior na alfaiataria TEIXEIRA

Telephone 56.

A MODA

A gravura de caça

Julho de 1894.

Damos, em cada anno, pela mesma epoca, uma gravura de caça, sempre de muita utilidade.

Muito embora possa variar de um a outro anno a forma de taes vestuarios, tem o alfaiate necessidade d'um documento exacto para apresental-os a seos freguezes.

A gravura d'este anno representa os modelos que tem tido preferencia.

O que é preciso indagar n'este genero de vestuario é, primeiro que tudo, si são de largura exagerada para os espaldas e para o peito, e evitar todo e qualquer excesso de cintura no talho. O genero bom e ligeiro, ajusta-se no todo por um cinto de cetim de 6 cent. de largura, no interior do qual põe-se um pouco de linho grosso. As dobras são formadas por gravatas ao lado de cada lado.

Damos, enfim, um excellente modelo, feito para o costumeiro de 20 cent., de peito. Esta ou as outras ideas podem se fazer, para maior simplicidade, sem dobras, e, ao contrario, em alguma sedim, como se vê e se deve fazer.

As calças são feitas a contento dos freguezes, ou muito largas nas pernas, ou de largura media e, ou mesmo estreitas; porem, qualquer que seja a largura adoptada, convem sempre muito comprimento, para facilitar o andar e baixar no movimento.

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

IMPERIAL

Caixa no correio--40

SOBREMEZA LITTERARIA

Coração da mulher

O coração de uma menina de 10 annos é um caderno em branco.

O de uma moça de 15 annos é um livro de mimosos sonetos que respiram o suavissimo perfume do amor.

O de uma moça de 20, é um elegantissimo escripto em paginas rosadas.

O de uma moça de 30, é um volume em que por falta de espaço começou-se a escrever nas entrelinhas.

O de uma matrona de seus 40 annos, é um exemplar desfolhado que só serve para embrulho... de manteiga e chá.

O de uma velha de 50 annos, é um documento historico, onde os moços vão tomar licções.

Triolet

Cançado de te pedir
O que me negas, morena,
Vou me ausentar, vou fugir,
Cançado de te pedir!
Do meo soffrer não tens pena,
Nem me queres mais ouvir,
Cançado de te pedir
O que me negas, morena!

Til Pelintra.

Pensamento

A consideração é a renda do merecimento de toda uma vida.

J. Palma.

Anedocta

Um bohemio pára defronte da *vitrina* de uma casa de artigos de viagem.

---Quer comprar uma mala? perguntou-lhe o dono do estabelecimento.

---Para que?

--Para guardar a sua roupa.

--E eu então hei de passear nú?

Quadra

Si Teixeira vir entrar
Um freguez na casa sua,
Julga que lhe vae comprar
Uns lenços de seda crua.

Gil Velhaco.

Anagramma

Gaspar Teixeira
Alfaiataria Maranhão
Novidades
Parisiense
Roupas
Feitas
L'argent

Elegancia
Simplicidade
Baratesa
Bom Gosto
Sinceridade
Garante-se
Estimavel
Freguesia.

Julio C. Monteiro.

Anedocta

Dous patuscos parisienses resolveram certa noite ir ao theatro sem pagar entrada.

Apresentando-se ao porteiro como escriptores dramaticos; perguntou aquelle ao primeiro:

---O seu nome?

--Alexandre Dumas.

O porteiro curva-se reverente e deixa-o passar.

E o senhor? disse o porteiro, dirigindo-se ao segundo.

---Eu tambem sou...

--Perfeitamente, pode entrar.

Logogripho

(POR LETTRAS)

Aos charadistas Maranhenses.

Eis aqui, caros leitores,
Um logogripho mal feito,
Que depois de decifrado
Achal-o-heis bem direito.

Sou fructa *mui saborosa*, 4, 5, 2, 6.
Moeda antiga tambem, 4, 3, 1, 4.
Sou mulher da velha Historia, 4, 5, 1.
Que conheceis muito bem.

E' tambem outra mulher, 3, 2, 5, 4, 5, 1.
Por todos vós conhecida,
Finalmente vou mostrar-vos
Uma ave appetecida, 3, 2, 6.

CONCEITO

E' tão claro o logogripho
Que conceito não merece,
Pois depois de decifrado,
—Esta mulher apparece.

José P. da Silva Vianna.

Decifrações

Foram os Senrs. abaixo que decifraram as charadas do n. 27 do nosso jornal:

Mosca Torta—charada VI—Pedido.
Til Pelintra—charada VII—Solfa.
Juga Tigre—charada VIII—Gentil.
Doutor Paraty—charada IX---Miasmas.
Felix Pagode---charada X---Papagaio.

Maquinas para costura

Domestic, Singer e New-Home

Deposito permanente, em todos os numeros na

Alfaiataria—TEIXEIRA—.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de setembro proximo:

Em 1—O Senr. Filomeno Cesar Borralho;

Em 2—a Exma. Senra. D. Anna Izabel dos Santos Ribeiro, virtuosa esposa do Senr. José Pedro Ribeiro, a Exma. Senra. D. Maria Izabel Collares Moreira, a interessante menina Nelia, filha do Major Odilon Tompson Rosa e o distincto cirurgião dentista o Senr. José Antonio Mello Fernandes;

Em 3—a Exma. Senra. D. Anna de Bittencourt, virtuosa esposa do Senr. Manoel de Bittencourt, a Exma. Senra. D. Guiomar Thereziha de Goes, cunhada do Senr. Alfredo Nicolau dos Santos, a Exma. esposa do Senr. Lilonio Valle e a menina Graziella, directa filhinha do Senr. Capitão Ladislau B. C. Rosseu;

Em 6—a Exma. Senra. D. Henriqueta Franco, o Senr. Liborio Valle, o Senr. Manoel Jose Alves da Costa e a interessante menina Nitta, filha do Dr. Antonio Baptista Barbosa de Godóis;

Em 7—a Exma. Senra. D. Elavirgeo Serra Lima Pereira e o Senr. Dr. Affonso Sanhaier de Pierreiewo;

Em 8—a Exma. Senra. D. Amelia Ferreira de Souza, digna consorte do Senr. Raymundo Ferreira de Souza, a Exma Senra. D. Joaquina M. da Silva Fernandes, a Exma. Senra. D. Amelia Barros, presada filha do Senr. José Antonio Pessoa de Barros e o Senr. Antonio Rodrigues de Souza

Em 9—as Exmas. Senras. DD. Jeronima Amalia Faria de Mattos, José Maia e Vina Martins.

Em 11—a Exma. Senra. D. Bartenoria Q. Barbosa Alvares Ferreira, esposa do Senr. Desembargador Manoel Barbosa Alvares Ferreira—a Exma. Senra. D. Maria Regina Pergo Nino;

Em 12—a Exma. Senra. D. Rosa Almeida da Silva, digna esposa do Senr. Alfredo Ferreira da Silva e a Exma. Senra. D. Maria José Collares Moreira;

Em 13—o Senr. Pacifico Duarte Santos;

Em 15—a Exma. Senra. D. Ramona dos Santos Araujo, as Senrs. Carlos Marques e Raymundo Machado Guimarães;

Em 16—as Senrs. Agostinhas D. Campos Costa, Chrispim A. dos Santos e Augusto Cesar Azevedo Vieira;

Em 20—a Exma. Senra. D. Emilia Lopes de Mello Fernandes e o Senr. Joaquim Marques Rodrigues Neto;

Em 21—a Exma. Senra. D. Antonia Goes dos Santos, virtuosa esposa do Senr. Alfredo Nicolau dos Santos e a Exma. Senra. D. Anna Joaquina de Barros Reis;

Em 22—a Exma. Senra. D. Luiza Passos, estimada esposa do Senr. Julio Passos;

Em 23—a Exma. Senra. D. Innocencia Oliveira Rodrigues, diletta filha do Senr. Manoel da Silva Rodrigues;

Em 24—a Exma. Senra. D. Emilia Raposo Neto;

Em 25—a Exma. Senra. D. Ursino da Silva Almeida, digna esposa do Senr. Raul d'Oliveira Almeida e a Exma. Senra. D. Theodolina dos Prazeres Bello, presada filha do Senr. Capitão Antonio Raymundo Bello, o Senr. Eduardo Rodrigues de Mello e o Senr. Conego Osorio Athayde da Cruz;

Em 27—a Exma. Senra. D. Almerinda Serra Lima Pereira, a Exma. Senra. D. Adelina Coelho Ribeiro da Fonseca, o Senr. Antonio B. Carneiro de Araujo, o Senr. Antonio José de Souza Assumpção e o Senr. Joaquim de Faria Guimarães;

Em 28—o interessante menino Dulcidio, extremecido filho do Senr. Tenente Arthur Eduardo Pereira;

Em 29—a Exma. Senra. D. Adelaide da Cunha Vasconcellos, virtuosa esposa do Senr. Capitão Leopoldo de Barros Vasconcellos, a Exma. Senra. D. Christina da Silva Tavares, virtuosa consorte do Senr. Antonio José Tavares e o nosso amigo e distincto collaborador o Senr. Candido Costa;

Em 30—a Exma. Senra. D. Maria Magdalena Marques de Souza, o Senr. Capitão Alcides Tompson Rosa e o Senr. José de Sant'Anna Pinto.

Acceitem os nossos cumprimentos.

EXPEDIENTE

Augusto Britto

Este nosso collega de redacção, cavalheiro distincto por todos os dotes, acaba de ser aposentado no lugar de administrador dos Correios deste Estado, sem motivo de enfermidade provada por junta medica e a pedido seu, como determina a lei, que justificasse o acto que o privara de continuar no cargo que exercia ha longo tempo com zelo, actividade e profisciencia.

Não queremos nós entrar na apreciação do facto si foi de conveniencia particular da alta politica do nosso Estado, nem censurar o decreto que o aposentou, privando a um homem intelligente e de bem a continuar servir com amor e dedicação ao trabalho como até agora o tem feito, mas, unicamente, pugnamos pelo direito que a lei confere a todo o empregado publico, a todo o empregado que sabe manter-se na altura do cargo que lhe é confiado.

Sentimos que o governo actual, de quem somos amigos e adeptos e amigos, deixe transparecer na sua acção administrativa factos desta ordem, que não provam a boa orientação no cumprimento das leis que nos regem.

Alfredo Pinto Teixeira

E' nosso dever trazermos ao conhecimento dos nossos amigos e freguezes que desta data em diante, vem nos auxiliar no nosso escriptorio commercial o nosso irmão e amigo o sr. Alfredo Pinto Teixeira.

Alegra-nos a sua vinda para nos acompanhar na faina diaria do trabalho, porque, ninguem mais habilitado do que nós para conhecel-o de perto, temos nelle um habil conhecedor do jogo commercial da nossa praça e dedicado guarda-livros.

Esperamos que o seo auxilio nos seja vivificador para que possamos da luta do nosso trabalho continuar a gosar a harmonia e a felicidade nos dias que nos vae descortinando o futuro.

Ensaios grammaticaes

Deu-nos a honra de uma visita o distincto sr. José Antonio Pessoa de Barros, para nos offerecer um volume dos seus *Ensaios grammaticaes da lingua portugueza*.

E' um trabalho de valor e de muita facilidade para a comprehensão do menino que começa a ter os primeiros conhecimentos da nossa difficil lingua.

Era de esperar um tão util e precioso livro da sua penna de habilitado professor da lingua portugueza, livro elaborado com a força natural do estudo e da pratica de longos annos.

Felicitamos por esse brilhante trabalho que mostra muito amor ás lettras e agradecemos a dedicatoria do mimo.

Imp. na Alfaiataria Teixeira por J. A. Lousada

Juiz implacavel proferirá a sua irrevogavel sentença.»

Qualquer homem crente em cujo coração, como n'um cofre, cahem uma a uma as palavras da Egreja, se sentirá esmagado ao peso d'esta ameaça.

Aquelle, porém, que analysando a terra em que habitamos, já tem levantado a cabeça para o céo na contemplação reverente d'esse conjuncto lucifero de planetas que nos cerca e tem já investigado a sua grandesa mathematica, as suas leis de rotação e equilibrio—esse certamente que não ficará de accordo com a esposa de Jesus. Si não, perguntamos nós: Achando-se toda essa infinidade de mundos disseminada pelo espaço em fóra e grande parte d'ella tão distante de nós que ainda não tem sido observada pelos astrólogos,—como poderão cahir todas no momento da catastrophe a menos que não desappareçam as *leis das quédas dos corpos*, as leis da *attração* e da *repulsão* dos astros, estas duas correntes—positiva e negativa—que, ha tantos milhões de annos, admiravelmente os têm trazido suspensos na immensidade do vácuo?

Possivel que fosse mesmo semelhante fatalidade—como poderia a terra comportar sobre sua pequena superficie toda essa multidão de planetas quando, quasi sempre, uma estrella vem a ser milhões de vezes maior do que ella?

Debaixo, pois, do ponto de vista scientifico é de todo impossivel o fim do mundo pela religião, ao passo que é quasi que inevitavel o fim do mundo pela sciencia. Quem não acceitará as theorias de E. Husard, isto é, quem não acreditará que o orgulho, esse velho peccado da humanidade, que foi a sua quéda no passado, sel-o-ha tambem no futuro? Affirma este illustre sabio francez que a terra existe ha milhões de annos, e que o nosso cyclo humano não é senão o 2.º na historia da humanidade. Apresenta Adão, Prometheu e Brhama como os prototypos de uma civilisação que chegou a possuir uma sciencia indefinida mas que «bastou um dia se enganarem sobre as forças da harmonia universal para que tudo isso fosse ao chaos, para que Adão, Prometheu e Brhama, todo esse cyclo humano desapparecesse de uma vez debaixo das ruinas de uma sociedade que elles quizeram elevar excessivamente alta. Cinco mil annos o sol, como um phantasma de fogo, passou arrastando a sua tumeante luz por cima dos destroços de uma civilisação victima da pelo orgulho. Mas nem todos perceceram; aquelles que conseguiram escapar refugiaram-se nas florestas onde entraram em convivencia com os selvagens e para fazer comprehender a elles o desastre por que passaram viram-se coagidos a inventar um conto singelo com emprego continuo de symbolos. Foi d'est'arte que poderam chegar até nós os mythos da *serpente* e do *fructo prohibido*.

A sciencia rasgando a escuridão tenebrosa que os envolvia nos apresenta-os hoje em plena nudez. A serpente que tentou nossos primeiros paes dá-nos a entender o desejo insaciavel que tem o homem de tudo investigar, de tudo conhecer, obrigando-o a morder o fructo venenoso da sciencia—eis a verdade.

O nosso cyclo humano virá a desapparecer um dia, é certo, mas essa catastrophe está ainda muito longe de nós que «não estamos sinão na aurora das cousas, quando muito começa a civilisação a despontar.»

Lá quando um dia o mundo inteiro se confraternisar, quando todos souberem ler e escrever, quando se operar a fusão geral das crenças religiosas, quando o commercio estreitando os continentes entre si obrigar os differentes povos a fallar um só idioma, quando o homem se empolgar de todas as forças vitaes da natureza, lá quando o homem já quizer tentar o *impossivel* e a natureza inteira se revoltar contra o homem pulverisando-o,—então sim, esse dia fatal será o derradeiro de nossa humanidade e a sua quéda será na rasão directa do seu poder.

—

Novidades em gravatas, só se encontram na alfaiataria Teixeira.

A esperança

Da ventania ás rispidas bafadas
soltam-se as folhas do arvoredo agora,
e vão fugindo pelo espaço afóra
como um bando de pombas assustadas.

Depois, as pobres arvores mirradas,
braços ergueidos como alguem que implora,
banhados pela chuva benefeitora,
brotam... De novo as folhas são levadas.

Na torvelinho d'atros furacões,
assim na vida, após tantos enganos,
após o desabar das illusões,

sempre a esperança a diffocar os danos,
e sempre a consolar os corações
batidos ao Simoum dos desenganos.

Pedro Diniz.

—

PIJAMAS, de lã e seda, com alamares—novidade no artigo—recebem e vende a alfaiataria Teixeira.

A consciencia

Com as melenas em desordem, seguido de sua esposa e de seus filhos todos cobertos de pelles de animaes, ao cahir de uma tarde, chegou Caim ao pé de uma montanha.

Sua mulher e seus filhos disseram lhe:

—Deitemos no solo e durmamos.

O infeliz que não podia dormir, conservou-se desperto junto ao monte.

Casualmente ergueu a cabeça e no fundo da negridão dos céos, descobrio um olho muito grande que o olhava fixamente.

—Estou muito perto! murmurou estremecendo e accordando seus filhos e sua fedejada mulher, recomeçou sua fuga precipitada.

Pallido e estremecendo ao menor ruido, caminhou—sempre olhando para traz sem dormir, sem deitar-se, até chegar as praias onde muito tarde se estabeleceu Assur.

Paremos, disse, este asylo me parece seguro; somos chegados aos fins do mundo.

Mas, eis que, ao sentar-se, viu que nos céos sombrios o mesmo olho o estava contemplando.

Estremeceu e a vertigem delle se apoderou.

—Escondei-me! gritou e com o dedo ca hoeen seus filhos olhavam para o pobre que tremia fóra de si.

Disse então Caim a Jabel, pae dos que vivem nos desertos sob tendas de pelles:

—Estende deste lado a tua tenda.

A tela foi estendida e quando esteve bem segura com pesos de chumbo, Tsilia, a creança loura, a filha de seus filhos, com uma voz doce como a aurora, perguntou:

—Vês ainda alguma cousa?

E Caim respondeu:

—Ainda vejo o mesmo olho.

Jabel, pastores que percorrem as aldeias tocando gaitas e tambores, exclamou:

—Eu vou levantar uma cidade

E construio um mo[illegible] cujo qual Caim foi-se alo[illegible] sempre.

—E' preciso, disse aquelle, elevar um circulo de torres tão formidavel, que ninguem se possa approximar.

Edifiquemos uma cidade, com a sua cidadella, e depois fechemol-a toda

Então Tubalcaia, paes dos ferreiros, construio uma cidade maravilhosa.

Durante este tempo seus irmãos se casavam com as filhas de Enes e de Seth. Se alguem passava por ali, tinha logo os olhos arrancados.

O granito substituio as pelles das tendas, as pedras prendiam-se umas ás outras por laços de ferro, era uma cidade infernal, a sombra de suas torres derramava o véo da noite sobre os campos visinhos; os muros tinham a espessura da montanha; e sobre a porta se liam estas palavras:

NEM DEUS PASSARÁ

Terminada a obra, recolheram o velho á torre onde elle permaneceu inquieto e lugubre.

—Pae, perguntou-lhe tremula a pequena Tsilia, desappareceu?

—Não, ainda o vejo. Quero ir viver debaixo da terra como um morto em seu sepulchro. Ninguem me verá mais, nem eu mais verei cousa alguma.

Desceu ao interior de uma gruta sombria e sentou-se no meio de densas trevas, mas logo que fecharam a porta do subterraneo, o desgraçado, erguendo a cabeça ficou aterrado, o olho seguira a tumba e olhava-o fixamente.

. . . . . .

Há, porém, ainda um meio de evitar o remorso:

Reparae o mal que tenhaes feito.

Victor Hugo.

—

Alfinetes para gravata na alfaiataria Teixeira.

De tarde

De tarde, [illegible]
[illegible]
[illegible]
Que vai na [illegible]

Espaço a fóra, n'um ligeiro bando,
—Resmungando e ainda rumorio—
Vemos triscando, em placida harmonia,
Aves, o pasto e os ninhos procurando.

Pela campina em longos espiraes,
Entre as flores silvestres e os juncaes
Deslisa o arroio murmuro, indolente...

Em quanto de alguma arvore isolada
A pomba desprende a voz singela,
Que alem echoa tristonha e plangente.

Maio, 1874. *Antonio de Castro.*

—

Ceroulas

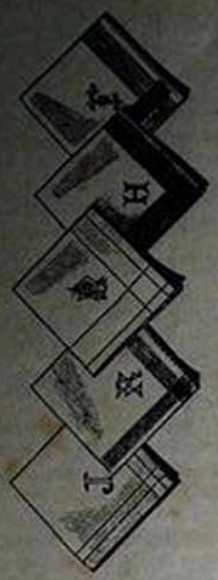
já promptas e feitas por medida, na alfaiataria

TEIXEIRA.

Telephone 56

O 2º sem figurino está vestido d'um costume de cavalheiro, que pode servir para caça de corrida, rally-paper &, em que, n'este caso, predomina é feito em panno de cor marrom, azul claro, violeta &.
O collar tem e os calções em estofo, avelã ou branco.
O costume do primeiro figurino é em veludo castanho.

(Trad).



Lenços de tecido de linho com iniciaes, grande variedade na alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

SALÃO LITTERARIO

Folha solta

Como as mulheres cahidas, desce ás vezes ao fundo da voragem uma luz que lhes dá nimbo de martyres da sociedade que as abysma.

Ha d'ellas, ahi mesmo, perdidas e admiradas, e quantas vezes amadas! Porém si os annos—triste regeneração!—as restauraram para o respeito do mundo, o amor dos netos, a memoria das suas desgraças é serodia elegia que nos dá um involuntario sorriso ironico.

Percebo isto, não explico bem. O leitor, si o quer perceber melhor, contemple o retrato de George Sand de 1875. Depois leia o romance de ha quarenta annos, a Lelia, e o de hontem, Monte Revéche.

Aquella mulher de olhar sobranceiro, que traduz na pupilla accesa o doce inferno do seu amor, que matava Mussets e atirava as tranças negras, os escandalos da vida á cara da sociedade, assombra-me.

Sinto que era saudal-a na morte como os luctadores de Cesar, no circo. A outra, a Sand dos setenta annos, filtrada do iodo do amor, azotada da sadia cosinha da provincia com a touca de dispenseira e os bandós espalmados nas fontes, esta, que fazia rir a sua moral vingada, a mim faz-me chorar!

Ah! as mulheres que deram vida e a morte a muitos corações deviam morrer cedo!

Que incalculavel expiação, ó Deus, si a velhice, que não tem esperança, tivesse saudade! O que seria a antecamara da morte si ahi deixasse, ó benigna providencia, uma janella aberta para o passado!

C. Castello Branco.

Corte de fustões e seda na alfaiataria Teixeira.

Para mim é raridade

Homem pobre sem inveja
Marujo amigo de igreja,
Estudante penitente,
Official que saio mente,
Moço rico sem vaidade
Para mim é raridade.

Ministro levar nas contas,
Fidalgo saber affronta,
Cobrador ter negligencia,
Medicinho ter consciencia,
E escrivão ter caridade,
Para mim é raridade.

Mulher casada sem zelos,
Viuva sem ter desvellos,
Solteira sem ambição,
Donzella sem presumpção,
E velha sem novidade
Para mim é raridade.

Da agua fugir o pato,
O gato amigo do rato,
Rato fugir do toucinho,
Trocar cachaça por vinho,
E jejuar por vontade
Para mim é raridade.

O Chico sem estar na ponta
Sua cara sem roupa prompta,
O Urchiza sem estar cortando,
O empregado sem estar provando,
E o Teixeira sem novidade,
Sim, para mim é novidade.

X. P. T. O.

Deposito de fato feito na alfaiataria Teixeira.

O fim do mundo organico

SEGUNDO AS LUMINOSAS THEORIAS DE EUG. HUSARD.

Tudo o que foi ha de tornar a ser! tremenda realidade! Quantas e quantas vezes o espirito popular não se enche de trémulo pavor sempre que pensa n'esse grande cataclysmo que se chama—o *fim do mundo!?*

Centenas de milhares de vezes aquelles que se cingem tão somente ao que reza a Biblia tem parecido ouvir, de meio do delirio extatico, apocalyptico da imaginação, o estalo longinquo e clangoroso da trombeta de Deus convocando as gerações ao *juizo final* no valle mystico de Josaphat.

«Um dia virá—nol-o apregoa a Egreja—em que se *exgotará* a paciencia *infinita* de Deus e esse dia fatal será o ultimo da humanidade! Então—continúa a Mãe dos fieis—cahirão do céo as estrellas; o mar soltando terriveis bramidos romperá em furia o vasto peito dos continentes; as feras sahirão urrando das florestas cujas arvores serão levadas em turbilhão pelos ventos desencadeados. Será tarde para o arrependimento e o

FOLHETIM

SUMMARIO—A obrigação—A visita—Um pequeno poeta—O seu temperamento e a sua indole artistica—*No boudoir*—Ensaios poeticos—*Au revoir*.

A obrigação a que me impuz, Leitor, de fallar-te sempre com a franqueza das almas sãs neste rodapé da elegante «Revista,» traz-me a agradavel occasião de fazer-te conhecedor de mais um pequeno poeta maranhense.

Acabo de recolher-me aos penates de volta de uma longa visita de felicitação que fiz a esse filho da sagrada Musa, por vel-o voltado ao lar paterno d'onde se havia retirado por incommodos de saude.

Chegado de um logar incomparavelmente bello, onde a natureza fez o captivante mysterio dos seos segredos e das suas grandezas, o meu amigo, o pequeno poeta de que te fallo, vem completamente robusto de espirito e de forças physicas.

Sagra-o por um temperamento especial, é um colorista da moderna arte, atormentado por um vigoroso renascimento mental, sempre que observa uma paisagem, um quadro, impressão luminosa e um facto artistico e nitido.

No isolamento da vida campestre e bohemia, observando a toda hora uma porção de arte ou uma porção de natureza, teve a felicidade que muita gente não tem, de saber cultivar o espirito na fecunda licção dos sentimentos altruistas.

Fez-se poeta de uma pequena factura magistral sob uma poderosa força de sentimento e rigorosamente ajustou o seo espirito ao sentimentalismo da observação, reproduzindo na tela os puros ideaes humanos.

Milagres de raça e de temperamento que fazem os sentimentos da vontade adquirir a gloria de uma observação estranha e difficil.

Sim, o meo amigo é um desses felizes filhos do grande mundo que singularmente caracterisa um artista e fal-o polvilhar nas paginas de um jornal ou de um livro todas as suas observações e todos os seos sentimentos

Feita esta ligeira apreciação da sua indole poetica, vou apresentar-te, Leitor, um pequeno trabalho dessa alma communicativa e de enternecimento doce que sabe atirar numa pagina em branco a poeira diamantina da intelligencia:

No boudoir

No lindo *boudoir* dorme indolente
A sublime margem Fiorentina,
Entre o perfume arte e no cenáculo
Da rosa vinda e da bonina.

Envolta em um roupão de gaza fina
Sonha com o seu Arthur e lentamente
Sae de sua boca a cavatina
Do seu primeiro amor puro, innocente.

Estende-se no leito... em doce somno
Parece ver Arthur todo risonho,
Ebrio de amor, em puro amor desfeito.

Mas ah! ama e cruel realidade
No despertar do vento—e a vontade:
Vasio o *boudoir*, deserto o leito.

Altino Rego.

O soneto que ahi fica registra o adiantamento de saber do author que constitue uma particula da pleiade de moços maranhenses que procuram cultivar as lettras.

E' muito moço Altino Rego e ainda chispam-lhe relampagos multicores na imaginação, subjugada da victoriosa alegria de uma phase sem provações e sem crimes.

A unica aspiração que lhe vae na alma é ser bom para o amigo e mais ainda dar a ler aos que lhe cercam um futuro livro—Ensaios poeticos—, paginas modestas de modulações deliciosas e de lagrimas dos sentimentos intimos.

Como seo amigo igualmente desejo a realisação do seo desejo que não é vulgar, nem é ridiculo, porque nisso vejo um sentimento elevado de indole artistica que deixa ao menos um traço de sua passagem na vida.

Au revoir.

JULIO DUVAL.

Mais para baixo, no alto-mar do T...

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO III | *Maranhão, 30 de Setembro de 1894* | NUMERO 29

REVISTA ELEGANTE

O anarchismo

A seita que tomou o nome que acima escrevemos pelos crimes terriveis que tem praticado os seus adeptos, tornou-se odiosa e perseguida e será destruida um dia, quando o mundo moral tiver no seu seio o verdadeiro amor da patria, inspirado no bem da humanidade.

Actualmente os mais celebres criminalistas europeus observam-n'a como um problema difficil de resolver, já porque não é ella um movimento na ordem religiosa, ou um mytho auroreal na esphera dos sentimentos e das idéas e já porque tambem não é ella uma propaganda em bem das liberdades essenciaes da constituição de um povo.

Perigosa e terrivel como se tem mostrado, constitue no seu todo por seus principios e theorias, a ruina, a destruição, o aniquillamento e a morte de tudo que existe e que se vê creado no mundo social.

E' uma nervose de sentimentos perversos e sanguinarios como um apostolado da dynamite que só destroe e não edifica no meio em que exerce a sua criminosa actividade.

Distinguil-a como seita heroicamente patriotica e util, que se move com resistencia á violencia de actos attentatorios das constituições e das leis sociaes, será um erro grande, um erro criminoso, que se junta á vesania caracterisada de um cerebro morbido e doente.

As suas theorias são o verdadeiro assombro de uma eterna destruição, formuladas sob bases egoistas e delictuosas para excluir do meio social as grandes conquistas do direito e da economia que giram dentro dos limites das leis organicas.

Combatel-a com violencia, com a propria violencia da sua acção de banditismo systematico, será um heroismo de amor patrio e de humanidade, que trará a sua extincção completa e portanto o progresso e o alevantamento de todas as instituições sociaes com as exigencias da ordem.

Maquinas para costura

Domestic, Singer e New-Home

D p sito permanente, em todos os numeros na

Alfaiataria—TEIXEIRA—.

A MODA

Ha alguns annos que tudo isto presentiu uma mudança muito accentuada na moda.

Alguns elegantes arrojados querem fazer voltar o estylo de 1830, e teem apparecido com este *toilette*, nos salões, nos boulevards e nas corridas, mas esta primeira tentativa não tem produzido o effeito desejado. E' verdade que a moda é capricheira, e o que desagrada n'um dia agrada no outro. Os elegantes que gostam de se tornarem salientes pelas suas *toilettes* é que, parece-nos, não se dão por vencidos, e que irão mais longe com esta tentativa. Alem d'isto, os nossos bons alfaiates, longe de se opporem a estas alterações da moda, fazem tudo o possivel por animal-as, porque assim obrigam a clientela a renovarem o seu guarda-roupa.

Damos para esta estação, na nossa gravura, o titulo de amanhã, o crêpe de 1830, um pouco modificado, porque pode haver entre os nossos eleganes, alguns arrojados que não se impõe de ser vencido por uma moda que não é de toda a gente.

Como dissemos no numero precedente, a moda será para as roupas da outomno, o que foi para o estio que acabou, e dizemos portanto, de repetir o que dissemos no começo da primavera.

(Extr.)

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio--40

PELO THEATRO

Zarzuellas

Hoje no nosso theatro estréa a companhia espanhola de Zarzuellas com a opereta em 3 actos *jogar com fuego*.

E' uma das melhores peças do repertorio da companhia,—ha n'ella muito espirito nos trocadilhos e nas scenas que se desenrolam naturalmente.

Do elenco da companhia fazem parte artistas de merito que muito hão de agradar e dar ao publico umas horas de riso, do riso gostoso, provocado pela fineza do espirito e da *verve* na maneira de dizer a phrase.

Lá estaremos na cadeira com que fomos honrados para apreciar a belleza da zarzuella e a sua correcta execução.

Camisas de peito de linho, sem punhos e sem collarinhos, despachou-se para a alfaiataria Teixeira.
Telephone 56

SOBREMEZA LITTERARIA

Triolet

Si a tua bocca eu beijasse
Num momento de saudade,
Esse segredo eu guardasse,
Si a tua bocca eu beijasse.
Com certeza, sem maldade,
Seria então nosso enlace;
Si a tua bocca eu beijasse
Num momento de saudade.

Til Pelintra.

Pensamento

A riqueza pelo commercio e navegação é a mais efficaz civilisadora das nações.

Saint-Simon.

Anedocta

X., um tagarella incorrigivel, apostou que se conservaria calado duas horas.

Decorridos 55 minutos, eil-o que exclama, radiante de alegria:

—Bravo! já ganhei quasi metade da aposta!

Azulejos

No album de Suzana:
A virtuosa diz: não.
A apaixonada diz: sim.
A caprichosa diz: sim e não.
A faceira diz: nem sim nem não.

A crueldade da vida

Ser escriptor:

Tratar com um editor a publicação d'um romance, e o homem impor a condição de ser o livro dedicado á mulher d'elle, a qual é feia como a fome.

Quadra

O Chico está tão contente
Com a sua freguezia,
Que já lhe mostra o *bom dente*
Na grande *ellhacaria*.

Juca Rosa.

Anedocta

Ella—Olha marido. O poeta diz:

«A mulher é o domingo do homem.» Que te parece?

Elle—Disse o poeta muito bem. Só se enganou n'um dia. Si disse se que é o sabbado, dia de pagamento, teria acertado.

Pensamento

O amor é como a luz, quando não desce diminue.

Triolet

Vamos, vamos, minha amada,
Aos caminhos dos amores
Onde a vida é azulada,
Vamos, vamos, minha amada,
Levaremos muitas flores
Colhidas nessa jornada,
Vamos, vamos, minha amada
Aos caminhos dos amores!

Julio Dareal

Anedocta

N'uma soirée a viscondessa de J. elogia as calças que o Simplicio veste.

Elle:

—Estão ás suas ordens, minha querida senhora. Quer que as deponha a seus pés?

Pensamento

A vida do homem na terra parece uma imagem feita no decurso de uma noite.

Quadra

A mulher quando não chora,
Ri do peccado que faz,
E' bella quando enamora,
E' feia quando desfaz.

Til Pelintra.

Grande sortimento de casemiras de todas as cores e gostos, na alfaiataria Teixeira.
Telephone 56.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de outubro proximo:

Em 1—a Exma. Senra. D. Julia Pereira Bethencourt de Godois e o Snr. Dr. Raimundo L. Nunes Lisboa;

Em 2—a Exma. Senra. D. Joanna Rita de Macedo Britto, irmã do nosso distincto amigo e collega de redacção Augusto Cesar de Macedo Britto e o Dr. Francisco Antonio Brandão;

Em 3—os Snrs. Candido Maximiano Fernandes, Trajano Argemiro de Queiroz e a interessante menina Odette, filha do Snr. Alfredo N. dos Santos;

Em 4—as Exmas. Senras. DD. Innocencia da Silva Teixeira e Raimunda de Viveiros Coqueiro de Carvalho, e os Snrs. Dr. Benedicto Pereira Leão, e José Pinto Coelho e Silva Junior;

Em 5—a Exma. Senra. D. Rosa Pereira dos Santos;

Em 7—a Exma. Senra. D. Igne. Besa Fernandes, presada esposa do Snr. Candido M. Fernandes, e as Exmas. Senras. DD. Emilia Godinho de Freitas e Laura Bello, digna esposa do Snr. Arthur Bello;

Em 8—as Exmas. Senras. DD. Adalgiza Serra e Guilhermina Pinto de Sá, digna filha do Snr. Carlos Sá e os Snrs. Victorino Rodrigues e Custodio G. Belchior;

Em 9—a Exma. Senra. D. Alice Nova Rodrigues, o Snr. João Pedro Ribeiro e o menino Humberto interessante filhinho do Snr. Dr. Barbosa de Godois;

Em 10—a Exma. Senra. D. Alzira Lopes e o Snr. José Candido M. Arouca;

Em 11—a Exma. Senra. D. Rosalia Ferreira de Azevedo e o Snr. Dr. Raimundo J. Everton Leão;

Em 12—a Exma. Senra. D. Joanna de Andrade Carneiro, e os Snrs. João Nogueira e Rodolpho de Vasconcellos;

Em 13—o Snr. Abel Pereira Martins;

Em 14—o Snr. Francisco da Costa Rodrigues;

Em 15—o Snr. Raimundo Ferreira de Souza;

Em 16—a Exma. Senra. D. Maria D. Ferreira e o Snr. Bento Lopes Vieira;

Em 17—as Exmas. Senras. DD. Ambrosina Gaspariniha e Edewirges Rita Vieira da Silva, e o Snr. Dr. Manoel Bilheiro de Almeida Braga e o Capitão Florentino Ferreira Garrido;

Em 18—a Exma. Senra. D. Maria Lucas Machado e o Snr. Dr. Nestor Nina Rosa;

Em 19—a Exma. Senra. D. Maria da Silva Teixeira e o Snr. Jaime de Almeida Santos;

Em 20—a Exma. Senra. D. Hercilia Flora Ribeiro Rosa, digna consorte do Snr. Nestor Odilon Rosa, os Snrs. Joaquim Alves de Barros e o pharmaceutico João da Silva Sardinha;

Em 21—a Exma. Senra. D. Amanda Valente de Figueiredo e o Snr. Arthur Coelho de Aguiar;

Em 22—o interessante moço Flavio, filho do Snr. Alfredo Nicolau dos Santos, o Snr. Joaquim de Azevedo Pinto, o Coronel Carlos Augusto Franco de Sá e o Snr. Henrique Nogueira;

Em 23—a Exma. Senra. D. Filomena Coelho e Silva;

Em 25—a Exma. Senra. D. Maria F. Cardoso Coelho e o Snr. Antonio Rodrigues de Souza;

Em 26—as Exmas. Senras. DD. Escephania Souza e Maria Salomé Alcovia Lopes;

Em 29—a Exma. Senra. D. Regina Torcato Franco de Sá Bacelo, filha do Snr. Carlos Sá, a menina Bertha mimosa filhinha do Snr. Antonio Ribeiro de Oliveira, os Snrs. Manoel Pereira Guimarães Junior e José Francisco Vieira Braga;

Em 30—os Snrs. Antonio Augusto de Almeida Britto e Syrino Ribeiro;

Em 31—as Exmas. Senras. DD. Zenobia Castanheda Moreira e Estellita da Rocha Pereira e a interessante Bertha, filha do Snr. Manoel Larine Soares.

Acceitem os nossos cumprimentos.

Chapeus de feltro—qualidade superior na alfaiataria TEIXEIRA
Telephone 56.

EXPEDIENTE

Ephemeras

Um precioso livro de poesias acaba o emerito escriptor e poeta Adherbal de Carvalho de fazer sahir á luz da publicidade, nitidamente impresso e ricamente encadernado em Lisboa, com o retrato do auctor, sendo seus editores os seurs. Julio Ramos & C., d'esta cidade.

O publico conhece já muitas das poesias que contem as *Ephemeras*, e o seu auctor de ha muito que julgado se acha vantajosamente por autoridades competentes. Em todo o caso, agora que teve elle a feliz idea de reunir as suas locubrações poeticas, de modo a serem facilmente apreciadas pelo publico, é justo que quem as ler manifeste as impressões que ellas lhe causarem.

Enamorado como sou das lettras, por fascinação que me produzem, sinto-me, ainda mais, para ellas arrebatado quando as vejo adornadas de primorosas perolas que de si rebentam. E essas perolas veem a ser a flor que ellas brotam, ou a poesia em essencia.

Comprehende-se d'ahi, que para ter esse nome, o de—flor—é indispensavel que essa poesia seja verdadeira,—seja delicadissima e primorosa. Ao contrario, irá ter a uma distancia enormissima do lugar que de direito lhe cabe.

As *Ephemeras*, porem, não estão n'este ultimo caso. São flores, e mimosas flores. Brotaram ellas facil e naturalmente, como brotam as suas gentis companheiras—sem esforço, sem intenção, mas expontanea e maravilhosamente. Arte, teem, e muito, mas arte propria, portentosa, arrebatadora.

Indistinctamente as apanho, e não me arrependo por deixar de fazer escolha antecipada.

Reunidas, como ora estão, outra cousa não mais serão que—um formoso bouquet—de inapreciavel valimento. Um d'estes bouquets está agora sobre a minha mesa de trabalho, a proposito do qual tracei ligeiramente estes conceitos, felicitando as lettras patrias pelo triumpho esplendido que, com o apparecimento das *Ephemeras*, acaba de colher.

AUGUSTO BRITTO.

Fato completo para meninos, na alfaiataria Teixeira.

Impresso por João B. A. Londa, na Typographia particular da Alfaiataria—Teixeira

Queridas flores, como eu vos amo ?

Quando eu morrer, sereis vós os meus companheiros, sereis vós que alegrareis a cova com o matiz das vossas cores, e quando o corpo apodrecido se fôr desmanchando fibra por fibra, n'elle achareis o alimento que vos dará vida, perfume, côres...

Sever.

—

Cortes de fustões e seda na alfaiataria Teixeira.

Armas

—Qual a mais forte das armas,
a mais firme, a mais certeira ?
A lança, a espada, a clavina
ou a funda aventureira ?
A pistola ? O Lacamarte ?
A espingarda, ou a flecha ?
O cunhao que em praça forte
fez em dez minutos brecha ?
—Qual a mais firme das armas ?
O terçado, a fisga, o chaço,
O dardo, a zaaça, o virote ?
A foca, o florete, o laço,
O punhal, ou o chibarote ?....
A mais tremenda das armas,
bem peior que a durindana,
attendei, meus bons amigos,
se appellida:—a lingua humana.

Facundes Varella.

—

Meias para homens, na alfaiataria Teixeira.

Trechos

(FOLHA DE UM DIARIO)

A' quem amo

«Volvo um olhar atraz: deliciosa e amarga lembrança !

Como era suave o meu caminho !

O oiro dos teus sorrisos, a serena manhã dos teus olhos inundavam-na eternamente d'esse limpido alacrido amor que faz a gente sentir aves cantando dentro d'alma e faz brotar roseiraes no nosso coração.

Que violentas hallucinações de felicidade tornava-me a existencia leve, harmoniosa, cheias de aromas extranhos, cheia de doces melopéias como se harpas e cytharas fossem sonorisando a primavera d'esse affecto.

Volvo o olhar atraz: deliciosa e amarga lembrança !

A paysagem do passado ri toda vestida de flores, toda vestida de luz. Nos caminhos que as grandes arvores bordam, derramando a sombra fresca e ampla, trillam rouxinóes em bandos, n'uma vibrante confusão de notas estalando no ar, calmido e se espraiando como um rosario desfiado de perolas sonoras.

Scintilla a prata do rio tremulo e múrmuro entre as verduras

Ha canções no sussurrar das folhas e crystallinas risadas quando o vento matinal passa inclinando os vimes das lagoas.

Aos mansos crepusculos, o sol exhausto nos longes, as arvores tranquillas, silenciosas, desce a serenidade das cousas felizes e a pouco e pouco a paz invade os seres.

E' assim o passado

.˙.

Agora, a desolação, o abandono, o esquecimento criaram um scenario novo. Murchas as flores, aves sem cantos, arvores núas, ao vento...

E na minh'alma a aridez dos desertos, a treva das noites tem estuosas, a solidão das ruinas e o desespero do naufrago que a tempestade sacode furiosamente...»

Vianna de Carvalho.

—

Suspensorios, ultima novidade, na alfaiataria Teixeira.

Numa igreja

Dia de festa. Em rustica igrejinha
Se celebra pomposo casamento;
A noiva em porte austero de rainha
Contente espera o santo juramento,

O noivo, com um ar altivo e grave,
Ante o altar do Deus Omnipotente,
A contempla feliz, terno suave...
Mas um padre que chega, bramdamente

Diz: Meus senhores, eis aqui presente
Um par... abre o missal pausadamente
E lê sorridoo o conjugo robir

Outro par que se vê mais em distancia,
Suspira, chora, a proferir com ancia
Oh padre ! Oh santo padre ! ora pro nobis.

Jacintho.

—

Chapeus de sol, inglezes, superior qualidade na alfaiataria Teixeira.

Excerpto da doutrina do amor

LICÇÃO I

—E's crente ?

—Sim, pela graça do Amor.

—Quem é o Amor?

—E' um soberano absoluto que governa despoticamente a humanidade.

—Ha muitos Amores ?

—Não ha mais que um.

—Onde está o Amor ?

—No intimo do coração.

—O amor sempre tem sido !

—Sim, porque não teve principio e certamente não tem fim.

—Para que nos creou o Amor ?

—Para nos dar instantes de suprema ventura e horas de inexplicavel tormento.

—Quantas são as pessoas do Amor ?

—São tres: Paixão, Ciume e Soffrimento, tres pessoas distinctas e uma só verdadeira.

LICÇÃO II

—Qual das tres augustas pessoas se faz mortal ?

—A Paixão.

—Onde se fez mortal ?

—No peito dos ingratos.

—Para que se fez mortal ?

—Para mostrar que os homens mentem quando juram fidelidade eterna.

—Porque meio se fez mortal !

—Por meio da infidelidade.

—O que é o Ciume?

—E' o filho primogenito do Amor.

—Em quanto prova de paixão, de quem é elle filho ?

—Do Amor puro, santo, sublime.

—E em quanto indicio de amor proprio ?

—Da vaidade mais tola e mais ridicula.

—Quantas pessoas ha no Ciume ?

—Uma só—inexplicavel.

—E naturezas ?

—Duas, celica e terrestre.

—Onde está o Ciume ?

—Está em toda a parte onde o Amor arma a sua dourada tenda; mas pode conduzir sem difficuldade os seus fanaticos proselytos, ao hospicio dos loucos.

—Que entendeis vós pelo Hospicio dos Loucos ?

—Entendo o unico lugar apropriado para quem se deixa subjugar pelo Amor.

. . . . . .

A Forasteira.

—

Novidades em cazemiras para fatos e calças na alfaiataria Teixeira.

O oceano de maguas

«Porque soffro tantos ? o desgraçado
Pallido murmura; a dor imagina
Bei-o finalmente, ancioso chora e pensa
E o coração pulsa triturado.

O olhar em fogo e o cerebro cansado
Ardem como em flammas viva e intensa;
Em seus olhos o pranto se condensa
Como o infinito em cuvens condensado.

Insano desgraçado, que não vês
Que a magua eterna e o soffrimento eterno
São abysmo fatal aos nossos pés.

Escuta, vae ao mar, estanca-lhe a agua,
Seca-o, deixa-o todo secco e aberto,
Que si o soccaes, soccaes a magua !

Cunha Mendes.

—

PIJAMAS, de lã e seda, com abanares—novidade: no artigo —recebeu e vende na alfaiataria Teixeira.

As ruinas de Palmyra

(VALNEY)

Tombara o sol; uma faixa avermelhada mostrava ainda sua passagem no longinquo horisonte dos montes da Syria; a lua cheia no Oriente subia em um fundo azulado, nas rasas margens do Euphrates; o ceu era limpido, o ar suave e tranquillo; a claridade vacillante do dia abrandava o horror das trevas; a frescura da noute suavisava os ardores da terra abrasada; os pegureiros haviam retirado os seus camellos; o olhar não descobria mais signal de movimento na planicie monotona e pardacenta; um vasto silencio cahia no deserto; somente, á longos intervallos, ouvia-se os gritos sinistros de alguns passaros nocturnos e de alguns chacaes...

A sombra crescia, e já ao crepusculo, os meus olhos não distinguiam mais que os phantasmas esbranquiçados das columnas e dos muros.

Estes lugares solitarios, o anoutecer pacifico, esta scena magestosa, impressionaram ao meu espirito um recolhimento religioso. O aspecto de uma grande cidade deserta, a lembrança dos tempos passados, a comparação com o estado presente, tudo elevou o meu coração a altos pensamentos.

Assentei-me no fragmento de uma columna, e ahi, o cotovello appoiado ao joelho, a fronte pendida sobre a mão, ora atirando os meus olhares no deserto, ora fixando-os nas ruinas, abandonei-me á uma profunda meditação.

Vianna de Carvalho.

Chapeus de PALHA
Grande variedade em formatos
—XA—
Telephone 56. Alfaiataria Teixeira.

Ceroulas

já promptas e feitas por medida, na alfaiataria

TEIXEIRA.

Telephone 56

SALÃO LITTERARIO

A dor d'uma alma

—Onde vaes correndo tão vertiginosamente, oh! alma?

—Em busca de quem me comprehenda!

E o seu olhar vago perdia-se por entre as aguas como si fosse o d'um hydromantico.

Não sei si se ouviram juntamente soluços como devem ter aquelles que andam sempre em busca do desconhecido.

Passaram-se dias, mezes, não sei si annos.

E uma ou outra vez eu encontrava essa alma, sempre magoada, correndo vertiginosamente, e como que lhe escutava os soluços...

•

—Ondes vaes com modos tão angustiosos, oh! alma querida?

—Busco alguem que me esqueceu de ha muito...

—Deves odial-a...

—Amo-a...

E seguiu nessa marcha tão rapida que nem o pensamento mais veloz conseguiria acompanhar...

•

Uma noite formosa de luar deparou-se-me outra vez.

Os soluços convulsionavam-na, as lagrimas iam de tropel, alquebrava-se toda como se a idade lhe tivesse de ha muito deixado um signal indelevel.

—Que fazes tu aqui?

—Procuro-a!

—Ainda?

—Sempre! Enganou-me, servi-lhe de engodo, amou todos menos á mim. Quanto mais me illudia, mais eu lhe queria. Nunca lhe conheci defeitos, talvez—oh! phantazia!—lhe encontrasse virtudes.

—E se te fosse dado rejuvenescer, se voltasses de novo ao mundo, o que farias, tu que foste sempre enganada, alma?

—Tornava a amal-a...

—

Novidades em gravatas, só se encontram na alfaiataria Teixeira.

Violino

Musica estranha! o magico instrumento
Faz-me de ti mais perto:
Voltas n'este momento,
Embora veja tudo aqui deserto;

Imagem do carinho e da ternura,
Vejo-te agora, assim,
Simples e bella, inmaculada e pura
Tenho-te junto a mim.

Beijo-te as mãos, os negros olhos bellos,
Inundados de luar,
Os teus negros cabellos,
Afinciando cuido, emfim beijar.

Naufragos, sobre a vaga da harmonia
Pairamos, afinal,
A alma voltada para a phantasia
Para o azul do ideal!

Escuta, meu amor! Tremulo chora
E range um violino...
O ves de prata de luar divino
Estende-se la fóra.

Escuta, meu amor! O ouvido attento,
Ouço agora a canção:
Parece que no magico instrumento
Palpita um coração.

Chora o violino! Escuta mais... agora...
Escuta, meu amor!
O violino sorri, suspira, chora
Solaça a minha dor!

O instrumento divino,
Subito, entretanto, cessa de vibrar...
Como que exhausto cala-se o violino
E eu fico-me a sonhar...

Alvares de Azevedo Sobrinho.

Ouro Preto, 1894.

—

Alfaiates para gravata na alfaiataria Teixeira.

Com as flores

Eu amo muito as flores. Quando as vejo tristes e dobradas, sobre o pedunculusito mirrado, pendidas para o chão, as petalas a soltarem-se pouco a pouco, sinto uma commoção extranha e compadeço-me d'ellas.

E acredito, oh! acredito piamente, que ellas sentem os maus tratos que soffrem e o abandono em que muitas vezes as deixam.

Não admitto gerarchias entre as flores.

Porque ha-de aquella tulipa vermelha olhar com desdem a sardineira modesta, que vive ignorada n'um canteirinho pobre?

Porque ha-de encher-se de orgulho aquella rosa magnifica e vaidosa que se sente humilhada pela visinhança de um inoffensivo jasmim tão simples nas suas quatro petalas brancas e puras como uma alma de creança?

E as proprias flores silvestres que alegram os prados e encantam a vista; a papoula de um rubro sanguineo, o malmequer que nos falta de amor, os bons-dias, os gestos, estas floritas de um rouxo diluido tão semelhante ao *forget me not*, porque as havemos de desprezar, e só hão de servir para algum idyllio campestre?

FOLHETIM

SUMMARIO—A falta de assumpto—A mocidade—Uma visinha querida—O album e os versos—Como fui feliz—*Au revoir.*

A falta de assumpto mais gracioso e attrahente, meu caro leitor, dá-me logar de te *caceteur* desta vez com umas pieguices amorosas proprias e desculpaveis d'essa phase mais bella e mais deliciosa da nossa vida—a mocidade.

Vou levar o teu espirito fino e delicado á corrente historica dos acontecimentos amorosos da minha obscura individualidade nesse curto e saudoso espaço da vida, quando eu suppunha o mundo como um sonho de puresa crystallina, illuminando fulgurante o cerebro e o coração do homem na luta do primeiro amor.

Mocidade! palavra que encerra um poema de preciosissimos dias de gosos cor de rosa e de effluvios de sonhos azues, amollecidos ao doce calor dos beijos da bocca pura da innocencia.

Bem sei eu como ella me fôra fortalecida e engrandecida intellectualmente: um escrinio de abençoado progresso mental e de mysteriosa saudade de um amor que dorme na phantasiosa conquista do passado.

Resolvo a reminiscencia e ainda descubro n'folha de seis dias uns quatro pintados com as cores deslumbrantes dos sentimentos de um coração que começa a ter as primeiras punhaladas do amor.

Descubro ainda o rosto formoso de uma visinha que todas as manhãs e ás tardes, vinha á janella debruçar-se para ver-me entrar do collegio.

Sim, uma visinha querida, como bem poucas, creança adoravel na explosão de fecunda sympathia, a dar-me o penetrante olhar de luz da aurora para que eu despertasse o coração ao som do hymno do meu primeiro amor.

Queri-la, como era, de um coração honesto e enthusiasta, mostrava-se-me como o artista que se embriaga ante os puros ideaes, revelando-me sempre muita vocação á musica e ás lettras.

Um dia teve o desejo de possuir na decima folha do seu mimoso album uns versos da minha obscura e quebrada lyra, mas que ella suppunha lyra de ouro, tangida pelo dedo da inspiração e do genio.

Mandou-me o alli um de velludo azul e de paginas cor de rosa, livro que o tive com um desvelo enorme por espaço de tres dias.

N'elle escrevi um verdadeiro milagre de concepção poetica que muito me acre liteu ao seu amor virginal e esperançoso e singularmente caracterisou-se perante ella como um artista de sentimento.

A copia d'essa obra que tanto me elevou aos creditos da minha divina Diva, vou dar-te a ler:

O Ninho

Saída os risos da aurora
O passarinho ditoso,
Como o ferventio sandaro
Si esconde o bosque que o chora;

Serve da flor que descora
Na petala o orvalho odoroso,
E no arvoredo frondoso
Se esconde no ninho onde mora.

Aqui, como o passarinho,
Bem digo o teu alto e santo,
Onde eu encontro um carinho,

Onde eu desenho um encanto,
Porque esta folha—é o ninho
Onde eu escondo o meu pranto.

Seja ou não seja um bom producto da minha fraca intelligencia no teu sabio entender, Leitor, o certo é que estes versos deram-me entrada na casa da *pequena* e por um *triz* que eu passava a ser tambem filho estremecido do seu velho pae.

Digam de mim o que quizer os malevolos que me lerem por aqui ao descrever a minha mocidade, pouco importam-me as vociferações, quando lembro-me da quadra azul de sonhos e de amor, quadra que deu-me o sopro da inspiração e que fez-me conquistar o coração de uma mulher intelligente e educada.

Au revoir.

JULIO DUPVAL.

—

Deposito de fazendas feitas na alfaiataria Teixeira.

Bibliotheca Publica
Arquivo Público do Ma
N

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO III | *Maranhão, 31 de Outubro de 1894* | NUMERO 30

REVISTA ELEGANTE

Monumento a Charcot

Na França vão levantar um monumento consagrado á memoria do eminente professor Charcot, que deixou á sciencia medica grandes irradiações de seu genio, mostrando uma nova serie de descobertas com relação ás molestias do systema nervoso.

O mundo scientifico necessariamente ha de concorrer para tão honrosa obra de reconhecimento e de gratidão, porque o eminente professor Charcot, fôra pelos seus profundos estudos e pelos seus muitos sacrificios um homem de primeira plaina, um genio que se elevou sem egoismo ao bem da humanidade.

Cercado sempre do prestigio que lhe déra o trabalho aturado e probo, n'uma permanente e adoravel immolação, sentia na sua alma immaculada a vontade de ser util ao pé do leito dos mais repugnantes enfermos.

Espirito que nunca enfraquecera na luta da sciencia e do saber, tinha a beatitude celeste para inclinar-se ao bem, embora no antro escuro da mais tenebrosa miseria, onde o enfermo é um obscuro martyr.

Os trabalhos que legou á sciencia que se dedicou com tanto amor, tem concorrido muito para minorar as torturas dos soffrimentos nervosos que afligem o organismo humano.

Foi o eminente professor Charcot um novo oraculo da sciencia medica, que fez milagres de abnegação e de piedade com a cultura requinta la e extrema de seu immortal talento, dominando as opiniões diversas com a pratica de suas grandes theorias.

Agora vão lhe consagrar á memoria um monumento como uma reliquia, como uma veneração á sua immortal figura de homem superior que legou á humanidade soffredora a luz das suas theorias e de suas licções como um bem eternal de uma alma pura e religiosamente santa.

65$000 Um terno de paletot, collete e calça de casemira de cor, padrões á escolha, prepara-se na alfaiataria—Teixeira.

Telephone 56.

A MODA

Assistiremos a um periodo de meditação que será o presagio de grandes mudanças futuras? Tal é a pergunta que nos preocupa.

Ha 3 annos que pouca ou nenhuma alteração tem havido na moda, á excepção das abas das sobrecasacas que são mais compridas e as mangas mais largas. Afóra esta excepção, nenhum detalhe mais, tem havido, que merecça a pena mencionar.

D'esta maneira, o cliente economico, póde usar as suas roupas muito tempo, e os negocios da nossa industria soffrem com isso.

No Congresso dos alfaiates de Paris, que teve logar a 2 e 3 de Agosto passado, discutiu-se este estado de cousas, e os membros da commissão de iniciativa do Congresso, comprehendendo que a estabilidade da moda, era prejudicial aos interesses do emprego, formaram o voto de constituir um SYNDICATO DA MODA, cujos membros serão escolhidos entre diversas industrias que se ligam ao vestuario: Alfaiates, camiseiros, chapeleiros e sapateiros. Este syndicato terá por missão, submetter em cada Estação, creações novas que depois de examinadas, serão discutidas, melhoradas e finalmente adoptadas pelos membros das diversas sociedades. Resultará d'isto, que teremos no fim de cada estação, variações sensiveis a assignalar e a moda franceza, procurada pela sua elegancia, impor-se-ha mais que nunca a estes pretendidos elegantes, que teem a consicção de serem vestidos á inglesa, porque o alfaiate lhes apresenta uma gravura de moda que se distingue das mesmas por deverem ser d'uma execução infantil, e ao que, como compensação, tem um titulo em lingua estrangeira.

Isto qual será a realidade d'esta importante questão? Não queremos prophetisar porque estamos habituados a todas as decepções e não duvidamos que todos estes projectos, só muito tarde, sejam postos em pratica.

TELEPHONE 56

ENDERECO TELEGRAPHICO
—IMPERIAL—
Caixa no correio--40

SOBREMEZA LITTERARIA

Quadra

Qualquer sujeito que queira
Andar vestido no *tom*,
E' vir ao nosso Teixeira
Que tem da moda o que é bom.

Til Pelintra.

Pensamento

A discordia apparente e a harmonia real são o estado habitual da sociedade em geral.

Lamartine.

Anedocta

Bem velho, serio e socio
De acreditada casa de negocio,
O Lucas teve um dia
O nome de papá!—Quanta alegria,
Quanto contentamento
Mostrou em tal momento!

Baptisa-se o hébó
E como de uso é,
No livro proprio, lá na sachristia,
Lançar do pae o nome o Lucas deve.
Toma ella então a penna e alegre escreve
Lucas e Companhia!!

Pensamento

O mal physico dá origem ou é occasião do bem e mal moral: si os homens não soffrem, se fossem impassiveis, não seriam bons nem maus, nem sociaes.

C. Castello Branco.

Triolet

Olha-me, fita-me, santa,
Com teos olhares de amor.
O brilho delles me encanta,
Olha-me, fita-me, santa.
Mata-me pois esta dor
Desta paixão que é tanta,
Olha-me, fita-me, santa,
Com teos olhares de amor.

Jura Rosa.

Anedocta

Uns tafues de bom humor encontram uma saloia velha que conduzia dous burrinhos carregados e querendo gracejar com ella:

—Bons dias mãe dos burros, lhe disse um delles.

—Deos vos guarde, meos filhos, respondeu a velha.

Nuances

«O azul ciume traz
No coração do rapaz.»
—Diz uma velha sorrindo.—
O rapaz com liberdade:
—O roxo leva a saudade
Que os velhotes vão carpindo.

Til Pelintra.

Pensamento

São os namorados os architectos que mais castellos constrem e de menos estabilidade, porque os preparam no ar.

Bossuet.

Quadra

Depois de um peito querer
E de um coração agradar
Não ha no mundo quem possa
Fazer um bem separar.

Pensamento

Para que um casamento fosse feliz, seria necessario que o marido fosse surdo e a mulher cega.

D. Affonso d'Aragão.

Anedocta

Aos sessenta annos, Fontenelle padecia dos olhos, e ficava muito incommodado com a claridade.

Uma menina que o sabia disse-lhe uma noite:

—Vou mandar apagar algumas luzes, porque sei que gostais de estar ás escuras.

—E' verdade, mas não aonde estais,—respondeu o amavel ancião.

Pensamento

O genero humano está dividido em duas facções; os homens sustentam a guerra offensiva, as mulheres a guerra defensiva. O amor exalta os dois partidos; embravece-se a peleja; Cupido atira-se ao meio da refrega, agitando o seu facho; mas ha contrariamente ás outras batalhas, esta, em vez de destruir os combatentes multiplica-os.

S. Maréchal.

Chapeus de sol de seda para verão—novidade no artigo—encontram-se na alfaiataria—Teixeira.

Telephone 56

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Novembro futuro:

Em 1º—as Exmas. Senras. D. D. Rosa Augusta de Macedo Britto e Zenobia L. Cantanhede Moreira, os Senrs. Bernardino José Maia e Alfredo Nicolau dos Santos;

Em 3—o Illmo. Sr. Dr. Othon de Carvalho Pinheiro;

Em 4—o Senr. Capitão José da Silva Sardinha;

Em 5—o Senr. Manoel José de Azevedo Almeida;

Em 6—a Exma. Senra. D. Joaquina da Silva Miranda e o Senr. José da Silva Rodrigues;

Em 7—a menina Antonietta, filha do Senr. Affonso Filho e a Exma. Senra. D. Antonia B. Costa Rodrigues;

Em 8—as Exmas. Senras. DD. Benedicta S. Campos Costa e Francelina da Silva e Silva;

Em 9—o joven Eduardo Alves Lopes;

Em 10—o Senr. Tenente Coronel Antonio Leite de Moraes Rego e o Dr. Antonio B. R. de Godoi;

Em 11—a Exma. Senra. D. Izabel de Moura Pinto, esposa do Senr. José de Sant'Anna Pinto e os Senrs. Antonio Pires da Fonseca e Benjamin Rodrigues de Mello;

Em 12—a menina Waldemarina, filha do Dr. Joaquim L. Leite, o Senr. Filomeno Lebre e o Senr. Joaquim Mariano de Azevedo Pendigas;

Em 13—a Exma. Senra. D. Sophia de Almeida Pereira, esposa do Tenente Arthur Eduardo Pereira;

Em 14—as Exmas. Senras. DD. Silvia da Silva Miranda, Bellinha Fernandes e Filomena Gayoso, e o Senr. Francisco Barros;

Em 15—a Exma. Senra. D. Sara Ribeiro e o Senr. Joaquim S. Nunes Lisboa;

Em 16—a Exma. Senra. D. Augusta Borba de Castro;

Em 17—as Exmas. Senras. DD. Esther Ribeiro da Costa e Maria Amelia Coelho;

Em 18—a Exma. Senra. D. Corina d'Alencar Lopes Leite, o Senr. Raymundo Honorio do Lago Paiva, o menino Heider, filho do Senr. Francisco Pedrosa e o Major Pedro Freire;

Em 20—as Exmas. Senras. DD. Hermina Lopes, Hermia R. Ramos Rosa, Antonia Couto Fernandes, a menina Haydee, filha do Senr. Bernardino F. Marques de Souza e o Senr. Luiz Antonio de Almeida;

Em 21—as Exmas. Senras. DD. Victoria Serra Gandra, Victoria Serra Santos e Christina Serra Santos, e o Senr. Eliud Frias;

Em 22—a Exma. Senra. D. Benjamina Zaila S. Ribeiro e o Senr. Dr. José da Silva Sardinha;

Em 23—a Exma. Senra. D. Elisa Story e os Senrs. João Fernandes Marques e Alberto Leite;

Em 24—a Exma. Senra. D. Luiza Soares Ferreira e o Senr. João Vieira da Cruz;

Em 25—a Exma. Senra. D. Marianna Amelia de Souza e o Senr. Benjamin Freitas;

Em 27—a interessante Bertha, dilecta filha do nosso amigo Alfredo Pinto Teixeira, a Exma. Senra. D. Adriana da Cunha Lobato e o Senr. José Custodio da Silva Guimarães;

Em 28—a Exma. Senra. D. Maria Lisboa Abreu Nina, digna consorte do Senr. Dr. Almir Nina, os Senrs. José Barbosa de Andrade e José Gonçalves Machado, e o menino Antonio, filho do Senr. Manoel Moreira Pinto.

Em 29—as Exmas. Senras. DD. Anna S. Ribeiro e Edith Moreira;

Em 30—o Senr. Commandante Carlos Gonçalves.

Acceitem os nossos cumprimentos.

Collarinhos e punhos ultima novidade neste artigo na alfaiataria—Teixeira.

Telephone 56.

EXPEDIENTE

Augusto Britto

O talentoso escriptor Arthur Azevedo escreveu o seguinte, na secção *Palestra*, de 30 de Setembro ultimo, do *Paiz*, da Capital Federal, em relação ao nosso estimavel amigo e redactor desta *Revista*, Augusto Britto:

«Como é bom abraçar um amigo de infancia depois de longa e dolorosa ausencia!

Foi o que hontem me succedeu: estreitei nos braços o Augusto Britto, o mesmo de quem ha dias fallei, a proposito da sua ultima comedia, *A Legalidade*.

Em companhia desse amigo ensaei os primeiros passos no caminho asperrimo das letras, que tantos prazeres e tantos dissabores me tem proporcionado; e como elle era um pouco mais velho que eu, partiram dos seus labios os primeiros conselhos litterarios que recebi e ainda guardo e observo.

Vim para o Rio de Janeiro, espaço immenso onde só deixei de voar pela exiguidade das azas; elle, que as tinha maiores, encolheu-as, occultou-as o mais que póde no seu casaco de alpaca, e deixou-se ficar no Maranhão.

Depois de servir 26 annos no correio daquelle Estado, percorrendo toda a escala do respectivo quadro, desde praticante até administrador, o pobre Augusto Britto foi surprehendido pelo seu decreto de aposentação.

Moço ainda, cheio de vida e saude, laborioso, disposto para o trabalho e carregado de familia, o administrador aposentado resolveu embarcar para o Rio de Janeiro e pedir pessoalmente ao chefe do Estado que desfaça a injustiça daquelle acto ou pelo menos attenue os seus effeitos.

Estou certo de que o nobre e valoroso marechal attenderá o funccionario honesto que consagrou toda a seiva de sua mocidade e de sua intelligencia ao serviço da Patria, e lhe poupará o desgosto de ter que diminuir o pão de seus filhinhos.»

Maquinas para costura "Domestic," "Singer" e "New-Rose"—ecedeiras—na alfaiataria Teixeira.

Visitas

Temos sido honrados com as visitas dos seguintes jornaes, ás quaes temos correspondido com a remessa da nossa «Revista»:

O Artista, da Parahyba, O Trabalho, das Alagoas, A Ordem, da Cachoeira, O Povo, de Valença, O Correio de Noticias, da Bahia, O Commercial, de Cametá, O Marapanense, de Marapanim, A Gazeta Postal e O Democrata, do Pará, O Campeão e O Norte, da Barra do Corda, A Gazeta do Commercio, O Democrata, O Piauhy, O Cri-Cri, e O Diario, da Therezina (Piauhy). A Republica, O Commercio e O Ceará Illustrado, do Ceará, O Treze de Março, de Ouro Preto, O Monitor Mineiro, de S. Luzia do Carangola (Minas Geraes), O Rio Grande do Norte, e O Nortista, de Natal, O Correio do Norte, de Guaratinguetá (S. Paulo), O Monitor Codoense, do Codó, O Commercio de Caxias, de Caxias, O Maroinense, de Maroim (Sergipe), A Republica, do Pará, O Humaythaense, do Rio Madeira (Amazonas), O Alemquerense, da cidade de Alemquer (Pará), e A Gazeta do Commercio, da Parahyba.

Imp. por João B. A. Lomba, na Typ. a vapor da alfaiataria—Teixeira

Encontro

Fitaste-me... fitei-te a rosea face
Num dilúvio de sonhos e scismares,
Como uma estrella, os teus subtis olhares
Deram-me a luz da vida nesse enlace.

O sol do teu amor, o sol que nasce
Apoz as noites curtas de luares,
Traz-me luz e frescuras nos meus cantares,
Porque, seu luz, talvez os não vibrasse.

Feliz encontro, flor, sublime e breve
Como um céo azul; jamais se atreve
Esquecel-o minh'alma de criança!

Si um encontro desperta amor, doçura,
Coulsa-me este os dias de ventura
Com as perlas do orvalho da esperança.

P. Bessa.

—

Camisas bordadas e lisas na alfaiataria Teixeira.

Extasis

(Ao Henrique Vogeler)

Crepusculo...

...E o mar e o céo como que deslumbrados, contemplavam a magnificente apotheose do expirar do sol.

Nuvens variegadas amontoavam-se no poente que o sol exangue envolvia n'um ultimo reflexo, como um moribundo lançando o olhar agonisante em tôrno do leito mortuario.

Longe, longe, o mar—alma universal—repousava quieto; alto, tranquillo, o céo distante, adormecia.

A alma nos olhos, os olhos no céo, Aurea, pallida e voluptuosa, assomara á janella rendilhada do chalet, d'onde, espiando o crepusculo, sentia-o já dentro do peito.

E, deixando pender o seio offegante, arfando, arfando, distinguiu no silencio de chumbo, como que o leve agitar de uma aza que partisse.

Depois, uma harmonia doce, suave...

Era a saudade que se desprendera e, esparso em fóra, pennas de oiro, bico de crystal, enchia de limpidas notas, n'uma melodia cerúlea, o azul amplo, vasio...

E Aurea como que guardando no seio toda a tristeza que aquella tarde fria e calma encerrava, ergueu a cabeça loira e fitando aquelle genuflexo deslumbramento de luz e de cores, reflexionou:

«A humanidade é como o sol: No berço, a creança é como o alvorecer. Os sorrisos são as brancas aves que povoam a amplidão extensa; a alma immaculada e santa, a estrella d'Alva santa e immaculada.

Mais tarde, já crescida, torna-se um *meio dia*. No céo ha fulgurações de oiro; no seu coração alaga-se em borbotões, a alacricidade, as chammas crepitantes do affecto.

Depois, vae tombando, descaindo...

E afinal chega a tremula velhice e abre-se um tumulo para recebel-a ao passo que o sol mergulha no coração immenso e cavernoso do oceano.»

∴

E o mar e o céo como que deslumbrados, contemplavam a magnificente apotheose do expirar do sol.

Roberto de Alencar.

—

Saia preta e azul—verdadeira—para alta, na alfaiataria Teixeira.

Confidencia

AO BRITTINHO

Parece-me inda ouvir aquella voz tão doce
—Melodia do ceo—a me dizer contente
Umas cousas tão santas, como se santo eu fosse,
Como se eu fôra Deus e ella a penitente.

Ah si eu pudesse, flor, bem junto a ti agora
Viver cheio de amor n'uma voraz paixão,
Matar a grande sêde, a sêde que devora,
Embriagar minh'alma, fartar meu coração:

Então, meu Deus, eu fôra um ente venturoso,
Um colibri brejeiro, louco, feliz, cioso
De tudo que se encerra de bello n'essa flor...

Foi ella minha vida, meu doce pensamento,
Ergui-lhe no meu peito eterno monumento
Feito das puras crenças do seu celeste amor.

Jacintho.

—

Novidades em cazemiras para fatos e calças na alfaiataria Teixeira.

Pelo divorcio!

Com o titulo que serve de epigraphe a estas linhas, foi publicado na Capital Federal, sendo editora a casa Fanchon & C.ª, um livro de valimento litterario, e escripto pelo Sr. Pardal Mallet.

Acabo de ler esse livro, que teve opportuna publicidade.

E' muito possivel que haja um partido vigoroso que o condemne, pois que a reforma que elle applaude entende com preconceitos invetera los, firmados no intuito de acatar a moral social.

Nós bem sabemos que isto que se appellida de—moral social—não passa de mera convenção estabelecida pela humanidade; mas tambem sabemos que toda e qualquer convenção quando logra a ventura de atravessar longa existencia, estende por muito longe e por toda a parte as suas raizes que, assim, tornam-se difficil de ser extirpadas,—ao menos á primeira vista, ás primeiras tentativas.

Entretanto, é, de outro lado, necessario convir que nem todas as raizes longas e numerosas, serão, por natureza, resistentes. Basta o caso de já estarem apodrecidas. E direi melhor applicando este pensamento á hypothese de serem faes raizes rijas e solidas, por boa conformação. Si ao contrario acontecer, ainda mais facil será a sua extirpação.

No caso vertente, eu entendo que, em homenagem á propria moral, deveremos render preitos ao divorcio. Em termos precisos—que haverá grande immoralidade na idéa da sua repulsão.

Pois, averá por ahi coisa que mais contrarie nos sabidos principios em que estão estabelecidas as leis da natureza, do que o aresto estatuindo indissoluveis os laços matrimoniaes?

Um absurdo repugnante e damnoso!

Si o casamento nada mais faz que solemnisar o amor; si o amor tantas vezes morre quantas póde renascer—como imaginar sempre sua eternidade com a irrevogabilidade de semelhante contracto?

E eu fallo de baixo do ponto de vista da idéa que geralmente dá rasão de ser ao casamento; não me occupo com a que motiva a sua generalidade. O sacerdote e o juiz limitam em perguntar aos nubentes si é por sua vontade—que pretendem contrahir matrimonio. Si respondem—Sim—é o quanto bastante. Não indagam si entre elles ha affinidade electiva,—coisa em todo o ponto conveniente, já para a sua paz e socego, já para o lucro da humanidade, com a conservação e o desenvolvimento da sua especie.

Houve convenção para que o inicio da cohabitação d'um homem e uma mulher fosse solemnisado por um contracto, que tomou o nome de—casamento. Vá que seja. Effectue-se o contracto. Mas, com as brecas! concordem ao menos que a clausula da eternidade estabelecida—aconteça o que acontecer—torna-se uma coisa toda incongruente.

Si os nubentes foram casados porque isto—quizeram—porque não se hão de descasar quando tambem o—quizerem?

Talvez alguem me responda: Si acceitaram *in totum* a clausula do convenio eterno) está claro que o seu—sim—alludio a essa clausula, a da indissolubilidade.

Mas, direi, o que elles, pobresinhos, haviam de fazer senão dar aquella resposta? Si a dessem por outro modo—adeus casamento! Obrigados a mentir, elles mentiram, formando muitas vezes, o plano immoral de romper, a seu modo, os laços matrimoniaes, logo que lei superior a isto lhes ordene.

Ahi está, pois, o casamento actual auctorisando o calculo vil, a mentira e a immoralidade.

E, depois, a evolução dos seculos nos está determinando a obedecer o grandioso principio do altruismo, que se nos revela no sentimento do amor; referindo-me, bem entendido, ao amor genuino. Uma cadeia mais bella que a de outr'ora, já attesta á intuição para a solidariedade humana, solidariedade que não deve somente attingir á nossa vida contemporanea, mas a dos nossos posteros. Não se nos acorrentem os affectos, que estes se hão de irromper sereno e doce—cheio de sinceridade e de sentimentos os mais generosos e salutares.

De momento acudiram-me estas considerações a proposito da leitura, que, como disse, acabei de fazer do novo livro do Sr. Pardal Mallet.

AUGUSTO BRITTO.

—

Chapeus de sol, inglezes, superior qualidade na alfaiataria Teixeira.

Languidez

As vezes scismando á beira do rio,
eu sinto no peito pungente a saudade,
ouvindo d'aguas o brando cicio
eu choro e lamento cruel desventura!

Deixando nos fieis o pranto correr,
Sentindo na lagrima fella distroeza;
eu penso na morte, nos mais terno a ver,
as aguas que banham o meu Maranhão!

Co'a fronte pendida qual flor que fenece
conte-ple nas aguas da lua o brilhar,
ouvindo dos micheis o triste pilar;

Minh'alma saudosa da patria estremece,
e a Deus, meu Senhor, envio uma prece
Que pende-se envolta n'um sonoro cisne.

Laguinha-Manaus.

Raimunda E. F. Baldez.

—

Offereço ao meu distincto amigo do Maranhão, o Illm. Senr. Pedro Alexandrino Cardoso.

30$000 Uma calça de casemira de cor, grande variedade de padrões na alfaiataria Teixeira.
Telephone 36.

Descripção do nosso figurino de 9 personagens

(Em exposição no nosso atelier, e de DISTRIBUIÇÃO GRATIS para fóra da capital, a quem pedir.)

—

Personagem n. 100.

Sobretudo de passeio—Usa-se de feitio direito, levemente arqueado nas costas, com os seu costura no meio. Toda a fazenda felpada, chevioto ou diagonal, assim como de uma côr, fica bem n'esta roupa. A côr que usamos no nosso figurino original, e a que está mais em voga. Este sobretudo tem um comprimento medio de 10 a 12 centimetros abaixo do joelho. A gola usa-se de velludo.

—

Personagem n. 101.

A casaca—Cuja elegancia é irreprochavel faz-se em elastiestins ou em bom cheviotte, e sem fita. Como toilette de soirée ou para casamento, a casaca supporta bem as vistas e a gola de seda; o velludo, ainda que d'um aspecto mais pesado que a seda, póde ser empregado sem receio. Entretanto a casaca seria e official, faz-se sem adornos e tudo o que se pode admittir como phantasia, são as vistas de seda.

—

Personagens ns. 102 e 107.

Paletot de trespasse e sem trespasse—Para passeio usa-se mais o paletot de trespasse com 4 botões. Póde-se fazer de fazenda de qualquer côr, preferindo-se as acinzentadas. Estes paletots exigem calças de fazenda differente, mas de listas ou quadros. O collete pode ser igual ao paletot.

—

Personagem n. 103.

Fraque—Não offerece nenhuma particularidade e faz-se de diagonal fina, e as tres côres preferidas, são o preto, o azul escuro e o azul um pouco vivo. As abas continuam a usar-se compridas e redondas em baixo.

—

Personagem n. 104.

Sobretudo croisé—A sua forma é já conhecida, usando-se bem comprido e a gola de velludo.

—

Personagens ns. 105 e 106.

Fraque de 3 botões frente e costas—Este fraque é sempre o escolhido pelos elegantes, usando-se de fazendas um pouco vivas, cinzento, azul vivo, pardo e mesmo em fazendas mosqueadas, um pouco excentricas.

Personagem n. 108.

Sobretudo com pèlerine postiche—Muito usado para os viajantes, saidas de noite e mesmo para passeio. E' uma peça indispensavel para toda a pessoa que gosta do confortavel. Usa-se de toda a fazenda.

(Trad.)

20$000 Uma calça de casemira de cor, prepara-se por medida na alfaiataria—Teixeira.

Telephone 56.

SALÃO LITTERARIO

Ao realista

Reflexões de um louco.

Meia noite! Como é bom dormir-se! O espirito repouza no leito da tranquillidade, a materia dorme, e dorme tambem o coração!

Ah! eu quizera dormir o somno eterno, porque deixaria de soffrer.

A vida este carcere pestilento em que habita a humanidade, deve desapparecer como as antigas cidades de Roma.

O homem que nasce recebe uma sentença.

Elle vinha ao mundo cumprir uma missão sublime, mas hoje, conducmado pela natureza que parece estar corrompida, vem augmentar o numero dos martyres, se não quer alistar-se ao rol dos criminosos.

Se na vida nos apparece a imagem da ventura, se no horisonte duvidoso da existencia miramos uma nuvem cor de rosa que nos prometta o goso e a felicidade, é a illusão!

Devemos fugir e preparar o espirito para o golpe da desventura, porque ella é o caracteristico da vida em qualquer das suas phases.

Eu quero morrer. Prefiro a podridão dos tumulos ás essencias envenenadas deste mundo.

Quero mil vezes a magreza dos cadaveres carcomidos pelos vermes e renego a robustez da fidalguia que se alimenta com esplendidos manjares e suppõe permanentes os gosos phantasticos que lhe offerece a embriaguez da vaidade.

Oh! phantasmas! Não me atormentem! Deixem que eu maldiga sozinho a minha vida!

Se me escolhestes para victima, perdeste vosso tempo! Já não sou o infeliz que tragava o fel da traição por lhe ser offerecido em taça de crystal!

Amor! sim, amor!

E' muito doce o seu nome e muito bella a sua forma, porem são más as suas consequencias.

Eu já amei, já fiz as minhas experiencias e conheço perfeitamente este abysmo florido!...

Não! não quero a illusão!...

A noite é linda e pura.

A aurora pouco a pouco nos mostra o seu explendor dourado e mergulha-nos n'um mar de inspiração.

De repente a nuvem preta da realidade toma-nos a vista e temos a manhã dourada transformada em noite tenebrosa!

A mulher bem trajada, e encantadora promette-nos com a fidelidade divina um infinito de amor, porem tudo mentira, traição!

Não! não quero viver.

Só me serve a eternidade, pois lá é que os gosos são reaes!

G. Sand.

FOLHETIM

SUMMARIO—Um encontro—A satisfação intima—A nova vida commercial—Difficuldades de lutar—Flautando—*Au revoir.*

Escuta-me, Leitor, com aquella attenção delicada que costumas sempre dispensar-me, quando por este canto honroso da «Revista» busco contar-te o que penso a respeito do que vi e do que gosei.

Ha poucos dias tive um encontro feliz, cheio da alegria espontanea, com um amigo que a muito não o via, porque andava em plagas distantes a procura de melhorar a freguezia da Companhia onde está empregado.

Na verdade é um facto muito natural andar a gente em terra estranha, ás vezes, *entre gente que alheios males não sente*, feito um representante dos *lucros e perdas* de qualquer casa commercial.

E' uma commissão a meu ver difficil de um homem ingenuo desempenhar, principalmente, quando a palavra do contractante desconhecido periga na duvida do *venha mais*.

Eu creio que o amigo que acabo de abraçar, vindo de uma dessas commissões, tem o *tino commercial* bastante fino para conhecer a palavra verdadeira de todo o homem que cumpre o negocio a que se propõe.

Eu creio, sim, que o J. Fontoura terá sempre a perspicacia do pratico caixeiro viajante para o fazer o negociante *esperto* na maneira de tratar o negocio que lhe é proposto seriamente.

Nesta certeza eu bemdigo a nova vida do meu amigo J. Fontoura que é um moço cheio de vida e de vontade para subjugar todos os obstaculos da carreira que encetou.

A proposito do encontro que tive com esse caro amigo, o Leitor, irá notando as observações que aqui vou fazendo.

Achei-o um tanto differente, um tanto preoccupado com umas cousas sérias da vida real, mais aferrado ao interesse monetario e mais adelegado á vontade de conhecer o traquejo commercial na grande *alto e baixo* do cambio.

Já não é aquelle rapaz ingenuo e cheio do amor platonico que era capaz de morrer da tremenda tome de um Leijo do labio de sua bella Dona.

Não é mais aquelle rapaz alegre como a borboleta doudejante entre as flores dos sonhos e do amor, mudou completamente em tudo e por tudo, tornou-se um homem envelhecido na luta de um dever.

Essa mudança de vida do caro J. Fontoura, já foi tambem notada pelo Gil Velhaco que mandou-me os seguintes versos:

Flautando

A J. Fontoura.

Vejo-te transformado inteiramente,
Te não reconheço, meu Fontoura,
Mil vezes parabens,
Nos teus modos o fal-se d'ar innocente
Que deslumbra uma moça solteira,
Bom de agora, adeus.

Estás mudado, estás completamente,
Que caso de pensar!
Forma-se a scisma, o amor gentil, ardente
Que sonhaste sonhar.
Não mais o mesmo homem em ti eu vejo
Todo formoso e cheio de desejo
E cheio de pecado
A pescar o fructo prohibido,
O fructo ao mundo inteiro eternisado,
Adão que foste occulto, perseguido
Pelo reptil a dar-te um doce riso
Que só a teu a for
Por entre as sombras d'um profundo amor.

Um outro homem já és, (é bom dizel-o
Em voz augusta, forte, alto-sonante,
Pois que o mundo tambem o sinto diga.)
Vendo-te a falsa de intuador modelo
Um eterno coleiro vagante
Em prol d'alguma bespecita barriga.

Por longa quasi interminha viagem
Em plaga desconhecida,
Que mudança feliz foi operada
Nesse teu modo de passar a vida;
E's outro homem, e teus nova roupagem
De moda mais moda:
Tuas calças a bocca arregaçada
Gostosamente mais appetecida.

Gil Velhaco.

Realmente este costume de usar-se arregaçada a bocca das calças, notada pelo poeta *velhaco*, é correcto na elegancia da moda e faz-me lembrar uma celebre phrase de um pregador religioso de remotas eras aos fieis ouvintes: *saias e cima e calças abaixo.*

Au revoir.

JULIO DURVAL.

—

Carta de fraque e casaca na alfaiataria Teixeira

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO III | *Maranhão, 30 de Novembro de 1894* | NUMERO 31

REVISTA ELEGANTE

Prudente de Moraes.

Acaba de assumir a posição de chefe do nosso Paiz em 15 deste mez que expira, o cidadão que acima escrevemos o nome, e que fora glorificado nesse honroso e difficil cargo por um povo que soube conhecer-lhe o talento e a capacidade.

Não é elle um homem cansado do esforço inutil e da illusão perdida com a aspera ambição do pequenino e malicioso fim, mas um novo athleta da democracia, cioso do seo alto valor e que tem a experiencia da compensação mais real e mais preciosa da sua vida politica.

Democrata de principios, sempre a esprimir na sua vida o triumpho mais completo que se pode imaginar das lutas que encetou, Prudente de Moraes, como o primeiro governo civil da nossa vida republicana, há de ser o sustentaculo da ordem, do progresso e da liberdade de todas as nossas instituições.

E' um lutador que não cansa nunca, obreiro teimoso da idéa nova, espirito valente que não dá trégoas ao inimigo que lhe tenta explorar e destruir o campo das suas idéas e das suas doutrinas.

Tem elle a faculdade milagrosa de fazer renascer mais viva a chamma da vontade que parecia morta entre as cinzas das lutas da grande idéa republicana, e n'esse ponto elevado não cansa nunca de padecer, não cansa nunca de sentir e não cansa nunca de esperar.

E' Prudente de Moraes um dos vultos mais proeminentes do nosso republicanismo que se salientaram, rodeados da indifferença publica, quando a monarchia imperava, e souberam resistir para dar-nos uma sorte nova de vida social e um novo destino de vida politica.

Coube-lhe a gloria de nos dirigir e dar-nos uma nova orientação politica que satisfaça a obediencia das nossas Leis organicas e que nos obrigue a progredir nos grandes caminhos da civilisação moderna, onde o prestigio e a ordem são os dois elementos essenciaes para o engrandecimento do nosso rico e opulento Brazil.

22$000 uma calça de cazemira de cor, na Alfaiataria Teixeira.

A MODA

Cada vez está mais em moda não só para homens como para senhoras, mesmo as da aristocracia, o uso da bycicleta.

Para isso é indispensavel uma toilette elegante e commoda e o alfaiate não deve hesitar em fazer este genero de trabalho.

Tomamos portanto este assumpto para o figurino d'este mez, que se compoe de 6 personagens, sendo 3 homens e 3 mulheres, copia de seis toilettes das mais bonitas que temos visto nos arredores de Paiz.

Collarinhos e punhos, 10 formatos differentes, na Alfaiataria Teixeira.

TELEPHONE 56
ENDEREÇO TELEGRAPHICO
IMPERIAL
Caixa no correio--40

SOBREMEZA LITTERARIA

Triolet

Chega á janella querida,
Dá-me a luz do teu olhar,
Eu quero sentir a vida,
Chega á janella querida,
Minh'alma busca adejar
Pela amplidão colorida,
Chega á janella, querida,
Dá-me a luz do teu olhar.

Juca Rosa.

Pensamento

A religião das mulheres consiste ordinariamente em servir a Deus sem desgostar o Diabo.

Ozenstiern.

Quadra

Quer seja torto ou leijado,
Que queira vestir-se bem,
E' só vir *endinheirado*
Que o Teixeira fato tem.

Til Pelintra.

Pensamento

Todas as virtudes são contidas n'uma só palavra—amor.—

Hegonvé.

Triolet

Manda-me a carta mimosa
Que te escrevi, meo amor,
Si ella te foi enganosa
Manda-me a carta mimosa,
Cada phrase é uma flor
Dos meus sonhos cor de rosa,
Manda-me a carta mimosa
Que te escrevi, meu amor.

Gil Velloso.

Pensamento

Todas as mulheres são uma quando a luz está apagada.

Plutarco.

No jardim

Os noivos beijam-se. A furto,
Espia-os lá da varanda
A mãe da noiva adorada,
E pelo espaço que é curto
Um *braço* logo desanda
A velha toda zangada.

Til Pelintra.

Anedocta

Um americano recem-chegado de Pariz em tempo de carnaval, perguntou a um soldado que estava á porta de um baile de mascaras, qual o motivo porque as mulheres cobriam o rosto com um pedaço de vellu lo preto.

—E' para melhor poderem mostrar outra cousa respondeu o folgasão camarada.

Quadra

Uma gravata elegante
Da moda a cor verdadeira,
Que poe um moço galante,
Só tem o nosso Teixeira.

Juca Rosa.

Pensamento

Quando se ama, a alma brilha nos olhos.

Anedocta

Em casa de um negociante de cavallos:
—O senhor enganou-me indignamente!
—Eu? como assim?
—Garantiu-me que o cavallo que me vendeu não tinha defeito algum.
—E então?
—E então? E' cégo de um olho!
—Mas isso não é defeito... é uma infelicidade.

Triolet

Brinca-me n'alma a ventura
Quando eu te vejo a sorrir,
Tem teo riso uma frescura...
Brinca-me n'alma a ventura,
Amor começo a sentir
Numa esperança mais pura,
Brinca-me n'alma a ventura
Quando te vejo a sorrir.

Julio Dureal.

Pensamento

A vida é uma flor, cujo mel é o amôr.

V. Hugo.

Charadas

1.ª O adverbio e o homem é gaiato 1, 2.
2.ª Affirma não ser boa esta ave 1, 2.
3.ª Olhei o relativo nesta pharmacia 1, 1.
4.ª Na pista da muzica encontrei este instrumento 1, 1.
5.ª No chapéo procure a fructa 2, 2.
6.ª O pronome na espingarda é passaro 1, 2.
7.ª A onda dá luz ao insecto 2, 2.
8.ª A malvada parenta não tem braço 1, 2.
9.ª O passaro e a mulher é mulher 1, 2.

Charada enigmativa

As direitas é ave, as avessas ave é.

Anedocta

Entrando um cão em certa repartição o chefe chamou um continuo e mandou entoital-o dizendo:

—Ponha fóra este praticante.

Um praticante que ouviu:

—Julgo que v. exc. está enganado; pela sem ceremonia com que entrou elle parece mais um chefe.

Pensamento

A mulher é a obra prima do universo.

Lessing.

Anedocta

—Então, minha senhora, o pedido que lhe fiz da sua mão não a surprehendeu?

—Absolutamente, não. Eu já conhecia o seu bom gosto.

Pensamento

O coração da mulher é um abysmo de amôr.

Sainte Foix.

Motte

Entre demonio e mulher
Não pode haver differença.

GLOSA

Diga o mundo o que quizer,
Pois é varia a opinião,
Em fazer comparação
«Entre demonio e mulher,»
Mas eu mettendo a colher,
Dos juizes com licença,
E' esta a minha sentença:
—Que sendo ella endiabrada,
Com o demonio comparada
«Não pode haver differença.»

Julio C. Monteiro.

"Domestic" «Singer» e «New-Home,» maquinas para costura, grande deposito, na Alfaiataria Teixeira.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Dezembro vindouro:

Em 1.º—A Exma. Sra. D. Elvya Rosa Monteiro, digna esposa do tenente Theodorico Julio Monteiro, os Srs. Carlos Ferreira Coelho, Fabricio Burjack da Silveira e os Drs. Arthur Q. Collares Moreira e Sebastião Lobo;

Em 2—Os Srs. Joaquim de Souza Filho e João Bibiano Martins;

Em 3—Os Srs. Francisco Carneiro Junqueira e Aniathas Gonçalves;

Em 5—A Exma. Sra. D. Marieota Serra;

Em 7—A Exma. Sra. D. Maria Amelia Duarte Soeiro e o Sr. Manoel Jose Soares;

Em 8—A Exma. Sra. D. Cotinha Gomes, o Sr. José Gomes Murta Filho e o Sr. tenente Anaxagoras Valente de Figueiredo;

Em 10—O Sr. Raymundo Archer da Silva;

Em 12—O interessante menino Leico filho do Sr. Elpidio Gonçalves Nina e a Exma. Sra. D. Maria Fausta de Souza Ribeiro consorte do Sr. Desembargador Francisco Urbano da Silva Araujo;

Em 13—A Exma. Sra. D. Luiza de Azevedo Nunes e o Sr. Manoel Ribeiro Lopes da Silva;

Em 14—O Sr. Jose da Cunha Santos Guimarães e o menino Alfredo Goes dos Santos filho do Sr. Alfredo Nicolau dos Santos;

Em 15—As Exmas. Srs. DD. Rosa Margarida Pereira Borges, Alzira Bonilinda de Souza Bello, digna consorte do Sr. capitão Horacio Bello e America do Sul Nunes;

Em 17—As Exmas. Srs. DD. Joanna d'Alcoviá Barbosa e Abigail Augusta de Araujo Britto;

Em 19—O Sr. Leonelo Jansen de Medeiros;

Em 20—A Exma. Sra. D. Luiza Olimpia Ribeiro e o menino Adylles, filho do Sr. Alfredo Nicolau dos Santos;

Em 21—A Exma. Sra. D. Francisca Bello de Medeiros;

Em 22—A Exma. Sra. D. Carolina Castanhede de Oliveira e o Sr. Revd.º Conego Dr. Leopoldo Damasceno Ferreira;

Em 23—A Exma. Sra. D. Maria Zenobia de Sá Ribeiro e o Sr. Antonio Ravel;

Em 25—O Sr. Olimpio de Ericeira;

Em 26—As Exmas. Srs. DD. Jesuina E. Ribeiro e Maria Augusta C. Bego;

Em 29—A Exma. Sra. D. Maria José Pinheiro;

Em 30—A Exma. Sra. D. Rosa Nina Rosa e o Sr. Joaquim Thomaz da Costa Bello;

Em 31—As Exmas. Srs. DD. Jesuina Pereira, filha do capitão Rogerio Pereira e Hermínia Lima, e o Sr. Rodolpho F. Gomes de Castro.

Acceitem os nossos parabens.

Sobretudos de Cazemira, proprios para a estação invernoza, encontram-se no deposito de roupas feitas da Alfaiataria Teixeira.

EXPEDIENTE

Sons d'Alma

Veio-nos visitar o sr. Manoel Gonçalves dos Santos para nos offerecer um livro de suas poesias que tomaram o nome de Sons d'Alma.

E' um livro modesto de sentimento e que tem alguns deffeitos, não só de forma como de metrificação, producto da falta de estudo que faça o seo auctor conhecer a arte de poetar e vencer todas as suas difficuldades.

Modesto como é o livro do sr. Manoel Santos, não deixa de ser um trabalho de intelligencia que procura as luzes do saber e busca bater-se nas lutas das lettras patrias.

Agradecemos a fineza da visita e do mimo.

Capotes impermeaveis, para a estação invernoza, grande variedade em cores, recebeu e vende a Alfaiataria Teixeira.

Imp. por João B. A. Lomba, na Typ. a vapor da alfaiataria—Teixeira

de nossas almas; os raios do sol n'ella se infiltrando dão-lhes um brilho tão agradaveis como o dulçôr que sentimos.

Gozemos a solidão!

Extasiemo-nos ante esta obra magnifica da natureza, tão pouco respeitada pelo progresso—vandalo que destróe as bellezas da creação.

Talvez breve seja derribada impiedosamente para agitar-se n'esse logar socegado a tremenda e asquerosa lucta das paixões humanas.

Terrivel contraste!

Os grossos troncos incolumes ao mais rijo tufão, protegidos uns pelos outros, attestam a antiguidade d'essa floresta.

Alli os indigenas livremente viviam, incansaveis, para a subsistencia, dando caça as suas rivaes—as féras, occultos pela folhagem, á sombra das grutas, ou, arrojadamente, affrontando-as peito á peito.

De quantos idyllios não foram essas arvores testemunhas!

E' grato procurar advinhar o passado...

Tua existencia bucolica foi sempre guiada pela liberdade, preferindo essas insonentes distrações ao viver da metropole.

E, se tanto aprecias os selvaticos rumores, diva de minh'alma, busquemos a refrigerante do frondente bosque, acariciados pela harmonia do nosso amor!

Julio Camisão.

—

Cerouras perpacuo-se na Alfaiataria Teixeira.

Noivos

Eram noivos.

Desciam pela espadua da collina, de mãos dadas, alegres, rindo...

Em suas almas a ventura do amor; fóra, na natureza, a alegria da primavera: montanhas e prados trajados de verde, cajaseiras no valle cobertos de flores amarellas e os *flamboyants* da escosta, de capa, tambem verde, traçada, e turbante de umbrellas rubras olhavam a villa, que se estendia lá muito adiante, e envolta n'uma poeira doirada.

Cahia a tarde. Rolavam pelo espaço nuvens vermelhas como flocos de algodão embebido em sangue.

Havia pelo espaço um rumor confuso... Passavam pombos batendo ruidosamente as azas.

Longe,—o mar coalhado de navios, uma profusão de mastros, velas e bandeiras que se moviam por entre canos vomitando fumo.

Ao lado —o cemiterio: jazigos de marmore, cruzes, grades cheias de flôres e cypresteis esguios...

—E se eu morresse hoje?...—disse ella, mostrando-lhe o cemiterio.

Elle tornou-se pesaroso e replicou-lhe:

—Porque pensas n'isso, agora que somos noivos?! Olha, se morreres, este amor que te consagro ficaria sepultado no meu coração; mas, não penses na morte, meu amor, agora que na natureza e em nossas almas canta a primavera... Laura! meu amor! amemo-nos...

E beijaram-se.

Horacio Guimarães.

—

Chapéos de feltro inglezes, ultimas novidades em formas, recebem a Alfaiataria Teixeira

A perola e a gotta de orvalho

(Lenda da Ilha de Malta)

Uma certa manhã, o Padre Santo
Depois de toda a noite haver rezado
Pelos seus, nos jardins do Vaticano,
Sobre a relva deitou-se fatigado.

E ahi, envolvida pelas plantas,
Ficou sua tiara preciosa
Que era, entre mais joias de valor,
Ornada d'uma perola custosa.

Em uma dessas plantas, quasi secca,
Uma gotta de orvalho estava brilhava,
Que voltando-se á perola soberana:
—Deus te salve minha irmã; assim falava.

—Es tua irmã? Volve-lhe a perola,
Eu por quem deram um bom milhão,
Eu, que brilho na fronte mais augusta,
Posso ser tua irmã?! Oh! Isso não!

—E então p'ra que serves? Torna a gotta
Penetrando a vaidade té ao fundo:
—Eu? P'ra adornar sceptros e c'rôas,
E excitar a cubiça a todo o mundo.

—E eu, diz a gotta humildemente,
Morro para a outros dar a vida;
E dizendo deixou-se escorregar
Sobre as folhas da planta resequida.

Então baixou do céo um anjo lindo,
E em seu regaço a gottinha recolheu
E levou-a ao céo, onde Deus justo
Um assento crystallino lhe offereceu.

E a perola foi um dos camaristas,
(Como em breve perdesse o *oriente*.)
Oriente, admirou-se do lado das perolas,
A rancada da tiara com desdem
E calcada aos pés delle impunemente.

Moralidade

Como premio do bem e da modestia
A gottinha humildada foi ao ceo,
E a perola, por soberba e orgulhosa,
Um castigo ignobil mereceu.

Ceará.

Julio C. Monteiro.

—

Camisas bordadas e lizas na alfaiataria Teixeira.

A boneca

Todos os dias ella pedia ao dindinho uma d'estas bonecas que dizem papá-mamã. Era o seu idéal, d'ella a trafega, e buliçosa criança que bem cedo, muito cedo, ficara orphã de pae.

Vira uma boneca assim, em casa da visinha, uma boneca allemã, muito grande que dizia papá-mamã e desde então lhe ficara aquella vontade de possuir outra, exactamente egual, com os mesmos olhos azues e os mesmos cabellos loiros.

Nos seus sonhos era de rosa, sonhos de creança, pura e branca, como a neve que borda os cimos das montanhas, apparecia-lhe sempre aquella boneca que dizia papá-mamã.

E embora pequenina experimentava um certo sentimento de repulsão pela filha da vizinha, muito mais feliz do que ella, porquanto era senhora e possuidora do que ella mais almejava neste mundo: uma boneca que disse-se papá-mamã.

Era o sentimento egoistico da inveja que desabrochava n'aquelle ser louro, como um raio de sol, mimoso como uma violeta.

Havia n'aquelle coraçãosinho de anjo o germen d'isso a que se chama peccado; o desejo de se ter o que os outros tem; mas na pobre criancinha esse germen era apenas a explosão da propria natureza humana que começava a se revelar nas suas mais elementares manifestações.

Invejava a boneca da filha da vizinha: mas naturalmente desconhecia o que era inveja.

Sentimentos assim não maculam a alma pura de um ser terno como um lyrio.

Todos os dias pedia ella ao dindinho que lhe tróuxesse a boneca que promettera e o dindinho promettia sempre... que sim, havia de trazer, no dia seguinte... ainda não tinha chegado; esperava um amigo que devia vir da Europa... então a menina havia de ver... que boneca chic... dizia papá-mamã, exactamente como ella desejava.

Mas o dindinho, embora muito bom avô e muito amiguinho de sua netinha, apenas punha o pé fóra de casa, esquecia-se de tudo quanto se passava no lar domestico para só pensar nos seus afazeres de negociante abastado, importador, chefe de uma importante casa de commercio.

Todos os dias novas recriminações por parte da pequena e novas desculpas por parte do velho.

A santinha já não sabia de que modo havia de rallar com o avô e este de que modo havia de se desculpar.

Passou o tempo agradavel de Agosto e Setembro; veio Outubro; Novembro annunciou o calor e em Dezembro já o Rio de Janeiro era victimado por toda a sorte de febres de caracter mau.

A epidemia desenvolvia-se de um modo assombroso.

A Julinha, a menina da boneca foi uma das primeiras victimas.

Cahiu em uma manhã em que o sol surgiu no horizonte, rubro, vermelho, como um caustico de brazas.

A sua doença durou apenas um dia e meio.

Mas durante esse curto periodo, em que a febre a devorava ella dizia sempre—Dindinho, dindinho a minha boneca?!

...

—

Maquinas para costura "Domestic," "Singer" e "New-Home"—verdadeiras—na alfaiataria Teixeira.

O valor da Moda

Lalá era uma moça mui formosa,
Na elegancia e na Moda era rainha;
De flôres e bordados sempre tinha
A vestes guarnecida, caprichosa

Lauro amava Lalá extremamente,
Mas... se mancebo a moça não ligava!
Tambem Lauro na Moda nos trajava
E do *High life* andava indifferente!...

Um amigo de Lauro, delicado
Que já lhe conhecia a ta paixão,
Lhe aconselhou a—Moda. E o apaixonado,

Correu a casa do Gaspar & Irmão,
Vestio bonito fato e o recitado
—Foi a moça render-lhe o coração...

Herdemia.

Chapeus de sol, inglezes se la superior, na Alfaiataria Teixeira.

SALÃO LITTERARIO

Ponto observatorio

Ha, na Capital Federal, um ponto que se presta á importantes observações em relação á vida humana.

Quem n'elle se demora, mesmo por pequeno espaço de tempo, fará, se quizer, estudos interessantes.

Alli está o movimento, a vida do Rio de Janeiro, e, n'esse movimento, n'essa vida, alem de muitas outras coisas, terá o observador:

O commercio em acção, impetuoso, e forte: sommas fabulosas são d'elle hauridas, reunindo-se, assim, riquezas assoberbadas. Como que para glorificação do grande commercio feito, os objectos expostos á venda tem sempre melhor acceitação que os expostos mesmo á pequena distancia.

O comprador ou compradora sabe que poderia obter um objecto de que carecia, ou, mesmo, de que não carecia, por menor quantia, dando apenas dois passos d'ahi, mas tem a compensação do prazer que experimenta pelo facto de haver elle sido comprado no ponto observatorio de que ora me occupo. Paga com satisfação o imposto d'essa sua vaidade.

O madrinismo é feito representar por differentes commissões. A elegante *demoiselle* passa victoriosa, attrahindo os olhares dos que não teem ainda paralisados os transportes do coração; algumas pretendem triumphar com a irradiação dos seus fulgores despretenciosos; outras, como que por alli comparecem com o pensamento de settear leões. Quantas allianças d'essa natureza são feitas no ponto observatorio a que me refiro, e, conseguintemente, quantos pontos de partida realisados para as viagens a que nos fazem emprehender os nossos corações! Uns vão sempre por mares bonançosos, outros são por tempestades sanhudas arremeçados a paizes com os quaes nunca sonharam. Outras, ainda, com differentes motivos alli comparecem.

Comparecem tambem alli o amante descabellado, que procura no cognac e no paraty um lenitivo ao espesinhamento do seu amor, o pretendente, junto alguma das secretarias ministeriaes, què anda desejoso por fallar ao seu ou alguem que possa ser seu protector, e a quem pela decima vez não encontrara na sua casa, situada a mais de uma legua de distancia; o curioso, avido de novidades, para ouvir, ver e contar; o mendigo, o aleijado, que esmolam á caridade publica; o opulento, a procura do que empregar o dinheiro que lhe assoberba as algibeiras, e o bilontra em *simples reducção*, que sepõe de alcateia, para *fintar* aos amigos, pelo menos... alguns charutos.

O observador que propositalmente alli se colloca póde, pois, muito bem, e facilmente, tirar motivos para trabalhos de differentes generos litterarios: na poesia, no romance e no theatro. A concepção será segura e verdadeira.

Os personagens são numerosos, andam por alli aos encontrões.

AUGUSTO BRITTO.

Meias de tecido de lan, linho e seda, cores firmes, grande deposito na Alfaiataria Teixeira.

Auzencia

Eu fujo de te ver, porque não quero
um mytho apoz olhar-te se curve a
o meu pensamento ao ver, si bem conheça
que é um mal..., e este mal mesmo espero.

Si um mytho for o amor que te venero,
um mytho que a esperança desconheça,
porque julgues que ausente se arrefeça,
quando ausente se torna mais sincero;

Guarda-me o dia, a vez, a sorte cara
quando eu possa beijar-te a bocca rara
entre suspiros e ais de um peito ardente;

Então conhecerás que nossa ausencia,
não é o amor um mytho na apparencia,
mas que eu amo-te, flor, profundamente.

P. Rosa.

Novidades em cazemiras para fatos e calças na alfaiataria Teixeira.

A' sombra

Junto ao frondente bosque, diva de minh'alma, busquemos a refrigerante sombra, acariciados pela a harmonia do nosso amor!

Na placidez suave d'esse umbrastico retiro, pensemos no delicioso porvir que nos acena de perto.

Os insectos que encontram confortavel berço nas flores e a alegre passaradia entoarão hymnos em nosso louvor.

Ante as sombras ren lilha las das arvores esqueçamos os passa los tormentos, embebidos no vago sonhar que constitue a nossa alegria.

A felicidade foge do bulicio, edifica seu resplandecente sólio na solidão, onde podemos verdadeiramente apreciá-a

Agitados pelo sentimento divino que irmana a humanidade — o amor — sem o qual a vida seria um chaos, nossos corações alli podem pulsar livremente.

O ruido poetico d'essas ramagens florentes tem tanta poesia como os arrulhos

FOLHETIM

SUMMARIO. — Duas perolas — A mulher e a litteratura — Como apreciá-as sob um ponto de vista attrahente — Fructos Selvagens — A vida — Uma simples verdade. — *Ao revoir.*

Duas preciosas perolas, caro Leitor, prendem-me a idea e o gosto constantemente e captivam-me o espirito como se eu tivesse a andar em um paiz ainda não visto:

Uma é o doce, ideal olhar de uma mulher que amo, avido de goso e de posse, envolto sempre em um veo de mysteriosa saudade, e a outra é a bôa e infinita litteratura que enthusiasma-me a alma com a sua voz meiga de sentimento e de genio, voz que povoa-me os dias no isolamento de imagens que fallam, que traduzem tudo o que o coração experimenta e sente.

A primeira que é a creação mais perfeita da grande obra dos *seis dias*, traz-me o espirito n'um turbilhão de desejos e gosos ideaes, temendo sempre que seja roubado o meo amor, pela mão encurgelada da implacavel Morte ou pela mão de um sujeito mais velhaco que eu, quando a todo instante aspiro-a para a companheira purissima e inseparavel da minha existencia inteira.

E' certo que sou um tanto fraco nessas cousas do coração e tenho, ás vezes a peccavel vontade de possuir o ideal amado, mesmo com o sacrificio da vida social.

Mas o que fazer? é um sonho de liberdade do meo modo especial de sentir e do meo temperamento, que, nem sempre, acham uma convenção ou um raciocinio que satisfaçam completamente as suas exigencias irrevogaveis que são, nem mais nem menos, os effeitos do mysterioso amor.

Amar uma mulher que nos ame — é um viver de glorias e de ineffaveis venturas, é ter-se o allivio perto de si das muitas miserias do mundo, é o coração cantando sempre as canções sublimes da eterna fortuna e do eterno amor.

Quanto a outra que é a litteratura, filha do entendimento humano, tenho-a como a precursora das minhas horas de ocio, equilibra-me o espirito na asquerosa luta do viver e faz-me vencer a interminavel via dos desgostos e das tempestades.

Arrimo-me á ella como um martyr, cheio da aspiração radiante da chimera, e sempre encontro, não o sopro gelido da duvida, nem a voz ululante dos espectros miseraveis, mas um poder colossal de forças mentaes que torna-me um enthusiasta que se vae atraz de bellos triumphos.

Ha poucos dias recolhido ao leito que me tinha a soffrer, andei correndo a vista nos — Fructos Selvagens — de Ignacio de Carvalho, livro de versos com alguma arte e com alguma forma, porem, cheio da magnifica linguagem do sentir.

Tem paginas brilhantes, de delicioso e encantador estylo, cheias da amargura, da saudade, do enternecido amor e do tangivel philosophismo da moderna arte.

Ha nelle a luz de uma paixão intima de exilado, que caracterisa perfeitamente a alma de poeta de Ignacio de Carvalho, alma quasi aniquilada á escravidão do meio onde gira o seu ideal amado, alma que experimenta com philosophismo a desesperada amargura do que é

A vida

«A vida! o que é a vida?—Um chaos horrendo,
Cheio de doces, de amarguras cheio,
Em cujo cenaculo e tenebrosos seios
Ricina um flagello, tragico, tremendo.

Na escura linha do horisonte eu leio
No vir de cada dia, apparecendo
Uma bella esperança que, morrendo,
Dá apparece a sombra de um receio...

Feliz d'aquelle que morreu criança
E que não viu se desvanecer do colle
Do coração a ultima esperança.

Resulta d'isso que a lembrar estive:
—Que aquelle que mais vive é quem mais soffre
—Que aquelle que mais soffre é quem mais vive!...»

Eis ahi um dos perfeitos e melhores sonetos do livro de Ignacio de Carvalho, poeta que se atirou á luz da litteratura adolescente de intelligencia e de vontade e teve a felicidade de guiar-se bem nos estrellados caminhos dos sentimentos.

O que ahi fica não é uma maneira monstruosa de *coterie* perversa, que destroe e não edifica, que ergue o pedantismo ás torres de um castello ephemero e atira aos rochedos os genios no embrião, mas uma simples verdade de alma tambem de martyr que luta triumphante.

Ao revoir.

JULIO DURVAL.

Novidades em cazemiras na Alfaiataria Teixeira.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO III | *Maranhão, 31 de Dezembro de 1894* | NUMERO 32

REVISTA ELEGANTE

Os nossos desejos

Abandonados da luz sinistra e pallida das horas de desesperada amargura, contentes e tranquillos que somos agora, vimos traçar umas linhas côr de rosa como synthese dos nossos verdadeiros desejos.

Deixa-nos hoje o anno de 1894, sob a luz rosea de uma consolada e casta saudade, para recolher-se glorioso ao leito eterno do passado.

Vae elle alegre e satisfeito, como um lutador valente, como um benfeitor impavido, dormir eternamente sob a influencia do esquecimento de aquelles que foram infelizes, cercados de dores e decepções e sob a influencia de doces recordações de aquelles que tiveram a vida n'um brilho prismatico, delicioso e encantador.

Amanhã nos surgirá um outro que é o de 1895, talvez mais lindo de aspecto e de venturas e consolações, sob o magico poder das mais ridentes esperanças.

Neste, talvez teremos as estradas do nosso destino mais largamente inundadas pela claridade alvinitente das manhans da fortuna, onde cada um de nós somos os martyres lutadores que vão em busca da chimera radiante, soffregos sempre do que é melhor, embora, vencidos e aniquilados, as vezes, pelos sopros das tempestades da fatal Miseria.

Neste talvez vejamos o céo das nossas aspirações mais crivado de astros resplendentes, com a sua estrella d'alva a nos guiar pelos vergeis esmaltados das fortificantes e serenas illusões e borrifados das gottas frescas dos orvalhos da felicidade.

Brinca-nos na alma essa esperança risonha, cheia do campanado verde, do verde esmeraldino dos nossos desejos de ver [illegible] bons amigos e freguezes [illegible] da benefica luz de todas as fortunas e venturas nos [illegible] e sessenta e cinco dias do anno que nos vae surgir d'entre as sombras scintillantes do Futuro.

200

duzias de collarinhos e punhos em differentes gostos, despachados para a Alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

A MODA

Com a approximação da estação fria, a clientela previdente, deve pensar nos sobretudos de inverno. A moda pouco ou nada pode alterar esta especie de roupas. O que é indispensavel, é bom comprimento e largura. O comprimento é uma questão de gosto; a largura é obrigatoria para que taes roupas se possam abotoar sem o menor esforço e que não façam sentir nenhuma pressão desagradavel. Entre os diversos personagens da nossa gravura de modas, chamamos a attenção dos nossos clientes para o do sobretudo *demi-saison* para passeio.

(Ext.)

Bostock calça 'o inglez qualidade superior—á venda na Alfaiataria Teixeira.

Telephone 56.

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

IMPERIAL

Caixa no correio--40

Pensamento

O unico segredo que uma mulher conserva, é o da idade.

Triolet

Vergel de flores mimosas
Seja a vida das leitoras,
Quadra feliz e de rosas,
Vergel de flores mimosas,
Bellas manhãs, seductoras,
Todas, todas perfumosas
Vergel de flores mimosas
Seja a vida das Leitoras!

Julio Dorval.

Pensamento

A serpente depois de ter seduzido a mulher, emprestou-lhe a lingua.

. . .

Anedocta

Entre confessor e moribundo:

—Já pensou no estado de consciencia em que se vae apresentar diante de Deus?

—Ah! meu padre! Quanto á consciencia, devo tel-a em bom estado, porque nunca me servi d'ella.

Pensamento

A felicidade terrestre tão necessaria ás mulheres como o espartilho.

Lemesse.

Quadra

Tenha a vida bem ridente
A leitora da «Revista»
Este amor, rosso e constante
Ande á busca e ande á pista.

Tit Pelintra.

Pensamento

Não ha escravidão mais pesada do que a do amor.

M. de l'Espinasse.

Anedocta

Um estudante, ao passar por uma senhora disse-lhe:

—Ella é mais linda mulher que tenho visto.

A mulher olhando para elle e achando-o muito feio, respondeu:

—Sinto não lhe poder dizer outro tanto.

—Pois minha senhora, replicou o estudante, minha como eu.

A. de L.

Pensamento

A lingua da mulher é a sua espada.

Proverbio.

Decifrações

Foram estas abaixo as que decifraram as charadas de n.º 31 de nossa revista:

Belfort, Tonstim, Gil Bilro—charadas 6, 7—Vaudun e 8, Alacete e 4, Avelina.

Belfort Gil Bras a charada enigmatica Arara.

Tit Pelintra—charadas 1—Cabino e 2—Ema.

Lo-ro-o—charada 3—Vietal.

Tit. Serafim—charadas 4—Piston e 5—Alacate.

Pensamento

A lisonja é uma moeda falsa que só a fossa vai a e aceita.

La Rochefoucauld.

Amor e dever

I

Olhei-te uma vez... Olhaste;
Sorri-te depois... Sorristes,
Fallei-te de amor... Coraste...
Pedi-te um beijo.... Fugiste!
Dizia o Amar:—*Errraste...*
Dizia o Dever:—*Resiste!...*

II

Olhaste mais tarde... Olhei-te;
Sorriste tambem... e sorri;
Disseste... o que? não sei;
Porem, afinal cedi...
Dizia o Amor: —*Gostei!*
Dizia o Dever:—*Perdi...*

Pensamento

A parte mais nociva de uma mulher, é a lingua.

Proverbio.

Anedocta

Um advogado acaba de obter com a sua eloquencia a absolvição de um gatuno.

Este assim que se viu livre, disse-lhe com as lagrimas nos olhos:

—Sou pobre para poder pagar-lhe este favor, mas, si Deus me ajudar, amanhan, a primeira cousa que furtar é sua.

Pensamento

Ainda mesmo que durasse um seculo, o amor feliz é só um instante.

Properciu.

Charadas

A «Revista Elegante» offerece um premio ao primeiro decifrador de todas estas charadas.

1.ª Esta substancia é instrumento e insecto 1, 1.

2.ª A preamar é nota que incommoda o artifice 2, 1, 1.

3.ª A joia agasta o homem 11/2.1/21.

4.ª A herva na mãe é obsoleto 2, 2.

5.ª A agua não é boa para este peixinho 2, 1.

6.ª O estrondo é a primeira bebida fermentada 1, 1.

7.ª O desconto da fechadura é para apertar 2, 2.

8.ª Tu n'este vazo avesinha?...

Pargas.

Perguntas enigmaticas

1.ª A planta é cidade?

2.ª A arcola é cidade?

Charadas enigmaticas

1.ª As direitas é medida, ás avessas medida é.

2.ª As direitas é mulher, ás avessas mulher é.

Novissimas

1.ª O sarbo e a recompensa, é molestia. 2—2

2.ª O instrumento e tecido e a ponta da bacia.—1—1—2.

3.ª O auctor no annel, está no retabulo. —1—1

4.ª No canhão e em Portugal, está nos cachos.—2—2.

5.ª Na musica, a faculdade é exame.—1—2.

Belfort.

Grande deposito de todos os artigos proprios para o completo vestuario de homens, encontra-se na Alfaiataria Teixeira.

HIGH-LIFE

Fazem annos em Janeiro vindouro:

Em 1.º—A Exma. Sra. D. Zaira Nina Rosa e o nosso distincto amigo commendador Augusto Cesar Marques;

Em 2—A Exma. Sra. D. Mathilde Ribeiro, digna irmã dos Srs. João e José Pedro Ribeiro e a interessante menina Eloah, mimosa filha do nosso amigo e collaborador Augusto Britto;

Em 3—As Exmas. Sras. DD. Leonina G. da Cunha e Ma Louvain Veiga;

Em 4—O Sr. Raymundo E. de Souza Martins;

Em 5—A Exma. Sra. D. Celeste Ribeiro;

Em 6—A Exma. Sra. D. Olimpia de Souza Rego;

Em 7—As Exmas. Sras. DD. Leonilia Soares Ferreira, e Adelia Trindade e o Sr. Nuno Pinto;

Em 8—A Exma. Sra. D. Cotinha Couto;

Em 9—O Sr. Dr. Manoel da Silva Sardinha;

Em 10—A Exma. Sra. D. Rosa Machado;

Em 11—O Sr. José Carlos Bartolo;

Em 13—A Exma. Sra. D. Aline Story, prezada filha do Sr. Charles Story;

Em 14—O Sr. Nuno A. de Moraes Rego;

Em 15—O distincto academico Carlos Augusto B. Marques, filho do nosso amigo Sr. commendador Augusto Cesar Marques e o Sr. Francisco Amaral;

Em 16—O Sr. Alberto José Pereira Lemba.

Em 17—As Exmas. Sras. DD. Maria Candida dos Santos Guimarães, filha do Sr. José C. de Sousa Guimarães, Adelaide Besea, digna irmã do nosso incansavel redactor Pacifico Besea e Rosinha Pereira;

Em 18—O Sr. Elysiário Gonçalves Nina e a Exma. Sra. D. Prisca Bitta Illão Martins, digna esposa do Sr. Chrispim Antunes Martins;

Em 19—A Exma. Sra. D. Luiza Adelia de Oliveira e Souza e o moço Domingos filho do Sr. Alfredo Gonçalves da Silva;

Em 20—As Exmas. Sras. DD. Mariana Sebastiana da Silva e Laura Ferreira Pessôa de Barros digna consorte do Sr. Antonio Pessôa de Barros e os Srs. Antonio Alves da Silva e Arthur Jefferson de Moraes Rego;

Em 21—A Exma. Sra. D. Undine Delfim Guimarães Lisboa digna esposa do Sr. Emilio José Lisboa;

Em 23—O menino Carlos filho do Dr. Joaquim F. Costa Lima;

Em 24—A Exma. esposa do Sr. Henry Aiglie, a menina Maria prezada filha do Sr. José Castelo da Silva Guimarães e os Srs. Antonio Mattos e Dr. Abeytard Lobo;

Em 26—O nosso distincto amigo e digno chefe d'esta Alfaiataria, Sr. Gaspar Pinto Teixeira, a Exma. Sra. D. Sirinia Ferreira Santos e o Sr. Augusto Cesar Rodrigues de Mello;

Em 27—A Exma. esposa do Sr. Christian A. dos Santos, a Exma. Sra. D. Maria Leopoldina Pires Cavalcante e o Sr. João de Aguiar Almeida;

Em 28—As Exmas. Sras. DD. Rosinha Escarina Pereira e Leontina Cunha e o menino Hugo filho do Sr. Simão Barsotti;

Em 29—As Exmas. Sras. DD. Severa Vieira da Silva e Maria Luiza Cavalcante de Almeida prezada sogra dos nossos amigos Augusto Britto e Arnaldo Arthur Pereira e os Srs. Manoel Silvestre da Costa Santos e Raymundo Nava Rodrigues;

Em 30—O Sr. Dr. Manoel Vicesimo Pereira, Vice-presidente da Republica.

Em 31—Os Srs. Joaquim Pedro da Silva Monteiro e Arthur Leite.

Aceitem os nossos cumprimentos.

Sobretudos impermeaveis, grande variedade em cores e tamanhos, na Alfaiataria Teixeira.

EXPEDIENTE

Visita

Fomos honrados este mez com a visita dos seguintes collegas, que agradecemos:

O Combate do Pará, O Marapaniense--Pará--Marapanim, O Diario do Ceará--Fortaleza, A Republica--Pará, Gazeta do Commercio--Parahyba, A Republica--Ceará, Tres Marco--Ouro Preto, O Commercial--Pará, Monitor Mineiro--Minas Geraes, O Commercio de Caxias--Caxias, O Piauhy--Therezina, O norte--Barra do Corda, O Democrata--Estado do Piauhy, O Gri-cri--Estado do Piauhy--Therezina, O Caupeio--Barra do Corda, Monitor Coloense--Coló.

Imp. por João B. A. Lemos, na Typ. avulsa da alfaiataria—Teixeira

Ella a bella e graciosa, gentil e donairosa.

Morena, tem uns olhos coruscantes que scintillam ardentemente, captivando e dominando de modo prepotente.

Não são olhares o que elles irradiam, mas antes scentelhas fulminantes, que caem sobre corações com a força do raio: destruindo todas as resistencias que se lhes anteponham e estilhaçando todas as muralhas scepticismo mais arrojado.

E—qual foco grandioso no fundo de uma tela entenebrecido—que maravilhoso e deslumbrante realce dão ao seu moreno rosto de fadinha feiticeira aquelles olhos vivazes, brejeiros e cheios de meiguice!

São dois soes da luz fagueira e ineffavel a convidar-nos a um infinito de venturas sem par!

São olhares que ferem quando não se volvem com uma pontinha de affeição para quem os deseja ardentemente; que matam, quando scintillam despreso ou indifferença; que glorificam e eternisam a bemaventurança d'alma, quando revelam doces emanações de uma sympathia ardente e sincera!

Oh! quem me dera penetrasse em meu seio um só d'esses ultimos olhares, um só!

Julietina conhece perfeitamente o magico poder desse philtro poderoso. D'ahi a confiança que do seu dominio para tyranisar os que lhe supplicam a esmola de um sorriso, a graça de uma palavra de consolação e esperança, o obulo de uma consolação.

Formosa qual Venus de Milo; prepotente, porém, a mais não ser.

Elle, o coitado, ama-a talvez; talvez a adore, a idolatre quiçá.

Desesperado, porém, não ousa confessar o seu affecto que sabe repudiado e provavelmente ridicularisado.

Procura no seio das noites tristes e soturnas, cortadas pelo latego da ventania sibilante, o conforto que lhe é necessario para a mitigação de sua dôr pungente.

E então ten-lo por ultimas companheiras de vigilias a nostalgia d'alma, que faz da saudade uma religião em seu coração, e a insomnia que é a celebração em pensamento, de sua eterna existencia para esse amor, a virgem da deusa querida sempre presente na memoria, tomam as proporções de uma divindade.

Assim vive Octaciliano, martyrisado arte a ideia, com a qual não se pode conciliar, de ter sempre de viver de uma satisfação profunda e reconhita, envolta no mysterio de um silencio impenetravel.

Sente que ama e não póde proclamar seu amor; sente-se irresistivelmente attrahido para a felicidade e tem de renunciar-a por inacessivel e inconquistavel.

E todo este martyrio exclusivamente producto de uma pequena, posto que insistente brincadeira.

Resultado de brincar com fogo.

Mas esta serviu-lhe de lição e elle jurou a si mesmo jamais facilitar em questões que impliquem com o coração.

Ugolino.

Manas de tecido de seda, grande variedade em podeis na Alfaiataria Teixeira.

Amando

Gota de sangue a me correr ao peito,
Nesse instante magico infiltrada,
E este amor ardente, minha amada,
Todo espirito e todo enlevo.

Brilha e deslumbra num rosal effeito
De luz abrasante de alvorada,
E traz-me a vida toda acorrentada
Ao oscillar lyrio do teu leito.

Não sabes tu, talvez, si amor me mata
E esta gotta de sangue intumescida
Que vae-me o peito todo dominando,

Mata-me, sim, si me tornar furtiva,
A luz do teu olhar algente e viva,
Porque não vivo sem viver te amando.

P. Bessa.

Gravatas de laço, em tecido de seda ou algodão, novas formatos, recebem a Alfaiataria Teixeira.

Crepusculo

Tarde outonal, mórna e doirada.

Arde o poente em violentos coloridos de incendio.

Sol mortiço, fechando nostalgicamente a sanguinea pupilla.

Faltripas de nuvens quedas no céu de um azul desbotado para cima do occaso; no alto, cor viva como manchas tenues; quasi ao oriente, tisnado, fosco, n'uma configuração de escamas e mais abaixo ainda, torvos flocos subindo em lentidões de aragens, como vagas n'um deserto infinito.

Leves sussurros enchem de uma saudade languorosa e casta, a verde amplidão do campo.

Os leques farfalhantes das palmeiras scintillam ao jorro ardente da illuminura crepuscular que tambem accende vermelhamente uma torre distante...

Agora, enfumam-se as linhas nos longes; o rio impetuoso brame entre barreiras cavadas no ultimo inverno, brame como uma féra espumando raivosamente. No escuro das aguas sujas vão passando os troncos, destroços de vegetaes arrancados com furia.

E a pouco e pouco as claridades vacillantes succumbem, emquanto o nankin da noite vae pincellando sombriamente as cousas.

Subito, o meu olhar erradio descobre o vulto de montanhas longinquas que immergem na bruma.

Sinto, então, cá dentro, o orvalho das lagrimas d'esta alma chorando a sua ausencia, flor, a deliciar-se, n'uma immensa revulsão dorida para voar a essas nomenclaturas, d'onde lhe acena a felicidade... acena...

Victorino de Carvalho.

Maquinas para costura "Singer" e "Newhome"—recebem na Alfaiataria Teixeira.

Cura da nervose

Vem, phantasiro, attonito cortejo
Desse passado, que a imaginação
Fecha sempre ardente e nunca em vão
Afaga em pranto a hydra do desejo.

Da saudade contra a dôr, Percejo
— Que impera a — em chaga viva o coração;
Passa e revela a cada pressa,
Põe-lhe em ins o enlevão do beijo.

Acalte seus o taberna'ao sarro,
Tal'e, ou e que nada germina quando
Rede animar o verso ainda puro

Do insondavel. E na ulcera dormente,
Derrame então o balsamo potente
Da ironia, e Nada eterno do futuro.

Candida Fortes.

Roupa feita, grande sortimento, no deposito da Alfaiataria Teixeira.

SOBREMEZA LITTERARIA

Pensamento

Em amor não ha loucura, que eu não tenha feito.... excepto a de casar-me.

Walsh.

Triolet

De venturas venha cheio
O anno que vae surgir,
Em cada dia um enleio
Da venturas venha cheio,
Venha melhor de sentir,
Melhor de vida e de meio,
De venturas venha cheio
O anno que vae surgir.

Juca Rosa.

Anedocta

Uma velha estouvada diz'a um dia para Rivarol—E vós, senhor, quantos annos me dais?

Para que lhe havia eu de dar alguns, minha senhora, respondeu elle, não tendes já bastantes?

Quadra

Sonhos, flores e gosos
Aos freguezes os Teixeiras
Saque de seguro anciosos,
Bem longe das *quebradeiras*.

G. Pelaiva.

Pensamento

A liberdade é incompativel com o amor; um amante é sempre um escravo.

Mad. Staël Delamay.

Triolet

Cada instante que correr
Na vida do bom freguez,
Que nunca pense em morrer,
Cada instante que correr
Seja um canto de entremez
Que tenha um gosto do prazer,
Cada instante que correr
Na vida do bom freguez.

G. Velhoco.

Anedocta

Um francez e um allemão passeiam juntos: a sua conversação foi interrompida pelos grunhidos d'um leitão.

—Escuta, disse o allemão, essa porca falla francez; elle diz *oinck*; é seu companheiro?

—E impossivel, replica o francez, se elle diz *oui* é com um terrivel sotaque de allemão.

Quadra

Feliz d'aquelle que fôr
Um bom freguez dos Teixeiras,
Vestirá sempre o melhor
E nunca fará asneira.

Juca Rosa.

AOS SEUS NU
E AMAVE
CASAR TEIX
ESPERAM CONTI
CONFIANÇA Q
DISPENSADO, D
ROA
E CHEIO DE PR
PROXIMO
18

SALÃO LITTERARIO

Pela litteratura

Offereceram-me e acabei de ler um livro de poesias, ou uma collecção de 60 sonetos, *Clamydes*, de Ulysses Sarmento, a qual teve recente publicidade na Fortaleza.

A sua leitura agradou-me, por isso que os sonetos das *Clamydes* são realmente bem metrificados, e muitos d'elles indicam segura imaginação e o talento do auctor.

O referido livro que é aberto com palavras de Coêlho Netto e Olavo Bilac, abonando forma e estylo, foi o primeiro da bibliotheca *Centro Litterario*, installada ultimamente na capital visinha, em concurrencia á esforçada *Padaria Espiritual*, anteriormente alli organisada.

Taes associações—*Centro* e *Padaria*—annunciam o apparecimento de novos livros, de Antonio Salles, Alvaro Martins, Livio Barreto, Papi Junior, Rodolpho Theophilo, Themistocles Machado, X. de Carvalho, Julio Olympio, Oliveira Paiva, Vianna de Carvalho, Alfredo Peixoto, Lopes Filho, Brigido, Bomfim Sobrinho e Roberto de Alencar.

Como se vê, não é pequena a lista dos operarios da litteratura na plaga de Alencar, os quaes nos promettem, desde já, o fructo de suas apreciaveis locubrações.

E, não é somente ao lado sul do Maranhão que a litteratura encontra actualmente obreiros esforçados; para o lado norte, na nossa visinha Belem, acaba de ser organisada associação identica áquellas, com o nome de *Mina Litteraria*, da qual fazem parte não menos competentes batalhadores.

E, já que citei alguns nomes dos dignos operarios, nossos visinhos do sul, me será agradavel nomear alguns dos, tambem, nossos visinhos do norte, que são: Alvares da Costa, Paulino de Britto, Acrisio Motta, Raul d'Azevedo, Custodio d'Azevedo, Leopoldo Souza, Guilherme de Miranda, Theodoro Rodrigues, Alcides Bahia, Natividade Lima, João de Deos, Lucinio Silva, Luiz Barreiros, Arcenio Mendes, Euclydes Dias etc.

Heroicos luctadores! Valorosos soldados de tão nobre cruzada!—Não recueis jamais! avante sempre!

Si eu me achasse onde levantastes o vosso radioso pavilhão,—embora simples nullidade, como sou, iria implorar-vos entrada nas officinas dos vossos trabalhos, na esperança de me relevardes a incompetencia, em attenção ao meu enthusiasmo pela bella causa que vos tornam congregados.

Mas... Si, d'um lado, applaudo o generoso esforço dos nossos visinhos, amigos das lettras patrias, sinto-me, como maranhense, tomado de tristezas e de pezares, vendo que o meu amado torrão natal—a antiga Athenas Brazileira—que demora entre as duas formosas capitaes, onde a litteratura floresce, jaz abatido, irrequieto, n'um abandono enternecedor...

Só isto?—Vai talvez a um cumulo:

No Maranhão, é doloroso, mas necessario dizer,—estão as lettras actualmente condemnadas. Guerra aberta foi-lhes declarada.

Ai, portanto, de quem n'elle fizer tentativa de soletrar....

Triste!

AUGUSTO BRITTO.

Chapeos de feltro, novos formatos para 1895 recebem a Alfaiataria Teixeira.

Mofa e despeito

Não mais o amor (se mobilizes
O amor dos poetas) te afaga;
Já, com desdens, se não pega
O amor desses infelizes.

Para que o meo não mais pises,
Meu proprio orgulho hoje o consaga;
E, em breve, de ex-rosha chaga
Só restarão cicatrizes.

Sintas, em tons infamantes,
Todo o que machina e sonha
Proterva despeito; e, assim,

De pejo succombas antes!
Antes cores de vergonha,
Do que te rias de mim!

Raymundo Corrêa.

Bengalas, explendido sortimento na Alfaiataria Teixeira.

Brincar com o fogo

Se elles chegaram, effectivamente a amar-se, eis o que até hoje me não foi dado averiguar.

FOLHETIM

SUMMARIO—O Divorcio—A sua utilidade como lei social—Observações geraes—Fantasmas—Tomar fôrgo—*Au revoir*.

Eis-me aqui, caro Leitor, todo apelintrado e catita, a empunhar a penna de simples observador para dizer o que sinto com relação a uma nova lei social que tomou o nome de Divorcio.

Não me contento com semelhante lei na sua generalidade, mas com a sua forma de exprimir o triumpho mais completo para os consorciados que andam por qualquer motivo intimo a jogar as cristas.

Não acho-a positiva para a vida pratica, e só é um acto violento aos nossos costumes, sem obstar desgraças, fazendo desgraças maiores, porque ella não impõe ao ser humano a delicadeza de sentir, a fidelidade contrahida pelos laços do amor e a pureza inherente aos deveres do lar da familia.

Decididamente terá ella a unica faculdade milagrosa de renascer mais viva a liberdade desnorteada no coração do homem e no da mulher, dando logar a hediondez tragica de factos excepcionaes, com seus aspectos multiplos de desgraças e de infortunios.

A verdade me dita estas observações successivas:

O homem de sentimentos puros que tenta dormir no leito conjugal para sonhar o seo destino moral, a poesia doce da sua fé, o segredo de todo o seo sincero amor e que encontra sempre fortalecido o seo espirito pelo carinho e harmonia do espirito da sua companheira, formando uma aureola eterna de luz e de virtude, não precisa nunca do Divorcio.

Tem elle o coração entre a irresistivel influencia do amor e da fortuna e ella o tem entre a submissão espontanea da mesma fortuna e do mesmo amor.

Ahi está o verdadeiro homem a cumprir o seo dever na orbita das suas funcções sociaes, a manter e a fortalecer a sua existencia inteira e a existencia inteira de sua consorte.

Outro tanto não acontecerá ao homem desonhesto do sentir, viciado das fadigas passadas, a phantasiar fadigas futuras, na sensação continua de um novo libertamento consolador, a ter junto de si uma mulher tambem inclinada a ser livre, a ser inconstante e voluvel, como um fragil animal humano.

A esses a lei do Divorcio dá uma satisfação plena e inteiramente comica e nunca é uma pena de estimulo e de moral que abra os rubros caminhos da censura social, d'essa terrivel censura que abate os espiritos puros e conscientes.

Não, a meo ver, precisamos de mais seriedade nos nossos costumes e na nossa educação intellectual e social, é certo; mas não é com uma lei isolada completamente como a lei do Divorcio que logo teremos essas tantas cousas tão necessarias á nossa vida.

Precisamos, sim, de uma educação mais correcta que nos amplie e nos moralise o meio da nossa vida social, com o seo imperio de doutrinas puras que nos determinem e nos apontem a perfeita existencia da sociedade honesta e civilisada.

Se isso nunca tivermos ou formos tendo nos poucos que não nos exprima uma reaccão latente, e na fé sublime com que a religião tanto nos captiva e prende, todas as leis como a do Divorcio naufragarão no mar das tempestades imprevistas.

Como eu, obscuro observador d'este ro-pé de jornal, pensam muitos em cujo numero está incluido o author dos versos que seguem:

Flauteando

Não tem razão de ser, em lei civil
O *eternal* Divorcio,
Consequencia de qualquer consorcio
Que seja máo ou vil...

Não acho bôa a *cousa*, é bem ruim,
Do tal bom senso aconselhar tal decisa,
Porque sem mais commento:
Torna um marido em pulha *scraphim*,
Uma esposa em *triste sempre viva*:
Lá foi-se o casamento!...

Demais o tal Divorcio *avado* em lei,
Feita e assignada,
Exposto fatalmente á consciencia
De qualquer juiz ou rei
De uma cidade pouco adiantada,
Adeos, amor!... adeos, pouco innocencia!...

O *eternal* Divorcio *sem* contempla:
Um *esposo bifantes*, por exemplo,
Incitado a vingança, cheio de ira,
Que tem já certo tolhe
E já muito embirrou com a mulher
Que tambem com o patife ha muito embirra,
Arranja um desaforo... e logo quer
Que a tal cousa lhe seja um bom remedio.

Resulta d'elle uma offensa que se grava
Na historia social:
O homem—uma eterna fera brava,
De vontade terrena;
A mulher—uma paiga, eterna escrava,
Da vil, cruenta humana.

Gil Velhaco.

Uf! que vou tomar folego com aspirações mais ambicionadas e mais doces e cheias de sensações e de gosos mais instructivos que o tal Divorcio, com que andei a quebrar a cabeça para deffender inicamente a fragil metade do sexo do patife Adão e o da velhaca Eva.

Au revoir.

JULIO DUPUAL.

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO IV | *Maranhão, 31 de Janeiro de 1895* | NUMERO 33

REVISTA ELEGANTE

Hecatombes

Terrivel, pavorosa e sinistra uma scena de que foi theatro a bahia de Guanabara, no Rio de Janeiro, pouco depois das seis horas da tarde do dia 6 do mez que hoje termina.—Uma coisa indiscriptivel, e compungente--uma desgraça enorme, que encheo de lagrimas e de luto o lar de muitas familias!

Alli, n'aquella formosa bahia, devido ao fogo que se manifestara n'uma das barcas que fazem o serviço de conducção de passageiros da Capital Federal a Nitheroy, uma centena de vidas foi ceifada!

Lamentavel, e triste--o testemunho das scenas que tiveram logar. Que de angustias não foram essas, de homens, mulheres e crianças que pediam desesperadamente, soccorro, que não eram attendidos e que, afinal passaram com os seus debeis braços a luctar com o oceano, que os recolheu no seu seio, e os tragou, um a um, indifferente e impassivel! Quão commoventes os momentos em que era transportado para terra, aos braços d'uma mãe, d'um pae, d'uma mulher, d'uma irmã, noiva ou amigo o cadaver d'um ente que ardentemente amavam!

As tentativas de discripção que as folhas locaes fizeram, certo que muito pallida idéa nos dão dos horrores de taes scenas. E, longe, embora, do logar onde se passaram, não seremos a ellas indifferentes, tanto mais quanto esse logar pertence á nossa extremecida patria.

. . . . . .

Compunge-nos a alma quando vemos o simples ou um descuido culposo como promotor d'uso d'uma tal hecatombe, porque somos humanos, por que o grande convenio da caridade para com os nossos irmãos a isto nos determina,--o que não diremos em relação ao mortecinio, ao estrangulamento, proposital e resoluto dos nossos irmãos, que de ha muito se teem dado e ainda se estão dando em alguns dos estados do sul da grande republica brasileira, simplesmente--longe, bem longe uma tenue idéa do bem da patria ou communhão social—mas para saciedade de odios de terceiros, de interesses mesquinhos e inconfessaveis, aliás em grande minoria ao numero das victimas innocentes—aos prejuizos geraes.

A MODA

Deixamos de dar no presente numero a chronica sobre a moda, por não a termos recebido do nosso correspondente de Paris.

MEIAS fio da Escossia, em cores firmes, grande variedade de padrões--duzia de 20$ a 48$000.

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL.—

Caixa no correio 10

LITTERATURA E VARIEDADES

Intimo

A' Jacintho.

Tão breve o tempo feliz em que ella via junto a si, a provar-lhe a alma de chimeras, o predilecto de seu coração!

E, hoje que a ausencia os separa; lá, na solidão calma da graciosa villa orlada de campos verdejantes, só, lugubremente, só—ella—a pallida e pensativa virgem—sonha na sua ardente imaginação gozar esses momentos bons de sua vida.

A realidade porem, como um tufão, varre-lhe cruel da mente o bando de illusoes que rememora.

Queda-se então triste e pensativa, volvendo um longo olhar pela immensidade, olhar procurado, como se lhe fosse possivel, transpondo a longa distancia, distinguil-o tão longe... no bulicio da cidade onde está.

Pára o olhar extenuado... diminutissimo a distancia que venceu. E o espaço continua alem,... além... interminavelmente como a fugir-lhe perseguido pelo olhar abrazador.

Não termina ainda a heroica lucta d'ella que quer as illusoes redivivas e da fatalidade que as quer mortas.

Venceu emfim! Pode contemplal-o junto a si, bem junto, tal qual talvez nunca o tivera.

N'aquelle soneto mimoso e perfumado se aninhara sua alma amorosa de poeta.

Elle—alli estava—seu coração palpitava ardente em cada um d'aquelles versos.

Confidencias... perguntas que ella fez... um casto mysterio!

E vendo-se satisfeita e sentindo-se victoriosa—orvalhou de nivcas lagrimas o moreno rosto.

Bemdicto o amor que é purificado pelas lagrimas.

Recife—Novembro 1894.

Alcides Pereira.

Sinhá

Teu nome tão doce, tão brando parece
Conter a harmonia de um canto immortal,
Que todas as vezes que é dito e lembrado,
Conduz a nossa alma ao mais grato ideal,

O porte que ostentas, altivo, elegante
Parece o da andina que, pela manhã,
Surgio d'entre as ondas e foi para as praias
Deixar-se da luz de uma aurora louça,

Refulge em teus olhos o brilho da estrella,
Que em noite de trevas scintilla nos ceos,
Sem elles, o que era de mim?—pobre nauta,
Entregue á procella por entre escarceos.

O perfil artistico e cor do teu rosto,
Teus labios, mimosos, mandados assim
Me dão a memoria o prototypo exacto
Do lindo semblante de algum cherubim.

. . . . . .

Porem isso tudo que fica pintado,
Nas penas que seja o melhor talisman;
Tu deves ornar-te, não d'essas vaidades,
Mas sim das virtudes de virgem christan.

Bem vês que a doçura contida em teu nome
Não vale a bondade do teu coração,
Que, entregue á pureza, junto delicaria
Rasthar-se no lodo de fria paixão.

Nas quieres, pois, nunca ter tal esse porte
Assim como a graça que em teu rosto vida,
—O tempo consome as bellezas do corpo,
Mas deixa brilhando a virtude, Sinhá.—

Firmino Sérgio.

S. Luiz do Maranhão—Janeiro, de 1895

Trocas e baldrocas

Com o titulo que encima estas linhas, o intelligente maranhense e meu estimavel amigo Americo Azevedo escreveu o anno passado uma engraçada comedia, em um acto, que offereceu aos amadores do theatro *Phenix*, onde foi já desempenhada com muito successo, e que acaba de dar publicidade.

A acção assenta sobre uma phantasia do Americo.

Acabei de ler as *Trocas*, e, ao mesmo tempo, de analysar os typos que acudiram á imaginação do auctor.

Seis personagens foram idéados, e cada um dos quaes define-se perfeitamente.

Sigo a ordem de collocação:

PROCOPIO—ancião, veneravel apenas pela idade. Ambicioso como... a maioria dos povos. Terá o Procopio razão? Nem o sei. Isto de abrirmos mão de coisas que nos dão proveito á pança... será proveitoso? Deveremos deixar que se nos approximem os vindoiros tempos, em quanto nos fazeiramos com o presente? A faceirice amenisa, não tem duvida; mas a barriga cheia conforta. E' a theoria do Procopio. E... com a sua theoria—faz tentativas de apoderar-se d'uma grossa *fatia*. Afinal de contas é logrado.

FIDELIS—seu sobrinho. Pobre caipira! Criado na roça; não recebeu instrucção nem educação alguma, pelo que faz feio

FOLHETIM

SUMMARIO—Saudações e desculpas—Surpreza—Raciocinios—Assumptos em alluvião—Numero minuto—Entrada do novo anno—Festas e pandegas—A Esperança e o Desengano—Contradicção—Um cumulo com o 95—Festas e desgraça—Narrativas que não terminam prazenteiras

A's leitoras e aos leitores da *Revista*—minhas saudações muito cordiaes, antes de tudo.

Depois, ás mesmas Exmas. e ditos Srs.—peço que desculpem os alinhavos d'este folhetim.

Imaginem que fui surprehendido, hoje, com a intimação, de quem de direito, de haver sido nomeado substituto do nosso amigo Julio Durval. E sem permittir margem a colloquio:—Escreva hoje mesmo, não ha tempo a perder.—

Sem mais explicações, fiquei a sós, a considerar, a meditar, a procurar assumpto.

Mas, para que considerar, comprehendi dentro de poucos momentos, si não é da minha conta o motivo porque fizeram-me um substituto do Julio? Meditar, para que, si quanto mais o homem pensa mais disparates commette? Buscar assumpto, para que, si assumptos andam em alluvião por ahi a fóra, que não dão tempo das mulheres fecharem a porta?

Assumpto é o que nunca nos faltou: ellas que o digam.—Ahi vem o mez de Fevereiro, em que ellas virão em menor quantidade, é certo; mas, mesmo assim, n'esse mez curtinho, quantas palavras não serão pronunciadas por cada mulher!

A proposito. Eu desejara, concitando a mentalidade dos sabios mathematicos, que fizessem um calculo verdadeiro, ou mesmo approximativo do numero de palavras que, não direi durante um dos mezes regulares em comprimento, mas no curto, que começa amanhã, hão de ser pronunciadas por todas as mulheres do mundo.

Caramba! Clamariam os hespanhoes. Numero monstro dos monstros, irias aquem ou alem dos dos grãos de areia contidos no universo inteiro?

Dizia? Ah! si fallam tanto, é por que ha por ahi uma immensidade de assumptos; pois atoa é que não fallam ellas; isso não, que seria a demonstração de seu pouco siso, e eu aqui estou para defendel-as n'esse e... em todos os pontos. E si assim é, como affirmo, qual o facto curioso com que me hei de occupar?

De curiosidade, não sei, mas que houve muita coisa por ahi, houve, e ha.

Este mez começou com a entrada do novo anno. Não podia ter mais bonita entrada. Tudo foi sorriso e alegria. Seja preconceito ou não, mas tem a gente sempre certo presentimento ou esperança de que os annos novos são os portadores de cataratas de felicidades a cada qual. Illusão embora, mas é facto. Entrou, assim, o Janeiro cantita e faceiro e com elle que se enganasse quem bem quizesse. A culpa não foi sua, e quem é feliz não se consome. Conseguintemente, esteve em festas até os seis dos seus primeiros dias,—pandegas de Anno Bom a Reis. Depois, proseguio distribuindo esperanças a torto e a direito.

Esperança! palavra santa, palavra maravilhosa. Alento e flor da vida; antidoto da dor. E' isto uma realidade, porem realidade tambem é a contradicção dos homens na apreciação da Esperança e do Desengano. Dizem, obedecendo aos preceitos da moral que acatam, que a verdade é preferivel á mentira; no entretanto pedem, desejam, aspiram e veneram a Esperança, ao mesmo tempo que repellem, maldizem e condemnam o Desengano. E nós bem sabemos que nada ha de mais sincero que este, como é aquella de enganadora.

Deixemos, porem, de lado a contradicção dos homens, que, si ao contrario não fizermos nem um passo daremos, visto ser do que elles se compõem, e caminhemos contentes e alegres, amparados pelo radio: o 95, mesmo porque... não haverá melhor partido a tomar.

Deixemos tambem de parte estas tiradas philosophicas, e encaremos os factos como elles positivamente se demonstram. Lá, pelo sul, alem da peste do colera, que tantas victimas tem feito, e terrores ha causado, e da outra peste devastadora e sanguinaria—a eterna revolta,—uma desgraça tamanha acaba de dar-se na formosa bahia do Guanabara.

E, em presença de taes acontecimentos, compungido, como me acho, não posso mais prazenteiro terminar estas narrativas innocentes.

Disse.

Luiz Molet.

numa occasião em que devera ter feito o bonito. Uma manifestação do atraso humano. Quanto maior a evolução social, maior somma de etiquetas ficarão para um lado, e então... o desembaraço dos srs. cultos actuaes correrá parelha com o feio do pobre Fidelis, que, coitado, não teve outro proveito a não ser umas beijocas, a medo, e... um pifão formidavel.

GIL TELLES -poeta... talvez d'agua doce. A especie não ficou bem demonstrada. Teve uma entrada com pé direito.— Uma rhetorica manhosa e umas posições arteiras—foi o bastante para que se apoderasse d'um coração gelado e de porção menos mal de uma coisa que tem o poder absoluto de fazer o diabo a quatro por ahi afóra. Não se fez esperar o resultado, que consistio em—venha para cá moça bonita, e algibeira repleta. Que felizardo o sr. Gil Telles!

CACILDA—a protogonista da peça—Qual «rola afflicta que o bosque acorda, o morto esposo gemedora c ora»—solta aise muitos ais, por que tem saudades d'um ente que lhe amou e a quem amava. No amor, dizia, de si para si, está tudo o que constitue a vida, e não tenho mais amor .. Terrivel! cruel! supplicio eterno!—Mas, dôr de verdade, ou acatamento aos preconceitos—não sabia Cacilda que o amor bem póde tantas vezes morrer quantas nascer. Não surge por ahi de quando em vez, ou aos enxames; não é tanto assim. Mas as effusões effectivas não são exclusivas, e, d'ahi, não são difficeis o caso das explosões. Comprehendeu isto Cacilda logo no primeiro dia em que, por simples acaso, um bello rapaz penetrou na sua habitação e deu-lhe dois dedos de prosa—justamente quando se achava ella encommodada por ter lhe chegado ao conhecimento uma brejeirada do defunto. Como ellas se aranam... para bem de todos!—Tu, disse então Cacilda para o marido, estás morto, e quem está morto não carece de alimento para o corpo, nem de affectos dos mortos. Para os affectos ha motivos, e tu não precisas dos motivos,—o que não se dá comnigo, que estou viva e bem viva—que de tudo isto careço, a menos que não pretenda opporme aos dictames das leis da natureza, caso em que me tornariam por doida, e eu si estou doida é por dar-te um substituto, maridinho da minha alma. Si Cacilda assim não fallou, assim pensou.

ANTONIETTA, creada, que nada tem de songa-monga, mas espertasinha; sentia lo mesmo calor, como não deixou de notar o lorpa do Fidelis. Como mulher, tem desejos e casar-se sonhos ou obedecia a impulso superior. Tomou a nuvem por Juno; mas antes assim, por que era muito molle o seu supposto noivo.

JOSÉ, creado, tambem. E' dos que acreditam nas inmutaveis situações e nos acatamentos dos costumes. E' atrasado, não tem duvida, e porisso occupa-se em deitar flores na sepultura do antigo amo.

—Estes ligeiros traços acompanham os typos da nova comedia do Americo. Quanto ao enlrecho é bem interessante. Ha com effeito n'ella muas trocas e tramas, e muito engraçadas e possiveis que são.

A. Britto.

Nascimento, Vida e Morte

"Nemo in aemum"

A' B. S.

Ha na Terra um homem estranho,
Cheio de [illegible]

Que, nos dá entrada para o mundo,
—E' chamado por nós Nascimento.

Apoz elle se segue uma epocha,
Que é por nós os mortaes, mui querida,
Miscellanea de risos e lagrimas,
—E' o espaço que chamamos Vida.

Apoz este quando já estamos
Experimentados por cultos da sorte
Um Archanjo nos da liberdade
Esse Archanjo é o Anjo da Morte.

. . . . . .

E aqui tendes a vida do homem
Semeada d'acerbo soffrer
Pois o Destino lhe deu por labarum:
—Nasce, padece, pra depois morrer.

Ibrahim Giafar.

Um adeus

A' Euclydes Marinho Aranha.

«Neste tronco com meos votos,
Escrevo os de Marcia bella.
—Mas, se o tronco seccar,
Não é por mim; é por ella!»

Chegava o momento da partida.

Augusto com as mãos frigidas e o rosto pallido encaminhava-se para a casa de Alice a dizer-lhe o adeus da despedida.

.·.

Alice embaraçada e com a voz suffocante saúda a chegada de Augusto que acabava de transpor o humbral do jardim.

.·.

Augusto á Alice: Vou partir deixando-te como lembrança esta pequenina flor, que prenderás sobre o teu seio.

Se quizeres atear o nosso amor basta que a flor receba como alimento o orvalho que for vertido pelo teus candidos olhos.

.·.

Sim, disse Alice: «Segue, que comtigo parte meu pensamento.» Se as lagrimas da saudade alimentar a flor querida então ella não ceifará no seu verdor.

.·.

O Augusto, reverentemente ouve a sonoroza voz da sua idolatrada e parte n'um momento.

.·.

Os accordes sublimes d'uma cithara attrahe Alice que pressurosa segue até ao humbral do jardim.

—Um colibry que espreitava, desce rapidamente e furta a ultima gotta de orvalho que continha a pequenina flor, e esta sem mais o alimento da saudade emmurchece e deixa cahir as pet'las no anthro do esquecimento.

31 de Janeiro de 1895.

Bellarmino.

Soneto

A Luiz Morat.

Decante esta [illegible] d'onda
Que os corações [illegible] de [illegible] leão,
Infortunio [illegible] e [illegible]
Que não faz crer que as [illegible] se [illegible],

Uma pobre [illegible] na [illegible]
E [illegible] chegar ao [illegible],
Porque do amor [illegible] fonte
O fecundado ventre lhe [illegible]!

O' Mãe, que [illegible] pela [illegible],
Mãe que [illegible] [illegible],
No [illegible] [illegible] [illegible],

Se teu filho viver, agradecida
Dizes-lhe um dia, em lagrimas banhada,
Que elle antes de nascer [illegible] a vida.

Arthur [illegible]

Improviso

A' Abeylard Mattos.

Era noite quando Iná partio. Na umbella caliginosa do infinito palpitavam as estrellas cantando as harmonias frescas d'essa noite sinistra.

Elle o amante de Iná, pensava, no momento de deixal-a, em cousas mais tristes, mais feias, mais pavorosas do que o negrume da noite— pensava na morte!

No mesmo instante, si Iná fitava-o com o seu olhar tumido de colerosa, olhar santo de uma promessa, elle sorria de esperança e queria estar viver.

Ella lhe fallou baixinho suspirando o adeus final de despedida e... partio.

Estava tudo tranquillo, silente a natureza. O mar, somente o mar na irritação bravia do oceano, esbatia espumante, raivoso contra a murada do navio que a tinha de conduzir para bem longe, ás plagas de seu destino.

A canoa que a transportava, velejava pelo éstro da correnteza.

Oh! noite maldita!

E' preciso viver, decidia-se elle, viver esperançoso na phrase ultima de seu olhar divino que expressou com ardencia e candura toda a constancia de seu unico amor.

E ella foi-se; elle ficou a repetir sozinho e melancolico nas trevas da noite as ultimas estrophes de um soneto, como se ella as ouvisse ainda, louco!

«Parte! mas quando os ultimos lampejos
do sol, scintilares triste silencioso
da brisa ouvindo os vagos rumorejos

N'esse momento pensa em mim, anciosa
que eu na fronte irei pousar meus beijos
como serenas azas cor de rosa.»

.·.

HIGH-LIFE

Fazem annos em Fevereiro proximo:

Em 2—as Exmas. Senhras. DD. Maria Amalia Teixeira Santos e Maria Nava Rodrigues;

Em 3—o Senr. Alexandre Pires Senna;

Em 5—a Exma. Senra. D. Rahmada Diva de Moraes Bueno;

Em 6—o Senr. Julio Cesar Leal, o Dr. Manoel Bernardino da Costa Rodrigues e o Senr. Alfredo de Castro Leite;

Em 7—a Exma. Senra. D. Alice Barros e Vasconcellos filha do Senr. Capitão Leopoldo de Barros e Vasconcellos;

Em 8—a Exma. Senra. D. Zulmira R. Fayal, digna esposa do Senr. Antonio Fayal e Senr. Lucas Torreão Franco de Sá e o Senr. Coronel Alexandre Coelhoso Xavieira Junior;

Em 10—o Senr. Jose Gomes Karta Neto;

Em 11—os Senrs. Augusto Rodrigues e o dr. Hugo Borsodas;

Em 14—a Exma. Senra D. Amelia dos Santos Alves, digna consorte do Senr. Antonio da Silva Assis;

Em 16—o Senr. Joaquim Augusto Pinto Lage;

Em 17—a Exma. Senra. D. Anna Filho e da Fonseca, digna esposa do Coronel Adolpho Pires da Fonseca e Exma. Senra. D. Maria Rita Nunes e o Senr. William Henry Broadhurst;

Em 19—a menina Heloiza, dilecta filha do Dr. Joaquim da Costa Leite;

Em 19—a Exma. Senra. D. Perolina Arabella de Pinho, o Senr. Conrado Francisco Freire e o menino Jose, estimado filho do Senr. Jose da Silva Rodrigues;

Em 21—o Senr. Guilherme Assis Andrade de Almeida, o Senr. Francisco Baptista e o Senr. Antonio Rodrigues de Mello;

Em 22—a menina Rosalyn, dilecta filha do Senr. Joaquim Alves Junior e o joven estudante Pedro Alexandrino Cardoso filho;

Em 23—o Capitão Leopoldo de Barros e Vasconcellos e o Senr. Jose Ferreira de Souza Junior;

Em 24—a Exma. Senra. D. Alice Gibbin de Almeida Junqueira Ferreira, o menino Antonio Pires de Almeida, filho do Senr. Luiz Antonio de Almeida e o Senr. Tenente-coronel Joao Baptista de Souza Reis;

Em 26—a Exma. Senra. D. Esmeralda Vampre, prezada filha do commendador Augusto Cesar Vampre;

Em 27—o Senr. Domingos Ribeiro da Cruz;

Em 28—o Senr. Jose Romero e o Senr. Augusto Santos.

Acceitem as nossas felicitações.

EXPEDIENTE

Avisamos aos nossos amigos, freguezes, leitores e ao publico geralmente que mandamos vir, e está já funccionando em frente ao edificio do nosso estabelecimento um distribuidor automatico da nossa *Revista* e dos avulsos que publicar a nossa officina de trabalho.

E' um apparelho delicado e engenhoso, manifestativo dos bons desejos do intelligente gerente da alfaiataria Teixeira em conservar sempre o util ao agradavel.

ALFAIATARIA--TEIXEIRA

Tendo passado por grandes reformas este estabelecimento, acha-se em condicções de servir bem a todos os seus freguezes, não só pelo grande sortimento de todas as fazendas da moda e artigos para roupa de homens, que sempre tem em deposito, como tambem pelo pessoal escolhido e habilitado de que dispõe.

Tem constantemente uma boa collecção de **ROUPAS FEITAS** de casemira e de brim para homens e meninos de 6 a 12 annos, todas manufacturadas n'esta grande officina, e um grande deposito de chapeos de palha e de feltro pretos e de cores, bonets de casemira proprios para viagens e passeios, claques, chapeos de sol de seda superior, camisas, collarinhos, punhos, gravatas, suspensorios, lenços de seda e de linho, calçado, sobretudos de passeio e impermeaveis, cintos de couro, meias e mais artigos para completo vestuario de homens.

TELEPHONE 56

Unico deposito das verdadeiras machinas de costura

—"Domestic""Singer" e "New-Home"—

LARGO DO CARMO

MARANHÃO

Casemiras em peças para fatos completos—Paletot, collete e calça, aviamento, regulares... 65$000

Casemiras em peças para fatos completos—Paletot, collete e calça, aviamentos finos.. 75$000

Casemiras em peças para fatos completos, aviamentos finos..... 100$000

Cortes de casemiras de cores, novidade—Paletot, collete e calça..... 120$000

Casemiras em peças para calças, padrões finos..... 22$000

Casemiras em peças para calças, padrões novos..... 30$000

Cortes de casemiras de cores para calças, novidade, genero fino..... 35$000

Sarja preta fazenda superior para fatos completos:

Paletot, collete e calça..... 120$000
Fraque, collete e calça..... 150$000
Croisé, collete e calça..... 175$000
Aviamentos de lan.
Um augmento no terno de..... 10$000
Aviamentos de seda.

Cheviottes inglezes, fazendas especiaes para fatos completos—Paletot, collete e calça.. 100$000

Colletes de fustão branco ou de cor..... 15$000

Colletes de fustão de côr..... 18$000

Colletes de seda..... 30$000

Claques em tecido de lan, artigo fino *sem competidor*..... 30$000

Chapeus de sol, de seda preta, cabos finos 25$000 e..... 30$000

Calçado de Bostock—grande sortimento em sapatos, botinas e borseguins de 20$000 a. 35$000

Ceroulas de brim de algodão entrançado, duzia 50$000 e... 60$000

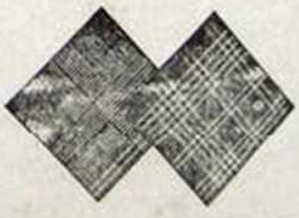
Ceroulas de brim de linho lizo, qualidade superior, duzia 60:000 e 65:000.

Collarinhos de linho puro, especialidade—Duzia 10:000

12$000 e 15$000

Chapeus de feltro duro e mollo, pretos e de cores, grande variedade em formas 15$000, 16$000, 17$000 e 18$000

Lenços de tecido de seda ou linho, grande variedade em qualidades—duzia 25$000 e 60$000



Camisas inglezas, brancas e de cores, lizas, com pregas e bordadas, com e sem punhos e collarinhos, qualidades superiores, duzia,....60$, 90$, 100$, 120$ e 180$.

Imp. por João B. A. Lemos, no Typ. avulso da alfaiataria—Teixeira

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO IV | *Maranhão, 28 de Fevereiro de 1895* | NUMERO 34

REVISTA ELEGANTE

O litigio das Missões

Acaba de ter logar um acontecimento importantissimo, que tem rebentado applausos legitimos nos corações dos brasileiros.

Esse acontecimento nada mais, nada menos é que a solução operada, de modo favoravel ao Brazil, relativamente ao litigio ou a chamada—questão das Missões—pendente ha longos annos entre a Republica Brasileira e a Confederação Argentina.

O laudano do illustre Presidente dos Estados Unidos da America do Norte deu-nos direito incontestavel á posse do territorio d'aquelle nome, e esse laudano, que anhela e anciosamente era esperado pelas duas amigas e visinhas nações, grandiosa vantagem a ellas determinou, por motivos differentes.

E' questão de tal ordem que a sua solução não indica o vencedor nem o vencido. Resolvida como foi, por intermedio d'um accordo previo, do estudo reflectido, da analyse imparcial do direito, da razão e da prudencia, ambas as partes foram vencedoras.

Quer áquelle, quer a este paiz, que valeria esse pedaço de terra, á par do estremecimento, que por sua causa estava eminente entre ambos? Dado que fosse elle, quão avultada somma de males não teria de se verificar! E, afinal de contas, perguntaria o Direito:—Venci? Responderia a Razão—Não sei. A quem, então, caberia o triumpho? Naturalmente á força brutal, ou ao acaso; coisas que, absolutamente, nem gloria, nem explendor, com os seus feitos, jamais poderão attestar.

Fossem todas as questões de honra, as grandes e melindrosas questões, por esse modo terminadas! E podesse este caso servir d'um inicio de transformação para essas pendencias que constantemente se levantam, e as dizem de honra pelo fundo, mas que, pela forma, nada mais vem a ser que a confirmação da tendencia humana para o apégo aos costumes dos nossos predecessores, muito embora venham elles das eras turvas da barbaria.

Mas, tudo está terminado. Pertencem inquestionavelmente as Missões hoje ao Brazil, e, ambas as nações ficaram em paz muito honrosa, sentindo-se vivamente satisfeitas pelo resultado do litigio em que se empenhavam e no qual se houveram com soberana dignidade.

A MODA

A gravura de Janeiro

Na actual tempo de calmaria e de inatividade não pode haver questão de moda.

Pelas epochas dos soirées e dos bailes as vestuarias de cerimonia fazem sua apparição; tendo a sua forma sido já acceita. Si criou alguma originalidade de boa gosto, será conhecida e adoptada, ou abandonada.

A capa ou longo manto da nossa gravura não é positivamente a capa hespanhola. Traz-se este vestuario, a vontade; sendo tão grande o successo como o que tem esperado os inovadores da antiga capa pesada e embaraçosa. Será isto talvez duvidoso, porque o *non-forlime* da figura 6, que convem a todas os idades, pela sua ligereza e forma tão elegante como commoda, lhe é com vozes preferivel.

A capa é um vestuario, que não varia na confecção, porque o mesmo modelo poderá servir para todas as grandezas e todas as conformações. A extremidade a nivelar pelo uniforme será a unica alteração a fazer.

Assim, restabelecido o *mac-farlane*, de reinado, com as suas grandes aversas de seda, e deixemos a capa aos hespanhoes, que sabem trazel-a pela rua de modo que melhor convenha ao seu temperamento que ao nosso.

Todos os demais costumes de meninas e de rapazes, da nossa gravura, nada tendo de excepcional que não seja conhecido, nos abstemos de dar a respeito explicações enfadonhas e superfluas.

(Trad.)

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40

LITTERATURA E VARIEDADES

Morte de Cleopatra

. . . . . .

Vem a primeira escrava, uma formosa filha dos Apeninos, muito branca e muito loura, empunhando uma pequena taça de crystal com um liquido transparente e espumejante, approxima-a dos labios tremulos da Rainha que dorme. Cleopatra accorda e abrindo os formosos olhos, de um negro acentuado de azeviche, que estavam semicerrados pela força de uma quasi maforma, de um pequeno lethargo, affasta meio enfadada, com um dos braços, a serva que—taça em punho—offerecia-lhe o precioso liquido.

Não é preciso mais; a escrava comprehende-a. Receiando encommodar a real senhora—a Apenina vagarosamente sahe da camara real trinando com voz melodiosissima—a Ballata dos Deuses—canção de amor do poeta Ostibil, o louro vagabundo predilecto de Cleopatra que, ao ouvir aquelle trecho de sentimento, sorri com um sorriso de sympathia... A serva retira-se.

Cleopatra sente-se encommodada. Longe de Marco Antonio, de quem as noticias cada vez mais escasseiam, ella está sob o peso esmagador e sombrio da duvida. Não pode ter socego:—quando accordada, sente um bando de pensamentos negros povoarem-lhe o pensamento; se dorme, sonhos espantosos, pezadelos horriveis succedem se na sua imaginação enfebrecida.

. . .

Um profundo silencio na alcova real. Subito a porta range e o pesado reposteiro é corrido por duas mãos pequenas e artisticamente modeladas. O vulto erecto e firme da primeira favorita surge no limiar. Cleopatra descerra docemente as palpebras e exclama:

—«Charmion!»

A serva approxima-se e apresenta, á real ama, um pequenino frasco de crystal. A Rainha sorri e, fitando a escrava com ar de sympathia, sorve gole a gole, trago a trago, o precioso narcotico do vidro apresentado.

Charmion sahe e Cleopatra, completamente só, deita-la por sobre a purpura macia de um pequenino divan, cede ao peso do somno... E sonha...

. . .

«Sonha que está sobre o ceu do Egypto, no palacio de seu pai que, todo illuminado e revestido de arabescos e brocados finissimos, ostenta os mais raros perfumes e os mais exquisitos vinhos e licores sobre uma extensa meza, forrada de carmezim, em cima da qual vê-se as mais custosas iguarias. Aquelle esplendido banquete, aquellas sumptuosas festas, são feitos exclusivos, em honra sua. Ptolomeu, o rei do Egypto, seu pai, preside o festim. Os reis, os principes e princezas, dos paizes circumvisinhos, alli se acham partilhando da alegria que paira sobre o Egypto. Harpas, bandolins e cytharas, ferem o espaço de quando em quando com sons arrebatadores. Paira uma alegria infinda em todos os rostos, um bem estar pronunciado em todos os semblantes.»

Cleopatra, dormindo, deixa, n'este momento, fugir dos labios um sorriso de alegria.

E continua a sonhar:

—«Que a sua formosura, em meio áquelle banquete, entre toda aquella gente, realça mais do que todas as bellezas das damas que abrilhantam a festa; que o rei, seu pai, exulta de contentamento ante aquelle effeito magestoso e expontaneo de que ella é a unica causa, pois o principe Olzord, ebrio de paixão, n'um brinde, acclama-a *formosa entre as formosas*.

O festim é todo risos e festas; nem uma nota de tristeza ousa perturbar a festa real. Subito (no sonho) um rumor pronunciado, um ruido brusco corre pelo palacio inteiro, e um principe todo ferido e ensangoentado é trazido, nos braços de seus validos, á presença de Ptolomeu, emquanto que uma grande cobra, de repente apparecida, morde-lhe nos seios e ella morre...»

Cleopatra dá um grito e accorda.

—«Felizmente um sonho!» murmura, levando a mão direita ao coração.

. . .

Mal a Rainha acabara de dissipar os pessimos effeitos do sonho, quando, ás carreiras, cabellos em desordem, louco de dor, um pagem entra na alcova real com a noticia de que—Marco Antonio é morto e que Octaviano, o vencedor de Actium, exige que Cleopatra lhe seja apresentada como trophéu.

A Rainha desmaia emquanto Charmion, a favorita, que chega, trata-a carinhosamente.

. . .

Cleopatra não quer sobreviver a Marco Antonio e nem a deshonra de ser apresen-

---

FOLHETIM

O carnaval

(Quadro iconologico.)

Depois de longa ausencia, eis-me de novo occupando a pequena barra deste elegante jornalito.

Deixei de escrever algum tempo porque... não vale a pena explicar.

Palestremos um pouco.

E na approximação do carnaval, estrondoso festival, que tomo o papel para traçar estas linhas; si não vos agradar, leitor, considerae-as apenas uma *peça de entrado*.

Que de projecto não vae no vosso cerebro! Fazeis bem; a vida não passa de uma gargalhada. E'tão curta, é tão pequena que não vale uma reflexão

Naturalmente tencionaes ir aos «Quinhetos,» ao «Mephistopheles.» ao «S.Luiz.» clubs, folguedos que vos hão de agradar bastante, offerecendo noites deliciosas, perfumadas de encanto.

Agora, porem, quando estiverdes me lendo, que tudo se findou, ressuscitará, sem duvida, na vossa imaginação ditos galantes, chistosas pilherias, que ouvistes, ou que mesmo dissestes a um rosto bellamente mascarado.

Outro tanto me acontece.

Ouvi, se tendes paciencia, as minhas impressões que são outras mais reaes, mais verdadeiras, mais observadas do que, supponho, serem as vossas.

Figuremos um baile offerecido aos altares do deus Momo; o salão é enorme. As estrellas lá emcima salpicam o azul da extenção; cá embaixo ferve um barulho tremendo, um ruido infernal, plutanico que ninguem se entende.

Uma multidão de individuos passeia aos pares, aos bandos, de rosto coberto, todos devidamente mascarados n'uma expansão ruidosa, fremente.

Perto passa um delles; é o da VIRTUDE.

—Eu, diz ella, sou a mais nobre das manifestações humanas, conhece-me?... Sou a companheira constante da mulher. Velo a cabeceira de seu leito conjugal e adoro-a no seu berço de virgem. Velho ou moço, rico ou pobre todos me devem a felicidade.

Ai! dos que me perdem! diz ella immergindo-se na onda abrazadora que invade todos os recantos, entra e sae por toda parte.

Logo depois pompeia pelo salão um par esbelto, gracioso, unico.

Elles conversam, ouçamos o que diz:

—Eu sou a LEALDADE, filha do ceu e por isso estarei sempre ao vosso lado, amor. Não podereis legislar sem que eu tambem por minha vez lavre meu decreto; vós sois a mystica attracção de duas almas que se querem, de dois corações que se desejam, mas eu sou por fim o élo que os une até a campa.

—De accordo, volve o outro, eu não posso viver sem me ligar a ti, Lealdade. Acredito que muito devo ao teu poderoso auxilio e que a nossa alliança deve ser indissoluvel; mas eu estarei sempre em plano superior ao teu porque o meu amor é a unica chave que abre e fecha a felicidade da vida.

Sorri-se com supremo orgulho e lá se vão, uma e outra, saltitantes e bellas.

Correndo atravessa ao longo da sala um typo quasi irmão do primeiro; é a FIDELIDADE. Elle falla, mas não podemos percebel-o porque passa rapido, veloz, receioso talvez do papel que representa.

Ha mais diversos grupos todos bem caricaturados, caprichosamente vestidos.

Dá meia noite.

Meia noite! repetem todos os convivas tirando as mascaras do rosto.

Horror!...

Vejamos o que elles são.

. . .

O salão enorme, vasto, amplo, illuminado por estrellas é o globo que habitamos.

Os convivas desse grande baile que não existe só na minha imaginação, mas tem sua existencia real, verdadeira que é o mundo, estão todos disfarçados sobre alegorias que representão; cada qual procura illudir uns aos outros.

A Virtude, chama-se—*Vicio*; a Lealdade,—*Ingratidão*; o Amor,—*Odio*; a Fidelidade,—*Traição*, e assim todos os mais.

Estão todos revestidos com a capa negra da hypocresia, todos mascarados para representar no grande carnaval do seculo os differentes papeis que necessitão para obter um fim.

Digão meus leitores, se não é isto uma verdade?...

Teve muita razão Max Nordau quando nos diz—que até a monarchia se disfarça com a republica e executa com passos caracterisados as danças democraticas.

—

O assumpto de que me serci para esta palestra podia dar uma *sorte* litteraria bem boa, mas não me foi possivel tental-o pela falta absoluta de tempo.

Fica ahi um esboço.

Lynceu Lino.

tada ao vencedor após á derrota humilhante que soffrera. Quer morrer, e para isso serve-se de Charmion a quem encommenda uma serpente.

.·.

Duas semanas são passadas. E' meio dia. Um som confuso e grande atróa os ares. O exercito vencedor approxima-se; á frente vem Octaviano, que reclama apresença de Cleopatra.

.·.

Na alcova azul, Charmion assiste a Rainha applicar fria e heroicamente ao seio a horrivel serpente que lhe envenena aos poucos.

Os labios de Cleopatra perdem de repente o colorido; uma pallidez mortal annuvia-lhe todo o corpo emquanto que os bicos do seio, outr'ora tão rijos e vermelhos, cahem—tomando uma cor roxa-escura, medonha.

.·.

No momento em que Octaviano, espada desembainhada, como vencedor, entrava na camara azul, Cleopatra cahia para sempre morta por cima dos mil tropheus, ganhos por Marco Antonio em mais de cem batalhas. O vencedor horrorisado, ante aquelle terrivel espectaculo, corta pelo meio a serpente que ain la mordia cruelmente o seio da Rainha, e como homenagem, abaixa-se e imprime um longo e demorado beijo nos frios e descorados labios de Cleopatra tantas vezes gozados por Marco Antonio.

I. Xavier de Carvalho.

Dos "Contos sem côr."

Mimos

Il resterait peu de choses
A l'homme qui vit un jour,
Si Dieu nous ôtait les roses,
Si Dieu nous ôtait l'amour !

V. Hugo.

—

No album de Nicolau Vicente Ferreira

Todo muda com os annos
A dôr—em doce saudade,
Na velhice—a mocidade
A crença—nos desenganos,
Tudo se gasta e se alcia,
Tudo desmaia e se apaga
Como um nome sobre a areia.

Quando cresce e corre a vaga,
Feliz quem guarda as memorias,
As se abraços mais queridas,
No dom d'alma escolhidas
Gravadas fundas em si !
Rosas decaem; mas que vale
Um nome desconhecido
Se ha de ser logo esquecido
O nome que eu deixo aqui ?

Casimiro de Abreu.

Boletim da moda

Não supponhão, nossos leitores, que pretendemos fallar da interessante revista dos armazens Grandella, cujo nome é o mesmo que o d'essa epigraphe, não ha tal.

O fim principal a que se propõe essa bôa revista lisbonenze é identico ao que agora temos nós em mira,—divulgar o quanto podermos os objectos do mais aprimorado luxo que possue a grandiosa alfaiataria—Teixeira.

Não é só em Lisboa, na velha cidade do Camões que se canta as bellezas da moda; não, aqui no Maranhão, patria de Gonçalves Dias tambem acontece o mesmo.

Elles, como nós, estão certos d'essa verdade.

A alfaiataria de Gaspar Teixeira & Irmão é incontestavelmente no seu genero a unica do norte do Brazil. Esse importante estabelecimento de modas era digno de uma exposição em que todos percorressem as diversas secções de trabalho, observando-as detidamente tal é a ordem, o gosto, e belleza com que está montado, notando-se sobre tudo a especialidade que tem de importar somente das melhores fabricas os melhores productos.

Ha de tudo; no seu amplo deposito de fatos feitos, encontra-se roupas brancas, paletots, casacas, croisés, redingotes fraques, chapeus de cabeça, de sol, calçados, bengalas & & é uma verdadeira miscelania do bom gosto.

A variedade de preço consiste na qualidade da fazenda. Essa acreditada alfaiataria bem se pode chamar—arsenal de luxo.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Março proximo:

Em 1—as Exmas. Senras. DD. Maria da Gloria Paiva Nina e Francisca Jansen Coelho;

Em 2—o Senr. Arthur de Oliveira Almeida;

Em 3—a Exma. Senra. D Emelina Lusina de Britto Neves, os Senrs. Antonio da Silva Arouca, Antonio da Costa Neves, Dr. Luiz Jansen de Mello e o nosso estimado gerente Francisco Pinto Teixeira;

Em 5—as Exmas. Senras. DD. Almerina da Cunha Lobão, filha do Dr. Eduardo Leger Lobão e Joanna Barreiros Coelho;

Em 6—o Senr. Arthur Monteiro da Silva e o menino Zezinho, filho do Dr. José Pires da Fonseca;

Em 7—as Exmas. Senras. DD. Joanna de Moraes Rego, digna irmã do Senr. Archimedes Rego e Innocencia Rego Santos, digna consorte do Senr. Firmino da Cunha Santos;

Em 8—a Exma. Senra. D Nevanezia de Castro Netto, e a interessante menina Amelia, filha do Senr. José Custodio da Silva Guimarães.

Em 9—a Exma. Senra. D. Filomena Zeli Frazão de Mattos e o Senr. commendador Antonio Francisco Pinheiro;

Em 10—os Senrs. Tenente-coronel Antonio Ribeiro de Oliveira e Mariano Francisco da Cunha;

Em 11—a Exma. Senra. D. Benedicta Ribeiro da Cruz Viegas, digna esposa do Senr. João A. Viegas e o Senr. Manoel Raimundo Corrêa de Faria;

Em 12—a Exma. Senra. D. Genoveva Hesketh;

Em 13—a Exma. Senra. D. Almerinda Tavares, digna irmã dos Senrs. Antonio, Acrisio e Alfredo Tavares e o Senr. Alfredo Rodrigues de Mello;

Em 14—o Senr. Capitão Adolpho de Albuquerque Mello;

Em 15—o interessante menino Abagaro, filho do Senr. Alfredo Gonçalves dos Santos Silva;

Em 16—os Senrs. Dr. Agrippino Azevedo, José Corrêa de Castilho e João Antonio Pereira de Barros;

Em 18—a Exma. Senra. D. Josepha Adelaide Sabino Rego e o Senr. Luiz Perdigão;

Em 19—o Senr. José de Faria Lisboa;

Em 20—a Exma. Senra. D. Maria Augusta Pereira Lomba;

Em 21—a Exma. Senra. D. Ephigenia Boldt, os Senrs. Dr. João Jansen Ferreira, José Pedro Ribeiro e o capitão Horacio Bento Belle;

Em 23—as Exmas. Senras. DD. Palmyra Amelia de Almeida e Zayda Zarina Galiabo;

Em 24—as Exmas. Senras. DD. Emilia Ribeiro da Cruz, digna consorte do Senr. Domingos Ribeiro da Cruz, Dra Deidamea de Almeida Britto, prezada filha do nosso amigo Augusto Britto, Maria Jose de Almeida digna esposa do Senr. Augusto Rodrigues e Florentina Gonça, digna consorte do Senr. Manoel Rodrigues da Graça;

Em 25—as Exmas. Senras. DD. Maria Henriqueta Valente de Figueiredo e Emilia do Prado Eiroa;

Em 26—as Exmas. Senras. DD. Cecilia da Cunha Santos, Adelina Roza Nunes, Ludgera Ramos e Amelia Victoria Pereira;

Em 27—as Exmas. Senras. DD. Roberta Gomes e Josina da Costa Netto, o Senr. coronel Joaquim Manoel de Medeiros e o Dr. Raimundo A. Vinhaes;

Em 28—a menina Marie, filha do Senr. José de Sant'Anna Leite;

Em 30—a Exma. Senra. D. Virginia Celestina de Medeiros e o Senr. Antonio José Gonçalves de Medeiros;

Em 31—a Exma. Senra. D. Joanna Pereira Guimarães.

Acceitem os nossos cumprimentos.

EXPEDIENTE

Visita

Fomos honrados este mez com a visita dos seguintes collegas, que retribuimos e agradecemos.

O Momento, Maceió.
O Cri-cri, Estado do Piauhy (Therezina.)
Gazeta do Commercio, Therezina.
O Piauhy, Therezina.
O Diario, Therezina.
O Democrata, Therezina.
O Nortista, Natal (Rio Grande do Norte.)
Rio Grande do Norte.
A Ordem, Cidade da Cachoeira (Bahia.)
Correio de Noticias, Bahia.
O povo de Valença, Bahia.
Monitor Codoense, Codó.
O Norte, Barra do Corda.
O Commercio de Caxias, Caxias.
O Diario Official, Manaus.
O Diario do Ceará, Ceará.
A Republica, Ceará.
Gazeta do Commercio, Parahyba.
O Artista, Parahyba.
O Commercial, de Cametá (Pará.)
O Commercio, Pará.
A Provincia do Pará, Pará.
Republica, Pará.
O Combate, Pará.
O Alenquerense, da cidade Alenquer.
Era-Nova, Recife.
O Monitor Mineiro, Minas Geraes.
13 de Março, Ouro Preto.

Acceita-se qualquer collaboração tanto n'este Estado como fóra d'elle, devendo ser esta resumida attendendo á limitada dimensão de que podemos dispôr na presente «Revista.»

Afim de animar o gosto das producções litterarias resolvemos instituir certamens nas diversas edições de nossa «Revista,» para quaes convidamos aquelles que se dedicam a cultura desse genero de trabalho intellectual.

Em nosso proximo numero o certamen litterario consistirá na organisação por cada concurrente de um soneto, tendo por assumpto o julgamento de Phryne.

Todos os que por ventura se apresentarem serão submettidos ao juizo auctorisado magico burilador do verso, o eximio poeta Olavo Bilac.

Tivemos ante-hontem a agradavel visita, que muito nos penhorou, dos intelligentes moços Alcides Bahia, Manoel Lobato e Alfredo Chaves membros da associação —*Mina Litteraria*—fundada na cidade de Belem, os quaes, de passagem para a Capital Federal, nos procuraram principalmente para cumprimentar ao nosso prestimoso e distincto amigo Augusto Britto, o que em seguida fizeram, por parte da Directoria da mesma associação, da qual, conforme lhe communicaram, foi este nosso amigo nomeado socio correspondente n'esta cidade.

OCCASIÃO EXCEPCIONAL

Elasticotina e diagonaes, proprios para ternos de casaca, collete e calça, forro de seda de 140$000 a 180$000

15$000 uma calça de casemira de côr por medida.

10$000 uma calça de casemira de cor por medida.

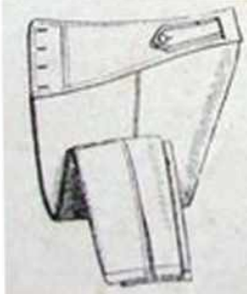
Machinas

para costura Domestic, Singer e New-Home,—preços sem competidor.

Casemiras em peças para fatos completos—Paletot, collete e calça, aviamentos finos.. 75$000

Casemiras em peças para fatos completos, aviamentos finos..... 10$000

Cortes de casemiras de cores, qualidade—Paletot, collete e calça..... 120$000



Ceroulas de brim de linho lizo, qualidade superior, duzia 70$000 e 75$000.

22$000 uma calça de casemira de côr, feita por medida.

25$000 uma calça de casemira de côr, feita por medida.

Collarinhos de linho puro grande sortimento em feitios, duzia de 12$000 a 15$000

Cheviottes inglezes, fazendas especiaes para fatos completos—Paletot, collete e calça.. 100$000

Colletes de fustão branco ou de côr..... 15$000

Chapeus de feltro duro e molle, pretos e de cores, grande variedade em formas 15$000, 16$000, 17$000 e 18$000

90$000 um terno de croisée, collete e calça de casemira preta diagonal—feito por medida.

12$000 collete de fustão de côr, por medida.

Punhos de linho puro grande variedade em formatos 22$000 e 24$000

Cortes de casemiras de cores para calças, novidade, genero fino..... 35$000

Sarja preta fazenda superior para fatos completos:

Paletot, collete e calça..... 120$000

Fraque, collete e calça..... 150$000

Croisé, collete e calça..... 170$000

Aviamentos de lan.

Um augmento no terno de..... 10$000

Aviamentos de seda.

Chapeus de palha, americanos e inglezes, grande variedade em feitio de 6$000 a 12$000.

2$000 gravatas de tecidos de algodão, grande variedade de gostos e feitios.

Bengalas grande sortimento.

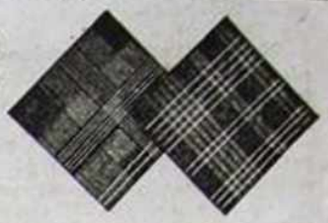
Casemiras em peças para fatos completos—Paletot, collete e calça, aviamentos regulares... 65$000

Casemiras em peças para calças, padrões lindos..... 22$000

Casemiras em peças para calças, padrões novos..... 30$000

Claques em tecido de lan, artigo fino *sem competidor*..... 30$000

Lenços de tecido de seda ou linho, grande variedade em qualidades—duzia de 25$000 a 60$000



Chapeus de sol, de seda preta, cabos finos 25$000 e..... 30$000

Calçado de Bostock—grande sortimento em sapatos, botinas e borseguins de 20$000 a. 35$000

Camisas inglezas, brancas e de cores, lizas, com pregas e bordadas, com e sem punhos e collarinhos, qualidades superiores, duzia.....85$, 90$ 100$, 120$ e 180$

Pijamas fatos para dormir, grande sortimento em tecido de lan e de seda de 25$000 a.. 35$000

Sobretudo impermiaveis grande sortimento de 65$000 a..... 70$000

Meias fios da Escossias, em cores firmes, grande variedade de padrões---duzia 20$000 a 28$000.

Ceroulas de brim de algodão entrançado, duzia 5$000 e... 6$000

Suspensorios finos, qualidade superior, cores firmes de 5$ a 6$000

Imp. por João R. A. Lomba, na Typ. a vapor da alfaiataria—Teixeira

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO IV | *Maranhão, 31 de Março de 1895* | NUMERO 35

REVISTA ELEGANTE

A pacificação

No Rio de Janeiro, foi levantada a importante questão da pacificação do Rio Grande do Sul; sendo que, quer na Capital Federal, quer em S. Paulo, tem ella repercutido por toda a imprensa.

E, sem duvida, propaganda nobremente patriotica, para a qual nenhum brasileiro, diremos melhor—habitante algum do Brazil—deve, pelo menos, recusar o concurso de seus bons desejos.

Ha tres annos, que n'aquelle poderoso Estado travou-se lucta tremenda, lucta entre irmãos, lucta ingloria, cujo resultado tem consistido somente no exterminio dos seus filhos, na conturbação d'um vasto e formoso territorio brazileiro, no desfrôco de fortunas particulares, na perpetração de latrocinios, nas difficuldades geraes, n'uma palavra—em numerosas desgraças.

Que teimosia é esta! De sobra vai o tempo decorrido, para o apparecimento da calma e da reflexão, e para que não mais seja o solo amigo ensopado de sangue de nossos irmãos!

Para tregua ha, mesmo, uma necessidade immediata. Precisamos para este desideratum do concurso não das armas e da força material, mas do pensamento immaculado, dos desejos confessaveis, dos feitos menos egoisticos. Precisamos de patriotismo, de sobrepor ao amor proprio, si o entenderem assim.

E não fica n'isto. Essa lucta ingloriosa, tem produzido consequencias fataes, fóra, mesmo, do theatro em que se tem travado,—queremos dizer—repartidamente pelos demais Estados, por cada um de nós.

Possuido de bons desejos, com o melhor dos programmas—qual o do imperio da justiça, do respeito ao direito e á lei—está ahi o Governo actual a offerecer nos todas as garantias. Que nos falta?

Simplesmente—prudencia e reflexão.

Na nossa edição anterior, fallamos, com enthusiasmo, do modo por que, a contento geral, foi terminada uma pendencia importantissima, estabelecida entre duas nações. Excellente foi o meio posto em pratica, excellente o resultado que deu.

Por que motivo os brazileiros, unidos pelo pensamento, n'um só homem, não verberam a lucta material travada no Rio Grande, condemnando-a como maleflica aos interesses geraes do paiz, e não reclamam a sua terminação, fazendo-se as concessões razoaveis, por meio relativamente semelhante ao que deu fim á grande questão a que alludimos?

A Republica Brasileira está definitivamente estabelecida; o que precisamos agora estabelecer, é a convicção, a crença, a reconciliação dos brasileiros. Debaixo d'este ponto de vista, quem é que se recusará a tomar parte na bella propaganda, da qual ora nos occupamos, sem nos subordinar a outra idéa, que não seja a da conciliação do interesse individual com o collectivo.

A MODA

Fevereiro a Março

A edição do excellente jornal de modas [illegible] *Le Tailleur Moderne*—relativa aos mezes de fevereiro e março, depois de declarar que novidade alguma [illegible] tonada [illegible] que [illegible] com este tempo de crise financeira, pois [illegible] e de passar uma revista pelos modelos que [illegible] suas gravuras, diz que a estabilidade e a [illegible] que todos os jornaes da antiga e da nova [illegible] o mesmo facto. Que não foi pois privilegiado, sendo a [illegible] dança da moda parisiense de o [illegible] passos, o que [illegible]

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40

bastante lisongeiro, sendo motivo para animar o alfaiate e o elegante parisiense, no sentido de tomarem aquelles sempre as iniciativas, sem o que ficarão reduzidos á necessidade de copiar o estrangeiro. O espirito executivo do alfaiate francez não deve por muito tempo mostrar-se cheio de lethargia.

Não acontecerá isto, assim o esperamos, accrescenta, contando que livremente a moda franceza saberá conservar sua reputação de bem gosto, que tanto tem merecido, e que nos fará proximamente interessantes surpresas.

LITTERATURA E VARIEDADES

Loteria de amor

Acabei de ler n'um jornal Europeu o seguinte facto extraordinario:

—Na Hungria, uma viuva ainda nova e bonita teve a idéa de fazer uma loteria de si mesma. Com auctorisação do ministerio das finanças, emittiu setecentos mil bilhetes, que estava passando ao preço de um florim. O homem, a quem sahir o premio, a desposará; sendo este o plano feito: um terço do producto dos bilhetes será reservado para si; o segundo terço—para o marido, e o terceiro—para os pobres.

Na America do Norte, um rapazola de 25 annos, louro, de saude robusta e de maneiras distinctas, não de todo sem fortuna como a linda hungara, fez tambem uma loteria de sua pessoa,—igualmente com permissão da auctoridade competente.—

Resume-se n'isto a noticia que li; sendo que a relativa á segunda loteria conclue por um successo romanesco.

Não venho tratar d'este successo, nem expôr taes acontecimentos como simples curiosidade.

Apanho-os por outro lado, externando as considerações que sobre elles me acodem.

—Uma mulher e um homem que vendem o seu amor pela loteria!

—Auctoridades publicas que sanccionam semelhante transacção!

Eu não condemno tão ao rigor os vendilhoes do amor, como o faço quanto aos poderes constituidos que deram approvação tacita a pensamento tão repugnante e attentatorio dos principios que affagam a solidariedade humana.

Esse homem e essa mulher não passam de aberrações, si é que não praticam uma temeridade, da qual é muito possivel que mais tarde se arrependam. Annunciam vender o seu amor. Não é verdade. Elles vendem-se simplesmente. Si tivessem amor, não o venderiam jamais, e sim o resgatariam, sendo possivel, a custo de todas as sommas que lhes fossem dado reunir. O amor não se vende absolutamente, nem se permuta, nem se offerece á possa indeterminada.

Pois, é assim que se comprehende o instincto da conservação da especie!

Seria caso para acceitação entre os povos no estado primitivo, ou tribus selvagens; que para isto ha a justificativa da grande similidade dos individuos, que se excluem dos affectos conjugaes,—da sympathia e do amor.

Hoje, entre os povos cultos, entre as classes elevadas, não póde ser assim. Os typos differentes reclamam escolha para o seu amor, a que tem direito indeclinavel.

Bem sei eu que na sociedade moderna, no seio das nacões que se dizem civilisadas, e aprofundadas no conhecimento das leis naturaes, a maioria dos casamentos são realisados com o só intuito da satisfação do egoismo proprio. Negal-o, seria irrisoria tentativa. Mas, a immoralidade do costume é supportavel, por que evitam sempre a flagrancia, ou não fazem as coisas tão ás escancaras.

Teem apparecido, mesmo, annuncios, nos quaes solicitam mulher ou marido; mas, ainda assim, reservam-se o direito de escolha. No entretanto, que com o meio posto ora em pratica na Hungria e na America—não: a escolha será feita pelo azar da sorte.

O resultado?

O calculo sordido, ficticio, o interesse ephemero, bem depressa serão desfeitos. A ambição descommunal do homem, si não fôra a sua volubilidade junto ás coisas que lhe acercam, bastaria para tudo destruir, e, ainda, para que tudo mude completamente de perspectiva. Hão de comprehender, bem cedo talvez, que os seus calculos foram errados, dando por isso n'um resultado muito differente ao imaginado. E, então, sem affastar-me do proprio interesse individual, uma das bases da vida, perguntar-lhes-hei pelo elemento com que contavam para melhor resistir aos embates das procelosas ondas.

Unidos, pelos laços indissoluveis, estatuidos e consagrados desde os inicios da civilisação, para que o amor fosse tomado sobre o ponto de vista verdadeiro, essa idéa, mais ainda, os atormentará. A realidade se lhes apresentará terrivel, e, tanto como um peso de ferro, a esmagar-lhes os sonhos. No batel em que pretenderam, juntos, viajar, será, pois, certa a revolta, e, já em mar alto, quem os poderá soccorrer?

Isto, quanto ao ponto de vista de interesse individual, isoladamente.

Quanto ao interesse social, collectivo, ao lucro da especie e da moralidade:

Dizem que os dissabores e os infortunios que espesinham a um dos membros da grande familia humanidade, transformam-se em venturas para outros, de seus membros. A regra, porem, não será absoluta,—pois que uma vós intima, uma irresistivel commoção, desagradavel, nos assalta, tornando-nos penalisados, ao presenciarmos alheias desgraças. Essa vós será somente a do altruismo, ou, tambem, do egoismo?

O caso dos infortunios previstos com a escolha do amor pelo azar da sorte, tocará directamente ao egoismo, e, perante a sociedade, ao interesse collectivo. A menos que não se admitta a hypothese, quasi absurda, d'uma coincidencia do encontro da affinidade electiva, as consequencias serão desastrosas para a especie e, conseguintemente, para a sociedade. A degeneração d'uma pelo effeito physico, correrá parelha com o da outra pelo resultado moral. O rachitismo e tantas outras enfermidades do corpo, juntar-se-hão ás da irritabilidade de indole, á do caracter, ás da malevolencia ou promotora do crime.

O mal, portanto, será geral, affectando a sociedade collectivamente.

E, foi por tal motivo, que, no principio d'este artigo, eu disse que condemno mais rigorosamente, pelo caso succedido nos cousitados paizes, aos poderes constituidos que, n'elles, deram approvação tacita a pensamento tão repugnante e attentatorio dos principios que affagam a solidariedade humana e que tiveram esses vendilhoes do amor.

A sua responsabilidade é grande. São executores de leis confeccionadas de accordo com os principios da moral e da rasão, no intuito, não somente, de proporcionar a maior somma de gosos e de commodidades possiveis a nossos contemporaneos, como de respeitar, de preparar o futuro dos nossos successores,—de contribuir, finalmente, para o desenvolvimento da humanidade, debaixo de todo o ponto de vista.

E, si estas debeis reflexões não encontrarem echo entre os pensadores modernos, eu, por outro lado, me entristecerei bastante, certo de que a rasão disto nada mais será que a preponderancia do egoismo, que nos vem surgindo, como o inicio da prostração da virilidade da nossa especie.

AUGUSTO BRITTO.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de abril futuro:

Em 1—a Exma. Senra. D. Guilhermina Almeida de Mecelo Britto, virtuosa esposa do nosso distincto redactor Augusto Britto e o Snr. Antonio da Silva Ferreira, cunhado dos Snrs. Gaspar e Francisco P. Teixeira;

Em 2—o Snr. João Alves dos Santos;

Em 3—a Exma. Senra. D. Amanda Maya, o Capitão José Ribeiro da Cruz Sobrinho, o Snr. João N. de Moraes Rego, o Dr. Casemiro Dias Vieira Junior e o menino Antonio Carlos, filho do Snr. Ignacio Serrão;

Em 5—as Exmas. Senras. DD. Amelia Barreiros Coelho, Euridice Romeo, Anna Izabel de S. Rego, Malvina A. de Azevedo e a interessante menina Eugenia, estremecida filha do Snr. Lino de Castro Gandra e o Snr. Elvio Alberto Sabino Bondbeat;

Em 7—os Snrs. José Luiz Ferreira Sobrinho e Antonio R. Pinto Sobrinho;

Em 8—a interessante Alice, dilecta filha do Snr. José da Silva Rodrigues;

Em 9—o Capitão Rogero Augusto Pereira;

Em 12—as Exmas. Senras. DD. Emilia Ribeiro da Cruz, Amelia da Costa Cunha Lobão e o Snr. Joaquim Pinto Carneiro;

Em 13—as Exmas. Senras. DD. Candida Nina Rosa e Anna Cantanhede de Oliveira, digna esposa do Snr. Antonio Ribeiro de Oliveira e Dr. Alexandre Collares Moreira Netto e o Snr. João Bernardo de Almeida;

Em 14—a Exma. Senra. D. Maria Amalia Ribeiro da Cruz;

Em 15—a Exma. Senra. D. Custodia Leal;

Em 16—a interessante menina Laura, estremecida filha do Snr. José Custodio da Silva Guimarães e o Snr. Joaquim Coelho Fragoso.

Em 18—a Exma. Senra. D. Alcina Rosina da Silva Guimarães, digna filha do Snr. Henrique Guimarães, a travessa Beatriz, dilecta filha do Snr. Antonio Arouo e o Snr. Francisco Fernandes Junior;

Em 19—a Exma. Senra. D. Rita Vianna Rodrigues, virtuosa esposa do Snr. José da Silva Rodrigues e Dr. Carlos Emilio de Andrade Peixoto e o Snr. Ulysses Lemos;

Em 20—as Exmas. Senras. DD. Ignez Rosario da Rocha e Alice, dilecta filha do Dr. Lourenço Valentim de Figueiredo;

Em 21—o Snr. Anselmo Rocha de Castro;

Em 22—a Exma. Senra. D. Ambrosina Rozalina Pereira;

Em 23—a Exma. Senra. Agueda Rosa de Souza;

Em 24—a Exma. Senra. D. Edith Dubeux Moreira, as Drs. Manoel Joaquim Ferreira e Carlos Fernandes Vianna Ribeiro e o menino Jesse, filho do Snr. José de Sant'Anna Pinto;

Em 25—o interessante Walmir, filho do Snr. Dr. Joaquim Francisco Ferreira Nina;

Em 26—as Exmas. Senras. DD. Luiza Rosa Moreira e Adelina Tavares;

Em 27—o major Francisco da Silva Miranda;

Em 28—a Exma. Senra. D. Manoela Machado e a interessante Alda, filha do 1.º Tenente da armada José Alves F. Bastos Junior;

Em 29—a Exma. Senra. D. Maria Augusta Dubeux Moreira e o Snr. commendador José Joaquim Lopes da Silva;

Em 30—as Exmas. Senras. DD. Maria Clara Ribeiro, Sophia Capucho, Rosinha Barbosa Carneiro, Maria Rita de Carvalho, os senrs. capitães honorario Manoel Ignacio Belfort Vieira, governador do Estado, marechal Floriano Peixoto e Eduardo José de Albuquerque Mello e menino Odilon, filho do Snr. José Gregorio dos Reis e o Snr. Filomeno Teixeira.

Acontecem no mez em [illegible] angelos.

CERTAMEM LITTERARIO

SONETOS (tendo por assumpto o julgamento de Phrynè:—submettidos ao juizo auctorisado do illustre maranhense, eximio poeta e distincto escriptor Arthur Azevedo.)

NOTAS

I---Os auctores que consultámos acerca do julgamento de Phryné são concordes em affirmar que esse facto se deu perante os Heliastas e não no Areopago. Entretanto um celebre pintor francez chrystallisou numa tela immortal o triumpho da hetaira grega não perante a assembléa dos Heliastas e sim no Areopago, como se deprehende do titulo com que nomeou seu quadro: *Phryné devant d'Aréopage*. Além d'este, Baudin um posnographo do seculo XVIII, como diz Larousse (Grand Dictionnaire universel do XIX e siècle, vol. 12, pag. 901, art. PHRYNÉ], sobre o mesmo assumpto compoz um quadro intitulado---*Phryné accusée d'impiété devant les Aréopagites*. Isto faz suppôr que Gerôme e Baudin conheciam escriptores, por nós ignorados, que descrevem o julgamento da cortezã diante do Areopago.

A' vista d'essa dupla versão, que parece existir sobre o julgamento da celebre grega, nós que desejavamos modificar o primeiro soneto desta série, escripto quando acreditavamos, como muitos, que aquelle julgamento effectivamente tivera logar ante os Areopagitas, deixamos de fazer, embora nos subsequentes consideremol-o dado ante os Heliastas, porque as narrações historicas mais correntes a isto nos obrigam.

A respeito ainda do primeiro soneto temos de notar que, apezar da maioria dos escriptores gregos referirem que Hyperides foi quem rasgou o manto de Phryné, Quintiliano, Sextus Empiricus, Alcephrone (Vide PALMELLA.--*A aristocracia do genio e da belleza feminil na antiguidade*, 4.ª ed. pag. 195), o poeta comico Posidippo (Vide LAROUSSE, ob. cit.) e outros opinam que foi a propria accusada quem se desnudou diante dos juizes.

Attendendo a essa nova versão, os dous tercetos do soneto em questão podem ser substituidos pelos seguintes:

> Accusam-na hostilmente; e o recto tribunal
> Vai breve condemnar a formosa sensual
> Mas eis que a cortezã hysterica, nervosa,
>
> Flammejando no olhar a chamma voluptuosa
> Rasga o manto a velar-lhe a forma aprimorada,
> Fica nua... e a Assembléa absolve-a deslumbrada.

Quanto aos outros sonetos, adoptamos sem alteração a opinião mais geralmente acceita, isto é, que foi Hyperides quem rompeu o manto de Phryné e não a propria ré.

II---As palavras citadas como de Hyperides no principio do 5.º soneto são mais ou menos as que como tal refere Palmella na obra acima nomeada. *Oscar d'Alea.*

O Julgamento de Phryné

I

Perante o Areopago, o tribunal severo
Que a Grecia respeitava e tinha toda a fé,
Perante o Areopago implacavel e austero
Comparecera um dia a lubrica Phryné.

Estatua primorosa, esculpida com esmero
Pelo Praxiteles crendor, não mais correcta é;
Helena divinal, cantada por Homero,
Não igual a deva grega, a fascinante ré.

Accusam-na hostilmente; e o recto tribunal
Vai breve condemnar a formosa sensual,
Mas eis que o defensor, num impeto nervoso,

Rasga-lhe de repente o manto setinoso
Que envolve sua forma esbelta, aprimorada,
Deixa-a nua... e a Assembléa absolve-a deslumbrada

31—3—94

II

Phryné, milagre enorme de belleza,
Venus de carne feita, cortezã
Celebrada nos gozos da impureza,
Abysmo de volupia morna e sã,

Foi um dia, no auge da grandeza,
Quando ella a diva, a sensual pagã,
Ostentava do Bello a realeza,
Accusada por Euthias com afã.

Diante dos Heliastas comparece,
Formosamente bella se mostrando.
Resolvem condemnal-a, e toda a preco

De Hyperides é vã. Mas, lhe rasgando
O manto, a luz da forma refulgece...
Absolvem a ré o corpo desnudando!

7—3—95.

III

No marmore da carne burilado,
Um corpo de mulher surge divino
Entre as ondas do manto leve e fino,
Que lhe vela o seu vulto aprimorado.

E' o corpo de Phryné, alvo, bordado
Com o relevo do seio alabastrino,
O tornedo da côxa peregrino,
A curva do quadril arredondado,

Todo o poema, enfim, da carne moura
Que a sua forma esculptural contorna...
Assim foi dos Heliastas na Assembléa.

Euthias a accusa, Hyperides defende;
Prompto a matal-a, o tribunal se rende
Perante o corpo nú da semi-déa.

8—3—95

IV

No Tribunal Phryné surgio,
Na face o lucido pallor
Do marmore de Hymetto luzio,
E o vulto ardente, sedactor

Da meretriz o olhar frio
Das almas mortas, sem calor,
De cada Heliasta sempre frio,
E Euthias a accusa com rancor.

Hyperides por ella falla.
Mas debalde; vão condemnal-a,
Então convulso chama a ré;

Pôe-se sem talhe primoroso,
E o Tribunal louco, nervoso,
Absolve o corpo de Phryné.

8—3—95

V

«Ell-a, Juizes, condemnai-a á morte,
Si ousaes, brada Hyperides nervoso,
Mas lembrai-vos que esse acto criminoso,
Matando assim Phryné, da mesma sorte

Fere do Bello o grande sacerdote
Que Venus consagrou!» E o setinoso
Manto de Secthron rompeu furioso,
Na vehemencia da palavra forte

Que o labio treme'mente retinto.
O vulto de Phryné bello surgio:
O arco do seio, a linha da cintura,

Todo o corpo---milagre de esculptura!---
E a Assembléa, p'la forma enternecida,
Logo absolves Phryné toda despida.

9—3—95

VI

O verbo ardendor do Hyperides ingrato
Em vão se faz ouvir na rigida Assembléa,
Procurando livrar a magica Phryneia
Das garras da Justiça heliastica, inclemente.

Em vão; ninguem escuta a sua voz potente.
Mas eis que no seu cerebro surge-se uma déa:
O manto de vestia que occulta a bella idéa,
Elle rasga co'ardor febril, convulsamente.

E o corpo de Phryné de vestes desnudado,
Intrincamente nú, se mostra ás tabulas,
Cantando do prazer a lubrica epopéa.

Os Heliastas que a vêm, desperam a accusação,
A absolvem, não resistem aquella tentação...
E a Justiça morre ante o vulto de Phryné!

12—3—95.

Oscar d'Alea.

Phryné devant les Héliastes

Ménésarite, Secthron, Phryné,
Une déesse de beauté charmante,
Éclate dans la Grèce rayonnante
Son corps à chair magiquement formé.

Lorsque la voit la foule est prosternée
Devant la lumière éblouissante
De sa forme correcte, triomphante,
Appelle et Praxitèle aussi la fée

De Thespies chantent en pierre et au tableau.
Cependant on l'accuse de grands maux;
Et va mourir. En vain l'avocat prie,

On ne l'écoute pas. Lors son habit
Il rompt, déchire, la montre dépouillée,
Et la Séance éblouie absout Phryné.

Le 8 Mars 1895. *Oscar d'Alea.*

Il Giudizio di Phrynè

Euthias geloso ingiustamente fa
Alla Secthrou infame accusazione,
Dicendo che la diva in corruzione
Immergeva egui di la società,

Mettegguava le sue divinità,
Facendo un nuovo dio, creazione
Degna d'una fatal riprovazione!...
Crede dunque: dannata lei sarà.

Però Hyperides parla, e poi fremente
La piena nudità della Phrynè
Fa brillar più d'un astro rilucente.

Il tribunale mira l'accusata:
Il viso, gli occhi, il seno, le gambe, i piè...
Cade vinto e Phrynè è liberata.

Il 10 Marzo 1895. *Oscar d'Alea.*

Phrynè no Areopago

---«E' formosa de mais! E' crueldade intenso
Condemnal-a... portanto eu peço, meus senhores,
O seu perdão»---exclama o defensor. Humores
Surgem, de desagrado, em toda a sala immensa.

Reina um curto silencio e após, pensda e densa,
Rebola a discussão em meio dos doutores...
Vae qual a condemnar conquanto espectadores
Os applaudem febris. Vai cahir a sentença.

N'esse interim Phryné, em extasi, entre assombros,
E' despida (oh surpresa!) e antes que tada os homens
Mostra e os seios e o colla... e, pela cutis alva,

Vê-se a vestre, as quadris... e á proporção que o manto
Cai no chão e a desnuda---o tribunal, n'um santo
Desbandaramento, em vez de condemnal-a, a salva!

Louis Blanc.

Julgamento de Phrynéa

E' mudo o Areopago... Apenas a terrivel
Voz se escuta, vehemente e luminosa e viva,
De Hyperides que implora a quasi que impossivel
Salvação de Phryné---a cortezã lasciva...

Severo o tribunal já vai, calmo e impassivel,
Acciede condemnar a deslumbrante diva
Sem se importar com a voz do defensor--altiva--
Quando elle n'um assomo, arrebatado e incrivel,

Rasga as vestes da ré!... E, encantado e mago,
Bem feito e lapidado e nú, no Areopago,
De mulher surge um corpo a palpitar de susto...

De susto a palpitar emquanto que o Hercúlio
Palpita quasi morto e assiste contrafeito
A victoria final do Bello sobre o Justo!

I. Mario d'Avellar.

Julgamento de Phrynè

Vai se passar a grande peripecia
Do julgamento. A ré---a peregrina
Phryné---a flor mais limpida da Grecia
Vai ouvir a sentença que a fulmina...

Um tom profundo e languido emotiva-a
Ante o auditorio. Tremula e fetina
Sôa a voz do Hyperides que offerece-a
Ao tribunal como vinda divina...

Vão condemnal-a quando, já descrente,
O defensor, num ímpeto, silente,
Rasga-lhe as vestes, co'uma fúria immensa,

E um corpo de mulher formosa e mago
Aparece palpitante... e o Areopago
Salva Phryné---as lucidas sentença!

Diogenes de Alcantara.

OCCASIÃO EXCEPCIONAL

22$000 uma calça de casemira de côr, feita por medida.

25$000 uma calça de casemira de côr, feita por medida.

Collarinhos de linho puro grande sortimento em feitios, duzia de 12$000 a 15$000

Cheviottes inglezes, fazendas especiaes para fatos completos—Paletot, collete e calça.. 100$000

Colletes de fustão branco ou de côr..... 15$000

Calçado de Bostock—grande sortimento em sapatos, botinas e borseguins de 20$000 a. 35$000

Chapeus de feltro duro e molle, pretos e de cores, grande variedade em formas 15$000, 16$000, 17$000 e 18$000

90$000 um terno de croisée, collete e calça de casemira preta diagonal—feito por medida.

12$000 collete de fustão de côr, por medida.

Punhos de linho puro grande variedade em formatos 22$000 e 24$000

Cortes de casemiras de cores para calças, novidade, genero fino..... 35$000

Chapeus de sol, de seda preta, cabos finos 25$000 e..... 30$000

Ceroulas de brim de linho fino, qualidade superior, duzia 70$000 e 75$000.

Ceroulas de brim de algodão entrançado, duzia 55$000 e... 60$000

ALFAIATARIA TEIXEIRA

Tendo passado por grandes reformas este estabelecimento, acha-se em condicções de servir bem a todos os seus freguezes, não só pelo grande sortimento de todas as fazendas da moda e artigos para roupa de homens, que sempre tem em deposito, como tambem pelo pessoal escolhido e habilitado de que dispõe.

Tem constantemente uma boa collecção de **ROUPAS FEITAS** de casemira e de brim para homens e meninos de 6 a 12 annos, todas manufacturadas n'esta grande officina, e um grande deposito de chapeos de palha e de feltro pretos e de cores, bonets de casemira proprios para viagens e passeios, claques, chapeos de sol de seda superior, camisas, collarinhos, punhos, gravatas, suspensorios, lenços de seda e de linho, calçado, sobretudos de passeio e impermeaveis, cintos de couro, meias e mais artigos para completo vestuario de homens.

TELEPHONE 56

Unico deposito das verdadeiras machinas de costura

—"Domestic""Singer" e "New-Home"—

LARGO DO CARMO

MARANHÃO

Machinas

para costura Domestic, Singer e New-Home,—preços sem competidor.

Casemiras em peças para fatos completos—Paletot, collete e calça, aviamentos finos.. 75$000

Casemiras em peças para fatos completos, aviamentos finos..... 100$000

Cortes de casemiras de cores, novidade—Paletot, collete e calça..... 120$000

Casemiras em peças para calças, padrões lindos..... 25$000

Casemiras em peças para calças, padrões novos..... 30$000

Claques em tecido de lan, artigo fino *sem competidor*..... 30$000

Lenços de tecido de seda ou linho, grande variedade em qualidades—duzia de 25$000 a 60$000

Imp. por João B. A. Lomba, na Typ. a v. 2 por da alfaiataria—Teixeira

REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO IV | *Maranhão, 30 de Abril de 1895* | NUMERO 36

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40

REVISTA ELEGANTE

Pinheiro Chagas.

Ao tracarmos estas linhas, ainda por telegramma temos somente a noticia do fallecimento de Pinheiro Chagas.

Quem era o finado, sabe perfeitamente todo o Portugal, como tambem sabe todo o Brazil: um homem illustre e respeitabelissimo, em toda a extensão da palavra.

Quer na politica de Portugal, quer na republica das lettras patrias, andava elle sempre no primeiro plano; que a isto impunham-se o seu pujante talento, os seus esforços e a illustração do seu caracter.

Pinheiro Chagas era um homem que reunia conhecimentos variados e profundos na escola do saber humano. Conseguintemente, tanto era elle apreciado e festejado na qualidade de romancista, como na de poeta, orador, dramaturgo, jornalista, politico, historiador e humorista.

Podia ser estudado sobre todos esses lados, em cada um dos quaes encontrava-se sempre um artista emerito e vigoroso.

Entre muitas outras coisas, escreveu elle—scintillantes folhetins na *Gazeta de Portugal*, onde publicou tambem *Revistas de semana*; no *Jornal do Commercio*, publicou o *Poema da Mocidade*; escreveu depois os romances *Flor secca*, *Tristezas á beira mar*, *Corte de D. João V*, *Virgem Guerreira* etc., e os dramas *Morgadinha de Val Flor*, *Julia*, *Helena*, *Magdalena* e *Dramas do Povo*. São seus romances mais notaveis—*Os guerrilheiros da morte*, *Mascara Vermelha*, *Juramento da Vaqueira*, *Terremoto de Lisboa* e *Duas flores de sangue*, e a obra que lhe deu talvez [illegible] foi a sua *Historia de Portugal*.

Moço ainda, pois contava [illegible] de idade, cabio o grau de bacharel [illegible] que teve [illegible] ter-ra amiga e alem-mar. [illegible] ali [illegible] as [illegible] e ali, como aqui, tam[illegible] o desapparecimento [illegible]

face da terra d'um homem eminente, e distinctissimo por muitos titulos.

Embora seu quasi espaço para dispôr, não pôde, pois, a nossa modesta *Revista*, deixar de registrar algumas linhas, com as quaes expressamos a partilha de nossos sentimentos, pela cruel noticia de que foi o telegrapho portador, e que vimos de alludir.

A MODA

A gravura do mez

Diz *Le Tailleur Moderne*, na sua ultima edição:

Os quatro vestuarios de homem, não sendo mais do que uma repetição do que foi publicado em fevereiro, consideramos desnecessario dar os desenhos inuteis, e nos limitaremos a dizer que o redingote de dois botões, de panno de fantasia claro estará em muito uso. O paletot escuro, com collete branco, calças claras, servirá para as saloias pela cidade, e de gosto mais apurado que o completo de viagem, apropriado os passeios pela manhã.

O fraque tem as abas menos compridas e menos livres que no anno anterior. Os colletes descobrem menos o peito. As calças direitas se usarão ainda.

NOVIDADE

Inesgotavel e variado sortimento de perfumarias francezas e inglezas.

Bibliotheca Publica do Estado do Maranhão
Arquivo Público do Maranhão

LITTERATURA E VARIEDADES

Norte e Sul

Numa primorosa carta litteraria, dirigida a importante jornal, que tem publicidade na Capital Federal, um illustrado publicista acaba de fazer uma serie de reflexões, muito sensatas, sobre a velha theoria dos climas, popularisada trinta annos antes de Montesquieu pelo abbade Dubos.

E, embora reconheça elle a superioridade intellectual dos filhos das zonas quentes, ou, melhor, temperadas, comparadas aos das zonas frias, não approva, e com razão, essa divisão que já tentaram fazer em relação ás lettras patrias, com as denominações de—*Brazil-Sul* e—*Brazil-Norte*.

Certamente, que é esta idéa odiosa e condemnavel, e não serei eu quem a applaudirá, embora o estabelecimento de semelhante divisão, com a idéa que a preside, redunde em gloria para os nortistas.

O caso de nascimento, neste ou naquelle logar, differentes por circumstancias diversas, não póde servir de base para a dedução da mentalidade propria d'alguem. Taes circumstancias favorecem ou desfavorecem, simplesmente; não pódem, porem, estabelecer inferioridades ou superioridades individuaes.

A vantagem está no local do berço, do que ninguem póde ser inculpado; sendo que, a mesma circumstancia, do local, ou, melhor, do clima, influe poderosamente na propria sociedade.

E', assim, que têm sido nossos maiores escriptores e poetas:

José de Alencar—o creador do romance nacional; Gonçalves Dias—o grande e inexcedivel lyrico; Castro Alves—o poeta arrebatador, das altas concepções; e dos contemporaneos: Coelho Netto, Teixeira Mendes, Raimundo Corrêa, Araripe Junior, Arthur e Aluizio Azevedo etc.—todos nortistas.

Diz o illustrado publicista, a que alludo, que são actualmente centros litterarios de maior actividade—Pernambuco, Ceará e Pará.

Exactamente, assim é.

Não fallou elle do Maranhão, da antiga Athenas Brazileira, e nem poderia fallar. Bem como n'aquelles florescentes Estados existem campanhas para o incentivo de seus filhos no amor das lettras, aqui, como que existem outros que promovem a atrophia de taes manifestações. E' muito triste isto, mas uma realidade evidente.

E' possivel que, para futuro remoto, a irradiação dos talentos suffoque, como outr'ora acontecia, a maledicencia dos filhos desnaturados, e o Maranhão, que possue elementos naturaes, para isto, colloque-se, como já esteve na vanguarda da bella e nobre campanha, agitada com vigor, pelos filhos do norte do Brazil.

Nem podemos, com os principios scientificos, e os exemplos fornecidos pela historia de differentes paizes, relativamente aos pontos em que tem irradiado a intelligencia humana, encontrar outro motivo que justifique o phenomeno que o Maranhão actualmente offerece, e nos envergonha.

Como quer que seja, será odiosa, como disse, a divisão, por vezes tentada, da lettras patrias, e os filhos do Norte, aos quaes caberia maior gloria, si ella se effectuasse, deverão ser os primeiros a regital-a.

AUGUSTO BRUTTO.

Saudade

A' memoria de minha querida filhinha

—DIVA—

Offerecido à minha irmã Mazota Lopes.

Pequena, bem pequena, coitadinha.
E que apenas —mama—balbuciava
—Um bouquinho em flor que desabrochava—
Assim era a mimosa criancinha.

Entretanto o destino impiedoso
Lhe trouxe muito cedo a desventura,
Fazendo-a descahir na sepultura,
Depois de um soffrimento doloroso.

Meu pobre coração amargurado
D'esse golpe profundo, desastrado,
Ainda hoje sente a cruel dôr.

E' que foi mãe, por isso me não esqueço
D'a pacita que embalei no meu berço
E a quem eu dedicava tanto amor!

Arary-1-1-35. *Leonthina Chaves*

Trechos

(Folha de um diario)

A' quem amo.

«O frio e laço crepusculo hyberval vinha tingindo paulatinamente, a tons brandos, o ar da tarde expirante. Inda ao poente,

FOLHETIM

Os dois amigos

A' sombra de uma latada revestida de trepadeiras conversam dois amigos, um moço e outro velho.

O sol vae sumindo-se e começa a infiltração das trevas pelo espaço; a terra toda se enche de negrumes.

E' noite feita.

A lua cheia, rasga a penumbra do horisonte e se vae arqueando aos poucos derramando sua luz branca, de alabastro.

Os dois amigos sentados num comoro de reiva contemplam embevecidos a sublime transfiguração da natureza.

Um recorda-se do passado e o outro pensa no futuro.

O céo e a terra num concerto divinal, feito do arruido sonoro das folhas e da harmonia scintillante das estrellas modulam um poema de saudades.

Parece que a natureza toda é um coração sentido que soluça.

Um dos amigos, o mais moço, rompe o silencio.

Vamos, leitor, occultos num pedaço de sombra, ouvir commigo o que diz elle.

—Quanta solemnidade ha neste momento! tudo nos mostra a tranquillidade e a paz que deve reinar no mundo, emquanto que espiritos fracos disferem golpes profundos de traição e teceem a mais torpe intriga para satisfazerem um capricho vaidoso e estravagante.

—Acho uma proza vulgar, diz o outro, para tamanha poesia que se evola no perfume suave de cada flor. E's moço, deves ter a alma bordada de esperanças falla-me, portanto no amor que é a variação dos poetas e deixa a traição e as intrigas do mundo.

—Seria loucura minha fallar em amor deante de tão quadro sublime que palpita, falla, canta e suspira. Não ha maior poeta do que a natureza. Sois velho; sobre vossa cabeça pesão muitos annos de experiencia e, entretanto, vos deixais muitas vezes illudir como se fôra creança.

Porque?... murmura o velho empallidecendo como a lua que já ia muito alto no firmamento maculado de nuvens.

—Porque?... Esqueceis que ha bem poucos dias me dirigistes uma carta indigna do vosso nome e que me aggredistes sem que nunca vos houvesse offendido?

—Acreditas?...

—Sim; acredito.

—Ah! suspira o velho ao mesmo tempo que lhe banha a fronte uma aragem fresca, perfumada de trepadeiras.

—Suspiraes? Se não fosseis velho perguntava pelo vosso amor.

—Achas então, que os velhos não tem coração?

Não digo isso; mas creio que o vosso, pelo menos, está gelado dos longos e repetidos invernos porque tem passado. E' um musculo sem vida.

—E' melhor dizer, sorri bregeiramente o velho, que já sou um cadaver.

—Antes fosse, porque deixaricis de ser infiel aos vossos deveres.

—?

—Não tentarias deprimir... Desculpae-me a phrase irreflectida que não ia escapando dos labios; é que eu tenho offensas vossas a me latejar n'alma.

—Oh! por Deus, falle; diga o que lhe opprime tanto.

—Quizera saber si sois ou não amigo da vossa terra natal, e depois perguntar porque accuzaes alguns de seus filhos de ineptos e inconscientes?...

Será porque alguns delles tem o crime, o grande crime de procurar a instrucção e escrever artigos pela imprensa os quaes certamente não podeis contestar o merito; egoismo!

Não se cortão as azas de quem quer voar e «nunca se colhe o fructo antes de sazonado.»

Deixai que escrevão; esperae. Todos adorão os filhos que amão as letras, porconseguinte não deveis odiar a esses que sem vaidade nem pretenções traição ancas no papel a conquista do estudo, cedem a uma vontade nobre, digna de elogio e não de censura.

O velho cabisbaixo, aspirando o frescor da noite, sacode a cabeça ao pequeno *janota* e por fim lhe diz:

—Desculpa-me. Eu apenas te mandei a carta, mas não a fiz.

—Acredito porque o dizeis, espero, porem, confiando em nossa amisade e em vossa velhice que não assumireis mais tamanha responsabilidade; que jamais offendereis nem a mim, nem os moços que ainda nesta terra trabalhão e lutão pelo saber.

Continuemos, como outr'ora, bons amigos. Conheço a vossa innocencia.

Ambos se abraçaram.

—

Adivinha o leitor quem são os dois amigos?

Naturalmente que não; pois eu vos digo—chamão-se *Pacotilha* e *Revista Elegante*.

Lucol Lino.

por traz a serania fosca, luctavam lumes a traves, faiscantes como o ferro em braza batido nas valentes bigornas, tanto que uma tira de purpura nitida, serena, punha alli uma nota biblica, lembrando antigas paysagens da Judéa. Passo a passo ia-me affastando do logar. Doia-me desesperadamente o coração. Quanto sacrificio para ir ver-te!... quanto soffrimento para tornar a sentir a carícia dos teus olhos!

E tudo perdido desgraçadamente.

A agonia do naufrago bolava na minha alma doente. Era uma oppressão terrivel, infinita, rasgando-me o intimo como uma féra em jejum. Tanto hei soffrido por ti!

A duvida, a raiva do destino, a saudade e o supplicio asphixiavam-me com as suas hediondas mordaças.

***

Em ródа, as cousas elanguesciam melancholicamente. O ceu pardo vestia-se com migalhas de brumas trazidas de longe por um vento cortante como espadas. Aves cahidas passavam penarosas, no alto. Uma noite sinistra ia envolver as montanhas...

***

Ao dobrar a ampla estrada vermelha, voltei-me. Em baixo, a aldeia quietava.

Foi então que n'um grito inconsciente, forte, enviei-te o meu adeus como um gemido echoando na solidão immensa da serra, onde a sombra triste, cerrada, começava a pousar silenciosamente...

Vianna de Carvalho.

Aspiração

Si o amor que enfeza um coração pulsante
Ir vicejar num outro coração,
E' quieta que eu ti por mim houvesse
O amor que em mim por ti faz explosão.

Então, tua alma, que de mim se esquece
Sempre estaria em doce adoração
Terna defronte de minh'alma, onde esse
Amor vicoja em flor a expansão.

E, toda a vez que eu estivesse ausente,
Te ficarias, cahor saudosa e pura,
Triste a chorar por mim constantemente.

Não amarias nada mais e nada
Mais que a ti te fez do que a ventura
De ser por mim ardentemente amada.

Maceió—1894. *Beato Ernesto Junior.*
(Do Padario Espiritual)

Das *Frondes*, livro de versos a sahir dos prelos Lacmmert & Comp., do Rio.

Reverberos

O ideal sentido com profundeza e expressado com belleza—eis ahi a arte

E. Castellar.

—

Ouvir uma palavra é escutar a expressão de uma vontade, fitar um olhar é devastar uma alma inteira.

V. Palhares.

—

A ignorancia é um fogo que devora o homem.

Eça de Queiroz.

—

Viver não é durar, viver é agir.

E. Peletan.

—

O beijo faz amantes.

E. Zola.

—

A lagrima é a crystalisação da dôr.

Oscar d'Alex.

—

A Esperança é uma bussola, cujo Norte é o Futuro.

Ibrahim Giafra.

Ao mar

Oh! mar que dorme, sonha e palpitando chora
A magoa colossal que te lacera ingrata
Dentro em teu peito aspirações serenas mata
E no arrulho da creança a dormida aquiesce

A minh'alma em ta'alma, immensa, se retrata
A dor que te cresta a mim tambem desses
E a duvida cruel que no teu seio nasce
Responde ao meu seio em voz immediata.

Teu sorrisso de espuma o céo affronta quando
A tristeza nos lanças em frentes dissabores
Em fito o azul do céo, inquieto, contrado.

Si as tuas dores tenho e as tuas alegrias
Quando estiver sorrindo, ó velho mar, não chores,
Quando estiver chorando, ó velho mar, não rias!

Recife.

Augusto de Carvalho Aranha.

HIGH-LIFE

Fazem annos no mez de Maio vindouro:

Em 1—os intelligentes jovens Heitor Carlos de Almeida Britto, filho do nosso distincto redactor Augusto Britto e Francisco Gouveia de Godinho;

Em 3—as Exmas. Snrs. D.D. Othilia Pires Pestana, esposa do Sr. Francisco Pestana, e Maria Jose Netto Pinos;

Em 4—o Capitão Raoul Gonçalves da Silva;

Em 5—a Exma. Sra. D. Sinhá Machado;

Em 6—o Sr. Abel Valente de Figueiredo e o Sr. Alferes Antonio Jose Eirosa Junior;

Em 7—a Exma. Sra. D. Anna Pinto da Cruz Almeida, o Sr. Jose Alves da Silva Galvão e o joven estudante Bertin Torreão Franco de Sá;

Em 8—a pequena Mathilde filha do Sr. Raymundo Archer da Silva;

Em 9—as Exmas. Snrs. D.D. Francisca dos Santos Machado e Luiza Gleta de Moraes Rego, o Sr. Desembargador Manoel B. Alvares Ferreira, Sr. Antonio Pacifico da Cunha e o Sr. Ricardo Dias Vieira;

Em 10—o Coronel Manoel Ignacio Dias Vieira e o Sr. Marcelino Gonçalves Machado;

Em 11—a Exma. Sra. D. Maria Luiza Salomo Broadbent, digna esposa do Sr. William Broadbent;

Em 12—o Sr. Pedro Alberto Cardoso de Sampaio;

Em 14—o Coronel Manoel Vieira Nina.

Em 15—a Exma. Sra. D. Maria Pinheiro pequena filha do distincto jornalista Alberto Pinheiro e o Sr. Paulo Fernandes de Medeiros;

Em 16—as Exmas. Snrs. D.D. Almerinda Rosa Nina e Rosa Netto Pinos e a menina Calu filha do Sr. Raymundo Archer da Silva;

Em 17—a Exma. Sra. D. Rosa Laura Parga Nina e os Snrs. Tenente Serra Martins, filho do Sr. Joaquim Maria Serra Martins, Jo é Mathias do Prado e o Coronel Manoel da Silva Miranda;

Em 18—o Sr. Venancio Ribeiro do Amaral e a menina Hugolina, filha do Coronel Adolpho Pires da Fonseca

Em 20—as Exmas. Snrs. D.D. Rosa Vieira da Silva e Luiza Teixeira virtuosa esposa do moço sympathico gerente Francisco Pinto Teixeira;

Em 22—as Exmas. Snrs D. D. Joanna Rita Moreira, [illegible] E. de Carvalho Guimarães digna consorte do Sr. Joao E. Guimarães e o Sr. Lino Marques Vianna;

Em 23—a Exma. Sra. D. Rosolina Menezes Fernandes a menina Maria filha do Sr. Raymundo Archer da Silva, os Snrs. Horacio Costa Lobao, José Antonio Rodrigues de Mello e Carlos Augusto Pereira;

Em 24—S.M. a Rainha Victoria da Inglaterra e a Exma. Sra. D. Delfina Paes de Vasconcellos Barbosa;

Em 25—a Exma. Sra. D. Ada Josefa Sabino Broadbent, prezada filha do Sr. William Broadbent, o nosso distincto amigo e talentoso colaborador Augusto Cesar de Macedo Britto e o Sr. Joao de Mattos Pereira;

Em 26—as Exmas. Snrs. D.D. Elizabeth Airlie Tavares e Anna B. Duarte dos Reis e Sr. Henry Airlie distincto Consul Britannico entre nós e o menino Hendor, filho do Dr. Antonio B. Da Costa de Godois;

Em 28—as Exmas. Snrs. D.D. Amelia Lobao Moreira virtuosa esposa do Sr. Luiz Moreira, e Emilia Machado, digna esposa do Sr. M. Machado, o Sr. Jose da Costa Lessa e seu filho a Exma. Snra. D. Laudina Eirosa Lessa e o Sr. Abeylard Matos.

Em 30—o Sr. João da Silva Ramos;

Em 31—as Exmas. Snrs. D.D. Anna Reis da Cruz Almeida estimadas esposas do nosso amigo Arthur Almeida, Isabel Duboux Coelho Moreira, dig. a esposa do Dr. Arthur Moreira, o Sr. Manoel Lopes da Silva, I. Tenente da Armada, o Sr. Pedro Cabral de Oliveira e sua digna esposa e o Dr. Joaquim Pedro Franco de S.

As nossas felicitações.

EXPEDIENTE

Ao publico

E' para nós sobremodo extranhavel o procedimento da redacção da *Pacotilha* para comnosco, aggredindo-nos tão indelicadamente, como fez na sua edição de 13 do mez que hoje finda.

Até hoje estavamos acostumados a ser tratados com gentileza pela imprensa d'esta capital, inclusive a *Pacotilha*, não só em referencia ao nosso estabelecimento commercial, como á modesta revista litteraria que ha tres annos criamos, de distribuição gratuita, como simples reclame para o mesmo nosso estabelecimento.

No entretanto, com grande surpresa nossa, a *Pacotilha* acaba de atacar quer o nosso estabelecimento, quer a nossa *Revista*, com a tentativa, perante o publico, de desconsiderar-nos e os distinctos cavalheiros que bondosa e desinteressadamente prestam-nos os seus auxilios,—ataque principalmente n'esta parte tão injusto, quanto as producções litterarias do nosso amigo e aprimorado escriptor Augusto Britto, contra quem, segundo nos informam, foi alvo directo o redactor da *Pacotilha* que se assigna por *Jacert*, teem sido muito apreciadas por pessoas competentes, não só d'esta cidade, como dos differentes Estados da Republica, (sendo elle collaborador de importante jornal litterario do Rio) e pela propria redacção da *Pacotilha*, que, alem d'isto, não ha muito tempo publicava seus artigos litterarios.

Por todos estes motivos surprehendem-nos sobremodo, como dissemos, o escripto a que nos referimos.

Estado da Bahia

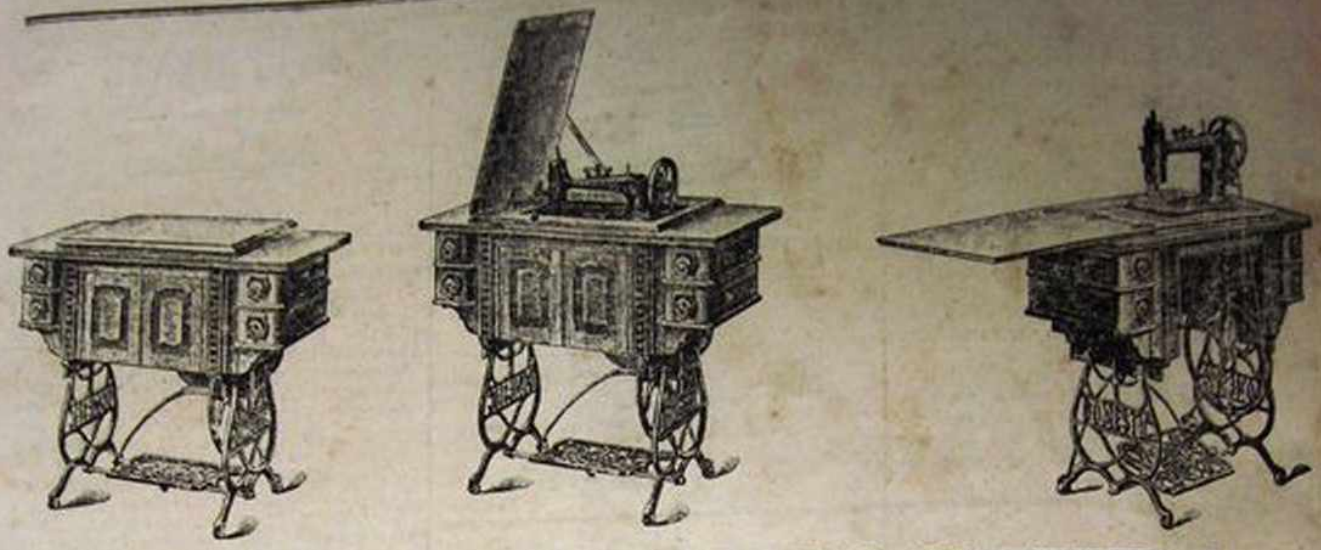
Na capital d'este Estado acaba de vir á luz um importante orgão de publicidade: *Diario do Commercio*, especialmente devotado aos interesses do commercio e da lavoura, propondo-se a discutir com o maior criterio e interesse os mais vitaes problemas de ordem social e economica. A sua collaboração é composta de distinctos jornalistas d'aquella capital, tendo como redactor chefe o Dr. Souza Brito, que exerceu entre nós por algum tempo o cargo de Juiz de Direito.

Frondes

Do distincto Sr. Bento Ernesto Junior, sonoroso poeta das «*Frondes*,» membro da «*Padaria Espiritual*» do Ceará, recebemos uma participação em que nos annuncia a proxima publicação do seu primeiro livro de versos.

Do mimoso escrinio de perolas do livro de delicado vate—contion-nos elle o bem lapidado soneto que gostosamente passamos para as nossas columnas em outra secção.

Aguardamos com anciedade a publicação do livro do illustre Sr. Bento Junior—para manifestarmo-nos a respeito.



MACHINAS DE COSTURA

NOVIDADE

PERFUMARIA

ESPECIALIDADE

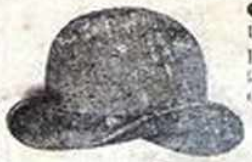
Extractos para o lenço de Jones, Guerlain, Houbigant e Deletrez.
Aguas de toilette, sabonetes, pós de arroz de Roger & Gallet.
Aguas e pastas para dentes dos RR. PP. Benedictinos.

Collarinhos de linho puro grande sortimento em feitios, duzia de 12$000 a 15$000

Caeviottes inglezes, fazendas especiaes para fatos completos—Paletot, collete e calça.. 100$000

Colletes de fustão branco ou de cor..... 15$000

Calçado de Rostock—grande sortimento em sapatos, botinas e borzeguins de 2$000 a 35$000



Chapeus de feltro duro e molle, pretos e de cores, grande variedade em formas 4$000, 16$000, 17$000 e 18$000

10$000 um terno de cruzée, collete e calça de casemira preta diagonal—feito por medida.

12$000 collete de fustão de côr, por medida.

Punhos de linho puro grande variedade em formatos 22$000 e 24$000

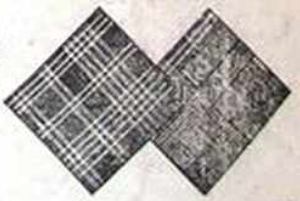
Cortes de casemiras de cores, novidade—Paletot, collete e calça..... 12$000

Casemiras em peças para calças, padrões lindos..... 22$000

Casemiras em peças para calças, padrões novos..... 30$000

Claques em tecido de lã, artigo fino *sem competidor*..... 30$000

Lenços de tecido de seda ou linho, grande variedade em qualidades—duzia de 25$000 a 60$000



Imp. por João R. A. Lomba, na Typ. a vapor da alfaiataria—Teixeira